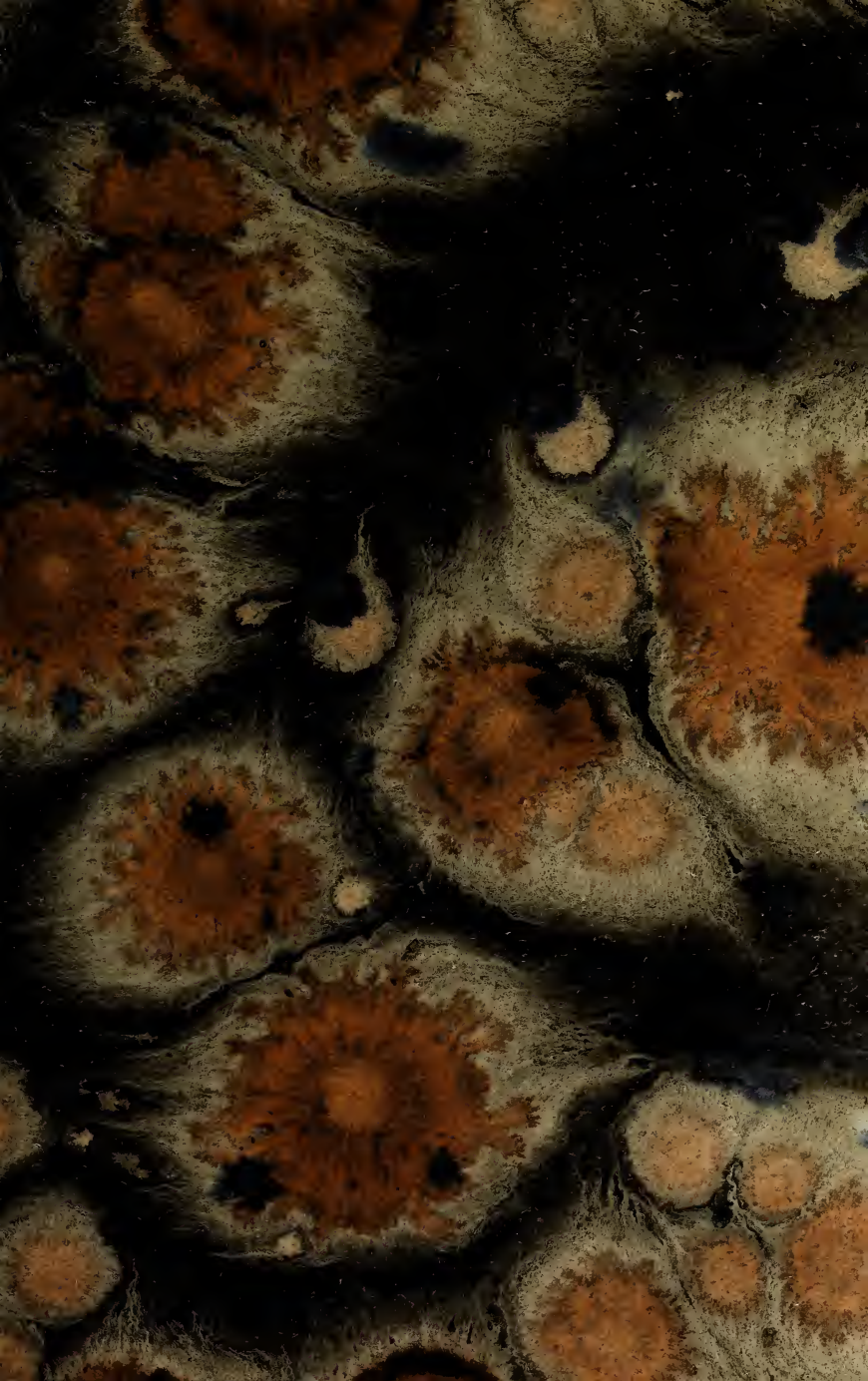


Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Getty Research Institute

https://archive.org/details/portugalpittores04deni_0

PORTUGAL
PITTORESCO

OU

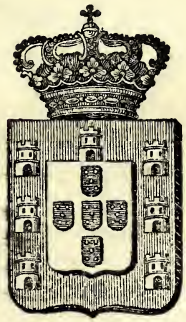
DESCRIPÇÃO HISTORICA D'ESTE REINO.

POR M. FERNANDO DENIS.

PUBLICADA

POR UMA SOCIEDADE.

VOLUME IV.



LISBOA.

TYP. DE L. C. DA CUNHA.

Costa do Castello n.º 15.

1847.

Marquiaal Lith

Lith. R. Nº dos Martyres Nº 14 L

D. Pedro 3.º

PORTUGAL

PITTORESCO

OU

DESCRIPÇÃO HISTORICA D'ESTE REINO.

A'cerca da cidade de Lisboa.

Se quizessemos, neste livro, restituir á cidade da idade média o seu verdadeiro caracter, e julgassemos convir á historia o reedificar com o pensamento uma cidade totalmente destruida, ha quasi um seculo, por uma horrivel catastrophe, nunca o poderiamos conseguir, quanto a Lisboa, no pé em que a collocárão os planos do marquez de Pombal. A cabeça de Portugal é agora uma das cidades mais formosas e conhecidas da Europa. Seremos breves na sua descripção, e remetteremos ao sem numero de viajantes que della tem fallado, os individuos que desejarem al-

cançar a tal respeito informações que, muito de industria, omittimos.

Devemos á inscripção romana achada em Lisboa no anno de 1749, o conhecimento certo de haver-se esta cidade chamado Ulissipo, antes de adoptar o nome de *Felicitas Julia*, com que a designavão no reinado de Domiciano, em que ella gosava dos direitos de municipio romano. Tendo mostrado o quanto se modificou a sua antiga denominação, trataremos de novo desta materia, lembrando tão sómente aos archeologos da velha eschola, que achão nesta denominação a prova da antiguidade ante-homerica de Lisboa, o que dizia, com muita rasão, o douto Christovão Cellario (1).

« — A populosa cidade que habitâmos (2) e que desde eras remotas entrou na cathegoria das primeiras cidades do universo, merece, por certo, que os seus naturaes e moradores se esmerem em a louvar e engrandecer, porque não digão estranhos que desmaselados em nossas cousas, não conhecemos, nem avaliâmos as riquesas proprias, exaltando só as alheias. E com effeito, qual é a capital da Europa, aonde concorrem tantas excellencias de uma situação vantajosa como na capital do nosso reino? A vastidão e bondade do melhor porto do mundo, não só seguro, mas até magnifico; o espectaculo grandioso de uma cidade de forma quasi semi circular, de duas legoas de estensão, espraiada desigualmente com sua população compacta por elevadas colinas e fundos vales, quadro vistoso, que ainda mais realção as innumeraveis hortas e jardins vecejantes, que a benignidade do clima veste de continua formusura: o as-

(1) *Nugae sunt quae de Ulysse conditore adferuntur.* Vejão-se a este respeito os interessantes artigos do Panorama. O judicioso escriptor que citâmos, diz que se pretendeu tirar a antiga denominação das palavras phenicias: *Alis-ubo*, que significavão: — porto agradavel á vista.

(2) Extraido do 4.° volume do Panorama, pag. 2.

(*O traductor.*)

pecto da margem meridional do caudaloso Tejo salpicada de povoações; as soberbas quintas, e aprazíveis passeios dos arrabaldes com suas casas campestres e de recreio; a vista das serranias longiquas; a abundancia, e a baratesa dos generos necessarios á vida sobresaindo os productos do paiz, que as nações septentrionaes nos invejão; e a copia e bondade do pescado fresco que nas opulentas cortes europeas escacêa; o ceu puro, christalino e sereno, na maior parte do anno influindo saude e fertilidade, são notaveis circumstancias de que Lisboa se ufana, e que, difficilmente, o geographo buscará reunidas, percorrendo com a vista e a imaginação o mappa da terra. Graves escriptores denominarão a nossa capital a *rainha do oceano*, e não sem rasão, porque a sua natural posição parece destinal-a para emporio universal do commercio dos dois hemispherios, de que já dispoz em epochas mais venturosas. A data da sua fundação perde-se (porque nem este attributo historico lhe falte) nas trevas de remotissima antiguidade; pelo que alguns com fracos fundamentos attribuem a sua origem a Elisa, bisneto do patriarcha Noé, outros a Liso, ou Luso, companheiro de Bacho, donde querem derivar o nome de Lusitania, pelo qual a nossa terra foi conhecida dos romanos. Muitos tambem, levados pela analogia ou parecença do nome antigo Olissipo lhe assignarão por fundador o grego Ulisses, opinião que os poetas abraçárão por mais ligada com as ficções de Homero, e mais fertil para os intrechos e enfeite de suas composições, todavia as bases em que se estriba são tão incertas como as dos antecedentes, porque se indagarmos pelos livros dos nossos mais eruditos antiquarios acharemos que escrever *Ulissipo*, *Ulissea*, *Lesibo*, *Elisea*, *Olissea*, *Olissipo*, e infinidade de alcunhas com que baptisarão a cidade foi corruptela introduzida pelo lapso dos tempos, escorada nos textos de Estrabão, e outros auctores, que, ou não tiverão perfeito conhecimento do nome verdadeiro, ou lhes forão adulterados posteriormente os escriptos; porquanto não valem suas auctoridades

contra o testemunho dos monumentos. Luiz Martinho de Azevedo, na obra, *Fundação, antiguidades, e grandesas da mui insigne cidade de Lisboa*, livro 2.° cap. 11, diz o seguinte — « O mais vulgar entre os escriptores, que fallão em Lisboa, é chamar-lhe *Olissipo* com sete letras simplices, que forão as de que usou Resende em todos os logares do que deixou escripto, fazendo esta advertencia nas annotações do seu *Vincentio*, seguindo n'isto aos romanos, cujas inscripções se achão em algumas pedras que referiremos neste livro, com as mesmas sete letras, que são documentos mais certos, que os livros de Plinio, Mela, Solino, e outros geographos, cujas impressões modernas estão mui depravadas e corruptas, o que não se acha nas antigas de 150, 120, e 100 annos, em que o nome Olysipo estava escripto, como nos marmores antigos, e este erro das impressões fez tropeçar os infinitos escriptores, que as seguem, escrevendo Olisippo de differentes modos, uns com *y* grego, outros com dois *ss*, outros com dois *pp*, etc. — Damião de Goes, na descripção de Lisboa em latim, seguindo tambem a Resende diz o mesmo. E no cap. 7.° das *Varias antiguidades de Portugal*, e de Gaspar Estaço, depois de varias observações lê-se que — « o nome de Lisboa, e a orthographia delle em tempo dos romanos era *Olysipo*, porque assim o tem os marmores antigos, com que concordão alguns livros, e outros discordão muito pouco por corrupção. » — Christovão Rodrigues d'Oliveira, no *Summario de algumas cousas ecclesiasticas e seculares da cidade de Lisboa*, que redigiu em tempo d'elrei D. João III, é inteiramente da mesma opinião. Das inscripções a que estes auctores alludem, Marinho traz uma que no seo tempo se lia perfeitamente encravada na parede de umas casas, que estavão, indo do *Terreiro dos Martines para as Pedras Negras*, defronte da travessa que ía da *fancaria*, e outra, que tambem se lê no capitulo 13.°, do livro 5.° da *Monarchia Lusitana*, a respeito do qual diz: — *dura hoje, gastas algumas letras, na esquina do Beco do Bogio, abaixo da*

igreja de S. Martinho. Frei Bernardo de Brito, no citado livro 5.° da Monarchia, capitulo 16, transcreve uma inscripção que existia legivel no tempo deste chronista da muralha de um baluarte junto ao chafariz d'elrei, mas que Marinho já não pôde decifrar, por extremamente sumida. Emfim, por não apontar mais que desappareceram, lembraremos a lapida, que em 1749 se desenterrou dos alicerces de umas casas fronteiras á esquina do templo e freguezia da Magdalena, no principio da travessa, que váe para as Pedras Negras, em cuja parede, da banda do nascente se conserva com esta inscripção:

L. CAECILIO. L. F. CELERI. RECT.°

QVAEST. PROVINC. BAET.

TRIB. PLEB. PRAETORI.

FEL. JUL. OLISIP.

«O sentido desta inscripção é: *que a cidade, chamada então Felicidade Julia, e n'outro tempo Olysipo, consagrara este padrão a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celer, rectissimo questor da provincia betica, tribuno da plebe, e pretor.*

«— Prova-se, portanto, que o verdadeiro nome de Lisboa na antiguidade, era *Olysipo*: então, que fundamento haverá para derivar esta palavra de Ulisses, quando em contrario militão ponderosas razões? Em primeiro logar, as navegações de Ulisses, longe de serem ponto assentado na historia, são mui contestados, e talvez fabulosos, como Aulo Gelio, Tacito, e outros suspeitárão. Segundo: Herodoto, patriarcha da historia diz que forão os forenses os primeiros gregos que se alargárão em suas navegações, correrão as costas da Iberia, e chegarão a Tarteso, que era na Andaluzia. Ora isto foi quasi seis seculos depois da

queda de Troia. Vejâmos o que a este respeito escreve La Martiniére, no seu grande *Diccionario Geographico.* — » A tradicção affirma que Ulisses, depois da destruição de Troia, viera a estes districtos, e que lançara os primeiros fundamentos de Lisboa, que se ficou chamando *Ulyssipone*, ou mesmo Olyssipo; mas póde ser que a parecença dos nomes occasionasse esta opinião. Com effeito, além de ser *difficil provar que Ulisses saira do mediterraneo*, o verdadeiro nome da cidade não era nenhum d'aquelles, mas sim *Olisipo*, como se vê da seguinte inscripção, achada em Lisboa etc. — La Martiniére copia então a que achara junto ao chafariz d'elrei. O celebre philologo, Christovão Cellario tracta formalmente de peta o que se disse ácerca da fundação de Ulisses: *nugae sunt quae de Ulysse conditore adferuntur.*

« Se a opinião da fundação de Lisboa, pelo astuto heroe de Homero, é improvavel e vã, como, além dos auctores citados no artigo precedente a pag. 3 affirma o critico Vossio (1) não é menos absurda, pelos mesmos fundamentos, a dos que a attribuem a Elisa, bisneto do patriarcha Noé. Não faltou quem, por coujecturas estribadas em palavras, quizesse derivar o antigo nome da cidade dos termos *olishippon*, em allusão ás ligeiras eguas que em seus campos se creavão, das quaes referio Plinio, que concebião do vento, por assim explicar o quanto erão velozes na carreira, patranha que depois adoptárão e propagárão escriptores mais modernos com *amplissima boa fé*, e que ainda no seculo passado pretendeu provar um padre hespanhol, campanudo erudito, íntentando refutar o *Theatro critico* do sabio *Benedictino Feijó.* (2) Outros com mais visos de rasão, fizerão das palavras fenicias *alis ubo*, que significão *amena*

(1) De Orig. Idolar. lib. 1.° cap. 33. *Aeque vanum de Olisipone condita ab Ulisse.*

(2) Samuel Bochart, *Geographia Sacra*, tomo 2.°, livro 1.° capitulo 35.

enseada, uma composta, *alisubo*, ou *lisubo*, que os romanos converterão em Olysipo, donde os godos tirarão a sua Olissipona, que os mouros por falta de *p* no seu idioma chamárão *Olisibona*, ou *Lissibona*, e d'onde finalmente veiu o nome de Lisboa.

«Não gastariamos tempo com esta materia se não quizessemos mostrar com exemplos caseiros, o quanto propende o espirito humano para origens e cousas maravilhosas, e o como se desvaira a imaginação, exercitando-se sobre assumptos, ou incertos, ou obscuros. Bastaria nesse caso, que simplesmente dissessemos com o nosso judicioso historiador, Damião de Goes, na sua descripção latína. — «Não ousamos affirmar, ao certo, em tamanha ancianidade de seculos, quem fôra o primeiro que edificou Lisboa. — ».

«— Passando, porem, a tempos de mais verdadeiras noticias, achamos, que, depois de expulsos os cartagineses, experimentou a nossa cidade o dominio dos romanos, não obstante a vigorosa resistencia que lhes opposerão os povos, que então habitavão em diversas partes da Lusitania. Sob o poder dos conquistadores do mundo veiu Lisboa a mudar de nome, chamando-se *Felicitas Julia*, em honra do imperador *Julio Cesar*, que lhe concedeu o foro de municipio romano, o maior privilegio que podião obter as cidades provinciaes, porque concedia aos seus habitantes, assim o poderem militar, e adquirir postos nas legiões romanas, como o chegarem aos maiores cargos da republica, depois de terem exercitado as magistraturas da sua patria; além de que podião reger-se por suas leis particulares, e gosavão de outras isenções e prerogativas. O titulo de *Felicitas Julia* acha-se verificado por varias inscripções, que, com o andar dos tempos se descobrirão em excavações, e que se podem ler nas obras dos nossos antiquarios, Resende, Luiz Marinho, e D. Rodrigo da Cunha: bastando aqui referir-mo-nos á que deixámos transcripta a pag. 3 deste volume, e que existe com outras duas proximo á igreja da

Magdalena. Desta inscripção se vê que a cidade era assim nomeada, por distincção honorifica, no reinado de Domiciano, em que governou na Betica o pretor Cecilio Celer, isto é, pouco mais ou menos pelo anno 33 da era christã, e consta que ainda no meado do terceiro seculo conservava o mesmo titulo por outra inscripção dedicada ao imperador Filippe, que traz Grutero, a pag. 273 n.º 2 do seu Thes., e tambem La Martinière em seguida á passagem, que citamos no primeiro artigo.

« — Com a queda do imperio romano cahiu Lisboa em poder dos barbaros do norte; e d'ahi a tres seculos, extincta a monarchia dos godos, na batalha de Guadalete, teve de submetter-se ao jugo sarraceno e D. Affonso o *casto*, rei de Gallisa, e das Asturias, a tomou de assalto, pelos annos 798 ou 803, mas logo em 811 voltou ao dominio dos mouros. Em 950, ou 951 D. Ordonho 3.º, rei de Leão, a entrou e saqueou: porem os infieis a recobrarão porque, em 1093 foi conquistada, e feita tributaria por D. Affonso 6.º, que reinou em Leão, Castella, Galisa, e Portugal. Com a doação que das terras ganhas aos mouros neste reino fez o mesmo monarcha, em dote de sua filha D. Tareja, ao conde D. Henrique, glorioso tronco dos nossos reis, passou Lisboa á obediencia deste principe; breve, porem, os agarenos, se rebelarão, e independentes permanecerão até que em 21 de novembro de 1147 a restaurou para sempre elrei D. Affonso Henriques, depois de porfiado cerco Em todos estes factos seguimos os padres Lima, e Castro, que se fundarão na *Monarchia lusitana*, não obstante o auctor da *Historia genealogica da casa real* inclinar-se a crer, que fòra a cidade salva pela primeira vez das mãos dos mouros por aquelle nosso primeiro rei. A tomada de Lisboa estará agora bem avivada na memoria dos amantes das letras portuguezas pela recentissima publicação do 5.º quaderno dos *Quadros Historicos* do Sr. Castilho. Tão magnifico assumpto era, por certo,

bem digno de ser tratado pela destra penna de um de nossos mais elegantes escriptores.

« — Depois de restituida á fé christã, e ao dominio dos principes portuguezes, ainda Lisboa teve de soportar o peso do jugo estranho, e de numerosos desastres. Reinando elrei D. Fernando, em 1373, foi accommettida por D. Henrique de Castella, e experimentou os estragos de um incendio fatal. Logo no começo do governo do mestre de Aviz, D. João 1.º a sitiarão os castelhanos por mar e terra; forão porem obrigados a levantar o cerco, tendo sofrido grande perda de gente. Mas ainda não erão bem passados dois seculos, depois de longa série de intrigas, de traições, e de desgraças, desbaratadas as tropas bisonhas do prior do Crato, junto á ponte de Alcantara, aos 26 de agosto de 1580, entregou a nossa capital as chaves das suas portas e castello ao soberbo duque d'Alva, e sobmetteu-se com todo o reino ao infausto captiveiro dos sessenta annos, que anniquilou a melhor parte das nossas riquesas e gloria. Esgotado, em fim, o sofrimento dos portuguezes, o memoravel dia 1.º de Dezembro de 1640 trouxe comsigo o resgate; e um punhado de homens valentes, e inflamados no amor da patria consumarão no recinto da cidade o acto glorioso da recuperação da independencia nacional. Lisboa foi o theatro deste feito temerario, mas heroico e feliz.

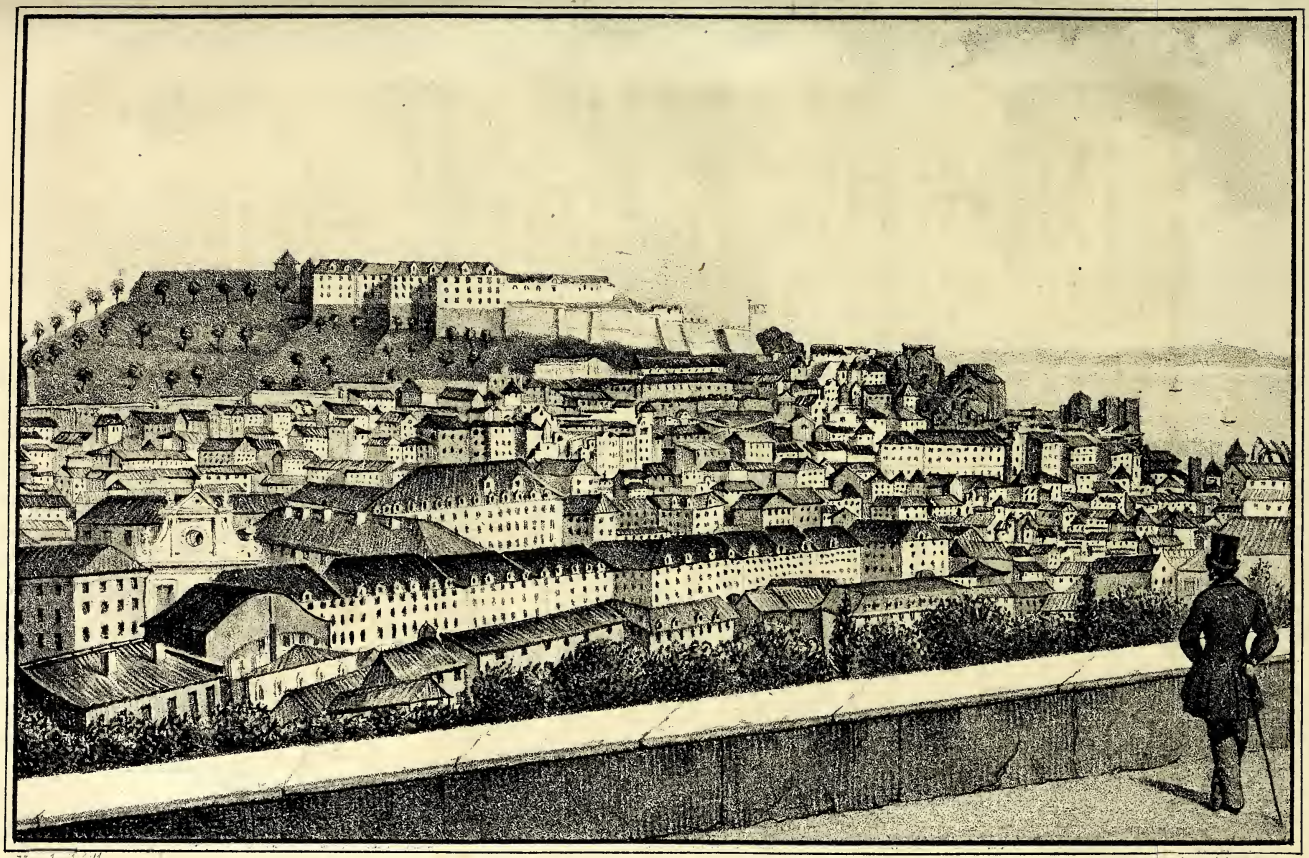
Chegou, em fim, o seculo decimo nono com as idéas e ambições que herdara do seculo passado, resumidas, porem, na cabeça e no coração de um só homem; com o abalo geral da Europa estremeceu tambem Portugal. A familia dos nossos reis foi abrigar-se n'outro hemispherio, começando para nós uma nova e inesperada era politica; e a sua corte opulenta foi invadida por um exercito de aventureiros que entrou seus muros com falsas mostras d'amisade a 30 de novembro de 1807; breve, porem, foi o dominio, que a lealdade portugueza não podia tolerar, e os intrusos tiverão de retirar-se em setembro do seguinte

anno, quebrando-se o seu orgulho em successivas derrotas, á medida que evacuavão o nosso territoria.

« — Em todos os tempos vemos erguer-se triumphante e gloriosa a capital destes reinos, quer dos ataques e oppressões de inimigos, quer dos flagellos e transtornos da natureza. Incendios devoradores, e horrorosos terremotos por veses a devastarão, consumindo e abysmando os seus bellos edificios e monumentos; pestes e epidemias assoladoras disimarão os seus moradores em epochas diversas; e não obstante tanto estrago, Lisboa apparece sempre a joia de Portugal, e uma das grandes cidades do mundo civilisado. Cumpre, por isso, que a possão conhecer e avaliar por suas bellesas, magnificencia, e recordações, tanto os naturaes como os estranhos. Possuidos desta idéa, a pesar do nosso diminuto cabedal litterario, emprehendemos lançar nas paginas deste jornal uma relação topographica da cidade. Moveu-nos principalmente a este trabalho a seguinte observação do nosso erudito Gaspar Estaço, que de certo ninguem achará desacertada. — *O conhecimento de cousas várias e remotas da nossa edade, em certo modo auctorisa os homens, além de os fazer sabios e prudentes; e se elle é das do reino em que nascerão, tanto é mais digno de louvor, quanto mais se estranha não saber as cousas de casa, e ser peregrino na própria patria.*

« — Lisboa está quasi no mesmo gráu de latitude, que a cidade de Messina, na Sicilia, e que a villa da Praia da Victoria na ilha Terceira. (1) — O clima d'esta capital é aprazivel e saudavel: a sua temperatura média annual foi avaliada em 16° 5 centigr. (quasi 62° de Fabr. ou 13° 2 de Réaum.) segundo as exactas observações do Sr. Franzini. O vento norte, dominante no verão, tempera e purifica o ar; e se muda frequentemente para o noroeste, é

(1) A'cerca da latitude e longitude de Lisboa podem os curiosos consultar a memoria do lente Villas-boas, insertas no 1.° tomo da collec. das da academia, in fol.



Raphael Sth.

Lith. R. Pc. dos Mtes. R. Sta. Ana 4

Una vista de Coba tomada do balcão de S. Pedro d'Alcantara

talvez em rasão de lhe desviarem a direcção as serranias de Cintra. A's veses ao anoitecer sente-se frio no outono, porque proporcionalmente faz muito calor na fôrça do dia. O verão, no commum dos annos, é bastante quente: varias observações mostrarão que os *maximum* do calor em Lisboa são superiores aos observados no Rio de Janeiro, pôsto que a temperatura média desta ultima cidade seja mais alta que a da nossa. Do quadrante entre norte e leste soprão os ventos mais frios; porém os invernos geralmente não são demasiado rigorosos, Todavia annos houve de cair neve, como ha vinte e cinco annos para cá, em 1815, 1829, e ultimamente no principio de janeiro de 1836, que nevou com excesso. Em resultado das apuradas observações meteorologicas do Sr. Franzini podem, com raras alterações, repartir-se as estações do anno em Lisboa, contando o inverno de desembro a março inclusos, a primavera nos dous meses de abril e maio, o verão natural de junho aos fins de setembro, e o outono em outubro e novembro.

« Por curiosidade apontâmos neste logar as epochas ordinarias da florescencia das tres arvores, em Lisboa, e em Lexington, nos Estados-Unidos do norte da America, cidades comprehendidas no mesmo parallelo, para que se note a differença do progresso das estações em dois paizes, que, considerados astronomicamente, estão em latitudes quasi iguaes, calculando-se ordinariamente em 38° 43′ a de Lisboa; e a de Lexington, no Kentuchy em 38° 6′. O damasqueiro, o pecegueiro, e a cerejeira florecem nesta ultima cidade de 6 a 15 de abril, e em Lisboa na segunda semana de fevereiro.

« Se pretendermos agora determinar a população desta capital, ainda que não façâmos caso da fluctuante, grande será a difficuldade, porque não ha sufficientes dados estatisticos para avaliar a fixa. Oliveira, que escreveu em 1551, dá então a Lisboa 10$000 casas, 18$000 visinhos, e 100$000 almas, entrando 9$000 escravos. Antes da acclamação de D. João IV commungavão nella 120$000 pes-

soas. Baldado porém será recorrer aos escriptores antigos, porque, além das necessarias mudanças, o que occasiona em toda a parte o lapso dos tempos, muitas circumstancias se ajunctarão para alterar o numero permanente dos habitantes de Lisboa, e que talvez não concorrão n'outra cidade. A nossa successivamente se foi augmentando com bairros novos, mas o fatal terramoto a arrasou; parece, porém, que resurgiu das ruinas mais vasta e povoada: em nossos dias a invasão francesa, as guerras civis, assolando as provincias, lhe trouxerão duas numerosas classes de habitantes; os que tinhão rendimentos e demandavão segurança, e os que não podendo exercitar sua industria e capacidade na terra natal vinhão procurar emprego e trabalho: concentrou-se por assim dizer, grande porção de moradores do interior do reino na capital. Por outra parte a emigração da familia real para o Brasil, as continuas guerras de então para cá sustentadas, a espantosa devastação da colera, devião motivar diminuição na população. Eis aqui pois uma grande variedade de causas, umas que destroem, outras que renovão, ou augmentão! A par desta incertesa caminha a incuria, que tem havido em organisar o quadro estatistico do reino. Se nos quizermos valer dos documentos officiaes acharemos que no mappa, que acompanha a lei eleitoral de 8 de outubro de 1836 se dá a Lisboa o numero de 200,000 habitantes, repartidos por 46,520 fogos, incluindo as freguezias de Ajuda e Belem; mas tambem acharemos *que na falta de recenceamento foi este numero dedusido por calculos indirectos, fundados no termo medio dos nascimentos, durante cinco annos.* Os nossos geographos do seculo passado laboravão em duvida para assignalar um numero certo, e por isso não damos os seus computos; alguns estrangeiros modernos calculão a esmo que Lisboa encerra 260,000 habitantes; persuadimo-nos que as pessoas que aqui residem habitualmente, estando nas circumstancias de bons avaliadores não acharão este calculo exaggerado.

«Confiamos em que d'ora em diante serão devida-

mente apreciados entre nós a importancia, e as vantagens da estadistica, sciencia, que não só dá em resultado o conhecimento da população; mas o das forças, riquesas, e em summa de todos os recursos de qualquer estado. As averiguações e trabalhos neste ramo interessante da economia politica fornecem as bases seguras para o recto lançamento dos tributos e do recrutamento, e para milhares de providencias legislativas, que devem estribar-se em factos, que só a estatistica póde apresentar claramente.

« Deixando, porem, questões incidentes, e entrando em o nosso objecto principal, pareceu-nos que para seguirmos a ordem na descripção topographica da cidade, seria o mais acertado pôr de parte todas as antigas divisões dos bairros, e adoptar a do decreto de 25 de setembro de 1833; isto é, considerar Lisboa dividida em seis districtos denominados *Alfama*, *Mouraria*, *Rocio*, *Bairro Alto*, *Santa Catharina*, e *Belem*, mencionando tudo que houver notavel dentro dos limites das freguezias de cada um desses districtos, segundo as noticias que podermos obter. E' por tanto, muito coherente com este plano começar pelo primeiro districto, principalmente porque foi esta a cidade primitiva, e o nucleo da povoação da capital magestosa, que estendeu os braços pela margem esquerda do Tejo, e hoje disputa preferencias á maioria das cortes dos soberanos da Europa.

« — Emula de Roma querião os nossos antigos escriptores que fosse a capital deste reino, pela circumstancia de estar situada sobre sete montes; mas o tempo, com o augmento da cidade destruiu a analogia, abarcando hoje o ambito da moderna Lisboa a maior numero de eminencias, confirmando o epitheto, que lhe dera Gravio de *acrópolis*, a montanhosa. Se a povoação de Roma, na frase de um viajante, como que resvalou dos altos para a planicie, a de Lisboa cresceu e alargou-se, coroando montes e occupando valles, com o que, apesar dos desastres, que mencionámos veiu a fazer-se tão ampla e magestosa como agora a vemos,

levando neste particular decidida vantagem á capital do orbe catholico.

« — Das colinas de Lisboa uma das mais centraes, a que chamâmos o monte do castello, é tambem a mais elevada, porque segundo o Sr. Franzini, está a bateria do mesmo castello a 347 pés de Pariz (341,57 prox. pés portuguezes) açima do nivel do mar, quando o chão da igreja da Graça, que lhe fica fronteiro para o norte está a 252 pés parisienses (248 portug.), o da igreja da Penha de França 338, (327,7 portug.); alturas, que, assim como a do castello, ficão na parte oriental da cidade. A maior altura da parte occidental é a do solo aonde está o convento da Estrella que assim mesmo, segundo calculos aproximados, não excede a 340 pés de París, sem contarmos o assento do palacio da casa de Anadia a São João dos Bem-casados, que tambem não passa de 344 pés ditos proximamente. Cabe neste logar o notarmos que esta divisão de Lisboa, em oriental e occidental, já em tempo do Senhor D. João 5.° separou duas dioceses pela bulla aurea de pontifice Clemente 11.°, que começa: *in supremo apostulatus solio*, expedida aos 7 de novembro de 1716, quando o mesmo augusto monarcha erigiu a capella real em patriarchal, ficando a parte do nascente pertencendo ao antigo metropolitano, arcebispo de Lisboa, e a do poente ao patriarcha; a separação, porem, durou pouco tempo, porque a rogos do mesmo rei D. João 5.°, o papa Bento 14.° passou a bulla de 13 de desembro de 1740, que encorporou as duas jurisdicções n'um só patriarchado, extinguindo a antiquissima sé archiepiscopal de Lisboa. Sem nos importar, porem, esta divisão ecclesiastica, acharemos que ella parece natural, se a considerarmos topographicamente. Supponhâmos que o val longitudinal, que corre da terra para a Beira do Tejo, entre o monte do castello ao oriente, e as eminencias de São Francisco, do Carmo, e de São Roque ao occidente, não era a magnifica cidade baixa ou nova, reedificada, ou para melhor dizer, construida depois do ultimo terramoto, mas sim o esteiro, ou braço de

rio, que, segundo o testemunho de Frei Luiz de Sousa, e de outros chegava antigamente ao edificio do convento de São Domingos; supponhamos tambem que do lado do poente existia a povoação como ora está, e assim do outro lado, eis-aqui temos duas cidades fronteiras nas situações e rumos que indicámos, cada uma com o numero de casas, e de habitadores, e com a extensão necessaria para cabeça de um reino de mediocre grandeza; accrescendo a singularidade de que, por uma parte se descobrem nas ruas tortuosas e pouco limpas, e em muitas casarias, os vestigios da povoação de antigos tempos; e na outra, a occidental, quasi tudo revela fundação posterior, apesar de que os fundamentos d'alguns de seus edificios datem d'epochas remotas da monarchia.

« — Imagine agora, alem disto, o estrangeiro, que neste intervallo, e immediatamente adjacente ás duas cidades oppostas, se levantou outra, sobre chão plano conquistado ás agoas, no estylo moderno, com ruas espaçosas, bem calçadas, guarnecidas de commodos passeios para a gente de pé, formadas de vastos quarteirões de casas de quatro e mais andares, alinhadas como se fôra cordel, cortadas em angulos rectos, por outras ruas igualmente regulares, e desembocando as principaes pelas suas extremidades contrarias na direcção do norte-sul, em duas grandes e magestosas praças; imagine mais que uma destas, a meriodinal, possue um cáes em cuja frente fundeam alterosas naus, e que dos outros tres lados a fechão edificios publicos, que todos formão o aspecto de um continuado e immenso palacio, avultando no meio uma estatua equestre de bronze, que, com o seu primoroso, e bem ornado pedestal, é um dos primeiros monumentos da Europa neste genero; ponha na idéa que a outra, a do norte, é um parallelogrammo de grandes lados, donde a casaria iguala a das ruas, e que alem della se estende um passeio publico com alamedas de frondosas arvores, amenisado com um jardim florido, e a frescura das arvores. Se poder deste leve esboço compôr um quadro na fantasia, reflectindo, ao mesmo tempo, nas poucas palavras com que come-

çámos esta serie de artigos, poderá o estrangeiro, que ouvir fallar em Lisboa, fazer idéa do que é esta capital; o que lhe não acontecerá se consultar as relações de alguns homens que vierão aqui passear, comer laranjas, e beber vinho puro, e forão depois, por esse mundo, rabiscar papel, desmentindo, sem pejo, os brados da consciencia, e o testemunho dos proprios olhos. E que muito será que assim aconteça se em obras sérias, como n'uma ingleza, publicada no anno passado se lê, que *antes da suppressão dos conventos, davão estes a Lisboa uma apparencia fradesca!* Por ventura com a suppressão dos frades demolirão-se todos os conventos? — Bem poucos forão os que se transformarão em predios de aluguel, e muitas dellas, como a *Trindade* já tinha esta apparencia externa. Nas ruas, o que mais dava na vista erão as frontarias das igrejas, que quasi todas subsistem; por isso, se o auctor dissesse que o grande numero de templos, já de nossas trinta e sete freguezias, já de infinitas ermidas publicas e particulares, já dos conventos, dá a Lisboa a apparencia de uma cidade religiosa, lá teria rasão! Mas a sua sentença desafia a gargalhada dos portuguezes, e dos estrangeiros que por cá residem.

« — Voltando porem ao castello, de que esta digressão nos apartou, o acharemos sobre uma colina, ou morro, não só alcantilada, mas extremamente ingreme, sobretudo da parte do norte, o que não impediu que por outros lados o povoassem, de forma que até o cimo, visto da parte do rio, e da occidental, é uma pinha de casas. Originariamente foi esta a cidade, com dous bairros ou arrabaldes contiguos á falda do monte, para o nascente e para poente, ficando na encosta septentrional a povoação de Villa-Quente, que o terramoto de 1531 submergiu. Dentro do recinto do castello, que era todo amuralhado e fortalecido com torres, que a tradição denominou de Ullisses, mas que evidentemente erão obra mourisca, como se colhe do que ainda nos resta, o espaço é tal que accommoda uma freguezia de 320 fogos, alem das prisões militares, que são arejadas, e muito seguras, e

dos quarteis e outras casas destinadas a serviço da tropa, de fórma que considerado de per si semelha uma antiga villa acastellada na coroa de uma montanha. Como ponto militar para defensa é nullo, ainda que em mãos inimigas podia varejar parte da cidade, a que fica sobranceiro, e causar-lhe grande damno. Muito mal irá Lisboa quando no castello estiver a sua unica salvação: á bateria que existe cabe a primasia de annunciar com salvas as occasiões de publico festejo.

« — Abstemo-nos de fallar das portas do castello, por que a este respeito achará o curioso a necessaria noticia no artigo inserto a pag. 338 e seguintes do 2.° volume do Panorama, aonde se trata não só da primeira cerca da cidade, como da que mandou erigir elrei D. Fernando. Ahi lerá tambem a descripção do monumento de Martim Moniz, que está sobre a porta appelidada do nome deste heróe, fronteira ao monte da Graça, o qual consta de um busto de marmore branco, que póde ver-se, bem como o desenho da porta e do lanço da muralha por aquella parte, n'uma estampa que acompanha o 5.° Quadro Historico do Sr. Castilho. E' justissimo que os traslados dos monumentos nacionaes vão appensos a uma obra, que será um monumento mais duradouro que os marmoras, levantado á gloria portugueza.

« — Do mesmo lado septentrional se desfructa talvez uma das mais amplas e distinctas vistas da cidade. Eis aqui como o Sr. Castilho brevemente a descreve, na explicação da estampa. — « A' direita de quem a olha de fóra (*a porta*) se acosta ao muro, que é de boa grossura, uma torre que a defendia. O painel que os olhos d'ali relanceão é magnifico. São Vicente de Fóra, Graça, Campo de Santa Anna, Senhora do Monte, campinas graciosas, e montes ao longe: por baixo dos pés da cidade, e por um recanto da esquerda, o Tejo a fugir. — » Da banda de dentro desta porta do Moniz ha um largo defronte da parochial igreja de Santa Cruz. É provavel que a creação de parochia fosse de-

vida ao nosso primeiro monarcha, e Carvalho refere que elrei a estabelecera no local de uma mesquita, como era tradição. O infausto terremoto do 1.° de novembro de 1755 arruinou quasi inteiramente o antigo templo, assim como lançou por terra as casas do thesouro das tapeçarias e roupas, o paço real (aonde residiu D. Fernando, e D. Sebastião) que então pertencia aos alcaides-mores de Lisboa; os quarteis dos quatro regimentos de infanteria da guarnição da corte, as torres chamadas de Ulisses, e além de muitas casas o Archivo Real, ou cartorio de todo o reino, vulgarmente a *Torre do Tombo*, que era de instituição remota; mas parece que elrei D. João 3.° mandára fazer as accommodações, que o dito cartorio occupava no castello ao tempo do desastre, segundo se colhe de uma inscripção latina, que traz o padre Castro, a pag. 258 do volume 3.° in 4.°, e *estava sobre a porta da primeira casa dos armarios, indo da primeira casa das torres, onde se escrevia.* Na parede fronteira se achava em um quadro, com letreiro explicativo, pintado o extraordinario solho, de que fizemos menção a pag. 360 do 3.° volume do Panorama. O *Archivo* ameaçado de total ruina, no destroço e confusão do terramoto, por maneira que tudo o que não fosse desencaminhado ou submergido poderia ser pasto das chammas, foi salvo completamente pela incansavel diligencia do engenheiro mór do reino, Manoel da Maya, a cujo cargo estava, de forma que desenove livros da chancellaria de D. Affonso 5.°, que faltavão, se forão descobrir em sitio, onde parecia impossivel que o abalo da terra os arremeçasse. Na praça d'armas do castello se fabricou, por sollicitude do mesmo guarda mor, Manoel da Maya, uma casa provisoria de madeira, em que os livros e papeis se accommodarão com arrumação, e d'ali se transferiu tudo em agosto de 1757 para a calçada da Estrella, onde tem permanecido a repartição, sempre com o nome de Torre do Tombo. Por esta occasião se arruinou totalmente no mesmo recinto o hospital de Nossa Senhora da Conceição, servido

pelos religiosos de São João de Deos, fundado em 1673, governando como regente D. Pedro 2.º, e destinado ao curativo dos soldados enfermos. Modernamente se tem por vezes estabelecido hospitaes militares no castello.

« — Nos restos da cidadella mourisca se descortinão as ruinas de um alcaçar que deveria ter sido a residencia de um alcaide mouro, e assim os vestigios de caminhos subterraneos; sabido é que os mouros os abrião nas suas fortalesas, e, quanto a esta, o padre Carvalho falla de *uma grande estrada encuberta por baixo do chão.* O castello chama-se geralmente, castello de São Jorge, por ser este o seu padroeiro, e tambem do reino; a devoção a este santo nos veiu de Inglaterra com o casamento d'elrei D. João 1.º com D. Filippa de Lancastre, ou talvez anteriormente com a vinda das tropas do duque de Cambridge, em auxilio d'elrei D. Fernando.

« — A entrada principal da praça é hoje pela porta, tambem denominada de São Jorge. Quanto á cisterna, de que tracta a *Academia dos humildes*, tomo 1.º, e que mencionámos a pag. 116 do 2.º volume, desappareceu o prestigio do seu echo notavel, e a fama do templo da gentilidade, ou da mesquita de mouros, em presença das recentes averiguações.

« — Antes de chegar ao castello, em sitio alto, esteve a igreja parochial de São Bartholomeu, que foi capela real, quando elrei D. Diniz, e sua esposa Santa Isabel tiverão o seu paço n'umas casas fronteiras á igreja, para a qual havia um passadiço, que communicava com o palacio. Tinha o frontespicio para o poente, e d'ahi se avistava a barra, como da bateria do castello. Era diminuto o numero de seus freguezes, porque o districto da parochia abrangia apenas umas oito ou nove ruas, comprehendendo a porta d'Alfôfa, visinha ao milagre de Santo Antonio, e a rua das lagens. O memorando terramoto destruiu a igreja, e a maxima parte das casas, por forma tal que os habitantes se forão acampar no campo de Santa Clara, e ou-

tros lugares, erigindo-se no Cardal da Graça uma barraca que serviu de templo para o parocho administrar os sacramentos, e celebrar o culto divino, da maneira que o permittião escaços recursos, sobresaltos, alvorotos, e desventuras em tão espantosa calamidade. Pela divisão das freguesias, que posteriormente se fez, foi esta transferida para extra-muros da cidade, e hoje se estende desde a Cruz da Pedra, aonde é o laboratorio de fogos bellicos artificiaes, até ir entestar no logar do Poço do Bispo, com a freguesia suburbana de Nossa Senhora dos Olivaes; achando-se estabelecida actualmente na igreja do convento, vulgarmente chamado dos Grilos. Experimentarão pelo mesmo motivo igual mudança outras parochias, como a de São Pedro de Alfama, que sendo tambem de mui antiga data, e confinando com as de São João da Praça e São Miguel, tinha situada a igreja no largo de São Raphael, e foi transferida, com a mesma invocação para o sitio de Alcantara, fóra de portas, ao occidente da cidade, como a de São Bartholomeu o fóra para o oriente; e a freguezia de São Mamede, que tendo occupado a costa do castello, a rua de São Chrispim, e a das Pedras Negras, e outras nesse local, e tendo gosado as preeminencias de capella real quando os nossos reis vivião nos paços d'Alcaçova, passou depois para a parte alta septentrional de Lisboa, pouco adiante do collegio dos nobres, e, podendo estabelecer-se no bello templo deste edificio, tem sido até o presente o seu abrigo as muralhas da capella mór mal acabadas. Seja-nos permittida a este respeito uma digressão. Causa assombro, como alcançando algumas parochias, pela extincção das ordens religiosas, templos sumptuosos, não haja quem sollicite, ou quem mande que a freguesia de São Mamede seja transferida de uma barraca, que não tem geito de vir a ser igreja concluida, para um templo como é o collegio dos Nobres, central para os freguezes, e não só decente, mas formoso! Se a parochia de Nossa Senhora das Mêrcês, estabelecida n'uma ermida particular, á quina de uma tra-

vessa ingreme, pouco limpa, e menos desafogada, mereceu a esplendida igreja do convento de Nossa Senhora de Jesus, que foi de religiosos da 3.ª ordem seraphica, se (por não mencionar-mos outras) a de Santa Justa, cujo edificio estava igualmente muito iucompleto, mereceu o vasto e grandioso templo do convento de São Domingos, porque rasão a parochia de São Mamede, que tem mais de dois mil fogos, será menos favorecida, quando tem junto da porta uma nobre casa que a accomode, e sem se incommodar ninguem! Descuido anda por certo, e esse notámos.

« — Se no chão da feira, pequeno largo fronteiro á principal porta, ou entrada do castello, deixar-mos á direita a rua declive para a bânda do Tejo, e que é a principal serventia commum da praça, sairemos pela rua das Lagens ao largo do Contador, que é espaçoso e ladeirento, e se d'aqui não quizermos partir para a cidade occidental, iremos pelo apontado beco do funil desembocar junto á igreja, vulgarmente chamada de Santa Lusia, mas cuja invocação é São Braz, e foi commenda da ordem militar de Malta. Proseguindo para o nascente encontra-se o sitio da porta do sol, que era contigua áquella ermida; da direita fica o palacio do Exmo visconde de Azarara, cuja frontaria, voltada ao oriente, dá para um terreirinho; logar elevado aonde se avista a magnifica fachada do mosteiro de São Vicente (jasigo da real casa reinante, e residencia do eminentissimo cardeal patriarcha de Lisboa) convidando aos curiosos a que de mais perto o examinem. Com effeito embrenhando-nos pelas ruas tortuosas e estreitas desta parte da cidade, que, todavia, estão muito melhoradas, quanto á limpesa, pelas modernas providencias municipaes, e quanto aos edificios pelo bom gosto dos proprietarios; servindo-nos de guia o conhecimento da localidade, ou algum pratico, para nos não perdermos no complicado labyrintho chamado Alfama; passaremos pelo logar aonde foi a igreja de S. Thomé, que recentemente se demoliu, e cuja freguezia, reunida á do

Salvador, está hoje no hospicio do Menino de Deos; igualmente notaremos, sem mensão especial, por ora, a pequena igreja de Santo André, freguezia junta com Santa Marinha, e collocada tambem ha pouco, no convento da Graça; deixaremos de subir agora a calçada extensa, que nos condusiria a esta, e que fica á direita e ao norte do nosso presente passeio, para com mui pequena volta ganharmos o elevado outeiro de Santa Marinha, e nos aproximarmos ao magestoso edificio de S. Vicente de Fóra. Mas antes de entrarmos na rua sufficientemente larga, que lá nos guia, e onde é sito o palacio do exm.° marquez de Sampaio, lancemos a vista por entre um vão que deixão as casas do acanhado largo de Santa Marinha, para a banda do poente, e vejamos o prospecto de uma infinidade de edificios apinhados a que estamos sobranceiros: esta porção que descubrimos denuncia uma grande e accumulada povoação, pois assim mesmo é apenas um limitado pedaço da cidade, o que d'aqui avistâmos. Exploremos uma travessa escusa, e acharemos as muralhas de uma igreja, recinto pequeno que occupou a parochia de Santa Marinha, hoje occulto, e quasi fechado pela casaria visinho, se um letreiro aberto em pedra encravada, no muro á ilharga da porta, que olha para o poente nos não dissesse: — No anno de 1222 foi consagrada esta igreja aos 12 de desembro — sempre nos provaria a sua antiguidade uma estreita fresta gothica de pouca largueza, que deita para a parte do adro do sul, isto é, opposto ao letreiro. Consta que fôra mesquita de mouros antes de christianisada.

« — Eis-nos, emfim, em S. Vicente: a primitiva fundação foi obra do nosso primeiro monarcha e brevemente explicaremos a rasão della. Quando D. Afonso Henriques, depois da gloriosa tomada de Santarem, veiu sobre Lisboa, e tentou a expugnação desta cidade moura, ajudado dos cavalleiros crusados, que a tempestade, ou o acaso troxe ao Tejo, assentou o arraial no sitio onde é hoje o mosteiro, ao passo que os estrangeiros auxiliadores acam-

pavão no logar aonde hoje avulta o templo de Nossa Senhora dos Martyres. Um cemiterio para os que morrião na empresa, uma enfermaria de campanha com sua capella forão o fundamento de que, para assim o dizermos derivou a fundação de S. Vicente de Fóra, porque permanecendo sempre na memoria d'elrei a lembrança deste logar, quando o seu animo piedoso determinou mandar procurar as reliquias de S. Vicente ao promontorio sacro, hoje cabo appellidado do nome do martyr, e erigir um templo em nome deste, quiz que fosse erecto aqui, e em pessoa lhe lançou a primeira pedra, como consta da propria, de figura quadrada, que se achou na reedificação com letreiro latino, que dizia assim, vertido em vulgar: *Esta igreja fundou elrei D. Affonso, o primeiro de Portugal á honra da bemaventurada Virgem Maria, e de S. Vicente Martyr, em* 21 *de novembro de* 1147. Poz elrei o novo templo a cargo dos regrantes de Santo Agostinho, e quiz tambem que S. Vicente fosse intitulado patrono e defensor da cidade, como escreve Resende: o certo é que esta tem por armas uma náu com dois corvos, em memoria da trasladação do corpo do santo, que fôra respeitado pelo apetite carnivoro d'aquellas aves.

«Tendo decorrido 436 annos quizerão os padres restaurar a igreja por estar a antiga mui damnificada, e ameaçar ruina. Filippe II. de Mespanha, que então governava neste reino, quiz concorrer, e ordenou que da igreja de S. Sebastião, que o nosso infeliz monarcha seu antecessor começara a fundar no Terreiro do Paço á borda do Tejo, se passasse toda a pedraria lavrada, e assentada, ou por assentar, para a reedificação de S. Vicente de Fóra, e que ambos os martyres ficassem sendo padroeiros, para o que alcançou breve pontificio. Elrei D. Sebastião pertendia ali estabelecer uma nova ordem de cavalleiros denominados da Flecha; mas Filippe II. applicou os materiaes, e a consignação da fabrica começada para a de S. Vicente, e, segundo o padre Castro, as pedras com as aspas que existem

pelos frisos da cimalha real da igreja do mosteiro, denuncia d'onde vierão. Actualmente, no alto das portas de ferro vemos tambem o mesmo symbolo de flechas, e entre as imagens em pedra, que adornão o frontespicio está a de S.º Sebastião, e tanto esta como as outras, que parecem bem acabadas, incluindo a de Santo Antonio de Lisboa, que neste mosteiro professou a regra augustiniana, antes de tomar o habito franciscano.

« — Sobre esta reedificação lemos na chronica dos conegos regrantes, por D. Nicolau de Santa Maria, o seguinte: — E logo mandou (o rei) passar um padrão de juro nas alfandegas de Lisboa de 2,500 crusados cada um anno para a fabrica da nova igreja, e que o prior e conegos gastarião mais dois mil crusados por anno na mesma fabrica da igreja, pelo que tocava á sua parte, com condição que a capella e coro baixo, que fica por detraz da mesma capella, e o cruseiro com suas capellas fossem só dos reis deste reino; e o corpo da igreja, com suas capellas ficassem ao prior e conegos para poderem dispor dellas, e as poderem dar a quem melhor lhes parecesse. — « Parte 2.ª, livro 8.º, capitulo 12.º — E sobre esta concordata se fez a obra, que mesmo com tamanhos soccorros consumiu vinte e trez annos. — Na igreja antiga encontra-se uma inscripção latina dedicada ao imperador Vespasiano, e que prova, que, governando este, ainda Lisboa era chamada *Felicitas Julia*: póde ler-se na citada chronica dos conegos regrantes parte 2.ª, livro 8.º, capitulo 1.º, *in principio*. — Com o terramoto de 1755 caiu o zimborio, porem depois se levantou o actual, que se ergue sobre o espaçoso cruseiro. Este, se as medições do padre D. Nicolau de Santa Maria são exactas, tem 123 palmos de largura, e a igreja 333 ditos de comprimento: a fachada cresce sobre o portico ou vestibulo, e tem entrada por tres portas: de torre a torre medem-se cento e cincoenta palmos, e cada uma tem de altura do pavimento ao vértice 220 palmos, segundo o mesmo chronista, que foi morador da casa. Frontespicio e templo

tudo é de cantaria magnifica; o altar mór está no meio da capella mór, e cobre-o um formoso baldaquino, adornado de figuras bem lançadas, que foi obra dirigida pelo celebre esculptor Machado, assim como discipulos da sua eschola executarão as estatuas que estão sobre a porta. O mosteiro de São Vicente encerra tambem o carneiro, ou jasigo da real familia de Bragança; e no altar collateral da capella mór, dedicado a São Theotonio, 1.° prior de Santa Cruz de Coimbra, foi collocado já por ordem da nossa actual soberana, a quem Deus guarde, o tumulo do inclyto progenitor da serenissima casa reinante, o condestavel-mór do reino, D. Nuno Alvares Pereira, transferido do convento do Carmo calçado, aonde se achava, e que fôra fundado por este piedoso e esforçado varão. Consiste n'um mausoleo de pedra fina com seu baixo-relevo, tendo em cima a estatua do heroe, porem deitado ao comprimento. Junto está um vulto representando um escudeiro com armadura, descoberto, e como sentinella que vigia ao pé do tumulo. Não nos deteremos em relatar outras preciosidades deste templo por não parecer-mos encarecidos, e porque a solidão, junta com a magestade desta fabrica, e os seus ornatos merecerão os gabos de estrangeiros entendedores. Devemos todavia não deixar em silencio o tecto da portaria do mosteiro, pintado a oleo em 1710 pelo famaso Vicente Bacarelli; e aqui nos valeremos das expressões do juiz competente na materia Cyrillo Wolkmar Machado: — E' uma das melhores cousas, ou antes a melhor que deste genero temos em Lisboa. A harmonia de composição, o effeito da perspectiva, os partidos de luz e de sombra, o manejo precioso do pincel, tudo concorre para o fazer admiravel. O painel era igualmente bello, elle o pintou, e executou todo o tecto, á excepção das festonadas de flores, que forão feitos pelo Serra, mestre de José Bernardes, e são primorosas. Pelo terramoto de 1755 caiu só o reboco que continha o painel. Quando foi a patriarchal para S. Vicente, mandárão os ignorantissimos mestres caiar o tecto todo, e logo a casa, que até ali pa-

recia uma das mais bellas e regulares de toda a cidade, ficou parecendo a mais defeituosa, baixa, e irregular. Quando os conegos tornárão de Mafra (para onde tinhão sido removidos) o mandárão restaurar, o que foi feito muito bem por Manoel da Costa, em 1796, e se o pincel que elle tambem fez não fosse bom teria alguma desculpa, visto não ser essa a sua profissão. »

« — O edificio do convento é vasto e grandioso, e por estar em logar elevado se avista do rio, e de muitos pontos da cidade. Depois da suppressão da congregação regular que o habitava, e da extincção da Patriarchal, foi destinado para residencia actual e futura dos metropolitanos da Sé de Lisboa. A rasão de lhe chamarem ainda hoje São Vicente de Fóra, procede de que na primitiva fundação estava fóra da cerca velha da cidade, posto que veio a ficar dentro do circuito dos novos muros, que mandou fazer elrei D. Fernando.... No templo se conserva a parochia de São Vicente que nelle fôra instituida.

« — Já temos dito, que a maior prerogativa desta capital, alem da salubridade de clima, é a bellesa da situação topographica; e, com effeito, das muitas eminencias que occupa se gosão magnificas, estensas, e variadas perspectivas. Já vimos quão formoso painel se avistava da torre antiga do castello: agora colloquemo-nos no alto da Graça, que da mesma ponte do oriente orla o profundo e comprido valle, que, desde a beira do rio, começo da cidade nova, vulgò *baixa*, se prolonga para o norte, e vae fenecer na base dos oiteiros dos arrabaldes: entalado entre os seus dois visinhos, os muros do castello, e da Senhora do Monte, na mesma direcção septentrional, mas um pouco mais recolhido, o adro da Graça pode comparar-se a uma varanda no corpo central do edificio, que de cada lado tivesse um grande torreão saliente. Olhando para o poente descobre-se um quadro pomposo: mui grande porção da cidade esta patente entre a raiz destes montes, e a dos fronteiros, avulta ao longe para o occidente o zimborio e as duas torres do con-

vento da Estrella, e ainda mais distante, sobre as alturas de Monsanto, avistâmos os moinhos alinhados no horisonte: immediatamente á direita e á esquerda ficão as ladeiras ingremes do castello, povoadas de oliveiras, e do Monte com sua calçada guarnecida de casas: a escapar pelo contorno da primeira, e muito além dos edificios ao sul, descanção os olhos em pequena parte do Tejo, e da terra da *outra banda*. Para a parte opposta se estende o campo de Santa Anna (apesar da sua elevação, em plano inferior ao nosso) com suas casas nobres, e n'uma extremidade *a praça de madeira*, onde o povo aprende a ser feroz, vendo *tourear* os animaes mais uteis aos homens.

« — Pena é que este adro não offereça em sua pequenez curiosidades ao curioso, que vem contemplar tão soberbo espectaculo; com os pés sobre um despenhadeiro não temos um muro em que nos debrucemos, porque a desmoronada cortina paralella ao templo terá apenas tres palmos e meio de alto, e só poderá servir de encosto a quem de joelhos quizer ali fazer *via-sacra*, visitando mentalmente os santuarios que com os olhos descobre. Não basta que, ou ardor do sol, ou as rajadas do vento, aqui sempre impetuoso, amofinem o expectador; ainda em cima ha de estar contrafeito, quando tão facil e pouco dispendioso era altear, e guarnecer de assentos o pequeno lanço da muralha. Muito mais sensivel é o incommodo, por que defronte se está vendo o deleitoso passeio de São Pedro de Alcantara, donde em frescas tardes, e manhãs amenas se desfructa a scena que temos presente, com a differença de ser gosada de ponto opposto, e com diversos accidentes de luz e terreno, ficando então no panno do fundo o convento da Graça, ao pé do qual agora nos achâmos. Bom desconto era já a custosa subida para este cerro, e o tristonho aspecto de dous vastos palacios arruinados, um com dezesete janellas rasgadas, no andar nobre da frontaria para a calçada da Graça, e o outro com doze para o largo correspondente ao lado meridional da igreja da mesma deno-

minação. Um delles, victima de um incendio desastroso, pertencia á ex.ma casa dos marquezes de Loulé. Notaremos aqui de passagem, que estas e outras casas grandes da nobresa, e dos opulentos de Lisboa, erão, e são ainda muitas, terrenos de grandes dimensões fechados de grossas muralhas, encerrando amplas sallas, infinidade de camaras e officinas, com toda a apparencia de casaria commum, mas sem os caracteres essenciaes do que devemos entender por *um palacio*, isto é, despidos de grandiosos porticos e fachadas, com os adornos da architectura e da estatuaria, e de pateos ajardinados, onde resplandecessem os primores da arte. Sobeja-nos a cantaria excellente, e com profusão se tem empregado esta riqueza do solo portuguez, em construcções antigas e modernas, de que serão testemunhos os templos da capital; mas parece-nos que nem sempre foi com pericia e bom gosto convenientemente aproveitada.

« — Este monte da Graça, foi em tempos antigos conhecido pelo termo arabico *Almofala*. Nelle edificarão os religiosos eremitas de Santo Agostinho o seu convento, e o templo consagrado á mãe de Deos, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, d'onde proveiu ao sitio a moderna invocação: porem a data da primeira fundação não será muito facil de determinar fixamente, porque o chronista dos eremitas augustianos era interessado em a dar muito remota, muito mais porque disputa preferencias de antiguidade sobre a erecção e posse dos conventos do Minho aos conegos regrantes do mesmo seu patriarcha, ao que responde na chronica destes, o padre D. Nicolau de Santa Maria. Seja porem o que fôr, visto que a materia não é de grande interesse, e podemos a este respeito, (como em outros casos identicos) dizer com o auctor do *Sanctuario Mariano*, tambem eremita da mesma ordem: « Como as cousas antigas são difficultosas de averiguar, por « que senão achão memorias que as certifiquem, tudo vem « a ser fallar e escrever por conjecturas. — » Tomo 1.° pag. 25. — O certo é que em 1556 o veneravel frey Luiz de

Montoya reedificou a casa e templo, ficando este, ao dizer dos nossos geographos do seculo passado, uma fabrica vasta e sumptuosa: a sachristia era tambem rica da mão de obra, deparamentos e adornos: porem tudo, menos a torre dos sinos lastimosamente derrubou o terramoto de 1755. Reconstruiu-se depois, e permaneceu a igreja aonde ora estão reunidas as parochias de Santo André, e Santa Marinha, que é nomeada em Lisboa, e muito frequentada pela grandesa e aceio, pela alegria que infunde recebendo muita copia de luz, mas muito principalmente pela sagrada imagem do Senhor dos Passos, veneranda, e de muito respeito, que em todas as sextas feiras do anno está patente á devoção do numeroso concurso dos fieis. Escreveu Balbi, sem fundamento (e houve quem repetisse o mesmo em escriptos portuguezes), que o tumulo do invencivel Affonso de Albuquerque estava collocado na sachristia da Graça; mas não é assim, porque o mausoleo tem uma inscripção, por onde se vê que repousão ali as cinzas de Mendo de Foios Pereira, secretario d'estado d'elrei D. Pedro 2.°, que foi bemfeitor da casa, contribuindo com a sua preciosa baixella para se fazerem os vasos sagrados, e relicarios; e o retrato do mesmo sobranceiro ao tumulo se adornava com os vestidos e insignias da magistratura, que por certo, não competião ao inclyto guerreiro. Os restos mortaes de Albuquerque estiverão depositados na capella-mór deste convento, d'onde forão trasladados para o jazigo commum da sua familia, na casa do capitulo, no claustro grande, sem nenhuma distincção tributada ao valoroso heroe da India portugueza, que, neste despreso teve igual fado ao de muitos varões insignes, a quem a patria não erigiu monumentos, levantando-os, por ventura á opulencia, e á vaidade.

No tecto da capella mór ha um quadro da apparição de Jesus Christo a Santo Agostinho, e os quatro evangelistas: obra tudo do fecundo artifice Pedro Alexandrino, que pintou com facilidade, gosto, e vivesa de colorido pa-

ra quasi todas as igrejas modernas de Lisboa: do mesmo são os dez paineis aos lados da capella-mór allussivos á vida d'aquelle eximio doutor da Igreja. No retabulo ha quatro columnas, cujos soccos assentão quasi no pavimento, são de marmore vermelho, e de grande altura: não gostâmos, ainda que pareça bem a alguem, dos ridiculos ornatinhos ao terço da altura das columnas. — Na portaria do convento deixou o insigne Vieira, chamado o *lusitano* para se distinguir de outro Vieira, o *portuense*, tambem grande pintor, um excellente painel de Santo Agostinho. — Esta igreja possue a cana de um braço do glorioso martyr São Vicente, que, por estar em relicario de páu escapou á rapina dos francezes invasores, em 1808: é a unica reliquia notavel que existe do mesmo santo, depois que houve um incendio na basilica de Santa Maria, ou Sé, que redusiu a cinsas o tumulo, e o cofre aonde estava o corpo.

« — A igreja da Senhora do Monte, de que ha pouco fallámos foi edificada em 1243: possuirão-na tambem os eremitas augustinianos, sendo o segundo convento, que tiverão em Lisboa, com o titulo de eremiterio de São Gens. Este santo, segundo a opinião de D. Rodrigo da Cunha, foi bispo desta cidade, e a cadeira que ali se mostra dizem ser a mesma onde o veneravel prelado se sentava para pregar ao povo. Cahiu totalmente pelo terremoto: a igreja que existe, é portanto posterior á catastrophe. O adro é sombreado por arvores: aqui está o viajante mais á vontado, desfructando uma formosa perspectiva.

« — Ao sair da Graça caminho do norte, encontra-se para a direita o quartel da — Cruz dos quatro caminhos — em rasão de quatro que neste sitio se crusão. Deste mesmo lado, por onde os vãos das casas deixão estender a vista se descobre o Tejo, que discorrendo do sul, e pelo nascente vâe circulando por esta parte os arrabaldes da cidade. Quem chega ao adro da Penha, para onde guia a estrada, que seguimos olhando para o nascente acha-se

n'um ponto quasi central em relação ao semi-circulo que o Tejo váe descrevendo.

« — Aqui encontrâmos outro convento, que foi de religiosos agostinhos, sobre um monte, á feição de promontorio, dos mais altos da cidade, e que antigamente se chamava *Cabeça d'Alperche*. Se pela parte de traz, isto é, do poente, do edificio, ou das suas janellas estendemos a vista, gosa-se o conspecto de bellissima paisagem: na raiz do cabeço elevado as vem cultivadas hortas d'Arroios, a sumir-se pelo vale, que já mencionámos, a cidade, e muita della quasi na nossa frente. Para o septentrião e nordeste courelas de terras lavradias, vinhedos, e casas campestres; o orisonte limitado por terras a muita distancia; a fita asulada das agoas de um rio caudal: eis o que da coroa desta eminencia se descortina com suave recreio dos olhos, e completa satisfação do coração portuguez. Observe-se que toda esta paizagem é aformoseada pela perenne verdura das oliveiras. Esta arvore

> ..... que em partilha
> A utilidade tem, e a excelsa gloria,
> De ornar a mão da paz nos ceus nascida.

é a mais commum nos arrabaldes de Lisboa, e nos suburbios a leste e ao norte muito mais que nos outros.

« — A esta igreja vem cirios de varias povoações, em diversos tempos do anno, festejar Nossa Senhora da Penha de França, e concorrem navegantes, livres de naufragios, a depositar, como votivas offrendas, traquetes, mastareus, e outros signaes de salvação de seus navios, fazendas, e vidas. Com o fatal terramoto se arrasou o templo, mas foi logo reedificado, sob os regios auspicios, e com auxilio de D. Pedro, 2.° marquez de Marialva, dos mareantes, e de outros devotos; o que se lê commemorado n'uma inscripção latina em lapida quadrangular, pôsta na balaustrada fronteira á rua e arco principal da entrada,

e com a data de 1758; donde se collige quão prompta foi a reparação.

« — O primeiro fundador da igreja de Penha de França, foi um Antonio Simões, dourador, natural de Lisboa, que achando-se com elrei D. Sebastião, na batalha d'Alcaçer fez um voto de fazer certo numero de imagens de Nossa Senhora, com diversas invocações, se o livrasse d'aquelle perigo, voltando a salvamento; — cumprio o seu voto, e não sabendo que invocação desse á ultima que fizera, assentou em lhe dar a de Nossa Senhora da Penha de França, por conselho de um padre Ignacio, jesuita muito devoto de uma muito milagrosa imagem deste titulo, que se venera em Castella, perto de Salamanca, e a depositou na ermida da Victoria, com outra de São João Baptista, que tambem fizera, e se venera na ermida de São João dos Bem-casados: desejando fazer-lhe uma ermida lhe agradou este sitio da Cabeça d'Alperche, para que pediu licença a seu dono Affonso Torres de Magalhães, que, vendo-se livre de uma enfermidade, em que invocou a Senhora, lh'a concedeu, e em 25 de março de 1597, dia da Annunciação, se lançou a primeira pedra, que em letras douradas tinha escripto — Jesus Maria, avante. — No anno seguinte, em dia do Espirito-Santo, foi para ali condusida a Senhora em procissão, generalisando-se, por tal modo, a sua devoção que, apenas se conseguiu licença para dizer-se missa na ermida, logo Antonio Simões ordenou que trinta sacerdotes ali assistissem para as dizer, sendo muitas vezes preciso distribui-las a outros; mas o que mais concorreu para esta devoção, foi a peste, ou epidemia que grassou em Portugal, e principalmente em Lisboa; nestes annos de 1598, e 1599, por accasião da qual a tropa castelhana, que estava no castello com o seu capitão general, conde de Portalegre, fizerão uma procissão á dita ermida, e o povo de Lisboa um voto solemne.

« — Em 2 de janeiro de 1599, a instancias do povo da cidade, reuniu-se o senado da camara, por ordem

de D. Gil Eannes da Costa, seu presidente, e fez publicamente o voto de sair todos os annos em procissão da casa de Santo Antonio, até á capella da Senhora, se por sua intercessão cessasse o flagello da peste, indo neste primeiro anno descalço, e além disso lhe mandaria erigir, como depois erigiu, a capella mór de uma nova igreja, com o seu retabulo e ornamentos, com a devisa da cidade, e letreiro, com a razão do voto, para cujo fim alcançou de elrei D. Filippe 2.º, o decreto de 9 de setembro de 1599, approvando os seis mil crusados, que o senado applicou para a despesa, por um imposto no vinho e carne. Cumpriu a cidade o voto, dia da Senhora das Neves, 5 d'agosto do mesmo anno, saindo a procissão de noite, por causa da calma, com a unica imagem de Santo Antonio, e assim continuou regularmente até ao de 1633, e por sair de noute lhe chamavão a procissão dos ferrolhos.

« — No anno de 1603 fez Antonio Simões doação do seu padroado aos eremitas de Santo Agostinho, que, com esmolas forão fazendo o convento que chegarão a concluir com os bens d'Antonio Cavide, que, além das esmolas e ornamentos lhe doou, por escriptura de 1667, uma herdade em Villa-viçosa, que rendia um conto de réis, e concluida a nova igreja, em 1625, para ali se trasladou a imagem em fevereiro, com uma tão notavel procissão, que, dando volta pela cidade, recolheu com perto de 200 guiões, 118 cruzes, e 18 ternos de charamelas, afóra as danças, como diz um contemporaneo, acudirão á procissão.

« — O templo é de mediocre estensão, mas elegante, muito alegre, e de forma outavada. As paredes são forradas de marmore, mas as columnas dos altares são de telha por ficar por concluir: é rico o camarim e peanha da Senhora, de mosaico; tem no corpo da igreja quatro quadros, do celebre pintor portuguez Bento Coelho, sobre os altares collateraes representando a Annunciação, Visitação, Appresentação, e Desposorios da Senhora, os quaes nos consta estarem á disposição da academia das Bellas-Artes,

para os poder d'ali tirar. Na chamada casa dos milagres, antes da sachristia, ha um grande mausoleu de marmore sobre trez leões, cujo letreiro diz — Tumulo de Antonio Cavide, e sua mulher D. Marianna Antonia de Castro — o qual Antonio Cavide, padroeiro, e bemfeitor do convento, foi mestre d'elrei D. Pedro 2.°, e secretario das mercês e estado d'elrei D. Affonso 6.°, e de espirito tão portuguez, que entre as missas quotidianas, que deixou por sua morte, forão duas por alma de D. João 4.°, e uma por todos os que fallassem a lingua portugueza.

« — Já fizémos menção da devoção que o povo de Lisboa tem com a Senhora da Penha de França, assim como o das suas visinhanças, donde vem todos os annos varias romarias; porem maior é ainda a dos navegantes, que amiudadas vezes, depois de viagens trabalhosas vem em procissão offerecer-lhe os traquetes dos navios, e fazer-lhe festa, havendo uma muito notavel irmandade da Senhora da Penha, a que chamão dos mareantes, ou navegantes, e tambem dos fidalgos, em rasão do seu juiz, cuja instituição por sua originalidade será aqui referida.

No anno já referido de 1599, em que o reino sofria a peste, havião partido para a India sete náus, sendo capitão-mór dellas D. Jeronimo Coutinho, que depois foi presidente do paço, o qual por devoção levou um cirio da Senhora, mas desenvolvendo se a peste a bordo, fizerão na altura do cabo da Boa Esperança o voto de fazer uma confraria e irmandade á Senhora da Penha, para o que se inscreverão logo, e fizerão juiz a D. Jeronimo Coutinho; e succedendo não morrer nenhum dos inscriptos, quando chegarão a terra fizerão uma procissão á sua capella, levando vélas e galhardetes em homenagem, e muitas offertas da India. Foi em 20 de março que se estabeleceu no mar a irmandade, que foi approvada por decreto de 6 de outubro de 1609; e por memoria desta instituição declarava o compromisso que, para juiz fosse sempre eleito o capitão-mór que nesse anno passasse á India, por ter sido esse o

seu primeiro juiz; e assim a mandava elrei nas cartas dos capitães-móres da armada da India, das quaes vimos uma copia, declarando que serião juizes da irmandade, da Senhora da Penha. Além desta irmandade tem mais trez, que são a de São João Baptista, Nossa Senhora do Livramento, e Senhora dos Affligidos.

« — O monte sobre que o convento e igreja estão collocados é um dos sitios mais picturescos, e mui agradavel ponto de vista de Lisboa; é o mais elevado de toda a cordilheira, que se estende na direcção de nordeste da cidade, abrangendo uma estensa vista de mar e terra, limitada ao poente pela serra de Cintra, e immensidade do Oceano, ao norte pela serra do Monte Junto, e pelas planicies do Alemtejo, e serra da Arrabida ao sul; campinas e montes cultivados, multiplicados arvoredos e olivaes, o Tejo em diversas direcções, a immensa cidade povoada sobre montes, encostada ás suas faldas, e por diversos vales dirigindo-se até ao Tejo, matisada de palacios e arvoredos; e na sua proxima base um estenso terreno de bem cultivadas hortas de um lado, e pelo outro um sombrio valle, que convida a meditar: tal é a jucunda posição coroada pela igreja e convento da Penha de França, de cujo mirante se avistão muitas legoas de estensão. Pela suppressão das ordens religiosas ficou o edificio ao desamparo e não só despojado das alfaias, mas até desmantelado em proveito de quem se queria aproveitar: hoje está-se concertando pelas obras militares, dizem que para hospedaria de officiaes: a igreja não está em tão máu estado, mas privada das suas melhores alfaias, e até dos harmoniosos sinos; os quaes se achão na parochial da Encarnação, e que com justiça se poderião reclamar, por pertencerem á irmandade de Nossa Senhora da Penha; como bem claramente se póde ler nas letras esculpidas nos mesmos sinos. Ao prior e junta de parochia, á irmandade, a quem a lei favorece, e á camara municipal, como padroeira desta capella, incumbe reunir todos os esforços para a conservação d'aquelle tem-

plo, que frequentão muitas romarias, e tambem para o aformoseamento do sitio, que é um dos mais agradaveis passeios da capital.

« — Já em 1597 havia neste lugar um templo dedicado á Senhora, mas só em 1603 começarão os religiosos com esmolas, e doações o seu convento. Um quadro de azulejo, com formosa moldura dos mesmos, e cores ainda hoje mui vivas, incrustado na parede do altar mór do lado de fóra por debaixo de uma fresta orbicular, consigna a tradição da apparição da santa imagem, que na igreja se venera; e do mesmo modo o simulacro de um disforme e grandissimo lagarto, similhante ao jacaré que se conserva na sachristia. Diz a tradição que um peregrino, buscando a devota imagem neste cabeço, fatigado se deitára a dormir, e que então aquelle monstro horrivel da classe dos reptís estava prestes a devorá-lo, quando a santa virgem, apparecendo cercada de uma auréola, ou gloria no pincaro do monte, acordára e advertira o seu devoto, libertando-o de tão eminente perigo; o medonho animal foi morto, e erigíu-se um templo para memoria do successo. Eis o que representa o painel d'asulejos, a que nos referimos, e que nos causou admiração pelo bem conservado, jazendo, ainda que pouco antigo seja, exposto á acção da humanidade e de ventos destruidores. Quanto ao lagarto da Penha, lá está de boca aberta, convidando os curiosos, quando se dignarem fazer-lhe visita.

« — Do largo da Graça, proseguindo para o sul, entrâmos n'uma rua, não mui larga, mas estensissima, guarnecida por um lado de algumas casas, e orlada da banda direita pelo muro da cerca do mosteiro de São Vicente; chamão-lhe travessa da *Veronica*, e mais propriamente a poderião denominar estrada. Vem desembocar no espaçoso campo de Santa Clara, chão amplo e desigual em frente do Tejo, que já tem neste sitio prodigiosa largura: parallelos ao rio, e com a frontaria para este e para o campo, estão o palacio da exm.ª casa de Lavradio, e um renque

de casas bem edificadas, e de vista desafogada. Faremos aqui uma observação, que se confirma com igual impressão que experimentâmos em outras povoações do reino; isto é, que a parte situada ao nascente é mais sombria e tristonha, que a occidental: se isto acontecesse ao pôr do sol não admirava, e facil era a explicação; mas que por dias serenos e limpos, ás horas em que o sol vivifica a natureza, o campo de Santa Clara, e outros sitios desafrontados tenhão um certo colorido melancolico, que não vemos no occidente, por exemplo, em Santa Isabel, na Lapa etc., é cousa notavel, devida talvez aos accidentes da luz combinados com os do terreno, se acaso a observação é exacta, e não anda nisto preoccupação da nossa parte, o que de todo nos não atrevemos a asseverar, pôsto que a muitas pessoas tenhâ-mos ouvido a mesma opinião. Na extremidade do campo, opposta ao arco grande e passadiço do mosteiro de São Vicente para a cerca, estão contiguas á casa de Lavradio as ferrarias, e os depositos de trem, e petrechos para serviço de artilharia, pertencentes ao arsenal do exercito; existindo pela banda de baixo do mosteiro o postigo do arcebispo, do antigo circuito amuralhado da cidade, o qual agora se chama arco pequeno, e dá serventia para a Cruz de Santa Helena: tendo sido o local da porta então onde é hoje o arco grande, que mencionâmos.

« — Na parte inferior do campo, em local sobranceiro ao Tejo, e com frente para o norte e caminho da rua do Paraiso, está situado o amplo hospital da marinha, onde primitivamente os jesuitas tiverão o seu collegio de S. Francisco Xavier, que depois foi habitado pelas recolhidas, ora residentes no recolhimento da Mouraria. Em epochas remotas existiu acanhadamente o hospital da armada, no arsenal da Marinha, até ser passado para uma nova casa particular, na rua do Telhal, desta para o incompleto mosteiro do Desterro, e, finalmente, em 1806 para o edificio, que expressamente se construiu no Campo de Santa

Clara, aonde se acha estabelecido com as vantagens, e commodidades que diremos.

« — Por um decreto, datado de 1797, sendo ainda principe regente o sr. D. João 6.°, e ministro de marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, foi ordenada a erecção do hospital. Para se fazer idéa da grandesa com que foi construido bastará commemorar que, não chegando para a conclusão da obra o emprestimo que se contraíu, de cento e cincoenta mil crusados, e a cuja amortisação e juros se destinou parte dos rendimentos da alfandega de Lisboa, ainda foi preciso elevar o capital do mesmo á quantia de dusentos e quinze mil crusados. Com effeito, o emprego deste dinheiro apparece no edificio, que comprehende dez espaçosas enfermarias, salas, e quartos, que podem commodamente alojar quatro centos doentes; duas grandes salas construidas com a intenção de servirem para aulas de ensino medico, o que não se effeituou; a officina pharmaceutica, que consta de trez vastas casas, onde estão o laboratorio, e os dispensatorios das drogas; uma estensa cosinha; a excellente casa dos banhos, e outras muitas para arrecadação e deposito dos diversos objectos, proprios de similhantes estabelecimentos; além disso uma sala magnifica d'entrada, a que chamão do *Principe*, por nella estar collocada a estatua de marmore do fundador, obra de um artista por nome Fabre. A madeira empregada na construcção foi quasi toda do Brazil, as portas são de vinhatico precioso; em fim, nada se omittio de quanto respeita á solidez e commodidade, creando-se um hospital, não só duradouro, mas tambem sumptuoso.

« — Merecem especial menção: a casa dos banhos, de forma circular, comprehendendo bacias cavadas em optimo marmore, que por meio de adequado encanamento recebem a agoa, e a despejão depois em um deposito, ou resarvatorio commum e central, tudo de marmore: os armarios, e demonstrador do dispensatorio pharmaceutico, feitos de madeiras de custo, primorosamente lavradas: trez

grandes terrados no alto do edificio, donde se desfructa a formosa perspectiva da parte da cidade, do rio, e margem opposta, ou do sul; ganhando este hospital a vantagem, incalculavel para beneficio dos doentes, habituados á vida maritima, de estarem vendo os convalescentes a grande corrente do Tejo, coalhado de embarcações, o que lhes é de muita consolação e refrigerio, como tem observado os facultativos praticos no tratamento de homens, que se occupão em a navegação; de forma que a sociedade philantropica de Londres, creadora do hospital geral para marinheiros de todas as nações, assentou de o estabelecer a bordo de um navio surto no Tamisa: accresce além disso, em o nosso edificio a outra vantagem, nada menor, de ser bem ventilado, e o menos melancholico d'aquelles sitios. Consideraremos tambem como objectos importantes, e de summa utilidade o terreno adjacente ajardinado, e a copiosa mina de agoa, que suppre abundantemente aos diversos mesteres do estabelecimento, e até em caso de necessidade, póde beber-se sem inconveniente.

«— O serviço e administração do hospital, com as reformas posteriores a 1833 acha-se muito menos complicado que no seu começo; e sem que nem um, nem a outra padeção, nem por forma alguma se falte ao necessario, estão cerceados muitos abusos, e redusido o pessoal, como tambem as despezas. A principio, as auctoridades que o região erão o physico mór, o cirurgião mór, e um inspector, que foi quazi sempre o intendente de marinha, e depois o inspector do arsenal, quando estes dois cargos se reunirão n'um só; e além delles um administrador; tudo sujeito immediatamente á junta de fazenda da marinha. Tinha mais o medico, cirurgiões de visita e ajudantes, capelão e sachristão, almoxarife, escrivão e cinco escripturarios, fieis, enfermeiro mór, com muitos subalternos seus, cosinheiro, e porteiro com ajudantes, e alguns moços. Ainda, além disto o physico mór tinha seu secretario particular, e no arsenal havia um escrivão especial para a conta-

bilidade das boticas de bordo e do ultramar, serviço que passou a fazer-se no hospital de Santa Clara, com os empregados do mesmo. De tudo hoje sómente se conservão os empregos indispensavais logrando-se pela boa administração fazer-se o mesmo serviço.

« — A actual auctoridade unica superior ao hospital da marinha, como a tudo o que respeita á saude da armada, é o *conselho da saude naval*, composto dos medicos e cirurgiões, tambem da visita do hospital, e sujeito immediatamente á secretaria d'estado dos negocios da marinha. Não ha outro administrador, nem inspector; não existe enfermeiro mór: ha um só cirurgião ajudante, todo o mais pessoal está limitado ao numero conveniente, e o serviço faz-se com a regularidade e vantagem, que apontamos. Porem, afóra estas reformas regulamentares, e as reducções bem entendidas na despesa ordinaria, com que se evitão descaminhos e desperdicios, consideraveis, e importantes melhoramentos se tem feito, de 1833 para cá, no corpo do edificio Padecia este em varias partes bastante ruina, e não só foi concertado, mas ampliado; póde dizer-se que o laboratorio da botica se arranjou quasi de novo, porque o antigo, além de muito incommodo, era falto de diversos arranjos indispensaveis: construirão-se dous excellentes fogões, e uma grande caldeira para aquecer a agoa de banhos; principalmente a da cosinha é uma peça digna de ver-se, obra do nosso habil artista, o sr. J. P. Collares: além da grande commodidade com que se exercita o serviço da cosinha, produsiu logo uma economia de metade do combustivel que d'antes se gastava. Conseguiu-se tambem, mediante um encanamento proprio, levar agoa a todos os pavimentos do edificio, poupando-se, por este modo, o emprego de alguns braços. Finalmente, até do quintal se logrou tirar proveito, não só nas hortaliças para consumo do estabelecimento, mas muito principalmente em quantidade de productos pharmacologicos, tendo sido mais notavel, e abundante o oleo de ricino, ou carrapateiros,

que extraido dos ali cultivados tem sufficientemente provido a botica do hospital, e as da armada e ultramar.

« — O hospital da marinha está no districto da freguezia de Santa Engracia, uma das mais populosas da nossa cidade. Foi erecta esta parochia desannexando-se da de Santo Estevão, por breve de 30 d'agosto de 1568, do pontifice Pio 5.° alcançado por instancias da infanta D. Maria, ultima filha d'elrei D. Manoel, quando morava no campo de Santa Clara. A igreja parochial foi construida por uma finta lançada entre os novos freguezes; mas por occasião do desacato de 1630 (1) creando-se a irmandade do desaggravo, com o titulo de escravos do santissimo sacramento, e que se compoz de fidalgos principaes, quizerão edificar novo e muito mais sumptuoso templo, no mesmo local do antigo, a que derão começo, lançando elrei D. Pedro 2.° a primeira pedra nos alicerces em 1682, mas que nunca se acabou, ficando na linguagem vulgar proverbiaes as obras de *Santa Engracia*, para designarem empresas rasgadamente intentadas, porem nunca concluidas. Por occasião da nova fabrica trasladou-se a freguezia para

(1) O procedimento judicial para se conhecer o auctor deste desacato é realmente extraordinario. Lançarão-se pregões para que ninguem saisse de casa sem nova ordem; e logo os officiaes de justiça começarão a correr todas as casas, inquirindo que pessoas tinhão saido em a noite precedente, para que, e para onde. Certo que não ha modo mais singular de averiguar a verdade! O resultado foi que prenderão um tal Simão Pires Soliz, homem de baixa esphera, por que tendo andado por fóra nessa noite não dera respostas satisfatorias, e sem mais provas de que tão vaga suspeita foi o miseravel condemnado a ser queimado vivo, depois de cortadas as mãos, e effectivamente executado. Atrocissima sentença, que nesse tempo foi censurada, e os nossos escriptores desapprovavão. Dizião, para, fazerem carga ao presupposto réo, que era homem conhecido por turbulento, e de mais a mais christão novo, isto é, judeu convertido. Sobre este successo do roubo das sagradas particulas, que foi perpretado em a noite tempestuosa de 15 de janeiro de 1630 correm algumas tradicções, que reputamos fabulosas.

a ermida de Nossa Senhora do Paraiso, sita dentro dos seus limites, a qual tinha sido ali fundada por um cavalleiro da ordem militar de São-Tiago, por nome Diogo Pereira, sob a expressa condição de nunca passar o dominio desta igreja da irmandade da mesma invocação. Tinha sido benta, em 9 de maio de 1562 pelo bispo de Fez, D. Belchior Beliago. Achava-se porem a parochia, sendo tão populosa, mal accommodada nesta pequena ermida, e por isso, tendo-se supprimido as ordens religiosas, se transferiu para o convento de Nossa Senhora dos Anjos dos padres missionarios, *vulgo* barbadinhos italianos, cujo nome tem a calçada aonde jaz o convento. Como esta casa religiosa, o mosteiro das commendadeiras de Santos, e a ermida do Paraiso tiverão extraordinarias mudanças, as mencionaremos neste logar.

« — A ermida de Nossa Senhora do Paraiso foi primitivamente fundada no destricto da freguezia de Santos o velho, na proximidade do convento dos frades marianos. Depois erigiu-se outra passando para ella a irmandade, no pateo do mosteiro, que chamâmos Santos o Novo, extramuros da cidade; e a final construiu Diogo Pereira, a que ora existe na rua do Paraiso.

« — Os padres capuchinhos italianos entrarão em Portugal, com licença d'elrei D. Pedro, em 1686, destinados ás missões das nossas conquistas: tiverão a primeira casa n'aquella ermida do Paraiso a Santos o Novo; depois D. João 5.° lhes deu, em sitio mais eminente, fóra dos muros da cerca do antigo chão, para nova casa, fundada em 1739, com o auxilio da avultada esmola de cincoenta mil crusados, donativo do mesmo monarcha. E' onde hoje está a parochial de Santa Engracia, servindo de quarteis de tropa o restante da casaria.

« — As religiosas commendadeiras da ordem militar de São Tiago, vierão da villa da Arruda, aonde tinhão casa, em tempo de D. Affonso 3.°, habitar o mosteiro de religiosos, ou freires da mesma ordem, que passárão para

Alcaçar do Sal; mas em 1490 elrei D. João 2.º lhe fundou o convento, onde ora residem, situado extra-muros junto á segunda ermida do Paraiso, de que acima fallámos. A igreja que ficou desoccupada passou em 1566 a ser parochial; e d'aqui vem a denominação desta = *Santos o Velho* = subentendendo-se mosteiro cada casa das commendadeiras = Santos o Novo = distincção de nomes, que n'estes locaes oppostos (pois são quasi nas extremas nascente e poente da cidade) o uzo estabeleceu e até os nossos dias tem conservado.

« — E' difficil perder habitos inveterados, e trocar o nome dos objectos que estamos costumados a nomear com antigas e vulgares designações; e posto que o lapso dos tempos traga comsigo algumas d'essas mudanças, só isso acontece passada longa successão de gerações, quando já se achão apagados os vestigios das cousas, ou inteiramente transtornados. Nas ruas e praças d'esta capital, temos exemplos de um e outro caso. Muitas d'aquellas totalmente desapparecêrão com o grande terramoto, e por consequencia as suas denominações; todavia muitas as conservárão por se abrirem de novo nos mesmos sitios, ou terem sido reparadas. Algumas ha que popularmente se appellidárão conforme o destino que lhes assignalou o decreto de 15 de novembro de 1760, esquecidos os nomes, que pelo mesmo lhe forão dados, e se leem nos rotulos das quinas das mesmas ruas; por exemplo, ordenou-se que na *rua nova d'elrei* se arruassem os mercadores, da classe de capella, e que as lojas que sobejassem fossem destinadas para as de louça da India, chá, e fazendas analogas; d'aqui vem que hoje é geralmente chamada, até em annuncios de periodicos, e n'alguns actos legaes, a *rua dos capellistaz*, sendo estranha a muita gente a outra denominação. Determinou egualmente a lei que a *rua aurea* seria para ourives do ouro, e o restante d'ella para relojoeiros, mas o povo, tradusindo o adjectivo latino, diz sempre em portuguez corrente *rua do ouro*, do mesmo modo que chama *rua da prata á rua bella da rainha*, apon-

tada para as lojas dos ourives, que trabalhão em prata (1) e rua *dos fanqueiros á rua nova da princeza*, desde a sua fundação destinada para os mercadores da classe de fancaria. *A rua augusta*, a central, a das classes de lã e seda, conserva e mantem hoje o seo titulo cesáreo. E, para não multiplicarmos exemplos, citaremos só a rua dos *sapateiros* que todos obstinadamente chamão do Arco do Bandeira, que lá está no topo em um lado do Rocio; verdade é que os mestres d'aquelle officio, ou não tomavão posse, ou desabelhárão, quer collocando os seos estabelecimentos em outros pontos da cidade cumulativamente, quer espalhando-se por toda ella para se não empecerem, e tambem, fallemos com sinceridade, para maior commodo dos fregueses. A rua dos corrieiros, em certo modo foi usurpada pelos albardeiros; talvez que por isso se chame hoje *travessa da palha*.

« — Emfim desde que elrei D. Manuel fundou os magnificos paços da Ribeira, a grande area, ou espaço descoberto contiguo cobrou o nome de *Terreiro do Paço*: destruidos os aposentos reaes pelo terramoto, elrei D. José e o seo afamado e incansavel ministro levantárão as obras que vemos hoje sob um plano, que ainda não está acabado. Os paços ficavão do lado aonde hoje está o arsenal: na moderna construcção fundárão-se no lado do nascente a alfandega, e no torreão da extremidade d'este, da banda do rio, a bolsa, ou praça do commercio, pelo que tal ficou sendo a appelidação d'este vasto ambito, em cujo centro se levanta

(1) Digamos aqui de passagem que n'este ramo industrial da arte de trabalhar em metaes preciosos, ouro e prata (principalmente n'esta por ser de uzo mais geral) os nossos artistas vão a par dos melhores da Europa, e desde tempo mui remoto. Temos em obra, que a arte chamão *batida* artefactos com que envergonhar estrangeiros, e sempre as nossas manufacturas, n'este genero, tiverão valor mui distincto nos mercados de fóra, podendo, alem disso, vangloriar-se Portugal que nenhuma nação possue prata melhor, e mais bem trabalhada. A obra vasada desempenha-se como nos outros paizes. Alguma vez se nos offerecerá occasião de fallar mais d'espaço, e com provas manifestas, sobre esta materia.

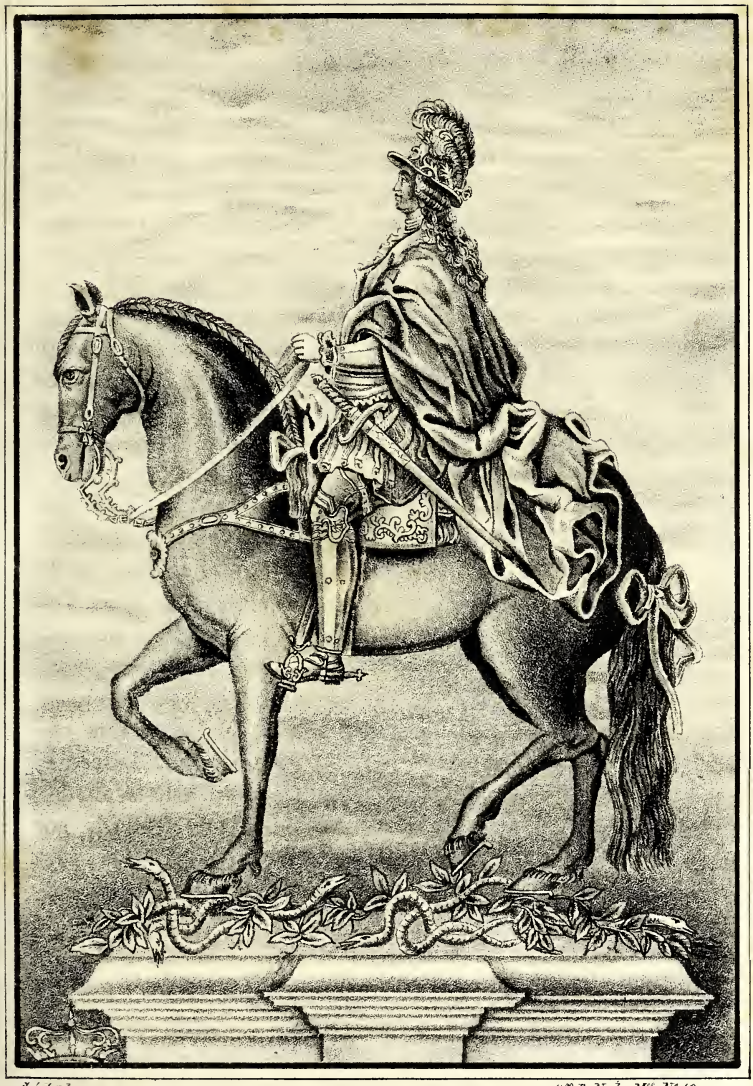
como testimunho de gloria e gratidão o monumento equestre d'elrei D. José. Mas nem por isso deixa de chamar-se Terreiro do Paço a praça, que, por tantas razões se deve intitular do *Commercio*, podendo mais a tradição, para assim dizermos, ainda recente, do que o testimunho dos olhos, que nos desenganão mostrando-nos os letreiros, e o trafico mercantil quotidiano, que tendo por vehiculo o Tejo, n'esta paragem vem depositar as mercadorias, ou recebel-as.

« — A situação da praça do Commercio, concorre para que seja, com effeito, uma das mais bellas da Europa: o Tejo forma o lado do sul, consentindo qne no espaçoso caes central, que tem serventia por tres commodas rampas, atraquem as embarcações menores, defronte fundeão alterasos navios; o movimento encontrado da navegação dos botes e barcos de descarga, ou transporte, desfructa-se completamente dos parapeitos e assentos, que guarnecem o rio, bem como do caes, semi-circular vasto, e de transito livre; nem a actividade commercial embaraça o curiozo espectador, nem este tolhe aquella. A companhia da navegação por barcos de vapor no Tejo e Sado construiu um caes seguro de madeira, na parte occidental da mesma margem; e para tudo ha amplissimo campo: a alfandega á ilharga do torreão da bolsa tem outro caes, que é obra ao mesmo tempo solida e elegante, e de que por ora não tractâmos, porque esta e as mais repartições publicas serão objecto de um artigo especial.

« — Na superficie de toda a praça contão-se 875 palmos na largura, isto é, de nascente a poente, e 804 ditos de comprimento de norte a sul, ou desde a entrada da rua augusta até o caes magnifico fronteiro da estatua. Os outros tres lados da praça são formados pelas frontarias dos edificios publicos, uniformes e regulares. Constão de uma estensissima arcada de cantaria, por baixo da qual ha passeios tão largos como ruas, dando-se a circunstancia de entrarem desempedidamente carruagens na parte opposta ao Tejo, comprehendida entre as ruas *Aurea e Augusta*, e entre

esta e a da *Prata*, ou a da *Princesa*, aonde a serventia nas embocaduras está quazi ao nivel das calçadas. Sobro estas arcadas correm em perfeito alinhamento dois andares com suas janellas dispostas em symetria, acabando n'uma balaustrada como varanda no ourelado telhado.

« — A praça é um rectangulo de vasta superficie, e proximo aos angulos do lado da terra, ou septentrional desembocão, em frente ao rio, as duas esplendidas ruas *Aurea* ao poente, e da *Prata*, ou da Princesa, ao oriente; no centro d'esta face patentea-se a magestosa *rua Augusta*, com oito braças de largura, e mais de duzentas e cincoenta de comprimento, igualando n'este as outras duas, que são suas paralellas. Nos mesmos angulos vem entrar na praça, oppostas perfeitamente uma á outra, do lado occidental, a rua que vem do largo do Pelourinho, e que é um prolongamento immenso de ruas com diversos nomes, ou uma estrada que leva até ás portas de Alcantara, espaço de meia legoa, e que d'ahi prosegue para a comarca exterior; e do lado oriental a rua que começa com o nome de Ribeira Velha, e não fica inferior á antecedente na desmesurada estensão, considerando-se como outra identica estrada, formando ambas o maior comprimento da cidade. As duas grandes faces, que com estas ultimas fazem quina vem rematar em dois soberbos torreões de cantaria; o do nascente, onde é a bolsa, ou praça dos negociantes, está acabado, mas sem a cupula que o deve rematar; tem entrada por debaixo da arcada, uma porta para a praça, e outra para o rio, ornadas cada uma de duas columnas da ordem dorica, que sustentão a varanda da janella principal; o seo igual, ao poente, acha-se hoje muito adiantado, e quasi a concluir-se; todavia, a altura com as cupulas até á grimpa deve ser, segundo o risco, de 292 palmos. Falta para complemento da praça o sumptuoso arco projectade, sobre a bocca da rua Augusta, marmoreo todo; vendo-se já assentadas seis estupendas columnas de ordem composita, inteiriças e com quarenta palmos de altura, por cima do arco



Sa.ª lith. Off.ª R.N. dos M.ºs N.º 12

Estatua Equestre d'El Rei D. Jozé

assignala o risco primitivo uma torre de relogio, que é provavel nunca venha a edificar-se.

« — No centro de tão magestosa praça foi inaugurada a estatua de D. José I — Sobe-se por seis degraus de pedra a um plano de 72 palmos de comprimento por 62 de largura, sobre o qual assenta um sócco de doze palmos de alto, 38 de comprido e 37 $\frac{1}{2}$ de largo, e nos dois lados oppostos, nascente e poente, sustenta as primorosas obras d'esculptura do insigne Machado, os dous grupos, representados e descriptos a pag. 145 e 201 do 4.° volume do Panorama. D'entre estes se eleva o pedestal, cujas faces planas são para os grupos, e as convexas são para a rua Augusta e para o Tejo: tem este sustentaculo de estatura 32 palmos d'altura, com 27 de comprimento, e 18 de largura. Na frente para o rio, e que realmente é a do monumento, porque a da estatua para ahi está, e porque ahi é o porto, entrada maritima de Lisboa, veem-se esculpidas as armas reaes, e abaixo d'ellas uma moldura oval de cinco palmos na maior altura, da feição de medalha, onde o primeiro ministro d'elrei D. José, o celebre marquez de Pombal, reparador da cidade, e suscitador do monumento mandou collocar a sua effigie em bronze, que, pela morte do monarcha, e decaimento do valido, foi arrancada em abril de 1777 para lhe substituirem outra lamina com as armas do senado da camara da cidade de Lisboa, até que Sua Magestade Imperial, D. Pedro duque de Bragança, de saudosa memoria, mandou por decreto de 10 de Outubro de 1833, cumprido no dia 12, restabelecer no mesmo logar, como agora se vê o retrato do marquez que se conservava no arsenal do exercito.

« — A estatua é equestre, de bronze, fundida de um só jacto..... Concluiremos, dando, segundo o auctor a explicação da allegoria de baixo relevo, isto é da sua invenção poetica. E' o objecto principal a *generosidade regia*, virtude personalisada na figura de uma donzela com as vestes e insignias reaes, e na attitude de descer do solio, co-

mo para acudir a remediar a lamentavel catastrophe da capital destruida pelo terramoto: ao lado tem um leão, symbolo da mesma virtude. Outra figura femenina, a *Cidade de Lisboa*, é facilmente conhecida pelo escudo de suas armas, isto é, o navio com os dois corvos á popa e á proa; vê-se cahida, e em deliquio, para significar o desastre que soffrêra: o *governo da republica*, trajado como os guerreiros antigos, a está amparando com a dextra; a esta trava do braço esquerdo o *amor da virtude* representado n'um menino aligero, coroado de grinaldas de louro, que o guia perante o throno, para expor os intentos e sollicitar os meios de progredir na reparação da cidade, ao que a generosidade régia benignaménte defere. *O commercio*, abrindo os seos cofres franquêa as suas riquezas; e com effeito fez-se a alfandega, e continuárão as obras publicas mediante o donativo offerecido pela classe commercial. Posteriores a esta figura, que tem aos lados a cegonha e duas mós, que são seos symbolos, vemos mais duas figuras representando a architectura, que mostra a planta da cidade, e a *providencia humana*, que se distingue pela coroa de espigas de trigo, e pelo leme e uma chave na mão esquerda: vem ambas concorrer com sua pericia e direcção a levantar Lisboa do meio das ruinas em que jazia sepultada.

« — Temos visto o quanto se esmerou o esculptor Machado, para que o monumento que aformosea a praça do commercio fosse digno do monarcha a quem o dedicavão, e da nação a cujas expensas se erigio: incumbe-nos agora o fazermos menção, com o devido louvor, do tenente general Bartholomeu da Costa, que dirigia as repartições do arsenal do exercito. Foi este habil engenheiro encarregado da fundição da estatua, e conseguiu desempenhar tão difficil tarefa. com tal acerto, que o mais feliz exito premiou a sua intelligencia e desvelada applicação. Se a estatua fosse composta de muitas peças, fundidas separadamente, e depois soldadas entre si, muito diminuto, comparativamente, seria o merecimento de Bartholomeu da Costa; mas sendo

ella inteiriça. e fundida de um só jacto, de muita capacidade mental, de muitos conhecimentos scientificos, e ao mesmo tempo de sobeja resolução, temperada de prudencia, era revestido o seo engenho, para sair prosperamente de tão arriscada empresa. Se observâmos trabalho e as precauções que se empregão para o bom resultado da fundição de uma peça de artilharia de qualquer calibre, o que não seria preciso para a da estatua, na qual correu liquida para a fôrma a massa enorme de 653 ½ quintaes de bronze derretido? — Bemlogrou-se o complemento da obra, ficando a imagem colossal de D. José I, perfeita e acabada por tal fôrma, que o proprio estatuario diz a respeito de Costa o seguinte: — « . . . . entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu proferir ter o menor logar, porque tenho mais rasões para conhecer o primor com que a fundição exprimiu tudo quanto a esculptura fez — « Um dos objectos de maior ponderação n'este trabalho, é o esqueleto ou a armação de ferro, que fica dentro do bronze, e que deve occupar o seo justo e devido logar; o que bem desempenhou o mencionado engenheiro, construindo por sua invenção um instrumento dimensorio, especie de grande compasso, para tomar as competentes medidas, antes de se forjarem as peças da referida armação, cujo peso total é de 100 quintaes de ferro. Organisado e fixo o esqueleto no fosso aonde a estatua se havia fundir seguiu-se a fazer-se na mesma armação o macho da fôrma, por direcção do mesmo engenheiro, e incrustado o dito macho com as ceras, fez nestas os ultimos reparos o esculptor: vejâmos agora como este explica o ultimo processo. — « Esta manobra de assentar as ceras no esqueleto contém em si dous objectos; um é o referido assentamento, outro é ir juntamente construido ô *macho ou caroço* que fica dentro da cera, para que o metal não encha todo o vaeuo, mas só o espaço que occupa a cera, o qual a seu tempo, e á força de fogo se faz expellir para o metal ir depois introduzir-se no logar que a cera occupava; e acabado que

foi este trabalho, tornei com os meus operarios a dar os ultimos retoques no meu modelo de cera já encrustada, sobre o predito esqueleto de ferro, e referido macho ou ceroço. Concluido já de todo este modelo, passou da minha administração á do fundidor, para sobre elle se fazer a ultima fôrma, e tanto que se ella acabou, e seccou, se cozeu com bem dirigido fogo. N'este cosimento em que e cera se ia derretendo, ia tambem ao mesmo tempo, saindo da forma por canaes que para isso se lhe deixarão; em cujos vacuos se lhe introduz depois o metal, antes de esfriar a dita fôrmo: para o que se passou immediatamente a derreter o bronze, que assim esteve na sua competente liquefacção se abriu o dique ou forno em que se achava derretido cuja evacuação total foi endicio feliz de se ter inchido a forma com bom successo. » — Decorrido o tempo necessario para se congelar e esfriar o metal, extrairam-se as terras da cova em que a figura se fundira, e desfeita a forma appareceu a estatua como no centro de uma arvore de bronze, por causa das ramificações dos gitos que a circundavão. Passou logo Machado a dirigir o retoque a cinzel, executado por oitenta e tres artistas do arsenal do exercito, e da officina de marmores da Praça do Commercio, trabalho em que se gastarão 63 dias.

« A 20 de maio de 1775 foi suspensa a estatua do fosso em que a fundirão e retocarão, construindo-se para a levantar, sob a direcção do tenente general Costa, uma machina similhante á que, para igual effeito serviu em Paris de erguer a estatua equestre de Luiz XV, mas com mais uma circumstancia vantajosa; isto é: na maquina franceza só havia movimento de andar para diante; e Bartholomeu da Costa deu á sua o movimento de ladear em angulo recto para poder sair a figura da casa, pertencente á fundição da artilharia, em que estava, e collocar-se no carro de transporte, sobre o qual ficou assente no dia immediato, começando a sair para o logar do seu destino no dia 22 de maio. Na conducção se gastarão tres dias e meios consecutivos, o

que foi causa dos ralhos e motejos dos ignorantes impacientes, contra o architecto das obras publicas, Raynaldo Manoel dos Santos, incumbido dos transportes, porque não conhecendo elles os obstaculos e a complicação da manobra, pensavão que o mesmo era sair aquella ingente molle da casa da fundição do que estar em poucas horas levantada sob o seu elevado pedestal. Sempre a quem ignora as difficuldades pareceram faceis as empresas! Não sabião tambem, que sendo o peso da estatua de Luiz XV muito menor, que o da estatua de D. José I consumiu no seu transito o mesmo espaço de tempo por igual estensão do caminho. A referida estatua em Pariz não tem mais de vinte e quatro palmos, e a nossa tem trinta e um: a saber; até o ultimo contorno da cimeira do capacete, fóra as plumas, contam-se 27 $\frac{7}{10}$, e com o dito ornato de plumagem completa os 31 e um palmos.

« — No transporte puchavão os cordões muitos trabalhadores aceadamente vestidos, que fasião o trabalho, mas, por maior consideração tambem pegavam nos mesmos cordões a corporação da casa dos vinte e quatro, precedida do juiz do povo e muitas pessoas distinctas da repartição das obras publicas. A collocação da estatua sobre o pedastal foi encarregada a João dos Santos, sota-patrão-mor da ribeira das naus; e a este respeito copiaremos de livro de Machado o seguinte § do capitulo X: — « Quem vê as estampas da machina ou andaime, que se construiu em Paris, para elevar, e collocar no pedestal a estatua de Luiz XV, acha que ella, sem duvida, parece mais artificiosa (por menos commum) que a de que usou o patrão-mor; porem esta alem de ter sido ainda menos arriscada, e muito mais segura que a de Paris, foi tambem muito mais economica; porque na franceza, na sua construcção, forçosamente se havião cortar muitas madeiras, em cujos cortes é inevitavel o desperdicio; e o patrão-mor construiu uma cábria de varios mastros, que tirou do arsenal da Marinha, cujos mastros, cadernaes, moutões, cordames etc., tudo tornou para

o mesmo arsenal, sem perder-se cousa alguma. « A' vista do innumeravel concurso de povo, estando ricamente armadas as tres faces da Praça do Commercio, e tendo a côrte, para fazer mais lusido o espectaculo, dispendido avultadas quantias, foi suspensa e assentada na sua base permanente, a colossal estatua, com geral satisfação e applauso. Observa-se n'esta bella obra das artes, estatuaria, efusoría, uma particularidade, que a distingue de muitas identicas, e que deu logar a que fosse montuoso o plintho ou base. Parece á primeira vista, que a rasão desta escabrosidade, e de apparecerem as silvas e serpentes por toda ella espalhadas será uma allegoria allusiva aos obstaculos, torpeços, e vicios que o monarcha venceu, calcou, e reprimiu, assim na reedificação da capital, como no bom regimen do estado; mas não houve só esta rasão apparente. Machado artificiosnmente quiz encobrir com os collos das serpes, e o emmaranhado do silvedo, a vigota de ferro que sae do pé esquerdo do cavallo, e é um dos pontos de segurança, que em outras estatuas fica patente desde o pé, que está como no ar, em forma de mover-se até á base, pôsto que os gravadores nas estampas de taes estatuas não indiquem essas vigotas para que os cavallos não pareçam aleijados. O talento do nosso esculptor soube remidear esse defeito. — »

Arsenal do exercito (1) — O arsenal do exercito portuguez em Lisboa á beira do Tejo, na parte mais oriental da cidade, não é um edificio que dentro de um só recinto comprehenda todas as officinas do fabrico de armas e equipamentos do trem de artilheria, e de outros objectos militares. Damos o prospecto da entrada d'aquella parte do arsenal, sita á margem do rio; chamão-lhe vulgarmente a fundição para o distinguir do estabelecimento de instrucções maritimas com os seos respectivos armazens e arrecadações a que o vulgo tem exclusivamente consignado o nome de

(1) Extracto do Panorama, tomo 7.° pag. 2.
(O Traductor.)

arsenal, e que occupa o assento do antigo paço dos nossos reis. Porém a verdadeira fundição dita de *cima*, onde se fundem as peças d'artilharia, é contigua ao palacio destinado para a residencia do inspector, em terreno muito mais elevado, e com serventias ingremes, fronteiro ao templo incompleto de Santa Engracia, no campo de Santa Clara; e no extremo deste campo, ao nascente, quasi ao pé do palacio do exm.° sr. conde de Lavradio estão collocadas as ferrarias, e os depositos de reparos e petrechos concernentes á arma de artilharia; é esta uma parte integrante do arsenal, como tambem o é, a mais distancia, o Laboratorio de fogos de artificio a Santa Apolonia, e immediatamente sobranceiro ao Tejo. Vê-se que é um corpo com os membros dispersos; o que sem duvida foi devido ás differentes epochas da edificação de cada uma das partes avulsas que o compõe, e que nascerão da necessidade de occorrer providentemente ao fornecimento do exercito depois que este começou a ser permanente e regular: não se quizerão perder os trabalhos já feitos, e como o terreno adjacente não dava largas, crearam-se pelas visinhanças os estabelecimentos complementares. A fachada da *fundição de baixo* olha para o poente, tendo guarnecida a avenida pelo lado da terra com o apparato bellico de numerosas peças de artilheria; as columnas da entrada são da ordem corinthia; tropheus militares a coroão, tudo de bem lavrada cantaria: o risco é de um architecto, M. Larre, que provavelmente o seria de todo o edificio, construido em 1760, pelas ordens do esclarecido ministro, marquez de Pombal: interiormente, ao rez do chão ha a entrada para os vastos armazens, que constituem o primeiro deposito, segundo o regulamento vigente do 1.° de julho de 1834: o pavimento destes é inferior ao nivel da rua comprehendida entre a parede externa do edificio, e a cortina lateral do Tejo; erão escacissimos de claridade, porque rematavão no elevado socalco que sustenta os pateos interiores e muitas officinas, que tem serventia pela calçada que costeia o edificio da parte da ter-

ra, em altura muito superior á entrada geral, visinha ao rio, e por consequencia aos mesmos armazens: quando alli foi inspector o sr. coronel A. J. da Silva Leão fez desaparecer este grande defeito, abrindo-se uma especie de saguão, resguardado convenientemente pelo socalco, e por um forte paredão que forma as costas dos armazens, e lhes dá toda a segurança, facilitando-lhes luz e ventilação.

« — No lado do norte da fachada estão a secretaria, contadoria, archivo e outras secções civís da inspecção geral do arsenal, occupando o andar superior e correspondente ao outro lanço do sul: este membro que completa a frente do sul, é uma bellissima e espaçosa salla sobre os armazens já mencionados, contendo o armamento de cavallaria; o topo é da banda do rio; e ahi collocarão o retrato em corpo inteiro da Nossa Augusta Rainha, A Senhora Dona Maria II, devido ao pincel do habil professor da academia de bellas, artes o sr. Joaquim Raphael; as pinturas que aformoseão este salão magnifico, bem como o tecto da entrada sãa ordinariamente attribuidos aos nomeados artistas Pedro Alexandrino de Carvalho, e Cyrillo Wolkmar Machado; mas este ultimo no seu livro intitulado — *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos etc.* — diz expressamente o seguinte (a pag. 123) Bruno José do Valle. . . . . Competia com Pedro Alexandrino, e até aos annos de 1762 davão-lhe a preferencia, porque no tecto da escada da fundição, o Pedro e o Berardo (1) fizerão nos quatro lados as quatro partes do mundo, e elle fez o grande quadro do meio. Continuou depois com a casa das pistolas, aonde coloriu outros paineis allegoricos » — Lemos na mesma obra, a pag. 195 que — Feli-

(1) Berardo Pereira Pegado pintou os paineis de Santo Estevão d'Alfama; com elle aprendeu Pedro Alexandrino: e diz o pintor Taborda na memoria que juntou ás suas *regras de pintura* que consiste a maior gloria de Berardo em ter deitado aquelle discipulo.

ciano Narciso, que pintava optimamente architecturas e ornatos, desenhou e dirigiu (depois do terramoto) os ornamentos no grande tecto da casa das pistolas na fundição, os quaes forão executados por elle mesmo, por Antonio Caetano da Silva, Antonio dos Santos Joaquim, e por outros: José Carvalho Rosa pintou as flores — Quando pintou o grande tecto na fundição estava já muito convulso, o que, não obstante, distingue-se o seu toque de ouro de todos os mais pela limpeza, elegancia e perfeição com que é feito. » — Taes são as breves noticias que podêmos achar dos artistas que desempenharão trabalhos mais acabados nas obras dos edificios do arsenal do exercito; temos, porem, na esculptura de mencionar devidamente ainda mais dois.

« — Da salla de que acabamos de fallar se passa successivamente para outras, que, igualmente com grandes janellas rasgadas para a rua, formão o lanço paralello ao rio até o portão, em frente do caes que serve para receber, ou expedir os objectos, que entrão ou saem do estabelecimento, transportados por agua. Estas quatro sallas teem em seus bem dispostos cabides, collocados com elegancia, ordem, e aceio, as armas brancas e de fogo, geralmente de serviço na infanteria: e assim como na primeira, a distancias regulares se acham bacamartes, nestas se encontrão esmerilhões, e outras bôcas de fogo de longo alcance, mas sem uso na guerra: muitas armas, como espadas, terçados etc. estão ordenados de espaço a espaço á maneira de vistosos tropheus bellicos: diversas figuras postas em symetria, nomeadamente no principal salão, symbolisão as armaduras da idade média. As estatuas allegoricas de Marte e Vulcano, e outras, e os bustos dos nossos maiores guerreiros na India forão feitos por Francisco Antonio, bom esculptor em madeira e metaes, que falleceu no fim do seculo passado, e a quem succedeu como esculptor da fundição João José d'Aguiar, que tambem depois trabalhou em marmore, e fez, além disso a esculptura em bronze das banquetas que no arsenal se fundirão para a basilica de Mafra. Bem desejavamos po-

der ampliar mais estas noticias; mas circumscrevendo-nos por agora ás que adquirimos, esperaremos que se nos apresentem outras mais copiosas, principalmente relativas ás obras feitas no arsenal, e aos seos artistas benemer tos em quaesquer epochas.

« — João Baptista de Castro, apesar de ser contemporaneo da edificação do arsenal, apenas consagra a esta repartição mui poucas linhas (no mappa de Portugal, parte 4.ª pag. 378 da edição de 4.°) que nada adiantão, salvo o mencionar os nomes dos tres officiaes militares que por então governavão o estabelecimento, sendo um delles francez, cuja actividade este auctor muito elogia, bem como o zelo dos que lhe succederão. — Parece-nos opportuno mencionar aqui um pensamento que senão realizou. Jacome Ratton, nas suas *Recordações* pag. 136 diz, que organisára um projecto para uma nova fabrica de armas, e no mesmo tempo de obras grossas e finas, de ferro, aço, e cobre, e que o apresentára ao ministro d'estado, visconde de Balsemão. Consistia o plano de Ratton na formação de uma companhia de accionistas com o capital de 300 contos de réis, a qual erigiria os necessarios edificios em um local junto á bacia e porto de São Martinho, para haver facil transporte por mar, quer das manufacturas para Lisboa, quer do carvão de pedra de Buarcos, que devia ser o combustivel empregado para as machinas movidas a vapor, ainda que houvesse outros motores por agua corrente: o dito local proporcionava igualmente a condução pouco dispendiosa das lenhas e madeiras do pinhal de elrei, que fossem necessarias. A companhia sob a protecção do governo devia ser administrada unicamente por uma direcção composta de accionistas, e eleita pela assemblea geral destes. Porém este alvitre foi regeitado = talvez, (diz o citado J. Ratton) porque nelle entrava o mosteiro d'Alcobaça, como um dos principaes accionistas, visto que era de grande proveito aos coutos do dito mosteiro, tanto em consumo de generos, como em augmento de população. » =

« — Entendemos, porém, que o arsenal do exercito não só é uma fabrica, a qual póde produzir grandes vantagens, quando fornecida de materias primas; mas tambem é uma escola dos officios mechanicos, muitos dos quaes se podem intitular artes, como, por exemplo, o de *abridor de metaes*, o de *fabricante de instrumentos bellicos*, e *de instrumentos mathematicos etc.* — Convem que este nucleo, quaesquer que sejão os apuros da fazenda publica, subsista no melhor estado possivel, para a todo o tempo se lhe dar desenvolvimento e maior amplitude, ao que persuadem mui ponderosas rasões de conveniencia economica e politica, que não é do nosso instituto referir, porém mui claras para toda a gente sensata. Assim o entendeu a benemerita commissão, que, de ordem régia, redigiu o projecto de reforma e regulamento provisorio do arsenal, mandado observar por decreto do 1.° de julho de 1834..... Citaremos, por conclusão os recentissimos aperfeiçoamentos introdusidos nos fechos fulminantes das armas de fogo portateis, e o invento do martelo de percussão para as peças de artilheria de que deu recentissima noticia a folho official do governo, e fallaram com o devido elogio muitos outros periodicos, que nos dispensão de tratar aqui materia mui estranha á nossa profissão — Tambem nos abstemos de falar na famosa peça de artilharia dita *o tiro de Diu*, e no molde da estatua equestre, porque já o fizemos n'outros logares. — »

Casa Pia de Lisboa. = Não poderiamos hoje dar por concluida a relação que nos proposemos dar, senão additassemos algumas informações ácerca de um dos mais beneficos estabelecimentos existentes n'esta capital, ao qual foi cedido o mosteiro de Belem por decreto de 28 de Setembro de 1833, e que actualmente occupa. Presamos a opportunidade de fallar da Casa Pia, que, destinada principalmente ao amparo e educação dos orphãos desvalidos, é dos institutos devidos á illustração moderna. Aos annos de 1780 remonta apenas a sua origem, quando foi estabelecida no castello de São Jorge. Tendo sido abolida pelos invasores francezes foi

restaurada no convento do Desterro em 1811, aonde esteve até á ultima mencionada transferencia. Encarregado n'esta ultima epocha o sr. Antonio Maria Conceiro da administração da Casa Pia, tractou logo de fazer apropriar o antigo convento ao seo novo destino, evitando, comtudo, que se fizessem n'elle mais deturpações, antes procurando reparar, ou disfarçar quanto possivel, algumas já existentes. Fez desmanchar varios frontaes e tabiques modernos, conservando os n'um só lanço no claustro inferior, e em todos no andar de cima (cuja cantaria está infelizmente toda caiada) por serem assim necessarios para o arranjo dos dormitorios, ou camaratas dos alumnos, mandou fazer alguns rasgamentos no interior, e esmerou-se em que os encanamentos se aperfeiçoassem e houvesse no edificio agoas bem repartidas e com abundancia; e preparava-se a receber maior numero de alumnos, quando o decreto ultimo para a reorganisação do estabelecimento fixou em mil o numero dos orphãos, comprehendendo quatrocentos do sexo feminino. Depois, em 15 de fevereiro de 1834, foi annexado a este o instituto dos surdos-mudos, que antes regia no logar da Luz o philantropico sueco, o coronel Borg, falecido depois dos acontecimentos de 1833, na occasião em que ia d'esta capital como parlametorio ao duque de Cadaval. A administração da Casa Pia foi em 1836 confiada ao defuncto J. F. P. Bastos, e depois passou á commissão administrativa a cargo da qual ainda subsiste.

« — Em todos estes ultimos mezes o numero dos alumnos tem sido de quinhentos e vinte e tantos, dos quaes metade menores de doze annos — entrando porém n'aquelle numero, além dos orphãos, uns treze surdos-mudos, e quarenta alumnos pensionistas. — O numero dos orphãos tem orçado por trezentos e oitenta, contando seis surdos-mudos, sendo d'aquelle numero, metade maiores de quinze annos. — Estão os alumnos divididos em seis collegios, além do dos mudos, e as orphãs em nove. — Ensina-se áquelles não só a ler e escrever, mas, conforme as aptidões, o desenho, a

musica, as linguas, e até passam d'alli ás escholas superiores, como a polytechnica e a de cirurgia; porém o maior numero dedicam-se aos officios de sapateiro, alfayate, tecelão, samblador, carpinteiro, latoeiro etc. — A's orphãs ensina-se, segundo as suas propensões, além das primeiras letras (e alguma musica e desenho) os trabalhos do seu sexo, como, fiar, fazer meia, coser, bordar, lavar, engomar, tecer, cosinhar etc., e os officios de alfayate e sapateiro. — Nas officinas só são admittidos a aprender os alumnos internos, porém as aulas são publicas, e sujeitas as cadeiras de latim, latinidade, grego e philosophia, á direcção geral dos estudos, bem como o é a de ensino mutuo, cuja casa d'aula feita de novo, proximo ao lanço do claustro, que fica para o norte, póde admittir quinhentos alumnos. — Tem 152 palmos de comprido e 45 de largo, com sete janellas para cada lado do nascente e poente, e uma tribuna de tres arcos sobre a porta, em toda a largura, do lado da entrada. — Passa por uma das melhores deste genero.

« — Quanto ás officinas, é nellas que se fazem quasi todas as obras da casa. Os tecelões fabricam não só os pannos d'algodão, riscado para os vestidos e cobertas de cama, toalhas de mesa dos orphãos de um e outro sexo, como até os objectos para a venda. O calçado dos orphãos tambem não vae fóra a fazer, nem a concertar, e a roupa toda é lavada pelas orphãs. — As officinas de latoeiro, ferreiro, e serralheiro tem por sua conta toda a obra necessaria á illuminação da cidade. — A comida é a mesma para um e outro sexo; tem almoço jantar e cêa; e regula-se pôr 72 réis o gasto diario de cada alumno. — Muito deve a casa em economia ao desinteressado zelo dos illustres membros da actual commissão administrativa, e á probidade e cuidado do actual director.

« — Não entraremos em mais particularidades. — Aproveitámos o ensencial para dar idéa de um dos estabelecimentos de educação mais regulares do paiz, do qual muita

vantagem se poderia colher, insistindo-se antes em promover e aperfeiçoar o ensino das cousas em qne este reino se acha atrasado, em comparação das outras nações europeas. Uma eschola agricola e florestal tão sómente na parte pratica teria todo o logar, tendo o edificio tão boa cerca para se exercitarem. Aqui se poderiam crear bons caseiros, que com os primeiros rudimentos das letras, e destes conhecimentos especiaes se espalhariam com vantagem pelas provincias. Os officios de encadernador e entalhador, ainda que demasiado communs em Portugal, podiam tambem d'alli receber um reforço ao seu aperfeiçoamento. — A gravura de madeira conviria talvez introduzir-se. — Para as orphãs ha quem diga que devera a educação ser menos mimosa do que é: — tem-se observado que com raridade se tira d'ahi uma boa creada de servir. Tambem lembraremos a respeito dos alumnos, tanto orphãos, como educandos á sua custa, o pouco cuidado que se tem dado á gymnastica — muito principalmente á natação, estando o mar tão perto, e sendo até serviço tão conveniente para a saude e aceio, e até muitas vezes para a vida. São estas nossas lembranças nascidas dos bons desejos; e não de que deixemos de reconhecer vantagens na educação que se dá neste estabelecimento, ainda para os que fossem destinados a mais elevadas funcções; e pela nossa parte não duvidâmos recommendar a muitos paes de familias que não se pejem de fazer aqui educar como pensionistas os seos filhos, no que ganharão sobre os outros collegios em economia, e a quasi todos levarão vantagem de ser a educação menos vaidosa, e mais propria para o homem que hade entrar no tormentoso pelago do mundo, sem outros recursos alem da sua actividade; afim de que não se veja completamente estranho aos primeiros contratempos e revezes da sorte, como quasi sempre succede aos que educados até aos 14 annos em mestras de meninas, passam d'ahi á tutela de um pedagogo que, para guiar a pensão pecuniaria os amima e perde, fazendo-lhes todas as vontades. A educação em commum leva a vantagem de dar aos

alumnos uma primeira idéa do que são os homens, este mundo, e a sociedade. » —

Lisboa, tal como a vemos depois de reedificada, tem perto de duas legoas de comprido, com fórma quasi semicircular. Não póde já reivindicar o titulo de cidade das sete collinas, como outr'ora acontecia, pela excellente razão de que agora já contém maior numero de montes em recinto muito indeterminado (1).

O pinturesco aspecto de Lisboa tem sido por mil vezes descripto: não augmentaremos por isso as descripções. Algumas palavras que abundão em concisão e encanto, provindas de uma penna inteiramente poetica, dirão mais a respeito de tão bella cidade que a maior parte dos viajantes. Depois de ter descripto o magnifico panorama que apresenta este amphi-theatro, expressa-se do seguinte modo o auctor do compendio intitulado — *Nas margens do Tejo* — Os edificios de Lisboa tem uma brancura que o fumo raramente altera. Os seos palacios de brilhantes paredes, reflectem como espelhos ardentes, o esplendor do seu formoso ceo; tem terrados e mirantes que parecem levantados entre moutes de loureiros, de agigantado buxo, e de outras arvores de vecejante verdura; aformoseam-lhes as tapadas os mais lindos *pomares* — nome que se dá ás plantações de laranjas, e de limoeiros, arvores encantadoras, que muitas vezes enxertam. Algumas casas tem as frontarias pintadas de azul e branco. » — Convindo em que se o bom gosto reprova algumas vezes o ornato dos asulejos; nem por isso, diz o nosso auctor, deixem de agradar pela novidade.

Divide-se esta capital nos seis bairros, *Alfama*, *Mouraria*, *Rocio*, *Bairro-Alto*, *Santa Catharina*, e *Belem*.

O geographo, Urcullu, cujos modernos calculos sobre esta grande cidade, merecem conceito, apresenta algumas

(1) Destas collinas é mais elevada a denominada *Monte do Castello*, que tem 347 pés francezes, segundo os calculos de Mr. Franzini.

estatisticas que aqui reprodusiremos. Lisboa, diz elle, conta 351 ruas de primeira ordem; 215 ruas pequenas, e travessas; 156 calçadas; 119 becos sem saida; 12 praças grandes, e 48 de menor extensão. Contém 34 fontes, e mais de 2,000 candieiros.

Os mappas que accompanhão a lei de 8 de outubro de 1836, elevão a povoação de Lisboa a 220,000 almas, com 46,520 fogos. Mas por indagações maís dignas de credito postoque fundadas nas mesmas bazes, diz M. Urcullu que póde avaliar-se a povoação d'aquella capital em 265,000 almas. Estes calculos, releva dizel-o, são apenas aproximados, e não assentão, até 1840, em recenseamento algum official. Nem todos convem no augumento por nós marcado desde o anno de 1821, em que Balbi escreveu. M. Cesar Famin, escriptor bem informado, cujos optimos escriptos temos á vista, acha probabilidade no calculo de 260,000 almas; todavia observa judiciosamente «— que parece concluir-se dos mappas comparados dos principaes objectos de consumo de Lisboa em diversas epochas, que a povoação de Lisboa não tem augmentado nem diminuido» Segundo a judiciosa observação do mesmo auctor, não era possivel crescer, depois de acontecimentos taes, como a separação do Brazil, a guerra civil, a emigração que a ella se seguiu, a colera morbus, a ruina de antigas fortunas, e ainda outras circumstancias provenientes de causas identicas.

Em 1841 havia em Lisboa quasi 22,000 estrangeiros; comprehendendo 18,000 hespanhoes (1) 1,200 fran-

(1) Ninguem ignora que os hespanhoes de que tractâmos são quazi todos *gallegos*. Tudo é arbitrario quanto se tem dito sobre o numero d'esta gente, por isso que os calculos varião de 40 a 60,000 almas. Resulta de um extracto, ultimamente feito com muito cuidado, que só em Lisboa ha 18,000 hespanhoes (Cesar Famin, ms. citado). Quem tiver lido as descripções feitas á cerca de Lisboa sabe que os gallegos só exercitão a profissão de aguadeiros, moços de recados, e carregadores de fretes. Erão antigamente bem quistos pela sua severa probidade. A duradoura anarchia, e a guerra civil, que assolou a Hespanha parece terem muito desgraçadamen-

ceses, 1,000 inglezes, e 1,800 individuos pertencentes a outras nações, como brazileiros, alemães, italianos etc.

Lisboa está situada quasi no mesmo gráu de latitude de Messina e Villa da Praia de Victória, na ilha Terceira (1) Esta numerosa povoação, que augmentará ainda mais, acha na doçura do clima, e na constancia das estações a compensação de alguns dias de calor verdadeiramente tropicaes. A temperatura média de Lisboa é calculada por Franzini em 16.° 5 centrig. (quasi 60 de Fahrenheit, ou 13.° 5 de Reamur) O vento do norte domina ali no verão, mudando frequentemente para o nordeste. O inverno é quasi sempre tão pouco vigoroso, que se assinalarão os annos de 1815, 1829, e 1836 por haver n'elles cahido muita neve. Em Lisboa não se conhecem estações fixas; e desde a segunda semana de fevereiro, veem-se em geral florescer os damasqueiros, pecegueiros, e cereigeiras.

« — Em algumas das cousas creadas poz Deus certas disposições (2) que as fazem aptas a dominar, e lhe dão um certo imperio sobre as outras da mesma especie, como o sol que pela dignidade da sua luz, e pelo poder que tem de alumiar as outras estrellas, é como rei d'ellas: e no homem, que é uma semi-chama do mundo, como diz Platão no Timéo, pelo que os antigos lhe chamarão mundo pequeno, tambem ha partes em tão particulares disposições, que parece que as fez Deus para dominar as outras, como a cabeça aonde nos poz a razão, que domina as mais partes da alma, e a respeito do corpo tem o mais eminente logar; pelo que (como diz Platão) é principe de todos os outros membros, e temos n'ella os olhos, que são guia de todas

te influido no costume e caracter d'estes montanhezes. A severa economia dos gallegos faz em que Lisboa pague annualmente á Galiza dois milhões de francos.

(1) 38° 43' de lat., e 90° 45 de long.

(2) Extraido *Do sitio de Lisboa, sua grandeza e povoação*, por Luiz Mendes de Vasconcellos. Lisboa 1786 — pag. 7.

(O Traductor.)

as nossas acções; e assim pelo beneficio que d'elles recebemos, e pela sua particular virtude, que parece mais espiritual potencia, que sentido corporal, tem uma certa excellencia, com que ficão superiores ás demais partes do corpo. E considerando os filosophos e geographos a esta similhança o mundo; fazem do oriente a mão direita, do occidente a esquerda, e do polo arctico a cabeça; e a este respeito a Europa está na parte superior, prendendo ás mais como cabeça de todas; pelo que os geographos d'ella começão a descripção d'este corpo do mar e terra, como a principal parte d'elle: e assim Estrabo dá principio á particular descripção da sua geographia, dizendo que se deve começar de Europa, porque excede ás mais partes do mundo. E separando Europa d'ellas, e que assim a considerão a fazem similhante a um Dragão, segundo a situação das suas partes, do qual a Hespanha é a cabeça, e n'ella está Lisboa, no logar dos olhos, mas tambem no effeito se lhe devê a mesma similhança; porque assim como os olhos são como portas, ou janellas da alma por onde tem noticia das cousas sensiveis, esta nobilissima cidade está na foz do Tejo, e mettendo elle as suas agoas no mar oceano, é a sua foz como porta a toda a Hespanha, e a toda a Europa, por onde recebem as nações d'ella noticia de muitas cousas, que n'este grandissimo mar até nossos tempos estiverão escondidas, e assim por ella entrou a noticia e conhecimento de muitos portos, ilhas, promontorios, reinos, provincias, e nações de que se não sabia. Pelo que, assim pela collocação do sitio, como pelas mais disposições, deve esta cidade ser preferida a todas as outras da Europa, e pelo conseguinte a todas as do mundo; e assim a ella mais do que a todas convem fazer grandes conquistas, e ter o imperio de grandissimas provincias. E é cousa clara, que os sitios da terra a respeito das partes do mundo, e de si mesmo são uns mais aptos que outros, para estar n'elles a cabeça do imperio; porque a disposição que tem de poder mandar com facilidade a diversas partes grandes exércitos, e poderosas armadas,

a respeito do mundo lhe dá este preferencia, e a respeito de si mesmo, a saude do clima e dos ares, a fertilidade dos campos, a segurança do sitio forte, a natureza dos homens, a frequentação do commercio. Porque á cidade que não estiver em sitio commodo para mandar a diversas partes os seos exercitos e armadas, não pode senhorear estrangeiras nações, como deve fazer a que fôr cabeça do imperio: e como não póde uma cidade chegar a esta grandeza sem lhe ser necessario sustentar copiosissimo povo, tambem o sitio, que não tiver as commodidades para isso necessarias, nunca será capaz d'ella; e ainda que tenha tudo isto se lhe faltar a natural disposição dos homens, apta a vencer, e governar, não poderá alcançar esta dignidade, e se a alcançar não a conservará muito tempo, para o que tambem lhe é necessario ser o sitio forte por natureza e arte, como em seo logar direi. Considerando todas estas cousas, julgarão os antigos romanos, que só tres sitios, tirando o de Roma havião no mundo capases de poder sustentar o imperio, os quaes erão como se vê na oração que Cicero fez ao povo contra Rolo, sobre a lei agraria, Carthago, Corintho, e Capua; e depois no tempo de Constantino, se entendeu o mesmo de Constantinopla, porque, como diz Zozimo, temos Constantino determinado de não viver em Roma, e buscando um sitio capaz do seo grande imperio, deixando os fundamentos que tinha já lançado junto do antigo Hion veiu edificar a grande e nobilissima cidade de Constantinopla, que perdeu d'ali por diante o antigo nome de Bisancio. E se assim é que a collocação de sitio, e as mais qualidades e disposições necessarias para sustentar uma grande cidade, a faz capaz de ser cabeça do imperio; qual cidade teve, ou tem o mundo, o que a isto mais convenha, que Lisboa? E considerando-a com as cidades referidas, que os antigos tinham para capazes do imperio, deverá ser mais clara a verdade desta minha opinião. De dous modos se considerão, como disse, os sitios capazes desta grandeza, ou a respeito do mundo, ou de si mesmo. A respeito do mundo

consideraremos se Lisboa tem mais commodidades, que as cidades referidas, para ter o commercio de mais nações, e mais ricas, e para mandar as suas armadas e exercito a todas as partes do mundo; e a respeito de si mesma, se é mais sã e habitada de homens de melhor natureza, mais provida das cousas necessarias á vida, e mais apta a se defender, sendo-lhe necessario, como foi muitas vezes a todas estas cidades, que tenho dito.

« — Considerando a cidade de Lisboa, a respeito das partes do mundo, nenhuma das referidas lhe faz vantagem, e não errará quem affirmar que a todas excede, porque ella está situada no mais occidental da Europa, tendo diante de si o grande oceano, o qual entrando pela terra faz uma larga enseada que termina no cabo de Finis Terræ, pela parte do norte, e pelo meio dia no de São Vicente, ficando estes dous promontorios como duas balisas da sua grandeza, mostrando com a larga porta que abrem ao mar e que toda a abundancia do mundo deve entrar por ella. No meio desta enseada acaba o Tejo seu curso, e a duas legoas da foz delle está Lisboa, da qual saindo para o meio-dia se póde correr com muita facilidade toda a costa de Africa que banha o mar Athlantico, e embocando pelo estreito do Mediterraneo todo aquelle mar, e da parte do norte em brevissimo tempo se navega toda a costa de França, Bretanha, Flandres, e Alemanha, e as mais ilhas deste mar, e defronte della está a terra novamente descoberta, tão rica como o mundo todo sabe; e alargando a navegação, que mar, que porto, que costa ha em toda a Africa, e Asia, que não naveguem os navios de Lisboa, tendo os mais delles chegado a nossa armada, com prosperas successos? E ajuntando a esta facilidade de navegação o seguro e capacissimo porto, a innumeravel gente, que ha nesta cidade, e a muita que concorre a ella de todas as partes, é tão frequentada dos mercadores, que por seos commodos e proveitos navegão de umas partes em outras, que não sei de nenhuma de tanto commercio e trato. E se quizer mandar exercito por terra a al-

guma das provincias visinhas, a qual dellas o mandará; aonde com a armada do mar o não possa seguir? Que é uma grande segurança, e a maior commodidade que póde ter um exercito de terra ser favorecido das commodidades do mar. Vejâmos agora se alguma das terras que os antigos consideravão capazes do imperio, tem, ou teve esta facilidade de navegar para todas as partes do mundo, e tanto commercio. E começando por Carthago, esta cidade na provincia Zeugitana, que propriamente se chama Africa, segundo Plinio, assentada como diz Strabo no seio que o mar faz entre os promontorios d'Apollo e Mercurio, e o mesmo sitio lhe dá Plinio. Podião navegar as armadas desta cidade o mediterraneo, mas não o oceano, porque não tinha porto capaz de grandes embarcações. E tirando a cidade de Carthago, não havia outra cousa n'aquella provincia, que obrigasse os estrangeiros ao trafego da mercancia, por ser toda a gente dos seus confins rustica e pobre, vivendo as Numidas em tendas sem logar certo; e assim podia ter pouco mais commercio, que o dos seus naturaes, nem podião commerciar nella as grandes nações do oceano. Roma está em Italia, no antigo Lacio, dezesseis milhas da Foz do Tibre. O seu porto tem pouco mais commodidade que o de Carthago, porque não póde receber muitas, nem grandes embarcações; e por isso, como diz Plutarco, determinava Cezar de metter o Aniene e o Tibre, depois que sáe de Roma, em uma profunda cava, e leval-os assim até Terracina, onde entrando no mar, davão commodidade e segurança aos mercadores. O seu territorio é pouco habitado e assim como deixou de ser assento dos imperadores, diminuiu muito a sua grandeza, por onde se vê que do sitio lhe não podia vir, porque tivera tão opportunas commodidades, como Lisboa, quando como ella cresce, não crescera sustentára-se no estado em que os imperaderes a deixárão, não lhe impedindo o damno, que de algumas barbaras nações recebeu; e se agora não tivera a côrte do summo pontifice: redusira-sa a uma pequena povoação, e nem com ter em si esta

côrte, é hoje muito grande; mas em Lisboa (como se verá continuando esta pratica) só o sitio é causa de crescer em fabricas e grandeza. Cápua está na provincia de Campania deseseis milhas da cidade de Napoles, que é um dos portos que lhe ficão mais perto, e como em si não tem nenhum, nem os visinhos são muito capazes nesta parte, não póde vir em comparação com os sitios, a que não falta esta commodidade de portos de mar, sem a qual é impossivel crescer nenhuma cidade em potencia e grandeza; porque, como diz Xenofonte: mais facilmente se póde ganhar principado por mar, que por terra. Corintho teve belissimo sitio e digno de um grande imperio; mas não faz vantagem ao de Lisboa, antes lhe cede em muitas coisas. He cidade da provincia, a que os antigos chamaram Achaia, e agora chamamos Moréa, assentada no isthmo, ficando-lhe nas costas toda a provincia de que ella é chave e defesa. Tem dous portos de uma e outra parte do isthmo: um a que Strabo chama Chenchrea, dista della setenta estadíos, o qual serve para o commercio de Asia; e ao outro que estava pegado á cidade chama Lechaeum, do qual se navega para Italia. E assim n'aquelles mezes não podia haver melhor sitio para o commercio como para as armadas, que para Grecia, Asia e Italia quizessem mandar.....

« — Lisboa pelo contrario não só está livre de todas as cousas que a podiam fazer de ruins ares, mas é de tão excellente natureza o ar, que cobre todo o seu territorio que os rios delle, a terra, e mais agoas devem ser de tão saudavel natureza, como a terra de Pelesine, que diz Plinio que sára todas as feridas. E assim de todo o territorio de Lisboa parece que da terra, fontes, e rios respirão suavissimos vapores, amigos da natureza humana; porque é cousa certissima, que a benignidade dos ares deste sitio, não só é por naturesa deleitosa pelo seu temperamento, mas de grandissimo proveito para algumas doenças, como se vê nos quartanarios, que adoecendo em outras partes, sárão muitos, vindo a Lisboa. E é clara prova do benigno tempera-

mento della, ver que em todo o seu territorio no verão se não foge da calma, nem no inverno se busca para o frio, muita defensão; no que parece que a salubridade do ar livra do damno que estes dous tempos com o seu rigor em toda a parte fázem. E não é menos prova disto produzir a terra do seu termo quando as outras seccas e nuas apparecem, não só diversidade de arvores salutiferas que em todos os tempos se vendem na feira das terças feiras, mas raras e boninas, sem nenhum artificio humano. E assim parece que Deus creou esta terra, para ter o imperio do mundo; pois a perservou de tudo o que lhe podia fazer damno, e lhe deu tudo o que a podia engrandecer. E isto se vê deixando as mais cousas, que nos seus logares se tratarão, na separação que o grande rio que rega os seus alicerces, faz della, e da terra da outra parte; por que sendo neeessario á grandesa de Lisboa, que não fosse muito habitada a terra que lhe fica defronte (como a seu logar se dirá) fel-a Deus de ruins agoas e peiores ares, cheia de pâues e amargosas, e areaes estereis; e porque os vapores desta parte não chegassem a Lisboa, poz este rio no meio, tão largo que não é possivel serem-lhe nocivos; porque no mais largo é de tres legoas, e no mais estreito, aonde é uma, não ha da outra pâues, nem alagoas, de que possam sair grossos vapores. E tambem para este intento não é de pouca consideração parecer que recopilou Deus no seu districto todo o mundo; porque todo elle está repartido em partes frias, que são as zonas que fazem os circulos polares e quentes, que é quanto abraça a torrida, e em temperados, que é o que fica entre os dois tropicos, e os dous circulos polares: o mesmo recopilou Deus neste pequeno districto de Lisboa, pondo a cinco legoas della a maravilhosa Cintra, aonde no verão é necessario abrigar do frio, como em outras partes no inverno, e da outra parte do rio é o sul tão quente que o podem mal sofrer as pessoas que não estão habituadas a isso, e no meio destes dous extrêmos fez uma zona temperada, aonde poz Lisboa, mostrando n'isto que assim como

Lisboa é cabeça deste districto, similhante ás partes do mundo, assim o deve ser de todo elle. . . . . .

« = Querendo Vitruvio mostrar qual é a melhor agua, diz ha algumas fontes quentes, das quaes sae agua tão suave no beber que se não deseja a das fontes camenas, nem a corrente Marcia. Desta qualidade é a agua de Lisboa, de que commumente se bebe, correndo copiosamente antiga fonte, a que chamamos chafariz de elrei; porque quando sae traz uma suave quentura gostosa, e proveitosa a quem bebe, e é claro argumento da sua perfeita naturesa, que sendo ordinario fazerem catarro as agoas não costumadas, nunca desta se queixou nenhuma pessoa que de novo viesse a Lisboa; e é cousa provavel que se ha fontes (como diz Vetruvio) de tal propriedade, que fazem maravilhosa voz para cantar aos que nascem no logar, e que dellas bebem (como diz que erão as fontes de Tharso, Magnesia, Zama) que esta de Lisboa tenha a mesma propriedade, pois ordinariamente os naturaes desta cidade tem boas vozes; e sendo ella de suave temperatura, antes quente que fria, é cousa clara ser proveitosa para o peito; e assim não errará que ella é causa das boas vozes que em Lisboa docemente ouvimos cantar. E tambem dos bons carões que conservam as mulheres, pelo que as que limpa e curiosameute se tractão, a mandão levar fóra da cidade muitas legoas. E do mesmo modo por todo o seu territorio ha fontes, rios, e poços de bonissimas agoas, e algumas com particulares propriedades para beneficio de algumas doenças, como a Fonte da Pipa, cuja agoa aproveita aos doentes de pedra, e a da Pimenteira, que se busca para os doentes de febres. E assim tambem a respeito desta parte, não são superiores a Lisboa as outras cidades aptas ao imperio; porque a fonte Marcia, que diz Plinio que foi um dos dons que Deos concedeu a Roma, não é da melhor agoa que as que tenho dito de Lisboa. . . Considerando deste modo Lisboa a especie do seu nascimento é a melhor que póde ser, sendo o pão de trigo, mantimento de todo o mundo aprovadissimo em bondade, gosto,

e substancia; tem copia grandissima de vinhas, que a provêm de muito vinho, bebida muito substancial, e por tal estimada de todas as nações, differente da cerveja, que bebem os do norte, e do vinho de Palma e de Malabar. As carnes são de carneiro, vacca e porco. As aves são, galinhas, perús, pombos, adens, patos: das caças tem abundancia de perdizes, coelhos, lebres, adens, e patos bravos, veados, e porcos monteses, ainda que não são communs, por respeito das coutadas: de pescados tem, com muita abundancia todos as que estão em caso de servir para sustento dos homens, e fructas e hortaliças, mais que em alguma outra parte do mundo; e olivaes como em outras partes, bosques de arvores silvestres, pelo que não usam nella manteiga em logar d'azeite, corrompedora dos estomagos, como usão as nações do norte e em parte de França e Lombardia.

« — E considerando a bondade de todas as cousas em si acharemos um manifesto argumento da salubridade d'este sitio e territerio, porque a boa terra, boa agua e bom clima crião bons pastos aos animaes, e elles com os bons pastos se fazem mais sãos, e de melhor nutrimento, e por isso (como diz Vitruvio) quando os antigos romanos querião alojar algum exercito, ou fabricar algum castello, fazião primeiro sacrificio das ovelhas, que n'aquella parte pastavão, achando, pela experiencia, que em muitas fazião, que tinhão o figado, e mais membros interiores sãos, e de boa naturesa, tendo-o por clarissimo signal de boa qualidade dos pastos, agoa, clima, alojavão ou fabricavão n'aquelle sitio, e quando achavão esta experiencia ao contrario buscavão outro. E assim quando por outras razões não tiverem provado a bondade do clima do territorio de Lisboa pelos animaes, que n'elle pastão, ficará bem clara a bondade d'elle, por que havendo-os em todo este reino, geralmente, de muito bom nutrimento, os do termo de Lisboa fazem tanta vantagem a todos os outros, que não ha pessoa de quem não seja conhecida. Do mesmo modo todas as cousas que aqui produz a terra para sustento dos viventes, são com muita

vantagem superiores geralmente na bondade ás de qualquer outra parte. Porque quem veiu jamais a esta cidade, que não conhecesse esta differença? a qual não podia deixar de ser assim, e pelo conseguinte resultar pelos bons mantimentos muita saude a todos os que habitarem Lisboa, porque tendo ella o temperamento que dissemos, estando debaixo de temperadissimo ceo, e benignissimo signo, o seo terreno hade produzir perfeitissimos pastos aos animaes, e elles com bons pastos crião boas e substanciaes carnes, e com as d'esta qualidade se sustentão com saude os corpos humanos. . . . .

« — De fóra vem a Lisboa o trigo do Alemtejo que é o melhor que sabemos; e se o que trazem os estrangeiros não é tão bom para a gente que com elle se sustenta, e como para a mimosa e nobre o do Alemtejo; as carnes vem as mais do Alemtejo, e muita da Beira, que não são peiores, e na bondade do trigo do Alemtejo se prova a das suas carnes, pois devem ser creados com bonissimos pastos; porque a terra, que produz bom trigo não deve crear ruim erva; e os fructos que a terra do Alemtejo produz são tambem prova d'isto, sendo todos de maravilhosa substancia; porque ao vinho nenhum excede, ainda que seja o signino, que Estrabo tanto gaba, e o azeite (se não é melhor) é tão bom como o de Valença; e assim por todas estas rasões a cidade de Lisboa é alimentada dos melhores mantimentos que tem o mundo. . . . Esta é uma das rasões com que os doutos na arte militar approvão, para alojar o exercito, as meias ladeiras, porque, chovendo, se alimpão os alojamentos. Lisboa tem todas estas commodidades, porque está junto não de um pequeno rio, mas de um mar, que tacha o Tejo na sua foz, e assim nunca lhe podem deitar tantas immundicies que fazem damno; e como esta cidade cobre as ladeiras dos montes do seo sitio, quando chove fica a maior parte d'ella, não só limpa, mas lavada, e chegando ao baixo as impetuosas correntes, entrão por largos conductos, que para esse effeito ha nos logares convenientes. E d'este

modo não ha cousa que impida ao ceo influir na cidade de Lisboa a benigna virtude com que n'ella predomina. E assim da terra e do ceo, em suave correspondencia, recebe este sitio uma extremada salubridade, com a qual, sustentando o seo povo em boa disposição, é mais apta a sustentar o peso do imperio, que outra alguma cidade. Parece-vos que temos bem provada a saude do sitio de Lisboa, ou falta outra cousa que se deva accrescentar ao que temos dito?....

« — Lisboa não só tem o commercio da India, mas o de todo o mundo, que n'ella commerceão todas as nações do grande oceano e do mediterraneo; a ella vem as preciosas cousas da China; as aromaticas de Maluco e Ceilão, e a rica pedraria da India, e o ambar de todas as partes d'onde o mar deita, o marfim de Angola, o ebano de Moçambique, o assucar do Brazil, as hollandas de Flandres, os pannos de Inglaterra, os vidros de Veneza, as têlas de ouro de Milão, as sedas de Napoles e Sicilia, as caixas de Florença, e, emfim, que cousa de estima e preço ha em todas as provincias do mundo, que não venha a Lisboa em tanta abundancia, que ordinariamente ha no rio e porto d'ella uma grandissima copia de navios estrangeiros, com os da propria terra, qne por toda a Africa, Asia, e Novo Mundo se espalhão. E sendo Italia de tanto commercio maritimo, por ser quasi toda cercada do mediterraneo e Adriatico, ouvi já affirmar a pessoas que bem o sabião que em todos os portos d'ella junctos não ha tantos navios naturaes e estrangeiros como no porto de Lisboa. E não é grande maravilha, porque se aconteceu já entrarem n'elle em uma maré dusentos navios de mercancia, e muitas vezes, cento, setenta, e cincoenta, e d'aqui para baixo ha poucos dias em que não entrem e saião navios carregados. E assim qual outra cidade tem o commercio de Lisboa, nem mais abundancia das cousas que de fóra veem ás cidades? Um estrangeiro notou em prova d'isto, que não ha nenhuma nação cujos naturaes vindo a Lisboa não achem da sua propria ter-

ra, ou visinhos. E que toda esta grandesa de commercio proceda do sitio com duas rasões de prova: uma é que todas as terras que até agora forão grandes no mundo, tiverão a sua grandesa pela industria dos principes; porque Babilonia, de quem tratâmos, a edificação de Semiramis, a sua presença e fabricos a fizerão grande; porque tendo Semiramis o imperio de todas aquellas partes, de necessidade havião concorrer na sua côrte todas aquellas grandes nações, e a fortalesa dos muros de Babilonia convidava a a habitar, vivendo-se n'ella com segurança: e a grandesa com que Semiramis a edificou a obrigou a procurar e povoa-la, para que tivessem quem os defendesse, que o grande recinto muitos defensores ha mister. E assim que Selecus Nicanor mudou a sua côrte para Selencia, de todo se acabou a grandesa de Babilonia. Thebas do Egypto, chamada cidade do sol foi grandiosa, mas perdeu a sua grandesa, como os reis do Egypto mudarão a sua côrte a Memphis; e a de Memphis se acabou depois que Alexandre edificou Alexandria. E assim todas estas cidades forão grandes, porque os reis as fizerão grandes com a sua presença, e edificios, e do mesmo modo foi Constantinopla, ainda que o sitio é bellissimo que sempre fôra uma pequena cidade, se Constantino a não engrandecêra, e a côrte ottomana a não sustentára; e assim não só a industria d'estes principes fez grandes estas cidades, mas a grandesa dos seos imperios, porque senhoreando grandissimas nações, de força havia de residir muita gente na sua côrte. Mas Lisboa sem nenhumas d'estas cousas se fez grande, e fez cadavez mais: porque não só os reis d'ella a não quizerão com o seo estado engrandecer, mas já ordenarão que não podesse crescer mais; e ser assento dos seos reis tambem a não podia fazer grande, porque só a nação portugueza tinha necessidade da assistencia da sua corte; não sendo elle senhor de outra alguma; e esta não tem mais do que uma pequena parte de Hespanha; nem a segurança dos muros podia obrigar a isso, pois a maior parte d'ella os não tem, e as que tem tão pouco não guardam o

que cercão. E outra razão que prova isto é que não vem estrangeiro nenhum a ella que deseje tornar á sua terra, e assim tem mais de estrangeiros, e dos que d'elles procedem, que de naturaes; e sendo ordinario amarem todos a sua patria é tal a commodidade d'este sitio que os obriga a mudar esta natural affeição. E assim pela commodidade (como disse) é copiosamente provída de todas as cousas preciosas, e de preço; de modo que não tem o mundo, nem teve outra que tanto o fosse, que pelo commercio d'estas cousas tanto se podesse enriquecer.....

« — Vejamos agora se tem estas duas cousas Lisboa: e considerando primeiro a fertilidade de seo terreno, não sei que haja no mundo outro mais fertil; porque não ha terra que melhor produsa o que n'ella se semêa, e planta, nem outro igual districto que sustente tantas povoações e casas. E esta é a maior prova da sua fertilidade; porque qual terra ha no mundo, que tendo os seos campos tão habitados como as cidades, tenha substancia para manter a gente que n'ella, e no seo districto habita? Fertil é Capua, como diz Estrabo, e fertil foi Carthago, como disse o mesmo Apiano Alexandrino, mas os seos campos são quasi desertos, não tendo mais povoações, que algumas necessarias para a cultivação das terras; porque os campos de Africa todos sabemos que são despovoados, e os de Capua tem só aquellas povoações que parece que bastão para cultivar o seo termo. Mas Lisboa não só a cidade em si é grande, e habitada de infinito povo, mas todo o seo districto é tão povoado que se não sáe d'ella para alguma parte que se não caminhem algumas legoas por entre logares, povoações, quintas, e casas, tão habitado tudo, que estão sempre as estradas tão cheias de gente, como as ruas em populosas cidades; e assim respeitando a gente que seo termo sustenta em si, e em a cidade, aonde todos os dias entra innumeravel quantidade de cargas de toda a sorte de mantimentos, claramente se vê que não póde haver outro sitio mais capaz (pela rasão de fertilidade) do Imperio.....

«—O que chamâmos termo de Lisboa, terá pelo mais comprido, que é de Torres até Cascaes e Cintra, dez legoas, e pelo mais largo cinco. Este circuito de terra é tão povoado, como já disse, sendo as estradas principaes quasi uma continuada cidade. E assim parece que quando fôra mui fertil não poderia alcançar a mais que sustentar a muita gente, que n'este limite habita, e não só faz isto, mas é tão grande a quantidade de cargas que entra cada dia em Lisboa, só d'este espaço, de toda esta sorte de mantimentos, que não foi possivel dizer numero certo; porque sendo quatro as estradas principaes por onde vem, que são Enxobregas, Arroios, Andaluz e Alcantara, cada uma d'ellas, principalmente as tres ultimas, a qualquer hora do dia, que por ellas se caminha, se vê a estrada continuadamente accompanhada das cargas que entrão, e das cavalgaduras que saem descarregadas; e já vi tão espessas as que entravão e as que saião, que comparava a estrada á das formigas da eira para o formigueiro, e do formigueiro para a eira, umas carregadas e outras vasias. E não trazem um só provimento; mas todos os que desejâmos para sustento e para regalo; trazendo trigo, cevada, vinho, aseite, hortaliças, fructas de todas as sortes, e de todos os tempos, leite, nata, e manteiga todo o anno, cabritos, coelhos, perdizes, e como um perenne rio, está isto continuamente correndo sem cessar, e todas estas cousas vem com tanta abundancia que não só se vendem nas praças, mas as mais d'ellas pelas portas, o que não ha em nenhuma outra cidade, das que se tem por abundantes; e se esta cidade não fora mais provida que todas, sabendo os que as vendem, que de necessidade as havião de ir comprar á praça, não tomarão o trabalho de as trazer pelas portas, e tomando-o é cousa clara, que a muita abundancia a desconfiaça da venda; e tem rasão para o que só direi o exemplo da fructa de Colares, pequeno logar d'este districto, a qual é tanto que rende a sisa d'ella um conto de réis, que são de principal vinte mil crusados, cousa que parece incrivel; e consideran-

do a este respeito as outras, bem se vê a abundancia que de todas haverá, e pelo conseguinte que d'ella procederá a diligencia da venda. E quem vir só o que ha de Sacavem até Friellas, ao longo do rio, conhecerá que em tudo o que disse da fertilidade do termo de Lisboa, fica outro; pois em só uma parte, tão pequeno distrito tem cousas tão esplendidas, e que melhor provem a fertilidade; porque aqui se vê um deleitoso e util rio navegavel em todo este espaço, que regando de uma parte ferteis montes, de outra faz copiosas marinhas; e pela terra parte de Sacavem ha tantos logares, quintas, vínhas, pomares, e outras ferteis e deleitosas propriedades, que excedem não só a capacidade d'este pequeno districto, mas a de outro muito maior; e considerando isto vejo que não tem tanta o tempo, nem a minha lingua que possa explicar a larguesa com que Deus beneficiou a todo o termo d'esta cidade de Lisboa, pelo que o deixo; mas tambem saindo fôra d'elle, que cousa ha que se compare com os logares de seos campos, que do mesmo modo são povoados e ferteis; e tantos que de Sacavem até á Castanheira, que são quatro legoas, se veem doze logares postos no caminho, ou junto d'elle, e alguns grandes e lustrosos, e todos são abundantes de tudo, que do mesmo modo provem, pelo rio, a cidade de todas as cousas necessarias, tão copiosamente que entrão todos os dias n'ella, só das embarcações do rio, assim d'estes logares, como dos mais que, juncto a elle, estão assentados, sem as que vem de fóra da barra, a roda de cento e cincoenta carregados de mantimentos, e gente, sendo este um manifesto signal da grandesa d'esta cidade; porque o que trazem estas barcas, e tudo o mais que cada dia entra na cidade, se gasta, de sorte que é necessario haver esta continuação para ser bem provida. Pois que diremos dos fertílissimos campos que rega o Tejo, criados por particular providencia de Deus para a grandeza d'esta cidade; pois fôra impossivel sem elles sustentar se, como melhor se verá ainda com a pratica mais por diante, e tractando só

do que convem a este logar, que terra ha no mundo mais fertil?

«— Diz Diodoro de Sicilia, que toda a abundancia da India, que é grande, procede da inundação dos rios. Do mesmo modo estes fertilissimos campos, recebendo em si a agoa das enchentes do Tejo, se fazem tão fecundos, que em sete semanas se semeão e colhem, produsindo o fructo tão copiosamente, que eu sei colher um lavrador, de um moio de trigo, cincoenta.....

«— Dissémos que haviamos considerar a amenidade e deleitosa naturesa do sitio de Lisboa em geral, e em particular. Para um sitio ser perfeitamente deleitoso hade ter tres cousas: ser agradavel á vista, de suave temperamento para o corpo, e ter commodidade dos exercicios deleitosos. A respeito do sitio, isto é, em geral, e em particular hade ser apto para haver nelle particulares recreações, como são jardins e quintas retiradas, e sumptuosos e grandes conventos, illustres por fabrica, alegres por naturesa, e perfeitos na vida para recreação dos animos pios e devotos. E' necessario que o sitio seja alegre á vista, porque o artesano, o official de justiça e os ministros maiores, que se pódem apartar da communicação da cidade, possam com dar um passeio, pôr-se em algum logar eminente, recrear o animo, aliviando-o com a alegre vista, do trabalho de seus exercicios, para tornarem a elles com novo alento, em beneficio commum, como o homem que leva algum grande peso, que, descançando um pouco cobra forças para chegar com elle ao determinado fim. Os antigos entenderam bem quão necessario era ver recrear os animos dos que governão, e do povo, pois como se vê em muitos logares de Tito-Livio e Plutarco, para esse fim os romanos fazião os seus espectaculos, a que assistia o senado, edificando para isso nobilissimas fabricas, como ainda se vê nas ruinas de Coliseu; mas quando do mesmo sitio se póde alcançar este beneficio, tendo na vista delle uma doce recreação do animo, muitas destas cousas se podem escapar. Isto concedeu

a divina Providencia ao sitio de Lisboa sobre todos os do mundo, se o de Contantinopla pela similhança não é igual a elle. Cobre Lisboa ou outeiros e valles que já dissemos, com as fabricas das casas e templos, dando com isto grande commodidade de alegre vista, aos mais de seus moradores, porque das mais casas, estando edificadas nas ladeiras e cumes dos montes se vê grande parte da cidade e do seu rio, e de outras juntamente com algumas hortas; porque está de sorte assentada esta cidade, que saindo della alguns braços novamente povoados abração entre si amenissimos vales, plantados de hortas, que todo o anno alegram a vista, variando em diversos tempos do anno, a verde hortaliça com que os praticos agricultores cobrem a sua terra. E assim da maior parte das casas se vê uma grande machina de unidos edificios, ou junto com isto o mar, ou verdes hortas; e se estas vistas são alegres julgue-o quem as gosa. E as casas que estão chegadas ao mar, de modo que dellas se vêem distinctamente as grandes e pequenas embarcações umas amarradas, e outras navegando, que Coliseu, que circulo e que theatro se lhe póde comparar? Pois não só tem esta varia vista, mas estendendo-a mais sobre as espaçosas agoas do rio estão vendo da outra parte resplandecer entre os horisontes da manhã, e raios da tarde do sol, as brancas casas das quintas e logares nella edificados. E não só gosam desta alegre e formosa visita aquelles a quem coube por sorte viver em casas d'onde a tenham, mas todos os homens que vem a esta cidade podem gosar della, indo passear aos outeiros de Nossa Senhora da Graça, do Carmo, do Castello, de Santa Catharina, das Chagas, que de todas estas partes se veem algumas das cousas referidas; e de algumas todas: são logares communs a que todos livremente podem ir. E aquelles que se recrearem de passear em grandes e espaçosas praças, tem a do Rocio, que se não sabe em outra cidade de outra tamanha cercada, de nobres casas, e grandes templos; e o Terreiro do Paço, que tenho por maior, medindo dos paços até aos contos, o qual tendo pela parte

da terra estas illustres e reaes fabricas dos contos, tem pela do mar ordinariamente tantos navios postos com as proas em terra, e outros amarrados no mar, que os mastros e entenas, parecem um grande bosque de espessas arvores. Pois o passeio de São Roque até descobrir a Boa-Vista, não póde ser cousa mais agradavel vendo, depois que se sáe dos moinhos do vento, de uma parte a valle da Nunciada cheio de hortas, e illustres casas até Andaluzes e da outra a Boa Vista, e todo o seu mar até fóra da barra, e os de caminho de Belém e Enxobregas, ha a quem os quizer mais largos, que cidade tem outras mais alegres nem com melhores fins? Acabando um no sumptuosissimo e real convento de Belem, digno enterro dos nossos reis, e outro na devota e santa casa da Madre de Deus, e no religioso convento de São Francisco. E o passeio do mar não é inferior a nenhum das referidas: porque olhando para a terra se vé, não sem admiração, a grande cidade que se levanta sobre as ladeiras que olhão para aquella parte, e para o innumeravel quantidade de navios e barcas, fazendo outra grandissima cidade naval. E para que tudo seja sempre alegre, depois que o sol apparece sobre o nosso horisonte, até que (como fingem os poetas) mette o seu carro nas agoas do oceano, não deixa de espalhar os seus raios por cima de toda a cidade, com o que a faz muito mais alegre e deleitosa a vista. Do temperamento que é como dizemos uma das cousas que fazem os sitios deleitosos, está dito o que basta para se ver que tem Lisboa o mais suave do mundo, não havendo nenhum tempo em que o muito frio, ou muita calma impidão gosarem-se as honestas recreações della. Dissemos tambem que o sitio geralmente deleitoso havia de ter commodidade para deleitosos exercicios: estes a respeito do sitio o são só dois, o da caça e pescarias, e o de exercitar a destresa dos bens doutrinados cavallos, porque ha terras que não tem caça, ou se a tem é de modo que se não póde gosar della, ou não é deleitosa e nobre, e outras com difficuldade contêm um cavallo, como Genova e outras que de ne-

nhum modo o consentem, como Veneza sendo uma gentil recreação da nobresa e generoso exercicio de adestrar e exercitar os cavallos, de que Lisboa tem grande commodidade, assim nas praças que dissemos do Rocio e do paço, como na praia de Belém, e nos belissimos campos de Alvalade, que são outras grandissimas praças estando cercadas de nobres casas, hortas, e jardins, e assim não falta esta commodidade a Lisboa. De caça e pescado é abundantissima, porque além da caça, que tem desta parte do río, de perdizes, lebres, coelhos e adens, da outra parte está a charneca, offerecendo larguissimamente todas estas caças; e se a das lebres não é nella tão geral por respeito do mato, a dos coelhos e perdizes se póde exercitar em toda, se ha muitos logares tambem fóra das coitadas, aonde não faltão veados e porcos, e em algumas paragens, della são tantas as adens que dizem os que continuão esta caça que não tem logar pela brevidade com que os tiros se lhe offerecem, de carregar a escopeta. Pois da pescaria, quem não vê a grande commodidade que nos offerece este rio, e o mar desta costa, aonde me dizem que é cousa de grande recreação ir pescar com linhas nos dias de bom tempo; porque, pondo as barcas em paragem, que os pescadores tem marcado pela terra, ficando sobre penedos, que estão no fundo do mar, é mui grande a quantidade de peixe que tomão, e a pressa com que picão, e não tirão pardelhas ou saramagos, senão salmonetes, pescadas, pargos, e outros pescados similhantes. . . .

« — Não dissestes a formosura d'Almeirim de inverno, e da frescura de Cintra de verão, e a facilidade com que a estas partes se váe, podendo ir em bergantins pelo rio até Almeirim, vendo as praias e campos deste nosso río, de uma e outra parte tão deleitosos á vista, como experimentão os que fazem este caminho, pois pela parte de Lisboa se vão sempre vendo logares, quintas, pomares, e vinhas, que, pelas meias ladeiras, que caem no Tejo, estão espalhadas, fazendo mais formosa vista, da que representão os

paineis de boas paisagens, e da outra parte os estendidos e ferteis campos que o Tejo rega, e os paços e logar de Salvaterra, que offerecem agradavel repouso a sua altesa, e aos que o acompanhão. E chegando a Almeirim que cousa ha que se compare com os seus arneiros, onde por mais agoa que chova nunca ha lama, cobertos sempre de verde, e miuda herva, onde a caça de toda a sorte é tanta que se não póde desejar mais. Pois que direi de Cintra aonde no mez de Agosto se não sente calma, e póde sua altesa sair á caça a toda a hora, indo sempre entre amenissimos bosques de castanheiros, aveleiras, e medronheiros regadas de varias fontes, e regatos d'agoa clara e fria. Não creio que nunca nenhum poeta fabulosamente fingisse em Paphos logar mais deleitoso que o de Cintra, aonde a frescura dos arvoredos, a claresa das fontes, a suavidade das fructas, a commodidade da caça, e a salubridade do ár é mais do que se póde imaginar. E assim me parece que por excellencia do sitio trouxe a benigna sorte a esta coutada veados dos mais brancos que os arminhos, para que até na côr dos animaes se conheça a puresa do clima, e ares deste sitio. E assim fazia-se offensa a Almeirim e Cintra em deixar de dizer as particulares disposições com que a soberana naturesa adornou estes dois logares para recreação dos nossos reis, e da nobresa deste reino....

« — Direi outras recreações que tem Cintra dignas de grande consideração, pois nella por santidade e asperesa de vida está o melhor do mundo neste nosso tempo, e por novidade, frescura, e bellesa de conventos, nenhuma outra lhe faz vantagem; por que aonde ha outro mosteiro como o dos Capuchos, mettido todo dentro de uma lapa, com todas as officinas cavadas na pedra della, cujas cellas são tão pequenas, que se não póde entrar nellas senão de lado, nem estar dentro em pé, e tudo o mais, e a vida dos religiosos delle é correspondente a esta asperesa da habitação; e os conventos de Nossa Senhora da Pena, e Penalonga, ainda que no mundo ha outros maiores, tem estes

algumas particularidades em que a todos fazem vantagem: — a Pena na estranhesa do sitio, e formusura da vista, estando no cume de um altissimo monte, e na ponta de uma rocha donde vê todos os navios que entrão no porto de Lisboa; e na riquesa e perfeita esculptura do retabulo, sendo todo de pedra admiravelmente lavrado; e Penalonga na frescura das fontes e jardins, compostos para a recreação dos nossos reis, e alguns por sua traça: e assim neste circuito de Cintra está tudo o que para recreação se póde desejar, em tanta perfeição, que excede ao entendimento humano, não lhe faltando tambem particulares quintas deleitosas e frescas, e todo o caminho até Lisboa, que é de cinco legoas, ou venhamos por Oeiras, ou por Bemfica, está povoado dellas, e de logares, de sorte que todo é uma continua recreação; e chegando mais perto da cidade, para onde se podem estender os olhos, que não sejão tudo jardins, quintas, e logares, cheio tudo de bonissimas agoas, e saborosas fructas, e de nobilissimos conventos, como é o de Bemfica, o de Nossa Senhora da Luz, aonde se vêem muitos milagres, pelos meritos da Virgem Nossa Senhora, que ali appareceo; e o de Odivellas, digno de grande admiração, por que não creio que tenha o mundo outro de mais religiosas, tendo entre servidoras e freiras mais de 400 mulheres, nove frades, e muitos servidores de fóra; do qual se contão algumas grandesas, muito notaveis, que deixo, por serem sabidas de todos; mas a excellencia da sua musica, não póde deixar de se celebrar em todo o tempo e occasião; por que em bondade de vozes, e multidão de musicas, em destresa da arte, e em suavidade de instrumentos não creio que se lhe iguale neuhuma capella de nenhum grande principe; por que tem sessenta mulheres que todas cantão mui destramente, e as mais tem bellissimas vozes, tangem na estante tres baixões, tocão muitas dellas tecla, harpa, violas de arco, e a violinha particularmente; e assim quem quizer ver um retrato da gloria, e queira recrear-se com deleite desta contemplação, indo

um dia de festa a Odivellas, na musica do seu côro tem a maior commodidade para isso, que ha em nenhuma outra parte do mundo. O mesmo ha, ainda que não com tanta perfeição nos outros mosteiros da cidade, de freiras, e de frades; e assim como tinhamos dito não falta ao sitio de Lisboa nenhuma honesta e deleitosa recreação, assim para todos os moradores della, como para os particulares: mas para se poder gosar dellas é necessario, como dissémos que o sitio da cidade seja seguro para que com animo quieto, se possuão as recreações e mais bens, que este sitio nos offerece, que é a ultima cousa desta nossa recreação pratica. — »

A hygiene publica tem feito grandes progressos em Lisboa, posto que ainda muito deixe a desejar. Já se observa grande melhoramento na limpesa das ruas, e nas precauções que demanda a salubridade interna. Nota-se, principalmente, este melhoramento em certos bairros da cidade alta. As ruas estão mal calçadas, e pelos documentos que temos á vista, quasi se mallograrão os esforças feitos, ha quatro annos por um francez, para introdusir nesta capital o uso do asphalto. A despesa total com a illuminação, empedramento, e limpesa das ruas, sobe, pelo calculo de M. Famin, a 750,000 francos.

Os alimentos são em Lisboa um tanto escaços, especialmente para o povo. Com tudo, o mar fornece peixe excellente e em abundancia, e com particularidade sardinhas, que é o sustento ordinario da gente de infima classe. Ha a este respeito um caso notavel ultimamente verificado. — « O habitante de Lisboa consome apenas 36 onças de pão, ao passo que os mappas feitos na capital de França demonstrão que o parisiense gasta 48 onças (1). — Quanto á car-

(1) O milho tem em Portugal grande consumo, menor em Lisboa que nos campos. Aqui apresentamos, guiados por M. Famin, o mappa dos cereaes consumidos n'aquella capital, no anno de 1839.

ne calcula-se que o habitante de Lisboa consome annualmente 24 ou 26 kilogrammas della o que excede 62 kilogrammas por cabeça á que consome o povo parisiense. — »

O bacalháu tem grande consumo em Portugal: a quantidade que de Lisboa se exporta delle todos os annos sobe de 80 a 90 quintaes, o que representa o valor de quasi dois milhões de francos.

Sendo o vinho o mais rico e fecundo ramo da industrià portugueza, não deixa por isso de ser bastantemente caro. São disto causa a falta de communicações, o subido preço dos jornaes, e o atrazo da agricultura. O vinho commum de Lisboa vende-se nos suburbios a 40 e 50 centecimos a garrafa.

O vinho do Porto, e o dos Açores custa de 1 até 3 francos. O habitante de París bebe n'um anno de 112 a 113 litres de vinho, em quanto que o de Lisboa apenas delle consome 45 litres. Accrescentemos a isto, continua o escriptor que nos dá estas noticias, o estar o chá muito em uso em Lisboa, e até entre a gente pobre. Muitos creados, por exemplo, estipulão, antes de se assoldadarem, que se lhes ha de dár chá ao menos uma vez por dia.

Navegação e commercio do porto de Lisboa em 1839.

Estão sempre ancoradas no porto de Lisboa uns 100 navios mercantes; sendo 30 portuguezes, 30 inglezes, e 40 de diversas nações. A navegação deste porto no anno de 1839 foi de 1892 embarcações, que derão 60,545 toneladas. Entrão neste numero 310 embarcações inglezas, com 35,270 toneladas; 273 portuguezas, com 32,057 ditas, e apenas 17 francezas, com 1814 toneladas.

	hectolitres.
Trigo	417,204
Cevada	43,370
Milho	30,580
Centeio	6,292

O commercio maritimo durante o mesmo anno foi o seguinte:

Importações.....	francos	59;062,503
Exportações.....	»	12;767,683
Total do giro commercial.....	»	71;830,186

As importações excederão as exportações na quantia de 46,294,820 francos. E' a sua usual proporção quasi sempre de 100:22.

Occupâmos o quinto logar na lista das nações que mercadejão com Portugal.

Importámos.....	francos	3,469,699	Total.
Exportámos.....	»	1,258,936	4,728,635
Excederão a importações	»	2,210,763	

A nossa maior importação comprehende, debaixo do titulo collectivo de diversas fabricas, productos da industria parisiense, como cristaes, quinquilharia de luxo, perfumarias etc., subindo a sua importancia a francos 1,423,450 (1).

Os tecidos d'algodão figurão em segunda escála, na importancia de 540,408 francos, e os metaes lavrados pela de 323,900.

As sedas, que no anno de 1838 se importarão no valor de 910,000 francos, em 1839 só figuram na quantia de 180,000 francos. Releva dar o motivo de tamanha differença.

Em primeiro logar as importações de 1837, excederão o termo médio da dos precedentes annos, porque se fizera grande provimento dellas antes de se pôr em vigor a nova pauta.

(1) Cumpre observar que em 1716 as nossas importações em Portugal subirão a 748.000 libras. Recebiamos na mesma epocha em troca umas 343,000 de diversas mercadorias. No tempo em que foi escripta a viagem falsamente attribuida ao duque de Chatelet, isto é no anno de 1787, importámos nós para Portugal perto de 4,000,000 francos, e recebemos perto de 10,500,000 francos de mercadorias. — Veja-se a 2.ª edição, titulo 1.° pag. 241.

Em segundo logar, os subidos direitos da alfandega neste ramo de importações, redusiu consideravelmente a quantidade de sedas vindas por commercio licito, e augmentou quasi na mesma proporção a introducção das sedas de contrabando.

Na quantia de 230,000 francos a que sóbe a importação das sedas inglezas, comprehende-se, certo, grande quantidade de tecidos francezes; porque desde a nova tarifa e augmento de direitos, parece ter o commercio curado menos do frete, mandando vir as sedas francezas por via dos paquetes inglezes que as recebem remettidas de Londres, para onde as enviam de França. Desta maneira chegam a Lisboa os objectos de moda no começo desta.

Modas e trajos.

As classes abastadas seguem as modas francezas, e usam panno inglez. Antigamente vestiam-se as mulheres uniforme e simplesmente, trajando todas capote e lenço. Uma viajante de talento muito observador, gaba as vantagens do capote de côr escura, n'outro tempo usado pelas senhoras portuguezas da classe mais elevada, e que se tem até hoje conservado em Lisboa como especie de trajo nacional — « Quem se acostuma á côr escura de um capote, diz a senhora P. . . . de F. * * *, fallando de capote, acha graça neste trajo, e elegancia no caír das pregas do mesmo capote. — »

« A pessoa que traz capa, usa tambem de lenço: são inseparaveis um do outro O lenço é de cambraia grossa transparente com muita gomma, e com elle fazem as portuguezas um toucado agradavel. Figure-se um penteado abundante em cabello, a maior parte das vezes negro como aseviche, outras vezes mais claro, mas sempre, exceptuando a gente das classes indigentes, traçado com muito gosto em volta da cabeça; — e em cima de grandes tranças um pente com a borda levantada parecendo um diadema, e sobre esta espe-

cie de touca um lenço de cambraia alvissima, pôsto tão ligeira e engraçadamente, que não encobre á vista um só dos anneis de cabello, abrigando a cabeça do sol, como se fôra a aba de um chapéo, pôsto que com mais graça. Prendem-se as duas pontas do lenço na barba, e se pregam com um pequeno alfinete. Com similhante toucado quasi todas as mulheres parecem formosas (1).

Nas preciosas notas que a escriptora que citâmos reuniu, observa ella que as portuguezas calçam com muito primor; e que por isso nos ultimos annos tem augmentado muito o numero dos çapateiros de obra de mulher. São ali já desnecessarias as importações de calçado de paiz estrangeiro, fornecendo a cidade todo o que se consome em grande parte do reino. Os desenhos reproduzidos por Kinsay dão sobre as modas e trajos de Lisboa e da provincia os esclarecimentos que se podem desejar, comprehendendo os trajos das antigas ordens religiosas de Portugal.

Usos, trajos e modas do seculo passado (1).

« — O seculo 19.° em que hoje vivemos, produziu tal revolução em nossos trajos, usos e costumes, que é necessario para a comprehender ter visto, ou ouvido descrever por miudo o modo de vida, que se observava no seculo anterior. — Apenas um cavalheiro se erguia da cama já o estava esperando o barbeiro para lhe rapar as barbas: esta operação era então muito mais demorada que nesta nossa epocha de progresso, em que dous terços da cara ficam por barbear. Vinha depois o cabelleireiro que não gastava pouco tempo em pentear, ensebar, encrespar, e empoar o cabello. Dava-se em seguimento ao prolixo trabalho de ves-

(1) *Retratos portuguezes de perfil*, publicados na Reforma, em 1848.

(1) Extraído do volume 5.° do Panorama, pag. 260.
(*O Traductor.*)

tir-se, cousa que os mais diligentes não levavão a cabo em menos de tres quartos d'hora, tão complicados erão seus atavios, e tantas as fivelas com que se ajustavão, a contar do que apertava a gravata até ás que prendião no calçado. Concluida por fim esta tarefa, cingia o bom do homem a sua espada, punha o chapéo debaixo do braço, e encommendava-se a Deos para arrostar a intemperie da estação em corpo gentil, e com a cabeça descoberta. Se ía a pé era com muita precaução e tento, para não empoar ou enlodar a meia de seda branca, ou çapatos. Houve individuos que adquirirão fama, e a maior consideração na sociedade, por que atravessão Lisboa no rigor do inverno sem enlamear-se. E não admirava que um dom tão raro fosse para invejar, quando nem só para negocios se palmilhavão as ruas. O homem mais independente tinha os indispensaveis deveres de um ceremonial distribuido com tanta exactidão e regularidade que lhe não sobrava tempo. Davão-se as boas festas tres vezes no anno; os parabens a cada um no dia do santo do seu nome, e no anniversario do seu nascimento. Faltar a um destes deveres, ou a uma felicitação de parto, era quanto bastava para que duas familias se arrufassem. Não emprehendião a mais pequena jornada sem uma despedida geral, que se pagava no dia seguinte, e repetia á volta para se darem as boas vindas. Um estrangeiro que entrasse em qualquer cidade ou villa no dia da festa de algum santo, cujo nome é entre nós mais vulgar, ao ver o povo correndo apressado sem tomar o folego, o julgaria envolvido n'uma sedição politica, ou n'um incendio. Alguns infelizes caião mortos de cancaço por lhes faltar o tempo necessario para acudirem a pentear, calçar, barbear, e vestir os freguezes. Tal era a sociedade nestas solemnidades.

« — Fallemos agora dos dias ordinarios: jantava-se á uma hora e comia-se mais do que hoje; advertindo, porem, que se carecia de mais habilidade para o saber comer do que para o saber ganhar. Havia uns dixes de papelão para se adaptarem em cima dos punhos, porque era cousa assen-

tada que as mãos não podião fazer o seu officio com similhantes adornos. Outras machinas e preservativos se inventárão para não manchar os bordados da vestia, nem as pregas da camisola. Nenhuma destas invenções porem era tão complicada e singular, como as que havia mister pôr em pratica para dormir a sésta, costume geral, e talvez util em nosso clima. Era para ver um homem de barriga para baixo, sem tocar na almofada senão com a testa para não desconcertar os anneis.

« — Só aos que não tinhão de concorrer depois a grandes assembléas era licito prescindir do penteado, e cobrirem a cabeça com uma gorra. Estes taes saíão embuçados em um capote, mas nem assim podião ír folgar ao campo, porque a meia de seda e o capote os estorvava de se desviarem da estrada. Os homens, todavia, ainda podião firmar os pés no chão, mas as senhoras suspensas sobre os descommunaes saltos davão passos perigosissimos. Opprimidas, além disso, por um desalmado espartilho, que exercicio podião fazer?

Era este adorno entre ellas de tão continuo uso que muitas mães de familia creavão os filhinhos dando-lhes de mamar por uma pequena abertura ou portinhola feita no proprio espartilho, em quanto as pobres creancinhas, apertando inutilmente o resto d'encontro ás inflexiveis barbas de balêa, buscavão o calor do seio materno.

« — Havia dia de tres methamorfozes para os cavalheiros, porque se vestião segundo a gravidade do assumpto o exigia. Quando íão aos touros misturavão-se com a plebe as pessoas mais distinctas, com um barrete na cabeça, e ali se divertião a assoviar, ou se esganiçavão para que apanhassem o boi á unha. Os theatros não offerecião maior moralidade nem menor reboliço. Só para as sociedades reservavão o silencio, o decoro, e a compostura. E, com effeito, nada se podia apresentar de mais grave e pathetico: as damas assentadas em um estrado formavão um corpo irresistivel, que não dava outro sinal de sensibilidade, mais que o movimento compassado dos abanicos: os homens em

linha paralella estavão tão bem collocados por ordem de classes, dignidades e meritos, como se ali tivessem vindo, não a folgar, senão para ouvir a tremenda sentença do valle de Josaphat. Musica não a havia nem dança, excepto algum minuete. Só os que jogavão usavão do direito de gritar, ou de marcar o numero dos triumphos que levavão, com grandes punhadas sobre a mesa, que se collocava, quasi sempre no meio da salla.

« — Acabada a funcção, e recolhidas as familias a suas casas, empregavão tanto para se despojarem de suas gales, quanto tinhão gastado em se adereçarem com ellas. Entretanto que desarmavão a cabeça da senhora, derribando o enorme toucado que a compunha, desfazião os riçados, que adornavão a de seu digno esposo. Quantas vezes os proprios filhos ao verem anniquilar-se a estatura, a forma, e o volume dos auctores da sua existencia, cujas feições ficavão para elles desconhecidas, se contristavão e arrependião?

« — A ultima occupação diaria de nossos maiores era a de dar corda aos relojos de algibeira. E não julgavão que este exercicio era de pequena monta, por que cada qual trazia dois, e estes de duas caixas. Tudo era duplicado n'aquella ditosa epocha: dois relojos, dois lenços de açoar, e duas caixas de polvilhos.

« — Tal é o bosquejo d'aquelles costumes, muito embora innocentes, porem de meras formalidades. O proprietario, o mercador, o artista, o pobre, o rico, o nobre, e o plebeu, por formula entregavão o filho a um preceptor, por formula se matriculava o grammatico, por formula seguia uma carreira, por formula vestia a farda, por formula, em fim, embarcava para o Brasil, ou para a India, donde voltava sem saber que havia antipodas.

Trajo nacional (1).

« — Na Allemanha, de ha muito que grande numero de senhoras se occupão em um plano de reforma no seu trajo, procurando vulgarisar um que reuna a qualidade de ser nacional. Suas intenções são banir dos seus quartos de vestir e toucar, todos os tecidos estrangeiros. As senhoras reformando os seus toucadores, cortando pelos seus gostos, caprixos, phantasias, e abnegando sobre o altar do *nacionalismo* até os seus verdadeiros interesses! Que maravilha nos reserva o seculo decimo-novo!

Quanto déramos por ver um congresso femenino occupado tambem em estender a reforma até ao uniforme varonil! Nós, em nome de todos os do nosso sexo, podemos assegura-las que devem contar com a nossa obediencia, não só por dever, mas até por gosto e devoção. Quem não trajaria a bel prazer do seculo delicado e formoso. Ah se houvesse homem de tão máo gosto, que fugisse á disciplina de trajo e votado pelo areopago femenino, merecia ser coberto de pelles de cabra como os tartaros. Mas nós pensâmos que homem tão rude não sería facil de encontrar; e quando houve uma rainha que alcançou do divino Hercules que este para si tomasse as tarefas feminís, não seria muito o conseguir dos homens o trajar, segundo o gosto e mandato das senhoras. Porém esse não é o argumento: as senhoras alemãs fazem uma pragmatica para as senhoras, e perdoem-nos ellas este desabafo de sinceridade, muito receamos que sejamos por ellas tão mal obedecidas, como foi dos portuguezes a que fez elrei D. João 5.º....

« — Todos conhecemos quanto ao nosso Portugal seja commodo e facil o arranjar-se uma senhora com um vestido decente e simples, pois ha sobradas fazendas e drogas baratas que nesse caso se empreguem; mas será, por ven-

(1) Artigo extraido do 6.º volume do Panorama pag. 355.

tura, facil trazer o sexo feminino a esse acordo? Muito o duvidâmos. O progresso do luxo neste ponto mostra que a nossa terra não é a da Allemanha, e em breve veremos que as minas do Potosi não chegão para satisfazer esse capricho desregrado. As custosas sedas, os veludos, e as cassas, as rendas, os *blonds*, os filós, as plumas, as perolas, os diamantes, que se fazem mister para uma senhora sair a publico só por um dia absorvem capitaes que poderião matar a fome a muitas familias desgraçadas. D'aqui toma origem a pobresa da nação, que vê passar ás mãos d'estrangeiros todas as suas riquezas, em preço de lusentes bagatellas, que recebe delles. D'aqui tambem nasce a miseria de nossos artistas e fabricantes, que, ociosos, não tem em que se empreguem, pois que os seus naturaes são vestidos e enfeitados pelos estrangeiros. D'aqui, finalmente, vem um bom numero de crimes, filhos do ocio e do luxo desenfreado, como assassinios, roubos, adulterios, prostituições, e perjurios.

« — Tudo isto por desgraça se dá no grande theatro do nosso mundo, aonde, ao lado da miseria publica, se vê brilhar escandaloso o mais desenfreado luxo. . . .

Um trajo nacional é sempre mais ou menos analogo aos costumes, constituição do governo, religião dominante, e ao clima. Pelo commum indica um caracter nacional (aonde este trajo senão confunde com o de outras nações). Portanto, quando se vejão duas nações que não são visinhas, que não tem origem commum, e todavia sigão o mesmo gosto e moda de trajar, póde dizer-se logo que a servil imitadora da outra ha perdido o seo caracter, pois que affecta uma ridicula imitação.

« — Tanto é verdade serem os trajos nacionaes nascidos d'algumas d'aquellas causas que nós os poderemos verificar pelos padrões dos trajos de todos os povos. Os gregos que tinhão costumes os mais polidos de toda a antiguidade; nascidos com uma imaginação sensivel e delicada; com uma religião que lhes ministrava imagens de todos os portentos

da naturesa; finalmente, habitando n'um clima temperado e doce, usarão o trajo mais elegante que até agora se tem inventado; e ainda esse sobresaía mais ajudado pelas formas elegantes de seus esbeltos corpos. N'esta parte só nos ficou dos gregos a imitação das suas estatuas com seos ornatos e decorações; mas isto só (quando não fosse a sua historia) fallaria por elles a toda a posteridade. Os romanos, aproveitando-se muito da gravidade e elegancia dos gregos, que em tudo forão seos mestres, adoptarão todavia um modo seo e original que muito respeito e acatamento concilia á gravidade republicana. Com muito acerto adoptárão as nações modernas para os seos tribunaes aquella toga veneranda que roçava pelos assentos do fôro; romanos, assirios, persas, e caldeos, por não fallarmos das nações barbaras da antiguidade, usavão, como ainda hoje, roupas leves, largas, e soltas, no que se conformarão á conveniencia de seo clima abrasador. Finalmente os chinas, nação moderna e antiga que não tem mudado, vestem-se de opas largas.

« — As drogas e fazendas hoje empregadas nos vestidos das nações modernas policiadas, differem por certo muito na qualidade; porém quanto ao talhe, feição, e feitio dos trajos, ainda que estes conservem alguma cousa de particular e original entre as nações que tem caracter, todavia, não se poderião hoje notar as differenças e contrastes comparando o trajar de todas elles estravagantes, que n'outro tempo se notavão entre os povos de um mesmo continente; é que o commercio, vinculo universal da politica social communica a todas as nações até a uniformidade de gostos em cousas indifferentes; e a despeito das barreiras, das montanhas, rios, e mares, que separão os povos, tem estabelecido por toda a parte pontos de communicação, e quanto póde ser asemelhado todas as nações.

« — O trajar dos inglezes é sério, elegante, commodo e grave, sem que se lhe possa notar ridicula affectação, no que é mui conforme á gravidade dos seos costumes, ou forma da sua constituição. São escrupulosos como o devem

ser em guardar a decencia e ordem do trajo e ceremonias com as suas visitas de cumprimento, nos bailes, e nos jartares.

« — O trajo dos francezes é bem distincto, e muito mais mudavel e sujeito á vertigem da moda do que o dos inglezes; além disto tem alguma cousa de garrído, ainda nas pessoas sérias, e accusa mais o desleixo menos cuidado no povo. Isto está ligado com a sua vivacidade, e seos costumes mais folgados e menos sujeitos ao rigor da etiqueta.

« — Os hespanhoes são todavia o povo, que pelo seo modo de trajar mais singular se faz entre todas as nações da Europa; e é de notar que o seo trajo nacional entre o povo é o mais antigo que se conhece nas nações modernas, nem ha feito alguma notavel mudança desde o tempo dos mouros. Se isto occupa, por uma parte, menos civilisação, por não se lhes ter apegado alguma parte dos modos e usos mais commodos das outras nações; por outra parte mostra uma grande força de caracter nacional que os hespanhoes acreditarão bem em todas as suas lides. Comtudo neste logar não deixaremos de reprovar o uso dos seus grandes chapeus e capotes, com forro e dianteiras de veludo: — isto é mui de proposito desconhecer as suas necessidades e conveniencias só por seguir usos antigos, que o ardor do clima lhes quizera tirar dos hombros.

« — Os trajos do nosso Portugal são mui outros, e bem distinctos dos nossos visinhos hespanhoes; — hoje debalde nelle se procura encontrar, pela feição do *paludamentum* dos imperadores romanos, véstia curta, e calção de veludo da mesma côr, e laços de fitas nos capotes. Quem disso quizer fazer mais clara idéa pode ver Jacinto Freire quando descreve o triumpho com que D. João de Castro entrou em Goa. João 5.° que tinha a vontade de imitar elrei de França, introduziu na sua corte todo e ceremonial da corte de Luiz 14.°, e de todo aboliu aquellas memorias que nos po-

dião fazer recordar os dias dos nossos antigos triumphos, e a nossa gloria nacional.

« — Quanto ao trajo nacional em a vida commum, como aquelle nosso rei deu o exemplo das modas francezas em a sua corte, o povo que muito gosta de *macaquear* os reis e os grandes seguiu com furor desatinado o exemplo do cabeça de estado, e os modelos que lhe vinhão de França; e assim observa-se hoje que os mesmos paisanos das provincias, salva a excepção do gaibão, que é nosso, trajão da mesma feição que os paisanos francezes. Pois trajem elles e os homens do povo de ambos os sexos como quizerem, já que não podem voltar a usar um trajo nacional, mas larguem o uso dos capotes que é geral, e por mais de uma rasão se deveria desterrar. Um capote não é necessario senão de vez em quando em Portugal, aonde a benignidade do clima o póde dispensar, pois no norte, aonde é maior a inclemencia do inverno todo o povo o dispensa, pondo em seo logar a sobrecazaca, mais airosa na figura, mais barata no seo custo, e mais propria para o trabalho da vida. Não somos dado ao estudo da medecina, todavia parece-nos que o capote com que a gente se agasalha em Portugal, largado ou desembuçado de repente póde acarretar muitas enfermidades, obstruindo subito com o golpe de ar os respiradouros naturaes dos póros. Além disso os capotes são as capas com que se encobrem muitos crimes e torpesas, que offendem a segurança publica, ou ferem a puresa de costumes: algumas das nossas leis reconhecem isso, e prohibem o uso dos capotes depois do toque dos sinos. . . . — »

Vista geral das provincias de Portugal. — Rapida descripção das suas principaes cidades.

Se houveramos de seguir a ordem do mappa administrativo de Portugal, começariamos a nossa exposição pela provincia do Minho.

Imitaremos o author que nos serve de guia, fallando

primeiro da Extremadura, que tem Lisboa por capital. Está separada esta provincia da da Beira pelos rios Mondego e Zezere, e é a mais occidental do reino. Não se sentem nella os intensos calores do Alemtejo, nem os asperos frios da Beira. Nada diremos do Tejo que fertilisa esta provincia, mas recordaremos que o Zezero é dez ou doze legoas navegavel, até á foz de Setubal. A Extremadura é das mais ferteis provincias de Portugal, e produz trigo, milho, cevada, azeite, cera, e mel, bom pela sua pureza. Tem vinhos excellentes, entre os quaes se distinguem o de Bucellas e Carcavellos. Este ultimo vinho, muito pouco conhecido em França, conserva uma celebridade local, que iguala aos mais famosos. Casado Giraldes observa que é tal a abundancia de variedade de peixe nestas paragens, que se contão cem especies delles nos mercados de Lisboa. Mencionaremos como principaes terras da provincia, Torres Vedras, que conta perto de 7,000 habitantes, tendo em França mui funesta celebridade; Obidos, aonde ainda se encontrão restos de um acqueducto; Caldas da Rainha, cujos banhos sulphureos, tão justamente celebrados, animão a povoação ambulante que ali concorre; Leiria que se gloría de ter sido corte do rei lavrador, mostrando com orgulho as ruinas do antigo palacio onde D. Diniz lançara as sementes de uma prosperidade quasi fabulosa. Leiria com o seo valle, não longe de um pequeno rio, denominado Lis, é bispado pouco importante, pois que a cidade não contém mais de 2,300 habitantes; no entretanto, as recordações do rei lavrador ainda dão alma aos formosos pinhaes que elle ahi plantou. Marinha a grande, que d'ali dista tres milhas, tirára destes pinhaes, creados na idade média, a lenha necessaria para a sua fabrica de vidros. A batalha é uma povoação que não chega a ter 1,100 habitantes; porém o convento n'ella edificado, e que contâmos descrever lhe dá celebridade quasi européa. Pombal, tres vezes mais povoada, suscita modernas recordações, que a não tornão menos famosa. Alcobaça, só notavel pela sua antiga abbadia, não tem mais que 1,353 moradores; e será

sempre logar muito frequentado pelos que fizerem viagens artisticas na peninsula. A Pederneira com as suas pescas; São-Martinho, em cujo porto, hoje obstruido, se construirão náus de alto bordo; Vimieiro, celebre pela batalha a que se seguiu a convenção de Cintra; Thomar antiga residencia dos templarios, e cuja curiosa igreja se diz que encerra quadros mais antigos que os da eschola do Senna; Ourem e Porto de Moz igualmente têem as suas memorias. Todavia, nenhuma destas povoações póde comparar-se, a similhante respeito, a Santarem, antiga villa de 7,862 almas, situada na margem direita do Téjo, e cuja poetica legenda se póde ver no *Agiologio portuguez*. Santarem é a antiga Scalábis, e conserva curiosos vestigios de architectura mourisca da idade média. E' muito activo o seo commercio com a cidade de Lisboa, Gollegã, Torres-Novas, Almeirim, antiga residencia dos reis de Portugal, que um erro de data, diz fundada por D. João I, quando é certo que D. Fernando já ali tinha estabelecido corte; Salvaterra de Magos, e Azambuja, poderião ser citadas entre os logares mais importantes, senão se apresentasse Setubal com os seos 15,200 habitantes. Não goza esta do titulo de cidade; é villa na margem direita do Sado, com um porto de difficil entrada. Tem salinas e fructas que lhe multiplicão as relações commerciaes. E' a praça maritima de mais activo commercio, depois de Lisboa e Porto — Cezimbra com os seos 4,300 habitantes, e um antigo forte; Almada, villa um pouco mais importante, e situada em frente de Lisboa (1); Azeitão, ou villa Nogueira; Palmella, que tem formosa vista; Aldea-Gallega, povoação de maritimos, a tres legoas de Lisboa; Moita, e Alcaçer do Sal, famosas pelas salinas que contám, devem encerrar esta lista depois de citar-mos Grandola, villa com 2,000 moradores (2).

(1) Construiu-se ahi um hospital para marinheiros inglezes.

(2) Não tratamos das povoações do centro denominadas arredores de Lisboa, como Belem que faz parte da capital, desde

Cintra (1).

« — A cinco legoas a Oes-Noroeste da cidade de Lisboa em um terreno pouco plano, posto que aprazivel, está situada a romantica serra de Cintra, tão decantada pela bellesa de seus bosques, e amenidade de seu clima. Prolonga-se até o mar, aonde termina no cabo da Roca, ou rocha de Cintra, que os antigos geographos apelidárão de varios nomes; Promontorio Magno, Olysiponenses, Artabro, cujos moradores, segundo diz Silio Italico acompanharão Annibal nas suas victorias de Trasimeno e Cannas.

. . . . . .

. . . . . .

« — Chamou a esta serra o nosso Gil Vicente dama polida, brava, e doce, contemplação de amores, e a amada do verão ect. pela sua boa temperatura é no estio encalmado frequentada da gente da corte, que alli afflue a buscar refrigerio ao calor, e repousar do continuo trabalho da vida.

« — Quando o sol chega a essa quadra em que mais abrasa os habitantes de Lisboa, os de Cintra gosão da mais suave primavera, conservando-se o thermometro de Farenheit dez gráos mais abaixo.

« — Não só na suavidade do clima, mas em seus variados dons, a naturesa foi prodiga, com esta serra. Póde muito bem dizer-se que está assentada sobre minas de ferro, de magnete, e de precioso alabastro (de que se fabricou o retabulo do convento da Pena) e de excellentes marmores, sendo particularmente estimado o preto de Collares. A pouco mais de duas legoas está a bem conhecida

D. José I; Oeiras, Carcavelos, Cascaes, Colares, Mafra, Queluz, Belas, Bemfica, Lumiar, Loures, e Sacavem. De algum destes logares fallaremos quando tratarmos dos monumentos.

(1) Extraido de *Cintra Pinturesca* pag. 9.

(*O Traductor.*)

pedreira de marmores de Pero Pinheiro, que hoje se veem convertidos em sumptuosos templos, e animadas estatuas, que ao Todo Poderoso elevou a piedade d'elrei D João V.

« — Não são menos abundantes os dons do Pomona: florecem os castanheiros, que emmaranhados formão os deleitosos bosques de que são assombrados estes campos; o limoeiro, e a larangeira, sustentando em os mesmos ramos a flor e o fructo, espalhão por toda a parte o suave e recendente aroma da sua flor; está o medronheiro com a vermelha côr da sua fructa alegrando a vista; as peras, as maçãs, de que tomou o nome o rio de Colares, os pecegos, e outras muitas fructas saborosas de toda a qualidade, em copiosa abundancia e variedade nos estão convidando a colhê-las. Os moradores d'aquelles sitios vêm vendê-las a Lisboa, donde pela grande affluencia de mulheres de Collares empregadas neste trafico, veiu a chamar-se ás vendedeiras de fructa, colarejas.

« — Não se arrêa com menos garbo Flora, esmaltando de flores e boninas os campos onde crescem sem cultura. A murta consagrada a Venus; o narciso, ainda ufano da sua formosura se revê na agoa; as modestas roxas violas; a cecêm, que não consente torpesas; a peonia, o rosmaninho etc., e outras muitas flores mimosas em cheiro, cores, e variedades formão um tapete arrelvado destas campinas, que a custo, e com pena, ousão os pés amolgar.

. . . . . .

. . . . . .

« — Mas levantemos o nosso tosco pincel que mal póde debuxar scenas, cujos effeitos se sentem, mas não se podem descrever, e tomemos novamente a pena para continuar-mos com a descripção estatistica e topographica desta villa. — Em uma quebrada da montanha está situada a villa, e o paço real, que forma ao longe um effeito mui pintoresco: no centro da praça se vê um repucho de cantaria lavrada de obra antiga, o que suppômos obra d'elrei

D. Manoel, que recebe agoa que vem do cume da serra, para o serviço do paço.

« — Logo ao pé ha uma alpendrada, que serve de mercado, e na mesma praça está a um lado a Misericordia, e do outro a igreja de São Martinho, de cujo adro se avista uma linda perspectiva. Tem sido sempre esta villa cabeça de concelho, antigamente presidido por juiz de fora, sujeito ao corregedor da comarca de Alemquer, e provedoria de Torres-Vedras, hoje porem ao districto administrativo de Lisboa, e julgado de que esta villa é cabeça. Teve voto em cortes, e assento no sexto banco; tem por armas um castello com tres torres; e tinha capitão mór que governava as ordenanças de Cintra e Collares. Contem a villa e seos arrabaldes 545 fogos, e 2,562 habitantes distribuidos pelas tres freguezias de São Martinho, São Miguel, e Santa Maria. O termo do concelho desta villa se compõe das freguezias de Alcainça grande, Igreja nova, São João das Lampas, Montelavar, São Pedro de Penaferrim, Rio de Mouro, Terrugem, com 2,463 visinhos, e 10,702 habitantes.....

« — Na mesma praça e districto desta freguezia (de São Martinho) está a cadêa e casa da Misericordia, que tem hospital aonde se curão os pobres, e tinha renda para a sua manutenção. Antes da fundação desta santa casa, que foi no governo da rainha D. Catharina, em cujo tempo se annexarão os hospitaes do Santo Espirito, e dos Gafos, já nesta villa existia a confraria de Santa Catharina, instituida na igreja de São Miguel no anno de 1301, pelo beneficiado João Migueis, cujos irmãos remediavão necessitados, vestião nús, e sustentavão miseraveis, curando os enfermos e tendo hospital.

Paço real de Cintra.

O primeiro objecto que se apresenta aos nossos olhos com agradavel admiração, apenas se dobra a empinada des-

cida de São Pedro para entrar em Cintra é o paço real, a quem o conselheiro d'Estado Ricardo Raimundo Nogueira, na sua descripção poetica da serra, com bastante propriedade chamou coroa de Cintra. A elegante irregularidade da sua architectura, as suas elevadas chaminés, de uma forma conica, a bellesa de suas janellas, cujo lavor é de um gosto puro arabico, representando troncos enlaçados de arvores despidas de folhas, são os objectos que externamente mais occupão a nossa attenção

Oh! nobres paços da riosnha Cintra
Não sobre a roca erguida mas pousados,
Na planicie tranquilla, que memorias,
Não estaes recordando saudosas,
Dos bons tempos de Lysia!

«— E na verdade que idéas não excita este edificio tão antigo como airoso, se quizermos remontar á epocha da sua fundação, ou antes reedificação. Nesse mesmo tempo em que toda a Europa se curvava o jugo ao mais ferrenho e insoportavel feudalismo, que os palacios dos reis erão castellos fortificados, para os abrigarem da furia dos soberbos senhores; que esses mesmos pequenos potentados em continua guerra se fortificavão, para rechaçar as aggressões, uns dos outros, aqui não encontrâmos nem seiteiras, nem torreões, nem forros, nem barbacans, que reproduzão á nossa imaginação as scenas de horror d'aquelle tempo; bem pelo contrario, esses fragmentos do antigo edificio se ostentão como padrão da vida deleitosa, pacifica, e mansa de seos primeiros habitadores; e nelles com saudosa recordação ainda descortinâmos os vestigios da bondade, e vida patriarchal desses nossos antigos reis, que

Sem ferro ou fogo que espante,
Com duas canas adiante,
Hião armados, e hião temidos.

« — As portas desta sala se abrião para dar entrada a uma população religiosa e animada, que vinha folgar com os seos reis nas solemnes festividades da igreja, e que representavão os seos autos bellicos, em que os nossos principes se não pejavão de fazer um papel; estes atrios se enchião dos povos cormacãos, que acudião de longe aos bôdos, aos torneios, e corridas de touros, onde os nossos antigos cavalleiros ião ostentar a sua galhardia; as paredes desta sala ainda echoão o arulho de ternos beijos; os grossos e elevados muros deste banho, não tolhem aos olhos da imaginação a fantasia de um amante namorado, que rompe os arcanos mais vedados; lá junta áquella fonte repousa uma princesa, embalada pelo murmorio da agoa que se despenha por varias bocas.

« — Foi este paço tão elegante pela sua architectura, como fertil em recordações, edificado por elrei D. João I, ou antes por elle reedificado, e augmentado por seos sucessores. Certa disposição interior do paço, juntamente com a architectura arabe pronunciada das janellas; o nome de Meca, que ainda conserva um terreiro, além de outros motivos me confirmão na opinião, que antes d'elrei D. João I levantar estes paços já ali existião algumas obras do tempo dos mouros; a mesma irregularidade de construcção demonstra que forão diversos os que o edificarão.

« — E' bem possivel que este edificio fosse a pequena Alhambra dos reis mouros de Lisboa; que de certo não escaparia á sensualidade destes orientaes ter uma habitação em um paiz onde a naturesa está chamando o homem aos maiores gozos da vida.

« — Um viajante instruido, que além das suas viagens no oriente, tinha visitado Granada e Alhambra, esse paço encantado, me segurou que achava no de Cintra (sem comtudo ter uma perfeita analogia) um não sei que, um certo toque que lhe fazia recordar aquelle celebre edificio. Em todas as nossas casas reaes, as salas costumão ter uma mesma denominação, como sala dos archeiros, da tocha, do do-

cel, etc.; neste paço, porém, como na morada do ultimo rei mouro de Hespanha, estas tomão o nome de recordações particulares. Assim como ali os olhos credulos buscão no pavimento de marmore da sala dos abencerages o sangue desta infeliz tribu, assassinada por uma ordem d'elrei Boabdil; do mesmo modo aqui são os ladrilhos gastos de uma sala tão triste, padrão e funesto exemplo a futuros de um crime igualmente atroz; como ali se vê a sala dos embaixadores e da justiça, aqui se mostra a da audiencia de triste lembrança, pela ultima que é tradicção que ali se dera. A sala das armas, o camarim, o jardim de Lindaraia, aonde vinhão as mouras ao sair do banho respirar a frescura do ar, e o perfume embalsamado das flores, aqui se vêem reproduzidos na casa do banho, e nesses odoriferos laranjaes, para manuntenção dos quaes, ainda em 1640 se pagavão dous escravos.

« — Atravez das profanações da moderna e mesquinha architectura, que afeão esta deliciosa vivenda; a cada passo está sobresaindo a elegancia, a graça, a poesia e delicadesa do antigo cinzel oriental, já nessas janellas imitando delicados troncos, já nessas fontes perennes, que este paço tinha em tanta abundancia, contando-se desesete distribuidas no seo interior, adorno tão frequente destes edificios, com que os arabes sabião melhor do que nós modificar um clima calido, despertando ao mesmo tempo a voluptuosidade de sentido de ouvir, com uma musica tão agradavelmente melancolica . . . . . Quem acreditará que neste seculo tão illustrado se ache este paço antigo obstruido de pequenos cubiculos forrados de ridiculo papel pintado, e que o tecto pintado, que ainda se conserva da antiga sala da galé se occulte, por ter de permeio um forro moderno, descuberta que devemos a um pedreiro, que nos disse o vira, indo concertar um telhado!

« — A frequencia dos reis anteriores, a epocha em que se suppõe a sua fundação, principalmente d'elrei D. Afonso IV, que vinha a esta terra caçar, o que deu logar á cora-

josa intimativa de seos conselheiros, e sobre tudo a doação de d'elrei D. João I destes paços ao conde D. Henrique corrobara o que temos dito relativamente á sua primeira origem. Elrei D. João foi acclamado rei a 6 d'abril de 1385, e em 4 de dezembro do mesmo anno, achamos uma carta de doação sua, datada de Villa-real de Panoias, em a qual diz: — « que pelos muitos serviços que tem recebido, e espéra receber do conde D. Henrique, dôa para elle, e para todos os seos filhos e filhas, netos e bisnetos, que delle descenderem por linha direita, e de todos os seos descendentes delles, todos os nossos paços que nós havemos na nossa villa de Cintra, com todas suas entradas e saidas, direitos, e pertenças, por aquella mesma guisa, que *a nós havemos*, e de direito devemos d'haver, e que *os havião os reis, que antes forão.* — » Ora aqui temos pela boca do mesmo rei confirmada a nossa asserção, e é bem natural que este soberano, tão empenhado na defeza da sua coroa, só depois d'aquietado o reino se occupasse deste edificio de prazer, e em uma epocha posterior ao seo casamento, se quizermos dar algum credito á tradição da sala das pegas.

« — Seo filho o sr. D. Duarte era muito apaixonado destes sitios, e nestes paços residia frequentes vezes, como se vê da seguinte carta, dada na mesma villa, no anno de 1436, na qual concede varios privilegios aos moradores da dita villa. . . . .

« — D. Affonso V nasceu nesta casa, no anno de 1492, a qual em seo tempo era cercada de um espesso arvoredo, como se vê de uma carta de privilegios, dada a esta villa pelo mesmo soberano, para que possão cortar lenha nas matas, coutadas, não cortando arvore de fructo. . . . . .

« — D. João II, fez novas obras, ou reparou as antigas, porque do seo tempo achâmos uma doação das obras deste paço a João Cordeiro, e nomeou por carta sua, capellão da capella do paço, a Thomé Rodrigues, clerigo de missa, morador na dita villa, designando-lhe o mantimento

que lhe devia ser pago pelo almoxarifado, o qual lançâmos aqui como documento curioso, por nos dar noticia dos preços correntes d'aquelles tempos. . . . .

« — Elrei D. Manoel ampliou estas obras com successivos trabalhos. Achâmos de seo tempo uma quitação a João Vaz de Lemos do que tinha recebido dos officiaes das obras dos paços de Cintra, que tinhão recebido mais do que devião de haver, e tinhão merecido 109$700 rs., dada no anno de 1507. No anno de 1508 mandou passar um alvará para se darem 12$000 rs. ao almoxarife de Cintra, para pagar aos pedreiros do aposento do principe. Na de 1519 passou outro alvará para se dar para as obras de Penhalonga e paços de Cintra a madeira necessaria. . . .

« — Já antes é natural que existisse a *casa do banho*, que por crivos mui miudos despede em todas as direcções uma chuva copiosa d'agoa. Esta casa conjecturâmos, que fosse da primitiva construcção do paço; renovada por algum dos reis que nelle edificarão, hoje está coberta em parte por um tecto moderno posterior ao terramoto.

« — Existia *a sala dos infantes* como consta de uma confirmação d'elrei D. Manoel, dada em Extremoz a 3 de fevereiro de 1497 a um alvará d'elrei D. João II, concedendo aos moradores da villa de Cintra, como já em tempo d'elrei era costume, o fazerem a festa do Espirito Santo, na chamada *sala dos infantes*, e cortarem nas matas toda a lenha que lhe fosse necessaria para a dita festa.

« — E' obra d'elrei D. João I a sala *das pegas*, cuja origem a tradicção dá á seguinte anecdota. Sendo encontrado este rei por sua esposa beijando uma das suas damas, porque o fazia por sincera amisade, e não por criminoso amor, respondeu á rainha agastada, que tinha sido *por bem*; e com esta legenda, que bem podemos assemelhar ao *Honi soit qui mal y pense* dos inglezes mandou edificar uma sala, cujo tecto é pintado de pegas, para que esta ave como falladoura apregoasse a sua innocencia, e a pureza injustamente manchada d'aquella donzella, outros menos galantes,

e cuja opinião não seguimos, pertendem que tendo-se divulgado no paço esta aventura, e corrido de boca em boca entre as outras damas, elrei para as castigar mandou pintar esta sala com as ditas aves, como symbolo da sua loquacidade.

« — E' esta uma das salas mais antigas do paço, por quanto esta legenda, *por bem*, era o *mote* ou tenção d'elrei D. João I, assim como *Il me plait* o da rainha D. Filippa sua mulher; costume usado antigamente pelos nossos principes, de juntarem estas tenções ou motes ás suas armas.

« — Ainda Camões não tinha enchido o orbe com o pregão da gloria lusitana já D. Manoel tinha meditado e executado o plano de levantar um tropheu á gloria dos portuguezes, reunindo os escudos aos fidalgos do reino, ganhos no campo de batalha, para que servissem de incentivo a seus filhos e netos, immortalisando por este modo os venerandos feitos de varões tão dignos de eterna fama. Para este effeito mandou ver (como diz o seu chronista) toda las sepulturas do regno, para dellas se notarem as armas, insignias, e letreiros que nellas havia, das quaes armas mandou nos paços de Cintra pintar todos os escudos com suas cores e timbres, em uma formosa sala, que para isso mandou fazer um livro muito bem illuminado, em que estão pintados os mesmos escudos da linhagem da nobresa do regno etc.

Chama-se esta *sala das armas*, ou dos *cervos*, porque do collo de cada veado pendem os setenta e quatro brasões de diversos appelidos, tendo os timbres na armação, que se achão pintados em dois circulos, e por isso sem precedencia. Aqui não estão todos os brasões de nobresa portugueza; porém, parece, que os d'aquellas familias que andavão na corte e serviço do paço.

. . . . . .

« — Com o terramoto de 1755 sofreu este paço grave ruina, a qual foi reparada pelo marquez de Pombal, deteriorando-se por esta occasião a sua antiga architectura: até lhe accrescentou uma bella chaminé, que tirou das ruinas

do paço d'Almeirim, a qual tinha sido presente de um papa, e que agora se vê em uma das suas salas.

« — Mais posteriormente fizerão uma triste reforma na capella, cobriddo as antigas pinturas do XV seculo. Ha annos fazendo-se obras neste palacio se encontrou um caminho subterraneo, e nelle um prato de baixella do cardeal rei.

« — Se este paço foi n'outro tempo theatro de nossos antigos soberanos, elle foi igualmente testemunha das mais tristes scenas de sua vida. Abafarão as suas muralhas os ultimos alentos de um rei que, cortada a esperança de ambição de mais largo mando, succumbe sobre o peso da melancolia enfastiado de um mundo que confessa não ter conhecido. Na mesma salaaonde tinha nascido falleceu este rei (D. Affonso V) e aqui foi acclamado seo filho D. João II no jogo da pella contando de idade 26 annos.

« — Junto, destes paços em um serrado bosque é fama, se retirava só, alta noite, o joven rei D. Sebastião, e ainda se mostra, a sala e a cadeira onde, segundo a tradicção, este mal-aventurado principe dera a sua ultima audiencia.

« — Ouvirão as paredes deste paço as imprecações de raiva de um rei ultrajado na sua honra e dignidade: foi aqui que esteve recluso D. Affonso VI derrubado do throno por seo irmão e sua propria esposa. Mostra-se ainda o quarto onde este desgraçado monarcha passeava a sua desesperação, cujos ladrilhos se vêem ainda gastos d'aquelle profiado movimento com que sedistraía em tão apurada situação. Antes occupava outro quarto d'onde ao menos podia ver o campo, porém, sob o pretexto que entretinha relações com os seos partidarios por meio de signaes que lhe fazião do castello da villa foi deste mudado. Na capella por cima do coro está uma abertura praticada na parede donde ouvia missa, mandada fazer expressamente para não ser visto do povo, assim como na janella do seo quarto ainda se vêem os signaes das grades de ferro, que forão arrancadas. Nesta casa viveu o resto da sua vida em duro captiveiro, até que

falleceu sendo trasladado para o mosteiro de Belem, aonde jaz em um caixão de madeira por detraz do altar-mor. »

« — A' entrada da villa ha dois caminhos que ambos vão ter á villa de Collares, no que vai por cima está a fonte da Sabuga, seguindo-se-lhe mais adiante a da Pipa, de cuja agoa se aproveitão a maior parte dos moradores da villa. Pouco mais adiante, passado o arco do marquez de Pombal. no fim da descida, vem crusar o caminho de baixo, o qual tendo passado pelo centro da villa, e ficando-lhe á esquerda a casa do dito marquez de uma antiga architectura, sem neste ponto formar um só corpo de estrada a mais deliciosa, pela aprazivel vista que nos apresenta do lado direito da povoação e paços reaes, e pela amena espessura dos annosos troncos, que, pendurados do lado esquerdo pela encosta do monte, formão com os seos ramos entertecidos e debruçados uma abobeda de verdura, doce refugio ao calor onde os raios do sol não penetrão. Logo adiante se vê a fonte dos Pisões, cercada de assentos, e coberta de mimosa sombra, em frente de uma casa, que hoje serve de hospedaria. Algum archeologo nos intentaria aqui provar que n'este logar devia ter existido algum monumento dedicado á familia dos Pisões, e provavelmente dos mesmos a quem Horacio dirigiu a sua epistola; nós porém lhe conjecturamos etymologia mais modesta, isto é, que de alguns pisões, que pela muita abundancia d'agoa que desce da serra a este logar aqui existissem antigamente, derivassem o nome do sitio e da fonte.

« — Fica logo adiante ao lado esquerda uma cascata em uma abertura na encosta da serra, coberta de um opaco arvoredo em assentos dos lados, a qual, recebendo as agoas do alto da serra, forma uma torrente prateada e espumosa, quando no inverno se despenha por aquella rocha.

« — Do lado opposta fica a quinta do Relogio: aqui novamente a estrada se divide em dous ramos, que ambos conduzem a Collares. Seguindo a direita, debaixo de um frondoso arvoredo, semeado de deliciosas casas de campo, se váe descer á ponte Redonda lançada sobre o rio, que

mais longe toma o nome das Maçãs. Subindo porem á esquerda a poucos passos encontrâmos a quinta da Regaleira, tão celebrada pela amena frescura de seus arvoredos, bondade e finura de suas agoas, frigidissimas no mais intenso calor do estio, e pela frequencia de pessoas qne nas horas mais calmosas do dia affluem a esta agradavel estancia, a gosar o regalo de suas sombras. Pertenceu antigamente esta quinta a um clerigo, o qual lhe mandou pôr as cruses da Via-Sacra na rua principal, que conduz á fonte: parece ter trasladado as bellesas do céo neste paraiso terrestre, e pela instituição pia, e contemplação das cousas divinas antecipar-se neste muudo nas delicias do paraiso celeste.

« — Seguindo a mesma estrada de Colares, se vê do lado direito um grande rocio chamado Senteais, por uns, por reprodusir o som repetido, como cousa viva e que sente; e por outros Seteais, por repetir o mesmo som sete vezes..... Neste campo costumavão antigamente fazer exercicio as ordenanças da villa e termo. Hoje é dos passeios mais frequentados, e ponto de reunião onde se juntão os differentes grupos de passeantes no fim da tarde. No fim deste campo, que ornão duas alamedas de arvores dos lados, está um bello palacio, que pertenceu ao marquez de Marialva, e ultimamente o possue a exm.ª marqueza de Louriçal. Consta este elegante edificio de duas casas de igual architectura, uma das senhoras, de bellas sallas, e outra para creados, ligadas por um bello arco de cantaria servindo-lhe de remate um tropheu com os bustos, no centro, d'elrei D. João 6.º, e da rainha D. Carlota Joaquina, sua mulher; e por baixo a seguinte inscripção:

Augusto Joanni Fidelissimo Principi Regenti Lusitaniæ gentis spei amori ac diliciis ob pacem desideratam innumerasque res calamitosis temporibus non tantum armis imperii ab omni ævo semper invictis sedet et sapientia prudentia et justitia animi sui regii optimis virtutibus feliciter preclarissimeque peractas Marchio Marialva hoc Monumentum C. Anno MDCCCII.

« — Nesta casa teve o antigo proprietario a honra de receber a visita da rainha D. Maria I, sendo por elle recebida com aquella bisarria de genio, polidez, e galhardia de que este fidalgo tão estimavel deixou de si saudosa memoria entre os estranhos e nacionaes.

« — E' este palacio hoje sôbretudo celebre pela chamada convenção de Cintra, que nelle se assignou, a qual, segundo a frase de um poeta inglez fez mudar a estatica alegria de uma nação na mais lugubre tristesa. O mesmo poeta (lord Byron) com o seu estylo de vibora anathematisou os auctores de tão vergonhoso feito. A sua imaginação creou um genio de mesquinho talhe, ataviado e vestido de pergaminhos, com um sello a tiracollo, e um rolo onde brilhão nomes conhecidos na ordem dos cavalleiros, para cujas assignaturas aponta a bom rir, e as mostra com despeitoso escarneo ao viajante; o nome do genio que habita o palacio é a convenção que neste sitio privou de miolos (segundo a fraze do poeta) e destroçou os chefes de um exerto vencedor, cedendo loucamente á diplomacia aquillo que por armas havião ganhado. Eminente á fachada principal do palacio, lhe fica sobranceira a serra, semeada de enormes penedos, amontoados desordenadamente uns sobre os outros, que parecem estarem-lhe desabando em cima, e em

cujos dois cumes mais elevados se avista, em um as ruinas do castello mourisco, e no outro o templo consagrado a Nossa Senhora da Penna. Do lado direito lhe fica sobranceira a romantica ermida de Penha-verde, sobre os rochedos branqueando entre a verdura dos bosques; e das costas do edificio se avistão algumas legoas de campo, vendo-se ao longe o gigantesco templo de Mafra, acabando em uma dilatada vista do oceano.

« — Continuando na mesma estrada se vê a quinta de Penha-verde do grande D. João de Castro, 4.° vice-rei da India; sitio encantador pela variedade de prespectiva que apresenta de montes viçosos e veigas, terminando no mar o seo horisonte. Ao visitar esta amena habitação onde

O destemido Castro n'alta serra
Que templo foi de Cinthia
Retirado vivia: a mão invicta
Gloria e terror da Asia
Os sylvestres arbustos cultivava
Subjugando a vaidade.

« — O coração se enche de uma nova admiração pelo desinteressado heroe portuguez, admirâmos a sua piedade nessas ermidas dedicadas a differentes intercessores para com Deos pelos prosperos successos na Asia, a sua amisade pelo principe seo contemporaneo e collega, e o seo desinteresse na clausula do vinculo em que ordena a seos successores que não possão cultivar arvores fructiferas; porem essas sylvestres não são estereis, esses louros ainda brotão gloria de seo immortal cultivador. Para este retiro se retirou D. João de Castro, depois das suas campanhas d'Africa, entregando o seo espirito á cultura do estudo, e suas triumphadoras mãos á dessas arvores sylvestres, buscando com estas distracções descanso, não ocioso em quanto se lhe preparavão novos trabalhos. Aqui era procurado d'elrei D. João III, e por elle convidado para tratar graves negocios do estado. Depois do

famozo cerco de Dio pediu um rochedo com seis arvores (o monte das Alviçaras) para annexar á sua quinta, e ao mesmo tempo escrevia ao infante D. Luiz, seo intimo amigo, pedindo-lhe obtivesse o seo regresso á corte, e na resposta do infante se lião as seguintes expressões — E, confiai em Deos que vos dára forças para poderdes com grandes trabalhos e desordens da India, e eu espero nelle que fazendo vós a si venhaes encher estes picos da serra de Cintra de ermidas e de vossas victorias, e que os visiteis alegres com muito descanso. — Erão as primeiras casas do vice-rei terreas, e no sitio onde hoje é a casa do caseiro; é igualmente da primeira fundação a ermida de Nossa Senhora do Monte, a qual mandára fazer para sua sepultura. Antes de se chegar ao recinto da ermida no principio da escada se vêem duas pedras com letreiros asiaticos, tropheus alcançados na India por D. João de Castro, e delle por importados. O que se vê do lado esquerdo tem uma figura de corpo maior, com uma no centro e duas aos lados, de mais pequeno talhe, abraçando-se todas mutuamente, cuja figura suppômos ser emblema da naturesa. Mais abaixo um circulo e uma meia lua, que conjecturâmos representar o sol e a lua, ou o dia e a noite. Segue-se abaixo a inscripção, e por baixo termina em um quadro em que um animal quadrupede se está amamentando aos peitos de uma mulher que parece afaga-lo, o que talvez represente o emblema da caridade. A que se vê no lado direito é uma inscripção em lingua sanscripta: a pedra é negra, e as letras da inscripção suppõe-se terem sido dourados por dois fragmentos...

« — Subindo a escada se dá com a ermida em um terrado cercado de assentos, e de annosas arvores encortiçadas, do qual se avista uma variedade de prespectivas em que os olhos se aprazem e tolhem a vontade de abandonar tão deleitosa estancia.....

« — Em frente da porta desta ermida está uma lapide a prumo com as armas de Castros e Saldanhas, e sobre

o chão uma pedra rasa, debaixo da qual está sepultado o curação de Antonio de Saldanha. . . . .

« — Alem desta ermida ha mais quatro que lhe addicionou o bispo inquisidor D. Francisco de Castro, neto do vice-rei, o qual reedificou a casa, e aformoseou a quinta com mais arvoredo e varias fontes.

« — No interior da casa ha a ermida de São Braz com tribuna para dentro; e nas suas paredes se via uma pelle de jacaré e outra de giboia. Conservava-se ainda nas salas um osso que se diz ser canella de um gigante o qual foi mandado analisar por elrei D. João V uma das vezes, que veio a esta quinta, na presença do physico-mór e homens da faculdade, que concordárão ser de corpo humano; tem dois palmos e meio de comprido, e grossura correspondente ao seo cumprimento.

« — Para o monte chamado das Alviçaras, que é a parte mais elevada da quinta, se vai subindo por tortuosas ruas que se crusão entre si, de sombrio arvoredo, tendo de espaço a espaço uma ermida ou um assento.

« — Destas a primeira em ordem é a de São Pedro, toda de embutidos de conchas com o busto do Santo em marmore branco, cujo lavor é tradicção, fôra feito por duas creadas do bispo. Fica-lhe embaixo uma estancia do lado esquerdo com assentos á roda, e no meio um Neptuno de pedra que lançava agoa. Ao pé desta estancia do lado direito se via um pinheiro muito antigo de cinco pernadas, chamado o pinheiro do bispo, porque debaixo da sua sombra vinha resar aquelle prelado.

« — A segunda ermida é a de São João, e está em um cabeço que tem a quinta; é de embrechado, o altar é de pedraria lavrada, e em uma penha de pedra tem a imagem do santo feita de jaspe. Da parte do evangelho está a imagem do santo, de barro vidrado, e da epistola a de São Pedro da mesma materia. O frontal é de pedra branca com almofadas de pedra preta. O mais corpo da capella é de azulejos de cores, com os quaes forma tres paineis, um do

nascimento do Santo, o outro do baptismo, e o que fica sobre a porta da degolação. O adro é espaçoso, terá nove braças de comprido, a um lado do qual se lê o seguinte: —

ESPELHO.

As campinas retalhadas
Serrado bosque no centro
Mimosos valles por dentro
Fóra as serras penduradas
Muitas arvores prateadas
Sempre verde a espessura
Zefiro sempre em doçura
Mil satyros mil silvanos
Brandas nymphas seos enganos
São de Cintra a formosura.
1800.

« — E' auctor desta composição poetica José Manoel da Camara.

« — Por baixo desta ermida, dentro da mata chamada de São João está uma gruta entre penedos, fabricada pela naturesa, em que cabem dentro dez ou doze pessoas sentadas, para a qual se desce por uns degraus.

« — Remata a quinta o monte chamado das *Alviçaras*, nelle está fundada uma ermida chamada de Santa Catharina de Monte-Sinai. Alem da imagem da Santa, que estava n'uma peanha, tinha um retabulo d'azulejo em o qual se via a mesma santa argumentando com os hereges. O frontal do altar é embutido de pedras de varias cores, e sobre a cimalha da porta da parte de fóra se lê:

D. Alvares de Castro Magni Joanis Orientis Indiarum Proregis Filius, ad Montem Sinai Militiæ.....

.....

Episcopus D. Franciscus de Castro ex voto posuit anno Christi CIↃIↃCXXXVIII.

« — Tem um adro cercado de assentos com seu parapeito, do qual se avista uma espaçosa vista, e no lado que olha para a parte do norte está um grande penedo de mais de trinta palmos de grandesa, posto ao alto, e sobre elle uma cruz de quinze palmos de comprido.

« — Tem a quinta trez fontes: a primeira é uma gruta; a segunda se chama do Corvo, é uma pequena casa de abobada coberta de asulejos; a terceira se chama da Cruz, e é um painel de asulejo com uma cruz em cima, e no meio tem uma carranca de leão por onde lança agoa. Por baixo do monte em que está situada esta quinta fica o sitio da Boiça, onde pelo terramoto de 1755 rebentou um grande nascente d'agoa, a qual juntando-se com a que vem da Sardinha e do Lourel se váe lançar no rio das Maçãs. que váe desaguar ao mar depois de fertilisar com suas agoas o valle de Colares.

« — Descendo do alto de Penha-Verde deixamos á esquerda uma fonte antiga, e logo mais adiante a estrada fórma um estreito por cujo motivo poserão os arabes ao sitio o nome de Gibraltar, e a poucos passos se biparte a estrada. Seguindo-se a da direita se váe dar á ribeira de Gallamares (de que fallaremos, quando tratar-mos da villa de Colares) em cuja proximidade está a quinta de São Bento, e as ruinas de uma antiga casa acastelada, que ainda conserva duas torres, pertencente á casa dos condes de Soure. Continuando a mesma estrada que tinhamos seguido, esta logo adiante se reparte em trez caminhos. A' direita fica a

que conduz ás ruinas e quinta de Monserrate; o centro é a estrada real de Collares, a qual por baixo de uma continuada sombra de arvoredo, tendo passado pela quinta de Bella-vista, pertencente á casa de Cadaval, a da Agoa Ferrea, e sitio da Ugaria, nos leva áquella aprasivel e viçosa villa: á esquerda subindo para o centro da serra, em direcção a oeste, vamos ter ao convento de Santa Cruz da Serra.

« — Logo adiante da quinta de Penha verde fica o sitio de Monserrate, assim chamado de uma ermida da invocação de Nossa Senhora de Monserrate, que no anno de 1540 edificou um clerigo chamado Gaspar Preto, mandando de Roma vir a imagem da Senhora, de alabastro.

« — Aqui, em um pequeno monte despegado, que se avança como atalaya do resto das ondulações da serra, estão as ruinas de uma casa de campo, imitando um castello antigo. Foi edificada esta casa por um inglez chamado Beckfort, ainda ha poucos annos, de sorte que, por vicio de construcção, e não pela sua muita antiguidade está em ruina. Qual flor requeimada por vento pestifero na viçosa idade da sua vegetação, ainda nestas estragadas ruinas sobresáe a formusura e brilho do seu tempo de gloria. Uma bella lameda de arvores nos conduz á casa cercada de uma gradaria de ferro de trez pés de altura, cingindo-lhe as paredes cedros, que sombreando-a lhe não roubão (pela boa disposição em que estão collocados) os lindos pontos d'optica que desfructa, tanto para o lado da serra de que é dominada, como para a parte do mar e valle de Collares. A primeira torre era destinada para os quartos de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar etc.; a outra torre consistia em uma bella salla de musica de forma redonda, communicando com outras, tudo no melhor gosto e distribuição. Tinha a casa duas entradas principaes que se dirigião a um vestibulo em octagano, que partia para os differentes ramos do edificio. . . .

« — Consistia a quinta de um bello bosque de antigos

carvalhos, que vinhão terminar junto á casa, em um pomar de larangeiras e tangerinas. Na encosta sobranceira ao valle onde está assentado este pomar, se vê uma cascata de enormes calháos, que para ali forão condusidos expressamente, esforçando-se por este modo com tanto trabalho o artificio humano em imitar a simplicidade das bellesas da naturesa, sempre magestosa e bella nas obras da sua creação — toma esta represa as agoas, que no inverno — e principios da primavera descem do alto da serra, e formão uma cataracta que se despenha por um leito pedroso, que forma a parte mais baixa do valle desta mata.

« — Tal é o sitio encantador de Monserrate! Se quereis embriagar a vossa alma de uma agradavel melancholia, vinde passar alguns momentos a estas ruinas, ou quando o sol rompendo por entre nevoas que coroão os alcantilados montes faz chorar as arvores lagrimas cristalinas, saudosas dos misterios da noite, ou quando, mergulhando-se no oceano traz essa hora do crepusculo doces meditações.

. . . . . .

. . . . . .

« — Está fundado o conventinho (*dos frades arrabidos, vulgo da Cortiça*) em um retiro, no meio da serra entre matos. Subindo a um terreno se offerecem á vista quatro portas, duas de dois confessionarios, uma da egreja, e outra da portaria, todas forradas de cortiça, e na da portaria uma vide suspensa, e a ella atado um chocalho, que servia de sino para chamar o porteiro. Ao entrar se dá em um corredor de oito palmos de comprido e cinco de largo, o qual por entre toscos penedos nos guia a um pequeno jardim, e ali em logar eminente se vê uma ermida, onde se venera a imagem de Christo, com a cruz ás costas, e junto um limitado vão de sete palmos entre penedos, que serve de sachristia, o que tudo mandou edificar o cardeal infante D. Henrique. a ermida para nella dizer missa, e a celasinha para nella habitar dia e noite, quando procurava este retiro para as suas penitencias. Em outro logar mais

elevado da cerca se venera a imagem de Christo crucificado em uma ermida formada de dois penedos. Além destas duas ermidas se mostra na cerca a cova do beato Honorio onde viveu pelo espaço de trinta annos em aspera penitencia; e junto a uma fonte uma mesa de pedra, em a qual comia elrei D. Sebastião todas as vezes que vinha a este convento gosar da sombra de suas arvores e frescura de suas agoas, com as quaes se rega a horta, que é pequena, como tambem a cerca.

« — Tem o convento um só dormitorio de 40 palmos de cumprimento e tres de largo, de forma que encontrando-se nelle os religiosos, para um passar se recolhe o outro para alguma das sellas. São estas tão estreitas que mais se podião chamar sepulturas de homens vivos; as paredes que as dividem são de barro e palha formadas de cortiça, a qual serve tambem de forro ás portas. O refeitorio é tão pequeno que apenas tem quatorze pasmos de comprido e sete de largo; serve-lhe de mesa uma lage tosca que para este effeito mandou arrancar da serra o cardeal infante D. Henrique, levantada um palmo do chão. Erão os guardanapos da mais aspera estopa, os vasos de que se servião os religiosos erão de grosseiro barro, guardando-se ahi sempre abstinencia de carne, e não se comendo no advento e quaresma cousa que fosse ao lume. Aqui encontravão na hospitalidade dos religiosos as pessoas que ião visitar o convento uma parca refeição de pão, queijo, e delicioso vinho de Collares, a qual pelo appetite, provocado pelo passeio, se tornava mais saborosa do que os mais exquisitos manjares. No resto das officinas se observava a mais perfeita pobresa.

« — Desce-se por sete degraus de dois palmos de altura para o coro, e deste por uma abertura feita na rocha ao lado do evangelho se desce para a igreja. E' esta mui pequena; da porta até á grade, que divide a capella mór, tem de distancia desoito palmos de comprido, e de largura treze, é de abobada, e as paredes de calhaus que ali produziu a naturesa. Das grades até ao altar se contão sómen-

te doze palmos, e este era o vão da antiga lapa, a quem a mesma rocha serve de cobertura. E' o altar de pedra polida, e nelle em seos nichos se vião as imagens do Menino Jesus e varios santos; e em cima do sacrario um Santo Christo de marfim, dadiva de D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto; e no sacrario uma cruz de prata dourada com um santo lenho que de Roma trouxe o fundador D. Alvaro de Castro. Da parte da epistola se via um painel com o retrato do beato Honorio, o qual está sepultado na igreja; e do lado de fóra da mesma, junto á porta, Frei Christovão de São José, tambem de vida exemplar. Das padroeiras está nella enterrada D. Maria de Noronha, viuva de D. Alvaro de Castro, 3.° padroeiro, a qual tendo enviuvado na flor da idade, e sendo procurada pela sua muita formosura por varios senhores da corte para casar, por haver feito voto de castidade se conservou sempre viuva, até que falleceu no anno de 1684, e jaz enterrada neste convento, que muitas vezes frequentára em vida.

. . . . . .

. . . . . .

Freguezia de Santa Maria. — Proximo á villa de Cintra, no arrabalde da mesma junto á serra, e ao pé do castello, está situada esta freguezia, e della se descobre a villa de Mafra, e differentes logares desta freguezia. Confina o seo districto com o das freguezias de S. Miguel do arrabalde, S. Martinho da villa, e com os das freguezias de Montelavar, Penaferrim, e Terrugem no termo deste concelho.

« — E' fundação de D. Affonso Henriques quando conquistou esta villa; foi reparada posteriormente das injurias do tempo, depois do terrivel terramoto de 1755, correndo a despesa da obra por conta do prior, e mais beneficiados da dita Igreja. . . . . .

« — Não ha nesta freguezia rio algum de nome ou caudaloso, mas sim alguns regatos por onde correm as agoas de varias fontes e olheiros que rebentão de inverno pelas

terras, e nenhum delles merece o nome de rio por não conservarem a sua corrente de verão.

« — Ha porém varias fontes, e entre estas a que está na estrada que vem de Lisboa e vae para Collares, chamada da Sabuga, pela grande frescura de suas agoas de verão e de inverno. Correm estas, porém, algumas vezes tepidas, e tão brancas como agoa de sabão, que attribuem a passar por mineral nas entranhas da terra onde nasce. — Ha mais a fonte chamada da Sardinha onde, junto de um olho de agoa, de que se servem os moleiros desta villa para marearem os trigos, a qual nunca secca, e de verão é applicada para a rega dos pomares de caroço e de espinho, que estão junto da sua corrente.

« — No seo districto, n'um valle encostado á serra, está situado o convento que foi das religiozos da Santissima Trindade, o qual teve principio no anno de 1374. Havia no sitio em que foi edificado este convento uma ermida antiga dedicada a Santo Amaro, frequentada de muitas romarias, ás quaes acudião os visinhos de Cintra e Cascaes.... Como o primeiro convento e a sua reedificação fôra fabrica d'empreitada e feita a pedaços tinha muitos defeitos de architectura, e tão pouco solida ficou que em breves annos ameaçava ruina. Neste estado forão abandonando os religiosos o convento, ficando só um para recolher as rendas, até que no tempo da reforma, o padre frei Baptista de Jesus, sendo provincial o edificou de novo. Vendo quão mal estava situado o antigo, e que não podia para parte alguma alargar-se, por causa da serra o construiu no logar onde hoje o vemos, com boas cellas e officinas, e mais avultada fabrica.

« — A cerca é bastante grande fechada toda de muro; ficava lhe ao sul um denso pinhal, e ao norte a porta. Do alto da serra corre uma grande ribeira de agoa, a qual encaminhada por arte a um penedo, se despenha delle em prateada corrente, em um espaçoso tanque mandado fazer por frei Paio de Lacerda. Este tanque tinha no centro um penedo que lhe servia de ilha e era cercado de antigos chopos

que tornavão com a sua sombra o sitio aprasivel. Junto tinha um grande pombal, que algum dia foi povoado de pombos, e por estar perto d'agoa, aonde estas aves e outras de diversas partes vinhão beber, o penedo pelo qual a agoa se despenha se dominou *Penedo das Pombas*. Tinha esta cerca cinco ermidas repartidas pela serra, habitações dos antigos anacoretas de que fallâmos....

Freguezia de S. Miguel. — Está esta freguezia situada nos arrabaldes da villa, e na encosta da serra. Tem por orago o archanjo S. Miguel, e confina o seo districto com o das freguezias de Santa Maria do Arrabalde, Montelavar, e Terrugem, no termo deste concelho. Sua população é de 30 fogos, e de 162 habitantes parochiados por um prior. Consta o seo districto de oito povos, ou logares determinados.

. . . . . .

. . . . . .

Freguezia S. Pedro de Penaferrim. — No districto desta freguezia está o paço do Ramalhão, e quintas reaes, que lhe são annexas, por entre as quaes passa a estrada real que conduz á villa, e vem de Lisboa; e logo adiante desta casa na mesma estrada, antes de chegar ao rocio de S. Pedro, debaixo de um sombrio arvoredo, se vê uma sepultura de pedra sem outro lavor mais do que uma cruz estreita sobre a campa, da forma que usavão os templarios, e em uma das extremidades outra cruz de pedra arvorada.

« — E' conhecida esta sepultura pela denominação da sepultura *dos dois irmãos*, nome que tinha no XV seculo, como consta de um instrumento d'aquella epocha. Dizem os naturaes que o que dera origem a esta denominação fôra a tradicção que entre elles corre, antiga, de paes a filhos, que passo a escrever como a ouvi de um velho de noventa annos, todo embuido da sua veracidade.

« — Dois irmãos trazião amores com uma donzella, que por aquelles sitios habitava, ignorando ambos os amores um do outro. Acontecendo por uma triste fatalidade encon-

trarem-se os dois irmãos em uma noite tenebrosa debaixo do balcão do objecto que tão enfeitiçados os trazia, um delles persuadido de que o outro lhe disputava os favores da sua dama, corre cego e inconsiderado sobre elle, e o estende morto a seos pés, victima de um frenetico ciume. Porém qual é a sua desesperação quando pela voz moribunda d'aquelle que julga o seo rival reconhece ter sido o assassino de seu proprio irmão, que muito amava, que lhe espira nos braços! Cheio de desesperação volta contra o peito o ferro fratricida, e cae morto sobre o cadaver ensanguentado do irmão preferindo uma morte prompta a uma vida inconsolavel cheia de remorsos.

. . . . . .

. . . . . .

« — Ha nas faldas da serra um pequeno logar entre brenhas chamado o Cubello, donde se avista o mar, e parte do rio de Lisboa em dias em que as nevoas o deixão descobrir:

Ora avulta acolá castello annoso,
Em fragozos cabeços.....

« — E' este o castello vulgarmente conhecido pelo nome do *Castello dos Mouros* cujos vestigios e ruinas de muralhas se vêem na parte occidental da serra sobre enormes calhaus. Qual foi a raça de dominadores que primeiro o ergueu é o que se não póde assevar em tanta antiguidade; mostrando comtudo as suas muralhas, isto é, o que dellas resta, que por differentes mãos forão construidas, sendo em partes de uma argamassa mui solida, igual á que se encontra em todos os vestigios de obras lavradas pelos serracenos. O certo é que no tempo destes existia, pois consta que D. Sancho I, o reformára, ou por causa da ruina procedida na sua tomada, ou por causa de outro accidente, isto por carta passada ao anadel e bésteiros de Cintra em que os isenta de pagarem ensacas e entalhas, nem outra cousa nenhuma,

salvo no fazimento e refazimento dos muros, ordenando aos alvasis e veedores que lha cumprão, a qual confirmou o seo bisneto em o anno de 1336.

. . . . . .

. . . . . .

« — Mas voltando ao castello, era elle fortificado e defensivel no anno de 1383 quando Lisboa esteve cercàda pelos castelhanos na epocha do levantamento do mestre d'Avis; e governado então por parte dos castelhanos por D. Henrique de Vilhena, conde de Cêa. O condestavel depois de o ter torneado com trezentas lanças á vista do governador, que nelle se tinha fechado, se recolheu tendo feito muito damno e uma presa consideravel.

« — Para este castello, que se compunha de cinco torres de que ainda restão as ruinas, e varias concavidades de que está minado, e é facil acha-las quando se examinão, sobe-se indo rodeando a cêrca do convento da Trindade; e se entra para elle por uma porta pequena á mão direita.

« — A pouca distancia se encontra outra porta na segunda muralha do castello que tem onze palmos e meio de altura, e é a principal, encostada á qual se acha um reducto com tres columnas de cada lado para a parte esquerda, e tem o cumprimento de cem palmos.

Logo se encontra uma antiga ermida que se suppõe ter sido mesquita de mouros, a qual servia de freguezia (depois de ter tomado o castello aos mouros) com a invocação de São Pedro de Canaferim.....

« — A pouca distancia da ermida se acha um deposito d'agoa a que Merphy chama sala de banhos dos mouros, vulgarmente conhecido por cisterna dos mouros, distante das primeiras tres torres trezentos passos: entra-se para ella por uma porta pequena que tem dois degraus, e para o lado esquerdo tem outros dois degraus que estão mettidos dentro da agoa. E' esta cisterna coberta de abobadas com tres arcos, e se acha com duas fendas arruinada por onde se vêem as suas agoas que são de um excellente sabor, e

tem de cumprimento 63 palmos, e de largo vinte e seis. E' esta fonte o primeiro objecto de quem váe ver o castello pela eminencia em que fica, e ser o seo nascimento tão abundante, que no verão se lhe não conhece diminuição em suas agoas que se encaminhão ás fontes do palacio real. Está bastantemente entulhada de caliça que cahiu das duas bandas da abobada, e de pedras que lanção dentro.

« — Indo para a primeira torre se encontrava uma tulha que tinha cinco palmos e meio de diametro por onde dizem que havia uma estrada encoberta que ía até o rio de Mouro, e que della se denomirára o dito rio; e para a parte direita se divisava o signal de uma porta por onde dizem era a dita entrada. Ao pé desta primeira torre estava outra tulha quasi entupida, e no fim da quinta torre outra, e duas mais depois de sair pela porta da traição, por onde segundo a tradicção os nossos valorosos portuguezes conseguirão o serem senhores do castello, as quaes teem communicação uma com outra.

« — Esta torre se achava muito arruinada por causa de um raio que nella caíu: subia-se ao alto della por uma escada muito arruinada, que se achava dentro da dita torre, a que se chamava de homenagem, cuja abobada, logo quando se entrava estava suspensa no ar; pelo terramoto de 1755 ficou quasi toda demolida, assim como a maior parte dos muros deste castello se demolirão em partes. A segunda e terceira torre ficão em distancia da primeira, sendo todas de uma argamaça mui forte.

« — A quarta torre, que está antes de chegar á porta de traição era a mais formosa, e se chamava torre real, onde se punha o estandarte régio. Subia-se para ella da mesma sorte que para a quarta á roda da muralha, por mais de 500 degraus e muito arruinados. Tinha a sua entrada por um buraco grande, que tinha a dita torre defronte do nascente, e dentre delle, por cima do buraco tinha uma janella da altura de doze palmos, e defronte um pedestal da mesma materia de que é a sua fabrica, onde se

arvorava a bandeira, arruinado quasi todo; porem mostrando nos vestigios que tinha sido feito para este ministerio.

« — Distante alguns passos se vê a porta de traição, remate do castello; é muito pequena, e com difficuldade cabe uma pessoa por ella, a qual está para a parte do poente. Era este castello duas vezes no anno guardado pela gente do termo de Cascaes que nelle vinha assistir, e de noite fazia fogos para signal que nelle estavão, por cujo motivo lhe era concedido o privilegio de pagarem só meia jugada.

. . . . . .

. . . . . .

« — Defronte do castello, em um monte visinho que fica da parte do sul, está a ermida de Santa Eufemia muito antiga, e pouco afastada da dita ermida; para a parte do norte se acha uma fonte que lhe pertence, em cujas agoas vem banhar-se varios enfermos, que por meio de sua virtude conseguem melhorar de suas enfermidades.

« — Proximo desta ermida está o convento da Pena, situado em outro monte, cujo mosteiro teve principio em uma ermida de Nossa Senhora, que, segundo a tradicção appareceu neste logar, onde foi venerada muitos annos com o titulo de Nossa Senhora da Penha. . . . .

« — Elrei D. Manoel affeiçoado a este sitio deu principio ao mosteiro onde estava a ermida para a religião de São Jeronimo, mandando cortar a penha a todo o custo, até que se fez uma planicie de oitenta pés de terraplenado, onde levantou de madeira este edificio que dizem alguns foi modêlo e principiou em 1503, e durou muitos annos.

« — Vendo D. Manoel que esta obra não era perduravel a mandou fazer de cantaria e abobada, principiando a obra em 1511, e custou, trinta mil cruzados, fora outras despesas, que para aquelle tempo era uma grande quantia, e em breve se acabou, fazendo-se capaz de morarem nelle dezoito monges.

« — Tem este mosteiro entrada para a parte do meio

dia, entrando-se por uma porta de grades de ferro, e logo á entrada da cerca se vê uma fonte com seos assentos e um tanque. Seguem-se logo os apriscos de gado, hortas, e uma praça aonde se corrião touros.

« — Perto do mosteiro ha um pateo onde estão as hospedarias, com a porta ao poente, a qual se forma de um arco de pedra em meia laranja, donde continua até ás hospedarias um lanço de muralhas com as suas ameias, repartido em tres arcos, e cada um delles em dois, que devide uma columna de ordem jonica, rematando em duas meias columnas da mesma obra, a qual se sustenta sobre um meio parapeito de parede da altura de um homem de estatura ordinaria com seos assentos de cantaria. Terão estas hospedarias quarenta pés de comprimento, levantando-se nesta distancia dois botaréos que fazem um alpendre, sobre o qual está uma varanda, tendo os dois botaréos tres claros, dos quaes se formão tres arcos, tendo cada um dois, porque os divide uma columna da mesma obra. Sobre o parapeito da varanda tambem tem arcos e columnas, sendo o tecto do alpendre de laçaria de pedra com as armas reaes nos feixos, e desta varanda se descobre o mar com vista muito dilatada.

« — Da parte do norte está uma escada, que entra para a igreja, cujo tecto é de laçaria de pedra com armas reaes nos feixos, cruz de Christo, e florões, descançando esta laçaria em quatro meias columnas que estão nas paredes. E' toda a igreja asulejada de azulejo branco e verde...

« — Tem esta igreja um retabulo em que está a imagem de São Jeronimo, e em cima da cimalha este letreiro: *Semper vox illa sonat in auribus nostris; surgite mortui, venit ad judicium.*

« — O outro altar do lado da epistola é de São João Baptista, e no altar mór na banqueta está a Senhora da Pena, e no espaldar fica o celebre retabulo de jaspe, que passo a descrever.

« — Forma-se este retabulo pela parte superior com

arco de meia laranja, que descança em duas columnas de jaspe preto. O arco é feito do mesmo jaspe com quadrados sobrepostos de pedra d'alasbastro com suas divisões de jaspe preto de embutidos rasos com este letreiro: *Isa Rorate coeli desuper et nubes pluant justum, aperiatur terra et germinet salvatorem.*

« — Tem no fim de cada ponta ou canto dois meninos de alabastro, que sustentão dois magotes feitos de armas, fructos, e flores, que pendem destas pontas até o meio do retabulo. Continua o cerco com uma cimalha de azulejo listrado com um tecto de laçaria de pedra que fecha com uma cruz de Christo d'azulejo de estrelinhas. Destas duas columnas de jaspe preto se forma um nicho em o qual se vê o nascimento de Christo todo de figurinhas de vulto feitas de alabastro.

« — Descendo por este meio, entre duas columnas de jaspe, preto sobresáe o arco debaixo do qual se vê o sacrario. Sobre este arco está uma imagem de Nossa Senhora assentada dentro de outro nicho pequeno com duas columnas de jaspe preto sobresaidas, e duas meias interiores, sobre as quaes se formão trez arcos de renda de alabastro. Tem esta Senhora o Menino no braço esquerdo, e no direito um livro aberto, apparecendo a cadeira em que está assentada, mostrando, que está ensinando os homens e os anjos, e d'aqui descem umas varandas até o fim do arco em que está o sacrario, tendo collateraes deste nicho outros dois, um da Annunciação, e outro dos reis, tudo de figuras de alabastro.

« — Debaixo destes nichos estão outros dois, um da Apresentação no templo, outro da fugida para o Egypto, todos igualmente de figuras de alabastro.

« — No meio destes nichos está outro mais concavo, onde está um sepulchro de alabastro, sobre o qual se vê a imagem de Christo morto, e trez anjos que o estão sustendo, do mesmo alabastro, que são as maiores figuras deste retabulo. No friso da cimalha deste nicho, que tor-

neia por dentro, tem este letreiro: *In die illa quid stat in signum, et erit sepulchrum ejus gloriosum*, tendo no remate das columnas em um, *Isaias*, no outro *capitulo* 11. As bases destas columnas são em meia laranja todos de alabastro com guarnições e frisos de jaspe preto lavrado de meio relevo de folhagens. Fica este sepulchro superior ao sacrario, o qual é em fórma rotunda, sobresaindo de toda esta obra, e tem da parte direita um anjo com as armas reaes, e da esquerda outro com as da rainha D. Catharina.

« — E' este sacrario de alabastro, tem pela parte de fóra um rasguardo com seu zimborio do mesmo alabastro, e o sacrario move-se pela parte de dentro em redondo, o qual tem na circumferencia seus apainelados dos passos da paixão, de figuras em meio relevo, e em um delles que é a porta, tem este letreiro. *Panis qui de cœlo descendit*, e por baixo a era em que foi feita, que diz ser 1531.

« — Os passos da paixão que tem esculpidos na circumferencia são os seguintes: a prisão do Senhor á columna, o Ecce Homo, a Cruz ás costas, e o descimento da Cruz tudo de figuras.

« — Tem dentro o Sacramento, e quando se lhe mete uma luz, ou se põe por detraz, transparece a luz como se fôra cristal, podendo-se com ella lêr.

« — Sustenta-se o retabulo em umas pilastras de alabastro com umas laminas da mesma pedra, tendo da parte do Evangelho a Cêa e o Horto; e da parte da epistola a Ressurreição, e descida ao Limbo. Da parte do Evangelho tem em uma base este letreiro: *Divæ Mariæ Virgini et matri sacratur*; e da outra parte no pedestal do mesmo altar o seguinte letreiro: *Joann. III Emm. F. Ferdinand nepos. Eduard. Pronep. Joann. I. Abnep. Portug. et Algarb. Rex. Afric. Ethiop. Arab. Pers. Ind. ob felicem partum Catharinæ Conjugis incomparibilis suscepto Emmanuele filio princepe Aram cum signis pos. dicavitque* an. MDXXXII. Que quer dizer: Elrei D. João III,

filho d'elrei D. Manoel neto de D. Fernando, bisneto de D. Duarte, e 3.° neto d'elrei D. João I rei de Portugal e dos Algarves, Africa, Ethiopia, Arabia, Persia, India, pelo feliz parto da rainha D. Catharina sua incomparavel consorte, nascendo o principe D. Manoel, dedicou esta obra, no anno de 1532.

« — Custou este retabulo, cuja pedra foi extraida da serra, quatro mil crusados e foi executado por um estatuario estrangeiro chamado Nicolau, de nação francesa, segundo encontro em uma memoria antiga, e o assevera Duarte Nunes de Leão, ainda que alguns o fazem italiano. A pesar do seu lavor não parece dos mais correctos quanto ao desenho, aos modernos, nos tempos antigos gosava de grandes creditos.

« — Festejava-se esta senhora todos os annos em diversos tempos. Pelas ladainhas de maio vinha o cirio de Lisboa; pelo Espirito Santo o de Belem; pelo Santiago o de Cintra e Ericeira; pela Assumpção o do Lumiar, e a 21 de outubro o de Santo Isidoro, que fica junto ao mar, e outras muitas festas de devotos.

« — Consta o claustro deste mosteiro de um superior, e outro inferior, e na cerca havia differentes ermidas umas feitas pela arte, outras feitas pela naturesa, para onde os antigos monges se retiravão a orar.

« — *S. João das Lampas.* E' orago São João Baptista. E' situado o districto desta freguezia em distancia de legoa e meia para o norte da villa de Cintra, e confina com os das freguezias de São Martinho de Cintra, Collares, Terrugem, Chileiros, e Reguengo da Carvoeira. E' a sua população de 715 fogos e 3,000 habitantes parochiados por um vigario, e compõe-se o seu districto, de 32 povos ou logares. . . .

« — Correm pelo terreno desta freguezia os ribeiros de Magoute, da Samarra, e do Barril, que váe desaguar na foz de São Julião. Consiste a principal fertilidade do seu

Sa. Lith.

Cf. B. N. de M. No. 12

Varzea de Colares.

terreno em trigo, cevada, milho, e vinho; e ha no seu districto varias pedreiras.

Collares.

« Uma legoa ao poente da villa de Cintra, e a seis de distancia da cidade de Lisboa para o noroeste, superior a um fecundo e verdejante valle conhecido pelo nome de Varzea, está situada a ridente villa de Collares, a qual, pelo despenho de suas fontes, melodia das aves, temperança de seus ares, que no mais intenso ardor do estio nos fazem experimentar uma moderada primavera, mimo de suas fructas, puresa de suas agoas, com justo titulo podemos chamar um verdadeiro paraiso na terra. Estende-se esta varzea até o Oceano, que dista uma legoa desta villa, onde váe desaguar o rio das Maçãs. Corre este rio, que nasce no termo de Cintra, no logar de Lourel, de nascente a poente, e recebendo as agoas que se despenhão do alto da serra, e de dois riachos, que lhe entrão, um junto á quinta da Bréja, e outro junto ao tanque da Varzea da mesma villa, depois de haver feito moer varias azenhas, e fertilisado os pomares que ficão nas suas duas margens com suas agoas (as quaes usavão por distribuição do almoxarife, sem pensão, os povos desta villa) tomando o nome de Gallamares desde o sitio de Ponte Redanda á Varzea, e desta até o Oceano, o do rio das Maçãs, váe ali morrer na praia denominada das Maçãs. . . :

« — Tomou esta villa o nome de Collares provavelmente por estar assentada sobre dois collos ou colinas sobranceiras á Varzea. A etymologia que lhe dão, o nosso celebre João de Barros, no seu Clarimundo, e o auctor da Ulisséa poremos aqui mais para receio do leitor, do que utilidade.

« — Diz pois o historiador no romance que inventou que esta villa tivera principio no castello de Collio, edificada pela condeça de Campa, senhora natural de Alema-

nha, que residia em Dinamarca. Tendo-lhe o principe desta terra morto o marido, esta nova Dido temerosa das consequencias que a ameaçavam, tendo junto as suas joias, e acompanhada de alguns dos seus, e de trez filhos, tendo-se embarcado em duas náus, abordou a estas praias, e subindo o rio acima, attraida da amenidade do sitio, resolveu fixar-se nelle, e buscar descanço aos seus trabalhos. Sabendo que aquellas terras pertencião a Zeilão senhor de Lisboa, lhe demandou parte dellas para nella habitar reconhecendo-se como tributaria, cujo regulo annuiu com a condição de lhe comprar a terra por cem pesos de ouro e trezentos de prata. Não tendo a condeça o dinheiro necessario lhe deu em penhor trez collares de ouro com a condição de que não sendo resgatados em trez annos ficarião pertencendo ao dito Zeilão. Feita a compra a condeça logo tratou de edificar com os seus o castello, ao qual em memoria do penhor chamou Colir, e junto a elle se construiu a povoação que hoje se chama de Collares, do qual derivou o nome.

« — Vejamos agora a invenção do nosso poeta Gabriel Pereira de Castro na sua Ulissea. Um novo Caco por nome Phitodemo devastava estes sitios, e nelles habitava em uma profunda caverna, horrido covil de suas sanguinosas presas, o qual foi vencido e morto por Alcides. Divulgada a noticia da sua morte por os povos d'aquella terra ninguem ficou sem ver a caverna, horrivel habitação do gigante, despovoaram-se os campos para ver o corpo ensanguentado, que arrastaram com fortissimos *Collares*, erguerão-se altares e Alcides,

E o tempo gastador que tudo come
De Collares conserva o proprio nome.

« — Porem deixando fabulas, e voltando á nossa descripção: é esta villa muito antiga. O grande numero de inscripções e medalhas aqui encontradas não deixa logar a

duvidar ter sido povoação dos romanos. Ignoramos como passou do dominio dos romanos para o dos christãos, um vestigio porem d'aquelles povos parece conservar-se no nome da calçada que condusia ao castello antigo, que ainda hoje se chama de Albornoz. Quem seria este Albornoz! Seria o senhor mouro desta villa? O certo é que em tempo d'elrei D. João III havia em Cintra um Martim d'Albornoz, pessoa de auctoridade que exercia os cargos desta villa, que se correspondia com o dito rei com certa liberdade que inculcava ter gosado da sua privança. Tem a villa por armas um castello entre arvores, indicando estas a fertilidade da terra, e aquelle ser terra fortificada ou ganhada á força de armas.

. . . . . .

. . . . . .

« — Tem esta villa casa de misericordia fundada por D. Diniz de Mello com ajuda do povo; casa da camara ou audiencia, a que preside juiz ordinario; e consta todo o seu termo de uma só freguezia em que ha 565 fogos e 1744 almas, parochiados por um reitor apresentado pelo povo da freguezia, e é seu orago Nossa Senhora da Assumpção. Compõe-se o districto desta freguezia de 25 povos entre quintas, casaes, e logares com 333 fogos. . . .

« — Confina o districto desta freguezia com a das freguezias de São Martinho da villa de Cintra, São João das Lampas, e com o Oceano, pertencendo-lhe as praias que lhe são adjacentes, e indo acabar no cabo, ou farol da Roca.

« — Tinha no seu districto os conventos de Santa Anna de Carmelitas, e as antiguissimas ermidas de Melides, São Saturnino, e Peninha.

« — A pouca distancia do convento dos capuchos da serra fica a antiquissima ermida da Senhora de Melides, cuja origem data do principio da monarchia. Nas ruinas de tão modesto edificio se diz ter sido a primeira parochia da villa; ainda se divisão os fragmentos da sua respeitavel an-

tiguidade. O nome de Melides lhe vem, segundo a tradicção dos povos, do seguinte facto. Vinte portuguezes meditavão uma empresa de guerra contra os mouros, ou fosse a tomada desta villa, ou antes qualquer facção militar atrevida; começarão com tudo a vacilar á vista de um desproporcionado numero de inimigos, e o seu animo varonil começava a afrouxar á vista do perigo inevitavel. A' moda dos tempos antigos alevantavão-se com a oração neste sitio, eis senão quando ouvem uma voz que dizia. — Ide que *mil ides*: despertados e electrisados por esta voz magica, sáem resolutos, e aos gritos repetidos de *mil ides* dão sobre os mouros, e a pesar de tão desproporcionado numero os desbaratão, e vem dar graças a Deus de tão portentosa victoria á Senhora que d'ora em diante appelidão de *Milides*. . .

« — Na proximidade desta ermida está o extincto convento da invocação de Santa Anna, de padres carmelitas. Foi primeiro fundado este convento no casal da Torre, antigamente chamado de Miguel Joannes no termo de Cintra, que pertenceu a mestre Henrique, physico mór d'elrei D. Duarte, o qual tendo primeiro impetrado licença do dito rei para a sua fundação (que lhe foi concedida por carta dada em Lisboa aos 14 de novembro de 1436) deixou em testamento o dito casal, onde já tinha edificado uma capelinha, ou oratorio á ordem do Carmo para por sua morte se fundar n'aquelle logar o dito convento, deixando por testamenteiro e executor desta sua ultima vontade a D. frei João Manoel, bispo de Ceuta e capelão-mór.

« — Por morte do dito mestre Henriques, no anno de 1449, com authorisação da rainha D. Izabel, mulher d'elrei D. Affonso V, senhora da villa, passaram a tomar posse do casal o padre frei D. Rodrigo, sub-prior, com mais quatro padres, e Gonçalo Boto, em nome do bispo testamenteiro. Nomeou logo o bispo para habitar no dito casal a frei Constantino Pereira, sobrinho do condestavel, e para dar principio á sua fundação levou em sua companhia o padre frei João de Santa Anna, o qual passado pouco tempo

se ausentou, e ficando frei Constantino só deu principio á nova fabrica, conseguindo edificar alguns commodos para os religiosos que ali houvessem de habitar.

« — Como o sitio fosse pouco fructifero e desabrigado, tendo um certo Sebastião, e sua mulher Ignez Esteves feito doação ao dito C. Pereira, para elle, seos herdeirós e successores, de uma sesmaria que possuiam no logar da boca da mata, partindo pelo oriente com a quinta de Milides, e pelo poente com a serra, tratou logo de suspender a obra começada, e principiar nova fabrica neste local, ficando mallograda a primeira fundação. Chamou este para o ajudar o seo antigo companheiro o padre frei João de Santa Anna, e prevendo ambos que o edificio gastava tempo antes que fosse de todo concluido construirão uma pequena ermida com o nome de oratorio dedicado a Santa Anna, que tomarão por orago do novo convento, onde interinamente celebrarão os officios divinos, empregando-se os ditos padres em cultivar a serra rompendo matos, plantando arvores, em quanto não se podia acudir á obra do edificio por a provincia não ter os fundos necessarios para a despesa. Nestes exercicios se conservou o sobrinho do condestavel até que falleceu a 14 de fevereiro de 1465....

Acha-se o convento edificado em um sitio ameno, em uma planicie na raiz da serra, e sobranceiro á villa de Collares, cercado de frondoso arvoredo. Gosa ao perto de aprasivel vista da varsea, casas de campo, pomares, e quintas revestidas de copados arvoredos, e mais longe de logares e casaes, terminando o horisonte de um tão variado e deleitavel painel o Oceano, cujas vagas prateadas se estão vendo em distancia quebrar n'aquellas praias.

. . . . . .

. . . . . .

« — Aformoseão muito a villa de Collares as differentes quintas que a cercão ornadas de viçoso arvoredo, e rendosos pomares d'espinho e caroço, sendo entre estas as mais conhecidas as de Rio de Milho, da Bréja, do Duque de Ca-

daval, Agoas Ferreas, La Roche, Montano, e José Dias, onde se vê um bello jogo d'agoa.

« — Summamente aprazivel é o sitio da Varzea, onde o rio tem uma ponte de cantaria, e se represão as agoas que servem para a regra dos pomares, e de agradavel recreio para aquelles que o navegão em um pequeno batel, debaixo da sombra das arvores carregadas de pomos, as quaes indo pelo rio abaixo, quando o rio era navegavel até ao mar, derão o nome á praia onde elle váe juntar a sua humilde vêa, com as encapelladas agoas do Oceano que se quebrão nesta praia, a que chamão das *Maçãs*. Proximo á sua foz ha uma lagao que retem as agoas que lhe deixão as marés altas. A esta praia acodem no verão muitas familias que vem de Cintra e Collares a tomar banhos, as quaes pela agoa ser muito batida são de grande proveito, porem se tomão ás vezes com grande perigo. Um funesto exemplo se experimentou recentemente no anno de 1838. Tres senhoras que se banhavão forão arrebatadas pelas ondas juntamente com os banheiros; destas apenas uma foi arrojada morta á praia, as outras não forão mais vistas, enchendo de consternação tão lastimoso successo as familias que n'aquelle tempo por aquelles sitios residião.

Sobranceiro ao Oceano se eleva um enorme banco de pedra cortado pela naturesa quasi perpendicular, em cujas bases as ondas batem espumosas, e refervem com espantosa furia. Chama-se a esta espantosa pedra, que assim lhe podemos chamar, *Pedra de Alvidrar*, objecto que entre os mais interessantes despérta a curiosidade do estrangeiro que visita Cintra. Apenas se chega ao logar de Almocegeme, é de ver a quantidade de homens e rapazes, que a troco do mais pequeno ganho se disputão a primasia de descer este elevado, ingreme, e liso rochedo. O que é o homem, ou, para melhor dizer, o que é o habito! Aquillo que não ousaria o mais destemido guerreiro o faz um povo inteiro, pela maior parte crianças, por um costume antiguissimo transmittido de pais a filhos, do qual já fez menção Duarte Nu-

nes de Leão na descripção de Portugal. Arrepião-se as carnes, desmaia o coração do espectador ao ver o perigo imminente destes infelizes, que sem mais auxilio que os pés e mãos vão descendo pela rocha até serem salpicados das ondas. Ai d'aquelles a quem escorregou um pé na sua temeraria tentativa, que precipitado no mar pagou com a vida o seo ousado arrojo. Admira o atrevimento desta infeliz gente, a quem a fome compelle a tão arriscado ganho; porem admira ainda mais a maldade do coração humano, e o egoismo d'aquelle que por um simples passatempo tão facilmente põe em risco a vida do seo similhante. E' comtudo bello o ver de cima deste penhasco a immensidão do Oceano, correr com os olhos por quanto ahi podem abranger de horisonte, e enxergar ao longe os navios que em variadas direcções vão levar a differentes paizes as riquezas do commercio, e mais perto essas muletas multiveliferas, semeadas por toda a costa, de grata vista para aquelle que aborda a foz do Tejo.

« — Eminente ao mar, na mesma costa está a ermida da Senhora da Peninha, situada sobre um rochedo, o qual por ser inferior em grandesa relativamente áquelle em que se edificou o convento da Pena, se chamou da Peninha. Refere-se por tradicção que, no reinado d'elrei D. João III, havia no logar de Almoinhas Velhas uma pastorinha muda, que costumava ir apascentar as suas ovelhas á serra, Um dia lhe fugiu uma ovelha branca do rebanho a todo o correr, e não parou senão no alto deste penhasco. A este logar a foi buscar a pastorinha toda chorosa pelo excessivo trabalho em que a pozera. Chegando ao alto d'aquelle rochedo viu com admiração uma menina muito formosa que estava junto á ovelha, a qual vendo-a tão afflicta lhe perguntou que buscava; e recebendo ella aos impulsos desta voz soberana a falla de que carecia lhe respondeu que esta ovelha que lhe havia fugido ao seu rebanho. A esta resposta lhe disse a formosa menina que a levasse a sua mãe, e lhe dissesse que lhe désse pão. . . . . .

« — Trouxerão a imagem para a antiquissima ermida de São Saturnino (de que já fizemos menção tratando da freguezia de São Miguel) que fica ali proxima, e nella a collocarão; mas a Senhora, que havia ali sanctificado o logar, deixando a ermida de São Saturnino foi buscar a sua penha, o que repetiu por trez vezes.

« — Neste idyllio sagrado teve origem a veneração desta imagem, e o culto na devoção d'aquelles aldeões, os quaes vendo a vontade da Senhora tratarão de lhe fazer uma ermida ajustada com a sua pobresa. Com effeito lhe levantarão uma ermidinha de pedra secca, e na parede fronteira á porta metterão uma lagem sacada para fóra, que juntamente lhe servia de throno e altar, e nelle a collocarão. Arruinada a ermida pelo desabrido do logar, e rigor dos ventos, que ali são muito rijos, a qual estava no logar que hoje é eirado, e crescendo a devoção dos povos visinhos fizerão outra pouco maior, porem mais capaz de resistir ao rigor do tempo, no logar aonde hoje é a capella-mór.

« No tempo do cardeal rei, pelos annos de 1579 acudirão a venerá-la muitos povos como Collares, Cintra, Cascaes, e de todos aquelles logares circumvisinhos até o Milharado, que foi a primeira confraria, os quaes com suas esmolas fizerão outra ermida melhor com o seu altar, e outro nicho mais levantado, e nelle perseverou a Senhora até o anno de 1673, pouco mais ou menos, em que o irmão Pedro da Conceição mancebo de vinte e oito annos official de pedreiro, vindo áquelle sitio em companhia de outros moços do seu officio, resoluto d'ali acabar a vida em serviço da Senhora vestiu o habito d'ermitão de Nossa Senhora do Carmo, e deu principio á nova igreja. . . .

« Passadas estas tormentas, continuou o irmão Pedro a igreja que tem capella mór e tribuna, e é de marmores de varias cores, que descobriu n'aquelles sitios, e de embutidos, em cujas obras gastou grande parte de uma herança, que teve de um parente do ultramar.

« — Alem da obra da igreja fez umas casas para com-

modidade dos romeiros, e rompeu umas terras que lhe deu elrei D. Pedro II para do fructo dellas assentar renda para a cera, azeite, e congrua do capellão. Trinta e cinco annos viveu neste retiro, aonde falleceu, deixando em seu testamento 30,000 rs. ao ermitão, e trezentos e sessenta alqueires de trigo ao capelão para haver ali missa. Tem a sua sepultura feita por suas proprias mãos, fóra da porta da igreja, aonde poz este epitaphio:

Aqui jaz o ermitão de Nossa Senhora da Peninha, o irmão Pedro, pede um padre nosso, e uma ave maria, pelos bemfeitores.

« — A imagem da Senhora está em um retabulo da capella mór, a qual imagem é de pedra da altura de quatro palmos, e tem uma mão quebrada.

« — Do adro da igreja se avista a dilatada e magestosa vista do Oceano, que banha a base do penhasco, sobre o qual está erguido o templo, e da costa da qual são os logares mais notaveis (além da pedra d'Alvidrar, e praia das Maçãs de que já fallámos) os do cabo da Roca, sobre o qual estão postados faróes para segurança dos navegantes, Azenha do Mar, e Magoute.

. . . . . .

. . . . . .

« — Na proximidade de Collares, ha a mata das avelãs, e além dos pinhaes, que hoje são mais diminuidos, se vêem amenos sobreiros, que contão centenares d'annos assim como frequentes bosques de castanheiros, de copada sombra, e aprazivel formosura.

« — Cultiva-se o trigo, cevada, e o conhecido vinho tinto de Collares. Abunda principalmente o termo de Collares de pomares de saborosissimas fructas de caroço e de espinho, sendo ramo mui consideravel de exportação ainda ha poucos annos o limão, e se vendia por tanto preço que

dizia o grande marquez de Pombal, que equivalia a ter uma preciosissima mina quem ali tinha um pomar deste fructo; e elle mesmo movido de interesse plantou grandes pomares em Cintra e seu termo.

« — Além das plantas, que se cultivão dá a serra espontaneamente muitas flores e arbustos, os quaes ao mesmo tempo que com a variedade e bellesa de suas cores matisadas recreão a vista e olfacto pela suavidade de seu aroma, a arte converteu em usos domesticos, e a medicina tirou dellas succos para as suas curas.

Torres Vedras (1).

« — Está situada a mui antiga villa de Torres Vedras na provincia da Estremadura, a sete legoas de Lisboa, em direcção quasi recta para o norte, distante da costa maritima mais proxima duas legoas, e das margens do Tejo cinco. O seu assento é plano, á excepção da parte que se altêa sobre o monte do castello do lado do sul, e ainda que por toda a parte a cercão montes, não lhe ficão tão sobranceiros que não deixem campo por onde a vista se dilate por terreno aprasivel e cultivado, em circumferencia de um quarto a meia legoa, nem tão cerrados uns com os outros que ponhão barreira aos ventos; antes estes, soprando ás vezes rijamente pelas gargantas e quebradas, varrem e limpão os ares, contribuindo para a salubridade da povoação, onde as molestias contagiosas são muito raras. Pelo norte, do nascente para o poente, a cinge e banha o pequeno rio Cisandro, cortado em torno da villa por trez pontes; a de *rei*, que dá saida para os logares situados ao nascente e villas do Ribatejo; a da *mentira*, para os que ficão ao norte, e villas d'Obidos e Caldas, como tão bem para as da Lourinhã e Peniche; a de *São Miguel* para os

(1) Panorama volume 4.°, pag. 329.

(O traductor.)

que demorão ao poente, e para a costa do Oceano. Teve antigamente cerca de muros, como demonstrão os nomes dos bairros chamados, *porta da Varzea*, *de Santa Anna*, *da corredoira*, e os restos das muralhas, quasi de todo soterradas ou demolidas, o que nos mesmos sitios se descobrem em alicerces d'outros edificios. As ruas são estreitas e sinuosas como as das cidades da idade media, na invasão francesa de 1810 forão destruidos os formosos passeios de arvoredos que guarnecião e amenisavão as entradas da villa.

« — Não é facil determinar a data da fundação de Torres Vedras, ainda que o auctor da Corografia Portugueza, e Oliveira Freire a attribuem aos turdulos, pondo-a no anno 38 antes de Christo, estribando-se na auctoridade de Garibay, livro 5.°, cap. 10. Certo é que existia no tempo dos romanos, se estes a não fundarão, como testificão as lapidas que nas suas visinhanças se tem achado, duas das quaes (uma dellas copiada por Marinho nas Antiguidades de Lisboa) estão na quinta chamada da rainha, freguezia da Carvoeira; outra estava junto ao convento de augustinianos de Penafirme, e a traz o chronista Fr. Antonio da Purificação; e a quarta se vê, muito apagada ao lado da porta travessa da igreja parochial do logar de Matacães, da banda de fóra (1). O nome Torres Vedras, claramente deriva, por corruptela de *Turres-Veteres* (torres velhas) expressão da baixa latinidade, pelo que póde concluir-se que lho imposerão os godos para differença de Torres Novas. Parece não ter sido a antiga *Arandis* dos romanos, como pretendem Baudrand, e Ortelio, por que segundo outros geographos Arondis estava situada na provincia do Alemtejo. Em tempo dos Arabes floreceu esta villa; e o auctor do *Sanctuario Mariano* em seu tomo 2.° refere que os mou-

(1) As letras, que se decifrão, podem ver-se na 1.ª parte da memoria sobre Torres Vedras e seu termo, escripta por Manoel Agostinho Madeira Torres, que vem na collecção in folio da Academia, e temos seguido nesta noticia.

ros a estimavão muito por ser de bons ares, e de ferteis campos e deliciosos pomares, hortas e vinhas; e esta propriedade de sadia, motivou acolher-se a ella muita gente em tempos de contagios, que assolavão outras povoações.

« — D. Affonso Henriques depois da tomada de Santarem e de Lisboa, passou a limpar de mouros o territorio desta provincia, comprehendido entre o oceano e o Tejo, e em o numero das povoações subjugadas entrou Torres Vedras, como o epico portuguez cantou nestes versos:

Já lhe obedece toda a Estremadura
Obidos Alemquer, por onde sôa
O tom de frescas agoas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.
Lusiadas canto 3.° *estancia* 61.

« — Dizem alguns que o mesmo inclyto monarcha a fizera reparar depois da conquista, povoando-a de novo, e concedendo-lhe foral, que não é hoje conhecido, por que o mais antigo que existe lhe foi dado por D. Affonso III em 1228, e reformado por elrei D. Manoel, quando ordenou geraes providencias sobre os foraes; sendo a carta deste ultimo passada em Santarem no 1.° de junho de 1510. Na antiga divisão judicial e administrativa do reino era esta villa cabeça de comarca, creada por D. João III em 1533, e de uma provedoria: tinha assento em cortes no banco 7.°

« — Gosou Torres Vedras, por vezes a honra de ter sido residencia, ou corte de nossos soberanos: e houve nella paços reaes, uns denominados *velhos*, e outros *novos*. Dos primeiros não restão vestigios; sabe-se tão sómente que ficavão perto do castello, no bairro chamado de *Carcavellos* para a parte do sul, e que subsistirão até o seculo 16.°, segundo se deprehende de um alvará de elrei D. Manoel, de 12 de outubro de 1518, no qual determina que a *capella que ora se canta na capella dos passos velhos*, se re-

mova para o convento da Graça: dos segundos ha pequenos restos no sitio aonde estão os açougues publicos. Pelas chronicas e datas de algumas leis consta que D. Diniz, D. Affonso 4.°, e D. Fernando estiverão algumas vezes, ainda que com breve demora, nesta villa, como tambem D. Duarte, tendo D. João I reunido na mesma um conselho em 1413 para decidir a empresa de Ceuta. Durante a regencia do infante D. Pedro, na menoridade de seu sobrinho D. Affonso, celebrarão-se em Torres Vedras as cortes de 1441 para tratarem do casamento d'elrei com sua prima D. Isabel, filha do mesmo regente, e proverem n'outros objectos tocantes ao bem do reino. Por não sermos prolixos diremos que muitos dos monarchas que depois empunharão o sceptro, visitárão esta villa, ainda depois de extinctos os paços; não omittiremos, comtudo, que D. João II, por occasião da morte desastrosa do herdeiro da coroa, veiu com a rainha sua esposa recolher-se por alguns dias, e praticar exercicios de piedade no convento do Varatojo, situado muito perto de Torres Vedras.

« — Parece por documentos existentes que algumas das nossas antigas rainhas tiverão esta villa em seu patrimonio e dotação, a contar de D. Brites mulher de D. Affonso III, fundadora dos paços velhos e da capella real nos mesmos erecta; entre as mesmas merece particular menção D. Leonor mulher d'elrei D. Duarte, que instituiu sete mercearias a beneficio de donzelas, ou viuvas honestas, necessitadas, e d'ali naturaes, recebendo cada uma annualmente 64 alqueires de trigo, e 240 réis, que lhes erão pagos, o trigo pelo celeiro das jugadas, e a pitança pelo cofre das sisas; mas como as jugadas se extinguirão, provavelmente com o tributo acabarião as mercearias. Tão bem algumas das infantas, filhas dos nossos reis gosarão o senhorio de Torres Vedras, depois do que teve a villa seus alcaides-móres, que acabarão na pessoa de D. João Soares de Alarcão, que se tinha bandeado com os castelhanos, na feliz acclamação do sr. D. João IV. — Todos sabem que

em nossos dias foi conferido a lord Wellington o titulo de marquez de Torres Vedras.

« — Eis-nos chegados á epocha em que a villa adquiriu grande celebridade dentro e fóra do reino, quando para repellir a ultima invasão francesa (pelo exercito do general Massena em 1810) se construirão as extensas obras de fortificação, conhecidas pelo nome de *linhas de defesa de Torres Vedras*, que a acção do tempo pouco a pouco tem demolido, e que merecerião ser conservadas como monumento, senão exigissem grande dispendio para seu reparo e manutenção, e ao mesmo tempo grande força de tropas para as guarnecer em qualquer caso urgente: á cerca dellas escreveu um official inglez uma memoria especial. Estas fortificações que abrangião um consideravel espaço de terreno, bem defendidas erão inexpugnaveis. A primeira linha de defesa tinha principio na villa d'Alhandra sobre o Tejo, e vinha ligar-se com os fortes construidos sobre a villa de Torres Vedras (1): na distribuição do serviço dividiu-se em tres districtos; o primeiro, começando pela esquerda, denominou-se de *Torres Vedras*; o segundo do *Sobral*, no centro; o terceiro *d'Alhandra*, que se apoiava no Tejo. Nas costas della havia uma segunda linha, que corria toda fóra do termo de Torres. No 1.° districto da primeira havia 32 reductos, contando o castello da villa, com 156 peças de artilheria, dos calibres 6, 9, e 12, e 3 obuzes de $5\frac{1}{2}$ polegadas; no 2.° districto, do Sobral de Monte-agraço contavão-se onze reductos, ou fortes com 54 peças dos mesmos calibres, e tres obuzes; e, finalmente no d'Alhandra, havia 30 com 86 peças de artilheria: ao todo 302 bocas de fogo. Não foi possivel alcançar um calculo exacto do valor das despezas destas obras, mas póde suppor-se á vista do que diz Madeira Torres na sua discripção; isto é, que na obra das estradas militares comprehendidas no termo de Torres, em

(1) Para mais particular noticia veja-se a citada memoria.

que effectiva e activamente se trabalhou desde a invasão de 1810, e pelos annos de 1811 e 1812, continuando depois, porem escaçamente, até julho de 1814, se empregarão por semana, além dos officiaes militares, acima de 900 operarios, trabalhadores, e de varios officios, e lavradores com carros, sendo essa totalidades *detalhada*, (como serviço) pelas capitanias móres de ordenanças do termo de Lisboa, de Cintra, de Alemquer, do Gradil, de Aldea-gallega da Merceana, e de Torres; de forma que se avalia a despesa liquida e total d'aquelles trabalhos em 170 contos de réis, e a dos mesmos, no districto da direita em cento e noventa contos; e que as obras dos reductos novos, construidos pelo mesmo tempo montárão, pelo menos a igual importancia, e as dos outros, feitos pouco antes da invasão, devião avultar a muito mais, porque só as dos dous grandes fortes do Sobral e de São Vicente, se julgão passar de trezentos mil crusados; ora, juntando a isto o valor das lenhas, madeiras, e petrechos, e dos predios occupados, ou demolidos, presuma-se quão enorme seria a quantia, se della houvesse contas geraes, e todo o serviço fosse pago.

« — Cabe agora neste logar fazer-mos menção abreviada dos munumentos notaveis desta povoação, e suas visinhanças, em que por sua antiguidade deve ter a preferencia, o castello de que acima fallámos, o qual está assentado sobre um monte, sobranceiro não só á villa, mas tambem, aos campos proximos, e ás estradas, que partem de Torres, ponto central, como outros tantos raios de um circulo para os logares do termo; este cerro desacompanhado de outra qualquer eminencia, é de tão regular figura desde a barra até á coroa, que parece affeiçoado por humana industria. Delle diz o chronista Fernão Lopes na chronica de D. João I. parte 1.ª, capitulo 16. — « E este logar de Torres Vedras é uma fortalesa assentada sobre um formoso monte, o qual a naturesa gerou em tão ordenada igualdade como se á mão fôra feito artificialmente. — « O castello tem uma só porta, e a muralha exterior é lançada a pouco mais de meia

altura do monte: no alto se conservão as paredes de um edificio vasto, aonde antes do terramoto do seculo passado havia quartos divididos e habitaveis: teve tres cisternas, e um caminho subterraneo pelo qual se descia á margem do Sisandro. Reparou-o elrei D. Fernando, e parece que tambem elrei D. Manoel, como o dá a entender a divisa do seu reinado nas armas collocadas sobre as portas.

« — Merece tambem attenção a obra regia e antiga do aqueducto e fonte principal chamada dos Canos — « Esta fonte consta de dous tanques; o superior onde de duas bicas cáe a agoa para uso da gente, por ser coberta de abobada, suspensa entre a parede com que estão cravadas as bicas, e uma arcada que discorre como em semi-circulo na frente da mesma parede, e a fechar com ella distribuida em cinco arcos ou porticos, tudo de pedraria lavrada, segundo a architectura chamada gothica; por cuja circunstancia se faz mais digna do apreço dos homens intelligentes, assim nacionaes como estrangeiros, especialmente inglezes, não se contentando só de observá-la, mas levando-a desenhada. O tanque inferior, onde pela boca de dous golfinhos esculpidos em boa pedra cáe a agoa para o uso dos animaes, é nobre, por muito espaçoso e regular, porem é moderno. Muito superior ainda pelo seu grande custo e antiguidade é o aqueducto que tem a extensão de um quarto de legoa, vindo occulto debaixo da terra metade desta distancia, e pela outra sobre arcos, uns dobrados, e outros simples, havendo entre todos, dois bastante notaveis pela sua altura e construcção, os quaes são os que cortão a estrada real, e o rio, não podendo hoje calcular-se exactamente a profundidade deste por haver subido muito o alveo, e juntamente o terreno adjacente. — »

« — No termo de Torres se elevanta um monumento moderno, que é o da illustrada caridade de uma piedosa e benefica princesa: fallâmos no amplo e commodo hospital para militares pobres e invalidos, erecto na quinta junto ao logar de Runa pela serenissima princesa viuva de sem-

Sd Lith:

Imprença. Nal

Aqueducto de Torres Vedras.

pre gloriosa recordação, cuja memoria se perpetua em duas lapidas sobre os porticos lateraes da frente do edificio, com as seguintes inscripções:

A' Serenissima Princesa do Brazil, a Sr.ª D. Maria Francisca Benedicta, Viuva do Serenissimo Principe o Sr. D José, de saudosa memoria, Filha do Sr. Rei D. José I liberal, e piedosa com os benemeritos da patria, fundou este sumptuoso edificio a bem dos soldados invalidos = Outra = Principiou-se aos 18 de junho de 1792, anno 16.º do reinado da S.ª D. Maria I. Rainha Fidelissima, Augusta Irmã de S. A. R.

— Depois que voltou do Brazil com a real familia, restituida á patria a illustre fundadora até á sua morte se desvelou em continuos beneficios a este estabelecimento. E' um bello edificio que exteriormente tem a figura de um longo quadrilatero, abrangendo no seu espaço todos os quartos, corredores, e officinas convenientes ao fim a que fôra destinada, dispostos em tres ordens, além do palacete com boas salas e camaras proprias para residencia da augusta princesa, que folgava muito de visitar a sua obra: a formosa igreja que serve de capella é forrada no interior de excellentes marmores, arrancados das pedreiras que se descobrirão nos logares de Figueiredo e Furadeiro. Chamâmos a attenção de nossos leitores, e especialmente a dos que presidem aos destinos da nação, para as linhas que sobre esta piedosa instituição ficarão escriptos a pag. 203 do 2.º volume do Panorama; e fazemos sinceros votos do coração porque se não frustre com o lapso dos tempos, e falta de auxilios a bemfaseja intenção do magnanima princesa, que

tinha convenientemente dotado este vantajoso estabelecimento.

« — Voltando a Torres a acharemos dividida em quatro parochias, que comprehenderão de tres a quatro mil habitantes. A mais antiga, Santa Maria do Castello, cujo nome indica a sua situação, tem no termo duas freguezias filiaes; a de Santa Maria Magdalena do Trocifal, cujo templo de uma só nave contem onze altares, por onde póde avaliar-se a sua grandesa; a etymologia do nome do lugar (segundo nos informou o nosso assignante, J. Sabino dos Santos Ramos, natural do mesmo) vem da frase latina *turci falsi* (*turcos falsos*), e provavelmente deriva de algum acontecimento ahi succedido na dominação dos arabes, e por corrupção de palavras com o andar dos tempos degenerou *turci falsi* no vocabulo *Trocifal*; a outra filial de S. Pedro dos grilhões, da Asoeira, onde ha a rica ermida da Sr.ª do Livramento, a que se fazem muitas romagens, e aonde vão sirios de festeiros de varias partes em alguns tempos do anno. São Pedro dos Dois-Portos anda tambem annexa á parochia de Santa Maria. A segunda parochial de Torres é São Pedro, que tem cinco freguezias ruraes annexas: a terceira São Thiago, com tres filiaes, e n'uma dellas é sita (no logar da Lobagueira) a ermida do titulo da Sr.ª da Encarnação, muito festejada e frequentada de romarias: a quarta é São Miguel; no arrabalde, entre as faldas do morro do castello, e as margens do Sisandro, com seis filiaes no termo.

« — A' saida da villa, no topo do melhor largo, ou praça della, e situada sobre a estrada principal para Lisboa, está o abolido convento dos ermitas de Santo Agostinho calçados, que tivera a primitiva fundação no centro da villa, defronte da igreja de São Tiago, no tempo de D. Affonso III; foi delle prelado São Gonçalo de Lagos, que a camara de Torres desde 1495 tomou por patrono: da mesma provincia agostiniana era o convento de Penafirme, visinho ao logar da Povoa, e pouco distante do oceano; go-

sa da reputação de ser o primeiro da sua ordem na Hespanha: á cerca de ambos podem consultar-se, para mais ampla noticia, o chronista da sua provincia Fr. Antonio da Purificação, e a memoria, que temos citado de Madeira Torres. Quasi no suburbio da villa, na distancia de quarto de legoa, está o convento de Santo Aotonio da Varatojo, bem conhecido no reino pelos missionarios que d'ali saíão: fundou-o o elrei D. Affonso V. em 1470 n'uma granja e casa de campo, que no dito sitio possuia: e ha á cerca desta casa religiosa um escripto especial intitulado *Historia da fundação do real convento e seminario do Varatojo.* Finalmente, na distancia de quasi meia legoa ao sul de Torres, a ultima filha de D. Manoel, a infanta D. Maria, donataria da villa, e celebre pelo seu muito amor ás letras, fez erigir o convento da invocação da Sr.ª dos Anjos, de religiosos arrabidos pelos annos 1570: no altar collateral da parte do evangelho foi sepultado João de Teive contador mór destes reinos, durante o espaço de 36 annos, e que foi empregado em negocios de grande monta por todos os reis successivamente, desde D. João III., até Filippe III., do nome.

« — Tem mais esta villa uma santa casa da Misericordia bem dotada com bom hospital e bella igreja, acompanhada de magnifica sachristia: dos seus fundos e encargos, pouco mais ou menos se julgará pelo seguinte: — Em 1813 teve de rendimento 2:418$428 rs. e despendeu 2:187$130 rs.; em 1817 cobrou 1:192$614 rs. e gastou 1:315$084 rs., variando a receita e despeza annuaes, segundo as necessidades do tempo, e a boa ou má administração, como acontece a todos os estabelecimentos de similhante natureza.

« — O termo de Torres é fecundo e abundante de fructos, especialmente de vinhos, os quaes, segundo o testemunho dos geographos Carvalho, e Oliveira Freire, se chegarão a exportar em tempos mais antigos para os estados da India em grande quantidade. O mercado de Torres é bem

provido de todos os generos necessarios á vida; e são deleitosas vivendas muitos logares do seu termo. — «

Villa d'Obidos (1).

« — E' Obidos uma das villas da Extremadura portugueza. Fica doze legoas ao norte de Lisboa, sete ao poente de Santarem, uma ao sul das Caldas da Rainha, e tres ao nascente de Peniche.

« — Affirma o auctor da corographia portugueza que fôra fundada pelos turdulos e pelos celtas 308 annos de J. C. — Antiquario haverá nunca farto de annos e de seculos que não duvide attribuir a sua primeira existencia a alguma aventura do joven Abidis, neto de elrei Gorgoris; e que pretenda que traz delle, com pequena alteração, o nome que tem. O alvitereiro desta etymologia correria a mesma sorte do que imaginou ser formada esta palavra dos tres monossylabos latinos *ob-d-os*, alludindo á garganta, ou foz de um braço de mar, que dizem se aproximava a ella em outras eras: etymologia que o padre Bluteau chama pueril em seu diccionario. Mas que montão argumentos de antiguidade, sendo tão grande a mingoa de noticias? — Que importa saber que fôra fundação de turdulos e de celtas se ignorâmos o que por aqui fez o braço desta gente? Algumas pedras ainda por ahi existirão revolvidas por elles; mas estão confundidas como as ossadas dos finados nas sepulturas. Que é a chronologia sem a historia, como esta sem aquella? Que nos interessa a simples noticia de uma existencia? Para os respeitos bastão-lhe as cans dos sete seculos.

« Sabe qualquer que tenha lançado alguma vez os olhos para os nossos annaes, ou que se tenha entretido alguns momentos com as estancias do nosso primeiro epico, que D.

(1) Panorama, volume 5.° pag. 265.

(O traductor.)

Sa: Lith. Off. R. N. dos Martires Nº 12.

Leiria

Affonso Henriques a libertou do jugo dos arabes em 1148, e que sitiada em 1246 por D. Affonso III, então conde de Bolonha, permanecera fiel a D. Sancho II. Nesta epocha foi de parceria na fidelidade com a cidade de Coimbra, e com a villa de Celorico, e ganhou por este facto, titulo de *sempre leal*, de que ainda se serve nos documentos publicos. O sr. D. Diniz alargou-a, e mandou levantar o respeitavel castello que ainda existe, se bem que deriorado. Tem por armas uma rede de pescador, que lhe deu a sr.ª D. Leonor, mulher do sr. D. João II em memoria d'aquella em que uns pescadores lhe apresentarão seu filho, o principe D. Affonso, que morrera em Santarem precipitado de um cavallo abaixo.

« — Está situado na encosta de um monte, assás elevado da parte do norte, e fórma como um amphitheatro virado para o nascente. E' toda cercada de muros que se conservão sem ruinas consideraveis, e que tem em alguns pontos doze varas de altura. — « Eis aqui disse o sr D. João V passando por ella para as Caldas; eis aqui um vilão com uma cinta de ouro. — » Descrevem seus muros um triangulo isosceles; e é por isso que se lembrarão de a comparar a um ferro de engomar: forma-lhe o bico virado para o sul um torreão chamado a *torre vedra*: tem na base que olha para o norte um cubello, e o castello formado de varios torreões, sendo um delles de tão admiravel prumo, que á vista offerece em seu cunhal, com ser de consideravel altura, a exacta perpendicular. São quatro as suas portas: a da villa que fica para o sul, e que é a principal e mais frequentada; a do *Valle* para o nascente; as da *Cerca e Talhada* para o poente: tem mais um postigo para este lado, e outro para a parte opposta. Dividem-na cinco ruas principaes que se podem considerar como outras tantas estancias do amphitheatro, correndo todas do sul a norte; e são as seguintes: a do jogo da *bola*, a de *cima*, a *direita*, *a debaixo*, e a do *caminho*. Tem um chafariz na praça, e dois fóra dos muros, que recebem a

agoa do aqueducto: ha outro tambem extra-muros chamado da *bica*, cujas armas inculcão bastante antiguidade: ha tambem o dos cavallos ao pé do sitio denominado, a *corredoira.* Appresenta, para o nascente, uma vista agradavel de collinas com pomares, e alguns restos de mato; para o sul uma extensão de legoa com bastantes aldêas sobre a sua superficie; para o poente a varzea da Rainha, campina cultivada de mais de meia legoa; por onde vão trez rios que desaguão na lagôa: para o norte um horisonte de mais de trez legoas. Seu terreno é fertil em todo o genero de cereaes, e muito proprio para fructas; já lavrou mais vinho. Seu ar é muito salubre: notão-lhe os estranhos uma especie de falta de amenidade pela constancia dos ventos. Offerece grandes vantagens á vida pelo regalo do peixe da sua lagôa (sendo conhecida a estima que se faz do seu marisco até na capital) pela profusão e delicadesa de suas fructas; pela proximidade de dois portos de mar, e pela visinhança de mercado da villa das Caldas.

Ha nesta villa quatro freguezias, que erão outras tantas collegiadas: a de *Santa Maria* (matriz); de *São Pedro*, de *São Thiago*, e de *São João Baptista.* Tem a primeira com alguns logares adjacentes, segundo o recenseamento mandado fazer em 1826, 173 fogos; a segunda 182; a terceira 126; a ultima 224 (1). Ha trez ermidas dentro da villa: a de *São Vicente*, aonde existe a freguezia de *São João Baptista*; a de *Nossa Senhora de Monserrate*, pertencente á Ordem Terceira; a de *São Martinho*, carneiro dos Lafetas, cuja architectura inculca antiguidade. Ha quatro fóra desta: a de *Nossa Senhora do Carmo*, aonde antigamente existia a freguezia de São João Baptista, sobre a varzea da rainha; a de *Santo Antão*, em um monte ao norte; a de *São Bento* em outro ao nascente; a de *Santa Iria* ao pé de um campo onde actualmente se faz uma feira a 20 de outubro.

(1) Desmembrou-se-lhe um dos logares adjacentes.

« — E' assento de um vigario geral (um dos trez do patriarchado) que o é tambem das treze villas dos coutos d'Alcobaça, e das villas de Caldas, de Cadaval, d'Atouguia da Balêa, e de Peniche.

« — Tem uma casa de Misericordia que se rege pelo compromisso da de Lisboa, e que possue fundos consideraveis. Os enfermos que se admittem no hospital achão ali todos os soccorros necessarios. Acóde a mesma Santa Casa com algumas diarias a pessoas desvalidas; e dispende quantia avultada com o pagamento das receitns dos pobres, que não entrão no hospital, e com esmolas de requerimentos, e de porta — Deos fade bem este estabelecimento, unico esteio da pobresa da villa!

« — Era dote das senhoras rainhas de Portugal: tinha assento em cortes no sexto banco; e ainda é titulo dos grandes do seu nome. Era um conselho com sessenta e tantas vintenas, pertencente á corregedoria de Alemquer, e provedoria de Leiria, com o juiz de fóra, de orphãos, de vallas, de coutadas, e de direitos reaes. Hoje é um simples municipio pertencente á administração geral de Leiria.

« — Diremos agora o que é digno de attenção fóra da villa. Merece-a o aqueducto: tem meia legoa de extensão e foi mandado levantar pela sr.ª D. Catharina, cedendo-lhe o povo um baldio hoje cultivado, e chamado por semilhante contracto varzea da Rainha, de que cobrava terços e foros.

« — Passada a ponte, que está no arrabalde da villa, encontra-se, junto á estrada, que váe para as Caldas a igreja do Senhor da Pedra. E' um templo moderno e sumptuoso, de forma hexagona, pena é que ficasse incompleto. Lançou-se-lhe a primeira pedra a 21 de dezembro de 1740. Fez-se a funcção da trasladação do Senhor em 29 d'abril de 1747, benzendo a dita igreja o arcebispo de Lacedemonia, D. José Dantas Barbosa, vigario geral do patriarcha de Lisboa. Importou esta obra em duzentos mil

crusados, concorrendo para ella com avultados donativos o sr. D. João V, que ali veiu mais de uma vez. Teve fundos consideraveis formados de esmolas dos povos, e ainda hoje conserva dois capelães e um thesoureiro. Faz-se ali uma festa apparatosa a 3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz, a que concorrem os povos das visinhanças; e ha nesse dia um pequeno mercado no arraial. Ainda ali vem um cirio da villa de Cartaxo a 10 d'agosto; unico de varios que n'outro tempo concorrião.

« — A menos de um quarto de legoa está a quinta das janellas, pertencente a D. José d'Alarcão, filho de D. José de Alarcão, e da condeça de São Vicente. Cumpre fazer memoria della por causa das agoas thermaes que ali ha da mesma naturesa da das Caldas. São frequentadas pelos habitantes da villa, pela gente visinha, e por algumas pessoas de longe, que se alojão na quinta, mas as suas pequenas casas de banho e de abafo estão em muito máu estado. Morreu nesta quinta de uma colica, a 21 de julho de 1742 o infante D. Francisco, irmão d'elrei D. João V; a pequena distancia desta está a quinta das Flores, onde rebenta outra origem d'igual naturesa. Proximo á villa ha outra menos copiosa a que chamão o *olho d'agoa*: nasce nas margens do rio, e confunde-se logo com as agoas delle.

« — A um pequeno quarto de legoa existe o convento de São Miguel das Gaieiras, que pertencia aos frades arrabidos, com uma cerca notavel pelo seu arvoredo. Era um dos logares de divertimento e passeio para as pessoas que ião tomar banhos ou agoa ás Caldas: hoje está fechado.

« — A distancia de uma legoa está a lagôa. Tem este lago pouco menos de uma legoa de comprimento, e ha de ter meia de largura. Estende dois braços, um para o nascente chamado de Barrosa, e outro para o sul, chamado do Bom-Successo, ou de Atouguia. Communica com o oceano por uma garganta ou foz, que todos os annos é

preciso desembaraçar das arêas que se ajuntão, e que impedem a circulação das agoas, a fim de evitar os damnos que se seguem desta estagnação. Esta diligencia torna-se desnecessaria quando as grossas enchentes na lagôa, ou as tempestades no mar removem aquelle impedimento. A abertura da lagôa era ordenada e presidida pela camara da villa. Está cercada de montes, excepto nos sitios por onde lhe entrão os rios, e por onde vasa para o mar. E' abundantissima de peixe em todo o tempo, e ajunta muita caça no inverno.

« — Tem Obidos a gloria de ter sido berço de Josefa d'Ayala, insigne pintora, cuja vida se póde vêr no *Theathro das Heroinas portuguezas*. Ainda por ali existem admiraveis obras suas: rara é a casa, não ha muitos annos, que não possuisse algum quadro de seu pincel: os que adornavão a sachristia do convento de Nossa Senhora da Piedade, de carmelitas descalços, em Cascaes, erão da mesma Josefa d'Obidos, como vulgarmente lhe chamão, e distinguem-se pelo acabado dos accessorios, suavidade e graça dos toques.

« — Foi tambem natural desta villa um poeta, que falleceu ja neste seculo, bem conhecido pela amenidade de suas composições; fallamos de Manoel Gomes da Silveira Malhão, que afóra alguns pequenos escriptos avulsos deixou quatro volumes de prosas e rimas: ha nos seus versos muita facilidade e graça natural; sobresaíu tambem na critica, jocoseria, mas não offensiva; e tem algumas composições anacreonticas dignas de apreço. Seu irmão Antonio, metrificava igualmente com gosto; e parece que na sua familia é hereditaria a inclinação á poesia.

« — Foi nesta villa que os soldados inglezes derão os primeiros tiros, a favor da nossa liberdade, no tempo da invasão francesa; encontrando-se aqui as avançadas do exercito britannico com as do exercito francez a 15 d'agosto de 1808. No dia seguinte teve logar a batalha de Roliça, uma legoa ao sul desta villa.

» — Os habitantes desta terra são amantes da paz e do socego. Nota-se-lhe um pendor natural para a musica, que ainda hoje cultivão com vantagem. São affaveis no trato, e de boa cortesia, como o affiançio os que communição com elles. Parece terem conservado alguma cousa do antigo genio e gravidade portugueza. Apenas ahi se trata de algum festejo publico, logo lembrão umas cavalhadas, imitação das antigas justas e torneios, tanto do gosto de nossos paes. Inda não ha muitos annos, que nas festas publicas, civís, ou religiosas os homens de bem da terra não apparecião senão vestidos á corte.

« — Obidos existe hoje em perfeita decadencia, occasionada por um tropel de circunstancias que não pertence aqui referir. Dos que passão por ella a primeira vez, uns olhão-na com despreso e motejão-na com ditos variados; mas os seus muros que têem resistido ás injurias dos tempos, tambem resistem ás das linguas de similhante gente: outros tratão-na com indifferença; são como o vilão que passa por um homem de bem sem lhe tirar o chapeo, porque lhe vê a face encarquilhada, e a capa velha: outros párão e olhão com attenção, indemnisando-a das injurias dos primeiros, e das injurias dos segundos. Hoje interessa sómente o espirito dos que procurão titulos de antiguidades. E' simplesmente uma lapida para a historia.

Cidade de Leiria (1).

« — Se Leiria não é a antiga Collippo, que os romanos conhecerão, e de que Plinio faz menção no livro 1.° capitulo 1.°, ha toda a probabilidade, segundo os mais acreditados escriptores, de que as ruinas da antiguissima povoação servirão para a primitiva construcção da mais moderna. Será difficil averiguar este ponto de modo que se

(1) Extraido Panorama, vol. 4.ª prg. 353.
(*O Traductor.*)

possa estabelecer uma evidencia historica absoluta, até por que muitos dizem vagamente que a situação de Collippo era entre Coimbra e Evora d'Alcobaça, e ha quem assigne como seu local um logar chamado São Sebastião. Os romanos chamavão a Evora dos coutos *Eburobritium*; passearam pelo territorio circumvisinho, que era muito povoado; não ha por tanto argumento de inverosimilhança contra a existencia de uma cidade proxima d'ali.

« — A parecença dos nomes de Liria no reino de Valença, e de Leiria em Portugal não nos parece sobejo fundamento para se affirmar que os habitantes d'aquella fundárão esta, antes que o capitão Sertorio, batalhando contra os seus se pozesse á frente dos lusitanos contra as tropas do Lacio. Estas antiguidades da nossa patria andão tão confusas e controversas que muitas vezes os escriptores não atinão com o que devem dar por certo, ficando campo aberto para os mais ousados violentarem etymologias a seu bel prazer. Todavia não era o logar de tão pouca importancia, durante o dominio dos conquistadores do Universo na Lusitania, que não estabelecessem nelle um governo para certo e demarcado territorio, e que não deixassem neste chão vestigios de poder. A' entrada do castello da banda do sueste se descobrirão pedras tumulares de marmore branco com veios encarnados; e ainda que as inscripções são mui difficeis de decifrar, pode colligir-se de duas, que Tito Avito Aviciano, prefeito dos mantimentos e generos cereaes n'aquelle departamento, erigira monumentos com aquellas lapidas aos manes de pessoas da sua familia.

« — Provavel é que em tempo dos arabes fosse Leiria logar forte, por que D. Affonso Henriques em 1135 a tomou aos infieis, e, ou restabeleceu ou fundou o castello, construindo muralhas para defensa da praça, o que não impediu que os mouros a tomassem de novo. O nosso primeiro monarcha fortificou-a, para obstar ás invasões e correrias dos inimigos, que a esse tempo possuião Santarem, e infestavão os campos até Coimbra: edificou o mesmo rei

no proprio monte do castello uma igreja consagrada a Nossa Senhora da Penha de França, que, no futuro, se converteu em cathedral, e doou-a a São Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra, e á sua congregação de conegos regrantes de Santo Agostinho, a quem por muito tempo pertenceu. Durante a guerra de D. Affonso Henriques com seu primo D. Affonso VII de Leão e Castella, os mouros, aproveitando a occasião, caem sobre Leiria com grande exercito e a tomão: breve, porem, se gosão do triumpho, e posse, porque

. . . . . o rei subido
A tomar váe Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido.

« — E' tradicção que tendo elrei assentado o seu arraial n'umas alturas proximas á cidade, a que hoje chamão a cabeça d'elrei, veiu pousar um corvo na copa de um velho e corpulento pinheiro, e assim que os mouros começárão a investir o castello começou elle a bater as asas, e a gritar como de contente: então os soldados tomando o caso por bom agouro arremetterão á porta da traição e ganhárão a fortaleza: e deste successo tomou Leiria por armas um corvo sobre um pinheiro. Novo estrago soffreu a povoação com outra entrada dos agarenas; mas logo a restaurou D. Sancho I, dando-lhe foral aos 13 d'abril de 1195. Por vezes a ennobrecerão os nossos reis em a sua presença, nomeadamente elrei D. Diniz e a sua esposa a rainha D. Isabel, que habitarão no recinto do castello, e n'uma villa proxima, chamada desde então Monte-real. Este mesmo monarcha, por antonomasia justissisima o *rei lavrador*, conhecendo as vantagens de possuir madeiras no reino, e a necessidade de obstar á invasão das arêas, que estirilisa o chão cultivavel, mandou plantar o pinhal, que em nossos dias se tem dilatado, e é presentemente uma riquesa nacional. Corre fama de que para

esse fim mandara vir de França o pinisco, desvelando-se, como principe avisado e bem fasejo em legar aos seus povos um beneficio, que, no entender de um grave escriptor lhes tem sido mais proveitoso, que muitas victorias. E com effeito, além da multidão de pessoas que occupa o pinhal de Leiria, hoje estendido pela costa e logares prosperos para o plantio dos pinheiros, que abundancia de lenha não fornece para o lume, e para o consumo da fabrica dos vinhos da Marinha grande! E, sobre tudo, que immensa porção de optimas madeiras, para diversas construcções, e de que o estado muito aproveita; por que felizmente este importante predio nacional é bem administrado!

Os *cerneiros*, isto é, os paues a que se tem tirado todo o alburno são excellentes para a construcção de casas, e nada tem que invejar a madeiras do norte. Sem contarmos outros muitos proveitos lembraremos o que resulta a favor d'aquelle districto, onde só a fabrica de alcatrão e a de vidros espalhão mensalmente 3:000$000 rs. pela classe trabalhadora.

Leiria que de villa fôra feita cidade por D. João III., a instascias do mesmo obteve de sua santidade, Paulo III., a dignidade de sé episcopal no anno de 1545. A cathedral está no monte do castello, onde fôra a igreja da Sr.ª da Penha de França, e a fabrica sumptuosa de tres naves muito bem conservada. O paço do bispo, em sitio eminente, é um bom edificio, e acha-se tambem em bom estado.

« — Jaz Leiria na falda de leste de um monte, assento do castello, pegado com um valle delicioso e fertil, entre os rios Liz e Lena, que d'ali a quatro legoas vão entrar ambos juntos no oceano occidental entre Passages e Paredes: concorrendo esta circumstancia para que o paiz seja fertil em grãos, fructas, e legumes, bem como o é em vinho, creação de gados e caça.

A posição de Leiria é saudavel, e muito amena. Contém no seu recinto a freguezia da Sé, e a de São Pedro,

que tem os parochianos extra-muros; dão-lhe actualmente 2,500 habitantes, pouco mais ou menos. Tem casa de misericordia com hospital para os enfermos pobres, e com igreja para as mais funcções. N'um monte de altura e grandesa da eminencia do castello, da outra parte do rio, entre sul e nascente, fica o templo de Nossa Senhora da Encarnação de regular architectura, que pertence ao povo, a cuja custa foi levantado, e ali vão os devotos de romaria á imagem que no mesmo se venera. O convento de São Francisco de menores observantes, era o mais antigo desta ordem em Portugal, e tinha sido fundado pelos annos de 1384 por elrei D. João I. em satisfação de casar com a rainha D. Filippa, sem dispensa, sendo professo na ordem militar d'Aviz. O convento de Santo Antonio, de capuchos arrabidos, foi fundação de Pedro Vieira da Silva, ministro de muitas letras e virtudes, que foi secretario d'estado dos senhores reis D. João IV, D. Affonso VI., e D. Pedro II, em quanto regente, e plenipotenciario da paz ajustada com castella em 1668, e depois de ter casado com D. Luiza de Noronha, enviuvando se fez clerigo, e veio a ser bispo desta cidade de Leiria, onde fundou o seminario, contando-se o decimo na série dos prelados da mesma. O convento de Santa Anna, de religiosas dominicas foi erecto por D. Catharina de Castro, filha de D. Fernando, segundo duque de Bragança, a qual deixou ás freiras toda a sua fazenda; e o papa Alexandre VI approvou a fundação por bulla expedida em 1494. Havia tão bem um convento d'eremitas de Santo Agostinho.

« — Entre a cidade e o rio ha um ameno campo ou rocio, e á beira d'agoa se plantou um passeio para recreio dos habitantes. No mesmo rocio está continuamente manando a fonte chamada quente, provavelmente por sairem tépidas as suas agoas: além desta ha outra denominada a fonte grande com duas bicas. A fonte do Freire fica junto ao monte de Santo Estevão, e a que os antigos chamão os *olhos de Pedro*, brota ao pé do monte de São Miguel

com a particularidade de serem duas nascentes, que sáem ambas da mesma penha, deitando uma agoa quente, e outra agoa fria, e em muita abundancia. O rio tem trez pontes; uma de cantaria defronte da fonte grande, outra de madeira, ao principio do passeio, e a terceira tão bem de páu, no fim do mesmo. Além destas na valla do rocio ha uma de cantaria, que chamão de São Martinho, e outra igualmente de pedra, que atravessa para a Sé.

« — Leiria dista de Coimbra doze legoas, e de Lisboa, para o norte, vinte e duas: foi na antiga divisão do reino cabeça de comarca, e hoje o é de um districto administrativo, e de um circulo eleitoral. Teve assento nas cortes dos trez estados; e nella as celebrarão, segundo diz Carvalho, D. Affonso III em 1254; D. Fernando em 1376; D. Duarte em 1437. Por doação regia de 4 de julho de 1300 foi sua donataria a rainha D. Isabel; e depois o foi a mulher d'elrei D. Fernando, que a teve por breve tempo, sendo dada ao conde D. Gonçalo, irmão della; mas D. João I revogando a doação a encorporou na coroa para mais não ser desanexada. Forão seus alcaides mores os marquezes de Villa Real, que além dos aposentos do castello, que habitarão por algum tempo tinhão boas casas junto ao rio, onde pousavão, vindo â cidade. Em Leiria se creou o primeiro duque de Bragança, D. Affonso, e della era natural o cardeal patriarcha fallecido D. Fr. Patricio da Silva.

« — A Leiria, com alguma probabilidade cabe a gloria de ter possuido a primeira typographia, que houve nas Hespanhas. — »

Thomar (1).

« — Tem o seu assento a villa de Thomar (*hoje cidade*) em uma agradavel planicie a trez legoas das margens do Tejo, pouco distante das ruinas da antiga Nabancia, de que a separa o rio Nabão ao nascente. Foi fundada por D. Galdino Peres, mestre da ordem dos templarios, no reinado d'elrei D. Affonso Henriques, mas ha muita incertesa no anno da sua fundação. O auctor da 3.ª parte da Monarchia Lusitana, levado de algumas conjecturas se inclina a que Thomar estivesse já fundada antes do anno de Christo de 1137. O seu continuador no 6.º volume da mesma historia, affirma que D. Affonso Henriques fez doação a D. Galdino Paes, mestre da ordem dos templarios das terras e villa de Thomar, então deserta, e sem mais povoação que a do castello de Ceras, pelos annos de Christo de 1147, como tão bem que o dsto mestre lhe dera foral no mesmo anno. Pouco depois faz menção de outros dois foraes, concedidos a Thomar pelo sobredito D. Galdino, nos annos de 1162 e 1174.

« — Contra o parecer destes dous chronistas se allega uma inscripção, a qual diz que a villa de Thomar se começou a edificar no primeiro de março da era de Cesar de 1198, isto é, no anno de Christo de 1160. Esta inscripção se vê perto das escadas, que sobem para o adro do convento da ordem de Christo de Thomar, e se acha repetida, no logar que chamão porta da Rainha, e ainda conforme algumas memorias dentro do castello de Almeirol.

« — Tudo o que podemos assentar nesta materia é que varias escripturas com que se pretende provar a antiguidade de Thomar, se não devem entender precisamente

(1) Extraido da Geographia Historica de Portugal, de D. Luiz Caetano de Lima, tomo 2.º pag. 192.
(O traductor.)

que pertencem á ordem dependem do prelado de Thomar, que é uma dignidade quasi episcopal, de que fazemos particular menção no capitulo das dignidádes ecclesiasticas.

« — Estende-se o seu termo a doze parochias, ou onze conforme outros.

Provincia do Alemtejo.

Esta provincia está separada da Beira e Extremadura portugueza pelo Téjo. O Sever, Gaia, e Guadianna lhe formam os limites com a Estremadura hespanhola, e Andaluzia. Mr. d'Urcllu dá-lhe quarenta legoas de comprimento, e trinta e oito a trinta e nove na sua maior largura.

O Alemtejo é geralmente denominado o celeiro de Portugal. A Arrabida é a unica cordilheira de montanhas, que nelle se encontra, sendo plano a maior parte do territorio. Ha ali cereaes em abundancia, e o geographo, que citâmos diz que os seus excellentes vinhos, conservando-se em vasilhas vidradas, se estragão no mar. As lãs do Alemtejo são das melhores da Europa, e a indusiria de seus habitantes, dá ao resto de Portugal excellente louça de barro.

Evora.

E' a capital do Alemtejo. E' a sede de um arcebispo, de um governador civil, e outro militar, e já foi residencia de monarchas. Edificada no meio de uma fertil planicie, abunda em cereaes, e gosa de verdadeira abundancia. A povoação d'Evora tem tido pequeno augmento. Balbi fazia-a subir em 1822 a 9,052 habitantes, mas Urcullu lhe marca 9,300. A feira de São João dá momentaneamente a esta antiga terra a apparencia de uma cidade commercial. Não ha terra em Portugal que possua monumentos que mais interesse excitem. André de Resende,

antiquario por excellencia o provou no decimo-sexto seculo; e Fonceca na sua *Evora illustrada*, indica quantos homens eminentes filhos desta cidade honrarão o paiz.

« — Evora, cidade famosa (1) desde os tempos remotos no centro da provincia do Alemtejo, capital do districto e arcebispado do mesmo nome, está situada em terreno não muito elevado, porém eminente a uma dilatada campina de terras mui fertil, a qual é por toda a parte rodeada de montes e serras: entre ellas sobresaem a leste a serra d'Ossa, que atravessa o Alemtejo de oriente a poente; ao de sudoeste a de Portel, ao sul a de Vianna, ao noroeste a de Montemuro, e todas subministram aguas com abundancio. Os contornos da cidade quasi se acham cultivados por searas e algumas hortas: a menos de meia legoa para o nascente começam as vinhas e olivaes, entremeada a paisagem com varias quintas e casas, que fazem o sitio mais vistoso. Não só as serras que a rodeam fertilisão suas veigas com as agoas, que derramão, mas tambem a defendem dos ventos impetuosos que tanto incommodão nas grandes planicies; nas faldas e quebradas apparecem abundantes pastagens aos muitos rebanhos de gado lanigero, que os habitantes mantém; nos vastos montados de sobreiros e asinheiros cevão-se numerosas varas de porcos, qne vem abastecer a capital do reino, assim como de outras terras desta abundantissima provincia, e que todas fornecem muita chacina, que se exporta para toda a parte, por neste preparo de carnes ser o de maior estimação, e que se conserva sã e saborosa. Além d'isso não deixa de haver assás creação de gado vacum, e até do cavallar, de modo que deste muito se tem aproveitado por vezes a remonta da cavallaria do exercito. O districto d'Evora é em geral muito productivo; as terras de lavoura dão copiosas cearas, e colhe-se vinho e bom azeite. O clima é de ordinario mais frio no inverno

(1) Extraido do Panorama pag. 407 do 7.° volume.
(O traductor.)

da povoação de hoje; pois que o nome de Thomar, como reconhece o doutor fr. Francisco Brandão foi inventado pelos arabes e applicado por elles a significar a antiga cidade de Nabancia, e ainda o mesmo rio Nabão, mudando-lhes os nomes, que tinhão até aquelle tempo. Nesta forma ainda que a doação de Thomar seja feita por elrei D. Affonso Henriques ao mestre D. Galdino Paes, no anno de Christo de 1147, nem por isso se segue que lhe doou a villa de Thomar de hoje, senão o sitio em que ella veiu a edificar-se, o que tão bem parece que mostra o contexto da sobredita doação, pois nella se diz estar deserto todo aquelle terreno, e sem mais povoação que a do castello de Ceras no dito districto. O mesmo sentido se póde dár ao desgraçado successo que tiverão os christãos de Thomar, no anno de Christo de 1137, referido na antiga chronica dos godos, explicando-o, não dos moradores precisamente da villa de Thomar, fundada por D. Galdim Paes, senão dos que habitavão na visinhança do rio Thomar, ou Nabão; tanto mais que não ha memoria alguma de semilhante successo, depois de fundada Thomar pelos templarios.

« — Correndo o anno de Christo de 1190 foi sitiado Thomar pelo Miramolim de Marrocos, com um exercido de 50,000 infantes, e 40,000 cavallos, que inadvertidamente accrescenta certo chronista, tradusindo *quadraginta millia*, e *quinquaginta millia* por 400, e por 500,000, reinando já em Portugal elrei D. Sancho o I; mas depois de assaltos em que o mestre D. Galdim Paes mostrou mui grande valor, sobrevindo ao Miramolím uma grave doeuça, abandonarão os mouros o ataque, contentando-se com assolar tudo o que estava fóra dos seus muros.

« — Continuarão os mestres do templo no senhorio de Thomar, desde que elles fundarão a dita villa, até á extincção da sua ordem, pelos annos de 1312. No de 1319, instituida, á instancia d'elrei D. Diniz a ordem de Christo pelo summo pontifice João XXII se lhe applicarão todos os bens dos templarios neste reino; e consequentemente lhes

entrou o senhorio da villa de Thomar, que logra ainda hoje. Não começou, porem, Thomar a ser cabeça da nova ordem senão no reinado d'elrei D. Affonso IV pelos annos de 1338, em que se mudou o seu convento de Castro-Marim para a dita villa.

« — Compõe-se Thomar de 1,100 fogos, repartidos por duas parochias e igrejas collegiadas, Nossa Senhora da Assumpção, ou Santa Maria do Olival, e São João Baptista. A primeira foi convento e cabeça dos templarios, até á extincção da sua ordem, e é hoje a igreja matriz da villa. A segunda se erigio em collegiada no reinado d'elrei D. Manoel pelos annos de 1520. Os outros edificios consistem em casa da Misericordia, hospital, quatro conventos, e mais algumas igrejas.

« — Entre os conventos tem principal logar o de religiosos da ordem de Christo, cabeça da dita ordem, situado ao poente da villa, no alto de um monte, que por esta parta lhe serve como de muro. A sua capella mór é obra do mestre dos templarios, D. Galdim Paes: o coro e corpo da igreja, d'elrei D. Manoel; e a mais fabrica e officinas, d'elrei D. João o III, d'elrei D. Sebastião, e de dous Filippes. E' tal a extensão e sumptuosidade deste convento que nelle se hospedarão varios reis de Portugal e de Castella, com a decencia devida, e se celebrarão as cortes de 1581, em que elrei D. Filippe, II de Castella, e I de Portugal se fez declarar legitimo successor deste reino. O seu superior conventual tem titulo de D. Prior, e de geral da ordem de Christo.

« — Os mais conventos são: o dos religiosos de São Francisco da provincia que chamão da cidade, fundado pelos annos de 1635; o de Santa Iria, de religiosos da mesma ordem, edificado em 1476 no mesmo sitio em que esteve ántigamente um mosteiro da ordem de São Bento, celebre pelo martyrio da gloriosa virgem Santa Iria; o de capuchos, da provincia da Piedade.

« — A jurisdição espiritual desta villa, e mais terras,

agora o que respeita aos outros edificios, por nos termos alargado á cerca deste, não faltando muitos em Evora merecedores de exame e memoria, sobresaindo a sé magnifica na parte mais superior da cidade, obra antiga de trez naves, com grandioso frontespicio; a capella-mór, é obra muito mais moderna, bem adornada exteriormente com pilastras doricas, e interiormente revestida com marmores de varias cores; o quadro do altar mór merece a approvação dos intelligentes. — »

Estremoz.

E' uma villa celebre pelas suas famosas pedreiras de marmore, pelas suas louças de barro que os soberanos se não dedignavão outr'ora de pôr ao lado de ricas louças de prata (1). Estremoz de que tanto a meudo fallão os chronicos da idade média, é hoje uma pequena villa com 6577 habitantes; e fornece de louças de barro grande numero de mercados da peninsula. Montemor o Novo, Redondo, Vianna do Alemtejo são povoações de 1,300 a 2,700 almas. Beja, cidade episcopal, tem um palacio edificado por elrei D. Diniz, e seus muros quasi circulares, ainda mostrão com orgulho as suas quarenta torres. O museu de antiguidades, estabelecido por um prelado de grande erudição, é o mais que o archeologo póde ali encontrar que lhe attraía a curiosidade; julga-se, porem, que esta collecção d'antiguidades fôra levada para Evora. Beja conta hoje 5,284 habitantes, dando o seu terreno abundancia de generos á povoação.

Tambem citaremos Moura, a leste do Guadiana, habitada por 3,600 pessoas; Serpa que tem grande commercio com a Hespanha; Alcoutim, Vidigueira, que o famo-

(1) Os embaixadores de Veneza a virão pelo menos no decimo-sexto seculo, na mesa de D. Sebastião.

so Gama tornou celebre, e finalmente Cuba, logar de 2,410 almas.

« — Não é facil de averiguar a etymologia do nome de Estremoz (1). — Querem alguns que seja uma corruptella da palavra — tremoços — pela grande abundancia de tremoceiros que os povoadores primitivos encontrarão n'aquelle sitio; e fundão-se em que o brasão d'armas da villa é um pé desta planta. Parece, porem, mais natural que este nome tivesse a mesma origem que o das duas Estremaduras, por estar fundada a povoação nos *extremos*, ou fronteira de Portugal, como reino visinho. Não é menos incerta a data da fundação; o padre Carvalho, que a pesquisou, não tendo achado que os geographos antigos della fizessem menção, assenta que elrei D. Affonso III a mandára povoar em 1258, concedendo-lhe os mesmos foros e privilegios de Santarem. Porem o seu foral, doado por elrei D. Manoel, é datado de 10 de junho de 1512. O mesmo D. Affonso a fortificou, e mandou erigir o castello na eminencia, que foi o nucleo da povoação da villa, que hoje póde considerar-se dividida em alta e baixa; por quanto, começando no monte (como tiverão origem quasi todas as povoações para serem mais defensaveis, contra as correrias d'inimigos) e estendendo-se bastante para a banda do occidente, se foi dilatando por uma planicie que fica para o norte; e nesta parte está, como diz o já citado Carvalho, Corog. Port. tomo 2.°, pag. 443 — » um formoso terreiro cercado de conventos e casas nobres, e no fim delle um chafariz com oito bicas, e um formoso tanque quadrado, e mais dois pequenos com muitas fontes perennes, com tanta copia de cristalinas agoas que com suas correntes, para a parte do occidente se regão fresquissimas hortas por grande espaço, e excellentes veigas com que a villa se engrandece, além dos muitos olivaes que a cerca das

(1) Panorama volume 3.° pag. 185.
(O traductor)

do que proporcionalmente deveria ser quente no verão. E' terra de grosso trato, a que afflue, por sua população e relações com Lisboa (de que dista vinte legoas) grande parte de commercio interno da provincia; possue boa casaria, edificios nobres, e alguns dignos de attenção; os vestigios da sua antiguidade romana, goda, e arabe, perecerão pela maxima parte. O acqueducto chamado da *prata*, attribuido a Sertorio, e que foi reedificado por D. João III perdeu provavelmente muito da sua primitiva fabrica. Julio Cesar, depois das suas campanhas na peninsula hispanica, concedeu a *Evora* as honras de municipio, sob o nome de *Liberalitas Julia*. Nesse periodo da denominação romana se edificarão nesta cidade templos notaveis; conhece-se nestes modernos tempos uma dessas construcções, a qual mostra ter sido obra mui perfeita, que julgão ter sido dedicada a Diana: outra construcção notavel é a torro quadrilctera e que vulgarmente denominão de Sertorio, por se attribuir a sua fundação áquelle illustre capitão. Estes dois edificios estão separados por uma extensão de doze toezas quasi nivelada, mostrando ser este espaço a coroa da collina em que ambos estão assentados, por quanto o terreno declina para todos os lados. O que chamão — templo de Diana — apresenta um bello fragmento de architectura de ordem corinthia. Não se póde affirmar bem qual fosse o seu primeiro destino, nem se foi, ou não ultimado. A sua planta offerecia um parallelograma oblongo de 32 pés de largo; um dos lados ainda conserva a cantaria no socco do entablamento inferior, na extensão de setenta e dois pés geometricos. — As peças d'architectura existentes são do lado occidental uma porção do entablamento inferior sobre o qual se elevão cinco columnas, formando quatro intercolumnios rotos; legados tão sómente pela facha da architrave; d'ahi para cima não ha uma só peça que corresponda á ordem corinthia até á cornija que devia ter; desde o socco até plintho das columnas de dez pez de altura com as divisões do pedestal corinthio: vê-se mais deste lado um

resto da antiga argamaça, que com outros vestigios dá idéa de um tanque d'onde poderia colligir-se que haveria ahi banhos, mas observado melhor vê-se que é trabalho mais moderno por que a argamaça cobre parte do entablamento, e talvez fosse feito quando já arruinado o edificio. O lanço septentrional corre todo no mesmo nivel de altura com as columnas que lhe correspondem, e cinco intercolumnios; parece que esta face seria o topo de toda a galeria; o entablamento inferior está em grande ruina, e parte entulhado; na altura do capitel da quarta columna, pegado á mesma, fica o alto muro do edificio da inquisição, e pena é que tire metade da vista a este magestoso lado. Ha tão bem desta parte um muro baixo na altura do entablamento, que servia de corral, quando da bella peça de architectura de que fallâmos fizerão açougue publico, deturpando-a como se lhe não bastassem as injurias do tempo, e os estragos de barbaros.

A parte occidental conserva no mesmo nivel trez columnas, seguem mais duas até a altura da gola superior do fusto, faltando-lhe os capiteis, e adiante mais dois plinthos com as bases para outras columnas, seguindo as dimensões reguladas para os intercolumnios rôtos. Este lado jaz escondido ao publico, por estar encravado no quintal da casa da antiga inquisição, entulhado na altura de seis ou oito pés, e bastante arruinado. — Ignora-se em que epocha, que pessoas, e para que applicação sobre estes bellos fragmentos se levantarão toscas paredes de alvenaria, igualmente forão entaipados os intercolumnios, abrindo na parede que erguerão na face meridional duas portadas ponteagudas ao estylo mourisco, e feitas de grosseiras e mal talhadas pedras. Os plinthos, com as bases das columnas, formão uma peça separada, e os capiteis outra, são de precioso marmore branco e lavradas com todo o primor da arte; os fustes são de granito ordinario, com a singularidade de cada um ser composto de sete peças; o entablamento e o mais que resta é do mesmo granito. — Omittimos

outras partes, e a fazem abundantes de todos os fructos.» — Resulta que a villa é uma das mais aprasiveis e sadias do Alemtejo, e fertil o seu territorio.

Estremoz foi depois fortificada ao moderno, é tida em conta de praça forte, e de summa importancia nas guerras da independencia contra Castella, depois da gloriosa acclamação do sr. rei D. João IV, na assignalada victoria de Montes-Claros, sob o commando do marquez de Marialva, e do marechal de Shomberg em 1665.

Na torre de menagem do antigo castello teve elrei D. Diniz temporariamente o seu paço, onde falleceu sua mulher a rainha Santa Isabel, filha de Pedro III d'Aragão, e que foi o mais insigne exemplar de virtudes christãs e domesticas: por isso ahi erigirão uma ermida da sua invocação.

«— Estremoz dista 6 legoas N. E. d'Evora, a cuja comarca pertenceu, e hoje faz parte do districto administrativo do mesmo nome. Encerra tres freguezias, Santo André, Santa Maria do Castello, e São Thiago, que erão priorados da ordem de São Bento d'Avis, com 1823 fogos, e 6,577 almas, e casa de misericordia com hospital. Tinha quatro conventos de frades de religiões diversas, e o de São João Baptista, de religiosos da ordem militar de Malta; além destes o de Santo Antonio dos capuchos da provincia da Piedade, extra-muros, fundado em 1652. O termo do concelho desta villa comprehende 10 freguezias ruraes, com 1,014 fogos, e 4,434 visinhos. — As feiras d'Estremoz fazem-se a 25 de junho, e a 30 de novembro.

Beja (1).

«— Beja, séde de um bispado e capital de um dis-

(1) Extraido do Panorama, pag. 412 do 6.° volume. (O traductor.)

tricto administrativo na provincia do Alemtejo está a quatro legoas ao noroeste da villa de Serpa, e onze ao sudoeste da cidade de Evora, fundada no cimo de uma colina, em meio de ferteis campinas que a rodeão: tem a forma elliptica, mui proxima da circular; é rodeada de fortes muralhas, que da parte do norte se conservão quasi inteiras com suas torres, e que do lado do sul estão quasi todas demolidas, ou cobertas de casas, terrados, e pequenos jardins, por ser desta banda que a povoação se tem dilatado. Os muros são em duas ordens, uma mais baixa e saliente, que a interior, com o intervallo terraplano; a outra póde percorrer-se no arco que descreve pela parte superior, e della crescem as torres quadradas e com ameias, que a espaços a guarnecem, de trinte dos quaes apenas restão vestigios em todo o circuito da cidade, tendo sido quarenta na primitiva execução. O sabio rei D. Diniz levantou o soberbo castello de que forão alcaides mores os marquezes das Minas, e que o architecto inglez, Murphy elogia em sua viagem, como o mais digno de consideração dos que examinou no reino. A subida para a cidade, por qualquer dos lados que se entre é mui suave, e de nenhuma fadiga; a planicie circumdante terá d'extensão seis legoas, prolongando-se muito mais para a parte meridional, geralmente agricultada, com terras de pão que produsem copiosas searas; para o norte a maxima porção do sólo é occupada por vinhas, pomares, e hortas, aonde a gente abastada tem quintas agradaveis e rendosas. E' prodigiosa a fertilidade e abundancia deste districto. Não ha fonte publica ou particular dentro da cidade, ainda que na praça principal se descortinão vestigios de um antigo chafariz; comtudo não falta agoa, extraida de poços ou nascentes fóra do recinto da povoação, e particularmente de uma que denominão de Aljustrel. — A cerca fortificada manifesta ter tido cinco portas, appellidadas ainda hoje, de Evora, de Aviz, de Moura, de Mertola, e de Aljustrel, das quaes a primeira é de construcção mais moderna: de cada uma

sáe a estrada que se encaminha á terra que lhe dá o nome. O padre Cardoso escrevendo no seculo passado lhe assigna mais duas portas chamadas de Nossa Senhora dos Prazeres, e porta nova, ou de São Sizenando: esta ultima invocação procede do santo, que foi natural da cidade, e cujas reliquias nella se guardão com veneração. Assim os muros como as torres são construidos de cantaria, alvenaria, e tijolo, tudo compacto e ligado por forma que conta quasi tanto a desfazer a argamassa, como as pedras.

« — A torre do recinto amuralhado, que é chamada a grande, foi em abril deste anno examinada, medida, e desenhada pelo sr. A. Paula, que nos ministrou o seu papel para extrair-mos a copia do monumento que apresentamos redusida, e as respectivas informações.

« — A torre está erecta junto á porta d'Evora, quasi ao poente da cidade: na base é um quadrado perfeito, e eleva-se em trez corpos que sáem uns dos outros, medindo toda, desde o chão até ás extremidades das ultimas ameias 180 palmos. . . . Do alto da torre avista-se uma formosa e dilatada perspectiva, descobrindo-se muitas villas, logares, differentes serras, e o Guadiana até o castello de Palmella na distancia de 18 legoas; de muitas partes da cidade, pelo motivo de sua eminnete situação, desfructão-se muito boas vistas.

« — Ha em Beja muitas casas nobres, por ser terra rica e de familias illustres, mas não se encontra uma que possa chamar-se palacio, por sua architectura ou apparato. Quatro são as freguezias; a principal e matriz, Santa Maria, dita da Feira, situada no meio da cidade, cujo templo de trez naves corre fama, que fôra mesquita de sarracenos: a de São João Baptista tem a igreja de uma só nave, que na fabrica e na desproporção dos membros de todo o edificio indica bastante antiguidade. As outras são a do Salvador dentro da cidade, e a de Santiago extra-muros ao norte com templo espaçoso de trez naves: ignora-se o principio destas parochias; da primeira achão-se

memorias do anno de 1282, e das outras consta que já existião no primeiro quartel do seculo 14.°; comprehendião todas trez mil visinhos no meado do seculo passado, e actualmente computão-se-lhes 1738 fogos com 5,300 habitantes. A casa da misericordia de fabrica grandiosa, fundada e dotada pelo infante D. Luiz, duque de Béja, tem hoje a seu cargo o hospital, edificio ultimamente acabado com magnificencia, erecto pelo infante D. Fernando, páe d'elrei D. Manoel, que lhe instituiu amplas rendas entre as quaes (por singular) mencionamos o terço das galinhas que as herdades pagão á camara, cujo numero era de 1900. Este piedoso estabelecimento a principio administrado pela nobreza da povoação, e posteriormente pela casa da misericordia, é de grandissimo soccorro para os enfermos e mais necessitados. — O collegio de São Sizenando levantado em 1670 na rua céga aonde morreu o santo, e augmentado em rendimentos pela munificencia da rainha D. Maria Sofia (sua padroeira) aos padres da companhia de Jesus: é edificio incompleto e que foi continuado para residencia dos bispos e para sé. Hoje está occupado pela camara, tribunal administrativo, celeiro publico, e outras repartições: n'um dos seus aposentos se tem guardado com louvavel curiosidade muitos fragmentos que attestão a dominação romana, e o esplendor de Beja nessa era remota. Por esta occasião repetiremos, sem nos embrenhar-mos em questões d'antiquarios, que é antiquissima a fundação da cidade, que muitos attribuem aos gallos-celtas; e que sendo muito florescente ao tempo das conquistas de Julio Cesar na peninsula iberica, adquirio o nome de *Pax Julia*, em honra desse imperador, e commemoração das pazes aqui assentadas: foi tambem assento de um dos *conventos jnridicos*, que administravão justiça na Lusitania. O investigador, e mui erudito André de Rezende, trasladou doze inscripções que viu nesta cidade. Já no tempo dos godos logrou a cathegoria de sé episcopal: por vezes tomada, perdida, e retomada, aos mouros, a final ficou pertencendo

ao dominio christão, desde que foi ganha segunda vez pelo inclito nosso primeiro rei, em vespera de Santo André, de que é memoria a ermida extramuros dedicada ao mesmo apostolo. Elrei D. Manoel em 1512 a fez cidade; tem por armas na parte direita do escudo uns muros torreados, e no meio uma cabeça de touro soportando as armas reaes, com uma aguia de cada lado. — Antes da extincção das ordens religiosas havia trez conventos de frades; o de São Francisco, o mais antigo, fundação da rainha Santa Isabel; o dos carmelitas calçados, obra feita com grandeza sobre um outeiro a um quarto de legoa da cidade; o de Santo Antonio de capuchos, junto aos muros, de moderna a vistosa construcção: trez erão tambem os conventos de freiras — o de Santa Clara, de franciscanas, que chegou a contar duzentas religiosas, muito antigo e a distancia de um tiro de mosquete das muralhas para o poente; está extincto; os outros dois estão habitados, e vem a ser o da sr.ª da Esperança de carmelitas; e o da Conceição de franciscanas, edificio vasto e magnifico, isto na rua dos infantes, erecto e dotado pelo infante páe d'elrei D. Manoel, que na capella mór tem seu jazigo, e juntamente a sua consorte: era casa mui rica, e que mantinha mais de dusentas freiras com grande numero de creadas. Entre as verbas dos testamentos dos infantes fundadores, nota-se uma que ordenava que as abbadessas mandassem todas as semanas ao convento de São Francisco duas cargas d'agoa do poço d'Aljustrel.

« — Entre os distinctos filhos desta cidade, numerão-se homens illustres por letras, sendo os principaes Antonio de Gouvea, que ensinou com applauso em academias estrangeiras, e falleceu em Turim sendo conselheiro do duque reinante de Saboia; os bem conhecidos auctores classicos, D. Fr. Amador Arraes, e Jacinto Freire d'Andrade; e o nosso contemporaneo, o polygrapho escriptor José Agostinho de Macedo. —

Moura (1).

« — Querem alguns que Moura fosse fundada sobre as ruinas da antiga *Auracitana*: seja porem como fôr, o nome da villa indica origem posterior a gregos, romanos, e godos. — Conta-se que em tempo d'elrei D. Affonso Henriques, sendo possuidora desta povoação e seu castello uma dama arabe, chamada Saluquia, filha de Buaçon, senhor de varias terras do Alemtejo, tratara esta de se casar com um mouro chamado Brafama, alcaide do castello d'Aroche, dez legoas distante de Moura, o qual vindo celebrar as nupcias foi accommettido no transito por dois fidalgos, Alvaro, e Pero Rodrigues, ascendentes da nobre familia dos Mouras, que o mataram n'um valle, a uma legoa da villa que em memoria do caso se chamava *Bragansa*, ainda no tempo do padre Carvalho, isto é, no principio do seculo passado. Diz mais a tradicção que os fidalgos com a sua gente se disfarçaram em trajos mouriscos, e caminharam, fingindo comitiva de bodas, para a fortaleza, aonde a moura os esperava a uma janella que deitava para o campo, mas assim que ao entrarem os hospedes no castello se descobrio o engano, precipitou-se de uma torre abaixo para não cair captiva. D'aqui vem ter a villa por armas uma mulher ao pé de uma torre, em allusão á morte de Saluquia; e com este brasão d'armas combina o letreiro de uma sepultura, que está na igreja do castello, e que declara jazerem ali sepultados os cavalleiros, que tomarão esta terra aos mouros.

« — A villa é praça forte; e elrei D. Diniz, em 1295 lhe concedeu os mesmos fóros da cidade de Evora, e mandou construir o moderno castello torreado. Gosou de voto em cortes com assento no banco quinto. Tem duas

(1) Extraido do Panorama, vol. 4.° pag. 4.
(*O Traductor.*)

igrejas parochiaes, São João Baptista, e Santo Agostinho, que erão da ordem de Aviz: casa de misericordia com hospital; um convento de freiras de Santa Clara, e outro de dominicanas, da invocação de Nossa Senhora da Assumpção, sito dentro dos limites do castello, e fundado em 1562 por D. Angela de Moura, da familia antiga dos Mouras, já citados no local das casas em que nascera. Tinha trez conventos de frades, o que pertencia ao *Carmo calçado* era o mais antigo desta ordem em Portugal.

« — Foi senhor de Moura o infante D. Luiz, filho d'elrei D. Manoel. O territorio desta villa abunda em pão, azeite, gados, caça, montados, e colmêas, e recolhe algum vinho. Pertencia á comarca de Beja, e segundo a moderna divisão estatistica faz parte do districto administrativo de Béja, e calcula-se a sua povoação em 3,630 almas, e a de todo o concelho em 9261 habitantes. — »

Ourique tem nome famoso nos fastos de Portugal; posto que seja uma villa apenas de 2,400 almas. Está edificada n'uma eminencia que domina a planicie, aonde o filho do conde soberano soube conquistar um reino. Almodovar, e Castro-Verde, tem quasi igual povoação, ao passo que Sines, patria do Gama, conta apenas 1650 almas. Nada diremos de Villa-Nova de Milfontes, de Sant'Iago de Cacem, Messejana, e Odemira; mas algumas linhas consagraremos á antiga residencia dos duques de Bragança.

Villa Viçosa.

Tem só o titulo de villa, mas encontrão se ali ruas largas, direitas, e aceadas. No centro della, diz Urcullu, ha uma praça muito regular, cujos dous lados são occupados pelo paço dos duques de Bragança. Defende a villa, na direcção de leste um antigo castello cercado de muros, com cinco portas e um fosso profundo. Em distancia delle se encontra a *Tapada*, bosque fechado com duas legoas de circumferencia, um palacio, e grande abundancia de vea-

ção. Villa-Viçosa é cabeça da ordem de Nossa Senhora da Conceição, instituida por D. João VI no anno de 1818, achando-se elle então no Brasil. Borba, Alter do Chão, Arrayolos, Portel, aonde tambem existe um palacio n'outro tempo habitado pelos duques de Bragança, Souzel, e Monforte, são terras de que pouco ha que mencionar.

« — O mesmo nome Villa-Viçosa, diz o padre D. Luiz Caetano de Lima (1) mostra não ser de tanta antiguidade se se fizer reflexão na linguagem d'aquelles tempos. A maior que até aqui lhe discobrimos é do reinado d'elrei D. Affonso o III, pois elle lhe deu foral no anno de 1270, aos 5 de junho. Até este tempo, diz a Chronica dos Eremitas de Santo Agostinho, que não era Villa-Viçosa mais que uma aldêa comprehendida no termo d'Estremoz, e que neste estado se achava aquella povoação pelos annos de 1,276, quando ali se fundou o mosteiro da dita ordem. Passados alguns annos lhe edificou elrei D. Diniz o seu castello, da mesma sorte que a Borba, Arrayolos, Monçaraz, e outras villas d'aquella provincia.

« — Esta povoação que até aqui não era de grande nome subiu ao depois a tão alta reputação, como o ser corte dos serenissimos senhores duques de Bragança, e patria d'elrei D. João IV. No reinado d'elrei D. Affonso V, foi erigida em titulo de marquesado a favor do sr. D. Fernando, filho segundo do primeiro duque de Bragança, e seu successor nestes grandes estados. Na dita villa tinhão os duques seus soberbos paços, que ainda hoje se conservão na mesma forma; e nelles uma capella de grande auctoridade com deão, thesoureiro mór, e varios capelães, que elrei provê como administrador do principe do Brasil seu filho, a quem pertence o ducado de Bragança.

« — As fortificações de Villa-Viçossa são as que se seguem. Na parte mais eminente da praça, que era a an-

(1) Geographia historica, tomo 2.° pag. 255. — Anno de 1796. (O traductor).

tiga povoação, e estava cercada de muros, e torreões, se vêem hoje atacados aos mesmos muros três baluartes para os fazer mais defensaveis. Da parte do sul, está um forte em fórma de estrella, com uma obra quadrada antiga no centro a cavalleiro, trez revelins, e trez meias luas que a cobrem: para a parte do poente fica a grosso de villa, defendendo com boas trincheiras.

« — Compõe-se esta villa de 1,100 visinhos, que se repartem por duas parochias, a de Nossa Senhora da Conceição, e a de S. Bartholomeu, das quaes a primeira está situada dentro do castello, e é fundação do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e priorado da ordem d'Aviz. Os mais edificios consistem em casa da misericordia, hospital, e sete conventos. O de Nossa Senhora da Graça, de Eremitas de Santo Agostinho, fundado pelos annos de 1276, no reinado d'elrei D. Affonso III, e reedificado pelo grande condestavel em 1366. Nelle se vêem os mausoléos dos serenissimos duques de Bragança. O de Nossa Senhora do Amparo, de religiosos paulistas, fundado primeiramente no termo de Valbom, reinando elrei D. João I, e mudado ao depois para dentro da villa, no anno de 1590. O de São João Evangelista, casa professa de religiosos da companhia de Jesus, pelos annos de 1500 e tantos; o de Nossa Senhora da Esperança de religiosos da ordem de São Francisco; o mosteiro das Chagas de Religiosas de Santa Clara, mandado edificar no anno de 1553 pelo senhor D. Jayme, quarto duque de Bragança; o de Santa Crnz, de religiosos de Santo Agostinho, cuja fundação se fez no anno de 1527; o convento de Santo Antonio dos Capuchos da provincia da Piedade, que depois de outros sitios está hoje edificado a pouca distancia da villa, desde o anno de 1607, concorrendo para a despeza o duque D. Theodozio, primeiro do nome, e quarto entre os duques de Bragança.

« — No anno de 1665 reinando em Portugal elrei D. Affonso VI, foi sitiada Villa Viçosa pelo marquez de Carracena; porém marchando o marquez de Marialva em

seu soccorro, se deu a famosa batalha de Montes Claros, no qual perdêrão os castelhanos mais de 4,000 homens, e deixárão 6,000 prisioneiros, coroando-se esta victoria com o levantamento do sitio da praça.

« — E', finalmente, Villa Viçosa residencia de um juiz de fóra, da nomeação da serenissima casa de Bragança. O seu termo comprehende 200 visinhos, repartidos por duas parochias Nossa Senhora das Ciladas, e Santa Catharina dos Pardaes. — »

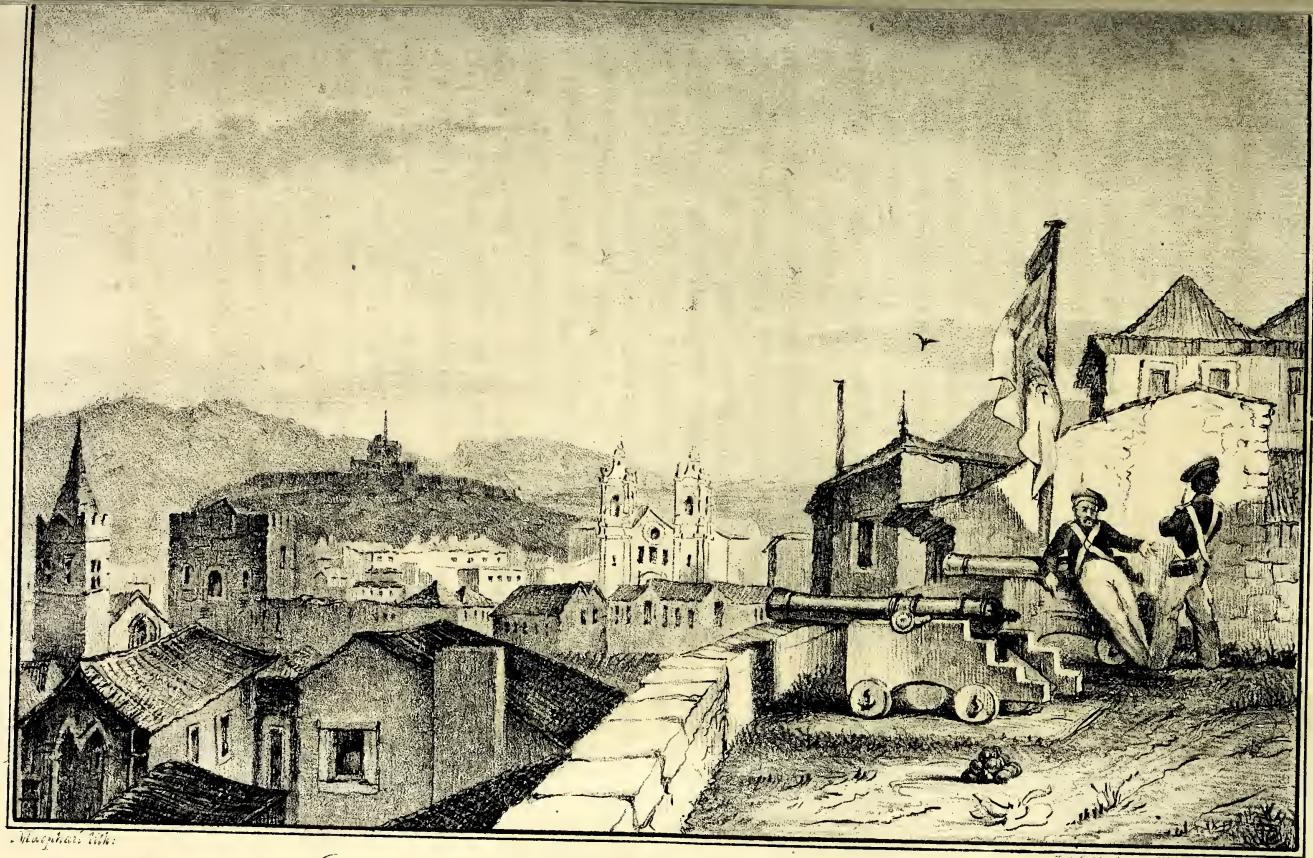
Elvas.

E' cidade episcopal com pouco mais de 11,300 habitantes. As excellentes obras de fortificação que se alí fizerão, sob a direcção do conde de Lippe, dão-lhe grande celebridade em toda a peninsula. Contam-se em Elvas alguns edificios, como o acqueduto, que não tem menos de tres milhas de comprimento. Elvas edificada na fronteira d'Hespanha é a praça de guerra mais forte do reino de Portugal, e faz grande commercio com Badajoz.

« — Elvas foi villa (1) na cathegoria e estatistica das povoações portuguezas, até que elrei D. Manoel a elevou á supermacia de cidade. . . . . A egreja de Santa Maria, uma das quatro parochias d'Elvas, foi elevada a sé episcopal por bulla de Pio V, aos 8 de junho de 1570, sendo o seu primeiro prelado, o doutor pela universidade de Pariz, D. Antonio Mendes de Carvalho, contando-se até ao presente vinte e quatro bispos que teem regido esta diocese — A sé está edificada quasi no cume da encosta em que se espraia a cidade, e no meio desta, é preciso para chegar ao grande taboleiro da frontaria subir oito degraus, e mais deseseis para se entrar a porta principal; porque tendo querido os edificadores pôr em plano horisontal o sólo da egreja

(1) Panorama 5.° volume pag. 164.

(*O traductor.*)



Maughan lith.

Lith. R. [illegible] Montgyre No. 14 Fenchurch St.

Mission Island Stap.

fizerão um atterro da parte principal, que corresponde ao lado para onde a encosta desce, e que neste logar, por ser já perto da assomada do monte, é com effeito do mais aspero declivio. A escadaria composta ao todo de vinte e quatro degraus, é de marmore branco, como tambem são da mesma pedra as duas formosas columnas jonicas que adornão a portada. O exterior do templo é de cantaria, já enegrecida pelo decurso dos annos; o interior consta de tres naves, cujas abobadas, outr'ora pintadas e douradas ao brutesco, se sustentão sobre columnas, e fecham com laços a cruzaria de bastante primor. A capella mór com o seu elegante arco é formada de finos marmores, mui polidos e lustrosos: foi esta obra, assim como os altares de Santo Antonio, e Nossa Senhora da Conceição executada pelos mestres mais peritos, que trabalhárão na basilica de Mafra. Comprehende a igreja doze capellas: na maior, em que está o coro foi collocado em 15 de agosto de 1759, entre quatro grandes columnas de ordem corinthia, e de marmore preto, o grandioso painel que representa o mysterio da Assumpção de Nossa Senhora, a que é dedicada esta sé, como o são todas as mais do reino, por disposição d'elrei D. João I. — E' quadro que tem merecido applausos d'entendedores: na magestosa presença da Santissima Virgem, exprimindo o seu jubilo, no movimento dos anjos, que a elevão, como a pouco e pouco a um formoso céo de gloria, mostrou sua pericia, não vulgar o pintor que se chamava *Lorenço Gramieera*, como elle proprio escreveu na base de sarcophago da Santa Virgem, que se vê na parte inferior do mesmo quadro: á roda d'aquelle deposito onde repousava o corpo da mãe de Deos, está um grupo d'apostolos, cada um mettido em perspectiva na conveniente situação e em feliz e variada expressão das fisionomias. São Pedro (cuja cabeça pintada d'escorço é admiravel) foi como principe dos appostolos a figura principal neste bellissimo grupo: tambem logo encontrâmos com os olhos São João Evangelista, que foi o discipulo mais amado de Christo, e assim

São Thiago, patrono principal do bispado, e todos os outros appostolos estão pintados com a maior propriedade de attitude. Outras pinturas ha de bastante merecimento n'algumas capellas, devendo principalmente mencionar-se o painel do thaumaturgo portuguez Santo Antonio de Lisboa, obra do pincel de Bento Coelho da Silveira, e o outro da capella fronteira, dedicada á Senhora da Conceição: este ultimo foi miudamente observado e muito louvado pelo illustre pintor Cyrillo Wolkmar Machado, quando esteve em Elvas em 1779. Nas paredes e abobada da grandiosa sachristia ha tambem primorosas pinturas a fresco. A salla capitular é magnifica. Tem 15 braças de comprimento e 3 de largura; quatro janellas de peitorís, a que correspondem outras tantas envidraçadas de bons espelhos, e lha dão muita luz, e fazem muito alegre. As paisagens nos sobre arcos das portas e janellas tem um colorido suave, e as situações bem escolhidas, como o todo da execução é harmonioso e agradavel: devem-se ao mimoso pincel de Antonio de Sequeira, natural d'Elvas. Outras pinturas da mão de mestre possue a salla; porem sobre tudo captiva a attenção o apostolado de fino e bem lavrado jaspe, que em molduras douradas orna e circumda o altar de Nossa Senhora da Conceição, imagem pintada n'um painel de correcto desenho e gracioso colorido.

« — Mais trez freguezias ha na cidade, que tem por oragos Santa Maria d'Alcaçova, São Salvador, e São Pedro apostolo. D'entre as mais igrejas deve o curioso viajante examinar as seguintes. A elegante rotunda do convento das freiras dominicanas foi começado em 1543. — O extincto convento de religiosos da mesma ordem tem um bello templo de trez naves, e na capella mór, excellentes e antigas pinturas de que trata o chronista frei Luiz de Sousa, no cap. 8.° do livro 4.° O recinto desta casa serve de aquartelamento ao regimento de artilharia. — O templo da ordem 3.ª de São Francisco tem um sanctuario de bellas imagens de sanctos, e o famoso entalhado de bordo dourado, obra de muito gosto e arte em que se consumirão quatro

annos, e se gastarão nove mil e quinhentos crusados: todo o edificio desta veneranda corporação é nobre e cheio de excellentes accommodações; sendo notavel a cisterna oval de cantaria, e de curiosa fabrica, que tem attraido a attenção de pessoas entendidas; foi em grande parte feita á custa do bispo D. João de Sousa Castello-branco. A igreja de São Thiago, hoje parochia do Salvador, foi o collegio dos jesuitas, é bom edificio, pôsto que incompleto. O templo de Santa Casa da Misericordia consta de trez naves sobre columnas de pedra, e da ordem toscana: na boca da capella mór se vê um bom quadro da Visitação pelo acreditado pintor Joaquim Manoel da Rocha, que falleceu em 1786. Contiguo fica o hospital civil, amplo e commodo, onde os enfermos pobres, são tratados com esmero e abundancia, não só é casa nobre, como de luxo, com seu portico e escadaria de marmore. — Das casas consagradas á devoção e honra de Deos, e de seus santos, que ficão extra-muros e fóra das fortificações da cidade citaremos a linda igreja do Senhor da Piedade, ao pé da qual está collocada a bella fonte que a nossa estampa representa.

« — Em 16 de fevereiro de 1737 se abrirão os alicerces para a primitiva capella da Piedade; mas como foi em augmento o numero e dovoção das pessoas que a frequentavão por ordem do bispo D. Balthasar de Faria e Villa-boas, se lançárão os fundamentos á edificação de um templo de maiores dimensões, e de mais elegancia, aos 11 d'agosto de 1753, e é o que hoje permanece. O todo desta igreja é mui agradavel, e nos dois altares collateraes observão-se dois quadros de Cyrillo Machado, representando um a Virgem com o Menino, e outro a São Pedro apostolo e penitente. Logo adjacente fica a hospedaria para os romeiros: é sitio ameno com seus arvoredos, e ministra aos habitantes da cidade um aprasivel passeio: a fonte que a adorna e refresca com suas agoas cristalinas rega um pequeno, mas bonito jardim: os marmores de que é formado, nas diversas peças de que é composto, e que na gra-

vura se mostrão, forão trabalhados pelos mestres da cantaria do magnifico convento de Mafra. Fica ao poente obra de 600 braças distante da cidade.

« — Temos mais a notar na enumeração das bellas artes de que Elvas se vangloria, os quadros do já mencionado pintor Cyrillo, pintados á tempera, que guarnecem, a salla das sessões da camara nos paços do conselho, e figurão a historia tirada dos livros santos, do rei persa Assuero, e da virtuosa Esther. Esta casa da camara com sua torre de relojo, faz frente para a praça da cidade, e fica fronteira ao frontespicio da sé: com ella tem communicação interior o paço episcopal, que pouco distante jaz, o qual tem servido de accommodação ás pessoas reaes nas occasiões em que visitavão Elvas.

« — No anno de 1807, se deu principio ao jardim e passeio publico, que serve de agradavel diversão aos habitantes, e está construido sobre cinco ramaes da estrada coberta da praça, comprehendidos entre as portas de Olivença, e da Esquina — A agoa de que a cidade se abastece, vem distancia de uma legoa para o poente, do sitio chamado *Amoreira*, condusida por um bem construido acqueducto; do principio da construcção deste não ha memoria determinada, suspeita-se que a sua edificação pertence ao decimo quinto seculo pelo menos, porque, segundo consta, no reinado de D. Sebastião já estava muito adiantada a arcada quando proxima á cidade, onde já corria a agoa no anno de 1570; fornece copiosamente alguns edificios publicos, o jardim de que ecima fallámos, e os chafarizes, sendo os principaes o da Misericordia, de São José, e o de São Lourenço; para esta ultima fonte deu o desenho o general Valleré, que foi o executor das obras militares da praça, e, por ventura o aperfeiçoador do seu primeiro risco, dado pelo conde de Lippe: é ella ornada de quatro columnas brutescas com intercolumnios, e entrepannos d'embrexado. A cysterna d'Elvas é celebre pela sua construcção e capacidade, e porque a agoa de que é rece-

ptaculo não provém das chuvas, como todas as mais cysternas, mas sim do já indicado manancial da Amoreira: é, portanto propriamente um deposito, e antes de estar rota, e perder quantidade de agoa, recebia tanta, introdusida no inverno para consumo do povo na estação quente, que mantinha uma bica corrente noite e dia por espaço de seis mezes sem se esgotar. Nas visinhanças da cidade ha muitas nascentes, mais ou menos copiosas, em numero talvez de seiscentas, que fertilisão mais de quatrocentas quintas, pomares, e hortas, que a circundão e fazem aprasiveis, e abundantes os seus arredores; dois desses mananciaes brotão agoas ferreas; e de outro chamado a *fonte da prata* diz o doutor Henriques, no *Aquilegio Medicinal* — « Junto ás muralhas da cidade d'Elvas, ao sair da porta de São Vicente ha uma fonte que chamão de prata, pelo aceio com que a compõe o senado, corre com perenne abundancia, e tem-se experimentado que é a sua agoa de grande utilidade nos ardores d'ourina, nos diarrhéas rebeldes, e nas inflamações de olhos. Ha tradicção de que neste sitio da fonte houvera algum tempo banhos e de que aquella porta da cidadade se chamava a *porta dos banhos.* — »

« — Muitos arvoredos amenisão aquelles contornos, sobresaindo, porém os extensos olivaes, que fazem parte da riqueza da terra; são bem conhecidas as aseitonas de conserva, de uma especie grande e similhante ás famosas de Sevilha, a que chamâmos d'Elvas: — o aseite provindo destes sitios é de excellente qualidade, e preferivel ao de outros logares.

« — Uma commissão administrativa composta de seis membros proprietarios, auctorisada pela régia provisão de 22 de maio de 1824 vigia e guarda, mediante seus empregados subalternos, a conservação dos olivaes, fazendo venda dos pastos que ha nos mesmas, pagando aos guardas, e evitando os damnos, e cuidando em tudo o mais que respeita a estas preciosas plantações.

Elvas, assim como abunda em fructos e hortali-

ças, assim possue fartura de gados e aves domesticas, não lhe faltando a caça miuda e alguma veação — Com a argila, ou barro dos campos proximos se faz toda a qualidade de louça grosseira para usos domesticos, como são potes, panellas. malgas &c. e do mesmo modo telhas e ladrilhos. Pelo que respeita á metaes consta que pelos annos de 1769 dois inglezes fizerão uma tentiva, auxiliados pelos generaes da provincia, e depois com assentimento do governo, para minerar estanho n'um local junto á ermida do Senhor da Boa Fé; mas, ou porque os veios fossem pouco abundantes, ou porque não souberão extraí-lo, desamparou-se a empresa, subsistindo, todavia, ainda a excavação. Junto d'Elvas ha mina de cobre, que, segundo as ultimas indagações, produz 25 por cento.

« — Terminaremos o presente artigo com a noticia do monumento mais glorioso d'Elvas. E' este o padrão commemorativo da famosa victoria do rompimento das linhas, que nos artigos citados no principio deste se acha relatada. Está na distancia de 700 toesas contadas da magistral da praça, e relativamente a esta na direcção entre nornoroeste e noroeste, sobre o caminho de Barbacena em terreno elevado. Consiste de uma columna da ordem toscana, com pedestal assente sobre proporcionado pavimento, para o qual, sobe-se por trez degráus em cada uma das quatro faces, sendo toda a construcção de marmore branco: o fuste da columna tem de alto 16 palmos, e, quanto ás mais peças, as dimensões respectivas á ordem de architectura a que pertence. Sobre o capitel só tem a architrave do entablamento, rematando com uma coroa real. No pedestal está gravada uma inscripção que diz o seguinte. — No anno de 1659, reinando em Portugal D. Affonso o VI, em terça feira 14 de janeiro do mesmo anno, D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva, capitão general desta provincia d'Alemtejo, introdusiu soccorro na praça e cidade d'Elvas, que estava sitiada por D. Luiz d'Haro, capitão general da Estremadura, primeiro minis-

tro d'elrei D. Filippe o IV, atacando, rompendo, desmantelando, e ganhando a circumvalação inimiga, artilharia, bagagens, munições, e secretaria, tomando muitos cabos e prisioneiros. Esta memoria se poz para que os mortaes dêem graças ao senhor dos exercitos e victorias; roguem pelas almas dos que se acharão e derão as vidas em tão singular e porfiada batalha, que durou das nove da manhã até se cerrar a noite. —

« — Mandou tambem elrei D. Affonso VI erigir no outeiro proximo ao mesmo padrão, e a distancia pequena, onde fôra o primeiro ataque nas linhas, uma ermida dedicada a São Jorge, dando-lhe capella para dizer missa quotidiana e resar responso pelas almas dos que morrerão na peleja; presentemente, segundo informação de pessoa acreditada, ainda existe o capellão, porem, sem duvida pelo ignorar, não cumpre com uma instituição tão pia. Como aquella batalha foi dada no dia 14 de janeiro, vespera de Santo Amaro, e na ermida está collocada uma imagem deste santo, chamão-lhe vulgarmente de Santo Antonio; e a frequentão como festividade d'arraial, no mencionado dia os habitantes da cidade, e povos circumvisinhos. — »

Campo-Maior dista trez legoas e meia da estrada militar de Badajoz, e contém 4,618 habitantes. Está proximo de Mourão, cujo castello é digno de notar-se.

Terena, Ouguella pequena aldêa no pincaro de uma montanha, e Barbacena com os seus 814 habitantes, figurão, para memoria, nesta nomenclatura.

Portalegre.

E' sede de um bispo e conta umas 5,600 almas. Ha nella, o que é mui raro em Portugal, uma fabrica de panno com 50 teares. Arronches está na confluencia d'Alegrete e Caia; Castello de Vide, usa o titulo de villa, tendo quasi tantos habitantes como Portalegre. Consomem-se ali annualmente 6 a 7,000 porcos, que abastecem os merca-

dos do reino. Alguns archeologos teem querido encontrar em Marvão o *Herminius minor* dos antigos. O que não entra em duvida é que se encontra ali grande numero de medalhas e inscripções. — Niza com os seus 2,160 habitantes; Montalvão, que mostra ufana as suas bellas coutadas não estão longe das fronteiras de Hespanha. Crato foi n'outro tempo celebre, como assento do grão-prior de Malta: é povoação de quasi 1,200 habitantes; Sertão que remonta a bem alta antiguidade, não tem menos de 2,736 almas: os antiquarios da provincia pretendem que o seu forte seja construcção de Sertorio. — Aviz gosa de um nome celebre, que parece indicar maior povoação, pela sua grande nomeada na idade média; e apenas nella habitão 1,500 moradores. A ordem militar que ahi havia desde 1211 separou-se da de Alcantara em 1381 (1). As fortificações desta praça recordão a sua origem bellica; mas já não conta as quarenta commendas que mantinhão o esplendor da ordem.

Benevente, Coruche, Cabeço de Vide, são aldêas, ou antes villas, de povoação pouco importante, bem como Jeromenha, que não conta mais de 430 habitantes, possuindo todavia fortificações muito modernas. Evora-Monte tambem está na provincia do Alemtejo; e ali foi assignado em 1834 o convenio que pacificou Portugal.

(1) E não em 1181 como diz Barbosa. Baptista de Castro que aponta esta data, marca-a no anno de 1213, épocha em que a separação oomeçou. Vae nisto d'acordo com M. d'Urcullu. e accrescenta que uma bulla d'Eugenio IV ratificou a separação. Lê-se em Castro uma curta biographia dos grandes homens. Vej. t. 2.° pag. 20 As insignias das altas dignidades erão a espada e a bandeira. Tinha esta de um lado a effigie da Virgem, e do outro a cruz d'Aviz, com duas aguias de côr verde.

Hachphart lith

Lith: R. M. des Martyres N.° 44 Lic.°

Cordova

Provincia da Beira.

Não trataremos das etymologias mais ou menos arbitrarias de Castro, sobre o nome desta provincia; nem insistiremos em que foi ou não, habitada pelos *berones*. Seguindo melhor auctoridade affirmaremos tão sómente que é a maior das seis provincias do reino. Não tem menos de quinze legoas no seu maior comprimento, e quarenta e duas de largura. Existe, por assim dizer, no centro do reino; e os antigos geographos lhe davão forma quasi quadrada. Quando o Brasil se proclamou independente, tomou o principe real o titulo de principe da Beira.

Coimbra.

E' a capital desta provincia; e, para os estrangeiros, é a que contém mais tradicções poeticas. Basta abrir o livro de Kinsey, ou o excellente livro de Landmann para ver quanto é pinturesca e encantadora a cidade de Coimbra. Ergue-se a lusa Athenas em amphitheatro, n'uma eminencia' que domina o Mondego. Limitamo-nos a reproduzir aqui algumas particularidades de mera estadistica, para n'outra parte tratar-mos de seus monumentos d'aquella cidade.

Coimbra contém hoje 13,400 habitantes e ainda ha poucos annos lhe dava Balbi 15,000. Esta differença provêm das mudanças que tem havido nos estudos. Todos sabem que a universidade fundada por D. Diniz foi transferida para Coimbra em 1308, e que experimentou muitas vicissitudes, cujas particularidades se podem ler n'uma bem escripta memoria da Academia Real das Sciencias. Mudada para Lisboa e definitivamente estabelecida depois em Coimbra, fora-lhe dado o vasto edificio denominado *Paços reaes das escólas*. Pombal fez sentir ali, como em toda a parte, o impulso energico de sua vontade; modificou-se o syste-

ma dos estudos; fizerão-se as necessarias officinas; e se construiu um observatorio.

« — Entre os muitos edificios de rica e variada architectura (1) que servem de ornamento á risonha Coimbra talvez que nenhum tenha captivado mais os olhos do que o observatorio astronomico. A situação elevada em que foi construido, e a sua apparencia esbelta e pouco vulgar são incentivos poderosos que chamão e atraem a attenção, ainda dos menos entendedores. . . .

« O observatorio fecha do lado do sul o pateo da Universidade, d'onde é tirada a vista que offerecemos. Está livre d'abalos occasionados pelo rodar dos carros das calçadas, condição essencial a que deve satisfazer todo o local destinado para observações. Foi, ao que parece a necessidade de obter esta condição o que deu logar a abrir mão do primitivamente projectado no local do castello, em cujo alicerce, ou base, já adiantada, se havião gastado alguns contos de réis. O observatorio, bem como o magestoso edificio da historia natural, e póde dizer-se quazi tudo quanto ha de melhor na Universidade — são obra desse dedo gigante, que imprimiu grandeza, aonde quer que tocou; são obra do ministerio do marquez de Pombal, que em Coimbra teve a fortuna de encontrar para o coadjuvar o illustre e virtuoso bispo-conde reformador reitor, D. Francisco de Lemos. As faculdades de mathematica e sciencias naturaes são creação do tempo da reforma d'elrei D. José. A astronomia pratica em Portugal foi brindada com um observatorio excellente. Não accrescentâmos o voto de preferencia decidida ao de Lisboa, por quanto, nesta capital é cousa que em nossa opinião não existe. Não de certo, que ninguem ousará dar tal nome ás aguas furtadas da escola polytechnica, onde se fazem algumas observações, mais para a lição dos alumnos do que para obter resultados reguros. A

(1) Panorama 6.° volume pag. 2.

(O traductor.)

affluencia e continuada passagem de seges e carros pela rua do collegio, tem o edificio principalmente na parte superior u'um estremecimento continuado. — Sabemos que já houve a lembrança de aproveitar para tal fim a varanda da mãe d'agoa ás Amoreiras, fazendo-se ahi as necessarias obras, que importarião em alguns contos de réis. Ignoramos, porem, em que ficou este projecto. Não poderia a eschola ir já destinando parte de seus fundos para o pôr em execução sem onerar o thesouro? . . . . Parece-nos que sim, grande vantagem resultaria, sem duvida aos navios fundeados no Tejo, de um observatorio tão elevado: um signal feito ao meio dia em ponto serviria aos maritimos, que do mar estivessem á mira, esperando por este instante para acertarem os relojos, ou ainda rectificarem os chronometros.

« — Mas, como dizia-mos, excellente é o edificio do observatorio de Coimbra: está na latitude de 40° 12′: é sufficientemente espaçoso: tem de comprimento dezenove braças — dez e meia na maior altura, e cinco de profundidade. Eis por escripto uma escála em que se póde, fazendo os devidos descontos á optica e á perspectiva, avaliar aproximadamente pela estampa todas as mais proporções do edificio.

« — Chegou a occasião de entrar-mos no primeiro pavimento, achando-nos em um pequeno quarto quadrado, com duas portas, que dão para as sallas contiguas, ás quaes correspondem de cada lado as duas janellas visinhas á entrada. Na da direita fica a aula de astronomia convenientemente adereçada: á mão esquerda está outra igual, hoje destinada para conter em deposito os instrumentos que não tem assento fixo. Ahi se nos mostrou uma notavel copia, em ponto grande, da *Carta geographica de projecção espherica da Nova Lusitania, ou America portugueza, e Estado do Brasil*, d'Antonio Pires da Silva Pontes Leme, capitão de fragata, feita em 1797, por J. J. Freire, e M. T. da Fonceca. — Pegado a esta salla, no extremo do edi-

ficio, que na estampa nos fica mais proximo, ha dois gabinetes que servem de archivar livros e papeis. — Entre os primeiros achamos acertado que ahi se guarde uma collecção completa das laboriosas ephemerides astronomicas que a Universidade tem publicado com pequena interrupção, desde o tempo do sabio José Monteiro da Rocha até o presente. Sairão as primeiras no anno de 1803, referidas ao seguinte de 1804, e que fôra expressamente determinado pela carta régia de 4 de dezembro de 1799, escripta ao bispo reformador reitor, a qual dando organisação aos trabalhos do observatorio, e creando para isso empregados, ordenou a publicação desde o anno de 1804 da *Ephemeride astronomica não redusida* (são palavras formaes) *e copiada do Almanak do observatorio de Greenwich, nem de outro algum, mas calculado immediatamente sobre as taboas astronomicas.* Assim se poz em execução; comtudo as pequenas interrupções que soffreu alguns annos a sua publicação, forão causa de que os maritimos portuguezes e brazileiros se habituassem ás Ephemerides nauticas publicadas pela nossa academia com grande precedencia ao anno respectivo, redusindo as calculadas fóra de Portugal ao tempo médio de Lisboa. Notorios são como mais originaes: 1.ª o *Conhecimento dos Tempos*, de Paris, começado por Picard, em 1679, hoje celebre por boas memorias originaes que publica: — 2.ª o *Almanak Nautico*, de Londres, começado em 1767, ao qual se fizerão importantes alterações nos ultimos dez annos: — 3.ª as *Ephemerides* de Berlim, publicadas por Encke, desde 1830, em seguimento as *Astronomisches Iahrbuch* de Bode: — 4.ª o *Almanak* de Milão começado em 1755, por Caesaris: — 5.ª as mencionadas ephemerides deste observatorio, cuja descripção continuaremos.

« — Tinhamos ficado no gabinete em que se guarda a collecção das Ephemerides que a Universidade tem publicado, e foi ao dar esta noticia que fomos condusidos a uma pequena digressão á cerca de taes publicações. — Ago-

ra continuando a fazer menção do que ha no edificio, passaremos ao gabinete das observações, situado no extremo opposto, em correspondencia da ultima janella que tem por cima uma fresta ou abertura. Foi esta rasgada de proposito para dentro se observarem as passagens dos planetas e das estrellas pelo meridiano. O telescopio acromatico ou *luneta* (aliás oculo) méridiana com que se fazem estas observações, gira entre duas columnas de marmore, assentes n'uma base firme, e sobre si. E' de construcção de Dollond: tem quarenta e duas pollegadas de foco, e quarenta de eixo, vindo a ser maior que o do observatorio real de Paris. — Foi collocada no plano de meridiano por J. M. da Rocha, e por este mathematico distincto muitas vezes verificado pelo pégão da Raposeira, que, para taes verificações fez construir a 2683 braças de distancia. — Ha proximo, em uma firme columna de marmore logar para quadrante movel occupado pelo de Troughton de 39 pollegadas e meia de raio. — Tinha a principio um erro de colimação d'alguns segundos; mas vindo em 1810 para Lisboa, e voltando a Coimbra em 1814, natural é que soffresse maiores alterações com as jornadas. — No vão da janella que olha para o sul e é opposta á que se vê na estampa, ha um parallitico de Cary assente em base de pedra firme, e tambem sobre si. Foi redusido á latitude do observatorio pelo sr. Miranda, curioso e habil artista, que hoje é guarda do mesmo observatorio: logar que desempenha com a maior dedicação. — Assenta o dito parallitico em trez pontos bem determinados, e acompanha sofrivelmente o movimento diurno de qualquer astro. Porem de todos os instrumentos deste observatorio, seguramente o mais perfeito, é uma pendula francesa de Berthoud, que trabalha sobre agathas, e tem actualmente uma variação quasi nulla.

« — Passemos aos outros pavimentos. Aos lados do segundo ha, no mesmo nivel, dois eirados ou sotéas, com guaritas nos angulos. A salla do meio contém dentro de uma, como calha aberta no chão, um tenuissimo fio metaliço

traçando a meridiana. No andar superior existe um grande sector d'Adams com o qual não tem sido possivel trabalhar por defeitos de construcção, e natural é que nunca virá a servir.

« — Julgamos ter mencionado o que ha de essencial na descripção do observatorio : — o assumpto não é dos mais amenos, nem facil de se apresentar com essa apparencia ; mas aos que se tiverem enfadado com a nossa visita no interior do estabelecimento, convidâmos a que venhão comnosco espairecer para o ultimo eirado de cima. Espaçoso não é, em verdade este local o mais elevado de Coimbra, abaixo da torre da Universidade. Mas quanto é bello, depois de se ter andado a ouvir sérias explicações, resultados de profundos e taciturnos calculos de letras e algarismos, e a ver sallas, cujas paredes se achão ornadas de quadros sim, mas com os desenhos de apoquentadores systemas de fortificação (destinados ao ensino dessa arte, que ahi se projectou estabelecer) — quanto é bello repetimos, chegar ao eirado superior do edificio e ahi resarcir-se amplamente da sombria e afanosa visita, com o gosto do vasto panorama, que se offerece em derredor, quando dissipados os nevoeiros locaes do Mondego se encontra um dia claro ! Oh ! quanto é bello estender d'ahi os olhos por esses casaes e logarejos, por esses terrenos cultivados de vinhas e olivedos, por esses campos variegados, que offerecem annualmente a abundancia aos que habitão a cidade ! — Quantos quadros pinturescos não poderá ahi aproveitar um artista habil ! — Das bandas do occidente ás do septentrião erguem-se, a desafiar as nuvens, ennoveladas serranias, que de longe trazem origem, e servem de manancial a muitas ribeiras. Destas algumas cobrão força e arrojo antes de chegar a enriquecer com seus tributos os dois irmãos mais novos do Tejo e do Douro — o placido e obscuro Vouga, e o nomeado e por vezes poderoso Mondego. — Lá vedes a fresca e amena Lousã, cujas lombas tanto fertilisão os abastados vales que de continuo presenceão. — Tristonho e rude se ves afigura

o gigante Caramulo: sua carregada catadura bem demonstra que nem para pastorar cabras tem serventia os matos que o cobrem. — Tambem tu, meritamente gabado Bussaco, não fôras mais afortunado por partilhas só da naturesa. O teu aspecto se mostrára aspero e afugentador como o troar das bombardas, que ainda neste seculo repercutirão em echos pelos teus profundos vales, se em outras heras mãos de algum anjo da terra não houvessem tecido as vestes para resguardar o teu corpo descarnado. — Se depois, almas piedosas, procurando o retiro e apartamento do mundo não convertessem o abrigo dessas mesmas vestes de verdura em aposento da divindade, e se hoje, que o machado do lenhador tomou conta das arvores, como a marreta dos que tudo querem demolir se apossou dos monumentos — se hoje mãos beneficas dos homens que ainda tem uma alma que sente, não houvessem aparado os golpes.... Mata encantadora! Em copia, variedade, e desalinho de vegetação nada tens de commum, e similhavel aos modelos virgens da naturesa, que primeiro nos ferirão os olhos, e que por tal arte arrebatão a alma que para o gosar dissereis conviria não possuir tão minguado numero de sentidos. E' verdade: nada tem destas parecenças que injustamente se lhe tem attribuido. Porem o inefavel gôso de um dia passado no Bussaco, pela generosidade de um amigo, visinho do local, nunca se poderá apagar da memoria agradecida.

Menos encantadores não são os quadros de mais perto — Aos pés do observador jaz prostrada a altiva e orgulhosa Coimbra, com os mal poupados restos de suas vetustas muralhas e couraças, de antigas e novas igrejas.... em parte a encobre o edificio generosamente dado á universidade por elrei D. João III, para vir depois um intruso castelhano, um Filippe exigir a importancia para a sua real coroa.... Da banda do sul, no meio da encosta da montanha avulta o vistoso convento de freiras de Santa Clara; em baixo as ruinas de uma antiga igreja do mesmo nome, ao

lado a quinta dos lugtimas — a fonte dos amores, aonde tu linda Ignez, ensinavas aos montes e ás hervinhas.

O nome que no peito escripto tinhas.

A' quem por entre os celebrados e saudosos campos:

Vão as serenas agoas
Do Mondego descendo.

« — Espirito observador, indifferente ás mathematicos!! Se fores a Coimbra não deixes — eu vos peço — não deixes de visitar o observatorio ostronomico de Coimbra. — »

« — Depois de Braga é Coimbra (1) em nosso entender a mais bem assentada cidade de Portugal, e até não sabemos se a visinhança do Mondego lhe dá a primasia sobre a antiga capital do Minho. E' verdade que as sendas (o nome de estradas não o merecem) que de varias partes condusem a Braga, acompanhadas em quasi toda sua extensão de valles cultivados, de ribeiros deleitosos, de montes relvosos, de pequenas povoações, não contrastão com o painel que descobrimos ao aproximar-nos da cidade; em quanto as estradas que do Porto ou de Lisboa condusem a Coimbra cortando commumente por brenhas cerradas, descampados inferteis, pinhaes estensissimos, mas sem magestade, e povoações pobres e derramadissimas, preparão o caminhante com habitos de tristesa e tédio para contemplar a scena de Coimbra, que, similhante a uma pyramide esculpidá, se alevanta dominadora dos seus frasquissimos e saudosos arredores, e do tranquillo Mondego que se revolve mansamente a seus pés como uma fita branca, lançada por meio de um tapete de verdura.

« — Da *Collimbria*, *Conimbrica*, ou *Conimbriga* dos

(1) Extraido do Panorama, vol. 2.° pag. 121.
(*O Traductor.*)

romanos já não existem ha seculos, senão umas gastadas ruinas, no sitio chamado Condeixa velha, a duas legoas da moderna Coimbra. Esta, fundada por Ataces, segundo dizem, só dàta do tempo da dominação dos Alanos e Suevos. Da epocha da sua fundação pertendem alguns ainda sejão as armas actuaes da cidade, mas similhante crença tem todos os visos de fabulosa.

No tempo da invasão dos mouros, Coimbra, como todas as demais povoações de Portugal, caiu debaixo do jugo dos conquistadores. Seguiu-se a longa lucta dos christãos com os musulmanos; no mesmo seculo Coimbra foi resgatada; mas no seculo seguinte tornou ao poder dos infieis, até que em 1064, D. Fernando o Magno, rei de Castella e Leão, a conquistou pela ultima vez. Parece que os monges beuedictinos de Lorvão, que tinhão trato com os christãos da cidade ajudarão D. Fernando a levála de salto, entrando pela porta da traição. Houve aqui grande estrago de mouros, e querem affirmar que o arco de Almedina é um monumento desta victoria, dando áquella palavra a significação de *porta de sangue*; mas nem esta é a verdadeira traducção ao vocabulo arabico, nem por certo o arco que existe junto á igreja de São João de Almedina é de tão remota antiguidade.

« — Divididas as conquistas de D. Fernando entre os seus filhos guerrearão estes uns com os outros por causa da herança paterna: pertencem estas guerras á historia da Hespanha. Basta saber que no tempo de D. Affonso VI. de Leão, neto do conquistador de Coimbra, a cidade foi entregue ao conde D. Henrique com o resto de Portugal, dado em dote da rainha D. Tareja sua mulher. Desde esse tempo até o de D. João I. Coimbra foi o principal assento da corte dos reis portuguezes, porque a sua posição geographica, a salubridade do clima, e a fertilidade do territorio lhe davão jus a similhante primasia. Lisboa outro tanto crescia em poder e riquesa, que lhe attraía o seu porto magnifico, propriissimo para o trato do commercio, e nas cortes celebra-

das na mesma Coimbra, em tempo de D. João I. os povos pedirão a elrei que mudasse a residencía da corte para a cidade do Tejo.

« — Como todos as cidades antigas, Coimbra é para ser vista de fóra; porque collocada em amphiteatro o seu prospecto é formoso; mas vista interiormente as ruas são tortuosas, e em grande parte tristes. Ha ali um cunho de decrepitude, sem haver, salvo em raros edificios, a magestade dos reculos. A bondade porem dos ares, a baratesa do sustento, a amenidade dos campos e hortas visinhas a tornão commoda e agradavel Os habitantes são em geral alegres e folgasões, aos que os aconselha e inclina o ceu, o ar, e o solo que a Providencia lhe deu. Quando a naturesa ri á roda de nós alegra-se e folga o coração do homem, e o sorriso vem habitar nos seus labios.

« — O Mondego, que sumiu grande parte da antiga Coimbra, assentada na planicie, ao pé do monte onde hoje campêa o principal da cidade, é o maior rio dos que nascem em Portugal. Tem as suas fontes nos altos da serra da Estrella, e correndo por mais de vinte legoas, vem metter-se no oceano junto á villa da Figueira — A sau pequena correntesa na proximidade de Coimbra, ao passar entre montes, cuja terra se esbroa, e vem ao leito de rio com as torrentes do inverno, tem feito com que o alvéo se vá alteando, de modo que nas grandes cheias os campos ficão inundados. Entrando na cidade baixa a corrente impetuosa faz notaveis estragos, deixando as casas em sitio. Felizmente estas cheias desmedidas são pouco frequentes, mas a tortuosidade do rio que contribue para que as areias fiquem retidas, fará no decurso dos tempos com que a baixa Coimbra se converta n'um areal, se a arte não souber pôr barreiras invenciveis ás irrupções das agoas.

« — Já desde os fins do seculo passado se trabalha por obviar a este damno certo, e aos estragos que as cheias causão nos campos de Coimbra, areando-os, e tornando-os inferteis, mas o mal não foi ainda remediado. Nos annos de-

masiadamente chuvosos as estacadas do encanamento são rotas e derrubadas, ficando perdido n'um dia o trabalho de uns poucos de annos, e o rio se estende como vasto mar por aquellas dilatadas campinas.

« — Sobre o Mondego está lançada a formosa ponte que une a cidade com a margem esquerda do rio, dando para a estrada de Lisboa. Foi edificada por elrei D. Affonso Henriques, mas o tempo e as alluviões do rio sepultavão a primitiva fabrica. segundo o testemunho do historiador Barros, já pelo seu tempo se havião sobmergido duas pontes a que existe, obra quasi toda d'elrei D. Manoel, apesar de successivos reparos, tambem já vai tendo entulhados os primeiros e ultimos arcos, e com o andar do tempo ficará provavelmente sepultada, como as antigas, debaixo das areias do rio.

« — Quem entra na cidade pela estrada do Porto, vem desembocar na mais formosa rua da cidade, a *Sophia*, rua bordada quasi só de conventos ou collegios de diversas ordens monasticas. Estes conventos, hoje desertos, serão em breve montes de ruinas. Em Coimbra, cidade de pouco trato não se achará quem compre estes edificios vastissimos, e a rua da *Sabedoria* (Sophia) orlada de paredes desmoronadas será a imagem epigrammatica do estado intellectual do nosso paiz.

« — Passada a Sophia, a primeira cousa notavel que se encontra é o velho mosteiro de Santa Cruz, fundação do nosso D. Affonso Henriques. Da primitiva obra nada, ou mui pouco resta — Consta que o antigo mosteiro era um edificio cercado e torreado, como um castello: o templo tinha trez naves; os claustros erão trez; as cellas oitenta e quatro. Hoje é mui diverso o estado das cousas. Por ventura as cellas são mais numerosas, os corredores mais elegantes, as officinas mais accommodadas, os claustros mais magnificos; mas a igreja pareceu-nos acanhada, mesquinha, mal traçada, e de mau gosto, porque a vimos depois de ter lido pomposas descripções della. O que ainda

se conhece que realmente foi bom é o portal lavrado de laçarias e vultos, e mil invenções curiosas. Cremos que infelizmente entalhárão esta obra em pedra d'ançã, em logar de pedra canto, e que por isso está tudo estragado e corcomido.

« — No corpo da igreja ha muitas sepulturas de veneravel antiguidade, e inscripções mortuarias que fallão de nomes gloriosos; mas os mais notaveis sepulchros são os dos dois primeiros reis portuguezes, D. Affonso, e D. Sancho, collocados ao lado da capella-mór. Estes monumentos preciosos forão mandados fazer por elrei D. Manoel, e ahi se conservarão intactos até o anno de 1832, em que D. Miguel os mandou arrombar para ver o que continhão: ainda no anno seguinte vimos as pedras quebradas, e os mal apagados signaes deste acto de barbaria.

« — As duas cousas mais importantes que havia no convento erão a livraria e o santuario: as preciosidades de uma e outra forão levadas para a cidade do Porto. Entre os quadros que adornavão o santuario dizem que estava uma transfiguração de Raphael, e a adoração dos reis de Rubens! Ahi se amostrava uma espada que se dizia ter sido de D. Affonso Henriques, e que se acha reunida á do moderno Affonso, o duque de Bragança, no museu do Porto, para onde tambem foi levada a escrevaninha e a penna com que se assignarão os decretos do concilio tridentino, monumentos curiosos doados a Santa Cruz por D. Frei Bartholomeu dos Martyres.

« — A quinta, ou cerca de Santa Cruz é uma das mais extensas e maravilhosas de Portugal. Descrevê-la fôra impossivel na brevidade do nosso quadro. O lago é obra magnifica; mas as arvores que o redeão, cortadas em columnas e obeliscos, são apenas um dos mil exemplos do mau gosto dos antigos jardins.

« — A parochia de São Christovão, ou sé velha, é o monumento de Coimbra mais digno d'attenção, por que é, por ventura, o unico que resta em Portugal do tempo dos

godos. A sua architectura não se parece, por tanto com a de outro algum edificio conhecido. As suas paredes vistas exteriormente, assemelhão-se ás de um castello; é talvez o que resta da primitiva, e um escriptor moderno se enganou inteiramente suppondo os lavores da porta lateral do templo obra de architectos godos, quando basta vê-los para conhecer que forão lavrados no 13.º ou 14.º seculos. Posterior ainda a esta epocha é o interior da igreja.

« — No alto da cidade, onde estão os fundamentos do observatorio novo começado pelo marquez de Pombal, e nunca levado a cabo, jazia o antigo castello, que foi demolido, e de que restão apenas alguns fragmentos. Este castello era célebre pela acção heroica do leal Martim de Freitas.

« — A universidade está onde antigamente erão os paços reaes, chamados das Alcaçovas; neste edificio ainda existem muitos vestigios da sua origem remota. Nada diremos aqui á cerca deste estabelecimento litterario, que tantos homens illustres tem dado a Portugal, por que os guardamos para um artigo especial.

« — A sé nova era a igreja dos jesuitas: ampla e ao primeiro aspecto magestosa, um exame mais miudo faz descobrir nella o ferrete de todos os edificios d'aquella ordem — mau gosto d'architectura.

« — Muitos outros monumentos notaveis se encontrão na antiga capital dos portuguezes; mas a brevidade necessaria nos véde fallar delles. Entretanto ha ahi uma cousa curiosa, de que ninguem tratou ainda, e que vale a pena de se mencionar. E' esta a inquisição. Ella ainda está em pé com seus corredores escuros, os seus carceres medonhos, as suas *espreitadeiras.* Ainda ahi se vê a casa dos tratos, com as paredes cheias de arranhaduras, e de manchas escuras, que, por ventura são de sangue. — E não se deveria conservar este monumento do fanatismo para os vindouros, a quem parecerão impossiveis os horrores que se contão á cerca da inquisição?

« — Nos arredores de Coimbra póde dizer-se que cada pedra, cada campo, cada bosquesinho é um monumento historico. — A fonte do Cidral, e o penedo da Saudade, quem os não conhece? — Atravessando a ponte para o lado de Lisboa encontrão-se á esquerda umas ruinas, e atraz dellas um campo coberto de arvoredos e de hortas. Aqui houve um mosteiro illustre: este foi o de Santa Clara, fundado por Santa Isabel, e que o rio fez desapparecer. D. João IV edificou o novo no monte d'onde em perspectiva se descobre a cidade.

« — N'aquella margem do Mondego está tambem a quinta das Lagrimas, e a fonte dos amores. No palacio pertencente á quinta succedeu, segundo dizem alguns, o tragico successo da morte de D. Ignez de Castro. A fonte dos amores rica de recordações, e pobre de adornos lá corre ainda caudal para um tanque meio entulhado. Descripta por poetas, viajantes, e historiadores, callará á cerca d'ella a nossa mal aperada penna, e só faremos um voto para que a mão do homem não derrube os ultimos cedros que a assombrão e que são testemunhas das memorias de muitos seculos. — »

Multiplicarão-se em Coimbra as bibliothecas, e reunirão-se collecções de objectos de historia natural para auxiliarem as demonstrações de alguns sabios professores. N'uma palavra, a universidade conservando em alguns pontos a sua reconhecída preeminencia foi novamente organisada, e fez louvaveis esforços para iniciar seus numerosos discipulos nas novas necessidades da sciencia. Não deve desconhecer-se que as ultimas alterações politicas forão assaz funestas ao progresso intellectual que se negava á universidade de Coimbra. Esta questão é de algarismos (1), e para se

(1) Em 1830 tinha a bibliotheca da universidade uns 35,000 volumes; a do Collegio de São Bento, 16,000: o convento de Santa Cruz 41,000, o de Santa Rita 14,000, e o da Graça 34,000. Estes consideraveis depositos de livros, forão desgraçadamente le-

conhecer a verdade do que affirmâmos, bastará lançar os olhos sobre as ultimas estadisticas de Portugal.

Depois de termos fallado de Coimbra, citaremos a nossos leitores nomes bem pouco conhecidos em França, como Miranda do Corvo, que tem 3,344 habitantes; Buarcos aonde ha uma mina de carvão de pedra; Figueira cujos vinhos gosão de alta reputação; Lousã, com as suas fabricas de papel; Ancião; Penela (1); Monte-Mór-o-Velho; e Tentugal, terra celebre por um manancial que repelle todos os objectos que se depositão no fundo de suas agoas.

Nada diremos de Arganil, nem de Goes, cujo nome recorda o de um grande historiador do seculo 16.°, e apenas referiremos que tem 3,150 habitantes, redusidos por Minãno, não sabemos pelo que, a 913.

Aveiro.

Aveiro gosou de grande reputação no 15.° e 16.° seculo; e até se affirma que os seus habitantes poderão já armar 60 embarcações para a pesca na Terra Nova. Infelizmente a amontoação de arêas fechou-lhe o magnifico porto, desapparecendo a prosperidade, na occasião em que a terra se tornava pouco sádia, e em que a povoação diminuira. No fim de immensos trabalhos, abriu-se nova barra em 1808, tornando-se a terra mais salubre. A sua povoação nem por isso augmentou, como se esperava, subindo hoje a pouco mais de 4,000 habitantes. Aveiro situada n'uma especie de peninsula, tem ao norte vastos pântanos, que se estendem até 9 legoas parallelamente ao mar. Avei-

vados da cidade dos estudos. D. José Urcullu affirma que isto aconteceu depois da extincção dos conventos.

(1) Esta cidade apresenta a prova das rapidas mudanças que podem fazer algumas povoações, e dos erros que se encontrão nos melhores calculos. Balbi dá-lhe 3,437 habitantes; Minãno 2,708 e Urculu, segundo documentos officiaes 712!

ro, antigo porto da idade média, tem sido algumas vezes comparado a Veneza, e o paiz que o cerca foi designado pelo nome de Hollanda portugueza. O geographo que nos refere estas particularidades, diz que ha seis estabelecimentos especiaes destinados á pesca da sardinha. As terras circumvisinhas são prodigiosamente ferteis, e produsem vinhos generosos que se gastão quasi todos na America.

« — A cidade d'Aveiro (1), que ainda no meado do seculo passado era villa, contada entre as mais nobres e populares do reino, passou no reinado do sr. D. José á cathegoria que tem hoje, sendo elevada a sé episcopal, desmembrando-se esta nova diocese da antiga cidade de Coimbra, e reconhecendo por metropolitana a igreja bracharense. Tem o titulo de nobre e notavel, e na antiga legislação e systema politico gosava de voto nas cortes dos trez estados, e de muitos e singulares privilegios, que ultimamente tinhão sido confirmados em 1641 pelo sr. rei D. João IV. Por occasião do exterminio da familia dos duques d'Aveiro, sob o pretexto d'assassino intentado contra a pessoa d'elrei D. José subiu a tanto o rancor que até foi mudado o nome a esta cidade, que déra o titulo áquella casa infeliz, e o mudarão para *Nova-Bragança*, alteração que breve durou, nem deixou lembrança no povo, anniquilada logo no subsequente reinado.

« — Aveiro está situada em mediana elevação ao longo das margens do Vouga, quasi toda na direcção do norte a sul, e cercada de uma campina fertil, povoada de quintas, e hortejos, abundantes em agoas nativas. Póde considerar-se dividida em cinco partes, uma das quaes é a mais antiga, comprehendida no sitio amuralhado, obra do infante D. Pedro, filho de D. João I, as outras quatro tem a disposição de suburbios, ou arrabaldes; ao norte vão-se levantando as ruas pelo bairro novo até á ermida da

(1) Extraido do Panorama, pag. 17 do 7.° volume. (*O traductor.*)

Senhora da Alegria; e para o sul na parte mais alta da cidade estende-se a formosa alameda, entre a porta dita de Vagos, e o convento de Santo Antonio; bello passeio d'onde se desfructa agradavel vista do rio e do campo adjacente; contribue para a frescura do sitio uma fonte, das cinco que se ennumerão na povoação, além de muitos mananciaes na visinhança, de que os moradores se aproveitão para regas, e para usos domesticos, entrando a nascente da ribeira, copiosa e sadia, que por um acqueducto é condusido e o chafariz da praça, de quatro bicas, e tão visinho da raia que muito facilita as aguadas aos mareantes.

« — O porto é formado por um esteiro fundo ou rio, pelo qual ascende a maré a misturar-se com as agoas da foz do Vouga, que por aqui vem, engrossado com varias ribeiras, pagar seu tributo ao oceano: a especie de pequeno golpho em frente da cidade é retalhada em ilhotas ou lesirias, parte cultivadas, e parte aproveitadas em marinhas. A barra é muito susceptivel de entulhar-se, e de variar de posição como a da foz do Douro, em rasão dos bancos d'arêa movediços; della, e da capacidade de seu porto nasceu, e ainda agora depende a prosperidade d'Aveiro, que já pelo commercio, navegação, e pescaria, em outro tempo se fez assaz opulenta, e conseguio grande importancia no reino, pois que em 1550 contava 12,000 almas, e possuia mais de 150 navios mercantes, expedindo annualmente 60 á pesca de bacalháu no grande banco da Terra Nova, e 100 carregados de sal de suas marinhas (hoje mui estragadas e perdidas) para as provincias do norte, e para a Galisa. — Tão florescente estado successivamente decaíu, desde 1575 até o fim do seculo 17.° á medida que o porto se entulhava; porem no principio do presente seculo o mal chegou ao seu auge: o movimento continuo das arêas ao longo da costa removera a barra para o sul até perto de Mira, isto é, mais de 15 milhas de sua primitiva situação. Os ferteis campos d'Aveiro que outr'ora produsirão, segundo dizem 30,000 moios de trigo, e as

grandes marinhas que rendião igualmente por anno 16,000 moios de sal, sofrerão as fataes consequencias d'aquella alteração; além de que o terreno, dantes espaçoso e fertil se converteu em alagadiço, productor de miasmas, que despovoarão a cidade e arredores fazendo o clima insalubre em summo gráu. — Era ministro d'estado em 1801 o conde de Linhares, e procurou-se remediar o mal: dois engenheiros, o brigadeiro Oudinot, e o tenente coronel Luiz Gomes de Carvalho forão encarregados de apromptar o plano; e, com effeito, sob as suas ordens tiverão começo os trabalhos em 1802. Partindo Oudinot para a Madeira ficou a inspecção commettida a Gomes de Carvalho, e concluiu-se a obra a 3 de abril de 1808, montando a despeza total a 100:000$000. Formou-se o porto d'Aveiro pela construcção de um dique de 1,210 braças de extensão, e por uma largura media de 72 palmos, elevando-se em comprimento muitos palmos acima das mais fortes marés de inverno. Por meio desta represa ou dique, que atravessava inteiramente o Vouga, conseguiu-se que as proprias agoas do rio servissem de desempedir a barra, e levar comsigo os bancos, ou baixos d'arêas que lhe obstruião a foz em communicação com o mar. Esta grande obra hydraulica requeria vigiada e conservada por ulteriores trabalhos. — »

Citar Ilhava, é lembrar um estabelecimento de grande utilidade publica, do qual nenhum geographo, exceptuando M. d'Urcullu, tem feito até agora menção. Na distancia de um quarto de legoa desta villa com 6,310 habitantes existe a fabrica real de vidros e louça, de *Vista-Alegre*. Este bello estabelecimento, de recente fundação, empregava outr'ora 125 pessoas de ambos os sexos; os aprendizes, que ali se admittem seguem cursos fundados no systema d'ensino mutuo; e o estudo da musica, diz-se que forma grande parte desta educação popular. A principal direcção das duas fabricas está commettida a Augusto Ferreira Pinto Basto; sendo seu irmão quem dirige o traba-

lho dos operarios. Haverá cinco ou seís annos era a um francez que superintendia na parte artistica; das fabricas o M. Rousseau tratava exclusivamente do que dizia respeito á pintura e douradura. O fabrico do vidro, chegou nella a tal gráu de perfeição que se não differenção os seus trabalhos das fabricas de França e Inglaterra.

A Feira conta seus 1,800 habitantes; Ovar, tem apenas uma rua de quarto de legoa de comprimento, com 10,000 moradores; e Oliveira d'Azemeis fica para lá de Vizeu, cidade episcopal que segundo os novos calculos tem mais de 5,100 habitantes. No mez de setembro ha ali uma feira annual que passa pela mais rica de todo o reino; e consiste principalmente de obras de lapidarios, ourives, pannos, e gados.

São pouco importantes o Castello de Penalva, Banho, Vousela de Lafões, e São João d'Arêas; e o mesmo pode dizer-se de Lamego, berço da monarchia, cujo nome mais de uma vez pronunciámos no começo deste livro.

Lamego.

Esta cidade episcopal, está edificada nas margens do pequeno rio Balsemão. Deve suppor-se que até 1100 tinha ella alguma importancia, visto dizer-se que D. Affonso Henriques ali convocara essas cortes que hão dado margem a tantos debates. Conta hoje 9,230 almas. — Tarouca é villa de 1,690 habitantes, a duas legoas desta cidade. — Arouca tem 2,515 almas, e se ufanava outr'ora de possuir um celebre convento de freiras, que, pelas suas riquezas, tinha grande influencia no paiz. Mondim, não obstante ser ponco povoada, produz muita seda. — São Martinho dos Mouros, está situada na margem esquerda do Douro, bem como Taboaço, Mesãofrio, e Arnelas, a duas legoas do Porto, que tinha antigamente grandes depositos de vinho da companhia do Alto-Douro.

« — Pinhel é tambem cidade episcopal; posto que ha

alguns annos contasse apenas 1988 habitantes. — Almeida é praça forte, situada em planicie de tal modo levantada, que do alto do seu castello se descobrem os limites de doze bispados. — Trancoso é célebre pelas suas antigas muralhas : as trincheiras parecem de fórma quasi circular, e tem 12,000 passos de circumferencia ; a villa conta apenas 1,200 almas. São João da Pesqueira é um pouco mais povoada. — Castello-Rodrigo é contada no numero das praças d'armas, posto que tenha apenas 160 habitantes.

Guarda situada no declivio da serra da Estrella, perto da nascente do Mondego, tem 3,894 moradores. — Covilhã, outr'ora apanagio do celebre D. Henrique, é hoje uma villa onde se fabricão pannos, tendo os seus 7,000 habitantes — Manteigas encoberta nas tortuosidades da dita serra, está no mesmo caso — Gouvêa é tambem uma villa montanhosa — Cêa, e Fundão colhem optimos fructos.

A cordilheira da serra da Estrella é tão pintoresca, que mostra n'um dos lados mais elevados a pequena villa de Linhares, com o seu forte castello — Castello-branco quasi que o não tem. Esta cidade episcopal está muito arruinada, conta 7,000 moradores : ha nella a singularidade de se achar edificada a cathedral fóra dos muros da cidade.

— Alpedrinha d'onde se descobre toda a Beira-Baixa — Sabugal com a sua elevada torre — Monsanto que tem pessimos caminhos — São Vicente da Beira — e Sortelha, terminarão este paragrapho ; citando primeiro Bassaco, cujo nome recorda uma victoria contestada, por quem conhece a historia da nossa invasão.

Provincia d'Entre Douro e Minho.

Uma vista d'olhos sobre o mappa bastará para se conhecer a origem desta denominação. A rica provincia de que vamos tratar está situada entre os dois rios, cujo

nome tem (1). E' a provincia mais pequena de Portugal e deve a prosperidade de que goza á sua posição geographica. Não a incommodão a leste as influencias do clima ardente; e nas outras direcções a refrescão os ventos do mar. E' admiravel o seu systema d'irrigação. Casado Giraldes dá-lhe 26,000 fontes, e mananciaes. A tão doce temperatura bem como á abundancia de agoas é que a provincia d'Entre-Douro e Minho deve a sua grande povoação. Observa Balbi que se todo o Portugal fosse habitado como esta provincia, não teria menos de 9,681,525 habitantes. Bory de Saint-Vincent faz posteriormente identica observação; e, finalmente, Urcullu, sujeitando a opinião do geographo venesiano a novos calculos, confirma o que elle disse, e faz subir os mesmos calculos (2) 10,000,000 de almas.

« — Os habitantes dos paises chãos da Europa, isto é, os da maior parte della, quando viajão por aquellas provincias, onde o sollo é variado por montanhas, são quem a estas podem dar todo o seu preço. Nas planicies, a luz, e vegetação é monotona, mais ainda do que o são as campinas do oceano, muitas vezes cavado pela procella, e onde o sol então, batendo nos vagalhões se reverbera com accidentes, variadissimos nas nuvens, prenhes de tempestade. Nos paizes plainos, porem, a procella, é medonha, sem ser sublime, e um dia formoso é ameno, mas calado é te-

(1) Separa o o Minho do norte de Galiza, e ao sul a divide o Douro da Provincia da Beira. A Serra da Cabreira, o rio Tamega, e serra do Marão, a separão a leste da Provincia de Tras-os-Montes, Banhando-a a oeste o Oceano — Veja-se *Tractado completo de cosmographia de Giraldes*. tomo 1. pag. 80. O excellente livro d'Urcullu não contem estas divisões geographicas, e por isso as apresentamos, sem comtudo affirmar se tem, ou não tido algumas modificações.

(2) Eleva a 9,970,550 a força que suppõe teria esta povoação. Sem tirar absolutamente similhantes em dusões, pode affirmar-se, segundo a Memoria escripta por M. Silveira antigo ministro d'estado, que Portugal poderia contar 8,000,000 habitantes. — Veja-se o Panorama tomo 3.° pag. 281.

dioso porque lhe falta a variedade: uma geira de terra, uma legoa, uma provincia equivalem para o homem a uma só impressão; e as impressões, que não os dias, são a verdadeira medida da nossa exitencia. . . .

« — Mas do romantico Portugal nada, tão bello e saudoso como a paiz que se estende entre Douro e Minho. Nesta provincia querem alguns que os antigos collocassem os Elysios: verdade, ou mentira que isto seja, o que é certo é que tudo o que a imaginação dos poetas figurou n'aquelle logar de paz e bemaventurança parece ser a descripção deste formoso terreno. Poderiamos dizer que o Minho é como um mar que, agitado pela maior das tempestades, e erguido em ondas temerosas fosse tornado de repente immovel pela mão do Omnipotente: taes e tão varios são os accidentes do solo. Como as ondas infileiradas no meio do oceano, os montes e valles succedem uns aos outros: nas cabeças d'aquelles só, a maior parte das vezes, se vêem pedras calvas e ermas; só silencio e morte: no fundo desta, só verduras e sombras; só a vida e o seu ruido. De cada encosta borbulha um arroio, de que vem sumir-se nos rios proximos e que todos os valles são regados. Estes rios, quasi todos de suave declivio, não têem talvez, iguaes no mundo pela amenidade das margens, e pela abundancia de peixes saborosos, que nadão nas sus agoas.

« — Porém, para em nada o Minho ser a terra dos contrastes — dos contrastes, que talvez dão todo o encanto á natureza — o Douro, que para a banda do sul põe termo áquella provincia, é o rio mais torvo e intratavel de Portugal. Quasi sempre comprimido entre montanhas altissimas, penduradas a prumo sobre elle, correndo por muitas legoas por um leito de rochedos, a sua navegação é perigosa, e as suas agoas teem devorado milhares d'existencias. E em quanto o Lima, o Cavado, o Ave, e outros rios se vão derivando tranquillamente por entre os pomares, as hortas, os linhares e os campos de milho, o Douro por meio de rochas de granito e syenita, váe rugindo como um leão do deserto.

« — Das montanhas do Minho a mais notavel é o Gerez, onde em partes ha neves perpetuas, como nos mais solitarios desfiladeiros dâs Alpes: nestss serras se encontrão variadas riquesas botanicas, que apenas teem sido exploradas. As agoas sulphureas em que o Minho abunda, nascem principalmente no Gerez.

« — Foi nesta provincia que a monarchia portugueza teve o berço, e ahi foi que a piedade, ou, se quizerem, a superstição de nossos avós, aleventou maior numero de mosteiros. Já no tempo dos godos os benedictinos estavão espalhados no Minho, e nelle se conservárão durante o dominio dos arabes. A esta ordem respeitavel, e que sempre será lembrada com gratidão pelos verdadeiros amigos da humanidade devêrão em grande parte a cultura e civilisação os habitantes d'aquelle teritorio. Ainda hoje não ousaremos affirmar que a sua conservação fosse inteiramente desvantajosa: deixaremos decidir esta questão gravissima por aquelles que sem nunca sairem do bulicio das grandes cidades, julgão os monges dos campos pelos frades viciosos das povoações.....

« — Em todas as terras do sertão o caracter do povo diversifica do dos habitantes dos logares maritimos, e só os une o sentimento religioso, toque moral que sobrepuja todos os outros affectos muita gente, talvez a melhor de Portugal. Tambem o amor do trabalho seria um signal commum, se não houveramos de exceptuar os moradores da costa do mar que, pela maior parte pescadores, vivendo em extrema pobreza, costumados a lidar com a morte, parecem despresar o trabalho continuo, que gera os commodos e abastança. Como a vida da caça, a vida da pesca, nem um gráu é acima da existencia selvagem, e o pescador conserva muitos habitos de antisociabilidade, e que desmentem as compassadas regras de civilisação. Hoje lucta o pescador com as vagas, com o vento, e com o frio: na sua fragil barca, singra por entre cachopos, muitas vezes sem pão, e sem repouso, porque para elle não existe a distincção da noite e

do dia — do descanço, e da fadiga — como existe para o agricultor, o artista e o pegureiro; á manhã porém, vê-lo-heis estendido ao sol á porta da cabana, descuidado do futuro, em quanto o lavrador ára a terra, cujos fructos deve colher d'ahi a muitos mezes; em quanto o pastor guarda o gado que o vestirá d'ahi a um anno, e o artifice, e o artista na sua officina se affadiga para satisfazer aos caprichos e ao luxo do rico, que nem apenas conhece, mas cujo ouro atravez de muitos cannaes correrá até elle: nestes está estampado o symbolo da civilisação; no pescador lá se divisa, por entre alguns fragmentos das artes europeas um homem mui similhante ao filho do Amazonas, do Meschacehé, e do Ohio.

« — Mas deixando os areaes, que orlão a costa do mar, e atravessando os pinhaes, que quasi sem descontinuação os cobrem, os valles e as montanhas do Minho se descobrem tapisados de verdura, e ricos da sua cultivação immensa. As povoações se multiplicão; a mão do homem apparece em todos os cantos da terra, capazes de produsirem alguma cousa. As estradas bordadas de carvalhos, enredados em vides d'onde pendem os cachos de uvas negras, se assemelhão a longas ruas de quinta illimitada. Estas mesmas fieiras de arvores, enfeitadas de vides, e plantadas junto a murinhos de pedra solta, que dividem os campos, fingem ao longe um bosque fechado, illusão nascida da grande divisão de propriedade, que torna mui proximas estas separações, estes marcos vegetaes, testemunhas perennes do direito de cada qual ao campo que lhe herdarão seus páes. Os arroios multiplicados crusão estes campos cobertos, como dissemos de milhos e linhares, sombreados pelas encostas de soutos de castanheiros, de carvalhos, de sobros, e coroados no cimo da montanha pelo pinhal solitario.

« — Quem foragido correu os campos estrangeiros, e viu as immensas propriedades de um nobre inglez, cobertas de florestas, onde algum mez do anno elle váe, can-

sado de embriaguez, e do luxo quotidiano de Londres aliviar o pezo da vida, correndo a cavallo atraz de um veado por campos que, cultivados, produsirião bastas searas, quem tal viu, e vem do alto de uma eminencia do Minho observar os seus valles não póde deixar de perguntar a si mesmo, se é verdade que nós façâmos vergonha á Europa, como alguem por esse mundo pertende; nem póde deixar de sorrir-se, lembrando-se de que em livros inglezes se lamenta repetidas vezes o nosso atrazo e incuria, e a miseravel situação de nossos agricultores.

« — Com effeito, quantos lavradores inglezes estão longe de se poderem comparar com a maioria dos portuguezes? Pesados direitos dominicaes, os impóstos para o estado, e a horrivel taxa dos pobres, levão áquelles a melhor porção do fructo do seu suor. Entre nós, nem, geralmente fallando, são os direitos senhoriaes pesados, nem os impóstos de vulto, nem existe a devoradora taxa dos pobres, peste necessaria em Inglaterra, escusada em Portugal. Compensão, na verdade, parte destas desvantagens em Inglaterra, a facilidade do transporte dos generos aos grandes mercados, cousa difficílima em Portugal, e o apuro e perfeição da arte do cultivador, atrasada entre nós; posto que não tanto como pensão aquelles que julgão a agricultura pratica da França e da Inglaterra pela agricultura theorica dos livros destas duas nações.

« — Dantes nesta bella provincia duas pêas havia á industria do povo, uma absurda outra nociva; ambas ellas se desfizerão diante do sopro vivificador da liberdade. Erão estas as coutadas, e os dizimos, que ainda pesão sobre os inglezes assentados ha tantos seculos á sombra da arca santa das instituições livres. Muito poderiamos dizer sobre os dizimos; mas veda-o o instituto do nosso jornal: quanto ás coutadas era este um resto dos absurdos feudaes. A caça e a pesca erão prohibidas ao povo dentro de grandes porções de territorio, e os rios e espessuras da maior parte do Minho apenas servião para abastecer as mezas dos po-

derosos e dos monges. A caça e a pesca, meios de sustentação para o homem antes da existencia da sociedade; livre para todos como o ar do espaço, como a agoa das fontes, como o calor do sol, era tolhida por um direito que nenhuma sancção tinha na naturesa, nem nos interesses sociaes. Essa ridicula instituição desappareceu ha quatro annos, no meio de nós, barbaros, quando desapparecerá na civilisada Inglaterra?

« — O solo do Minho é, em geral fraco: para o que talvez contribua a demasiada humidade; mas o incansavel desvelo dos habitantes o torna fertilissimo: os lavradores das provincias do sul repousão grande parte do anno: no Minho nunca. As searas de Milho exigem mais trabalho que outras quaesquer, sobre tudo nas terras de regadio, circunstancia que ahi vulgarmente se dá: a sylvicultura pede tambem cuidados, e o preparo dos adubos vegetaes, que são quasi os unicos que ha no Minho, demandão todos os annos muitos dias de trabalho. A croação dos gados é tambem neste paiz um importante ramo das occupaçõos campestres.

« — Os habitantes do Minho não são ricos, geralmente fallando, mas tem o necessario para a vida com abundancia. Não os louvaremos por sóbrios e sofredores; por que estas duas virtudes são essencialmente portuguezas: mas no que realmente não tem iguaes é na hospitalidade. Chegando, á porta de qualquer lavrador a pedir um pucaro d'agoa, elle vos offerecerá o seu pão e o seu vinho, e guarida se for ao cair da noite. — Grandemente religioso, este bom povo sente que o espirito do christianismo se encerra todo na caridade.

« — Os naturaes do Minho tem ainda a intelligencia muito pouco cultivada: d'ahi nasce a superstição de que os accusão; e a pouca tendencia do povo para abraçar as reformas politicas: ensináe-os porem a ler; instrui-os, e elles serão os melhores cidadãos de todo o reino.

« — O clero, como o das outras provincias, é tam-

Sá Lith — Imprença N.al

Porto

bem pouco instruido; mas faltando entre nós um systema de ensino ecclesiastico, ainda é de admirar o encontrar por essas parochias das aldêas de Entre-Douro e Minho sacerdotes que o catholicismo não se envergonha de comparar em virtude e saber aos pastores protestantes.

« — A nobresa conserva ainda o orgulho dos antigos tempos, no meio da sua decadencia. A fidalguia do norte do reino tem-se em conta de mais antiga, e de mais puro sangue: talvez a das provincias do sul lhe podesse contestar esta primasia; mas o que de certo ninguem lhe negará é a superioridade da nobresa de animo, a unica que aos olhos da sã resão póde distinguir as diversas condições.

« — Resta-nos fallar das mulheres do Minho: abrigo e conforto do homem em toda a parte, a mulher o é aqui mais do que em nenhuma outra. Nos campos principalmente é companheira do agricultor nos seus rudes trabalhos, e sobre ella repousa, além disso, todo o arranjo domestico. Os seus costumes ainda conservão a severidade dos tempos antigos, e esta primitiva singeleza e virtude existe ainda nas mesmas classes superiores, e até nas cidades. Commummente as feições das mulheres do Minho são regulares e formosas, mas pela maior parte, nas classes laboriosas, acabrunhadas pela asperesa da vida, perdem brevemente os encantos da mocidade.

Porto.

A capital do Minho e, sem contradicção, a segunda cidade do reino; mas em relação a outras carece ella reevindicar antiguidade quasi fabulosa. E' uma cidade muito christaã, edificada pelos suaves, e que figura entre os bispados da peninsula, desde o seculo V. Está situada na margem direita do Douro, na distancia de pequena legoa da sua foz. Ergue-se como vasto amphiteathro sobre duas colinas denominadas Sé e Victoria. Os valles que se estendem por entre estas duas montanhas estão cheias de casas

que formam estensos bairros. Na margem opposta do rio, está villa Nova de Gaya, de que existem curiosas tradicções.

O auctor que nos dá em parte estas noticias, diz que a cidade do Porto, differe hoje muito do que era em 1789, quando o padre Rebello da Costa fez a completa descripção della (1). Apenas hoje se vêem alguns restos dos seus antigos muros, que terião uns 3,00,000 passos de circumferencia e trinta pés de cultura. Estes vestigios de fortificação nada hoje contribuem para a defesa da cidade, porque estão dentro das novas obras construidas para similhante fim.

Conta a cidade sete parochias, e uma dellas, se olharmos á tradicção., já existia no 6.ª seculo, e São Martinho de Cedofeita teria sido edificada em 559 por Theodomiro, rei dos suevos; mas a boa critica regeita similhantes pretenções.

O que muita gente ignora é que o rito mosarabico foi por muito tempo seguido nesta pequena igreja. Attribue-se ao conde D. Henrique a reedificação da cathedral. A breve descripção das antiguidades ecclesiasticas do Porto, levar-nos-ia mais longe do que podemos ir, porque o Porto encerra mais de quatorze conventos, subindo o antiguidade do primeiro quasi á primeira metade do seculo XIII. — Entre estes asylos religiosos apenas se contavão cinco conventos de freiras. A suppressão dos conventos deu posse a alguns ramos de admininistração publica de varios edificios, que de outro modo, completamente se arruinariam. Uns servem hoje de hospitaes, outros de bibliothecas e museus; no collegio da Graça está o asylo dos orphãos; e no hospicio dos Capuchinos da Cordoaria se estabeleceu a Misericordia onde entrão annualmente 4000 orphãos. Cumpre dizer por esta occasião que ha poucas cidades na Peninsula com es-

(1) Veja-se Urcullu, tomo 2.º pag. 94, e tambem o Panorama, velume 8.º, pag. 281.

tabelecimentos de benificencia publica. Quando hospital militar, que actualmente se está construindo, vier a acabar-se será talvez a melhor obra que neste genero se conheça em todo o reino.

O ultimo cerco do Porto foi fatal e varios edificios, que ainda ha pouco tempo mostravão disso claros vestigios. A igreja dos clerigos, com a sua elevada torre; a casa da Relação; a camara municipal, e o theatro, foi feito com reconhecido bom gosto; os grandes quarteis de Santo Ovidio, onde se podem alojar 3,000 homens; o paço episcopal, notavel pelo seu grandioso aspecto; e, finalmente a igreja de Nossa Senhora da Lapa, onde está depositado o coração de D Pedro, são os edificios de maior consideração, podendo tambem reputar-se taes alguns outros templos. Releva dizer que ha agora no Porto as escolas polytechnica, e medico-cirurgica, e uma academia de bellas artes.

Em 1789 fazião subir o numero das casas do Porto a 10,000; — porem, nos ultimos tempos cresceu prodigiosamente este numero. Graça ás novas edificações: esta praça tão commerciante conta hoje varias ruas espaçosas e direitas, em contraposição ás ruas tortuosas da cidade velha. A rua das Flores, notavel pelos seus grandes armazens, foi comtudo edificada no decimo-sexto seculo, reinando então D. Manoel. A bem estabelecida illuminação da cidade, concorre hoje muito para a segurança e aformoseamento della.

Os ultimos dados officiaes que obtivemos á cerca da povoação do Porto a eleva a 71,390 habitantes, entrando n'esta conta os moradores de Villa-Nova-de-Gaia, porem o auctor a que nos referimos assevera que se pode rasoavelmente elevar este numero a 80,000 almas. A povoação do Porto é industriosa e commerciante, como o provão suas fabricas de chapéos, sedas, tecidos de algodão, louça, a sua formosa Cordoaria, e os delicados trabalhos em obras de ourives. Os estabelecimentos mercantís que pouco a pouco se tem creado provão, mais do que outra qualquer cousa, a actividade do commercio. O banco commercial do Porto;

a caixa filial do banco de Lisboa, as companhias de seguros maritimos, e contra incendios, e a associação mercantil estabelecida desde 1845, e que tem dado incontestaveis lucros, provão as nossas asserções. Por estes tem consideravelmente augmentado nos ultimos annos o giro mércantil do Porto. Apesar da tendencia industriosa, quasi absoluta dos habitantes do Porto, não deixa por isso a cidade de possuir um museu, fundado em 26 de março de 1836 por D. Pedro, e que já contava 400 quadros, haverá doze annos. Os amantes da archeologia da idade média tambem ali se encontrão objectos curiosos. A bibliotheca teve por fundador o duque de Bragança, que a creou em 9 de julho de 1833, e conta, segundo os calculos de M. de Urcullu, 65.000 volumes, numero que deve ultimamente ter crescido. Affirma-se que a bibliotheca do Porto contem manuscriptos muito preciosos. Um estrangeiro, M. Allen, dotou recentemente a cidade com um museu, que sem ter grandes raridades, satisfaz a muita cousa necessaria. Não só nelle se encontrão alguns quadros de subido preço, como tambem varios ramos d'historia natural ahi estão representadas por collecções habilmente classificadas. Diremos, para concluir este capitulo, que o visconde de Beire franquêa ao publico os seus jardins. Os principaes moradores do Porto estabelecerão a *assembléa portuense* que tambem admitte estrangeiros na qualidade de socios, e está ao alcance do que se passa no mundo litterario, por meio de *Revistas* e periodicos que se publicão nas principaes cidades da Europa.

Ha suburbios do Porto muito aprasiveis e dignos de attenção; notando-se entre outros São João da Foz, na entrada do Douro, povoação de 3,050 almas, muito frequentada no tempo dos banhos. O farol de Nossa Senhora da Luz existe a pequena distancia; seguindo-se Motosinhos e Mindelo, aldeia de 500 moradores, aonde D. Pedro desembarcou em 1832 — Já dissemos que Villa-Nova-de-Gaia está situada precisamente na margem opposta ao Porto — Es-

ta povoação que conta 5,390 hobitantes communica-se com cidade por uma ponte de barcos. Existem ali os grandes armazens, celebres em toda a Europa. Urcullu avalia em 80,000 o numero das pipas arrecadadas nos armazens de Villa-Nova-de-Gaia. Passaremos em silencio algumas villas e aldêas dos suburbios, sem comtudo calar São Pedro da Cova, cujas minas de carvão de pedra se descobrirão em 1802, exportando annualmente 8,000 carros delle.

« — A heroica cidade do Porto (1) celebre nos annaes portuguezes é, sem contradição, a segunda do nosso reino, quer pela povoação, pela nobresa dos edificios, e pelas vantagens e commodos da vida, quer pela amplitude e actividade do commercio e industria, e pela circulação do numerario que destes mananciaes dimana· Tamanha importancia deve, por uma parte, á situação que a fez o emporio das provincias do norte, e por outra parte ás laboriosas propensões e assiduidade dos habitantes.

« — Apresenta o magnifico prospecto de um vasto amphitheatro, na margem septentrional ou direita do Douro. Sobre os dois montes da Sé e da victoria, e pelos valles que estes separão se dilata toda a povoação, contigua a extensos arrabaldes. Na margem opposta do rio está Villa-Nova-de-Gaia. A antiga arca da cidade era uma muralha de cantaria de tres mil passos de circumferencia; e trinta pés de altura, com muitas portas para serviço publico, sendo as maiores a *Porta Nova*, a dos *Banhos*, *Lingoeta*, *Peixe*, *e Ribeira*, para a banda do rio; e para a parte da terra, as do *Sol*, *Cima de Villa*, *Carros*, *Santo Eloy*, *Olival*, e *Virtudes*. Em muitas havia corpos de guarda militar. Começava a muralha no sitio chamado a *Porta nova*, onde fazia um angulo que olhava para o poente, e donde seguia para o meio-dia, quasi em linha recta, pela margem do Douro, formando um extenso e bello passeio, guarnecido de

(1) Panorama, volume 3.° pag. 281.

(*O traductor.*)

boa casaria, chegava aos *Guindaes*, e subindo pela nascente até a Porta do Sol, ía remontar na porta de *Cima da Villa*, e logo começava a descer pela ingreme calçada da Theresa até á Porta dos Carros, que era a mais frequentada, e foi aberta em 1521, reinando D. Manoel. Desta porta continuava a muralha até á de *Santo Eloy*, e ahi outra vez ía subindo até á porta do Olival no largo da Cordoaria, descia á porta das Virtudes, á da Esperança, e concluia onde principiara, no local da Porta nova. Foi esta cerca, fundação dos reis D. Affonso IV, D. Pedro I, e D. Fernando, e a sua fabrica gastou quarenta annos. Outros, pela forma da sua construcção, a attribuem, ao que parece com mais rasão, aos tempos d'elrei D. Manoel.

« — A actual população da cidade divide-se pela maneira seguinte:

	Cedofeita	7,000
	Massarellos	1,500
	Miragaia	2,400
Freguezias	— Santo Ildefonso, São Nicoláo, Sé, e Victoria	55,100
Juntando a população de Villa Nova de Gaia, que está na margem meridional do Douro		5,390
	Habitantes	71,390

Apesar de ser conforme este calculo ás informações officiaes, comtudo pode rasoavelmente reputar-se a população em 80,000 almas.

« — Tem o Porto entre muitas ruas de construcção antiga, outras excellentes, espaçosas, e bem calçadas, com passeios commodos, notaveis pelo acceio, e illuminados á noite. A rua das Flores, rica por suas casas bem providas de toda a casta de fazendas, foi obra d'elrei D. Manoel: a de São Nicolau mandou abrir D. João I; a rua nova de São João foi aberta em 1765, e firmada sobre grossos arcos de

cantaria; hoje, como todos sabem, se tem aformoseado a cidade com outros, que facilitam as communicações, e offerecem novos commodos aos habitantes. As casarias, especialmente as modernas, são bem construidas, muito aceadas, interna e externamente, e gosam de bastante luz: entre ellas notam-se bastantes palacios de particulares, vastos, e edificados com formoza architectura, sendo o principal a casa chamada dos Carrancas.

« — Dos edificios publicos mencionaremos brevemente os mais notaveis. A casa da relação e de fórma quasi triangular, pôsto que de gosto pesado: ahi mesmo são as cadeias publicas, de grande capacidade, e mantidas com boa ordem e limpeza. A casa da camara é um bom edificio; porem o paço episcopal é obra vasta e grandiosa onde se nota a escadaria mais magnifica que ha em todo o reino; foi inteiramente reedificado pelo bispo D. João Raphael de Mendonça, da casa de Val-de-Reis. E' contiguo á Sé, em terreno desigual pelo que os lados variam de andares para conservarem a igualdade das cornijas e remates. O frontispicio da entrada tem dois andares e lojas, e um portico sobre o qual ha uma varanda com balaustrada de pedra. Pena é que o recentissimo cêrco damnificasse tanto este edificio, que actualmente serve de bibliotheca, e residencia do exm.° bispo actual. Porem, de todas as obras publicas do Porto seria a mais grandiosa, e uma das principaes do reino, se acaso estivesse completa, o hospital chamado novo, e que começou a edificar-se pelos annos de 1769; apenas está feita a quinta parte, que comtudo presta asylo e soccorros aos doentes pobres da cidade, e por isso se pode julgar da grandesa do plano. O edificio devia ser quadrangular, correspondendo os quatro lados aos ventos cardinaes, e toda a circumferencia externa abranger 3180 palmos: no centro devia erigir-se uma egreja com o seu zimborio, de fabrica sumptuosa. A cargo deste hospital, que corresponde ao de São José, nesta capital, estão dois para entrevados e e para lazaros.

« — O aquartelamento de Santo Ovidio, susceptivel de recolher 3,000 homens; o edificio da casa pia; o da academia de marinha (hoje eschola polytechnica) que apesar de incompleto é de plano mui vasto; o theatro, situado no ponto mais alto da cidade, e construido com elegancia, são tambem merecedores de se mencionarem; e igualmente, com ser edificio particular, a casa da feitoria ingleza, começada em fevereiro de 1785.

« — Entre os templos a Sé tem a primasia. Ainda que a sua fundação date dos tempos do seu primeiro bispo Constancio, que assistiu ao primeiro concilio toledano, e governou por espaço de dez annos, decorridos de 579 a 589, póde comtudo dizer-se obra do conde D. Henrique, e da rainha D. Theresa, sua mulher que a reedificaram completamente, segundo o padre Agostinho Rebello. — O conde, nobilissimo ascendente dos nossos monarchas tomou posse da cidade em 1092, e aqui residiu por varias vezes; a rainha sua esposa erigiu um palacio adjacente á Sé, com interior communicação por uma escada, que a tradicção largos annos denominou *escada da rainha.*

« — A parte externa virada para o norte, desta cathedral, é uma arcada de pedra bem lavrada com varanda abalaustrada. O elevado frontispicio da parte do poente, campêa em grande altura sobre a cidade com duas fortes torres de cantaria aos lados, aonde estão os campanarios. Divide-se o templo em três naves, que findam com o arco cruseiro, onde pega o côro e capella-mór, que é das maiores e mais regulares das Hespanhas. O pavimento é de marmore branco e vermelho em xadrez, e destes, e dos marmores preto e rôxo são os cunhaes e cornijas, actualmente empastados com os estuques e douraduras, como a Sé de Lisboa. Na Sé repousam os restos mortaes do martyr S. Pantaleão, padroeiro da cidade, mandados trasladar da igreja de S. Pedro de Miragaia, pelo bispo D. Diogo de Sousa, que regeu o bispado de 1495 a 1505.

« Outro templo grandioso é o convento de São Fran-

cisco, doado ha pouco á ordem terceira seraphica, salvo assim da furia dos demolidores, e que, segundo nos consta, se váe restaurar e conservar com toda a bellesa primitiva. A igreja, que foi dos benedictinos, tambem é digna de menção, e na posteridade sê-lo-ha tambem o templo de Nossa Senhora da Lapa, como deposito do coração magnanimo do Senhor D. Pedro, de sempre saudosa memoria, páe de nossa Augusta Soberana.

« — A torre da igreja dos clerigos, que passa pela mais alta do reino, avista-se de mui longe, foi começada em 1732, e concluida em 1763; tem de altura até o assento da bóla 316 palmos e meio; é uma das mais notaveis construcções da cidade do Porto, fazendo grandissimo effeito por isso que está collocada em posição muito eminente: foi obra de um architecto italiano, Nicolau Nazoni; e tendo sofrido por vezes estragos dos raios, acha-se ao presente resguardada por conductores. A igreja de Cedofeita é credora d'attenção só por sua veneranda antiguidade: celebraram-se ali, sem interrupção, os officios divinos, até no dominio dos mouros, mediante certo tributo que os conegos lhes pagavam.

« — Os estabelecimentos de beneficencia, e de instrucção publica no Porto são quaes convem a uma cidade tão populosa. Além das aulas d'ensino primario e outras, ha a eschola polytechnica, a academia medico-cirurgica, e a academia de bellas-artes.

« — O banco commercial portuense, a caixa filial do banco de Lisboa, as companhias de seguros-maritimos e contra-fogos, e outras empresas comprovam o grande movimento commercial desta cidade. A associação mercantil, instituicão de reconhecidas vantagens (como tem mostrado a que existe nesta capital) foi fundada no anno de 1835. Muito antes, porem, existia (segundo o sabio J. P. Ribeiro, nas *reflexões históricas*) *a chamada bolça do commercio do Porto, anterior á guerra da acclamação de D. João I, e depois renovada. O seu fundo em uma quota parte dos*

fretes se despendia nas precisões communs do commercio, assim no reino, cómo nas nações estrangeiras. Ella muitas vezes promoveu e obteve providencias vantajosas ao seu fim. Era tal a reputação e valia das duas principaes praças commerciaes do reino n'aquelles tempos, que os mercantes de Lisboa e Porto concluirão com Eduardo III d'Inglaterra o tratado de commercio de 20 d'outubro de 1353, em virtude do qual os nossos pescadores podião ir fazer as suas pescarias ás costas d'Inglaterra e da Bretanha.

« — Innumeraveis navios de todas as nações crusaram em todas as epochas posteriores a foz do Douro, alimentando o commercio activo da cidade do Porto, simultaneamente com grande numero de embarcações nacionaes já costeiras, já do mar alto, muitas proprias desta praça, outras dos diversos portos do reino.

« — Extrairemos os resultados de dois curiosos mappas, que se encontrão no segundo volume da obra geographica do Sr. Urcullu. — No anno economico, ou emergente do primeiro de julho de 1834 a trinta de junho de 1835 o valor dos principaes generos exportados pela barra do Porto montou a 5,091:818$970 réis, isto é, mais de doze milhões e meio de crusados, figurando como verba principal nesta somma 38:468 pipas de vinho no valor 4,231:480$000 réis, e destas pipas forão exportadas para a Grã-Bretanha 32:535 $\frac{1}{2}$, e o restante para varios portos d'outras nações, entrando algumas para o reino.

« — A conta da receita e despeza da alfandega do Porto, desde o 1.º de dezembro de 1834 até 30 de novembro de 1835, apresenta o seguinte resultado:

Receita	1,275:881$718
Despeza.	36:328$000
Saldo. . . . . Rs.	1,239:553$718

« — Os ramos d'industria cultivados nesta cidade opulenta quotidianamente se aperfeiçoão, e alguns são já consideraveis; as excellentes manufacturas de sedas, as obras

d'ourives bem desempenhadas, o fabríco de chapéos, tem adquirido reputação, e todos estes productos se exportão com vantagem notavel.

« — Se pretendessemos agora compilar os titulos de gloria com que se ennobrece a heroica cidade do Porto, ultrapassaria este artigo os limites que prescreve o nosso jornal: resumiremos todavia alguns. Os nossos monarchas honrarão seus habitantes com muitos privilegios e mercês: n'uma provisão d'elrei D. João II, datada d'Evora em o 1.° de junho de 1490, confirmada posteriormente por Filippe II em novembro de 1596, lê-se a respeito dos moradores do Porto — *Outro sim queremos e nos praz que hajam e gosem de todas as graças, liberdades, e privilegios, que são e temos dado á nossa cidade de Lisboa, reservando que não possão andar em bestas muares, porque não havemos por nosso serviço, nem bem do reino andarem nellas.* Já D. João anteriormente tinha favorecido muito esta cidade, dilatando-lhe o termo, e mandando abrir, como dissémos, a rua de S. Nicolau. Este monarcha cavalleiro, recebeu-se no Porto a 2 de fevereiro de 1387 com D. Filippa, filha do duque de Lancastre de Inglaterra, a qual senhora foi o iris da paz, que veiu asserenar a tempestade das guerras entre esta coroa e a de Castella: o mesmo fundou em 1416 o convento de Santa Clara de religiosas francesinhas, que fez trasladar para a nova casa d'outra que habitavam dantes no sitio d'entre ambos os rios, junto ao Tamega. Elrei D. Manoel, que reedificou completamente a antiga muralha, segundo alguns affirmam, e a quem se deve a rua das Flores, fundou tambem o mosteiro da Ave Maria, de benedictinos, em 1518, reunindo para este intento os religiosos dos quatro conventos de Tuias, Rio Tinto, Villa-Cova e Tarouquella. Em nossos dias escusado é referir a gloria que ao Porto resultou da residencia de sua magestade imperial, o duque de Bragança.

« — Uma antiga tradição tambem arroga para o Porto a honra de ter dado ao reino o nome que ora tem, de-

rivando-o do Porto e Cales, que dizem ser a mesma terra que é hoje Villa Nova de Gaia. Sisudos escriptores seguiram esta opinião. Antonio de Souza Macedo chama a cidade *gloriosa, illustre berço de Portugal*, a quem deu nome, etc., e em o nosso Camões, Lus., Cant. 6. Est. 52 lê-se

Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal. . . . . .

« — Se consultarmos a nossa historia litteraria, acharemos que forão naturaes do Porto muitos dos nossos escriptores. Para remate desta noticia citaremos alguns mais conhecidos — Vasco de Lobeira foi o auctor do celebre romance de cavallaria *Amadís de Gaula*. Frei Manoel da Esperança, distincto em varios estudos, escreveu as historias *Seraphica* e *Sebastica*. O padre Simão de Vasconcellos nos deixou as *Noticias do Brasil*. Jeronymo de Mendonça escapando da infausta batalha de Alcacerquibir em Africa, escreveu a historia d'aquella desgraçada expedição. Pedro d'Andrade Caminha compoz muitas poesias, que a nossa academia encorporou n'um grosso volume. D. Francisco de Sá e Menezes, um dos cinco governadores nomeados pelo cardeal rei, distinguiu-se na poesia. D. Bernardo Pereira de Lacerda, entre varias obras em hespanhol, escreveu o poema *Hespanha Libertada*. O, justamente celebre, infante D. Henrique, que tanto impulso deu á navegação, nasceu no Porto a 4 de março de 1394. Antonio de Sousa de Macedo, magistrado, secretario d'estado, e embaixador á Hollanda foi escriptor de mui variada erudição. Todos estes filhos do Porto, contão-se na lista dos benemeritos, que com seus escriptos illustrarão a patria; porém nos nossos dias tres homens muito insignes, oriundos da mesma cidade, deram novo realce á nossa litteratura, especialmente um d'elles, póde dizer-se que creou um ramo novo de jurisprudencia em Portugal: fallâmos dos sabios distinctos

Antonio Ribeiro dos Santos, ha tempos fallecido, João Pedro Ribeiro, e José Ferreira Borges, cuja perda recente deplorâmos. — »

Braga.

Tem grande celebridade historica; e o seu arcebispo disputa ao de Toledo o direito de intitular-se primaz das Hespanhas. Contará hoje umas 16,077 almas; ergue-se n'uma planicie sobre o pequeno rio Déste, que lhe banha os suburbios. A cidade possue grandes recursos pela sua muita irrigação, pois conta setenta fontes. A antiga cathedral de Braga conserva, como a de Toledo, o rito mosabio. A cidade é realmente industriosa, fabricando-se nella manufacturas de toda a sorte, comprehendendo as de habeis ourives. A distancia de trez quartos de legoa de Braga ha um templo excellente do 18.° seculo, aonde se faz uma romaria annual, denominado do *Bom Jesus do Monte.*

« — Aprasivel e salutifera é a situação da antiquissima cidade de Braga (1) que os romanos conhecerão pelo nome de *Brachara Augusta.* Está em logar alto, cercada de fecundas veigas, d'arvoredos e prados, e de fazendas cultivadas: pelo sul corre o rio Déste, que vâe desaguar no Ave nas proximidades da villa do Conde, e pelo norte o Cávado, que descendo da serra do Gerez entra no mar junto a Esposende. — Além destas duas essenciaes circunstancias, de puros ares e suburbios deleitosos, a capital do Minho gosa a vantagem de ser nimiamente abundante de fructos e hortaliças excellentes, de caça, e em summa de todos os generos necessarios á vida, que por preços muito commodos se desfructão: é tal a copia d'agoas notaveis pela sua boa qualidade, que na cidade se contão, entre

(1) Extraido do Panorama, vol. 5.° pag. 121.
(*O Traductor.*)

fontes publicas e algumas pertencentes a particulares, nada menos de setenta. Todos os que tem visto Braga concordão que das grandes povoações do reino é esta uma das mais agradaveis pela sua situação. Ainda que a construcção da casaria, a disposição das ruas, a apparencia da maior parte dos edificios sejão bastante antigos e de aspecto mourisco, alguns sitios ha alegres e arejados; conta algumas praças e campos ou rocios, e destes o denominado de Santa Anna fica á parte do norte, e é cercado de casas estalagens, e de algumas igrejas. As saidas por aquelles contornos offerecem amenos passeios; nada porem chega, para recreio dos olhos, ao famoso sanctuario do *Bom Jesus do Monte*, de que em outra parte trataremos.

« — Os habitantes desta cidade sempre forão industruiosos; sendo os principaes objectos que fabricão chapéos, armas, ferragens, e tecidos de linho: manufacturas que se vendem por todas as feiras celebradas na raia de Galisa, desde Caminha até Chaves, e para varios pontos do reino.

« — Dos edificios o mais notavel é, sem contradicção, a sé, templo de trez naves, que passa por ser um dos maiores que neste reino se tem erigido: em a nave do meio está a capella-mór com um magnifico retabolo de pedra lavrada. Refere a tradicção que o fizerão biscainhos, que o arcebispo D. Diogo de Sousa mandara chamar, dos quaes muitos se deixárão ficar na cidade estabelecendo-se no sitio a que por isso hoje appelidão rua dos biscainhos: é rica esta igreja em veneraveis reliquias em que se numerão os despojos mortaes de alguns dos santos martyres, que occuparão esta igreja metropolitana, tão antiga que se intitula primaz das Hespanhas. Tambem a adornão mausoléos de pessoas celebres; e junto do altar-mór jazem o conde D. Henrique e sua mulher, D. Theresa, gloriosa ascendencia de nossos monarchas. A capella do Santissimo Sacramento, no cruseiro, é soberbamente ornada: na da Trindade ha um retabolo com a imagem do Padre Eterno

em vulto, sustentando nas mãos a Christo crucificado, e a pomba symbolo do Espirito Santo. Na capella de Santo Ovidio conserva-se o corpo deste martyr, arcebispo que foi de Braga; mais abaixo da capella das almas foi collocado o tumulo do infante D. Affonso, filho de D. João I, que foi jurado successor do reino, mas falleceu de dez annos: o monumento é de bronze dourado, e o mandou de Borgonha a infanta D. Isabel, tambem filha de D. João I, princesa de rara discrição, que se desposou com Filippe III, por antonomasia o Bom, duque de Borgonha, e conde de Flandres. Em a nave da parte do Evangelho ha a capella de São Pedro de Rates 1.º prelado de Braga; no cruseiro está outra dedicada a São Martinho Dumiense, com o deposito do corpo deste santo, que tambem governou esta cathedral.

« — Tambem guarda este templo as cinzas do arcebispo militante D. Lourenço, bem conhecido pela batalha de Aljubarrota.

« — No espaçoso claustro ha uma capella consagrada á Annunciação, onde primeiro estiverão os corpos do conde D. Henrique, e de sua esposa, antes de serem trasladados para a capella-mór.

« — Junto do claustro fica a igreja da misericordia velha, onde os conegos tinhão o seu jazigo: nella está sepultado D. Diogo de Sousa em mausoléu cercado de grades de ferro, com a effigie em vulto deste prelado, a quem muito devedora foi Braga, pelas ruas que lhe accrescentou, campos que abriu, igrejas que fundou, assim por acções de caridade, e d'outras obras, tanto para commodo dos moradores, como especialmente para allivio e beneficio de pobres. O frontespicio é de cantaria lavrada, e dá para um terreiro que póde servir de passeio.

« — O corpo de São Giraldo, padroeiro da cidade está na igreja do cemiterio; e dizem que na mesma, em um tumulo mettido na parede, coberto com asulejo, jazem os ossos do leal alcaide mór de Coimbra, Martim de Freitas,

que se não julgou desobrigado do preito que devia a D. Sancho II, senão quando se certificou da sua morte, indo a Toledo depositar sobre a sepultura do rei as chaves do castello, que pela voz delle tinha e defendia. Ao pé do altar do meio tambem descança em jazigo alto, tendo em cima a imagem em vulto, e vestida de pontifical, o arcebispo D. Gonçalo Pereira, da familia do tronco da augusta casa bragantina, o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

« — Pelo que respeita á cathedral é tão grande templo que assevera em seu diccionario o padre Cardoso que nos sete córos que tem se póde simultaneamente resar e psalmear o officio divino, sem que as sete turmas perturbem umas ás outras. Tem uma sachristia nobre e rica, e com grandes accommodações.

« Ha na cidade seis freguezias, e de todas se referem notaveis antiguidades. Dos outros edificios, dignos de menção, citam-se os amplos paços do arcebispo, o grande templo da ordem terceira na rua defronte da Carcova, e nos campos dos Remedios outro não menos excellente, o de Santa Cruz, fundado pelos annos de 1635 pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que escreveu as historias ecclesiasticas das trez dioceses que regeu, Braga, Porto, e Lisboa: o hospital de São João Marcos merece especial menção por guardar o corpo do martyr de sua invocação n'um tumulo de jaspe lavrado, que se vê n'um lado da capella mór, para onde foi removido em 1718.

« — A cadeira metropolitana de Braga honra-se com as virtudes, letras, e santidade de muitos illustres varões que a occupárão; porquanto na longa lista de seus prelados, além dos que no docurso deste artigo deixâmos apontados, se numerão entre os mais conhecidos os respeitaveis nomes de São Torcato e São Victor, D. João Peculior, papa João XXII, o cardeal D. Jorge da Costa, o cardeal rei D. Henrique, D. Duarte, filho bastardo de D. João III, D. Balthasar Limpo, D. Frei Bartholomeu dos Martyres, cuja vida

escripta pelo elegante Frei Luiz de Sousa, anda pelas mãos de todos os que presão a boa linguagem portugueza; D. Frei Aleixo de Menezes; todos dignos de respeitada memoria. — »

Penafiel tem nomeada pela sua feira annual — Guimarães, foi n'outro tempo a capital da nascente monarchia. Nella residiu D. Affonso Henriques, vendo-se alí edificios cuja antiguidade sóbe até essa epocha veneravel. E' hoje uma villa de 3,685 habitantes. Têem nome as fabricas de curtimento de Guimarães. e dellas saem annualmente 28,000 couros preparados. O seu commercio de pannos de linho acha-se em total decadencia desde o tractado de commercio feito em 1810 com a Grã-Bretanha. Oito legoas ao sul desta villa se encontrão agoas mineraes, conhecidas pelo nome de *Caldas de Vizella*, já celebres no tempo dos romanos. — Amarante, que se levanta junto ao Tamega, Caldas de Gerez, ou Xeres, conhecidas pelos seus banhos d'agoas quentes mineraes. — Vianna, cujo porto foi n'outro tempo mais frequentado, e que não possue menos de 6,800 habitantes, são villas que tem certa nomeada, assim como Ponte-de-Lima, cujo rio os poetas buccolicos do XVI seculo tem muitas vezes cantado.

Ponte da Barca deve despertar a memoria dos leitores por um feito bastante raro acontecido na Europa occidental. Uma mulher chamada Maria Lopes da Costa, viveu alí cento e dez annos, e contava cento e vinte descendentes, das duas vezes que tinha casado. Diz-se que todos os dias iam estár com ella oitenta de seus herdeiros. — Villa Nova de Cerveira — Monção — Arcos de Val-de-vez — e Santa Martha, nada têem que as torne recommendaveis.

Barcellos, conhecida por todo o genero de caçada, gozou n'outros tempos de alguma celebridade historicá. Conta hoje 3,900 habitantes. — Tambem ha a pequena villa d'Esposende — Villa de Conde, situada em frente d'Asurara — e Povoa de Varzim, edificada á beira do mar, com 6,200 moradores. — Melgaço tem a vulgar reputação que lhe dão

os seus optimos presuntos. — Castro Laboreiro, é tida como uma das terras mais frias de Portugal. — Valença dista setenta legoas de Lisboa, e jaz em frente de Tuy cidade hespanhola, e é considerada como uma das mais fortes praças do reino. — Segue-se depois Caminha, com as suas salinas, e concluimos assim a rapida nomenclatura das villas d'Entre-Douro e Minho.

Provincia de Traz-os-Montes.

Esta provincia confina ao norte com o antigo reino de Galisa, sendo o seu territorio bastantemente montanhoso. A mais extensa cordilheira da provincia denomina-se Marão. Do alto da serra de Monchique (1) mais elevada que a de Cintra se gosa de maravilhoso conspecto. Estas montanhas, que cercão a provincia do Minho, como os Alpes se prolongão a respeito da Italia, é que derão á provincia o nome que hoje tem, e segundo diz M. Bory de Saint-Vincent, o Douro fórma metade do seu ambito. A provincia de Traz-os-Montes abunda em vinhos, especialmente nas proximidades do rio. De vinho verde lavra annualmente 70,000 pipas. Tem tambem optimos azeites, e as montanhas estão cobertas de castanheiros, de que se sustenta uma parte dos habitantes.

Miranda tem o titulo de bispado; mas o que é uma cidade episcopal com 460 habitantes? O bispo resolveu se, ha muitos annos a fixar residencia em Bragança — Mogadouro — Vimioso — e Vinhaes, pouco excedem áquella povoação. — Moncorvo (1) é um pouco mais importante,

(1) Ou *Monsico*, diz o auctor do *Mappa de Portugal*: talvez se désse por antiphrase a esta montanha o nome que aqui se reproduz.

(2) Antillon Bory de Saint-Vincent e Minãno dão a esta villa o nome de Torre de Moncorvo de que ja hoje não se usa. Urcullu olha esta denomiuação como uma singularidade. O mesmo geographo dá 1,700 habitantes á cidade, ao passo que um dos

porém é uma villa de desagravel aspecto, e mal construida, posto que obtenha algumas vantagens commerciaes das suas colheitas de seda — Freixo d'Espada-á-Cinta distante uma legoa do Douro, é notavel pelos seus curiosos vestigios de architectura; uma legenda relativa a D. Diniz dá explicação do singular nome desta villa, que conta 1,220 almas. — Mirandella, que conta um cento de habitantes mais, tem segundo se diz, alguma similhança com Coimbra. — Monforte-do-Rio-Livre, é afamada pelo seu vinho, e excellentes productos agricolas. — Villa-Real levanta-se no rio Corgo, a quatro legoas de Lamego; é reputada a villa mais industriosa e commercial da provincia, e tem 4,080 moradores. — Peso da Regoa, que apenas conta 2,000, é conhecida pela feira annual que alí ha no mez de fevereiro, em que se fazem grandes transacções em vinhos. O seu commercio póde annualmente avaliar-se em 10 a 12 milhões de crusados. Os negociantes vão ao Porto tractar directamente dos seus negocios.

Bragança está admiravelmente situada nas margens do rio Fervenza, no meio de um campo fertil. E' uma cidade de 3,515 habitantes, com o titulo de ducado. O bispo de Miranda estabeleceu nella a sua residencia. Tem algumas fabricas de veludo e seda. Ha mais de uma legenda e tradicção historica allusiva a esta antiguidade. Os escriptores do decimo-sexto seculo sustentavam que Bragança havia sido edificada por elrei Brigus, e Fernão Lopes, o Froissart portuguez, assevera que foi dentro de seus muros que se contraíu uma união tão celebre quanto desgraçada: O bispo da Guarda casou alí D. Ignez com o principe D. Pedro. —

Chaves na sua margem direita do Tamega, ainda mostra com ufania a sua ponte de desoito arcos, cuja tradicção

auctores citados lhe assignava em 1826, 1300 habitantes. Balbi é quasi da opinião do ultimo escriptor, e fixa a povoação de Moncorvo em 1620 almas.

lhe faz remontar a construcção aos tempos dos romanos. Montalegre é uma das terras mais frias de Portugal, e conserva ainda um palacio antigo.

Reino do Algarve.

E' bem sabido que o Algarve foi das ultimas conquistas feitas pelos portuguezes aos mouros. O nome que designa este pequeno reino vem de uma palavra puramente arabe, que tão sómente significa *terra do poente*, e parte occidental da peninsula. O padre frei João de Sousa dando esta etymologia observa que os mouros a applicavão outr'ora á antiga Turdetania (1). — O Algarve forma hoje a sexta provincia de Portugal. O territorio comprehendido neste nome está situado ao sul da provincia do Alemtejo, de que a separa a serra de Monchique e o rio Vascão. As suas costas, desde Seixe até Lagos e Guadiana apresentão grande numero de ilhotas areentas. O interior do paiz é montuoso. São variados os productos do Algarve: dá azeite, amendoas, figos, cera, mel, folhas de palmeiras preparadas, e excellente alfarroba, que se exporta, em geral, para a Catalunha e Sardenha, tendo-se já vendido o sacco por mais de 1,000 rs. O kermes, tão necessario á tinturaria, é exportado para Gibraltar, e d'ali para Inglaterra e Paises-Baixos. O peixe salgado das costas do Algarve é muito estimado. A caça grossa da tambem grandes recursos.

Faro.

E' hoje a capital do Algarve. E' cidade epitcopal situada na foz de Val-Formoso; conta, segundo os ultimos

(1) Confessa este orientalista que nunca pode saber aonde é que Duarte Nunes de Leão e Bluteau acharam a etymologia que seguimos: Algarve é uma palavra, que significa terra chã, lisa, e fertil.

Murphett lith

Lith. R. Nelis. Mus. n° 14 Lx.a

Cidade de Faro.

recenceamentos 7.687 habitantes, pela maior parte marinheiros e pescadores. Tem grande commercio de exportação e é assento de governadores civil e militar. Existe nella um hospital militar, e um parque de artilharia. Urcullu gaba o aspecto encantador dos circumvisinhos campos.

« — Faro que tem hoje todas as preeminencias de capital do Algarve (1) reunindo as de que gosarão Silves, Lagos, e Tavira, subio á cathegoria de cidade por carta d'el-rei D. João III, passada a 7 de setembro de 1540; porem o seu primeiro foral lhe fôra dado em 1266 por D. Affonso III, que poucos annos havia a resgatara do poder dos mouros, sob cujo dominio já era povoação florecente, feudataria de Miramolim de Marrocos. Tem gosado a jerarchia de séde episcopal desde que a perdeu Silves em 1577. Em nossas historias são nomeados os habitantes de Faro pelo que concorrerão para as guerras e conquistas de Africa e da India. Trez forão as principaes assolações que esta cidade tem soffrido; — em 1596 durante o governo do primeiro intruso Filippe; a 25 de julho a entrarão os inglezes e lhe poserão fogo, talando os seus arredores; no incendio consumirão-se os cartorios e archivos antigos que possuiam importantes documentos; refere a tradicção que a livraria do illustre bispo D. Jeronimo Osorio fôra pela maior parte transportada pelos invasores para a bibliotheca da universidade de Oxford; já então lavrou o systema de nos despojarem de nossas preciosidades artisticas e litterarias: — o terramoto de 27 de dezembro de 1722 causou grande estrago nas casas, e grande e muita perda de vidas; mas este segundo percursor (2) que no passado seculo teve no Algarve a tremenda catastrophe de 1755, fez comparativamente pequeno damno, por que o seu immed a-

(1) Extraido do Panorama, vol. 6.° pag. 393.
(*O Traductor.*)

(2) O primeiro e menos arrasador, tinha sido o tremor de terra no dia 6 de março de 1719.

to, não só a Faro, mas ás demais terras do reino, fez sentir a violencia de suas horrorosas devastações.

« — O espaço de areal que demora entre *a barra grande*, e a barreta de Faro (duas legoas) é formado de vastos bancos d'arêa, ao principal dos quaes se chama a ilha, que tem um quarto de legoa na sua maior largura, nella se poderia fazer um excellente pinhal que daria bastante interesse: é um sitio aprasivel e logar de passeio em dias amenos; mas com o defeito da falta de sombra, em clima quente: na sua extremidade meridional está o cabo de Santa Maria. Pela parte da terra ha outras duas ilhas muito rasas, como a primeira, separadas da terra firme por um braço de mar que fica quasi em secco no baixa-mar, e se torna sapal pela maior parte. Na costa lanção as *artes* as suas redes; e no areal se apanhão excellentes ameijoas: o interior é coberto de morraçaes que servem para sustento de gados. Aquelle braço de mar forma o rio em cuja margem septentrional está assentada a villa d'Olhão, e a cidade de Faro em planicie arenosa á borda de um ribeiro que vem desaguar onde chega a maré, e que se poderia fazer navegavel para botes em proveito dos povos circumvisinhos. O porto, apesar de amovivel por causa das arêas, que tomão diversas direcções com as correntes e ventos, é um dos melhores do Algarve. A barra grande é formada pela ilha d'Armona, que vem da Fuseta, e pela extremidade mais oriental das ilhas de Santa Maria; no preamar dá entrada a embarcações de mais de 200 toneladas; fica fronteira a Olhão, donde dista uma milha, e cinco a leste de Faro; a barra nova, a meia legoa leste da mesma cidade, apenas dá entrada a pequenas embarcações: aqui ha um cabeço d'arêa, chamado *culatra*, aonde só no baixa-mar se lanção as redes de arrastar; e a fortalesa arruinada de São Lourenço, já toda cercada do mar, que tem comido a arêa da banda da terra. Por aqui até á *barreta* (que é a boca formada entre a costa e a ponta mais occidental das ilhas, a duas milhas oeste de Faro) é para a

ponta do cabo demorão muitos baixos d'arêa até a distancia de meia legoa ao mar, por cuja causa é perigoso demandar a barra e entrar, soprando os ventos do sul: — pela barreta só entrão embarcações de 30 a 50 toneladas. Neste braço de mar vem desembocar os ribeiros de Ludo e Farrobilhas, em ambos os quaes ha marinhas de sal.

A maior largura do rio entre a barra grande e a barreta, será de meia legoa no praiamar; na baixa-mar, porem, fica o seu leito redusido a 30 braças, correndo junto á ilha com profundidade bastante para nadarem os navios a que a barra dá entrada. Toda a outra extensão até á cidade é composta de varios ilhotes formados de lodos e nateiros que as agoas tem accumulado para estes cabeços, os quaes estão cobertos de morraçaes que se apanhão para os gados e no seu centro dão morada a excellentes mariscos, principalmente ameijoas: A cidade demora a N. 24.° O. do cabo de Santa Maria, avista-se de todos os lados, não obstantes as ilhas, que ficão descriptas, e reconhece-se principalmente por dois pequenos campanarios, e pela ermida de Santo Antonio do Alto, situada perto da cidade em uma elevação pouco consideravel, mas que assim mesmo, e pela alvura de suas paredes se avista do mar na distancia de 15 milhas, e pela rasão de ser eminencia descoberta e desaffrontada se desfructa d'ali um extenso e agradavel painel, numerando-se entre os sitios aprasiveis, que rodeão Faro.

« — Não é diminuto o commercio neste porto, em que entrão annualmente cincoenta, ou mais embarcações estrangeiras a carregar os generos d'agricultura e industria do Algarve. Grande parte da população consiste em pescadores, sendo 587 os matriculados em 52 calões e lanchas (1).

« — O clima é quente, mas saudavel: nota-se em Faro a carencia de boas agoas para bebida, e isto não por

(1) Consulte-se a Corographia pelo sr. Baptista Lopes, que na parte hydrographica seguiu o excellente Roteiro do sr. Franzini.

falta de nascentes nas visinhanças, porem por não as terem encanado e aproveitado. O terreno é productivo, e além dos fructos communs ao Algarve, cria batata doce e redonda, laranja de boa qualidade, e excellentes hortaliças: — os vinhos serião muito bons se os soubessem preparar.

« — Faro tem um antigo castello, aonde ha bom aquartelamento para a tropa. A sé espaçoso edificio de trez naves, só merece recordação por sua muita antiguidade, por quanto dizem ter sido mesquita de mouros. Está situada n'um largo, tendo a pequena distancia as casas da camara, e ao lado o paço episcopal, obra de mui singela construcção, que se communica com o seminario, formando outro lado fronteiro á sé. A outra freguezia tem por orago o apostolo São Pedro: além destas ha outras igrejas modernas, aonde com toda a decencia é celebrado o culto divino. A igreja e casa da Misericordia foi fundada entre os annos de 1581 e 1585; e por vezes reparada: o bispo D. Francisco Gomes fez de novo o hospital, que hoje tem boas accommodações.

« — Consta a cidade de ruas espaçosas e limpas, ornadas de edificios commodos e aceados, o que lhe dá formosa apparencia. A praça de vasto ambito, seria muito bella se não tivesse um espaço desguarnecido de casaria n'um dos lados, onde fôra a antiga alfandega: é de forma rectangular, com um esbelto arco de cantaria no lado do nascente, ornado da estatua em vulto de Santo Thomaz de Aquino, obra mandada fazer pelo bispo D. Francisco Gomes de Avelar: o lado do sul deita para o rio com barbacãa e caes, o qual fica fronteiro ao hospital da Misericordia. Nesta praça ha diariamente mercado bem provido de comestiveis, que se comprão por modicos preços. — »

Silves conserva o nome de cidade: unico dote que ainda possue dos felizes tempos em que se ufanava de vêr a sua sé episcopal presidida por um Osorio, o Cicero christão, como o denominavão no seculo 16.° Não tem hoje mais que 2,100 moradores, sendo-lhe tirado em 1580 o

seu bispado para augmentar as rendas do patriarchado. — A povoação de Tavira excede em mais de 1,000 almas a de Lagos.

Tavira.

E' a cidade das tradicções cavalleirosas, e sem a menor duvida, uma das mais notaveis cidades de Portugal. Está situada na foz do rio Asseca, e tem um porto que dá abrigo a algumas embarcações de pouco porte. Diz-se que n'outro tempo recolhia navios de alto bordo, e que fazia grande commercio. No porto de Tavira é que se ião abrigar as galeras portuguezas mandadas a corço contra os barbarescos. Gaba-se o aspecto summammente pinturesco da cidade de Tavira; falla-se na sua bella ponte de sete arcos; e pretende a tradicção que um antigo busto de pedra que ali existe represente o valente Paio Peres Correia, que tomou a cidade aos mouros. O terramoto de 1755 foi funesto aos edificios velhos desta cidade; e comtudo a antiga igreja de Santa Maria que foi mister reedificar, apresenta claras provas da sua remota origem. E' nesta igreja que appareceu uma pedra, com sete cruses rôxas, que recorda a tradicção dos *sete caçadores*, e a devoção do conquistador. O *governador das armas* habita uma formosa residencia. A povoação da cidade subia n'outro tempo a 8,640 almas.

« — A cidade de Tavira é das mais agradaveis (1) povoações do Algarve pela bellesa da sua situação: uma formosa ponte de cantaria e de sete arcos dá communicação entre as duas partes em que a divide o pequeno rio Aceca: na margem direita deste fica uma vistosa praça rectangular enobrecida pelos paços do concelho, cujo frontespicio assenta sobre a bella arcada de cantaria, na qual, e na praça se faz diariamente abundante mercado: n'um an-

(1) Panorama, volume 7.° pag. 209.
(*O traductor.*)

gulo d'aquella existe embutida a figura da cabeça de um homem feita de pedra, e que a tradicção diz representar o esforçado D. Paio Peres Correia, que tomou aos mouros esta cidade, reinando D. Sancho II.

« — Tavira offerece linda prespectiva a quem a contempla entrando pelo rio: para qualquer dos lados se descobrem fazendas de vinhas e arvoredos, alvejando por entre ellas os casaes branqueados, e notando-se os varios cursos dos regatos, que lhes prestão frescura e fertilidade; veem-se nas margens as marinhas, choças de pescadores e moinhos, e áquem e além da ponte os edificios da cidade bem caiados, fazendo contraste com os seus quintaes espaçosos cheios de verdura: fecha o horisonte a serra coberta de arvores de folhagem perenne, como alfarrobeiras, oliveiras, e medronheiros, a par das figueiras, amendoeiras, e cepas, que matisão a paisagem nas estações proprias, juntamente com as searas e os prados viçosos.

« — São duas as freguezias, comprehendendo acima de 5,000 habitantes: a de Santa Maria que fôra mesquita de mouros, benta e dedicada ao nome da Virgem, logo immediatamente á conquista, encerra o precioso deposito dos ossos do conquistador D. Paio que jazem ao lado do evangelho do altar mór, sendo para ahi transportados por sua ultima disposição, do convento de Velez, cabeça do mestrado da ordem de São Thiago, onde fallecera. Da parte da epistola do mesmo altar vê-se uma lapida na parede com sete cruzes avermelhadas: indica o local da sepultura honorifica que o mesmo D. Paio mandou dar aos cavalleiros, que, durante a tregoa perecerão traiçoeiramente ás mãos dos mouros, não sem venderem caras as vidas, quando confiados no armsticio sairão de Cacella para o divertimento da caça. Foi esta perfidia a causal para o accommetimento de Tavira, que veiu a cair para sempre em mãos dos cavalleiros da fé christã. O templo de Santa Maria, não obstantes os estragos do terramoto de 1755, ainda na capella mór que permaneceu illesa, testemunha a primitiva cons-

trucção gothica: reconstruido pelo bispo D. Francisco Gomes, ao estylo moderno, é actualmente uma igreja espaçosa de trez naves, e que recebe bastante luz. — Na parochia de São Thiago ha para notar a capella do Sacramento, em razão das pinturas, e ornato. — Na capella dos terceiros do Carmo, edificio particular da ordem, ha boas pinturas do painel de Rasquinho. Nas outras igrejas não ha que mencionar-se, á excepção de que no muito antigo convento de franciscanos, os respectivos irmãos terceiros tem sua capella aformoseada com marmores pretos, extraidos do serro do Cavaco, visinhanças de Tavira. O mosteiro de religiosas de São Bernardo é situado extra-muros, e n'um vasto rocio, que facilita aos habitantes da cidade ameno passeio, donde se desfructa a vista de mar, e de variada paisagem circumvisinha. O hospital a que chamão de São José tem de rendimento trez contos de réis: os seus edificios não offerecem incentivos á curiosidade. — Esta cidade goza a mui apreciavel vantagem de possuir abundancia d'agoas.

« — Os generos produsidos pela agricultura do concelho de Tavira são em geral de boa qualidade, dá este territorio bastante vinho, que é o melhor do Algarve, e abunda de aseite, cujo fabrico muito importa melhorar, pois que está sendo objecto attendivel d'exportação. Nos annos de boa colheita d'azeitona sáem dos 27 logares do concelho, para cima de setenta mil almudes, que não só se consomem nos outros districtos do Algarve, e no baixo Alemtejo, como tambem se exportão para Gibraltar, porto que tambem d'aqui recebe muita e boa alfarroba, a qual é igualmente procurada por embarcações da Catalunha, e da Sardenha, tendo chegado a vender-se a 1$000 rs. o sacco. Os outros generos são amendoas, figo, resina, cera, mel, e feixes de cana, que se exportão para Inglaterra e Paizes-Baixos; além destes merece especial menção a grãa de carrasco, ou kermes, tão preciosa na tinturaria, que obtem aqui um preço, vendendo-se para Gibraltar, onde a

vem tomar embarcações de Genova, Liorne, Marselha, e outros portos. Este producto do nosso paiz, que não aproveitâmos, é como se acaba de ver, tão procurado pelos estrangeiros: só no anno de 1836 se despacharão, para exportação na alfandega de Tavira 1430 arrobas desta droga, havendo quem presuma que talvez outro tanto saisse tirado por alto.

« — Nos contornos da cidade ha bellas quintas, povoadas de arvoredo fructifero, e os pômos são de excellente qualidade. Posto que o terreno crie boas cearas, comtudo não são tantas quantas erão precisas para abastecer de cereaes os habitantes do concelho, que vão buscar o supprimento de trigos ao baixo Alemtejo, em retorno do azeite da propria lavra, que para essa provincia transportão.

« — As pescarias, assim de peixe meudo como de atum e outro peixe grosso forão aqui de grande monta; mas progressivamente tem chegado a muita decadencia. O porto admittia outr'ora navios de alto bordo, e floreceu em commercio, como póde ajuisar-se das providencias tomadas em cortes, e das isenções e regalias concedidas pelos nossos monarchas, que vem citadas na Corographia do Algarve, pag. 367 e seguintes. — Na allegação que pelos annos de 1662 e 1663 fez por parte dos habitantes a comarca de Tavira para obter feira franca no 1.º de outubro (pertenção que os de Faro impugnavão) entre os serviços provados com documentos que se apontavão vinhão como principaes os seguintes:

« — Que á custa dos moradores desta cidade, então opulenta, foi a maior parte do soccorro mandado á praça de Mazagão: e com effeito por occasião do cerco desta em 1576, e da de Arzilla em 1516 tinhão elles feito assignalados serviços. — Que ali invernavão as galés de Portugal, e d'ali saião com gente e munições a tomar ou afugentar os mouros e outros piratas que infestavão a costa. — Que soccorrerão Faro quando os inglezes lhe pozerão fogo,

e obrigarão estes a embarcar; conseguindo que a cidade não fosse inteiramente incendiada. — Que Tavira, em mais antigos tempos fôra tão rica e populosa que possuia mais de 70 embarcações, sem fallar nos barcos e artes de pescaria: gosava então de feira franca, isenta de muitos direitos d'alfandega, em todos os trez mezes de setembro, outubro, e novembro. — Varios e importantes privilegios, que por brevidade omittimos lhes forão em differentes datas concedidos. — As armas da cidade constão de uma ponte com dois castellos, e um navio á véla por baixo. — »

Loulé, posto que só tenha a denominação de villa, conta com pequena differença o mesmo numero de habitantes que Tavira. — Castro-Marim situada quasi em frente d'Ayamonte, na Hespanha, foi n'outro tempo a séde da ordem de Christo. — Villa Real de Santo Antonio, edificada em plainos mais regulares, na foz do Guadiana, tem apenas 1720 moradores Fundada em 1774 por ordem do marquez de Pombal prova, que não basta, uma vontade poderosa para edificar qualquer cidade. — Lagos foi n'outro tempo o local predilecto de grande principe. Ao seu mercado concorria a gente que vinha prover-se das mercadorias trazidas d'Africa, e, infelizmente tambem d'escravos. E' hoje uma cidade de 8,340 habitantes, famosa pela grande fertilidade de seu terreno. — Villa Nova de Portimão, tira o seu nome do rio que a banha. Sagres ufana-se de ter sido edificada em 1416 por D. Henrique. Tinha na sua origem o nome de *Terça-Naval*, e depois chamou-se *villa do Infante*. Estas duas denominações não desapparecerão de todo. Parece que um passado glorioso salvou esta terra de completa anniquilação: — não conta mais que 290 habitantes. Cumpre, com tudo, dizer que ha uma pedra monumental que desde 1836 memora as grandes recordações que nos deixou Sagres. — Albufeira pequeno porto de mar, tem 2670 habitantes. — Monchique formosa villa, edificada no declivio de uma montanha; e finalmente Alvor, porto conhecido pelas salinas que nelle existem,

acabão a nomenclatura das terras mais notaveis do reino do Algarve. O conde de Hoffmanseg, sabio distincto, descreveu, d'acordo com M. Link, as suas producções naturaes. Os sitios mais aprasiveis deste pequeno reino achão-se descriptos na excellente obra de Landmann (1) que mui pouco é consultada, segundo provas que disso temos, quando se trata d'aquelle paiz.

Uma vista d'olhos para a estadistica dos monumentos.

Acredita-se geralmente em França, e é erro que importa rectificar, que Portugal, tão rico de poetas e musicos não tem produsido um só pintor com jus a ser collocado entre os de maior nome. Nosso primeiro intento, ajudados dos trabalhos imperfeitos de Taborda (2) Cyrillo, Wolkmar Machado (3) e dos do proprio Guarienti (4) foi traçar um succinto quadro das diversas alterações que a arte tem experimentado neste canto da peninsula. Sem fallar de Grão-Vasco, no qual segundo a opinião dos portuguezes se resume o genio artistico do seculo de D. Manoel, ver-se-ha que a nação que conta um Hollanda um Affonso Sanches Coelho, os Campelos, os dois Vieiras, e tantos outros artístas, não póde ser esbulhada sem grave injustiça, de seus mais nobres privilegios. Confessâmos que nos desviou deste desenho, a certesa de que a nossa lacuna seria sem demora preenchida. M. de Raczyinsky, auctor de um livro bem conhecido sobre *a arte na Allemanha*,

(1) A's pessoas que se não contentarem com estas noticias remetteremos para a obra portugueza, que se intitula: *Corographia do reino do Algarve.*

(2) Regras da Arte de Pintura.

(3) *Collecção de Memorias relativas ás vidas dos pintores portuguezes.* Lisboa. 1823.

(4) Abcedario Pittorico d'Orlandi, augmentado por Guarienti, 1 vol. em 4.° edic. de 1747.

Sa.: Lith. Off. R.N. dos Mes. Nº 12.

Porto de Moz

personagem que pela sua longa residencia em Portugal, está nas circunstancias de tratar magistralmente de tão difficil materia, váe publicar uma obra especial sobre o assumpto de que tratâmos, na qual se resolverão curiosos problemas. A discussão será auxiliada de desenhos de muito merito em que sobresairão a delicadesa e habilidade; e não duvidâmos, á vista de documentos tão accuradamente procurados, que a historia artistica desta parte da peninsula receberá luz inteiramente nova. Está fóra de toda a duvida que ha em Lisboa um conhecido movimento em favor das artes; e que apesar da insufficiencia das obras modernas tudo se deve esperar de um impulso favoravel. Abrem-se concursos, fazem-se exposições artisticas; e não se deixão em despreso alguns monumentos nacionaes. O profundo e delicado sentimento da alta personagem, que se não limita a theorias, mas cujas obras se admirão, influiu na nação, contribuindo para o louvavel movimento que se hoje manifesta (1). Presidiu este sentimento a varias construcções architectonicas de que se falla agora; e foi elle quem poz sob a salva-guarda das leis a conservação dos monumentos. Os edificios que recommendão o grande caracter architectonico são em maior numero em Portugal do que geralmente se pensa. São variados pelo caracter que possuem, pela sua extrema antiguidade, e pelas diversas invasões e catastrophes por que o paiz passou.

Digâmos a este respeito duas palavras para complemento da noticia.

(1) O decreto de 25 de outubro de 1856 abriu nova era para a cultura das bellas-artes em Portugal. Fundou em Lisboa uma academia especial para as artes de desenho. Ainda não se póde alcançar melhor local para as exposições do que o convento de S. Francisco. Sollicita-se comtudo do governo edificio mais commodo e digno, até porque a humidade de certas galerias póde damnificar as pinturas.

Estatuas que se julgão anteriores ao dominio carthaginez.

Observaremos de passagem, que no anno de 1829, viu Southey, expostas á entrada do jardim botanico duas estatuas, que devem necessariamente remontar á mais alta antiguidade, se como o pensa o auctor da *Gazeta do Invalido*, pertencem a epocha anterior á conquista dos carthaginezes. Forão achadas junto a Montealegre em 1785. Uma é maior que outra mas conservão a mesma attitude, e representão um homem de braços caidos, tendo o outro um escudo redondo. — « Estas estatuas muito informes para se poderem attribuir a idade muito adiantada em civilisação, são comtudo muito superiores para se reputarem obra da idade da barbaria. — » Muito bem disse Southey, que estas estatuas abrem vasto campo a conjecturas; e seria infinitamente curioso compara-las á famosa estatua equestre de que fallámos, quando se tratou do descobrimento dos Açores.

Monumentos druidicos.

Varios destes monumentos cuja origem não é duvidosa, forão ja descriptos por modernos viajantes. Hautefort, que deu apenas uma volta d'olhos sobre Portugal, mas que cita com exactidão, examinou varios *Cromleh* entre Pégão e Vendas-Novas. Estavam postos circularmente em numero de doze, levantando-se uma decima terceira pedra no meio do circulo. Kinsey dá tambem conta de um regular montão de rochas que igualmente designa pelo nome de Cromleh, e se encontra proximo a Arrayolos. Destes primitivos monumentos ha maior copia do que geralmente se julga nesta parte da peninsula, e são denominados *Antas*. Um sabio portuguez publicou a tal respeito uma memoria, que a academia de historia mandou dar á estampa; e para ella remettemos os que a tal respeito quizerem mais ampla informação, que

facilmente encontrarão neste trabalho ignorado (1) de nossos eruditos.

Ha outro genero de monumentos de todo o ponto desconhecidos em França, que não poremos na mesma cathegoria. Encontra-se principalmente ao norte de Portugal. Os *castros* ou *crastos*, derramados em grande numero de terras de Traz-os-Montes, são provavelmente como os Autas, d'origem celtica. Consistem em recintos circulares de pedras ordinariamente erguidos no meio de uma planicie, sem motivo algum olhados como restos de castellos levantados pelos christão para se defenderem da invasão dos Mouros. D. José Verea e Aguilar, na historia de Gallisa, dada á estampa no Ferrol em 1838, não deixa a menor duvida a similhante respeito. Os *mamoas* ou *modorras* podem ser postos na mesma classe: são elevações circulares de terra, *tumuli* que indicão os sepulchros, dos caudilhos pertencentes ás raças celtas.

Monumentos d'origem romana.

Basta percorrer as obras de André de Resende, antiquario por excellencia de Portugal, e as de Gaspar Estaço para nos convencer-mos de que grande numere de monumentos romanos, e principalmente de inscripções curiosas do tempo do dominio romano, tem occupado activamente os animos desde a epocha do renascimento. Faria e Sousa, Severim de Faria, e muitos outros exhibem preciosos documentos a similhante respeito. Conta-nos um como foi descoberto no decimo-sexto seculo o tumulo do celebre Viriato; o outro residindo em Evora por causa do seu emprego ecclesiastico, reuniu grande numero de antiguidades romanas dispersas depois da sua morte. Evora a antiga *Liberalitas Julia*, é por excellencia a terra dos antigos edi-

(1) Veja-se a Memoria de Martim de Mendonça Pina intitulada: — Discurso sobre os altares rudes, que se achão em Portugal, chamados Antas 1743.

ficios. Muito se enganou Murphy julgando ver no celebre acqueducto, cujo exacto desenho offerecemos, uma construcção verdadeiramente romana (1).

Toda a gente hoje sabe que este bello monumento, conhecido no paiz pela denominação do *acqueducto de prata*, foi completamente reedificado no reinado de D. João III. Nesta epocha das construcções do tempo de Sertorio apenas se encontravão alguns vestigios.

Quando Cesar concedeu direitos de municipio a Evora, edificarão-se varios templos, e neste numero entra o de que nós aqui apresentamos a estampa, e que se suppõe ter sido dedicado a Diana. E' boa amostra de architectura antiga, sendo da ordem corinthia as elegantes columnas que a sustentão. Forma o seu plano um parallelogrammo oblongo de trinta e dois pés de largo. Este formoso edificio está cercado de grande numero de pardieiros. Quasi em distancia de doze toezas deste templo está situada a torre quadrilatera conhecida pelo nome de torre de Sertorio. Para completar a série das construcções monumentaes que se podem attribuir aos antigos dominadores do mundo, cumpre trazer á memoria os restos dos amphitheatros achados em Lisboa, e os banhos de Cintra, nesta terra denominados *cisterna dos mouros.* O sabio auctor da *Cintra Pinturesca* dá a descripção delles, mas não declara a sua origem. Murphy expressa-se mui vagamente a tal respeito, sem comtudo insistir no caracter oriental que lhe podemos assignalar. A salla inteira, que se julga ter servido para banhos no tempo dos mouros, não tem mais de cincoenta pés de comprimento e desesete de largura. Os muros são de pedra de cantaria, e ornados de cada um dos lados de trez pi-

(1) Veja-se na *Viagem a Portugal* no anno de 1789 de 1790 tradusida por Lallemand tomo 2.° pag. 278. O auctor dá as seguintes dimensões ao edificio: tem os pilares nove pés de largura e quatro e meio de grossura: o entremeio dos arcos tem treze pés e seis polegadas, no que iguala a largura e a grossura juntas de cada arco.

Macphail lith.

Lith. R. N. dos M.ces n.º 14 Lx.ª

Aqueduto d' Evora.

Sá. Lith. da Imprensa Nacional.

Templo de Diana em Evora.

Sá. Lith. da Imprensa Nacional

Sala dos Banhos Romanos em Cintra

lastras. A agoa destinada para os banhos, tem quatro pés d'altura, e o que mais admira é que nem de inverno nem de verão ella augmenta nem diminue, posto que se lhe conheça o manancial. Esta circunstancia por pouco maravilhosa que pareça, não se sabe que fosse aproveitada pelos ultimos escriptores que fallarão deste monumento, se o auctor da *Cintra Pinturesca*, aponta duas enfractuosidades por onde as agoas penetrão. Murphy insiste, quanto á legenda, que colloca sob estas ruinas um rei mouro cercado de riquezas, e que repousa em tumulo de bronze. O que se sabe de positivo é que, fallando das ruinas da região occidental das montanhas, todos perguntão com signaes não equivocos de duvida se ellas fôrão levantadas pelos romanos. Não é preciso estar muito iniciado nos mysterios da archeologia, para reconhecer nos banhos, cujo desenho apresentâmos o caracter proprio da architectura romana. A cidade de Viseu contém algumas ruinas romanas de maior interesse, entre as quaes se nota a caverna de Viriato de que só existe pequeno vestigio.

Cathedral de Braga. — Viseu.

Todas as pessoas por pouco conhecedoras, que sejão de antiguidades da peninsula, sabem que esta cathedral disputa á de Toledo o titulo de *igreja primaz das Hespanhas*. Quer a tradicção que *Bracchara Augusta* fosse a primeira cidade desta colonia romana aonde o apostolo São Jacques Zebedeo prégou o evangelho. Possuia Braga o collegio d'onde saiam os padres que se derramavam pela peninsula. A mesma tradicção não conservou o nome dos nove discipulos de São Jacques, que immediatamente se convertêrão ao christianismo, e auxiliárão o apostolo nos seus trabalhos (1). Conhe-

(1) Citaremos os nomes pela ordem seguida pelo sabio Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo: Torquatus, Thesiphonus, Secundus, Indalecius, Cecilius Euphrasius, Hesichius, Theo-

ce-se o que ha digno de veneração na antiga cathedral de Braga. Esta igreja é uma das mais importantes de Portugal, mas confessâmos que documento algum positivo, que chegasse ao nosso conhecimento, nos indica positivamente qual seja o grau de antiguidade dos edificios que hoje existem.

A cathedral de Braga é um vasto edificio de tres naves: na do meio vê-se um magnifico retabulo de pedra, que dizem ter sido feito por artistas mandados vir por D. Diogo de Sousa, e que estabelecendo-se em Braga, poserão o seu nome a uma das ruas da cidade.

Viseu tem desde o sexto seculo um bispo sufraganeo de Braga, mas parece que fixára a sua sé em São Miguel de Fetal extramuros, onde uma tradicção fabulosa depouco depois collocar o tumulo do ultimo rei dos godos. A cathedral de Viseu, que se olha hoje com respeito, foi fundada, segundo dizem pelo conde D. Henrique, e por sua esposa D. Theresa: as curiosas pinturas desta igreja attribuidas a Dom Vasco, são hoje assumpto de grandes debates.

Cathedral de Coimbra. — São Christovão.

Facilmente conhecerá as tradicções religiosas que dizem respeits aos antigos monumentos, de que aqui damos um exacto *simile* a pessoa que consultar o *Agiologio lusitano.* Remetteremos tambem o leitor curioso deste genero de discussões á excellente obra de Cardoso. Quanto á importancia do edificio em relação á arte, não pode de modo algum ser duvidosa, por isso que é a unica construcção religiosa de algum valor que remonta em Portugal ao tempo dos godos. As suas muralhas, como observa um antigo escriptor nacional, vistas exteriormente, semelhão ás de um antigo palacio, que é, provavelmente o que resta dos pri-

dorus, Athanasius. Vid. *Diatriba de adventu sancti Jacobi in Hispaniam.*

Sá Lith.

Off. R. N. dos Martires, Nº 12

Sé de Viseu

Macphail lith.

Lithographie de Thierry Frères N°24 rue

Cathedral de Coimbra.

meiros tempos. Até parece certo que um escriptor moderno se haja de todo o ponto enganado, attribuindo aos godos os trabalhos architectonicos da porta lateral do templo. Basta vê-los para immediatamente conhecer que pertencem ao decimo terceiro, ou decimo quarto seculo.

O interior desta veneravel igreja, foi alterada em epocha recente. M. W. H. Harrison diz que o seu revestimento de asulejos, que julga fabricados em Flandres, faz agradavel effeito (1). — Preferiremos pela nossa parte as antigas paredes taes quaes as pôde contemplar na sua magestade o emir Eufuni, quando entrou em Coimbra em 1136, á frente dos 300,000 musulmanos, que as chronicas com alguma liberalidade lhe dão.

Igreja de Cedofeita.

Depois da igreja metropoli ana de Braga, é o pequeno templo de Cedofeita; sem a menor duvida, o mais antigo monumento religioso de Portugal Não devemos, com tudo acreditar, o que afirma o padre Rebello, sobre não ter este velho edificio conhecido alteração alguma notavel no espaço de mil e dusentos annos. A igreja de Cedofeita é hoje uma das freguezias do Porto; e se não se distingue por caracter algum de grandesa ou originalidade, é comtudo certo que ha poucos monumentos em Portugal, que como elle offereção tantas gloriosas recordações. A sua origem, na opinião de uns, remonta a elrei godo Reciario, que reinava em Galisa, e abraçara o catholicismo tendo sido educado nos erros de Ario. Segundo documentos exhibidos pelo padre Rebello, foi edificada a igreja de Cedofeita pelo rei suevo Theodomiro em 556, substituindo uma igreja ainda mais antiga. Na primeira hypothese vir-lhe-ía o nome da rapidez com que foi construida. Reciario, amó-

(1) The tourist in Portugal illustrar from paintings by Jafted Holland. London 1839 — 1 vol. in-12.

finado pela doença de sua filha mais estimada mandou, segundo se affirma, buscar a França a preciosa reliquia de São Martinho de Tours, ordenando o começo do edificio quando partirão os mensageiros. Quando chegarão as desejadas reliquias estava já o templo acabado: denominarão-no por isso *Citofacta ou Cedofeita* (feita com rapidez). — E' edificio de pouco valor, e cuja architectura não fez grande despeza ao fundador: é ainda mais recommendavel pelas recordações que inspira.

A cathedral do Porto apesar de ser de origem mais moderna remonta comtudo, segundo dizem, ao sexto seculo. A sua actual construcção é obra do conde D. Henrique, e de sua mulher D. Thareja, que a reedificarão completamente. Sabe-se que o conde se apossou do Porto em 1092, e que residiu nesta cidade mourisca por differentes vezes. A rainha mandou construir um palacio nas visinhanças, e esta residencia soberana communicava com a cathedral. A escada denominada *escada da rainha*, confirma esta tradicção.

« — Nem só o grande risco da architectura e a riquesa dos materiaes fazem celebres os edificios (1); as recordações historicas dão a uns a cathegoria de monumentos, e a outros basta a veneranda antiguidade de sua fundação para serem estimados. Neste caso está a igreja de Cedofeita, hoje uma das freguezias da nobre cidade do Porto. Sobre qual fosse o seu fundador correm opiniões encontradas: as duas mais geraes apresenta D. Rodrigo da Cunha no Cat. e Hist. dos bispos do Port, 2.ª parte pag. 406 e 407; a primeira citando frei Luiz dos Anjos, o qual diz ter sido levantado o templo pelo rei suevo, Reciario, o primeiro catholico destes reis em Galisa, e que fôra educado na seita d'Ario; dando-se por motivo da sua conversão a saude de um filho, que muito amava, recobrada depois de peri-

(1) Panorama, volume 6.º pag. 169.
(*O traductor.*)

gosa enfermidade por virtude de devoção que, por conselhos, tomara com São Martinho, bispo de Tours; e conta-se que ao mandar vir de França uma reliquia do santo fizera logo começar a igreja, a qual tão prestes se aprompton que ao chegar a reliquia já estava concluida, donde lhe veiu (dizem) o nome de *citófacta*, *ou Cedofeita*. São Gregorio Turonense, referindo a vida de São Martinho diz que esta obra se fizera de um modo portentoso. — A segunda é de Fr. Bernardo de Brito que (Monarchia Lusitana, parte 2.ª livro 6.°, cap. 12) sem discrepar das circnnstancias do milagre, tem para si que o rei de que falla São Gregorio era Theodomiro (1) e a igreja edificada a de Dume, junto a Braga. — São Martinho, bispo de Saragoça, expressamente narra, que a de Dume fôra erecta por ordem de Reciario para se recolher São Martinho a que chamâmos Dumiense, depois de ter prégado a fé em Portugal, e já depois de estarem as reliquias de São Martinho Turonense em igreja que não podia ser a de Dume, posteriormente construida. — O padre Agostinho Rebello na sua Descripção do Porto traz inteira uma inscripção lapidar collocada por cima da porta principal da igreja em 1767: no fim da mesma inscripção se diz ter sido trasladada de outra mais antiga, e que constava dos archivos da collegiada, e no corpo della se relata com especificação que o rei suevo Theodomiro a fundara em 559, dedicando-a á honra de Deos, e da virgem, e a São Martinho de Tours, recebendo o baptismo com seu filho Ariamiro, por que ambos erão herages arianos: lê-se mais que foi sagrada por Lucrecio, prelado de Braga. sob o pontificado de João III. — Teve communidade de conegos que abraçarão a regra

(1) Na chronologia dos reis suevos offerecem-se muitas duvidas: pela epocha da fundação de Cedofeita parece que Reciario era o 20 do nome: Theodomiro fôi o filho deste, Miro ou Ariamiro neto do primeiro, e alguns dizem que não houve tal rei e que era o mesmo Theodomiro. Tão confundida anda a historia d'aquelles tempos.

de Santo Agostinho, e que em tempos remotos possuirão grandes rendas e privilegios, como o senhorio dos direitos de todo o pescado que se colhia desde Aveiro até Galisa: com o decurso do tempo alcançarão elles bullas apostolicas para viverem separados, a exemplo dos conegos dos cathedraes. — Durante o dominio dos arabes se celebrarão nella sem interrupção os officios divinos. — « Mas, diz D. Rodrigo da Cunha sem averiguarmos estas antiguidades, que estão tão longe de nós a igreja de Cedofeita é collegiada e uma das insignes do reino. — » Salvas as recordações, não o dirá hoje quem olhar para o edificio, que nem tem architectura notavel, nem cousa que o recommende. Apontaremos de passagem que o mesmo Cunha, a pag. 64 do citado cathalogo, primeira edição diz que em abril de 1265, reinado de D. Affonso II deu Nuno Soares, abbade de Cedofeita, e conego na sé do Porto, ao bispo desta D. Martinho, e a seus successores todo o direito que tinha na igreja de Campanhã e seu padroado. » — Este direito viera ao dito Nuno de seus maiores, como consta do *Censual da Sé* do Porto, e vemos do extracto de João Pedro Ribeiro, Dissert. 19.ª a pag. 25 do vol. 5.° onde se acha aquella doação feita, sendo rei D. Sancho II: além desta prova bastava a data para se conhecer que não fôra no reinado antecedente.

O padre Rebello querendo exaltar grandemente Cedofeita a pag. 94 diz que mais de doze seculos de duração (até o tempo delle) *nunca fôra reedificada!* — Cremos que tão pequeno e fraco edificio, hade ter sido reparado: nem é como pretendem o templo christão mais antigo do reino; porque por exemplo, lá tem a sua incontestavel prioridade a sé bracharense — Distingue-se tambem a collegiada de *Cedofeita* por muitos varões illustres que nella tiverão cadeira, entre elles o prior D. Nicolau Monteiro, natural do Porto, e bispo desta cidade, que fôra conselheiro d'estado, mestre dos filhos de D. João IV, e embaixador deste monarcha ao pontifice Urbano VIII, advogando em Roma efficazmente a

justiça de Portugal contra as pertenções de Castella, assim com a voz como pela penna, publicando o livro *Voz turturis*. A este prelado de grandes virtudes deveu muito o diocese portuense. O padre Carvalho, na Chorographia, tomo 1.°, pag. 354 põe na serie dos bispos D. Nicolau, logo immediato a D. Rodrigo da Cunha, 2.° do nome (o A dos Cathalogos) omittindo D. Frei João de Valladares, transferido de Miranda, que succedeu a D. Rodrigo em 1627; D. Gaspar do Rego, seu successor em 1637; aos trinta e dous annos de sé vacante em que o cabido nomeou governadores interinos, porque nem D. Francisco Pereira Pinto nomeodo por Filippe de Castella, nem Sebastião Cesar de Meneses, escolhido por D. João IV, durando então as contestações com a curia romana. D. Nicolau Monteiro só tomou posse em abril de 1671. — Rectificamos estes erros (e alguem apontará os nossos, que não serão poucos) pelos acharmos em escriptores que frequentes vezes são consultados, e porque ao dizer de João Pedro Ribeiro — « indicar os erros dos auctores não é menos interessante que marcar os baixos e cachopos em uma carta hydrographica. — »

Castello de Feira.

A alguma distancia de uma pequena terra de 1,800 almas denomineda *Villa da Feira* ha um antigo palacio, cuja edificação se attribue, ora aos romanos, ora aos godos e mouros. No meio de tão encontradas opiniões, só ha positiva a grande antiguidade do edificio. Seguindo o escriptor portuguez, que nos serve de guia, este monumento, que tem o aspecto de castello mourisco é na realidade um alcaçar. Isto perfeitamente se reconhece observando a construcção de suas muralhas, feitas de granito. No cimo da abobada deste edificio vê-se uma esplanada de cuja superficie se levantão quatro torres, que além do pavimento paralello á esplanada tinham outro mais subido e proximo ao torreão donde se descobre o mar, desde o sul de Miragaia até á foz

do Douro. Os torreões das quatro torres tem fórma pyramidal; os angulos, em vez de pyramides de pedra, contém outros pequenos torreões de granito massiço, acabando uns e outros n'uma especie de tulipas igualmente esculpidas no granito, de maravilhoso aspecto. Além disso a plata-fórma está collocada n'um telhado construido de modo que as chuvas não podem ficar ali retidas. Outr'ora recolhiam-se as agoas nas extremidades, por meio de conductos que as depositavam na cisterna que havia no interior do edificio. Ha tambem um parapeito saliente na parte esterior, na direcção do levante e norte, com duas aberturas circulares para arremeçar dellas combustiveis e outros projectis, que inquietassem o inimigo que tentasse apossar-se das portas do alcaçar.

Uma especie de oratorio guarnecido de duas pequenas columnas gothicas, como um throno a que se sobe por degráus de granito é objecto cujo caracter ainda se não pôde especificar. Porém, uma das obras mais notaveis deste monumento é o poço quadrado o que se dá grandissima profundidão.

Acha-se internamente forrado de pedra de cantaria, descendo-se a elle por uma escada em caracol que vem de uma das partes lateraes, e guarnecida de muitas janellas ponte-agudas nas extremidades. Julga-se que váe dar a um caminho subterraneo, ou a um aqueducto occulto. Ha porções do castello da Feira que apresentão ainda notavel solidez, e que com pequenos, mas bem feitos reparos, ainda poderão durar seculos.

M. Kinsey trata com alguma miudesa da igreja situada não longe de Nossa Senhora da Lapa, ao noroeste do Porto, e que tem todos os caracteres de architectura mourisca. F' denominada mesquita, como a capella de Cedofeita: os arcos, e capiteis de estylo original, que nelle se vêem, tem merito real, e não deixam a menor duvida sobre a sua origem. Este curioso monumento não foi primitivamente edificado pelos musulmanos: entra no numero das

igrejas que dizem haverem os godos edificado, e que os conquistadores apropriarom a seu culto. A inscripção que poderá ler por extenso quem consultar Rebello da Costa, e o viajante inglez, attesta que foi fundada em 559 por Theodomiro rei dos suevos.

« — Esta villa (a da Feira) e seus suburbios abundão em monumentos (1). As terras em geral são fecundas e bem cultivadas. Pelo que respeita ao seu notável castello, escassas são, ou quasi nenhumas as noticias dos nossos geographos,

« — E' para lastimar que sendo este edificio um dos mais velhos monumentos de Portugal, e das mais perfeitas antiguidades que hóje temos, ainda ninguem se lembrasse de ter feito delle memoria ou descripção. A remotissima origem deste castello, as torres terminadas por coruchéos ponteagudos, cujas cimas erão guarnecidas (e ainda hoje o são algumas) de grandes tulipas de granito; as heras annosas que pelo andar dos tempos tem adquirido espantosa grossura, por maneira que subindo ás sumidades das torres, das ameias, e das muralhas formão uma perspectiva melancolica, porém maravilhosa e pinturesca; as videiras bravas, e uma infinidade de plantas parasitas, inseparaveis companheiras das ruinas, e dos monumentos solitarios e abandonados, que formão em alguns sitios brenhas impenetraveis, asylo seguro dos animaes habitadores das ruinas; as setteiras abertas no centro das ameias, nas quadrellas, e flancos dos muros, torreões e outros logares das muralhas tornão aos olhos do observador curioso, ou do viajante instruido, este monumento, além de mui interessante, digno de escrupuloso exame. Mas ainda até hoje ninguem pôde acertar com quem fosse o fundador do castello. Disserão alguns que este monumento era obra dos romanos, affirmárão outros que seus edificadores forão os godos, firmando sua asserção no

(1) Extraido do Panorama, vol. 5.° pag. 370.
(*O Traductor.*)

feitio das setteiras em forma de cruz, e na existencia de uma especie de oratorio, que está no grande casão das quatro torres; outros finalmente asseverárão que era obra de mouros, que ali tíverão um rei e que então se chamava Laneóbriga, nome que ainda hoje lhe corresponde em latim. Seja como quer que fôr, estas opiniões são todas fundadas em conjecturas vagas, ou tradicções antigas, mas que não tem memoria ou monumento que os anctorise, e por mais diligencias que se tenham feito não tem sido possivel achar inscripção ou signaes que possam dar uma leve idéa de seus fundadores.

« — Nas chronicas portuguezas apenas se falla deste castello como um dos primeiros que D. Affonso Henriques tomou aos mouros quando passou á margem esquerda do Douro, donde dista quatro legoas e meia; e diz a chronica do bacharel João Rodrigues Azenheiro, nas memorias ineditas, volume 5.°, pag. 18: — que D. Affonso Henriques furtou dois castellos a sua mãe, um delles Neiva, e outro o castello da Feira, que é terra de Santa Maria. — Antes desta epocha consta ter sido povoada aquella villa pelo duque Mem Guterres, rico-homem, na era de 990, tendo ella então o nome de Santa Maria. Foi reputada cidade, e erão suas armas a imagem de Nossa Senhora com o menino nos braços, sobre uma nuvem pousada n'um castello, a qual depois se chamou a *Senhora do Castello Velho*. Parece que os mouros se apoderaram delle na era de 1055, até que forão expulsos pelo sobredito rei D. Affonso Henriques.

« — Esta villa e suas dependencias foi o berço dos primeiros infanções de Portugal, e além do testemunho de antigos escriptores temos a chronica do insigne D. Marcos da Cruz, conego regular de Santo Agostinho, e chronista da congregação crusia, que nas memorias que escreveu do mosteiro de Grijó, situado exactamente entre o rio Douro e a villa da Feira, diz assim: — Não se póde duvidar de tudo isto, por ser a terra de Feira desde o anno de 900 a mui-

to adiante habitada de gente illustrissima, em tanto que os privilegios, que os senhores reis destes reinos forão dando aos infanções, costumavão dizer que os havião iguaes nas honras, e mais graças e isenções aos antigos infanções da terra de Santa Maria, como o declarou o senhor rei D. João I. nos privilegios que deu á cidade do Porto, Braga, e Guimarães. » — A mesma chronica diz mais — que no mesmo districto da terra de Santa Maria havia vinte e quatro casas de infanções e ricos-homens no anno de 1337, e muitos annos para cá, que punhão soldados, e lhes pagavão á sua custa; porem que pelo andar dos tempos se sepultavão as mais dellas no esquecimento, umas por extinguir-se a sua geração, outras por falta de meios em que podessem sustentar o seu lustre, outras, finalmente, por seus donos mudarem de habitação para outras terras ou provincias mais remotas. — Entre poucos varões illustres de que faz menção sobresaem especialmente D. Martinho d'Avellar, vigessimo mestre da ordem de Aviz, senhor, que foi, de São Martinho de Argouilhe, e um seu filho, Lourenço Martins d'Avellar, que falleceu em tempo d'elrei D. Fernando, e que enriqueceu aquelle mosteiro de Grijó com as muitas terras e rendas que lhe deixou: faz igualmente menção de D. Diogo Forjaz Pereira, primeiro conde da Feira, e senhor de Santa Maria, cujo titulo lhe fôra conferido pelo senhor rei D. João III, pelos muitos e mui valiosos serviços, que este cavalheiro, prestara a seu pae, o senhor rei D. Manoel, nas conquistas da India. Esta chronica foi escripta pelo mencionado D. Marcos da Cruz no anno de 1640.

« — Tornando ao edificio do castello da Feira passaremos a analysa-lo em todas as partes mais notaveis, e que se acham no mesmo mau estado de conservação. Principiaremos pela parte principal, que é a casa das quatro torres. Este edificio que tem a prespectiva de um templo mourisco, é realmente um alcaçar, o que se reconhece perfeitamente pela estructura das paredes, todas formadas de cantaria de granito. Cada pedra é designada com caracteres

particulares, e mostra-se que era dividido em dous andares e uma loja terrea. Sobre a abobada deste casão está o eirado, acima de cuja superficie sobem as quatro torres, uma das quaes dá subida para este sitio por uma escada de caracol, por onde se entrava para o segundo andar. Estas torres, além do pavimento que fica paralello ao eirado, tinham outro mais elevado, proximo aos coruchéos que servião de guaritas oumirantes, d'onde se descobrião as costas do mar, desde o sul de Mira até quasi á foz do Douro: pelo lado de uma das torres sahia uma chaminé, que expedia o fumo de um grande fogão do segundo andar. — As outras duas eram guarnecidas de buracos quadrados que indicavam terem servido de pombaes.

« — Os coruchéos das quatro torres são pyramidaes Nos angulos, em vez de pedra têem coruchéos macissos mais pequenos, sendo tanto uns como outros terminados por tulipas de pedra de granito, e formados de tijolos muito rijos, com argamassa de cal misturada com pedaços de concha, donde se presume ou que a cal era naquelle tempo feita de testaceos, ou que a misturavão com arêa do mar, que ião buscar á costa, a distancia de duas legoas.

« — A superficie deste eirado é abaulada para que as agoas das chuvas alí se não demorem. Ha nas suas extremidades um aqueducto, que d'antes recebia todas as agoas, e as conduzia por canos de alcatruzes de barro a uma grande cisterna formada dentro dos alicerces do casão. Tem, além disto, um parapeito saliente da parte exterior da parede do nascente, e para o norte outro com dois grandes buracos redondos, que servião para por elles lançarem combustiveis e outras cousas que embaraçassem o individuo de apoderar-se da porta do alcaçar, que fica para o mesmo lado do norte, e que dava entrada por uma escada de caracol para o primeiro e segundo andar: todo o eirado é guarnecido de parapeitos, e ameias abertas no centro com setteiras em fórma de cruz, mas estas ameias e parapeitso

estão pela maior parte obstruidos de heras que se tem assenhoreado da maior porção das paredes.

« — O segunde andar immediato á abobada nada tem de notavel. Só n'um resto de cal, que existe do lado do norte, se conhece que fôra pintado em xadrez.

« — No primeiro existe, como já se disse, uma especie de oratorio guarnecido com duas pequenas columnas gothicas com capiteis da mesma ordem, e uma especie de throno com degraus de granito. Os que pretendem que este castello seja obra dos godos auctorisão a sua opinião com a existencia deste oratorio, pelo feitio das columnas; os que o attribuem aos mouros dizem que apenas era um armario para guarda de alguns objectos que alí depositavão; mas era desguarnecido de portas por não appareceram signaes alguns que dêem indicio dellas. — Ha igualmente neste primeiro andar dois grandes fogões com chaminés que vão sair acima do eirado, ambas feitas de pedra de cantaria. No andar terreo, quasi a um canto, existe a entrada para a cisterna, que se acha toda entulhada.

« — Uma das obras mais singulares deste monumento é um poço quadrado, que se suppõe ser de grande profundidade; é forrado de pedra de cantaria, e a elle se desce por uma escada de caracol qué lhe fica ao lado, guarnecida de grandes janellas ponte-agudas voltadas para o poço, e postas em linha perpendicular. Este poço suppõe-se muito entulhado, mas ainda existem quatro janellas livres na altura de 42 palmos.

« — Não póde attingir-se o fim para que foi feito; e suppõe-se, todavia, que fosse para terem agoa de reserva, qnando acabasse a da cisterna. Conjecturárão outros, que d'ali saía uma estrada subterranea por onde podião evadir-se os sitiados, vendo-se em grandes apertos; outros, finalmente, disserão que por este poço ião buscar agua por um áqueducto subterraneo a um ribeiro que passa atravez da villa, mas tudo isto são conjecturas que não teem monumentos que as auctorisem. Existem duas estradas encobertas perfeita-

mente conservadas, uma das quaes váe dar a uma esplanada de fórma quadrangular, guarneoida de muralha e ameias, e a outra váe desta esplanada dar ao fosso, de que apenas existem alguns vestigios. — »

Capella dos Templarios em Portugal — Vestigios sarracenos.

O nome de Pombal faz tal eco politico que parece estranho, á primeira vista, o vê-lo ligado ás recordações que a idade media nos suscita. A povoação que deu o nome ao grande ministro, é comtudo fertil em tradições deste genero; quando passou pela villa de Pombal, ha alguns annos, o barão Taylor, examinou os vestigios de ruinas que ainda se observão, e sem marcar data precisa a taes monumentos, viu com o tacto que o carecterisa o que ha curioso para o archiologo, na alliança dos dois estylos bem diversos que a pequena igreja dos templarios memora. — « Os capiteis e abobadas romanas, diz elle, dão a este monumento mui alta antiguidade, sendo tambem curioso encontrar ahi vestigios da habitação dos mouros, que cortarão e transformarão o arco do centro da porta principal em forma oriental, do genero da que se encontra em Ourfa e Koniah. Esta capella foi alternadamente igreja e mesquita, menos esplendida e celebre do que Santa Sophia de Constantinopla, posto que tenha tido as mesmas alterações. — »

Pombal contêm outro monumento do mesmo genero e que teve modificação analoga á que acabamos de assinalar. São as ruinas do palacio que ainda se encontravão ha uns vinte annos, á entrada da villa, e das quaes M. Taylor deu tambem o exacto desenho — » As ruinas que descrevemos forão a habitação do castello de Pombal, que era de um mouro que della se apossou por direito de conquista, passando depois ao dominio dos cavalleiros do templo. O seu torreão serviu de harem e aposento aos musulmanos e christãos; e nos seus quartos descançou um arabe, com as

suas odaliscas, e o cavalleiro portuguez que dedicava a uma só mulher todos os seus affectos (1).

Castello de Alcobaça.

Tambem devemos pôr no numero das consstrucções sarracenas, de que ainda ha vestigios em Portugal as ruinas existentes n'uma collina, não longe d'Alcobaça, e de que M. Taylor nos transmittiu uma vista pinturesca. Não nos sendo possivel reprodusir aqui a gravura que elle fez copiar-lhe-he-mos, ao menos, a descripção.

« — O castello d'Alcobaça, bem como a fortaleza de Granada é obra da arte arabica, no decimo sexto seculo. Está situada no plano de uma pequena montanha, que domina a cidade, e de cuja altura se avista a planicie do vasto mosteiro d'Alcobaça. Estas ruinas, assim como as que se encontrão na Europa, tocão vivamente na imaginação dos camponezes. Assentado em a borda da estrada, fazendo o meu desenho, vem ahi uma velha que me contou que o antigo caudilho arabe que obrigava os habitantes da terra a pagar-lhe annualmente o tributo de doze donzellas, apparecia ainda hoje todas as noites, para cantar o *sabbat*, e alcançar mais algumas virgens; e accrescentou: — « Agora já isto não tem perigo, por que os frades do convento não lho consentião leva-las. Comtudo, infeliz da donzella que visita o alcaçar, por que sáe d'ali sempre pensativa e melancolica; acontecendo até ás vezes, posto que seja raro succeder, e morrer de susto. — »

A tradicção do tributo das donzellas, dilo-he-mos de passagem, abrange grande numero de terras. Na Hespanha deu assumpto ao *Romanceiro Geral*, para um dos seus melhores romances heroicos; em Portugal produsiu uma cantiga que fazem subir ao seculo decimo-segundo, e a

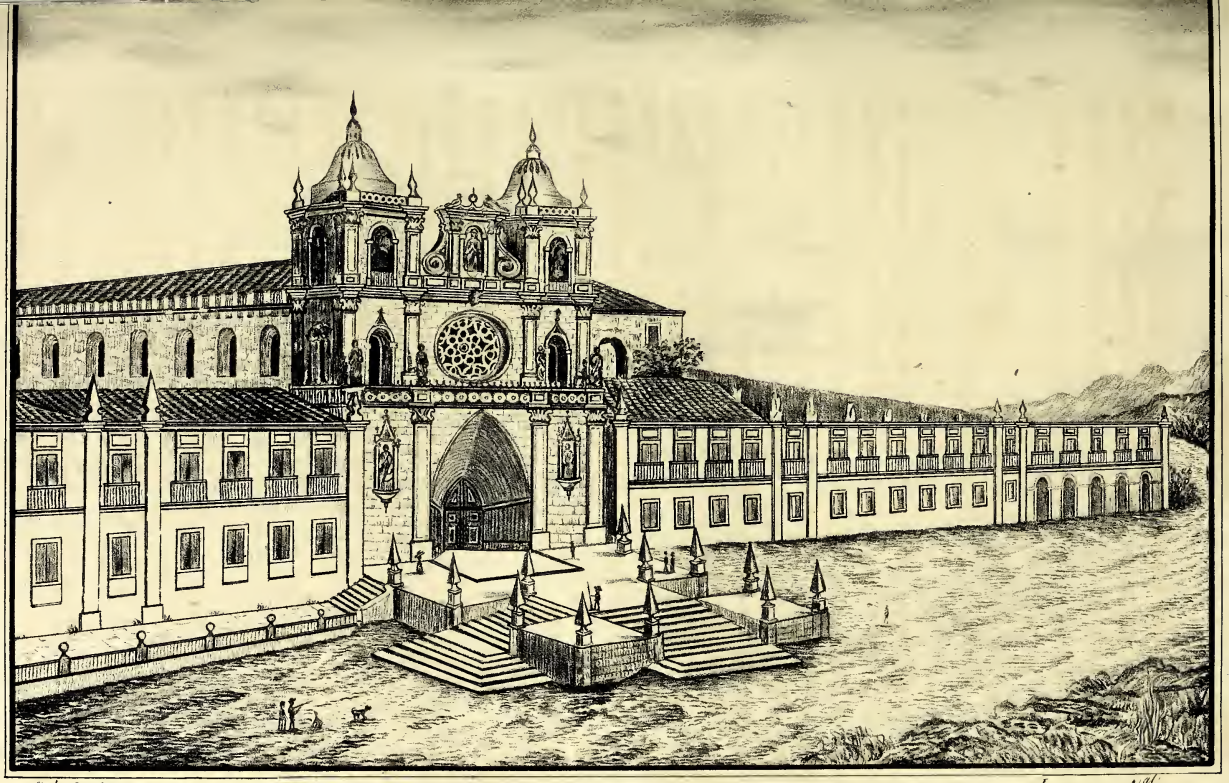
(1) Taylor viagem pinturesca a Hespanha, Portugal, e costa d'Africa. — Paris, Gide-filho, 1826; 1 vol. in 4.°

que é porem necessario assignar mais recente data (1). E' além disso, curioso ver os antigos monumentos combinados com as recordações historicas. Isto prova a necessidade de recolher, em quanto for tempo, as tradições populares que de dia para dia desapparecem.

Ermida de Nossa Senhora do Soccorro.

O pequeno templo assim denominado, e que está situado a um quarto de legoa ao sul do Trucifal, e quasi a seis legoas e meia ao noroeste de Lisboa, é do pequeno numero dos monumentos, que recordão a lucta dos portuguezes com os mouros. A ponte de Sangue que atravessa o rio Sisandro, attesta, com effeito que se deu uma grande batalha nestes sitios. Poremos de lado as demais tradicções para só dizer-mos que se o tecto ogival da antiga igreja indica uma reconstrucção, as columnellas que o sustentão pertencem á architectura sarracena. Está a curta distancia desta curiosa igreja o *Penedo do thesouro*, que prova a existencia de uma tradicção maravilhosa, que pretende que todos os logares outr'ora habitados pelos arabes, estão ricos dedespojos por elles enterrados no momento da fuga. Nada ha tão commum, já nós dissemos, como estes thesouros guardados, a pedido dos mouros, pelo espirito das trevas. Com tanta actividade se procedeu aqui a buscas, que as auctoridades se virão obrigadas a fazer parar nas suas pesquisas os individuos que querião enriquecer por meio de tão tardias explorações.

(1) No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey etc.



Sa' Lith

Imprença N.al

Mosteiro d'Alcobaça

Monumentos coevos com a fundação da monarchia. — Tradicção que a elles se referem. — Igreja de Nossa Senhora d'Almacave.

O antigo templo de Lamego, em que a tradicção diz haver-se celebrado o acto mais importante da monarchia portugueza, ainda existe, na opinião de uns, e na de outros, o monumento religioso que reuniu em si os trez estados do reino foi destruido, e se não deve confundir com a igreja que hoje existe. — Eis o que a respeito deste edificio diz Jorge Cardoso: — « Affirma-se que o templo de Nossa Senhora de Almacave fôra n'outro tempo mesquita de mouros; que foi depois sagrado, segundo o louvavel costume desta epocha, sendo depois convertido na antiga cathedral. A igreja moderna, segundo nos affirma Ruy de Pina na chronica do conde D. Henrique, foi edificada e consagrada por D. Bernardo, bispo de Toledo. — »

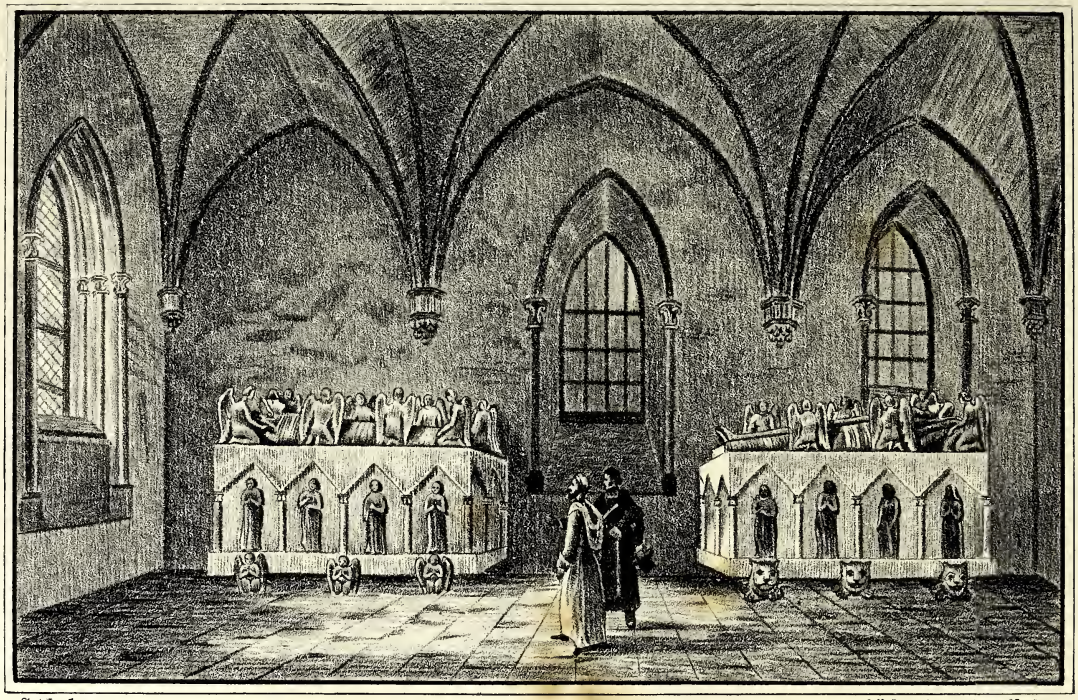
Nada seria mais curioso para a historia da arte do que os estudos graves e seguidos sobre o pequeno numero de edificios feitos no berço da monarchia; como, por exemplo os vestigios do paço do conde D. Henrique, que ainda se encontrão em Guimarães, e aonde nasceu o primeiro rei de Portugal.

Mosteiro de Alcobaça.

De todos os monumentos de Portugal, este e o da Batalha são os que gozão de mais popularidade. Archeologos e viajantes, apreciadores das legendas poeticas fallão todos nelle, porem nenhum refere particularidades sobre a sua edificação, nem dá certesa alguma de datas. Poremos agora de lado a questão da arte para só nos occupar-mos de certos factos que convém memorar. Vimos na primeira parte desta noticia a que circumstancia foi devida a edificação de tão vasto mosteiro. Eleva-se elle n'um estreito val-

le de encantador aspecto, aonde correm dous pequenos ribeiros, denominados Alcôa, e Baça, cujos nomes reunidos põe á villa, que existe a curta distancia, o nome porque é conhecida. Dista este antigo convento desoito legoas para o norte de Lisboa. A primeira pedra do edificio foi lançada em 2 de fevereiro de 1148; tendo o convento por primeiro abbade a Raulpho, mandado a Portugal por São Bernardo. Comtudo a igreja não se acabou, e o convento só começou a ser habitado em 1222. « — O mosteiro de Alcobaça, diz um escriptor portuguez, não é typo de architectura dos tempos antigos, como aconteceu com a Batalha; porem é notavel pela sua grande extensão. . . . O templo, todo feito de optima pedra de cantaria, tem aspecto grandioso; é dedicado a Nossa Senhora da Assumpção; e contém trez naves de igual altura. O mesmo succede com o cruseiro, e capella mór. As demais capellas, que estão por detraz destas são ainda mais baixas. As pias do atrio são de pedra igual á das paredes. A abobada é feita de pedra ligeira (conhecida no paiz pelo nome de *Tufo*). — A igreja tem de comprimento 479 palmos. — »

Bem poucas igrejas ostentão hoje tanta magnificencia como esta; a suppressão das ordens monasticas deu golpe mortal em todos os monumentos, não havendo um só que tenha despertado a attenção do governo. Como é crivel que se deixem arruinar as grandes tradicções da monarchia? Não sómente ali jaz D. frei Affonso, irmão do primeiro rei de Portugal, como tãobem se encontrão os tumulos de D. Affonso II, D. Affonso III, e o de suas esposas, D. Urraca e D. Brites. Ninguem ignora que em Alcobaça existem dous tumulos, que dão continuado assumpto ás mais poeticas recordações. D. Ignez de Castro, e D. Pedro descanção um ao lado do outro sob a mesma abobada. A que só depois de morta foi rainha, como diz o poeta, acha-se de tal modo depositada no seu sarcophago, que no dia da ressureição, quando se levantar ao som da trombeta sagrada,



Sa. Lith. Off. de M. L. r. n. dos Mes. nº 12

Tumolos de D. Pedro, e D. Ignez de Castro

a primeira volta d'olhos dos dous esposos virá a ser um olhar de eterno amor (1).

A fachada do templo é, desgraçadamente, muito inferior, pelo estylo da sua architectura á grande nave que tão grandes recordações animão. E' obra muito posterior á primitiva fundação, e apresenta tão sómente na sua vasta extensão o estylo gothico desfigurado. Para dar completa idéa de tão curioso mosteiro, não bastarião volumes: diremos apenas que tem cinco claustros e que houve tempo em que o convento contava quasi novecentos frades. Cumpre ter presente, que estes frades, da ordem de São Bernardo, forão os primeiros que em 11 de janeiro de 1269 abrirão escolas publicas em portugal. Os abbades d'Alcobaça erão como potentados, de mui grossas rendas, e dominando em treze ou quatorze villas e respectivas jurisdições.

« — Contestado tem sido o motivo da fundação do vasto mosteiro d'Alcobaça (2); certo é que é contemporaneo do berço da monarchia, por que elrei D. Affonso Henriques o mandou edificar. Os escriptores da ordem cirtercense (3) narrão que o nosso primeiro monarcha mantivera correspondencia com o sabio e virtuoso abbade de Claraval, São Bernardo; que o primeiro mosteiro que desta ordem houvera em Portugal fôra o de São João de Tarouca estabelecido com oito mouges mandados pelo santo, e que em 1147, pondo-se elrei a caminho, partindo de

(1) Lê-se na recente viagem do principe Liknowsky uma descripção minuciosa, e interessante dos dous tumulos. Este livro, escripto em allemão, foi traduzido em portuguez no anno de 1842.

(2) Panorama, volume 4.° pag. 114.

(*O traductor.*)

(3) A ordem de Cister foi filiação da benedictina, e deveu a sua origem em França a S. Roberto, e o seu incremento a S. Bernardo. Differiam os seus monges na cogula branca, trazendo, porem, por cima o escapulario preto de S. Bento, mudança que foi confirmada em 1101 pela sé appostolica; e d'aqui veiu a distincção vulgar de *monges negros* e *monges brancos*.

Coimbra para tomar aos mouros Santarem, quando chegou á serra de Albardos, que, apartando-se para o mar faz costas aos coutos de Alcobaça, julgando ardua a empresa, que intentava fizera ali voto, se lograsse a conquista de doar a São Bernardo, e aos seus monges todas as terras *que avistava d'aquelles montes, agoas vertentes ao mar.* A 2 de fevereiro de 1148 lançou elrei a primeira pedra na capella mór da igreja do mosteiro. O primeiro abbade foi Ranulpho, mandado por São Bernardo. Todavia a igreja só foi acabada, e o mosteiro habitavel em 1222 mudando-se para elle em 6 d'agosto de 1223 reinando D. Sancho II, os monges que até então permanecerão na casa provisoria de Santa Maria a velha, depois convertida em collegio de Nossa Senhora da Conceição; tendo-se esmerado na continuação da fabrica os reis successores, e os descendentes do inclito fundador. Muito posteriormente se fizerão consideraveis obras, e entre outras o excellente côro e formosa casa de sacristia, que a piedade e munificencia de D. Manoel mandou construir.

« — N'um valle estreito, mas gracioso, e hoje bem cultivado, se levantou o mosteiro, e quasi immediata consequencia delle a povoação, como sempre succedia na idade média, em que os monges começarão de ser cultivadores, e em que á sombra de suas residencias, crescião as artes fabrís, e se reunião povos, que preferião este abrigo á visinhança das acastelladas muralhas dos tyrannos feudaes. A este valle vem parar o Alcôa, que depois de correr do oriente ao poente muda o nome no de Chaqueda, passando junto deste logar, e assim chrismado continua até entrar pela cerca do mosteiro, dividido em dois braços, ou levadas, servindo uma a todas as officinas d'aquella casa, e d'ahi váe ajuntar-se no meio da villa com o rio, desde antigos tempos denominado Baça, confluindo ambos na direcção entre norte e poente; até formar a lagôa da Pedreneira, por onde se perdem no mar. Destes dois rios tomou

nome a villa, que dista 18 legoas de Lisboa, para o norte.

« — O mosteiro d'Alcobaça se não póde offerecer-se como typo d'architectura de antigos tempos como a Batalha, é comtudo notavel pela sua vastidão, e pelas circumstancias que iremos referindo. O seu templo todo de soberba cantaria excellente, é grandioso, como o podem testificar as suas dimensões e ornatos. E' dedicado a Nossa Senhora da Assumpção, e compõe-se de trez naves, na altura todas iguaes, e assim o cruseiro e capella mór; só as capellas que ficão pela parte de traz desta são mais baixas: o pavimento é lageado da mesma casta de pedra das muralhas, e a abobada é de uma especie de tufo. O comprimento de toda a igreja é de 479 palmos a saber: da porta principal até á grade do meio 154 palmos; 50 da grade até á entrada do coro; este 124 ditos; d'aqui até o arco da capella mór 33; dita capella 70; o espaço que fica por detraz desta (ao qual os antigos escriptores nossos chamavão *charola*) até á ultima parede das capellas, que ahi estão, 42 $\frac{1}{2}$ palmos, não contando a grossura das paredes do templo. Do pavimento até o fecho do arco da abobada ha 94 palmos d'alto, e della á cumiada dos telhados 26. Dividem as trez naves do corpo da igreja duas ordens d'arcos sobre 24 pés direitos ou pilastras, e duas meias pilastras, algumas de quatro, outras de oito columnas de marmore, que medem da base ao capitolio 60 palmos: estas pilastras tem 52 pés em quadro, contando 13 por lado. O cruseiro é de duas naves, que dividem 7 arcos sobre 6 pilastras e duas meias em tudo iguaes ás do corpo da igreja. Na originaria fundação, havia só 14 capellas, a mór, 9 dispostas em semi-circulo, no espaço por detraz della, como na Sé de Lisboa e 4 collateraes, no cruseiro; mas neste se fizerão mais duas, e se erigirão quatro altares no corpo da igreja para se dizer missa ao povo, que anteriormente não entrava no templo. Das nove capellas do semicirculo acima dito só tem altares sete; as duas dão ser-

ventia; uma para o interior do mosteiro, outra para a sachristia. A capella mór é de meia laranja sustentada sobre 8 columnas, que fazem nove arcos; não tem retabulo; e antigamente vestião a parede interior paineis de santos da ordem, hoje veste-se a mesma com fabrica mais moderna, feita em 1676 de pedraria e oitavada: em todo o ambito della ha muita e variada obra de talha dourada e bronzeada, com grande largura e sufficientes disposições para a celebração pomposa do culto e de pontifical, como nas sés mais opulentas. Tem oito paineis, que representão milagres do Santissimo Sacramento, com ricas molduras, duas imagens de Nossa Senhora, e do anjo São Gabriel, allusivas ao sagrado mysterio da Encarnação, e mais oito dos principaes santos da ordem, e pela parte de cima destas corre uma architrave com seu friso e cimalha, e sobre ella oito estatuas d'anjos fazendo coro a uma imagem grande, tãobem de vulto, da soberana virgem na acção de subir ao ceu, sustentada por outros dois anjos. Por detraz desta fabrica se vão erguendo os dez arcos de meia laranja: entre ellas no alto ha nove frestas rasgadas, com suas vidraças de 22 $\frac{1}{2}$ palmos d'altura, e de cinco de largura, e assim outras duas iguaes sobre os paineis á entrada da capella, a qual tem o tecto pintado de brutesco de ouro, de que toda é com profusão guarnecida. No meio e separado de toda a mais fabrica está o altar mór, constando de banqueta, e da sacra, que é de prata, tem de comprido 24 palmos: por detraz delle ha um pedestal a todo o comprimento sobre que se levantão oito figuras aladas, estofadas de ouro, como o são todas as outras imagens, e de 9 palmos d'alto: estes oito anjos, virados para os quatro lados sustentão o sacrario, que é de forma pyramidal, de talha dourada, e de muito primor e grandissima variedade de ornatos delicados.

« — O coro é de madeira de bordo, notavel pela perfeição da obra e pela grandesa, está posto no pavimento, e entra pela segunda nave do cruseiro e corpo da igreja; é aberto

de fórma que não tira a vista da capella-mór, nem sequer com o orgão, que com sua caixa de talha dourada fica mettido dentro de um arco; tem de cada lado 78 cadeiras, por detraz de cada uma das quaes sobem nichos com estatuas de varões da ordem, de meio relevo; «e foi a idéa do artifice, diz o padre Cardoso, tão fecunda, que sendo tantas as figuras, todas são differentes na postura de estatura natural.» Não esminçâmos outros muitos differentes ornatos por não fatigar os leitores. Na 2ª nave do cruseiro estão os jasigos dos reis D. Affonso II, e D. Affonso III, e de suas mulheres D. Urraca e D. Brites, além dos de alguns infantes e infantas, sendo o primeiro D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso Henriques, que depois de ter estado embaixador em França, aonde logrou estimação, e de ter pelejado com valor em varias batalhas, acabou santamente em Alcobaça, tomando o habito de São Bernardo, com quem travára amizade, durante a sua embaixada. Porém de todos os mausoléos o mais primoroso é o de D. Pedro I, e da formosa e infeliz D. Ignez de Castro.

«— Em toda á igreja, além da porta principal ha quatro interiores, que dão serventia para diversas estancias do mosteiro: e contão-se, além das onze frestas rasgadas, ou janellas gothicas da capella-mor, mais quinze no cruzeiro, 17 no semi-circulo, 12 por lado no corpo da igreja, e tres no frontespicio, todas com iguaes dimensões — exceptuando a do meio da fachada, e a da parte do cruseiro da banda do sul, que são de forma redonda, a que chamão espelho. Todas são no alto chegadas ao fecho dos arcos.

«— A sachristia, obra da magnificencia d'elrei D. Manoel está lançada por detraz do semi-circulo, ou charola, segundo a fraze de nossos antigos escriptores, tem $123\frac{1}{2}$ palmos de comprido, e $41\frac{1}{2}$ de largo, é de abobadada de cantaria, e de laçaria com os seus florões dourados; de fronte da porta do topo vê-se a capella oitavada do santuario, enriquecida com muitas reliquias. Ao lado do meio-dia, depois da jardim das murtas está a grandiosa capella de Nossa Se-

nhora do Desterro, erecta á custa de um religioso da casa do lado do norte fica outra capella denominada do Presepio, que era mui curioso de ver.

« — O frontespicio do templo muito posterior á primitiva fundação é de um estylo gothico desfigurado, e bastante pesado; tem de frente 110 palmos, e de alto até ao remate das torres 189 ditos. Sóbe-se a igreja por um grande patim e a este por tres escadas, porque tem tres faces; tem o mesmo até á porta principal 110 palmos de comprimento por 115 de largura, e as escadas 52 palmos de largo. Aos lados da porta estão collocadas em nichos duas grandes estatuas de São Bento e de S. Bernardo, de fino jaspe d'Italia, e inteiriças; e na varanda por cima da porta quatro representando as virtudes cadeaes: na empena em outro nicho ha uma Santissima Virgem, do mesmo jaspe tambem d'uma só pedra, com 18 palmos d'altura.

« — N'esta igreja havia *Lausperenne* na rigorosa accepção da palavra, porque era perpetuo, instituido mediante concessão pontificia, por um frade da ordem, que para este fim legou os bens que possuia em secular: no coro se cantava de continuo o officio divino, revesando-se os religiosos por turmas de seis cada uma.

« — O vasto mosteiro tem cinco claustros; é levantado por elrei D. Diniz e sua esposa Santa Isabel; o do cardeal rei que foi commendatario da casa (1); o de D. Affonso VI, só começado e outros feitos á custa da ordem. Todas as officinas correspondem á grandeza do edificio, onde já houve occasião de se recolherem mais de 900 religiosos. Sete são os dormitorios; o da fundação por elrei D. Affonso Henriques; o do Cardeal rei; o de D. Affonso VI,

(1) Durante a primeira série dos abbades d'Alcobáça forão todos perpetuos: depois se introduzírão os *commendatarios*, que não erão monges, e dirigião os negocios temporaes do mosteiro; ficando ao abbade professo a jurisdicção de portas a dentro do convento: finalmente, a ultima serie foi a dos abbades triennaes, como os demais prelados maiores das congregações regulares.

o das enfermarias pelo mesmo monarcha, e os restantes construidos com dinheiro da casa. O noviciado de per si é um mosteiro com dois dormitorios, e uma capella mui rica. A livraria era casa grande e bella, ornada por cima das estantes com bons quadros, laminas, e figuras d'alabastro: era mui copiosa e rica, sobretudo em manuscriptos preciosos para a nossa historia, contando para mais de 400 codices, cujo cathalogo se imprimiu em 1775. O cartorio deste mosteiro, coevo com a monarchia, era interessantissimo, e segundo o padre frei Manoel dos Santos, na *Alcobaça illustrada*, pag. 67, serviu de deposito dos papeis da corôa em quanto se não ordenou e archivo da Torre do Tombo.

« — Do quanto a historia e litteratura nacional é devedora á ordem de Cister sobeja prova são os oito volumes da *Monarchia Luzitana*, e os escriptos de muitos varões distinctos por seu saber, sendo esta a maior refutação dos apodos e dicterios vulgares contra a ordem dos bernardos. Forão os monges de Alcobaça os que abrírãs os primeiros estudos publicos nestes reinos, a 11 de janeiro de 1269, governando D. Affonso III, e não só concorrêrão com seus cunselhos quando elrei D. Diniz tratou de estabelecer a nossa universidade, mas tambem com os gastos para pagar aos primeiros lentes. Na Athenas lusitana floreceram depois alguns religiosos de São Bernardo.

« — Os abbades de Alcobaça erão uma especie de potentados, e senhores de quatorze, e depois de treze villas e seus termos, e possuião enormes rendimentos: sendo os primeiros logo apoz os bispos na jerarchia ecclesiastica do reino, podião usar de habito prelaticio; tinhão as preeminencias do conselho do rei, e erão seus esmoleres-mores natos. Forão n'outros tempos fronteiros-mores, e acudião com tropas sustentadas á sua custa nas guerras, como os senhores seculares. Nas mãos do cardeal rei perdêrão os titulos que d'antes gosavão de visitadores appostolicos dos *monges de S. Bento negros e brancos*, e de superiores da ordem militar de Christo. Tinhão mero e mixto imperio, isto é, tan-

to no civel como no crime, nas terras da sua jurisdicção, e todo aquelle senhorio real que antes da doação pertencia á corôa. Elrei D. João IV restituiu e confirmou a doação ampla de D. Affonso Henrique. A unica pensão, ou conhecença por onde se manifestavão dependentes da corôa, era a obrigação de darem aos reis quando vinhão a Alcobaça, um par de botas ou de sapatos á escolha do monarcha; porém até este leve reconhecimento do padroado real foi abolido por D. Affonso III, por carta de 3 de novembro de 1314.

« — Ainda que o mosteiro d'Alcobaça dava avultadissimas e continuadas esmolas, força é confessar que os seus direitos senhoriaes erão nimiamente gravosos para os povos, apesar da fertilidade do terreno, que é tal que os fructos que produz são reputados os melhores do reino. Para que este districto nenhuma condição faltasse, até no numero das terras dos coutos entravão os tres portos maritimos de São Martinho, Pederneira, e Salir, abundante de pescado. Não sabemos o estado de conservação do edificio alcobacense; mas é de crer que cada vez mais se deteriore; e já no tempo da invasão franceza ardeu a ala do convento, direita respectivamente ao espectador collocado no rocio: lançárão-lhe fogo os soldados franceses, que ali tinhão hospital, e antes quizerão commetter acção tão cruel ao fugirem das nossas tropas, do que deixar prisioneiros e entregues á nossa piedade os seus feridos. Desde então ficou sempre estragada aquella parte do mosteiro. — »

Santa Cruz de Coimbra. — Seus claustros.

Devémos tambem contar no numero dos monumentos celebres deste periodo o antigo convento de Santa Cruz de Coimbra, que muito padeceu com as ultimas devastações em 1834. Remonta a sua antiguidade ao principio da monarchia, e foi fundado por D. Tello, que havendo admirado em Jerusalem o estabelecimento dos conegos do Santo Sepulchro, quiz fundar um similhante, a fim, diz um escriptor,

de estabelecer nelle uma especie de viveiro, d'onde saissem os prégadores da fé, de que o reino tinha grande falta. — « O prelado escolheu para fundar tão piedoso estabelecimento que podia rigorosamente ser considerado origem do estabelecimento da universidade em Portugal, um arrabalde de Coimbra denominado *Banhos da Rainha*, onde havia uma igreja com a invocação de Santa Cruz. Aqui veiu elle estabelecer-se com os seus companheiros a 24 de fevereiro de 1132. Adoptou a regra de Santo Agostinho. Nota-se que uma das principaes glorias de D. Tello foi ter sido mestre de D. Theotonio primeiro prior de Santa Cruz de Coimbra. D. Affonso Henriques teve particular affeição a estes conegos regrantes, cujo numero elevou ao de setenta e dois. Foi principalmente o grande rei D. Manoel que augmentou o edificio religioso, que ainda hoje se admira. Os sumptuosos mausaléos que substituirão os tumulos modestos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I forão erigidos por ordem deste monarcha quando elle tencionou edificar a magnifica capella que devia substituir a feita por D. Tello. D. Manoel não poupou meios de lhe augmentar a riquesa, e mandou vir de paises estrangeiros alguns objectos d'arte que Portugal não possuia então; como os assentos-dobradiços de madeira lavrada que lhe ministrou a Allemanha. Santa Cruz de Coimbra desgraçadamente é de pedra d'Ançaã, que facilmente se corta com a influencia atmospherica, similhando a pedra de que é construido um dos mais formosos templos de Ruão.

As crastas de Santa Cruz não constituem a parte menos interessante d'este religioso edificio. No que se segue immediatamente á igreja nota-se entre outros ornatos uma grande pia de marmore. Depois da salla de visitas encontra-se o claustro principal quadrado, e sustentado por pilastras, e ornado de quatro capellas. Na casa do capitulo é que se erigiu o tumulo de D. Theotonio, obra de Thomé Velho, famoso architecto daquelles tempos. O claustro denominado a *Manga* é celebre por mui notavel circumstancia. Quando D. João III mandou continuar os trabalhos do seu predecessor,

em 1527 desenhou na sua manga real o plano desta porção de edificio, cujo particular caracter se admira. Ha quasi dez annos se apossou o governo destes vastos edificios: o templo serve de parochia; e a camara municipal de Coimbra celebra as sessões nas sallas da bibliotheca: o resto do edificio tem identicas applicações. A bella cêrca do convento já foi vendida duas vezes. Depois de estragos irreparaveis, foi, alfim, parar ao dominio de um negociante honrado, que sabe apreciar as grandes recordações historicas que a sua existencia desperta.

Coimbra ainda conta um monumento da grande valia, que é o convento de Santa Clara. O a que n'outro tempo se dava este nome, e que tinha por fundadora a rainha Isabel, está ha muito tempo reduzido a nada. Santa Clara, de aspecto tão notavel, foi edificado no tempo dos mouros.

Quinta das Lagrimas — Fonte dos Amores.

Este jardim deve necessariamente entrar no numero dos mais illustres menumentos que a idade media nos legou. Produz as mais sensiveis recordações, as mais poeticas tradicções; e a rendermos credito ao que diz um moderno viajante, nada se tem feito para o preservar de total ruina. Na quinta das Lagrimas, diz Kynsei era a residencia d'ascendentes de D. Ignez; porem os seus descendentes pouco cuidado tem tido de resguardar dos orueis estragos do tempo tão preciosos restos de antiguidade, e a não ser a affeição dos estudantes de Coimbra, ou para melhor dizer, o respeito que lhes merece aquelle local, teria já desapparecido a fonte dos Amores, e umbrosos cyprestes que a cercão. São magnificos os cyprestes de Portugal, e olhados de certa distancia assemelhão os cedros do Libano. Estas arvores formosas, com a presa de pedra, collocada na origem da fonte, em que está gravada a estancia dos Lusiadas allusiva ao nome da mesma fonte, são o unico monumento que recorda ao viajante os nomes de D. Ignez, e de seu amante, — » Este pequeno

monumento foi ali posto por ordem do general Trant; e é provavel que o novo possuidor da quinta das Lagrimas, que dizem respeitar muito as velhas tradicções a conserve em bom estado. A agoa da fonte dos Amores corre n'uma pedra de manchas vermelhas. O povo julga ver n'isto as provas sanguinolentas do supplicio de D. Ignez. Faria e Sousa, escriptor que recolheu com zelo religioso todas as tradicções poèticas do sou tempo, diz que a corrente que manava da fonte dos Amores servira mais de uma vez de mensageira aos dous amantes. As cartas que D. Padro enviava á sua amada, confiava-as elle ao veloz ribeiro que sem demora lhas transmittia. Esta tradicção, ignorada de M. Kinsey e de varios outros viajantes, vogou nos seculos XVI e XVII, e só com ella póde explicar-se uma das mais lidas estancias dos Luziadas (1).

As ruinas do castello de Leiria.

As ruinas de tanto valor para os portuguezes, pelo grande nome que recordão; — os vestigios, quasi sumidos, da real habitação, elevão-se n'uma eminencia, da planicie, ao noroeste da cidade. Foi ali que o rei lavrador fixou residencia. Das torres de seu palacio gosava elle da mais encantadora vista; e não ha duvida de que, depois de ter-se occupado, como pastor diligente, da felicidade dos povos, como bem diz a chronica, empregava as horas do descanço em curiosas investigações, cuja recordação não se acha de todo apagada. Diz-nos Murphy, no seu diario manuscripto, que as portas e janellas do paço de D. Diniz tinhão sido arrancadas a antigas ruinas proximas da Batalha, designadas pelo nome de Polipo ou talvez Calipo. No seculo XIII as ruinas do periodo romano devião apparecer em toda a parte de Portugal; e os vestigios da arte antiga que ellas encerravão não forão, certo, despresadas por tão habil monar-

(1) Conta-nos o principe de Lichnowski, viajante que já citámos, que uma das mais formosas arvores da fonte dos Amores foi derribada por um furacão.

cha. Um objecto de bem pouca monta, que aquelle seculo nos legou, e que temos á vista, o provaria, sendo necessario. O sello real do rei lavrador, tal qual existe nos archivos de França não só é de admiravel execução, como se faz tambem notavel por uma particular circumstancia. — Pedras gravadas ornão as duas faces, e provão o gosto e intelligencia que havia, nesta idade, em objectos de arte. Tambem se sabe a importancia que alguns principes davão nesta epocha á feitura dos seus sellos; Diniz á frente do progresso intellectual do seu seculo, não despresou este ramo secundario da arte; de forma que um ligeiro cunho nos revela hoje, talvez mais do que grandes monumentos, a delicadesa e graça dos ornamentos d'aquelles tempos.

Distante trez legoas de Leiria jaz a formosa villa de Porto de Moz, com suas poeticas tradições. As ruinas de seus arrabaldes ainda tem celebridade, e merecião ser visitadas só por um archeologo de merito. Orna-lhe a principal praça um pequeno monumento cheio d'elegancia e graça, e que apresentâmos ao leitor, não como vestigios de eras remotas, mas como amostra das lindas cruses de pedra que tão frequentemente se encontrão em Portugal.

O convento de Christo em Thomar.

A reunião de edificios, hoje despresados, pertence a differentes idades, e memorão os grandes acontecimentos que illustrárão a monarchia. Porem, como a igreja foi reedificada por D. Manoel, será talvez necessario classificar o monumento de que tratâmos entre as construcções do seculo do renascimento Thomar foi dada por elrei D. Diniz aos templarios; e de seus restos não hesitâmos em aqui fazer commemoração. Este vasto edificio, diz um escriptor portuguez, compunha-se de trez bem distinctas partes: — o convento propriamente dito, com a sua igreja, claustros, e dormitorios, e todas as divisões de uma casa regular; o castello com o seu recinto e baluartes; e a quinta, ou cêr-

ca, murada, do convento. — Podia-se accrescentar a isto o famoso acqueducto começado por Filippe III, em 1613. Trataremos em primeiro logar do templo, e das outras descendencias do convento. — « Notão-se neste templo duas partes mui distinctas, diz o escriptor de que acima fallâmos; a capella mór é visivelmente mais antiga do que o resto da igreja, e por todos considerada como fazendo parte da primitiva obra fundada por Gualdim Paes. O mesmo acontece com o retabulo interno geralmente denominado *charola*, ou nicho de santos, com as capellinhas que o cercão. Ha uma vaga tradição que attribue a primeira destas antiguidades ao primeiro grão mestre dos templarios, em Thomar. A charola é uma especie de relicario de madeira, pôsto em volta da capella mór. A sua elegante e formosa esculptura, os baixos-relevos, pinturas, e douraduras, formão uma peça de admiravel gosto, original, e que enche a alma de admiração. Não temos outro motivo para duvidar da origem que se lhe quer dar, senão a perfeição e delicadesa do trabalho pouco d'acordo; é necessario convir, com o que o seculo era capaz de produsir. — »

O auctor portuguez, insistindo na idéa de que similhante obra podia ser feita no oriente por ordem de Gualdim Paes, convem em que os ornamentos da capella mór são de grande perfeição para poderem suppor-se obra do tempo em que o grão-mestre vivia. A capella mór é exteriormente octagena, e tem na extremidade a forma de uma fortalesa guarnecida de setteiras. O convento de Thomar que encerra além disso vestigios d'arte infinitamente preciosos, foi reedificado em parte no 15.° seculo.

« — Não ha em toda a monarchia portugueza monumento mais nacional e venerando, nem mais proprio para excitar honradas e gloriosas recordações, do que o convento da ordem de Christo em Thomar (1).

(1) Extraido do Panorama, vol. 6.° pag. 43 e segg.
(*O Traductor.*)

« — Quasi nascido em a independencia lusitana, coevo das grandes fundações deste tempo; oriundo da rara perspicacia e patriotica politica do magnanimo rei D. Affonso Henriques; edificado por um dos fortes cavalleiros da sua brilhante escola, e mestre do templo D. Gualdim Paes; cabeça e casa capitular d'aquella milicia famosa, que trouxe da Palestina a alliança da profissão religiosa com a heroismo cavalleiroso; defundido por aquellas torres e invenciveis baluartes do seu castello onde alguns annos depois vierão quebrar-se as armas africanas, e as furias vingativas do Miramolim de Marrocos em pessoa; favorecido dos reis e dos chefes da igreja por seus relevantes serviços; acatado de todas as ordens do estado; querido e procurado da flor da cavallaria portugueza, que se comprazia de habitar dentro de suas paredes; para ser respeitado e venerado de todos, e objecto de gratidão nacional, bastava-lhe a historia de seus primeiros dois seculos de existencia. . . .

« — Entre as ordens famosas de cavallaria que o enthusiasmo religioso e guerreiro dos crusados na Palestina fundárão em Jerusalem por principios do seculo 12.° se distinguiu em valentia militar, e em dedicação cavalleirosa e devota a dos templarios. De pequenos principios, com o instituto, ou antes proposito no começo limitado e restricto de dar escolta e gasalhado aos peregrinos, pouco a pouco estenderão suas tarefas, tornarão-se bellicosos, numerosos e fortes; fizerão soar na Europa dominada então dos mesmos principios a relevancia da sua profissão, e passados annos, no concilio de Troyes, em que assistiu São Bernardo, o zeloso fautor da crusada, se approvou a ordem do templo em o anno de 1128.

« — A fama da generosa valentia, e da vida regular e monastica destes briosos guerreiros não podia deixar de encontrar sympathias no nascente Portugal, resgatado havia pouco do jugo sarraceno. De crer é que o proprio conde Henrique, voltando da Siria, désse as primeiras noticias desta nova creação; o certo porem é que já no go-

verno de sua viuva, a rainha D. Thereja se encontrão templarios estabelecidos no paiz. Parece que a casa principal da ordem então era em Braga; mas tinhão propriedades em varias outras terras da provincia d'Entre Douro e Minho, e a mesma rainha lhes havia doado a villa de Fonte-Arcada de Penafiel, no anno de 1126. — Depois da approvação e confirmação da ordem no anno sobredito de 1128, lá forão os cavalleiros do templo affrontar os mouros na sua mesma fronteira, e guardar o castello de Soure, que aquella princesa, e seu segundo marido D. Fernando de Trava, lhes doarão com o territorio adjacente em terra deserta na Estremadura para o cultivarem e povoarem: e o principe D. Affonso, que nesse mesmo anno havia tomado o governo a sua mãe lhe confirmou a dita doação, declarando na mesma carta da concessão fazer isto — pelo muito amor que tinha aos cavalleiros do templo, e por que era seu confrade.

« — Passárão annos de continuadas guerras, que era o emprego annual do infatigavel principe: conseguira elle levantar o forte castello de Leiria; defendião-lhe os templarios a retaguarda deste posto avançado, e d'ahi em uma noite, acompanhado de 150 bravos aventureiros, em que se contavão alguns d'aquelles, commetteu aquella briosa e admiravel surpresa de Santarem, de que se assenhoreou no anno de 1147. Na marcha desta memoravel jornada no meio das profundas e agras meditações que lhe devião inspirar as difficuldades mesmas da empresa, e os riscos a que se expunha a si, e aos outros, fez voto a Deos de dar aos cavalleiros do Templo, e á sua ordem todos os direitos ecclesiasticos de Santarem se fosse feliz na tentativa. Verificou-se ella venturosissimamente, e os templarios em principio da sua posse entrarão de levantar a igreja de Santa Maria d'Alcaçova, e a cuidar do seu novo estabelecimento, tanto mais querido quanto estava nas fronteiras dos inimigos da cruz. Porem este projecto se desvaneceu annos depois, por que, restaurada Lisboa em 1147, o bispo D. Gilber-

to reclamou a integridade de seus direitos diocesanos, disputou Santarem aos templarios, e seguiu-se encarniçado litigio, que durou muito tempo. Ainda nisto achou o cuidadoso e prudente monarcha arbitrio para resalvar os primores da sua palavra real, e concordando os dissidentes substituiu por outra mais ampla a doação controvertida: fez com que os freires desistissem de Santarem, conservando apenas, por memoria a igreja de Santiago, e deou-lhes o castello de Ceras com largo territorio adjacente. Já por este tempo era mestre do templo o famoso D. Gualdim, o qual partindo com os seus freires ao dito castello, e achando-o mal collocado para os fins da instituição da ordem, entrou de levantar outro em Thomar, ponto central, e mais accommodado para a povoação e defesa de seus vastos dominios. As circumstancias do local com effeito demonstrão a sabedoria d'aquella prefereincia. Uma concha ou enseada, abrigada de montes com sufficiente capacidade, regada pelas placidas e cristalinas agoas do Nabão, era ali azada para com a boa povoação: um padrasto que ali visinho n'uma das extremidades da concha se elevava alcantilado, convidava a coroa-lo com forte castello; e as mesmas tradicções religiosas do sitio o fazião venerando, e reclamavão a restauração do culto catholico. Fora ali o nascimento e o martyrio de Santa Iria: existia o celebrado pego em que seu corpo foi arrojado á corrente; e em Santa Maria dos Olivaes existiria talvez ainda algum resto do templo antigo, e do mosteiro de monges benedictinos que o habitavão desde os tempos gothicos. D. Gualdim fez reparar a igreja que dedicou para os officios religiosos de seus freires ali conventuaes, e edificou para defesa de todos o fortissimo castello com suas torres e muralhas, que ainda hoje se observão em pé, e quasi direitos atravez de quasi sete seculos porque nas ameias de seus baluartes estiverão sempre esculpidas ou talhadas as cruses victoriosas de duas ordens venerandas.

« — Construido o castello de Thomar, e restaurada a

igreja de Santa Maria dos Maria dos Olivaes ali ficou sendo a casa capitular, e cabeça da ordem do templo; e esta teve, no decurso do reinado de D. Affouso I, um incremento e preponderancia admiravel. Os creditos e serviços dos cavalleiros, e a relevancia da pessoa do seu chefe, acarretarão-lhe doações, privilegios, e senhorios de castellos, villas, e territorios que seria longo enumerar. Na provincia da Extremadura sómente teve a ordem do templo, até o anno de 1184 em que falleceu aquelle soberano, os castellos seguintes e suas dependencias: — Soure, Ega, Redinha, e Pombal, resultado das primeiras doações da rainha D. Thereja: e de seu augusto filho, Thomar, Ceras, Zezere, e Almourol; de maneira que aos denodados cavalleiros do templo, como que estáva confiada a guarda e defesa da Estremadura, tendo estes na mão as chaves de duas portas por onde nella podião penetrar os mouros; uma sobre o Zezere, para os que viessem da Beira baixa e a do Tejo em Almourol aos que da Andalusia penetrassem pela provincia do Alemtejo. Uma só prova entre muitas que poderiamos apontar, decide da grande confiança d'aquelle mesmo soberano em os cavalleiros do templo; e foi ella dada em occâsião especial. Havia a fortuna uma só vez voltado as costas ao venturoso monarcha: um accidente imprevisto, ao sair a porta de Badajoz, lhe fez perder uma batalha e a liberdade, ficando prisioneiro de seu sobrinho D. Fernando de Leão. Conduzido mal ferido a Avila, ahi negociou a paz, e veiu pouco depois fazer uso das Caldas de Lafões, em curativo de sua molestia. Era este lento e demorado, e ficavam ao incansavel soberano os cuidados da defesa do Alemtejo, da guerra que por aquelle lado era forçoso sustentar: lembrou-se dos valentes templarios de Thomar, e chamando o mestre D. Gualdim encarregou-o, e á sua ordem de defensa d'aquella provincia, e do proseguimento da guerra, dando e doando desde logo á mesma ordem a terça parte de tudo quanto se ganhasse, e estendesse para aquelle lado. Esta notavel doação foi feita e

assignada nas ditas Caldas de Lafões, em setembro de 1169.....

« — Conforme os votos do soberano portuguez, e os motivos da creação da ordem de Christo, se estabeleceu no começo a sede e cabeça della na praça e castello de Castro-Marim, onde é de suppor que residira o primeiro mestre della, D. Gil Martins, com a flor dos cavalleiros aptos para a guerra. No governo deste e de seus successores D. João Lourenço, D. Martim Gonsalves Leitão, D. Estevão Gonsalves, e D. Rodrigo Annes, é provavel que não houvesse alteração nesta disposição, e que o castello e convento de Santo Christo estivesse regido por um commendador-mór, que era o primeiro em graduação de toda a ordem, depois do mestre. Em tempo, porém, d'elrei D. Pedro I, ou fosse que o enfraquecimento dos mouros na peninsula, limitados ao reino de Granada, e as excursões maritimas dos de Barberia fossem já menos temiveis, ou em fim por outras causas que ignoramos, voltou a residir em Thomar no anno de 1356 o mestre da ordem D. Nuno Rodrigues, pessoa de grande consideração e valimento para com o mesmo soberano; e d'ahi em diante até nossos dias ficou sendo constantemente a mesma casa de Thomar, cabeça e baliado de toda a ordem de Christo.

Succedeu a D. Nuno Rodrigues, D. Lopo Dias de Sousa, sobrinho da rainha D. Leonor, em tempos d'elrei D. Fernando, o qual governou a ordem por espaço de 46 annos. No convento e castello de Thomar se achava elle quando ahi passou o infante D. João, com a tenção sinistra de matar-lhe a mãe em Coimbra, e d'ahi lhe expediu inutilmente aviso o dito mestre, como contão nossos chronistas. Ahi mesmo residia, quando de volta d'Abrantes descia para a jornada de Aljubarrota o condestavel, e logo depois elrei D. João I; com quanto a obscuridade da epocha, interesses, e embates de partidos o contivessem então n'uma especie de observação e neutralidade armada, é certo que debatidos, declarados, e definidos os direitos nacionaes, que po-

seram a corôa na cabeça do illustre mestre d'Aviz, o mesmo D. Lopo não somente se decidiu com toda a ordem de Christo a favor da nova dynastia, apesar de ser elle mesmo ramo da antecedente, ligado por interesse de familia á rainha de Castella, mas ajudou grandemente a restauração do reino, pondo-se em campo, combatendo o partido castelhano, até ficar prisioneiro na infeliz tentativa de Torres Novas

« — Por morte do D. Lopo foi nomeado e provido o inclito e venturoso infante D. Henrique, a quem elrei quiz premiar deste modo as façanhas de Ceuta, ganhadas quasi por elle sómente... Este foi mais que todos zeloso da conservação, augmento, e reformação da ordem (diz um escriptor das cousas della): com a sua industria abriu as portas á navegação e commercio do grande oceano, nunca d'antes navegado, e manifestou o nome e fé de Jesus Christo aos povos e gentes de tantas e tão remotas ilhas, e terras por elle descobertas; e applicando as rendas dellas, e de tudo o que se descobriu da barra de Lisboa para fóra, a esta ordem de Christo no espiritual por bullas appostolicas, e consentimento dos reis. — E, com effeito, ainda que o animo grande e emprehendedor do infante, os conhecimentos especiaes que tinha das mathematicas e da comosgraphia, e o amor, emfim, da sciencia, o levassem para aquellas emprezas novas dos descobrimentos maritimos e terrestres, é certo, comtudo, que estes desejos e determinações assentavão solidamente nos principios da sua moral, o nos deveres annexos á sua qualidade de mestre da ordem de Christo; assim o indicão os escriptores contemporaneos, e os outros que se lhe seguírão; a saber: Fernão Lopes Azurara, Azinheira, e João de Barros. Porém nas bullas confirmativas diz só: — confirmamos e approvâmos a doação feita de todas as terras descobertas e por descobrir (no espiritual) á ordem de Christo, *com cujos rendimentos, dizia o infante ter adquerido taes descobrimentos.* —

« — Não forão, porém, sómente os rendimentos da ordem, e os deveres e encargos como mestre, que já apon-

támos, os instrumentos dessas conquistas, pois é sem duvida que em muitas occasiões a ellas respectivas achámos figurando os cavalleiros e dignatarios da mesma ordem. Quando o infante mandou, no anno de 1443 um emissario ao papa Martinho V, supplicando-lhe a indulgencia da cruzada pàra os portuguezes que morressem nos descobrimentos, enviou, diz Azurara na chronica de Guiné, um honrado cavalleiro da ordem de Christo, que chamavão Fernão Lopes de Andrade, homem de grande conselho e authoridade. — Quando mandou povoar as ilhas dos Açores commetteu essa importante commissão a Gonçalo Velho, commendador d'Almourol, homem experimentado e famoso nas guerras africanas; e quando recebera jubiloso e triumphante o seu atrevido navegador Antão Gonçalves, o primeiro que trouxe ao reino negros de Guiné, e outros productos de mercancia d'aquellas paragens. — O infante, diz o mesmo chronista, como principe tão generoso que era, promoveu o afortunado Gonçalves com a commenda e castellanía de Thomar. — Finalmente, quando o mesmo áuctor refere a expedição das caravellas do Algarve, que juntas ás do infante saírão da bahia de Lagos, commandados por cavalleiros de grande consideração, como erão Eannes da Grã, Alvaro Gil, Mafaldo, e outros, accrescenta: — os quaes postas as bandeiras da ordem de Christo nos seus navios, fizerão sua via, caminho de Cabo-branco.

« — Retrocedamos porem um pouco. Depois que o infante D. Henrique foi provido no mestrado da ordem de Christo em 1417, devemos suppôr que viria residir em Thomar, cabeça da mesma ordem, e supposto que desde o anno de 1419, depois da sua segunda jornada a Ceuta, elle tivesse a peito os descobrimentos da costa occidental d'Africa não nos parece comtudo que elle se afastasse do seu mestrado senão annos depois ahi por volta do anno 1421 em que começárão suas tentativas annuaes, que durarão sem resultado até ao anno 1433, em o qual o seu creado Gil Eannes passou o cabo Bojador. — Desde o anno

1437 em que porém lhe aconteceu e a seu irmão, o infante D. Fernando o desastre de Tangere, desgostoso, e retirado viveu habitualmente no Algarve dedicado quasi exclusivamente aos negocios maritimos. Nesta empresa, que os successos prosperos forão coroando; empregava o infante D. Henrique, além das suas rendas proprias, que erão consideraveis, os rendimentos da ordem de Christo, como deixamos demonstrado; por que quasi por amor della se fazião as conquistas, e para sua gloria e proveito se estabelecião as igrejas e colonias catholicas d'além mar. Se o mesmo infante alcançou para a dita ordem a maior influencia e dominação espiritual de que ha exemplo na historia das corporações religiosas, tambem se não descuidou de augmenta-la, e engrandecê-la igualmente nas construcções e fundações materiaes. A igreja e convento de Santa Maria de Rastello em Belem, onde como com um pé sobre os mares collocou alguns freires de Christo, e os dois claustros que o chronista Azurara na chronica já citada aponta feitos em Thomar, são boa prova da sollicitude do mesmo infante. Até o anno porem de 1449, era só por costume e tolerancia que o convento de Christo estava sendo cabeça da ordem; pois que foi sómente nesse anno que, a petição do mesmo infante D. Henrique, commetteu o papa Eugenio IV ao bispo de Vizeu D. João a reforma da ordem, a que effectivamente procedeu d'acordo com o infante; e por elle se fixou definitivamente ahi a casa mestral e capitular.

« — Seguiu-se a este afortunado regimen de mais de 40 annos, o de seu sobrinho, o infante D. Fernando, o qual, seguindo em tudo as pisadas de seu tio, regeu com muita prudencia e zelo a ordem, e fundou nas ilhas muitas igrejas filiaes della. Governou-a dez annos, pois falleceu ainda moço.

« — Foi nomeado depois deste seu filho D. Diogo, duque de Vizeu; e é curioso saber-se que, sendo ainda menino ao tempo da sua promoção obteve sua mãe, a in-

fanta D. Beatriz, bulla apostolica para gosar e administrar o mestrado durante a menoridade do filho.

« — Succedeu-lhe seu irmão D. Manoel, duque de Beja, e o conservou não só antes, mas ainda depois de ser rei destes reinos. Este soberano, assim como nos descobrimentos e conquistas foi o emulo e imitador feliz do seu inclito tio, o infante D. Henrique, da mesma sorte levado do amor e zelo que teve pela ordem de Christo a augmentou, engrandeceu, e elevou a um grande esplendor nunca mais visto, nem imitado. As conquistas do oriente continuarão, assim como o havião sido as das costas d'Africa, a serem feitas com os antigos direitos, instituto, e vocação primitiva da ordem de Christo, e sob os auspicios da sua bandeira, como nos testificão, Barros, e Couto nas suas decadas. As rendas avultadissimas da mesma ordem, de que dispunha o mesmo soberano, lhe facilitavão em grande parte o preparativo de suas frotas, e a recompensa devida aos seus melhores servidores. Eis como se explica um dos escriptores da ordem. — Este rei, além de muitos templos que fez em reconhecimento das graças obtidas, ampliou e accrescentou grandemente a ordem de que era mestre: impetrou do papa Leão X a creação das commendas novas, assim como outras que instituiu nas rendas e direitos do proprio mestrado havendo, que assim como as rendas delle por mercê de Deos ião em grande crescimento, era tambem devido por seu louvor em reconhecimento de seus grandes beneficios a esta ordem feitos, accrescentá-la n'aquellas cousas em que os cavalleiros, que bem servissem na guerra dos infieis recebessem os premios e galardões devidos a seus trabalhos; e com este intento creou nas rendas da mesa mestral trinta commendas e habitos, para os cavalleiros moradores em Africa, além de muitas cavallarias aos ditos logares ordenadas; creou e dotou a commenda de Santa Maria d'Africa, Arguim, e outras em diversas ilhas, nos dizimos dellas, que são do mestrado.

« — Por differentes vezes esteve elrei D. Manoel no

seu convento de Thomar, no largo periodo de 37 annos, que regeu a ordem de Christo: celebrou ahi, por differentes vezes capitulos geraes, sendo de todos o mais importante o do anno de 1503, em que fez proceder aos estatutos e definições pelas quaes a ordem se ficou regendo, e que em pequenos pontos sómente depois forão reformados nos reinados seguintes. A residencía que fez por vezes no convento de Thomar lhe proporcionou o mostrar ahi aquelle genio edificador, de que ha permanentes signaes nas espheras plantadas em quasi todas as cidades, e em muitas villas do reino; mas de suas construcções fallaremos adiante.

« — D. João III foi o ultimo mestre particular da ordem, por que no seu tempo a politica lhe suggeriu a idéa de encorporar perpetuamente na coroa o governo e administração dos mestrados das trez ordens militares, obtida do papa Julio III, no anno de 1551. Mas este soberano foi tambem em pessoa ao convento de Thomar em 1523; e em capitulo, ou com auctorisação deste reformou o modo de vida dos freires conventuaes, tornando os de clerigos regulares em religiosos de coguia; para que convocou pessoas de grande conceito em saber e virtude, e mandou fazer, diz o já citado escriptor, dormitorio, refeitorio, casa de noviços, claustros, e mais officinas, de cuja grandesa e perfeição dão ellas mesmas de si testemunho. Foi este mesmo soberano que creou o tribunal da meza das ordens. . . .

« — Elrei D. Sebastião, diz o mesmo escriptor, pela muita affeição que tinha á cruz de Christo tomou o habito della no mosteiro do cabo de São Vicente, no Algarve, no anno de 1573, e d'ahi por diante sempre foi visto trazer ao peito sobre suas vestidúras reaes, e mesmo sobre as armas, uma cruz grande da ordem de Christo; e com ella assistiu ao capitulo geral, que nesse mesmo anno celebrou em Santa Maria de Maravilla em Santarem.

« — O cardeal rei teve pouco tempo de reinado, porém assim mesmo se não descuidou inteiramente das cou-

sas da ordem, e parecendo-lhe que o breviario romano reformado, era mais accomodado para uso dos religiosos conventuaes, e para o culto das igrejas, o fez substituir ao breviario cistercense, de que se servião havia mais de 200 annos.

« — Os Filippes de Castella se mostrárão zelosos e affeiçoados á milicia de Christo. O primeiro começou a entender na reforma della, o segundo a continuou, e vindo a este reino, no anno de 1619, pouco depois partiu para Thomar, fez proceder a capitulo geral, em que presidiu, concluindo-se ahi em trez dias, desde 16 a 18 de outubro do mesmo anno, os estatutos por onde se ficou regendo a ordem de Christo até os nossos dias. Deste mesmo soberano são dois famosos e magnificos monumentos da mesma casa o claustro ainda hoje chamado dos Filippes, e o grandioso acqueducto do convento.

« — Elrei D. João IV revalidou e confirmou os estatutos sobreditos, e mando-os imprimir para serem conhecidos do publico.

« — D. Pedro II deu grande consideração á ordem de Christo, e como teve de nomear muitos bispos, contemplou os religiosos de Thomar promovendo-os em muitos dos bispados do ultramar. Já no seu tempo estavão mudadas as cousas, por que exigindo-se até então, para entrar na cavallaria da ordem a prova de nobresa de quatro avós, ou declaração da quebra, quando entravão por dispensa, este soberano ordenou que tal declaração se não fizesse. No decurso deste reinado ahi se alojou o archiduque d'Austria, depois imperador d'Alemanha, Carlos VI, quando voltava com elrei D. Pedro da campanha da Beira, em 1704.

« — Elrei D. João V em 1714 quiz em pessoa visitar o convento de Thomar, e elle e toda a sua faustosa comitiva ahi se alojou, na qual entravão os infantes seus irmãos, D. Antonio, e D. Manoel, o cardeal da Cunha, e muitos outros grandes, e fidalgos da corte.

« — Desde então, até os tempos mais proximos de nós continuou o convento de Christo a ser casa conventual dos freires, mas em visivel e progressivo deperecimento, resultante de diversas causas, e da differença dos tempos e dos costumes. A chamada reforma que ali foi fazer o principal Castro em logar de suspender ou retardar, accelerou esta tendencia descendente. O convento, privado de seus religiosos, e de seus antigos direitos de clausula monastica, que desde os tempos de D. João III lhe assegurava perpetuidade, perdeu tambem muito da affeição e apego habitual dos freires; e, forçoso é dizê-lo, estes acudião já remissos, e a custo, a reparar e conservar a sua vastissima morada. O flagello da guerra veiu cair com todo o pezo de uma devastação vandalica desde outubro de 1810, até março de 1811 sobre o convento de Christo, despejado de seus habitadores; e os estragos tornárão-se em parte irreparaveis: lá pereceu a maior porção de preciosas antiguidades do seu archivo, arderão as cadeiras do côro, obra primorosa d'elrei D. Manoel, e se a sollicitude e o interesse das freiras na sua volta se não tivesse empregado com zelo e briosa perseverança, em limpar e reparar as deturpações infligidas, como de proposito, áquella casa, então terminarião já de todo suas funcções. Terminárão ellas, com effeito 23 annos mais tarde; e como terminárão? — Que cautelas, que medidas se tomárão para preservar e defender aquella casa contra os latrocinios e incursões de uma cobiça estupida e brutal? Aqui explicaremos sómente n'um sentido inverso o que dizia um grande e desconsolado capitão portuguez no leito da morte: — A India fallará por si, e por mim. —

« — Esta grandiosa e vastissima casa, compunha-se de 3 partes distinctas: 1.ª o convento propriamente dito com sua igreja, claustros, dormitorios, e officinas adquadas a uma grande casa regular; 2.ª o castello com sua cerca e baluartes; 3.ª a quinta ou cerca murada do convento, e poder-se-hia accrescentar uma 4.ª o famoso aqueduvol. IV. 38

cto começado de ordem de Filippe II de Castella, em 1595 e concluido por seu filho Filippe III em 1613, condusindo a agoa desde uma legoa de distancia além do sitio chamado dos Pégões; obra que talvez servisse de modelo aos arcos das agoas livres de Lisboa. E por esta occasião observaremos de passagem que a usurpação dos Filippes devia ter encontrado alguma sympathia no convento de Christo; por que não só foi esta casa preferida para as cortes, que ali sanccionárão, ou ao menos se accommodarão com a dominação castelhana, mas engrandecida com duas soberbas fundações, a saber o grande e magnifico claustro, ainda hoje denominado dos Filippes, e o grandioso aqueducto de que fallâmos. Deferencia e distincção está sustentada de páe a filho, por que Filippe III, seguindo as inclinações de seu antecessor, ahi foi residir algum tempo, como já dissemos; ahi celebrou capitulo geral, e organisou os estatutos e definições da ordem. Não sirva, porem, a nossa conjectura de desdouro áquella casa, por que outra muito boa gente mostrou n'aquelle apuro de circumstancias, melhor vontade e adhesão á sisudesa e severidade civil e religiosa do maior soberano do seu tempo, de que as travessuras e inclinações livres de D. Antonio, prior do Crato. D. Frei Bartholomeu dos Martyres, e D. Jeronimo Osorio, com todo o seu grande merito não forão por isso menos acoimados de Filippistas.

« — Duas mui differentes e distinctas construcções se observão nesta igreja: a capella mór é visivelmente mais antiga que todo o resto. Esta vulgarmente se tem como obra da primitiva fundação de D. Gualdim Paes, assim como o retabulo interior, a que chamão charola, e as capellinhas que a rodeão. O resto da igreja desde o arco da capella-mor é certamente do tempo d'elrei D. Manoel, tanto interior, como exteriormente. Uma vaga tradicção com effeito tem consagrado a opinião que attribue aquella primorosa antigualha ao primeiro mestre dos templarios em Thomar. E' a dita charola uma especie de capella de ma-

deira collocada em volta do altar-mór, como tabernaculo vasado, elevado, e acabado em ponta, em forma de pavilhão arabe. Sua airosa e elegante estructura; seus relevos, pinturas, e dourados, formando uma especie de rendilhado de gosto oriental, a tornão obra de primor admiravel, e de uma originalidade que infunde veneração. Nós não temos outra razão para engeitar-lhe a origem senão o ser obra perfeita e delicada, pouco de acordo com o estado das artes por meio do seculo XII: entretanto occorre-nos uma lembrança, e é que havendo militado na Syria e Palestina, por alguns annos, o dito D. Gualdim, bem poderia trazer ou mandar construir ahi aquelle tabernaculo para offerecer á ordem do Templo em Portugal, a que pertencia: e com effeito, não só a apparencia, mas o genero da sua construcção, e o fino e acabado de seus ornatos querem persuadir ser obra do oriente, muito mais adiantado nas artes então do que o occidente.

« — Igual conceito, porem nos não inspirão as demais construcções da capella-mór, as quaes não podendo ter a mesma origem estrangeira, são comtudo demasiadamente bellas e acabadas para as reputarmos de uma data tão remota. A forma da capella exteriormente é octogena e termina em forma de terrado de castello, ou fortaleza com sua guarda ou parapeito guarnecido d'ameias, o que lhe dá uma apparencia classica e veneranda: octogena igualmente é a sobredita charola, de maneira que devemos suppor que uma foi talhada para se acordar com a outra. Nas pequeninas capellas, e nos intervallos dellas em volta da charora, nos disserão terem estado alguns mui bellos paineis, e até me fallarão de um de Raphael: nós já não achamos senão o sitio d'onde forão deslocados. O corpo principal da igreja, assim como o côro, as portadas, e os ornatos exteriores, tudo é obra d'elrei D. Manoel; o qual tendo provavelmente achado mui pequeno e acanhado o ambito da igreja primitiva, a quiz accrescentar. Infeliz, porem, como os espiritos do magnanimo monarcha tinhão de ser ali

reduzidos e apanhados, para que o todo se accommodasse com a antiga construcção conservada, ficou sendo remendo mal servido, e a igreja desagradavel sem graça nem proporção. O coro onde o mesmo soberano mandou collocar aquellas famosas cadeiras de madeira oriental, queimadas pelos francezes em 1810, ficou n'uma posição tão desengraçada, que nem é coro de cima nem coro de baixo, e faz uma figura repugnante. Se porem a igreja accrescentada d'elrei D. Manoel nada tem de bello por dentro o contrario acontece pelo lado de fóra, em que o luxo da arte a enriqueceu de curiosa elegancia e magnificencia. As duas janellas ou frestas lateraes, destinadas a dar luz são admiraveis de lavor em alto e vasado relevo; descrevendo-se em volta de todo o ambito dellas um grosso cordão de fina cantaria lavrada, entresachada de flores e grandes laçadas, formadas com as pontas do mesmo, o que faz um bello effeito. Em torno dos angulos da fachada estão quatro estatuas feitas da mesma pedra de cantaría da igreja, representando guerreiros com casco e saias de malha, tendo cada um delles pendentes da mão um escudete sem divisa, nem emblema, que nos podesse indicar o que figurão: verosimilmente quizerão ahi representar algumas personagens distinctas e notaveis da casa, ou templarios, ou da ordem de Christo. O tempo já tombou para o lado uma das ditas estatuas, que por um acaso feliz encontrou na sua queda um apoio na parede ahi proxima, que a está amparando por agora.

« — Os claustros desta grande e magnifica casa não são menos de oito, e alguns delles de um gosto e sumptuosidade admiraveis. Parece que todos os principes e soberanos, que ahi forão quizerão na qualidade de mestres da ordem rívalisar entre si, e perpetuar a memoria da consideração e amor que tiverão a esta casa, por meio de uma bella fundação. Procedâmos, porem, chronologicamente, e quando as noticias nos faltarem, substituiremos nossas conjecturas, fundadas no calculo artistico das construcções mesmas. O

1.° claustro na ordem da sua antiguidade, é visivelmente o que está á igreja pelo lado do norte e nascente, quasi no mesmo pavimento della: pequeno no seu ambito, arcada, e abobada achatada, tosca, e mal lavrada a cantaria, sem ornato algum. Parece-nos. por tanto que é o claustrosinho da primitiva, coevo com a fundação do castello, e proprio para aquelles começos de casa regular n'aquelle sitio; construcção solida, mas rude e acanhada, qual se usava n'aquella epocha. Do mesmo tempo nos pareceu tambem ser outra construcção para o lado do sudoeste com entrada no pateo da porta do Cano: é uma especie de galeria quasi quadrangular sustentada em pilares, e por cima d'abobada igualmente achatada, representando como uma casa de capitulo: mui bem construido devia ser, pois que ha muitos annos, segundo nos disserão, ahi chove dos terrados e varandas superiores sobre as abobadas, e não teem signal de ruina. O convento por esse lado, e pelo do meio dia em frente da horta, ou jardim proximo, é apparentemente antiquissimo: janellas pequeninas partidas ao meio, sustentadas por columnasinhas delgadas; as varandas, que conservarão apesar da elevação que derão ao edificio, apresentão a mesma apparencia de construcção vetusta, são da mesma architectura, e as suppomos, ou da primitiva, ou pelo menos anteriores á ordem de Christo. E' notavel porem que toda essa cantaria é de tão fina e boa pedra, que ostenta ainda aquella côr de lindo amarello tostado, que admirâmos na igreja e convento da Batalha.

« — Ao dito claustrosinho que dissemos seguem-se os dois outros, a que não podêmos assignalar a origem: presumo serem já dos tempos da ordem de Christo, porem anteriores á epocha de D. João I, em que a architectura muito se aprefeiçoou. O 4.° e 5.° são obras do infante D. Henrique, [os mesmos de que nos dá noticia Azurara, e que em si mesmos indicão epocha melhorada d'arte. Um delles está em estado de ruina, porque lhe vimos em parte quasi descoberta a arcada e columnata superior, e julgâ-

mos que desde muito annos está condemnado a um quasi total desuso; o outro mais central é de peqnena dimensão, mas de forma agradavel e perfeita, genero gothico, de cantaria fina e bella. O 6.° claustro é do tempo d'elrei D. Manoel: o 7.° d'elrei D. João III, e este ficou sem o seu completo acabamento: é vasto, mas sem graça, nem bellesa, e nelle se lê, no lado de noroeste uma inscripção que declara o seu fundador. O 8.° finalmente, é dos Filippes, obra verdadeiramente grandiosa, e de um genero novo, que seria longo descrever: este era no tempo dos freires conventuaes o claustro favorito por onde passava a procissão de Corpus Christi, e outras nas grandes solemnidades da casa.

« — Já se vê que os dormitorios, casa de capitulo, refeitorios, casa de noviços e quartos do prior-mór, hospedarias, e mais officinas do convento, obra pela maior parte d'elrei D. João III devião ser conformes e adequados á capacidade de uma casa em que cabião oito claustros. Alguns destes tomarão o nome das officinas ahi proximas; e os designão ainda agora por ellas, chamando a um o claustro da casa, a outro o da botica, a outro o das cosinhas etc.

« — A fachada, ou frente do convento se estende em longo espaço, prolongando-se pela estrada, que por esse lado dá entrada á villa de Thomar; é vasta e tem seu ar de grandesa pelas altas janellas de sacada, e varandas nos angulos do edificio, donde se gosa um ponto de vista admiravel, principalmente ao norte e nascente: sua architectura, porem, não é symetrica e regular, resentindo-se o edificio na sua totalidade, de haver sido construido por partes, e em differentissimas epochas. Pelo lado da cerca, em que este vasto paralello-gramo olha ao nascente e meio dia, a prespectiva infunde maior interesse, porque estão ahi quasi reunidas, e como amolgamadas as diversas peças de architectura: porque na base dessa fachada se observão as muralhas solidissimas da meia idade com sua cantaria grossa, e negra do tempo: sobre ella as pequinissimas janellas, frestas e varandins da joventude da casa ainda templaria, ou

dos primeiros tempos da ordem de Christo: mais acima as largas e altas janellas d'um tempo mais proximo, seculo 16.°, e por ultimo, e como coroa, a cimalha de aqueducto do seculo seguinte, que forma uma especie de parapeito acastellado terminando elle mesmo n'um vendilhado de pyramides com a cruz de Christo em cima. E aqui devemos notar o partido sabio e discreto que o architecto soube tirar da mesma construcção, e direcção do aqueducto; por que encostando-o com suas arcadas á fachada do convento não só deu a este um apoio e segurança incalculaveis, mas até o enbelesou muito não só com o symetrico dos arcos por entre os quaes vão saindo frestas e janellas, mas com o remate engraçado e elegante da sua simalha e pyramides. Ahi nos disserão que esta parte do aqueducto tem sido o enlevo de curiosos e artistas, alguns dos quaes, admirando-a a desenharão.

« — A casa do capitulo, e refeitorio são construcções solidas e regulares porem menos vastas do que se deveria esperar de uma casa, cabeça de uma ordem de tal vulto e preponderancia como a de Christo: a primeira das duas, principalmente, nos pareceu pequena, e em nenhuma maneira capaz de conter a reunião dos estados do reino nas cortes de Fillippe II. Nós não estâmos decididos a crer que ahi precisamente fossem celebradas: entretanto a tradição universal da villa de Thomar, onde talvez a recebeu o padre Carvalho na sua corographia, assevera que effectivamente tiverão logar na casa do capitulo. ElRei D. Manoel já havia sentido a pouca capacidade da antiga, porque deu principio a outra que seria digna e grandiosa se acabada fosse: o que della está feito se conserva ha mais de trez seculos exposto ao tempo com uma tenacidade estupenda. — No topo della se vê ainda o grande nicho, ou pavilhão de cantaria lavrada que verosimilmente devia servir para throno de reis, ou para collocar a cadeira do mestre da ordem, que tudo era o mesmo. O trabalho e despesa desta construcção gigante só podem ser avaliados por quem for

ali contemplar a solidez do edificio, a sua altura, a perfeição, o luxo de seus ornatos, e mais que tudo o despenhado do local, que devia tornar summamente difficil o trabalho dos operarios, e a conducção dos materiaes.

« — O castello de Thomar, com sua alcaçova, torreões, baluartes, e cerca respectiva, que forma o angulo saliente do convento de Christo para o lado do norte e nascente é tudo obra do mestre do templo D. Gualdim Paes. Com sua admiravel sagacidade aproveitou elle um morro alcantilado, de difficilimo accesso, desde o nordeste até ao meio dia; sendo menos ingreme, porém elevado o terreno pelo noreeste e sul. A cerca ou muralha exterior do castello abrangia largo espaço até á primeira, isto é, até ás muralhas, que cercavão proximamente as torres do castello. Desde que cessárão as contingencias d'invasões inimigas o espaço comprehendido entre a 1.ª e a 2.ª cerca foi convertido sensatamente pelos religiosos em muito bons pomares, em hortas, e vinhas que tudo ahi produsia admiravelmente por terem uma exposição vantajosa, e poderem ser regadas em todos os pontos, por meio de conductos e tanques que ahi se vêem ainda, porque a agua do acqueducto chegava á maior altura do convento, serpentava discorrendo por todas as officinas e dormitorios, e até alguns dos religiosos gosavão della nos seus jardins e alegretes particulares nos varandins e terrados d'algumas cellas. As muralhas e baluartes erão fortes, porque existem ainda hoje os da primitiva, á excepção da parte superior dos mesmos, que é visivelmente de data mais recente, o que se conhece até pelo máu gosto de a rebocarem de cal. N'alguns dos ditos baluartes abrirão as freiras varandas e janellas d'onde gosavão uma vista deliciosa sobre a villa, ahi tão proxima, que se podem reconhecer as figuras dos passeantes, e sobre as hortas e veigas d'aquella formosa concha, e pelo ameno valle abaixo, partido ao meio pelo rio Nabão, desde a quinta da Granja, até ao logar de Santa-Cita, espaço de duas legoas. Uma observação curiosa que occorre naturalmente a

todos os que sáem a gosar d'aquelle excellente ponto de vista, é que todas as ruas principaes da villa estão alinhadas pelo convento, de modo que os olhos dos espectadores não achão embaraço algum, e penetrão pelo meio das ruas até ao rio, e ainda além no bairro de Santa Iria: prova manifesta da preponderancia d'aquella casa e castello, de que a mesma villa foi uma emanação e dependencia.

« — Outra curiosidade que dá logo nos olhos dos que visitão o convento de Thomar, é o luxo das cruzes ali plantadas em todas as construcções; no alto das portas d'entrada, no aqueducto, nos chafarizes, nos portões do serviço, na cerca, no alto das capellas, nos passadiços, em toda a parte, em fim de modo que actualmente, quando a incuria e desmaselo indesculpavel deixou entrar e devassar ali o genio destruidor, se observão a cada passo, jazendo por terra, algumas d'aquellas cruzes, umas inteiras, outras despedaçadas. Até as setteiras abertas no alto dos muros e dos baluartes erão e são em forma de cruz, como querendo indicar aos mouros que da mesma cruz saião lançadas e arremeçadas as settas contra os que, por um sentimento inseparavel de sua crença religiosa são perpetuos adversarios d'aquelle signal do christianismo.

« — No recinto interior do castello existia uma boa capella de Santa Catharina, de longo tempo arruinada, e mostrando na sua construcção ser talvez coeva com a fundação do castello. Lembramos que aquella santa era do Egypto, e ahi padeceu martyrio. O seu nome se tornou celebre e venerando no oriente; e como o mestre D. Gualdim militou por alguns annos na Syria, de crer é que d'ahi trouxesse a devoção á santa; da mesma forma que a tradicção lhe attribue a importação de uma preciosa reliquia de São Gregorio Narianzeno, de que não temos outra noticia.

« — A cerca murada do convento é vasta, mas de difficil e dispendioso amanho; ella comprehende, segundo ali nos disserão sete colinas; no meio das quaes se forma um profundo valle, unica porção de terreno susceptivel de

mimosa producção: todo o resto são encostas ingremes e bravas, que a perseverança das freiras chegou a cobrir de vinhas e oliveiras.

« — Do famoso acqueducto já dissemos alguma coisa: conduz elle duas fortes nascentes d'agoa de quasi uma legoa de distancia; como o terreno que tinha d'atravessar era intercortado de montes e valles, se descobrem em muitos logares e suas formosas arcadas sendo as mais bellas as que se aproximão do convento em consideravel altura, e mais estupendas as do sitio dos Pegões, onde foi preciso formar duas ordens de arcos para vencer a profundeza do valle: ahi está uma arca d'agoa magnifica com uma inscripção lapidar que indica os seus fundadores. A tradição repetida pelo padre Carvalho na sua corographia diz que esta obra custára sessenta mil crusados.

« — Desta rapida e imperfeita noticia já nossos leitores podem formar algum conceito desta formosa e magnifica fabrica, tanto na ordem moral como na physica. Quanto a esta, mal se poderá fazer idéa adequada sem a ver de perto; e percorrê-la é um labyrintho, um largo e agradavel grupo de edificios e construcções variadas, successivas, ou amalgamadas, formando uma vista tão vasta como a de Thomar. No tempo da guerra peninsular se aquartelarão algumas vezes ahi trez regimentos, e não embaraçavão os freires em seu alojamento e obrigações; como que desapparecião na vastidão do recinto. As torres e muralhas do seu elevado castello conferem a este todo um ar de nobresa, e grandesa classica, que prende a attenção e realça o interesse.

« — A ordem da milicia de Christo existe, porque existem grã-cruzes, commendadores, cavalleiros, e os reis de Portugal se presão, sem duvida, de serem governadores e perpetuos administradores da ordem: o que foi extincto unicamente forão os freires conventuaes, ou antes a conventualidade e regularidade, dos freires. Subsiste pois a ordem de Christo, e esta por seu interesse, por sua honra,

e pondunor nacional deve com empenho, procurar o reparo e conservação da casa cabeça da ordem de Christo; a que estão ligadas illustres e gloriosas recordações. Se o governo, tendo muito a que acudir se não poder encarregar desta tarefa recahe ella naturalmente sobre a associação dos grão-cruzes, commendadores e cavalleiros, em todas as partes do mundo, em que existirem como socios e confrades della, pelo facto da sua profissão, e mesmo pelo de trazerem e se honrarem com a insignia da ordem.

« — Trez arbitrios nos occorrem para esta empresa, que nenhum homem de coração portuguez deixará de reputar bella e honrada.

« — 1.° — Transferir-se para aquella casa alguma instituição util, como um seminario, um collegio d'educação, ou outro qualquer instituto, composto de individuos e rendimento capaz de conservar tão grande fabrica. A famosa abbadia de São Diniz em França está hoje convertida em casa d'educação das filhas dos officiaes da legião de honra.

« — 2.° — Restabelecer-se em certo modo aquella imposição antiga, que pagavão para a fabrica do convento de Christo todos os beneficiados da ordem; estabelecida a mesma imposição por bullas pontificias a petição dos reis portuguezes como grão-mestres, depois de reclamada pela necessidade nos capitulos geraes, e encorporada finalmente nos estatutos e definições da ordem, no titulo 19 part. 2.ª, que diz assim: — « Declaramos que pela graça que a Santa Sé Apostolica concedeu aos vigarios e freires, coadjutores, commendadores, e cavalleiros desta nossa ordem que podessem testar (o que d'antes não podião) lhe impoz a obrigação de pagarem trez quartos de renda de um anno da vigaria, beneficio, coadjutoria, commenda, ou tença, que com o habito lhes seja dada; com o que ficarão habeis para testar de todos os seus bens. » — E no § 1.° do mesmo titulo se lê — estão applicados estes trez quartos para a fabrica do convento de Thomar. — Ora, no estado actual das cousas essa imposição não póde recair sobre o

rendimento das commendas, beneficio, ou tença, nem ser por elle arrecadada; porém como subsiste o motivo da graça, a *causa debendi*, se deveria substituil-a por uma certa compensação, o esta com ainda maior necessidade e urgencia d'applicações para a fabrica do convento, Desta substituição temos já um exemplo pratico no imperio do Brasil (cuja corôa julgou partilhar com Portugal o mestrado das tres ordens militares). Ahi os providos em alguma das insignias e dignidades das ordens teem obrigação de dar prenda para a ordem a que ficão pertencendo; e sem esse pagamento se lhes não passa alva-rá de provimento e ancarte.

« — O 3.º arbritrio, finalmente, consiste n'uma quotisação voluntaria dos confrades da ordem, esta confraria é vasta e poderosa, nella se comprehendem reis, principes, grandes, generaes, ministros, diplomatas, além de muitos d'inferior jerarchia. A' testa de todos está o soberano portuguez, como successor do grão-mestre, aquelle que pelo facto da sua entrada na ordem prestava juramento solemne de manter e sustentar as regalias, e privilegios da ordem, como é expresso nos citados estatutos, na parte 1.ª, tomo 5.º; todos os demais tem deveres religiosos a cumprir pelo facto da profissão, e os que inconsideradamente se eximem della, teem os deveres de brio e pundonor, que tambem é vinculo d'obrigações para cavalleiros. Ora se apparecesse um papel congruente de convocação, um *prospectus* em que se ponderasse a revelancia do reparo e conservação da casa capitular, cabeça e fundação da ordem, qual seria o individuo a ella pertencente, natural ou estrangeiro, que se refusasse a uma modica quotisação annual? E esta contribuição voluntaria, que repartidamente não devia ser Pesada, collocada n'um banco, ou n'outra instituição mercantil segura, estabeleceria um fundo para a manutenção e reparos ordinarios do edificio; e para a sustentação dos guardas indispensaveis que ahi habitassem, os quaes poderião, e deverião ser alguns cavalleiros ou freires da ordem

Sá. Lith. Off. de M.L. r. n. dos Mrs n.º 12.

Cathedral de Lisboa

mais necessitados. E os curiosos nacionaes e estrangeiros que por acaso ahi fossem visitar aquellas honradas ruinas dos tempos primitivos, e as construcções existentes de um infante D. Henrique, de um D. Manoel, e D. João III; em logar d'uma solidão triste, e de um desamparo e abandono indecoroso, ahi encontrarião agasasalhado abrigo, e homens polidos e versados na historia d'aquella casa, para os receberem e iustruirem.

Santa Maria do Olival.

Depois de descrevermos o magnifico convento de Thomar, forçoso é dizer alguma cousa a respeito da igreja de Santa Maria do Olival, mais pelas grandes recordações que suscita, do que pela sua architectura. Da primitiva construcção de tão veneravel sanctuario, apenas resta a fachada que olha para o poente. Ergue-se o edificio n'uma colina banhada pela margem direita do Nabão, não longe do lorel aonde outr'ora existia a antiga cidade de *Nabancia*, de que não ha vestigio algum verdadeiramente historico. A igreja de Santa Maria do Olival, hoje abandonada, estava n'outro tempo cercada de numerosos edificios. E' sempre venerada pelos portuguezes por nella repousarem as cinzas de Gualdim Peres, grão-mestre da ordem dos templarios.

Sé de Lisboa. — Fachada que dizem ser do tempo d'elrei D. Fernando.

João Murphy, apesar do zelo illustrado de que dá provas, sempre que descreve os monumentos de Portugal, guarda completo silencio sobre a antiga sé de Lisboa, talvez porque lhe quizesse consagrar alguma monographia especial, como fez a respeito do convento da Batalha. Tambem pode acontecer que não julgasse elle digno de particular descripção um edificio, que tantas alterações tem soffrido. Os ve-

ridicos documentos que os portugnezes nos ministrão, habilitam-nos para enchermos a lacuna que existe na estadistica dos monumentos em Portugal.

Lisboa, antes de cair em poder dos sarracenos, e desde a epocha do dominio dos godos, era séde de um bispo: não se sabe com exacíidão o numero de prelados que a cathedral de Lisboa teve. Só consta que um bispo inglez, que os escriptores da edade media denominão D. Gilberto, foi o primeiro que a mesma cathedral conheceu. Viera este prelado com os estrangeiros que concorrêrão para a tomada de Lisboa; e a respeito delle traz o *Agiologio Lusitano* documentos assás preciosos. O conego Villela, um dos auctores que nos ultimos tempos escreveu ácerca da cathedral de Lisboa, diz que o capitulo da mesma se estabelecêra em 1151, e que D. Giberto ordenára, que se rezasse nos officios divinos pelo breviario de Salisbury. Tambem parece que desde então se tornou a Sé o fóco dos estudos monasticos que muito precederam a fundação da universidade. A Sé de Lisboa era, na idade media, suffraganea da cathedral de Braga; e continou a sê-lo até que D. João I creou uma nova dynastia. Recebeu então o titulo de igreja metropolitana' a bulla de Bonifacio VIII que a elevou a esta dignidade tem a data de 15 de novembro de 1398.

Se examinarmos o caracter architectorico de tão veneravel monumento, veremos que bem pouco resta já de suas obras primitivas. As construcções que datão propriamente da épocha gothica, tem de todo desapparecido, em diversas catastrophes; e não ha duvida de que em 1344, meado do seculo XIV, lhe causára taes ruinas o horrivel terremoto, que então houve, que foi necessario que D. Affonso IV completamente reedificasse a capella mór. O terramoto de 1755, teve consequencias ainda mais funestas; e o incendio que se lhe seguiu, fez estragos irrepaveis n'um dos melhores edificios da Europa. Destruiu a capella que se via por cima da nave principal; o telhado que olha para o Tejo, bem como o magestoso campanario que exístia no ci-

mo do edificio, não podêrão tambem resistir. O rico thesouro da cathedral igualmente se fundiu neste desastroso acontecimento.

Suppõe-sè que a frente principal, tal qual existe actualmente foi muito alterada no tempo de D. Fernando. A torre do relojo, ao sul, foi tambem reedificada ha menos de um seculo, durante o ministerio do marquez de Pombal. Vêmos, pelo antigo desenho que Lavanha nos conservou, que as torres assentão em pedras sobrepostas umas nas outras. Parece que na occasião em que se ião fazer os reparos que o terramoto tornára necessarios, recebeu ordem o architecto de fazer todos os esforços para conservar na sua integridade os restos do antigo edificio, ao que elle, seguindo as tendencias da epocha, não obedeceu. Pouco curou da solidez do templo, e só procurou dar-lhe certo ar de falsa elegancia, opposta ao seu caracter. Fez uso nestes concertos de um estuque pouco solido, talvez para occultar as grandes fendas abertas pelo terramoto. Nada é, por certo, duradouro; e o escrlptor portuguez, que refere a maior parte destas cousas, confessa que em 1834 o aterrou o abalo que sentiu dentro daquelle templo na parte superior do coro.

A nave da igreja tinha caracter muito mais respeitavel pela sua extensão, do que o que hoje offerece. Antes da epocha em que elrei D. José ordenou a sua reedificação, isto é, em 1767, era tal o seu tamanho que não havia em Lisboa templo que o igualasse. Ainda hoje se vêem fragmentos de columnas do primitivo templo, na sachristia onde os conegos vão revestir-se com as insiguias sacerdotaes. Alguns vestigios que ali ainda ha deixão vêr o valor d'aquelle templo.

Não faltão n'esta cathedral recordações historicas. Encontrão-se ali sepulturas do vencedor do Salado, e de D. Brites, sua esposa. Os velhos tumulos taes quaes forão construidos no seculo 14.° já se não podem hoje ali vêr. Destruiu-os o tremor de terra em 1755, deixando intactos os caixões, que encerravão ossos veneraveis. Em 1777 ordenou D. Maria I a trasladação destes para a capella de Nos-

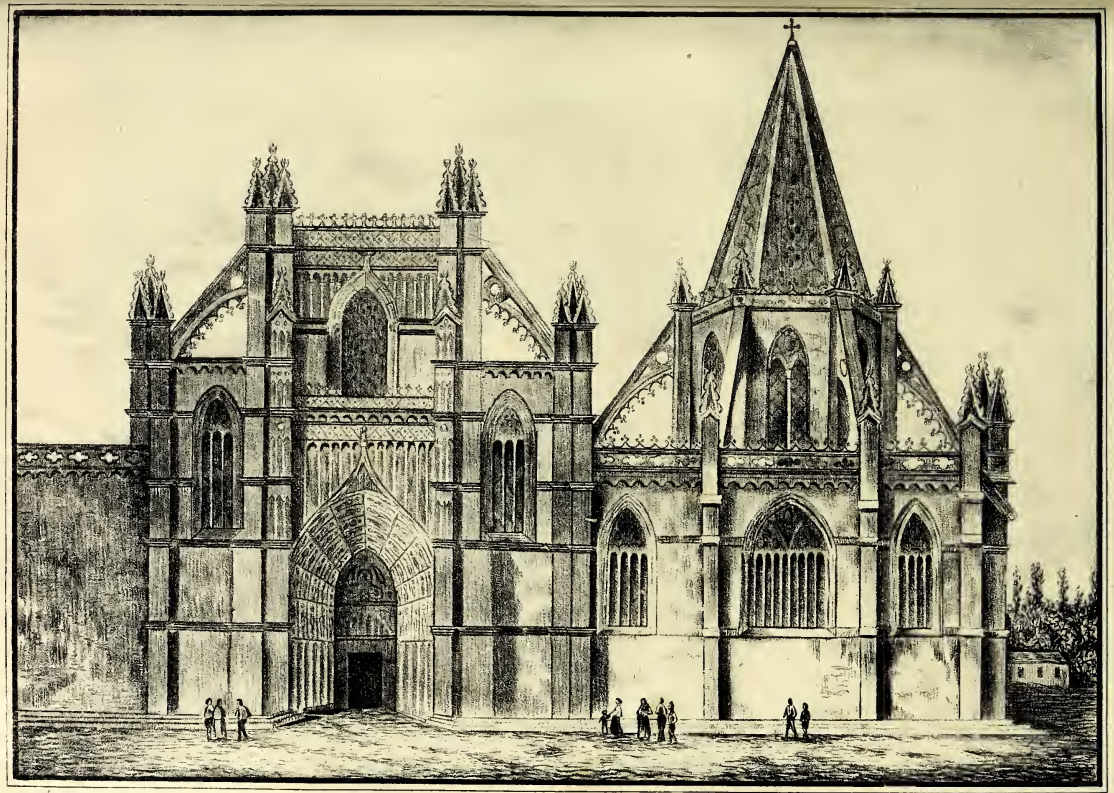
sa Senhora-da-Tocha, e em 1781, dois annos mais tarde, mandou esta princesa fazer magnificos mausoléos onde guardasse os mesmos ossos. Os monumentos do 18.° seculo não reprodusirão desgraçadamente, de modo algum, o aspecto dos tumulos contemporaneos.

Existem na sé de Lisboa as reliquias de São Vincente, padroeiro de Lisboa, e do reino do Algarve. Tambem nella se vê a Asia, aonde foi baptisado Santo Antonio, nascido nesta capital, e impropriamente chamado Santo Antonio de Padua. O thesouro da cathedral padeceu muito com a invasão dos franceses.

Houve tempo em que esta igreja metropolitana desceu subitamente da sua dignidade. D. João V dividio a capital em *Lisboa oriental* e *Lisboa occidental*, formando da sede episcopal duas dioceses. Em 1740 extinguiu-se o titulo de cathedral, por bulla de Benedicto XIV sendo então denominada a sé *Santa Maria-Maior*, e reunindo-se em virtude deste acto, as duas dioceses sob a jurisdicção do patriarcha de Lisboa. Ha poucos annos que se restitiu á antiga cathedral a cathegoria que por tantos annos lhe pertenceu.

Convento da Batalha

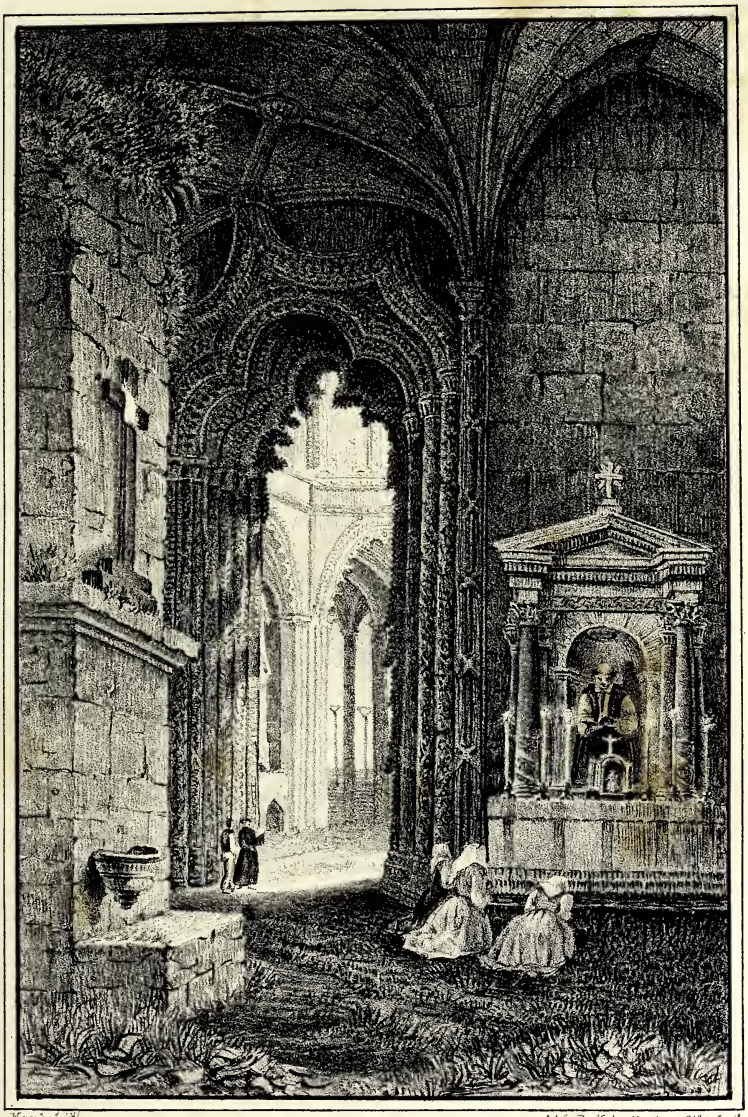
Já indicámos no principio desta noticia o motivo que deu logar á edificação do magnifico convento da Batalha. Significa elle em certo modo o principal successo da historia moderna de Portugal, porque a todas as attenções se tornou sensivel. E' o symbolo que representa a grandesa da casa de Aviz. Não vem a meu intento entrar agora em particularidades a similhante respeito: Frei Luiz de Sousa, Murphy, D. Frei Francisco de S. Luiz, e por ultimo, o conde de Raozynsky esgotaram o assumpto. Só direi, guiado pelo sabio que rectifica alguns erros dos que o precedêrão, que os primeiros mestres do convento da Batalha se chamavão Affonso Domingues; Duguet, ou Huet; Martim Vasques; Fernão d'Evora; e Matheus Fernandes, conser-



Sa Lith

Imprença N.al

Frontispicio da Igreja da Batalha.



Maspons del. Lith. Lith. R. V. dos Martyres N.º 12 Lx.ª

Capella de D. Manoel no Convento da Batalha.

vando nesta nomenclatura a ordem por qne elles succedêrão. Aos quatro primeiros coube a gloria de dirigirem as primeiras obras; do segundo foi o desenho da capella, que ainda está por acabar, começada no reinado de D. Manoel. O tumulo que existe ainda na igreja, fixa-lhe a morte no anno de 1515. As magnificas vidraças do convento da Batalha datão na maior parte do seculo 16.° Os eminentes artistas a quem se devem as mais notaveis são mestre Guilherme. mestre João, e mestre Antonio Fava, Senior.

Diremos para os que não tem a grande obra supracitada, que o convento começou em 1386 ou 1387 continuando as obras com rapidez tal que no cabo de dous annos estavão acabadas. Custa a crer isto, mas talvez que no mez d'abril de 1388 principiassem ellas, a ser dirigidas pelos frades dominicanos, ou que o serviço religioso começasse na epocha designada por frei Luiz de Sousa: é certo porem que D. Duarte mandou fazer nellas grandes trabalhos. Segundo toda e probabilidade havia ainda na obra muito que acabar nos fins do 14.° seculo.

Devemos ao favor de pessoa habil o podermos aqui reproduzir algumas partes do monumento, e descrever varias particularidades architectonicas que se não encontrão em alguns livros escritos ácerca deste mosteiro. Ver-se-ha na fachada um dos *specimens* mais notaveis da architectura deste periodo (1). — Não faremos descripções ociosas: apenas nos contentaremos, em rapidamente descrever as partes mais notaveis do edificio, debaixo do ponto historico. A capella do fundador, cujo desenho apresentâmos fica na direita ao entrar pela porta principal da igreja. E' uma salla quadrada,

(1) Em ponto de elegancia não haverá talvez na Europa frontespicio gothico que possa comparar-se ao da Batalha. A frontaria que conta 28 pés de largura, e 57 de altura, está acompanhada de cem figuras em grande relevo — Veja-se Murphy, viagem a Portugal, tomo 1.° pag. 56.

que, segundo frei Luiz de Sousa não tem menos de noventa palmos de cada lado: o tumulo de D. João I, e de D. Filippe, que existem no meio deste magnifico recinto, é todo do mais excellente marmore branco. — Nota-se no meio da folhagem que orna os frisos superiores desta sepultura, a divisa do monarcha: *il me plait*; e na outra metade *pour bien*. Conhece-se pelo ornato do mausoléo, que o mestre d'Aviz pertencia á ordem da Jarreteira. As effigies monumentaes dos dois esposos existem no mesmo tumulo. Muitas outras sepulturas verdadeiramente historicas ornão a igreja. Ao sul da capella, no massiço da parede, veem-se quatro tumulos de pedra em que descansão os ossos do quatro filhos de D. João I, que forão D. Pedro d'Alfarrobeira, D. Henrique, D. João e D. Fernando, por appelido o infante-santo. As outras oito sepulturas que ha na capella, não contém personagem alguma do sangue real.

Conta-se entre as maravilhas da Batalha a salla do capitulo, cuja magnifica architecura não pope deixar de admirar-se. Nas Memorias da Academia das Sciencias, encontrar-se-ha a noticia das tradições que andam annexas á erecção d'aquelle templo. No meio desta magestosa salla existem tres tumulos; o de Affonso V, denominado o *africano*; e de D. Isabel, sua mulher, e a do desventuroso filho de D. João II. que morreu na idade de dezeseis annos, da queda fatal, cujas diversas circunstancias narrámos. Tambem se vê n'um dos angulos da salla o busto de Matheus Fernandes, que dizem haver sido dos ultimos architectos deste nobre edificio.

Duas palavras a respeito da magnifica *capella incompleta*, cuja vista interna aqui apresentamos. Da-se-lhe este nome por nunca ter sido acabada.

No corredor que conduz do convento para a capella de Santa Barbara, diz o escriptor portuguez que nos serve de guia, se encontra por detraz desta uma pequena porta; entrando por ella se vê logo outra um pouco maior. A cruz da ordem em escultura, que se vê no alto della, e as es-

pheras que servem de emblema, do tempo de D. Manoel, indicão uma architectura de outra idade. Dá esta porta entrada para um recinto descoberto, que fica por detraz da capella da igreja. Não entraremos agora na descripção delle; e bastará dizer que nada ha mais original e elegante do que esta capella não acabada, que fôra destinada, como affirmam alguns historiadores para nella se collocar a sepultura de D. Manoel. Este rei, porem, deixou o maravilhoso edificio, tão bem começado no anno de 1509, para principiar outro monumento, igualmente magnifico e original, que recorda os immensos descobrimentos que se acabavão de fazer. Lião-se em toda a parte, na capella não acabada as mysteriosas palavras: *Tanyaserei*. As regiões do oriente enchião já Lisboa de suas riquezas; e o mosteiro de Belem, com as suas grandezas começou então a edificar-se.

« — O brasão da architectura gothica em Portugal (1) e o mais singular entre os edificios grandiosos das Hespanhas, é o real mosteiro de Santa Maria da Victoria chamado vulgarmente da Batalha. E' o padrão magnifico levantado á honra da religião, ao valor portuguez, e á independencia e gloria nacional pelo defensor da patria, o monarcha cavalleiro, D. João, o primeiro do nome. Objecto de vangloria para os portuguezes, e de assombro para os estrangeiros, mereceu que o descrevesse a elegante penna de frei Luiz de Sousa, que averiguasse a sua historia com vasta erudição e critica judiciosa um sabio e venerando prelado, nosso contemporaneo, e que em vinte e uma excellentes estampas o copiasse um abalisado artista inglez. Eis aqui como se explica o abalisado chronista da ordem dominicana no reino e conquistas, a respeito das maravilhas de tão primorosa obra. — » Requeria esta machina, para a poder-mos bem representar aos olhos do leitor, obra mais

(1) Extraido do Panorama, vol. 4.° pag. 9 e segg. (*O Traductor.*)

de pincel que de penna, mais pintura que descripção historica; porque toda a narração fica curta nas excellencias della, visto não podermos alcançar com a escriptura particularisar miudesas, que é cousa muito facil a quem usa de cores e sombras; sendo assim que o historiador efferece as cousas por maior, da mesma maneira que o pintor, em virtude da arte, descobre as mesmas tanto pelo miudo que em nada falta. Em prova disto tem acontecido que alguns estrangeiros, pessoas de grande juiso, que em suas terras tiverão noticia desta fabrica, por narração copiosa e pontual de frades nossos, succedendo depois verem-na com seus olhos, fizerão extremos d'espanto; porque acharão lhes descobria mais a vista do que podera referir a fama; e érão homens que tinhão visto e considerado tudo o bom da Europa. — » As bellas estampas de James Murphy satisfizerão ao que tanto desejava frei Luiz de Sousa, mas a penna deste nosso fecundo e ameno escriptor vale bem, senão o vence, o mais destro pincel, por isso quando logo tivermos de explicar a nossa estampa nos serviremos das suas expressões, não só porque nos era impossivel descrever melhor e mais engraçadamente como porque seria desairoso, por outro lado, recorrer a frases de estrangeiros, muitas vezes inexactas ou mesquinhas, para tractar assumptos nacionaes.

« — Na vespora da festa da Assumpção de Nossa Senhora, 14 d'agosto de 1385, estando o nosso D. João I acompanhado de pequeno numero de portuguezes, mas fieis e valentes para dar a memoravel batalha d'Aljubarrota contra o grande poder d'elrei de Castella, D. João, tambem o I, invocou o auxilio da mãe de Deos, e fez solemne voto de lhe erigir um templo sumptuoso, se saisse vencedor. Derrotado completamente o exercito castelhano, intentou logo o religioso monarcha dar pleno cumprimento á sua promessa; e ainda que não póde fixar-se a data precisa do começo da fabrica do mosteiro, com tudo tal foi o motivo da sua fundação, e, segundo a aceitada conjectura do ex-

cellentissimo bispo conde, poderemos asseverar que teve principio no anno de 1387, ou quando muito no de 1386. — Querendo elrei levantar o edificio nos contornos do sitio onde se dera a batalha, escolheu um valle fertilisado pelo rio Lena, e comprou para esse effeito a Egas Coelho, e Maria Fernandes de Meira, sua mãe, a *Quintã do Pinhal*, sita no mesmo valle, como consta da carta da doação, que fez ao mosteiro dado em Coimbra aos 14 de janeiro de 1436. A quintãa abrangia o local do mosteiro parte da cerca actual, e alguns chãos, aonde se fizerão as necessarias officinas para a construcção de tão grande obra. Quando os trabalhos, ou cessarão ou diminuirão, *forão-se dando d'aforamento estes chãos a particulares com a expressa clausula de levantarem casas que hoje constituem a povoação.*

« — Já se vê que da circunstancia acima mencionada procedeu a invocação do templo de *Santa Maria da Victoria*, e do mesmo modo o nome popular, porque é hoje mais conhecido, assim como a villa contigua.

« — O primeiro architecto que dirigiu esta obra vasta e complicada foi o que traçou o edificio, o mestre Affonso Domingues, a quem chama o chronista frei Manoel dos Santos, *natural de Lisboa, na freguezia da Magdalena, merecedor d'eterna memoria, pela capacissima idéa com que delineou a fabrica.* Parece que o mestre Ouguet fôra quem o substituira. A' cerca destes e de todos os outros mestres do convento da Batalha deve o curioso consultar a erudita memoria do excellentissimo senhor bispo conde, inserta no tomo 10, parte 2.ª da collecção da academia real das sciencias de Lisboa onde achará noticias sobre cada um delles, a refutação de que Murphy escreveu erroneamente a este respeito, e considerações exactas sobre os tempos e reinados em que se fizerão as differentes partes do edificio, e, em summa, a historia averiguada desta obra e dos seus monumentos.

Quando elrei mandou dar começo ao templo o mos-

teiro não tinha assentado ainda na ordem religiosa a que o doaria, a pedido porem do seu confessor frei Lourenço Lamprêa, frade dominicano, e do doutor fei João das Regras, o deu á ordem de São Domingos, por carta lavrada na cidade do Porto, a 4 de abril da era de 1420 (anno de de Christo de 1388).

Copiaremos agora o classico frei Luiz de Souza, até para que vejão muitos como n'uma historia de frades se encontrão tantas noticias, e tão formozo estylo — « Da parte de fóra da igreja ha duas entradas, uma que faz a porta principal, e a outra a travessa que toma o topo do cruseiro fronteiro ao altar de Jesus. . . . O portal e frontespicio da principal merecia só um livro pela qualidade da obra, se houveramos de particularisar tudo o que nella ha de columnas, de figuras, de lavores, e variedade de feitios, desde a primeira pedra que descobre sobre a terra até o remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque cada palmo tem tanto que vêr de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho, e embota a penna para o declararmos, e se entender com todas as suas partes. Só um espelho que se abre no alto em meio do fronstespicio, para dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subitilesa e cuidado, em trancinhas d'agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola: e quadra-lhe bem esta ultima comparação pela forma circular e redonda, e pela representação a miudesa do feitio. Os vãos que na viola ficão abertos para dar logar ás vozes que forma no interior, ficárão cá cerradas de vidraças . . . . debuxadas todas as cores finas e pinturas varias de armas e devisas do reino, de tenções e empresas d'elrei. E como são muitos os vãos porque o circulo é mui dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das cores o que ellas lhe diminuem na puresa da luz. Mas faz pasmar a firmesa com que se mamtém obra tão miuda, tantos annos ha, em logar tão alto. Não espanta menos a firmesa, numero, e grandeza de outras vi-

draças, que dão luz á igreja e cruseiro. Só no corpo da igreja abrem trinta frestas, todas tão rasgadas de alto e baixo, e ao respeito e proporção tão largas, que em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande . . . . . e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura e cores, podesse estar n'ella não só sem pavor, mas em meio de uma praça. Não será desagradavel declararmos a medida de algumas que fizemos tomar para credito do que diremos por mão de architeto. No alto da nave do meio ha dezeseis frestas, a oito por banda, que sobem desoito palmos até os capiteis e tem de largura nove divididas cada uma com dois pilares, de grossura de um palmo cada pilar, para firmesa das vidraças. Assim ficão em cada fresta sete palmos de vidro e luz, que multiplicados pelos 18 d'altura, fazem 126. As duas naves tem ambas 12 frestas, 4 a do sul, em que fica encostada a capella do fundador, e 8 a contraria. Cada fresta com 22 palmos de alto, e $7\frac{1}{2}$ de largo. E porque tambem são divididas a dois pilares de grossura de palmo, como as da nave do meio, ficão com $5\frac{1}{2}$ palmos de vidro, e vem a ter cada fresta por esta conta 121 palmos de abertura e luz, e outros tantos de vidraça. Da mesma altura e largura destas ha outras duas frestas, que acompanhão a porta principal, uma de cada lado, e fazem o numero que dizemos de 30. E vem a ser uma tamanha quantidade de vidraças que por cousa prodigiosa se póde ter entre as que mais espantão desta casa. Ajudão a claridade outras trez no cruseiro, das quaes só uma que fica sobre a porta travessa sóbe 42 palmos, e tem de largo 14; lavrada toda de uma artificiosa rede de pedraria, e os vãos tomados de suas vidraças. Estas, com as da capella-mór e collateraes, afóra o espelho do frontespicio da porta principal, que alumia por muitas, fazem a casa por extremo alegre, e muita clara e bem assombrada. O que me faz cuidar que sendo assim que nesta mesma conjectura teve tambem principio o famoso templo da sé de Milão (chamão-lhe lá *el Domo*) o qual se começou a fabricar em vida do pontifice

Urbano VI, que presidiu na igreja de Deos onze annos até ao de 1389, e ficou com taxa de escuro e melancolico; devião esmerar-se os architectos deste nosso, em o fazer por contraposição em todo o extremo claro e bem assombrado. Defendem os milinares os seus artifices, attribuindo a conselho e bom juizo o que foi defeito e culpa; e dizem que como geralmente é havido por mais grave, e de mais pessoa o homem carregado e feio, assim faz mais devoção a igreja sombría e escura. Mas não me convencem, porque dado que o argumento seja verdadeiro quanto aos homens: aos templos, que são retrato do ceu, e assento da luz eterna, não parece rasão haver nenhum commercio, com o horror das trevas. E, tornando á historia, estão estas vidraças todas tão fortes no assento, tão christalinas na vista e tão vivas nas cores, que passando já de duzentos annos que servem parecem na representação obra moderna.

« — Cobre-se esta igreja e abobada, que já dissemos era de pedraria, com um telhado tambem de pedra, composto de umas grandes lages direitas e adelgaçadas em corpo e grossura, e que ficão arremedando uns meios taboões grossos; começando a assentar na parte inferior umas, e sobrepondo outras até ao alto, fica armado um telhado immortal que soffre sem damno e sem perigo ser passeado e corrido; e para as immundices que os longos annos fazem crescer se varre e alimpa á vassoura. Cerca-o em roda uma grinalda de pedraria formada com lagos, e seus florões altos a espaços, com que fica como coroado, e de toda mais obra do alto differençado.

« — Para se poder ver e gosar esta grande machina toda por junto há duas serventias, que debaixo da igreja levão ao mais alto do telhado della: estas são cobertas na grossura do muro do cruseiro, entrando pela porta travessa á mão esquerda; e fica uma junto da porta, outra junto do altar de Jesus: ambas vão em caracol, e com 120 degraus, que tem cada uma, vencem a maior altura; mas além destas ha outra subida por dentro do convento

facil e suave por escadas largas e bem lançadas; e recebe a vista particular deleitação, estendendo-se de cima por uma serra de penedia, que das serras ordinarias não differe em mais que em ser esta lavrada e polida á força da arte, e as outras informes e descompostas e ao natural: nas quaes assim como ha desigualdades, ora com valles fundos ora com picos e rochedos que se vão ás nuvens; da mesma maneira se vêem nesta suas differenças; por que em umas partes se levanta a penedia, como na igreja, em outras abate, como no refeitorio, capitulo, e adega; logo por outra parte sobem como rochedos mui altos, e de obra tão espantosa, que igualando as da naturesa na eminencia deixão-na muito atraz no que é artificio, por que vão fabricados por tal ordem que dão facil subida ao alto, mas não sem medo, pelo muito que alevantão. Destes ha trez, um que fica sobre o zimborio da capella do fundador, fazendo-lhe uma forma de pavilhão, como o faz o zimborio á mesma capella, e é por extremo formoso, por que sobe pyramidalmente 50 palmos, e leva uma sacada em roda de quatro palmos de praça, guarnecida de seu parapeito lavrado em rede, e coroado de umas metas como flores de liz, o que tudo junto faz uma machina muito crespa e vistosa. Outro tem seu nascimento quasi sobre a casa que chamão da prata, entre a crasta e a sachristia, e tem de altura 63 palmos. Não faz menos representação da grandesa da torre dos sinos e relojo, conformando nella com tudo o mais do edificio. — »

« — O interior da igreja, corresponde á magestosa apparencia de todo o edificio. — « Só o corpo della (diz Sousa) desde a porta principal, que abre onde se põe o sol, e corre contra o nascente, segundo a postura das igrejas antigas, tem 300 palmos de comprimento até o primeiro degrau da capella mór; aos quaes juntos 60, que ha deste degrau até á parede em que encosta o altor mór fica todo o comprimento do templo de 360 palmos: a largura é de 100 palmos e a esta medida responde a altura

na proporção da arte, que é tal que um valente braceiro chega mal, atirando com uma pedra ao alto do tecto; por que como é de abobada sobe ainda grande espaço sobre as paredes, tanto quanto requer a distancia em que estriba. Assim tem de altura até o ponto mais subido da maior abobada 146 palmos. Das trez naves em que se divide a igreja tem a do meio 33 palmos de vão, e as dos lados a 21½ cada uma. O que falta para encher a conta dos 100 palmos que demos de largura a todo o corpo, é copado dos pilares que fazem divisão ás naves, que são 8 por banda: cujas bases assentadas em quadro fazem 12 palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares, e paredes são tudo cantaria, assentada com tanto primor e cuidado que quasi querem enlear os olhos as junturas; mas se se deixão enxergar, por que não podia al ser, é tão sem offensa da arte que difficultosamente se divisa nella, sinal de cal. A grossura das paredes é como a das bases dos pilares, de 12 palmos por todo. A pedraria é lavrada toda do maior polimento, que a arte usa, salvo de brunido e lustrado. A qualidade da pedra é toda uma, e não deve haver em toda a Hespanha outra melhor para semelhantes edificios; por que, quanto á côr tem um extremo de alvura, e quanto á fortaleza é bastantemente dura, sem ser demasiado aspera ao lavrar. Mostra-se uma e outra cousa, em que passando já de 200 annos de idade o edificio, nem a gastão o decurso e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado de alvura lhe tira muito da primeira graça. E acontece-lhe nesta parte o mesmo que ao resto de um homem, que foi muito alto que por muito que se queime e curta da força do sol e do ar nunca no queimado perde de todo o signal das primeiras cores. Assim esta pedra váe tirando com a antiguidade a um tostado nada desengraçado, e não a pardo nem escuro ou denegrido, como vemos em outros generos de pedra.

« — O cruseiro tem de largo 30 palmos, que res-

ponde ao justo á quinta parte de todo o seu comprimento, que é de 150. — As paredes do corpo do templo são todas lisas e cheias não vasadas nem cortadas (como é ordinario em outras) com o numero de capellas. Sómente na entrada da porta principal se abre á mão direita um grande arco para uma formosa quadra, da qual diremos adiante. A frontaria do cruseiro a um e outro lado da capella mór está dividida em quatro capellas, duas por cada banda. — »

« — Proseguiremos nesta descripção aproveitando-nos das observações do excellentissimo senhor D. Francisco de São Luiz sobre os logares do chronista Sousa. A primeira capella, a mais visinha á sacristia não tem hoje retabulo nem altar, nem a sepultura baixa, que Sousa diz ter sido jasigo de um cardeal. Ha porem neste logar *um grande tumulo* de pedra que mostra ter tido em cada uma das trez faces da tampa dois escudos de armas, os quaes se vêem picados e apagados, com mostras de o terem sido de proposito, ou por ordem que para isso houvesse, ou por outro algum motivo. Ignora-se quem ali jaz sepultado. Na outra capella do lado do evangelho está *um tumulo pequeno de marmore branco*, lavrado por todas as faces de flores em relevo, e em cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz d'Aviz, e acompanhadas do banco de pinchar (1). Sousa escreveu que neste monumento repousavão as cinzas da rainha D. Isabel mulher de D. Affonso V; mas o senhor bispo conde inclina-se á opinião de frei Pedro Monteiro, que affirma ser o jasigo do principe D. João, filho d'aquelles reis, que fallecera sendo menino. Na capella mór, junto ao supedaneo do altar, embutida nos degráus do mesmo, está uma arca de marmore, com dois vultos da mesma pedra em cima, que figurão elrei D. Duarte e sua mulher D. Leonor que ali forão sepultados,

(1) E' a representação de um banco sem encosto, no escudo d'armas dos infantes, entra o baixo da coroa.

com uma singela inscripção latina, que traduzida em vulgar diz assim: *Aqui jazem Duarte*, 1.° *rei de Portugal*, *e Algarves*, *e a rainha Leonor sua mulher*. Na capella immediata á capella mór, do lado da epistola, vê-se o tumulo de D. João II, onde por mais de 300 annos se conservou inteiro o corpo deste soberano; e o senhor bispo conde dá testemunho de o ter visto e examinado, no anno de 1809. Quando em 1810 o exercito francez invadiu o reino, a soldadesca desenfreada violou o sagrado dos tumulos, e apenas d'entre as ruinas se poderão depois salvar os restos informes do corpo do monarcha, que os religiosos de novo encerrárão no antigo deposito, que mandárão reformar. Finalmente, a ultima capella que fica do lado da epistola tem o seu altar de marmore lavrado de mosaico com o retabulo da mesma obra. Affirma frei Luiz que elrei D. João I o doara a D. Lopo Dias de Sousa valoroso mestre da ordem de Christo: o que, todavia, é mui duvidoso. Porem no grosso da parede desta capella, do lado da epistola, ha um arco, e dentro se levanta o bello e magnifico mausoleu de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, e 4.° governador da relação do Porto, obrado de mosaico, em marmore preto, que parece não ser muito antigo. Assenta sobre trez leões de bella escultura, cujas mãos repousão sobre uns ovados de marmore preto, e tem por cima de todo o mausoleu o escudo d'armas desta illustre familia, coroa ducal, tudo da mesma materia e artificio (1). A inscripção que se lia neste monumento foi estragada quasi, completamente pelos soldados francezes.

« — N'um dos lados do cruseiro está a porta travessa, e no outro fronteiro o altar de Jesus, com um retabulo de pedra moderna. Attribuem-se á celebre *Josefa d'Obidos* dois paineis que estavão (e não sabemos se ainda

(1) Veja-se Memorias sobre as obras do mosteiro da Batalha, no tomo X parte 1.ª das M. da Acad. R. das Sciencias no cap. 4.°, a pag. 204 e 205.

estão) aos lados deste altar; e ao nosso insigne pintor, o *grão Vasco*, os quaes estão no alto, ainda que a um bom conhecedor não parecerão ser d'aquelle grande mestre.

« — Não é possivel lêr hoje, depois de despedaçados pelos francezes a inscripção latina que está ao entrar da porta travessa, na parede do lado esquerdo. Frei Luiz de Sousa, no cap. 25 *in fin* diz que era uma memoria da primeira trasladação para este templo do corpo da rainha D. Filippa, mulher de augusto fundador.

« — Entre as obras primorosas que encerra o mosteiro da Batalha sobresáe a capella do augusto fundador, que fica á direita, entrando-se pela porta principal da igreja. O chronista frei Luiz de Sousa a descreve assim.... E' uma grande salla quadrada de 90 palmos por cada lado, fabricada da mesma sorte da cantaria da igreja, e coberta d'abobada com um zimborio que artificiosamente nasce do meio della sobre 8 pilares, como a effeito de metter mais luz dentro, mas na verdade para lustre e magestade da capella, e juntamente estribo da abobada; por que sobe em grande altura em fórma oitavada e 38 palmos de diametro, seguindo a situação das columnas, e fazendo duas faces do mesmo lavor e feitio, uma para dentro e outra para fóra; e váe vasado todo em roda até á mais alta parte delle em frestas mui rasgadas e grandes e tão largas como é cada parte do oitavado e todas são cerradas com suas vidraças de cores, como as da igreja e capella, e nellas de vêem debuxadas as armas do reino e divisas do rei que as mandou fazer. E por que o zimborio se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas corre uma divisão ou cordão de cantaria em redondo para firmeza da obra, e sobre elle sobem outras frestas em direito das que ficam debaixo com o mesmo lavor e guarnição de vidraças e illuminação, até pegarem na chave onde fecha toda a obra a qual fica tão alta, que della ao pavimento ou lageado ou pavimento da capella ha 92 palmos. Este zimborio, assím feito, faz pavilhão a duas sepulturas e um

altar, que ao justo lhe ficão debaixo e entre as columnas em que estriba. — «

« — Passando agora a tratar dos monumentos, seguiremos outro guia mais moderno e mais seguro, porque corrige as inexactidões ou descuidos dos escriptores precedentes (1). — » Está no meio desta magnifica e formosa capella uma grande caixa inteiriça de marmore branco, dentro da qual se accommodarão ambos os moimentos d'elrei D. João I e da rainha sua mulher, a senhora D. Filippa. O friso superior desta caixa é guarnecido de uma silva cortada na pedra, em relevo, por entre cujas folhagens se lê em metade da sua circumferencia a letra repetida, *il. me plet.*, e na outra metade a outra letra tãobem repetida, *por. bem.* Nas duas faces lateraes e maiores da caixa.... se achão esculpidos em letra alemã minuscula os dois extensos epitaphios d'elrei e da rainha... Na face do poente, que é a cabeceira do tumulo estava em relevo a cruz da ordem da Jarreteira, circulada da liga, que é insignia desta ordem, com a sua letra *honny soit qui mal y pense* de que ainda se vê uma parte, porque o resto foi destruida pela soldadesca franceza que neste mesmo logar abriu um rombo em 1810 ou 1811.... Este ornamento do tumulo, que não achamos commemorado em escriptor algum dos que temos visto, é de sobejo para mostrar que o senhor D. João I foi cavalleiro da ordem da Jarreteira, facto de que parece terem duvidado não só estrangeiros, mas tãobem portuguezes....

« — Sobre o monumento estão em relevo inteiro os vultos d'elrei e da rainha.... ambos com coroa real e guardadas as cabeças por dois como torreões de marmore, gentilmente lavrados, em cujas sumidades da parte de fóra se vêem respectivamente os seus escudos d'armas. O se-

(1) Vid. Mem. sobre as obras do Mosteiro da Batalha, no tomo X parte 1.ª das M. da A. R. das Sciencias, no cap. 4.º § 2.º

nhor D. João I tem as quinas direitas assentadas sobre a cruz d'Aviz com a orla dos castellos e a coroa real. O da senhora D. Filippa é partido em dois, tendo á direita o escudo das armas de seu marido, elrei, e á esquerda o seu proprio brasão, que é esquortelado; e tem nos lados respectivamente oppostos os leões e as flores de liz. — »

« — No lado do sul da capella abrem-se no grosso da parede quatro arcos, onde estão collocados os jazigos dos quatro infantes D. Pedro, D. Henrique, D. João, e D. Fernando, filhos de D. João I. O primeiro é o do mais velho dos quatro, D. Pedro, duque de Coimbra, tão sabio quanto infeliz, que regeu o reino com summa prudencia e inteiresa durante a menoridade de seu sobrinho, D. Affonso V, e veiu acabar desgraçadamente na infausta batalha da Alfarrobeira. A par da caixa do seu tumulo, para a parte interior do arco está outra com as cinzas de sua mulher, D. Isabel, filha do conde d'Urgel, D. Jaime. Ambas são de pedra em tudo iguaes. Segue-se no segundo arco o mausoléo do celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu, nome immortal na historia da navegação. Por cima do tumulo está deitada a estatua do infante armado; não tem coroa real (como diz Sousa) mas uma touca ou fóta á roda da cabeça. Na inscripção ficou por encher a data do fallecimento do infante: o nome da ordem de Christo, de que foi governador, está apagado por falha que ha na pedra.

« — O terceiro tumulo é do infante D. João, mestre da ordem de Santiago, e condestavel de Portugal. que teve por mulher, sua sobrinha D. Isabel, filha de D. Affonso, conde de Barcellos, e primeiro duque de Bragança, e neta do grande D. Nuno Alvares Pereira. Dentro do mesmo terceiro arco, á direita do tumulo de seu esposo, está o jazigo desta senhora. A letra da divisa de D. João *j'ai bien raison*, é em francez como as do páe e irmãos, porque, como diz, frei Luiz de Sousa *era n'aquel-*

le tempo a lingua franceza estimada e corrente entre os principes, por cortesã e polida.

« — Em fim no quarto monumento repousão as venerandas cinzas do infante santo D. Fernando, mestre que foi da ordem d'Aviz, exemplar de resignação christã, e de todas as virtudes, e que morreu captivo em Fez: as quaes reliquias forão remidas das mãos dos infieis e trazidas a este reino em tempo de D. Affonso V, sobrinho do infante.

« — Ha mais nesta capella oito arcos, iguaes aos quatro, nas cabeceiras de nascente a poente; mas não consta que nenhuma pessoa da régia estirpe ali fosse depositada, ainda que tal pareça ser o destino para que os fizerão.

Dos quatro altares e quatro grandes armarios que, em tempo de Sousa os occupavão, apenas existião ha poucos annos vestigios, bem como os fragmentos de varios paineis e pinturas alguns da mão do Grão-Vasco: porque com o tempo, ou as devastações da guerra os destruirão. Ao sair da capella para a igreja, no pavimento desta, á esquerda, para a parte da porta principal, está uma grande campa lavrada, que cobre a sepultura de Diogo Gonçalves de Travassos, varão que devia ser de raras qualidades, visto que o sabio infante D. Pedro, duque de Coimbra, o tinha feito aio de seus filhos e regedor de suas terras.

« — A sachristia não tem cousa que mereça menção; mas logo immediata está a admiravel casa do capitulo, obra primorosa de architectura, e que enleva a attenção dos professores da arte. — » Sendo quadrada, e tendo 340 palmos em ambito, a 85 por cada lanço, é fechada da abobada de cantaria, sem columna nem esteio, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fóra que a companhia do edificio que lhe fica nos lados. Assim está em forma que a quem põe os olhos no alto engana, e faz parecer pela grandeza da casa, que se sustenta sem concavo. E' fama que ao tempo que se fabricava cahiu duas vezes ao tirar dos simples com damno de officiaes, e el-

rei, desejando que todavia ficasse a casa sem o desar de columnas, em meio prometteu mercê ao architecto, os quaes o fizerão espertar de sorte que, tornando-a a fechar, affirmou que teria melhor successo; porem ao tirar da madeira dos simples, dizem que não quiz elrei arriscar os officiaes e mandou vir das prisões do reino alguns homens que estavão sentenceados a grandes penas, para que sobre elles caisse o terceiro damno quando succedesse. — »

« — No meio desta casa estão collocados dois tumulos, o de elrei D. Affonso V e sua mulher D. Isabel, e o do principe D. Affonso, filho de D. João II, e herdeiro da coroa, que morreu caindo de um cavallo nas margens do Tejo, junto a Santarem, contando apenas 16 annos d'idade, e 7 mezes de casado. — » Em um dos angulos (da casa) no ponto d'onde nasce um ramo dos arcos, que vão formar a abobada se vê o celebre busto, ou antes corpo inteiro de esculptura, vestido talar, cingida a cabeça com uma touca, e regoa na mão, representando, ao que parece, o mestre que levantou esta estupenda obra. E' manifesto que esta estatua não póde ser de Matheus Fernandes, como se tem asseverado sem exame e sem fundamento.... segundo a ordem dos tempos e da obra, não póde ser senão de Affonso Domingues, ou do mestre Ouguet (ou Huet) por serem aquelles debaixo de cuja direcção julgâmos haver corrido toda a obra primitiva. E' mais crivel, nos parece, que seja do segundo, visto que sendo Affonso Domingues já fallecido em 1402 não é verosimil que então estivesse adiantada a obra do capitulo. Ainda que as vidraças da grande abertura que dá luz á casa tenhão pintadas as insignias d'elrei D. Manoel por serem postas por ordem sua, comtudo não deve d'ahi inferir-se que a casa do capitulo fosse obra deste monarcha pelas razões expostas largamente na memoria que deixâmos citada: além de que frei Luiz de Sousa, diz expressamente: « Nesta casa está depositado elrei D. Affonso V neto de quem a fez, que foi elrei D. João I. »

« — Segue-se o claustro real, obra tambem mandada fazer pelo mesmo augusto fundador, e do mesmo gosto, desempenho, e delicados lavores que o frontespicio, de que já fallâmos. E' quadrado, e tem por cada lanço 250 palmos, dos quaes vão cobertos 30 ao longo das paredes d'abobada, sobre grandes arcos de pedraria, altos, e espaçosos de architectura gothica, e primorosamente lavrados. N'um dos angulos proximo ao refeitorio está um copioso chafariz (1). O segundo claustro, muito inferior áquelle em todo o sentido foi feito em tempo d'Affonso V. Não nos demoraremos a tratar das officinas e mais casas que todas são commodas vastas, e correspondentes á grandeza e destino da obra. — » E (como diz Sousa) para em tudo haver disposição, commodidade, limpesa, e bom serviço, atravessa todo este edificio por baixo do lageado uma grossa levada d'agoa, que, sem dar vista de si, purifica e leva fóra todas as immundices da casa. — »

« — Passâmos, por tanto, a dar noticia da magnifica *capella imperfeita* assim chamada por estar incompleta.

« — No corredor, que desce do convento para a capella de Santa Barbara fica por detraz della uma pequena porta pela qual quem sáe dá logo em outra pouco maior, que no alto tem em relevo a cruz da ordem de Christo, acompanhada das espheras, insignias d'elrei D. Manoel, com uma tarja e cifra, onde figura como principal a letra *E*, a primeira do nome *Emmanuel*. Esta porta dá serventia para um pateo descoberto, que fica por destraz da capella mór da igreja — » e ao justo, defronte della mostra uma formosa portada, que se fórma de uns cordões, que, começando debaixo sóbem ao alto; e com volta, sem fazer signal de capitel, nem outro genero de divisão em

(1) No pavimento deste claustro, não longe da casa do capitulo está a sepultura de D. Justo, que elrei D. Affonso V mandou vir d'Italia, encommendando-lhe escrever em latim as chronicas do reino, e que depois foi bispo de Ceuta.

nenhuma parte, tornão a descer pela outra até o chão; e começando a fazer com o primeiro que fica mais fóra de todos uma grande abertura de portal, os que se lhe juntão, que são seis, vão recolhendo e apertando a entrada com tal diminuição, que vem a ficar em uma moderada porta. São os cordões todos sete, desiguaes em grossura, como tambem são differentes em feitio; mas todos entalhados de variedade e subtileza de lavores tão perfeitos, e com tanto primor e mimo obrados, como se fôra na mais facil e obediente madeira, de quantas servem para esculptura.... Em quatro cordões destes é parte do feitio uma letra interposta a espaços, a qual escripta com os mésmos caracteres, que tem esculpida, é a seguinte: *Tanyas erey* —» Esta letra que quer exprimir duas palavras gregas que significão *buscar*, *inquirir novas regiões*, é allusiva ao empenho que elrei D. Manoel fazia no descobrimento do oriente. Entrando-se pela grande portada dá-se com um espaço mui extenso e descoberto, e as paredes estão levantadas até a acima da cimalha, ao ponto donde havia de começar a subir a ultima abobada que devia cobrir tudo. Elrei D. Manoel, desviando a attenção para o convento de Belem, que mandou construir, suspendeu os trabalhos da *capella imperfeita* provavelmente em 1509, resultando ficar a obra incompleta, como hoje se vê.

« — Temos compillado as noticias mais principaes, e que não deve perder de vista o curioso, que visitar o mosteiro da Batalha: accrescentaremos que este edificio é hoje considerado como monumento nacional, correndo a sua conservação por conta do estado. A sua erecção deu occasião á fundação da pequena villa da Batalha, que talvez não existiria se não tivesse existido o mosteiro: começou a povoação com os operarios empregados nos trabalhos da construcção, e congregou-se e mudou o abrigo do sumptuoso monumento. Actualmente conta-se na villa e seu termo 1062 fogos, que constituem a freguesia de Santa Cruz. Em varios logares desta encontra-se excellente aseviche, que ou-

tr'ora se explorou muito, e foi celebre com o nome de *obsidiano da Lusitania.* No logar do *Casal-novo* é onde os asevicheiros fazião o seu maior commercio com o aseviche que extraíão do sitio que fica entre o dito logar e a *Batalha.* Ignorâmos o estado em que se acha esta industria; porem ainda não ha bem um seculo, fazião-se e exportavão-se muitos diches e brincos com o aseviche extraido deste districto, e de outros da commarca de Leiria, cujas minas parece que já em 1830 estavão quasi abandonadas, por não se fazerem os trabalhos segundo os preceitos da mineração.

« — Os ferreiros da aldêa da *Jardoeira*, tambem no termo da Batalha aproveitão do mesmo sitio, que mencionámos, proximo á villa, o carvão ou páu bituminisado, para as suas obras miudas. »

Real Paço de Cintra.

No meio das grandes montanhas que Byron celebrou, o monumento que mais recordações desperta, é o nobre edificio denominado *paço real.* Este palacio admirado por nacionaes e estrangeiros, é uma das maravilhas destes sitios. Damo-nos por felizes de podermos para aqui trasladar alguns trechos da *Cintra Pinturesca*, que muito agradecemos á elegante penna que os escreveu.

» — O primeiro objecto que se nos apresenta á vista quando chegamos ao fim do calçada de São Pedro, para entrar em Cintra, é o paço real, edificado pelo tronco da casa d'Aviz, ou, para melhor dizer, edificado por elle, e continuado por seus successores. Certas disposições internas, juntas ao caracter conhecido da architectura arabe, que se nota no aspecto das janellas, o nome de Méca ainda conservado n'uma das tapadas, reunido a outros motivos, confirmão a opinião de que, antes da epocha em que D. João I mandou edificar este paço, já nelle existião obras do

tempo dos mouros. A propria irregularidade da actual construcção prova que nella tiverão parte diversos individuos.

« — E' muito possivel que este palacio fosse a pequena Alhambra dos reis mouros de Lisboa. Não pode duvidar-se de que a sensualidade dos orientaes devia achar grande encanto em possuir uma habitação no paiz em qne a naturesa excita os homens a todo o genero de folgares.

« — Um viajante. que além das suas peregrinações no oriente, visitou Granada, e os palacios encantadores de Alhambra me affirmou que achava em Cintra (sem que houvesse perfeita analogia) certa inspiração que lhe recordava tão celebre edificio. Em todos os nossos paços reaes é estyio terem as salas as mesmas denominações: é a sala dos archeiros, a da tocha, e do docel. Neste paço, porém, como na morada do ultimo rei mouro de Hespanha, tomam estas o nome de recordações particulares. Assim como ali, os olhos credulos buscão no pavimento de marmore das salas dos Abencerrages o sangue desta infeliz tribu assassinada por ordem d'elrei Boabdil, do mesmo modo aqui os ladrilhos gastos de uma sala são triste padrão e funesto exemplo a futuros de um crime igualmente atroz ali se vê a sala dos embaixadores e da justiça, aqui se mostra a da audiencia de triste lembrança, pela ultima, que é tradicção que ali se dera. A sala das duas irmãs, o camarim, o jardim de Lindraia, onde vinhão as mouras ao sair do banho respirar a frescura do ar e o perfume embalsamado das flores, aqui se veem reproduzidos na salla do banho, e nesses odoriferos laranjaes, para manutenção dos quaes ainda em 1640 se pagavão doze escravos.

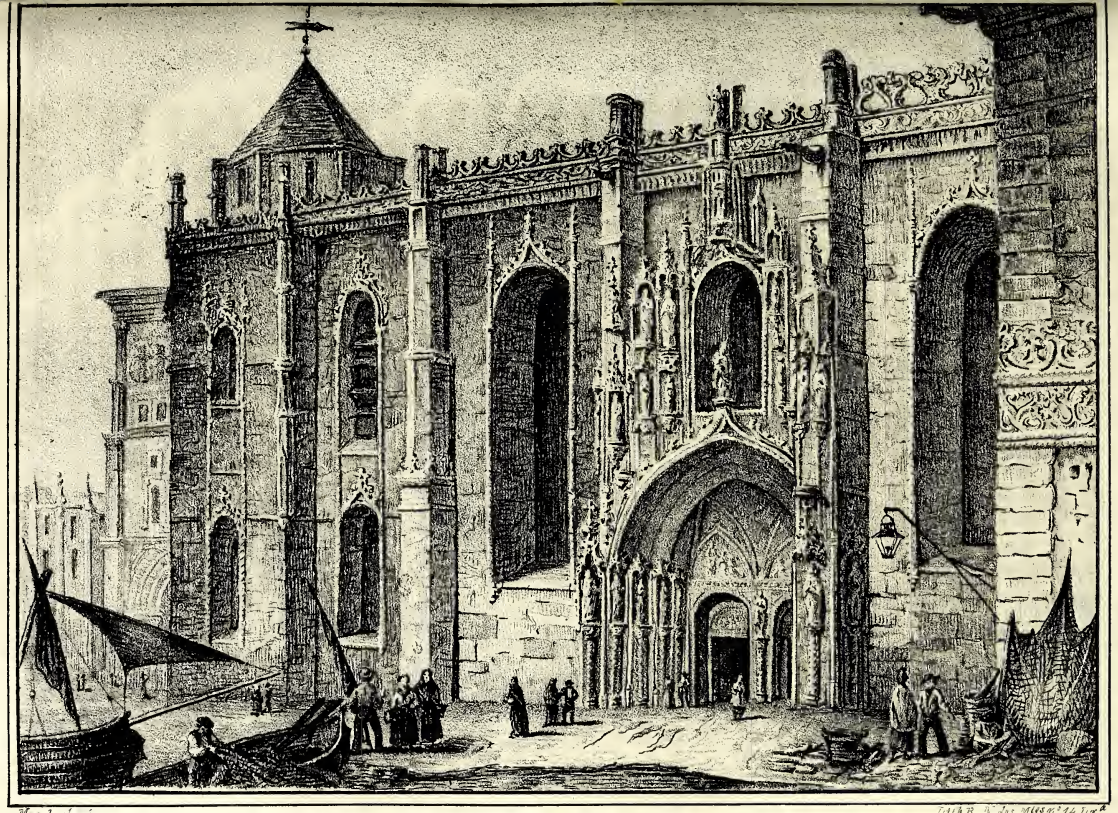
« — Atravez das profanações da moderna e mesquinha architectura que afeião esta deliciosa vivenda; a cada passo está sobresaindo a elegancia, a graça, a poesia, a delicadesa do antígo cinzel oriental, já nessas janelas, ímitando delicados troncos, já nessas fontes perennes que este paço tinha em tanta abundancia, contando-se dezesete distribuidas no seu interior. — »

Desejavamos proseguir esta curiosa descripção, se não no-lo vedasse a falta de espaço. Limitar-nos-hemos a dizer que o paço de Cintra tem, ha alguns seculos, uma sala monumental, similhante á que ultimamente se construiu em Versalhes, destinada a perpetuar as recordações da antiga gloria lusitania. Fundou-a elrei D. Manoel, e nella se veem os brasões de setente e quatro familias nobres. Chama-lhe a *salla das armas ou dos cervos*, por se acharem aquelles brasões suspensos da pescoço de algumas cabeças de veados, pintadas como ornato monumental.

Não levantaremos mão da descripção de Cintra sem louvar o gosto severo, e o sentimento artistico que se observão agora mesmo nos reparos do castello da Pena. Elrei D. Fernando II nada tem poupado para conservar este monumento a Portugal; e sob sua real direcção tem o barão de Eschwege applicado á archeologia da idade media as eminentes qaulidades que lhe tem grangeado reputação neste ramo de sciencia.

Torre de Belem.

Garcia de Resende, chronista por excellencia do fim do seculo 15.°, sendo uma especie de *factotum* de D. João II, e contando-nos com tamanha ingenuidade os milhares de pequenos serviços que prestou a este principe tão fogoso e impaciente. — Resende, o poeta, e pagem de escrivaninha, como então se chamava, foi o auctor do risco da torre de Belem. Aquelle soberano, a cuja perspicacia nada escapava, entendeu que lhe convinha construir uma torre na margem direita do Tejo, um pouco abaixo de Lisboa, para que o seu fogo se podesse crusar com o da *Torre Velha*, feita pelo tronco da casa d'Aviz. Encarregou a obra ao homem que nunca o deixava ficar mal no que emprehendia. A torre de São Vicente de Belem foi pois levantada no reinado do seu successor. O primeiro capitão que della teve o governo foi um certo Gaspar, nomeado para tal cargo por elrei D. Manoel a 25 de setembro de 1521.



Maphail del. Lith. R. N. dos Mars N.º 14 Lx.ª

S.ta Maria de Belem.

Este curioso monumento acha-se descripto em quasi todas as viagens a Portugal. O pseudonymo du Chatelet, Kinsey, os Keepsakes inglezes, deram della estampas mais ou menos exactas; porem nenhum delles foi tão fiel na descripção architectonica como o barão Taylor.

Convento de Belem.

Belem, como muito bem disse um sabio mancebo brasileiro, é a expressão architectonica de Portugal agitado, em progresso, e colonisador, como a Batalha representa Portugal independente n'um regimen estavel e tranquillo. Uma tradicção vaga, diz o sr. Varnhagem, fizera seguir a opinião de que o principal architecto desta obra fora o italiano Potassi. Já n'outra parte o tinhamos nós assim dito, posto que com mais reserva, porque vestigio algum achavamos deste nome, nem tinhamos apoio algum a que nos soccorrer para examinar em que bases a tradicção assentava. Proclamavamos como mestre da obra a João de Castilho (1), a respeito de cuja existencia não tinhamos a menor duvida; porém hoje deve elle ceder a palma ao seu collaborador, que realmente nos parece italiano como o inculca a tradicção. A honra de primeiro architecto de Belem compete a Boitaca, artista conhecido pelo que fez nas obras do convento da Batalha nos annos de 1499, 1512, 1514, e 1519.

Mosteiro de Belem (2).

Se a veneranda sé de Coimbra é para toda a Europa um dos bem conservados monumentos de architectura nos primeiros seculos do engrandecimento da igreja — se o amplo e variado convento de Christo, em Thomar, recorda

(1) Famoso architecto de D. Manoel. — Veja-se Barbosa Machado.

(2) Panorama, vol. 6.° pag. 39 e segg.

muitos feitos dignos praticados no orbe em differentes epochas, pela ordem independente da do Templo — se o grandioso mosteiro da Batalha, é um padrão eterno levantado á independencia e valor dos portuguezes nos fins do seculo 14 — se o sumptuoso palacio — convento de Mafra é um monumento de marmore erguido como para ostentar a riqueza e fausto do luso Salomão, no principio do seculo 18.°, outro templo existe, de epocha quasi intermedia a estas duas ultimas, menos nomeado e conhecido, não obstante ser o mais proximo da capital — estando até, presentemente, por assim dizer encravado nas suas casarias, e não desmerecer ampla noticia; já pelo local em que foi situado, e gloriosas recordações que traz á memoria, a sua fundação; já pelas veneraveis preciosidades que encerra; já — e não é menos importante — pela especialidade e valia de sua architectura. Fallâmos, bem se vê, do real mosteiro de Belem, outr'ora dos frades de São Jeronimo, e hoje occupado, desde a suppressão das ordens religiosas neste paiz, pelos alumnos da real casa pia, servindo a igreja com a invocação de Nossa Senhora de Belem, de freguezia d'aquelle bairro. Descreveremos o edificio, começando pela historia da sua fundação....

« — Seguindo o Tejo abaixo, pela margem direita, a uma legoa a par da antiga Lisboa, existia um logar chamado o Rastello, fronteiro ao ancoradouro mais seguro, que primeiro encontravão os navios, que entravão a barra, e igualmente o mais proximo desta, que se offerecia aos que se preparavão a seguir viagem; por quanto no visinho pontal d'arêa, quasi defronte da Trafaria, findava, como ainda hoje, a porção de rio fundo e entalado entre montes, que fornece tão bello abrigo: — d'ahi para fóra até á propria enseada de Cascaes, os bancos, cachopos, desabrigos, e marés de vagachão, tanto na proximidade da terra, deixão ainda agora mui cautelosos os que ás unhas da âncora confiárão a sorte do navio que muitas vezes garra, e ao minimo descuido se expõe ao perigo. Ora havendo,

como diziamos no referido logar tão bom ancoradouro, não deixarião de se estender ao seu aproveitamento os desvelos do principe navegador. Vendo pois o infante D. Henrique quanta utilidade resultaria da fundação de uma ermida n'aquella praia, que offertasse aos mareantes promptos soccorros espirituaes, resolveu executa-la doando-a á ordem de Christo, de que era mestre e administrador, e estabelecendo que os da mesma ordem ahi fossem pôr em pratica as suas caritativas intenções. — Depois a houve a coroa, que fez della doação aos frades de São Jeronimo, como vamos expôr cingindo-nos, nesta parte, precisamente á letra dos documentos, que temos á vista.

« — Elrei D. Manoel considerando ampliar o culto divino, e vendo como o assento e *sito* de Santa Maria de Belem — assim por ser na praia e ácerca desta cidade, como porque ao logar vinhão aportar e ancorar muitas náus, navios e gente, assim de estrangeiros como de naturaes — era apto e pertencente para nelle se fazer um mosteiro e casa honesta, em que podessem estar alguns religiosos, que devotamente ministrassem e fizessem o officio e culto divino, e agasalhassem os pobres estrangeiros, confessando-os, dando-lhes os outros sacramentos; resolveu de haver ali aquella ermida e assento de Belem, dando por escambo á ordem de Christo uma casa maior, que fôra synagoga dos judeus, situada onde tinha sido n'outro tempo a judiaria grande, que então chamavão Villa-Nova, que vem a ser o logar, aonde hoje está a Conceição Velha, igreja esta, que se edificou logo depois, como consta de documentos confirmados ainda agora pela fachada da mesma igreja. — Diz o rei fundador que os rendimentos desta ultima casa montavão em cincoenta mil réis, e que era mais do que a ordem obtinha de Belem. — E, por ventura, pela recordação que trazia este nome da pequena terra da Palestina, assim chamada, natalicia do filho de Deos, onde o mesmo São Jeronimo vivera, e tivera o seu instituto, ou, como elrei declara — pela devoção que elle proprio tinha

ao mesmo santo (cujo provincial, frades, e ermitães vivião sob a regra de Santo Agostinho, no hospicio da Penha Longa, que fica no sob-pé meridional da serra de Cintra) houve por bem, aos 22 de dezembro de 1498 de fazer doação á ordem de São Jeronimo do referido logar de Belem com o seu pomar cercado de muro e casas conjunctas, que estavão começadas a edificar; e bem assim de uma morada, que ficava proxima do chafariz visinho, declarando fazer a mencionada doação com todas as entradas, saidas, logradouros, agoas, e pertences, com qne erão possuidas pela ordem de Christo. — Tudo com intenção de ahi fundar um mosteiro d'aquella ordem, cujos religiosos serião obrigados para todo o sempre a uma missa diaria por alma do infante D. Henrique, fundador do dito logar, e assim pela d'elrei e seus successores, com clausula expressa de que, quando o sacerdote fosse ao *Lavabo* se voltasse para os fieis, dizendo em voz alta: — Rogai a Deos pela alma do infante D. Henrique, primeiro fundador desta casa, e por a d'elrei D. Manoel, que a doou á nossa ordem. — » Outro sim impoz a todos os religiosos o dizerem para sempre no fim de matinas e completas a oração — *Deus qui de beatæ Mariæ virgines utero etc.* — commemorando expressamente o doador ao archanjo São Miguel, e ao doutor maximo São Jeronimo. — O que sendo acceito pelos religiosos da ordem lhes foi dada a posse dentro da capella do sobredito mosteiro, começando aos 21 d'abril de 1500; e entre varias doações feitas ao convento não esqueceremos de mencionar a cessão da vintena do dinheiro das partes da Mina, e das mercadorias e cousas, que vinhão da India. Assim achâmos os alvarás de 12 de novembro de 1511, mandando para as suas obras entregar a Lourenço Fernandes, cavalleiro da casa real, que, naturalmente as inspecionava, cincoenta quintaes de pimenta; de 16 de dezembro do anno seguinte recommendando o pagamento da vintena, que lhe pertencia cobrar na casa da India, e de 9 de maio 1513, ordenando que

para as ditas obras se dessem da mesma casa quinhentos quintaes da mencionada especiaria, que então obtinha em Flandres subido preço: e pelo que affirma um chronista da ordem — o castelhano Siguenza (1) se vê que alguns annos excedia a mesma vintena a oitenta mil crusados, somma avultada nos tempos em que a affluencia do ouro e prata da America na circulação não tinha ainda produsido tão pasmosa quebra no valor destes metaes. O que, porem, podemos com segurança affirmar é, que, não obstante deixar o seu fundador encommendado no seu testamento que não se fizesse cessar esta renda em quanto o mosteiro se não concluisse de todo, e que, antes pelo contrario se augmentasse sendo preciso, vemos elrei D. João III, por alvará de 23 de maio de 1529 fazer ao convento a esmola de vinte e cinco moios de trigo, o que dá bem a entender que não possuia de sobejo, apesar de estar isento de pagar dizimos, conforme fôra concedido por bulla do papa Leão X de 24 de setembro de 1516.

« — Foi o edificio progredindo-se cada vez com maior prefeição na esculptura, pois no debuxo, e mão d'obra vê-se noclaustro mais primor que nocorpo da igreja. Não coube, porém, ao fundador o ter a satisfação de a ver finda: deixou o dormitorio apenas em começo, com recommendação de que se concluisse com esmero correspondente. Igualmente incumbiu aos desvelos de seu successor a abobada do cruseiro, cuja fabrica foi dada ao mestre João de Castilho, que era já architecto d'elrei D. Manoel, e devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras, se é que não fôra dellas o principal engenheiro. — João de Castilho, secretario do renascimento, e depois neophyto da restauração classica foi em Portugal o architecto ambulante. Mandado por elrei D. Manoel a Alcobaça para arranjos do claustro de D. Diniz, da sachristia, e da casa para os livros

(1) Libro primero de la Historia de la Orden de San Geronimo, por Fr. José Siguenza. Madrid 1605, pag. 83.

se achava no anno de 1520; no de 1530 dirigia as obras na Batalha: no de 1540 no Masagão; no de 1550 em Thomar (sua patrta?) onde parece que era fallecido em 1560. Foi homem que levou em decadas as principaes peragens da vida. Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida de seu tempo, e suas, são as portas excrescentes de pedra de Ançã da sé velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras atreadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthica, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, já meio convertido á seita dos restauradores. Das suas obras em Belem adiante fallaremos. Em 4 de julho de 1528 foi nomeado para o logar de mestre das obras da Batalha, vago por morte de mestre Matheus Fernandes (filho). Tratava-se do proseguir nos trabalhos das capellas imperfeitas destinadas ao jasigo d'elrei D. Duarte, que fôra dellas principiador, e ao de seus successores, D. Affonso V, e D. João II, do principe D. Affonso, e de elrei D. Manoel, antes de se decidir por Belem, - será evidentemente demonstrado em melhor occasião, por uma verba do proprio testamento deste ultimo rei, combinado com a intepretação das divisas que nellas se achão.

« — Castilho não era genio que se podesse moldar nas formas existentes para concluir o que fôra já concebido a até mais de meio posto em execução. — Porem nas ultimas obras da Batalha esta sua intolerancia não lhes dá honra, e tudo quanto ahi fez, ou pelo menos dirigio, deverá ser desmanchado, quando algum dia houver neste paiz quem tenha a elevada lembrança de completar o pensamento de tantos monarchas distinctos. Levantou dois grossos pilares cylindricos e estreados, e uniu-os por um arco abatido, deixando por baixo deste uma tribuna de balaustres *renascidos*, sem harmonia com o mais que lhe fica visinho. — E infelizmente para a sua memoria, deixou lavrado a um canto da dita tribuna, em uma cabeça de ornato o anno de

1533. epocha em que já ali tinham chegado as suas obras de improprio desenho, começadas nos annos anteriores — Seus forão tambem os quatro arcobotantes d'arco inteiro encostados aos pegões da capella-mor com impostas de capiteis corinthios. Do mesmo Castilho é sem duvida uma casa particular que fica defronte da porta do sul do convento, com duas janellas, uma por cima da porta com a simplicidade da restauração, e outra maior de dois arcos abatidos, copiosa em arabescos, sobresaindo em baixo de cada uma seu busto de meio relevo, tudo no gosto de Belem, o que não deixa de, no seu tanto, fortificar as justas suspeitas de que deste convento fosse elle o principal architecto. Accresce o existir um alvará de 23 de setembro de 1522, pelo qual elrei D. João III manda a Pedro Lopes que pague ao dito Castilho mil crusados por conta da empreitada com elle novamente ajustada (diz este documento, que está na torre do Tombo) sobre o offerecimento das abobadas e pilares do cruseiro da igreja. » — Este documento unico destroe de todo uma anecdota que o auctor do anno historico refere como passada com elrei D. Manoel: se bem que tenhamos sufficiente motivo para desconfiar da sua veracidade pelos seus visos de maravilhoso, attribuida já antes ao fundador da Batalha por frei Luiz de Sousa; asseverando que quando elrei D. João I mandara descimbrar e tirar fóra as cambotas da admiravel casa do capitulo d'aquelle mosteiro, temendo sacrificar a gente que em tal mister empregasse no caso de de desabar tudo, mandára vir para isso criminosos, que em taes casos saldarião seus crimes sepultos em entulhos de madeiras, pedras. e caliça.

» — Não foi elrei D. Manoel, nem o architecto, que se diz, quem fabricou a abobada do cruseiro de Belem, se por isso taxâmos de falso o que a tal respeito conta o padre Francisco de Santa Maria — facto que de certo, não fôra de importancia tão mesquinha, para que, por esquecimento deixasse de ser relatado por varios chronistas antigos

— coevos alguns. Siguenza até diz que elrei D. João III foi quem cerrou o cruseiro.

Nem faça duvida no citado alvará o adverbio *novamente*, o qual parecendo indicar de *novo* poderia a alguem dar a entender que já antes houvera outra construcção, que por ter cahido se precisava fazer de novo. Quem assim discorrer por certo que não estará familiarisado com o verdadeiro sentido que em quasi todos os escriptores d'aquella epocha se liga ao adverbio *novamente*, que significa de novo, sim, mas em referencia não a um tempo passado, vago, e indefinido, porem ao tempo em que se está, e quer como dizer modernamente, de mui pouco tempo a esta parte. Tão pouco nos achâmos dispostos a acreditar outro ponto de tradicção, de que o verdadeiro architecto da obra, chegando aos saimeis desapparecia sem fechar a abobada, e apresentando-se d'ahi a tempos disfarçado forão acceites suas offertas para a fazer, como praticou; dando-se logo depois a conhecer e desculpando-se de que usára tal estratagema, receoso de perder a sua reputação, adquirida, no caso que a abobada não ficasse firme. E'sta é a mesma tradicção que se conta do convento de São Francisco em Evora (quasi da mesma epocha) com a differença de se explicar neste ultimo, que o architecto esteve ausente por sete annos, que julgou necessario para assentarem bem os pes direitos e pilares de uma abobada tão magestosa: e tanto basta para a tal respeito nos fazer um pouco incredulos.

« — Não encontrámos até agora rasão plausivel que nos faça persuadir ter sido um tal João Potassi, italiano, o primeiro architecto que deu o traço do edificio, nem achamos memoria legitimada que nos leve a crer que tal nome se deva associar ao mosteiro de Belem. Não queremos com isto combater opiniões contrarias á nossa, o espirito regeita ás vezes por falta de convicção; e sem bastantes argumentos não deve exigir dos outros em sentido opposto isso mesmo que repugna. — Nós unicamente encontrámos o nome de João de Castilho; e apenas em maio

de 1534 apparece o de Gaspar Dias, a quem elrei manda pagar despesas: póde porem, crer-se, que estas fossem só relativas a objectos de pintura em que este artista viajante era mais insigne; e de seu pincel são, com certesa, alguns vasos existentes, entrando neste numero o que está no primeiro patamar da moderna escada principal do convento.

« — A verdade é que o todo do edificio, tanto no exterior como no interior, se não apresenta, logo á primeira intuição, um plano concestado, religiosamente seguido, esse apparecerá a quem contemplar o assumpto muito d'alto, depois de o ter sufficientemente estudado e meditado. Chegar-se-ha a descortinar certos harmonicos, que, geralmente, apenas a custo transluzem em toda a architectura anarchica da epocha chamada do renascimento, principalmente quando se acha, como aqui, deturpada por tantos inchaços, e intumescencias, por tantos emplastos e cataplasmas de nova especie. . . . . .

« — Quasi toda a frontaria do mosteiro, voltada ao sul, é de pedra celcarea rija (lioz) que se encontra abundantemente nas cercanias desta cidade, e até dentro do seu recinto, como se vê em Alcantara, Pampulha, e Rocha do conde d'Obidos Apresenta ella essa côr sombria dos seculos — essa frente tostada (para empregar-mos a expressão do elegante Sousa) de que Murphy, com tanta rasão exalta a bellesa no mosteiro da Batalha, no qual se vê, como neste de Belem a torre de São Vicente visinha e contemporanea — certo tisnado na côr tirante a vermelha, procedente da incrustação que toma a pedra, quando em contacto com o ar atmospherico.

« — De cinco partes distinctas se póde reputar constante esta frontaria meredional; a saber, primeira: da caixa da capella mór, de architectura moderna: segunda, da do cruseiro . . . . ; terceira: do lanço mais nobre, melhor lavrado, correspondente ás naves e torres; quarta do vestibulo moderno, ou excrescencia informe; quinta da extensa

habitação sobre arcaria, sustentada a custo espaço por botareus — Cada uma será considerada em particular.

« — A porta exterior da capella mór mostra bem o que ella será por dentro. A simplicidade classica acompanha as paredes exteriores, cuja união com a do crusoiro, nem ao menos se fez bem. Não ha um gigante, não ha sequer um ornato que faça ao menos este pedaço condizer com o edificio. Uma balaustrada simples, sustentada por meio de caxorros guarnece exteriormente o telhado, sobre o qual, em correspondencia do presbiterio ficão dous cupulins a modo de guaritas, aos quaes do interior se chega por escadas de caracol. — Toda esta obra foi, sem duvida, feita por Diogo de Torralva, que em 1551, em que ella se acabou era o architecto do convento. Nesta epocha forão para ahi trasladados os restos d'elrei D. Manoel, e da rainha sua segunda esposa.

« — A caixa do cruseiro se bem que menos ornada de que a outra porção de que já nos vamos occupar, não desdiz do gosto da architectura. Superiormente é cercada de uma cimalha caxorrada, na meia altura partida por uma faxa de arabescos, que continua para os lados. Por cima desta se fez modernamente com rasgamento circular tapal até ao meio, e nada em harmonia com o resto por falta de ornatos. Este rasgamento não chega a ser um remendo, é um buraco

« — O exterior das naves é o pedaço da frontaria do edificio mais digno de admiração, e muito especialmente o que diz respeito ao nobre e magestoso portal. Fica este entre dous soberbos botareus, cuja forma desapparece com os lavores e nichos, columnas e estatuas, de que são ornados. Apesar de que a arte, e o esmero de construcção, empregado neste portal lhe dê o primeiro logar, com tudo não póde ser a porta principal, por quanto esta era de uso ficar opposta ao altar mór, que em todas as igrejas antigas se costumava situar ao nascente.

« — Dentro do espaço que comprehende um grande

arco de volta inteira, tudo bem cinzelado, e com boas esculpturas de meio relevo algumas das quaes parecem estar embutidas, se abrem dous vãos de volta muito achatada, tendo entre si um pilar acompanhado de columnas, cujo capitel serve de peanha á estatua, que representa effigiado o infante D. Henrique, em corpo inteiro vestido de arnez, grevas, e de cotas d'armas. — Aos lados e no mesmo nivel vêem-se em nichos os doze apostolos, tambem de pedra, e do mesmo tamanho. — Por uma do remate da guarnição exterior do arco maior acha-se uma grande imagem da Senhora dos Reis, cuja é a invenção desta igreja. Está á sombra de um magestoso baldaquin, que guarnece superiormente uma fresta, ou janella, que fica sobre a porta, com seu pequeno nicho habitado em cada hombreira. Aos lados desta janella se vêem outras doze estatuas de santos menores, do que os debaixo, mas tambem como estas em nichos coroados de baldaquins. — Na cimeira fica em igual correspondencia de balaustrada do telhado o archanjo São Miguel.

Para os lados vêem-se dous frestões, ou janellas altissimas, e com iguaes hombreiras de lavor entresachado, tendo a cada lado em meio relevo dous fustes como de supporte findando em agulha. Segue-se na parede, e depois no fundo do botareu, um como retabulo, ou caixilho alto, e esguio, que envolve duas frestas, das quaes a superior, pelo vão que não está tapado a pedra e cal, da luz para o coro, e a inferior para a parte da igreja, que fica por baixo deste. Vem depois a torre do relojo, que, como está, devia servir de base a um corucheu, com dous frestões como os precedentes, dos quaes o debaixo dá luz para uma capella, e o de cima para a casa do relojo. Os dous angulos da torre rematão em pinaculos, por detraz dos quaes fica a grinalda de pedraria que guarnece toda estensão das naves, tendo espaçados nove acroterios, dos quaes só dous estão arrematados; um delles, o segundo começando da torre, com uma esphera armilar. A posição da dita grinal-

da proxima ao cruseiro é mais elevada, o tem em cima lises, dessas chamadas metas por frei Luiz de Sousa, e que alguns inglezes denominão *flores de Tudor*. Pena é que se não acabasse ao menos o corocheu oitavado desta torre do sul, para a qual já estava de todo prompta a base octogonal, que provisoriamente se cobriu com um telhado, que bem provisorio é ainda. Nas faces desta base, voltadas aos quatro pontos cardeaes, se deixárão ventanas aonde estão os sinos da igreja, dous dos quaes servem para dar as horas e quartos do relojo da torre.

« — Segue-se o portico moderno, que offerece um vestibulo para se chegar á entrada principal da igreja . . . Esta obra seria talvez feita pelos annos de 1699, em que a igreja sofreu muitos concertos, e não só se póde chamar uma mascara de impropria côr, posta na face da igreja, mas o pior foi que para bem poder servir forrarão de todos os lados a mesma face, e procurarão curar as chagas com emplastos nojentos. . . . .

« — Ao poente acaba todo o edificio no estreito e longo dormitorio. Foi este construido sobre uma abobada de vinte e tantos arcos, cujos pés direitos são reforçados por igual numero de gigantes ou botareos, que se encontrão de uma e outra parte. Distão entre si trez braças, pouco mais ou menos, todas em seus gorgulos, que, assim como tambem acontece no corpo da igreja, despejão dos algeroses dos telhados. Quem olha hoje para esta parte do edificio, toda cheia de remendos de albados, não vê ao primeiro aspecto senão uns cahos: só depois descortina mais bem concertadas proporções. Ao pé da igreja ficavão dous botaréos elevados, que devião encobrir os degraus ou passadiço, que por cima de uma especie de arcobotante daria para o coro. Frequentes são estes modos de communicar nos edificios da epocha anterior, como a batalha póde dar exemplo. — Estes dous grandes botaréos mencionados, erão seguidos de quatro menores: vinhão d'ali outros dous grandes acompanhados de mais quatro menores, o que se repe-

tia mais duas vezes — e no fim terminava ao poente o dormitorio alto, como ainda hoje se vê, e sustentado por cinco delles maiores. Rematavão estes em pinaculos mais elevados; os dos menores consistião apenas em certas pyramides, tendo por unico ornato uma *nacella* em espiral com lavores de meias laranjas em relevo. Entre todas estas pyramides corria d'ambas as bandas com peitoril de pedra de grilhagem com a cruz de Christo, mostrando-se de quando em quando. — Nesta estensão se comprehendião de cada lado trinta e seis, e nos espaços, entre cada dous botaréos dos grandes, havia janellas conventuaes, não do feitio mais moderno, como as que hoje deitão para fóra, porem de maineis, como trez que ainda se conservão do lado da cerca. Os arcos da abobada inferior erão, como d'antes destapados, pois o fundador os destinara para servirem como de ostáos aos maritimos que não tivessem casas em terra. Os frades mandarão tapar para economisar espaço sem se importarem com taes intenções, e menos ainda com a bellesa do edificio. Nestes arcos esteve por algum tempo a alfandega depois do terremoto de 1755. A face do poente devia acabar de um modo singular. A abobada do tanque, que é antiga, e a agoa que chegou a ser ahi levada, parece que devia servir a uma especie de cascata de gosto original. Dous golfinhos de marmore d'onde corre a agoa lá estão; porem os frades aproveitárão o logar em roda para uma varanda de tomar fresco, feita como orthostylo de outo simplices columnas de marmore branco, e guarnecida por uma balaustrada, que abrange um espaço de pouco mais de nove braças quadradas. Esta varanda não se vê senão entrando pela cerca.

« — Com quanto seja-mos apaixonados das arvores, e bem as desejaramos vêr mais desseminadas neste paiz, e mesmo dentro das cidades e aldeas, muito principalmente as amoreiras, comtudo não approvâmos que fossem algumas plantadas em frente do edificio, por quanto em estas crescendo o poderão, senão damnificar, pelo menas encobrir,

obstando a que seja a sua apparencia gosada do mar. Lembra-nos, porem que já talvez de proposito fossem plantadas para se esconderem certos remendos, sujos de branco, envergonhados de estarem tão patentes. — Ou póde ser que para apparecerem pelos seus intervallos: —

— *Quaes por entre devesas loucas nymphas.*

As garridas janellas modernas em todos os tamanhos, e isto talvez por uma boa rasão: — a symetria nas janellas novas não ficava bem quando as antigas tambem della parecem ter fugido. . . . . .

« — O portico por onde hoje se chega á entrada principal da igreja mascarou por tal arte a frente desta que apenas a custo se póde atinar com o projecto que já em grande parte fôra posto em execução.

« — O meio do esguio e comprido quarteirão dos dormitarios, correspondia na primitiva á porta principal situada entre dous bataréos bem lavrados. Ao limiar desta chegavão os raios do sol depois de atravessarem o intervallo descoberto, que separava o mosteiro. As terras, que por assim dizer atalaiavão a porta, podião tambem flanquear com as suas faces do poente todo o comprimento do mencionado quarteirão por uma e outra banda.

Cada torre tinha em baixo uma fresta ou janella, outra na altura do coro, e a final, superiormente uma especie de varanda em correspondencia das ventanas dos sinos das torres. Poderia talvez communicar de uma á outra pela cimalha que fica sobre á porta, na qual cimalha se vêem gorgulas espaçadas symetricamente, as quaes hoje só pódem descobrir-se subindo aos telhados. Nenhuma das torres se chegou a acabar. Na do sul, que se vê no frontespicio, e que antes de muito exame parece ter sido unica, ainda chegarão as obras até o principio dos artesões, que devião fechar a abobada do campanario, que serve de base ao coruchéo, ao qual condusão escadas de caracol, que partindo do

coro são a espaços alumiados por agulheiros. — No do norte apenas se assentavão os socos dessa base, o que se poderá conhecer destinctamente examinando-o de perto. Por baixo da mencionada cimalha ficava respondendo ao meio da porta principal um desses vãos circulares arrendados, mui frequentes no estylo ponteagudo, aos quaes os francezes dão o nome de *rosaces*, e nós lhe temos sempre ouvido chamar *oculo*, e assim lhe chama o proprio Moraes no vocabulo luneta, qne adopta na mesma accepção: espelho é o nome que lhe dão frei Raphael de Jesus, e frei Luiz de Sousa — dedusindo com propriedade a metaphora do buraco circular lavrado no meio das guitarras, ao qual se dá tal nome. No logar pois desse oculo ou espelho existe hoje uma janella moderna rasgada para dar mais luz ao coro, talvez porque os frades receassem cançar a vista na leitura da miudissima letra do cantochão! Em baixo do mencionado oculo ou espelho devia exteriormente ir quasi tocar, elevando-se da porta principal, a flor do remate superior desta, similhava ao golphão, que, deixado os raizes no pego, procura com seus compridos talos ir ostentar perante o sol a bellesa dos pétalos — Mãos barbaras cortarão aqui esta flor pelo pé, só para construir um pavimento em que se aproveitasse um pedacinho de chão. Vem pedreiros, levantão andaimes, accarretão materiaes, e dentro em pouco eis que apparecem uns poucos de homens com vertiginosa furia esfollando paredes, escalavrando esculpturas, e derribando muitas pedras; — separando, para encaixar seja aonde fôr, algum pedaço que acertava de cahir com esculptura inteira. Tapão-se umas janellas, rasgão-se outras, alguns rapazes levão para fóra em cestos o entulho que se vai amontoando: — emfim desenvolve-se em taes obras a actividade do costume nas cousas de que só mal resulta. Por fim um leigo que se dizia architecto dava o risco para um ridiculo *pronaos* a fim de encobrir a porta principal da igreja, offerecendo por cima aos frades commoda passagem para o côro, — construin-

do uma casa á qual se inculcou o pretexto de ser destinada a conter os retratos dos reis de Portugal.

« — Digâmos porem o que encontra de notavel quem entra o portico moderno. A primeira cousa que vê logo á direita é um altar de pedra desguarnecido por baixo do oratorio do Senhor Jesus dos Navegantes, que encobre uma das janellas baixas da torre que felizmente escapou, quando outro tanto não succedeu á sua parceira. Segundo quer o sr. A. Castro esse altar foi o proprio em que se disse a missa de despedida de Vasco da G., a qual talvez avivasse a elrei a lembrança de fazer o convento naquelle logar. — A este respeito nada dizem Gaspar Corrêa e Castanheda: este ultimo falla apenas da procissão com que os nauticos sahirão de Nossa Senhora de Belem para o embarque. Barros é mais extenso, e não se esquece da mencionada missa: eis aqui as suas palavras: « Postos os navios em Rastello, logar de ancoragem antiga, um dia antes da sua partida foi (o Gama) ter vigilia com os outros capitães á casa de Nossa Senhora da Invocação de Bethelem situada neste logar de Rastello, a qual naquelle tempo era uma ermida que o infante D. Henrique mandou fundar, onde estão ainda alguns freires do convento de Thomar pata administrarem os sacramentos aos mareantes. Ao seguinte dia, que era sabbado 8 de julho (1497) por ser dedicado a Nossa Senhora, e a casa de muita romagem, assim por esta devoção, como por se irem expedir dos que iam na armada, concorreu grande numero de gente a ella. E quando foi ao embarcar Vasco da Gama os freires da casa com alguns sacerdotes que da cidade lá erão idos a dizer missa ordinaria, fizerão uma devota procissão com que levarão etc. —

« — Contiguo ao altar mencionado fica, entre duas toscas columnas de cada lado, a entrada da portaria. No tympano do frontão desta porta, ou para melhor dizer, por cima da base do frontão sem empenas, se lê uma inscripção latina que allude ao fundador. — Entrando-se esta porta se chega á casa que conserva, como guardado todo o tra-

balho da esculptura e estatura, que resta na porta principal. — Algumas loisas de sepulturas lageão ahi o chão; a obra do tecto demonstra que houve com ella intento de imitar o systema de artesões da igreja: mas se fez isto com muito pouca felicidade no exito.

« — A porta principal não obstante ficar á direita de quem entra, e não em frente chama logo a attenção do observador entendido. — E' formada de um arco revirado, ou de volta composta de talões, porem mui abatido. As hombreiras e suas guarnições são mui ornadas, tendo cada uma quatro nichos com anjinhos — Pela parte superior estão dous cherobins de pedra sustentando as armas de Portugal, tendo por cima uma esculptura do natalicio de Christo, e mais abaixo uma da Annunciação ao lado esquerdo, vendo-se á direita, na mesma altura, a adoração dos Reis — De cada lado da porta cobertos por lavrados baldaquins, e sobre os capiteis de fustes enroscados entre dous nichos de imagens, se vêem de joelhos efigiados ao natural, e com os competentes vestuarios o rei fundador e sua mulher D. Maria, viva quando esta porta se fez. Póde ser que d'ahi se devão tirar os dous retratos mais parecidos destas duas pessoas reaes — No capitel ou peanha sobre que está o fundador se vê a sua esphera armilar, e no da rainha castelhana o escudo bipartido de Portugal e Castella. Segue-se para cada um dos lados dous bataréos tendo cada um trez nichos com imagens de santos. Parecem mui baixos, e natural é que fossem cortados e arrematados com os vasos quando ahi se fizerão as obras. A cada lado segue mais um nicho com uma figurinha, cercado tudo de bem cinzelados lavores, que forão partidos na occasião em que se fizerão as obras acima mencionadas.

« — Porem é já tempo de deixar de estar parado á porta. Entremos na igreja — Quando effectivamente se entra figura-se esta muito baixa, e em verdade ahi não terá mais de trez braças d'alto, ficando o resto de altura occupado pelo coro, que entra algumas oito braças pela igreja

adiante; sendo esta em tal extensão muito estreita por ter de cada lado duas capellas, das quaes as primeiras forão construidas para trez altares, que vinhão a ficar por baixo dos dous coruchéos das torres que se acaso estas se fizessem. São aqui mui dignos de attenção não só a curva e lavor dos primeiros dous arcos de igual altura, que ficão aos lados, mas tambem o dos trez que se prolongão com as naves, dos quaes o do meio é mais largo e obtuso. Além disso chamão a attenção do expectador os grossos artesões ou ribetes do tecto, cujas flores ou molduras interseccionaes contem as armas portuguezas, a esphera do fundador, a cruz da ordem de Christo etc. — As columnas dos referidos arcos, guarnecidos a meio por um bocel lavrado são torsas, e por esta forma se prolongão pela archivolta até se encontrarem no fecho. Estas voltas tem analogia com algumas do estylo de Tudor que se vêem na cathedral de Norwich, contemporanea a este mosteiro. Começão em dous arcos, e vão fechar-se nas direcções normaes destes, ou em outros dous arcos, cujo raios se suppõem de grande extensão para terem aquelles menor curvatura.

« — A capella que fica á direita, recebe a luz por uma fresta que deita para fóra, mencionada no capitulo antecedente; tinha ainda outra fresta, que, como dissemos, foi tapada e encoberta pelo oratorio do Senhor dos Navegantes. Na parede fronteira fica um altar com trez imagens, sendo digna de menção especial, a de São Leonardo, que elrei D. Manoel recebeu como presente do papa. Por todas as outras paredes se vêem imagens e reliquias, que erão da capella d'elrei D. Sebastião, o qual no seu testamento, feito em Lisboa aos 13 de junho de 1578 — antes de se ir sepultar em Africa, ordenou que por sua morte ellas se conservassem em deposito neste mosteiro, em quanto assim fosse da vontade de seus successores. —

« — Na capella do lado esquerdo, chamada do Senhor dos Passos, quasi não apparece senão obra de talha dourada de madeira, que com essas columnas salomonicas de mau

gosto, guarnecidas no fuste de parras e cachos d'uvas servirão tanto ha mais de um seculo para encobrir ás vezes primores de architectura e de esculptura — Esta capella dos Passos está resguardada por uma grade de ferro fechada; a outra fronteira de São Leonardo, por uma balaustrada de madeira.

« — Proseguindo adiante vemos á direita, junto á parede que deita para esta ultima capella, um sarcophago singelo, e não acabado, que o sr. D. Pedro II mandára fazer para encerrar o corpo de seu infeliz irmão D. Affonso VI — Seguem-se os trez arcos sobre os quaes termina o coro: cada um delles corresponde a uma das naves, que lhe fica no prolongamento. A abobada do vão do arco do meio é moderna, como se deduz logo do lavor dos artesões. Foi construida (bem como o que distinctamente ahi proximo se descobre haver sido ha pouco reedificado) depois do terramoto de 1755, que abalou parte da igreja.

« — Apenas o expectador traspassar estes ultimos arcos elle receberá a impressão grandiosa inspirada pela largura da igreja, pelo achatamento da abobada, igualmente alta nas trez naves, e pelos lavores dos pilares que a sustentão. O angulo optico não póde abranger senão parte, mas isso mesmo dá variedade de impressões — Tem o corpo da igreja nove braças de largura, e segunda a nossa aproximativa medição, o comprimento total não chega a trinta e cinco — E ainda que alguns lhe assignem mais trez, pela nossa conta a distancia desde a porta da igreja ao primeiro degráu do cruseiro é menor do que vinte braças; este ultimo tem sete; a capella mór até ao ultimo degráu de pedra, quatro; e o altar apenas occupa duas e meia — Assim vem a ser pouco menor que o da Batalha, e muito mais pequeno que o d'Alcobaça, que tem de comprdo quarenta e tantas braças — A altura da abobada, se o habito de avaliar a olho nos não atraiçoou desta vez, é menor que a da nave do meio da Batalha; deve andar por umas nove braças; como a de Alcobaça: a do cruseiro é, comtudo, um pouco mais alta,

e bem artesoada: os florões, ou bossetes nos feixos octogonos são cobertos de outros maiores, ao que parece de metal, pintados com espheras armilares, cruses da ordem de Christo, e não destinguímos já bem se o leão de ouro de timbre de São Jeronimo, deixando-se, comtudo ver ainda o seu barrete de cardeal. Não podemos divisar ahi inscripções algumas, nem julgâmos que ellas existissem mais do que na credulidade dos que imaginavão tê-las visto neste logar.

« — A abobada da igreja é juntamente com a do cruseiro sustentada pelos seis pilares da base circular, e com pedestaes que separem as trez naves; sendo iguaes em tamanho os quatro do corpo da igreja e muito mais fortes que elles os dous que separão o cruseiro. Ha mais dous meios pilares da grossura dos primeiros, que parecem firmar sobre o côro. Todos forão apreciados e tidos por de um gosto tão novo para a França, pelo architecto barão de Taylor, que veio a Lisboa mandado pelo rei dos francezes em 1836, que não se contentando com tirar delles os desenhos, os mandou modelar em gesso pelo natural, até á altura de 50 palmos os grandes, e de 38 a pequenos. Mencionámos este facto para que senão estranhe o insistir-mos em os descrever mais miudamente, de que será talvez do apetite da maior parte dos leitores, e de uso em discripções desta naturesa. Começaremos pelos quatro menores, reservando para logo os outros dous.

Tem os referidos pilares á superficie exterior oito columnellas (adoptando do latim esta palavra de que carecemos) em meio relevo desde cima até baixo, sendo porem em toda a altura a superficie do fuste interceptada por trez cordões ou anneis, que as dividem em quatro porções ou andares. Os oito intervallos das columnellas estão perfeitamente lavrados com frestões, e brutescos, que comprehendem figuras humanas, monstros, animaes, passaros etc. Tanto nesta especie de hicroglificos, como nas columnellas e cordões, fazem taes pilares recordar as columnas egypcias, — No meio do segundo andar estão rasgados nos oito men-

cionados intervallos outros tantos nichos inhabitados; os dous meios pilares que parece assentarem no côro só começão com o terceiro andar, e tem cada qual seu morador de pedra. A parta destes meios pilares voltada para o coro foi mascarada com duas pilastras modernas, que ahi se unirão naturalmente, a fim de sustentar ao meio da frente do coro um grande espaldar e docel de demasco e veludo levantado sobre um altar de madeira, com um crucifixo de tamanho maior que o natural, e um pequeno painel antigo, representando de um lado a ressurreição, e do outro Nossa Senhora e São Jeronimo vestido de cardeal, intercedendo por elrei D. João III, sua esposa e mais familia real, todos ajoelhados, com os nomes em letra dourada nas cabeças. O sr. A. M. Couceiro, a quem devemos esta curiosa nota foi quem teve a lembrança de tirar fóra todo este altar, que não permittia gosar tão bem da architectura, mandando a imagem para uma das capellas da igreja, e guardando o importante painel n'uma das capelinhas do dormitorio.

« — O coro foi, como dissemos, concertado em boa parte depois do terramoto. Talvez que só desde esse concerto é que se lhe arroujou a balaustrada entre cada dous acroterios sem *alhetos*. Defronte dos meios pilares, arquêa a sacada para fóra; é ella sustentada sobre um friso dourado com triglyfos e metopas, e ornada de cabeças de victimas, descendo d'ahi uns troços, que vão terminar em misulas nos dous pilares dos trez arcos por baixo do coro. E' este sufficientemente espaçoso, e guarnecido de cadeiras de espaldares de madeira de bordo, obra de valia neste genero: os mesmos espaldares servem de moldura a quatorze paineis: doze do apostolado, o de São Jeronimo, e outro de Santo Agostinho, todos de pintura moderna, e pouca importancia. Além destes estão ahi mais dous quadros, e duas imagens do Senhor por baixo. — Ha no coro actualmente trez, orgãos, dous grandes encostados ás paredes lateraes, e um pequeno que hoje serve. No grande do lado do evange-

lho, que tem muitas e excellentes vozes, lê-se: — *Manoel Machado Teixeira de Miranda o fez e o acabou, no anno de* 1781. — O da epistola, igual ao outro em rico lavor parece que senão chegou a acabar, e tem este distico: — *O excellentissimo D. Frey Diogo de Jesus Jardim, sendo bispo de Pernambuco mandou fazer este orgão, no anno de* 1789.

« — O orgão pequeno era da capella real da Ajuda, e foi pelo governo cedido á casa pia pela axtenção da patriarchal, a fim de servir ao uso dos orphãos, e está no logar do altar, que se tirou fóra, ao pé do meio do pilar da epistola.

« — Os livros do coro erão primorosamente illuminados por Francisco de Hollanda, segundo é fama, e se guardavão por baixo do orgão da epistola, em logar apropriado. Na parede do lado opposto estão ainda as duas portas, que davão d'ahi communicação para o cruseiro da igreja e para o claustro. E' uma dellas baixa da altura de uma pessoa, e de verga horisontal, e a outra mais alta e curva com um ornato em cima, que representa entrelaçadas as letras J. H. S. que se vêem em outros varios logares do edificio.

« — O tecto é como o do resto da igreja, de abobada abatida, e todo de artesões, que se estribão nos capiteis dos pilares e paredes lateraes. Os capiteis são guarnecidos de folhagens, e um abaco constante apenar de um toro, ou bocel, d'onde partem correspondentemente aos intervallos entre as columnellas os quatro artesões para cada lado que vão encontrar nas naves lateraes, com outras quatro que na parede se reunem em umas misulas, ou antes troços pendentes semicylindricos, lavrados de nacellas enroscadas, em cujos socos, lisos na parede da epistola, e cobertos de folhas na do evangelho, se vêem ainda argolões de ferro que servem de suspender os individuos, que vão acudir e limpar as paredes e tectos.

Os vãos entre os referidos troços correspondentes aos pilares estão rasgados com janellas, cujos vidros não acre-

ditâmos terem sido de côres, ainda que assim no-lo querem affirmar. — As do lado da epistola ficão mencionadas na descripção do frontespicio. — As da parede do evangelho, situadas mais alto, são menores e de volta inteira, sem impostas, e com lavores singelos nas hombreiras e archivoltas. Em baixo ha deste lado sete pequenas portas contendo por cima outros tantos nichos cobertos, por elevados e nobres baldaquins, cada um de sua feição; porem todos arrendados e de laçarias, sobresahindo á parede, e com os remates superieres em cruz, lisos, pyramides etc. — Estes nichos servem ás vezes para se collocarem castiçaes com luzes a que os mencionados baldaquins servem de chaminés! Essas sete portas, e mais cinco que ficão debaixo do coro (trez das quaes se não vêem) dão para uns cubiculos, que servem de confessionarios: não tem dentro sahidas, mas apenas umas grades ás quaes chegão a penitentes por outras doze portas que lhes correspondem para o claustro.

« — Deixemos, porem, o corpo da igreja, e caminhemos para o cruseiro. — O chão que se pisa é todo lageado de ladrilhos de Hollanda roxo e azul, collocados em sentido diagonal das paredes, frequentemente empregados neste edificio. — Vejamos primeiro os dous pilares polistylos, que se esfileirão com os outros menores do corpo da igreja.

« — Cada um destes póde considerar-se como resultado de quatro menores enfeixados, deixando em cada um mais baixos os nichos singelos que nos primeiros mencionámos. Além destes ha aqui nos quatro reintrancios da união outros tantos nichos maiores de baldaquins, mas tambem sem santos. — Em cima não tem capiteis: são coroados de uma especie de abaco circular formado de um ovalo ornado de meias laranjas sobre dous filetes, e guarnecido por um listello; ficando ornados de folhagem os saimeis d'onde partem não só os artesões, como os trez arcos correspondentes ás trez naves. — O do meio, sobre cujo fecho se vêem entre duas espheras as armas portuguezas, até onde podemos apurar com a vista, é de volta mais elevada de

que a inteira; e é o arco desses que Willis denomina *Stiltedarch*, ou chega ainda talvez a curvar um pouco para dentro, e constitue quasi a volta de ferradura á mourisca. Os outros dous lateraes são de ponto subido, e que era essencial para serem mais estreitos tendo a mesma altura. Junto a estes pilares pollistyllos mandarão os frades encostar dous pulpitos modernos, e com escadas, naturalmente por que ficavão longe do povo os dous riquissimos em esculptura contiguos á capella mór, e da fundação primitiva. Diz-nos o sr. Couceiro, que quando administrou a casa pia tinha incumbido a pessoa entendida o tirar fóra esta prova e testemunho do máo gosto dos frades; o que infelizmente não chegou a realisar-se.

« — A abobada do cruseiro de Belem é obra ainda mais digna de admiração do que a da casa do capitulo na Batalha. E' a desta menos abatida, e tem setenta e duas braças quadradas, quando o cruseiro conta onze de largura sobre sete no sentido longitudional, vindo assim a dar maior superficie, sustentada sem o auxilio de um só pilar. Ha no tecto uma combinação de artesões que se vão estribar principalmente: — 1.° nos dous pilares polistylos: e nas misulas que ao pé do arco do altar mór correspondem aos saimeis d'aquelles — 2.° nas misulas dos cantos do mesmo cruseiro, que ficão na mesma linha das paredes das naves: — 3.° nos fechos dos arcos, tambem de volta inteira, das capellas latraes.

« — Antes de entrar-mos nestas vejâmos o que ha de mais notavel no correr das paredes. Em cima, aos lados do arco da capella mór, estão duas grandes janellas, de volta redonda, pelas quaes; por deitarem para o nascente, entra de manhã muita claridade. — A's linhas do meio de cada uma destas correspondem por baixo os eixos de duas columnas lavradas, sustentadas em misulas, e coroadas de capiteis, que tinhão destino de servir de peanha a duas imagens. — Cada uma das mencionadas columnas divide dous altares, sendo os quatro vasados por igual na parede, com

excellente lavor de pedra em roda, e tendo por cima a esphera armilar, e as armas de Portugal. No vão dos mesmos altares antigos estão outros de talha dourada no gosto moderno, que d'aquelles se tem apossado. N'um delles ha uma imagem de São Jeronimo feita de porcelana, tambem mandada de presente pelo papa, a qual é muito reverenciada dos devotos, e admirada por todos os entendedores. — Aos lados da capella do cruseiro dos ditos quatro altares ha mais dous quasi no mesmo gosto architectonico, e tambem n'um estado identico. Do outro lado fronteiro a este correspondem duas portas cujos arcos são de excellente lavor contemporaneo. Duas menores tem sobre as vergas de trigliphos uns frontoesinhos modernos, que são o ludibrio da architectura em tão grandioso edificio, e de mais, como por escarneo, metterão uma nesga de esculptura antitiga; e collocarão sobre o apice da empena do outro uma imagem de cinzel venerando! — Porem paz e descanso a quem nisso consentiu. Perdoemos-lhes porque elles não sabião o que fazião, e não temos precisão de affligir os seus innocentes successores, que ainda vivem, e bem mal! — Conduz esta ultima porta, que é a mais proxima do altar mór, á casa que serve de sachristia, e aquella deita para a crasta. No pedaço de face contigua está outra porta, que dá entrada para a escadaria, que por dentro da propria parede conduz ao coro. Por cima desta portinha estão devolutos dous nichos de baldaquins arrendados, a que correspondem do outro braço dous similhantes situados na mesma altura. Voltaremos a entrar pelas portas de que fallâmos; mas tratamos primeiro das duas capellas dos topos do cruseiro e da capella mór. — Tem cada uma d'aquellas sua janella ao nascente: a do lado da epistola tem de mais na parede do sul a luneta aberta modernamente, como mencionámos. Desta não se póde gosar a vista, porque tem na boca uma tapagem de madeira muito pintada e dourada, com um cortinado ao meio; mas por nosso gosto ahi deslocado, e conviria muito vencer a todo o custo certas devoções mal en-

tendidas dos habitantes de Belem para desembaraçar esta capella de todos os objectos que lhe devião ser estranhos. — Dentro está um presepe a que uma balaustrada impede de chegar sem licença a examinar os tumulos ahi existentes dos filhos de D. João III; a saber: dos principes D. Filippe e D. Affonso, e da infanta D. Isabel, e D. Brites; dos infantes D. Diniz e D. Antonio; e dos principes D. Manoel, e D. João, pae de D. Sebastião, cujos corpos ahi jazem dous a dous, pelo modo que os mencionámos; — além de um cenotaphio contendo ossos que muito tempo depois da batalha de Alcacerquibir se disserão ser os d'elrei D. Sebastião, e ahi figurão como taes, ainda que muito se deve delles duvidar, porquanto a sua vinda foi no tempo dos Filippes, naturalmente com intuito de acabar com a crença numerosa dos sebastianistas, patriotas, de quem muito arreceavão alguma tentativa de independencia. Uma sepultura rasa contém os ossos do arcebispo de Braga D. Duarte, filho natural de D. João III. Tambem ahi jaz depositada a rainha portugueza, mulher de Carlos II d'Inglaterra.

« — A outra capella fronteira, apesar de guarnecida da mesma sorte de uma igual balaustrada está patente: tem cinco altares; porem o que nella ha de mais notavel são tambem os tumulos que encerra, e alguns quadros de pintura. — Ficão os restos do cardeal-rei em frente de quem entra, e aos lados, em dous tumulos os infantes D. Luiz e D. Carlos, D. Fernando, e D. Antonio; n'um dos outros D. Duarte e sua irmã D. Maria. Tambem ahi jaz o cardeal D. Affonso, que, como é sabido, ainda era creança de oito annos quando recebeu do papa aquella dignidade do cardealato.

« — Todos estes nomes constão dos epitaphios, que, pela maior parte, se não podem lêr por estarem encobertos debaixo dos paineis a oleo, dos quaes dous são de algum merito. Por cima destes fizerão na parede uma especie de platabanda de lavores modernos de varios marmores

de cores, e alguns enbutidos, que tambem accusão o pouco gosto do artista que tal fez.

« — Antes de passar á capella mór deve chamar-se a attenção do expectador a dous riquissimos pulpitos embutidos nos angulos com primorosa esculptura nos peitores e baldaquins. O do lado do evangelho foi levado em modelo de gesso para França pelo architecto Taylor que mencionámos.

« — Ao chegar-se á capella mór, que uma balaustrada de mermore branco separa do cruseiro, esquece-se o indagador curioso de que está em Belem. Vê-se circundado de marmores polidos de varias cores, uma colonata jonia *stereobada* o rodêa, e sobre o entablamento desta fica outra corinthia, cada uma de dezeseis columnas correspondentes: a abobada é apainelada de almofadas de marmore, formando meia rotunda da banda do sacrario. Nos intercolumnios da ordem superior se vêem no retabulo tres paineis, e seis janellas rectangulares e iguaes, a que respectivamente correspondem no inferior: 1.° o sacrario entre outros dous paineis (attribuidos ao celebre pintor portuguez Lopes do tempo d'elrei D. João III) — 2.° aos lados, e por baixo das primeiras duas janellas de cima outras iguaes, e por baixo das quatro restantes outros tantos vãos na parede, sustentados por arcos, nos quaes se vêem sobre elephantes anões de marmore cinzento de Cintra (*Stink-stein*) quatro grandes urnas iguaes de marmore de cores, cada uma com sua coroa aberta de metal, em cima. Esta capella mór, diz Siguença, que foi mandada fazer pela rainha D. Catharina, em vez da primeira que tinha saido pequena em demasia. São estes tumulos d'elrei D. Manoel e D. João III, e de suas respectivas mulheres, as rainhas D. Maria e D. Catharina, ambas castelhanas, como tudo se vê dos competentes epitaphios latinos. — Os ossos de D. Manoel e sua mulher foram para ahi trasladados a 18 de outubro de 1551 depois de acabada a capella.

« — No periodo de trinta annos, pois tantos havia que

se fizera o cruseiro, se tinha consumado de todo na Europa a revolução de architectura. Já Buonaroti lhe tinha sanccionado a restauração completa da architectura greco-romana. Nesta capella mór é que julgâmos terião só parte architectos italianos, apostolos do novo estylo triumphante. Aos lados do altar mór ha duas portinhas que dão para escadas de caracol que conduzem aos cupulins do telhado. Atraz delle faz-se notavel um grande sacrario chapeado de folha de prata lavrada de bestiões, tendo na *porta cœli*, em meio relevo a adoração dos reis magos, e lendo-se por baixo:

> *O Principe D. Pedro Que Deos Guarde, Deu Este Sacrario A Este Real Mosteiro De Bellem No Anno De* 1675.

Ha quem diga, não sabemos se com fundamento, ser este sacrario obra da celebre artista Josefa d'Ayalla, conhecida por Josefa d'Obidos. Está sobre um assento de marmore de varios embutidos, por baixo do qual por um pequeno arco se entra n'um baixo cubiculo, alumiado por uma escaça lumieira, no qual estão alinhados trez caixões de defunctos — O do meio, em que está o corpo do desgraçado D. Affonso VI, conserva-se de ordinario fechado. Diz-nos o sr. Couceiro que quando tomou posse da Igreja como administrador da casa pia o achára aberto, e o mirrado cadaver d'elrei quasi sem vestido de cavalleiro da ordem de Christo que tivera sobre o habito de São Francisco em que estava amortalhado, tambem rasgado, e com alguns pedaços de menos. O sr. Couceiro mandou fazer novo vestido de cavalleiro, vestiu-o sobre os restos da mortalha, mondou forrar o caixão de novo, conservando a chave sob a sua guarda. Hoje tem-na o sachristão que della se aproveita para ganhar esportulas aos curiosos, a qual será mais avultada se elle levantar a cabeça do cadaver, e a deixar outra vez cair com grande tombo. — Nos outros dous cai-

xões estão depositados, n'um o principe D. Theodosio, contra as disposições da ultima vontade de seu pai, elrei D. João IV, que ordenou fosse para São Vicente de Fóra; e no outro a infanta D. Joanna. Estes ultimos estão sempre abertos, e quem quer váe ahi com mãos profanas remecher os ossos, já em monte, e augmentar o numero de andrajos a que estão redusidos os seus vestuarios. Indignação! — Horror! — Nem mais forças temos para nos explicar a tal respeito. Fujâmos deste logar.

« — Chegou a occasião de passarmos á casa que serve de sachristia. E' espaçosa, artesoada no mesmo gosto e sustentada ao meio por um pilar, em redor do qual parece que segundo o primeiro destino devia ser a pia do lavatorio, para que se julga fôra esta casa destinada. Tem em redor uma commoda onde se guardão os paramentos que constituem, como em Mafra, porção das riquezas da igreja, sendo digno de memoria um de veludo carmesim que se diz bordado em parte pela rainha D. Catharina que o doou ao convento. Ficão por cima quatorze antigos quadros pintados em madeira, contendo a vida de São Jeronimo — e pelas paredes outros de nenhum valor. Ha tambem ahi entre duas janellas de columnas que deitão para o nascente trez portas — uma que devia conduzir para a sachristia e casa do capitulo, quando se fizessem; porem que hoje dá apenas para um cubiculo, que serve de lavatorio; diz outra porta para a crasta, ou claustro inferior, e a terceira conduz a uma escada para cima.

« — Cabe aqui fazermos menção da custodia, que pertencia ao convento, e foi feita por Gil Vicente (naturalmente o filho do poeta comico) do primeiro ouro que se diz trazido de Quiloa por Vasco da Gama, quando pela segunda vez voltou dos mares da India. Foi essa custodia doada ao mosteiro por elrei D. Manoel em uma verba do seu testamento. Hoje guarda-se na casa da moeda para onde veiu quando tudo se recolheu em Lisboa para dentro das linhas de defesa em 1833. — O seu maior valor procede

das recordações e do feitio; por quanto o pezo d'ouro não excede a 233$600 réis segundo lêmos no folheto do sr. abbade Castro.

« — Outras raridades nomeadas existião neste mosteiro, como erão na livraria os ricos volumes da celebre biblia que elrei D. Manoel lhe doou, escripta primorosamente em pergaminho com dourados e illuminuras; o *Mestre das Sentenças*, um volume em 4.° grande, não tão rico como a biblia etc. — O primeiro foi levado por Junot, a titulo de o remetter a Napoleão; mas ficou de posse delle. Foi á viuva desse general que o marquez de Marialva a comprou por 40,000 francos, que deu o governo de Portugal para resgate deste objecto roubado. — Hoje existe na Torre do Tombo. A casa de livraria, de gosto moderno é hoje occupada pela aula de desenho; tem a porta da entrada no claustro de cima: o pavimento é de ladrilho e um pouco elevado: a abobada de tijolo é no meio sustentada por um pilar de pedra. — Entre varios quadros distingue-se ahi um painel de São Jeronimo. — As estantes com livros que não passárão para a bibliotheca do palacio das cortes forão transferidos para uma sala no extremo do quarteirão do *Noviciado*, aonde estão em ordem 1500 volumes, além de 3,800 apartados para terem o destino que foi designado pelo governo visto não serem de utilidade para os alumnos. — Nesta sala existem tambem hoje os grandes livros de cantochão, manuscriptos em pergaminho, que estavão no coro, dos quaes infelizmente, não existe um só inteiro, porque houve tempo em que os alumnos tomarão a liberdade de lhes cortar as ricas illuminações, e de resgarem folhas para fazerem chapéos armados, talabartes, corrêas etc. de brincadeira! Isto parece incrivel; mas aconteceu.

« — Além das duas portas para a crasta inferior situada, como na Batalha e Alcobaça, ao norte da Igreja, que vem a ser a do cruseiro e sachristia, ha a outra principal situada junto da torre do lado do norte: — hoje che-

ga-se a ella penetrando na portaria, e tomando á direita, em vez de subir a grande escada, que conduz á salla dos reis. — Entrando esta porta, e seguindo o claustro em frente vêem-se do lado direito, e por baixo de uma cinta de arabescos, que segue o cordão das misulas, as doze portas, que pertencem aos confessionarios que já descrevemos no interior da Igreja, e com formas iguaes ás das que para ahi deitão,

« — A largura da crasta interiormente não chega a trez braças, e o comprimento anda por vinte, tudo de abobada e tecto artesoado. Deita para o jardim, que fica no meio do quadro, uma arcaria de seis grandes arcos por lado, cujos pilares, que assim como as columnas assentão em stylobato, por ahi se profundão mais uma de uma braça, sendo tudo lavrado de arabescos e bastiões. — Cada arco, só por si, nesta profundidade constitue uma pequena abobada, debaixo da qual ficão de ordinario dois sustentados ao meio por um pilar, e cada um delles ainda é subdividido ao meio por uma columna — tudo com volta inteira. Em baixo do arco maximo — no vão que fica entre os dois interiores maiores ha um olhal, que tem no meio, ora uma coroa, ora um R, um M, um S, uma cruz da ordem de Christo, as cinco chagas etc. — Do S ignoramos a significação. As outras duas letras designão, sem questão as palavras Manoel Rei. Pela banda de dentro vê-se a mencionada cruz, as lizes, e tambem o S, havendo ás vezes só um recorte em quadrado. — Nos cinco grandes pilares fronteiros ás portas dos confessionarios vêem-se tambem, em linha horisontal o sol, e seguidamente quatro bustos em medalhões, dos quaes se diz, com toda a probabilidade significarem o oriente com os quatro heroes portuguezes que lá tinhão ido quando ahi chegava a construcção; isto é ao que parece, o Gama e seu irmão; Nicoláu Coelho e Pedro Alvares Cabral. Este ultimo busto confirma a tradicção, pois está de cara voltada para o lado opposto ao sol commemorando assim o seu afortunado des-

cobrimento das terras occidentaes do Brasil. Nos outros pilares continuão a vêr-se emblemas d'elrei D. Manoel esculturas de santos, symbolos da paixão de Christo etc. — Seguindo-se pela crasta ficão á direita as paredes, tendo ao meio de cada uma capellas concluidas, segundo Siguença, por elrei D. João III de que restão os vãos. Aos lados destes ficão no primeiro que se segue, de uma banda a porta que deita para a sachristia, e um retabuol sem quadro, e da outra uma porta tapada a pedra e cal, lavrada, com um pilar ao meio, e duas imagens de pedra aos lados. Esta porta devia conduzir para a capella imperfeita, ou casa de capitulo, ou quer que era, de que ainda se vêem os restos, ou começos, com duas janellas não acabadas para a rua de São Jeronimo. Junto fica outro retabulo correspondente ao antecedente nomeado. — Aos lados do altar do seguinte lanço fica uma porta que devia conduzir á cerca ou ás outras casas que accrescentassem; e do lado opposto lhe corresponde outro retabulo em cujo espaço se abriu ultimamente uma passagem. Em cada um dos mencionados retabulos estava um quadro de pincel conhecido — um delles do celebre Campello. — A respeito dos outros quadros não achâmos bem concordes Virloys, Volkmar, e o illustre A. da Lista dos Artistas, com os senhores Conego Villela e abbade Castro, que a tal respeito escreverão. Não seremos pois nós curiosos tão pouco entendedores que accrescentaremos as duvidas que melhor decidirão artistas abalisados bem familiares com os differentes pinceis.

« — Contigua á porta novamente aberta fica a do refeitorio em correspondencia no mesmo claustro á outra grande por onde entrámos. No canto visinho do jardim está uma fonte ou chafariz, que consiste em um leão de marmore branco, despejando para um tanque de lavor antigo. — Ao meio do pateo ou jardim ha um repucho com assentos á roda, ao qual se chega atravessando o grande tan-

que por meio de quatro pontes de lagedo em correspondencia ao meio de cada lanço.

« — O refeitorio, no entender de Siguença, que não se contentava com pouco, pois, achava as cellas pequenas, e das boas peças que elle tinha visto; — todo ladrilhado de tijollo de Hollanda branco e escuro. Tem de comprido dezoito braças — menos duas que um lanço da crasta; e de largura trez e meia. Sustenta a abobada sobre seis misulas de cada lado, no sentido do comprimento, sobre dois cordões de pedra, por debaixo dos quaes é tudo asulejado com pinturas finas dos passos da vida de José no Egypto etc. — Entre as ditas misulas se abrem nos vãos do lado de fóra cinco janellas abatidas compostas nas hombreiras de duas ordens de columnas. Na parede fronteira está ao meio um pequeno pulpito de resa, e ao fim da casa uma portinha que conduz á cosinha. Esta é boa como era a de todos os frades ricos, e tem agoa boa, e mui notavel chaminé.

« — Extensa em demasia chegou aqui a descripção, e somos os primeiros a confessar que mais miuda e artistica do que litteraria e amena — mais exacta do que variada no estylo e limada na frase. — Iamos escrevendo e dando para a impressão a colheita de cada visita que faziamos ao convento, e que fornecia as idéas para um capitulo. Na undecima começámos por voltar ao meio do jardim, e d'ahi examinámos em derredor o que assim melhor poderiamos descrever.

« — Cada um dos grandes pilares dos claustros tem uma gurgula ao nivel do andar de cima, e exceptuando os dos angulos sustentão todos os outros vinte — seu nicho com uma estatua. — O numero dos arcos de segunda ordem é igual ao da debaixo: porem as archivoltas são recortadas.

« — Aos pilares inferiores respondem tambem outros tantos de base circular estriados em rosca, tendo em cima acroterios correspondentes ao seguimento da platibanda do terraço, mas sem figuras: — sobre o do meio, ao lan-

ço septentrional, fica actualmente um relojo de sol. Nestes acroterios vêem-se carrancas e biqueiras donde tem saida as agoas do eirado superior que agora se forra de asphalto.

« — Por uma porta correspondente á de entrada principal em baixo se passa do claustro superior para a grande *Sala dos reis*, á qual se chega tambem pela grande escada principal mais moderna. Tem a dita sala dos reis o tecto de madeira, e chama-se assim por conter os retratos de todos os reis de Portugal até ao sr. D. João VI, em corpo inteiro; e igualmente entre copias dos retratos das duas rainhas, que mencionâmos existirem na aula do desenho em quadro do sr. Sendim, representando o duque de Bragança, conduzindo pelo braço a rainha sua filha, e sua magestade imperial sua esposa. Os retratos mencionados até D. João III forão copia de outros em meio corpo, vindos, por dadiva, de um dos antigos paços reaes. Estes ultimos ahi se conservão pelas paredes de um corredor das nobres casarias do noviciado, ou hospedaria, que ficão por cima do refeitorio.

« — Visinha á salla dos reis, e sobre a capella dos Passos ha uma casa que servia de antecôro, na qual se guardão, amontoados no chão, os retratos, em corpo inteiro dos principes religiosos da ordem de São Jeronimo, em virtudes e letras, mencionados no diccionario geographico do padre Luiz Cardoso, cuja descripção tem servido de base a trabalhos posteriores. — Entre os por elle nomeados distinguimos os dos celebres escriptores D. fr. Braz de Barros, e fr. Heitor Pinto, que ahi poderia copiar quem os quizesse dar á estampa como era de justiça. — Parece-nos todavia que estes quadros (que nem fazem parte da igreja, nem são necessarios aos alumnos) deverão passar á academia de bellas artes, a quem toca exigilos, para os salvar na sua collecção de algum vandalismo.

« — E' tempo de acabarmos com a parte descriptiva. Só por despedida olharemos para dois hediondos carões aco-

breados que se achão em nichos aos lados da portaria, mostrando-se para metter nojo aos entendidos, medo ás crianças, e curiosidade a mentecaptos. Lêem-se por baixo duas inscripções latinas, os quaes dizem que um dos brutos representa Hercules, e outro Julio Cesar. Só a leigos de sacola seria tolerado o consentir taes papões para vêr se negoceavão as esmoles; mas forão frades jeronimos que vivião n'um mosteiro todo artistico, quem ali os mandou pôr, disfarçando tanta vergonha com a tradicção de que os taes monstros tinhão sido achados n'um entulho. — Acredite-o quem quizer, mas não nos defendão a propriedade da boa collocação de trez bustos horridos, ao pé de uma portada magnifica.

« — Duas palavras para acabar. O sentimento profundo que se apossa de quem contempla este grande monumento levantado aos olhos dos navegadores portuguezes, que illustrarão o mundo com tanto esplendor e riquesa, e a estatua do infante D. Henrique avultando no meio do quadro mais apparatoso que todas as obras fazem achar propriedade na applicação que ao edificio se lembrara de dar uma intelligencia superior — essa mesma que ha de passar á posteridade com o nome de Sagres, a cuja memoria mandou nesta praça levantar um padrão — a de perpetuar este monumento as gloriosas recordações maritimas passadas, dando lhe actualmente a seguinte applicação maritima. — « Fundar ahi uma eschola para a pratica da navegação, e um hospital de maritimos invalidos e benemeritos, e aproveitar das suas abobadas para ahi collocar, presididos pelo infante D. Henrique, os bustos de todos os heroes portuguezes, que se illustrarão na Asia, na Africa, e na America. — »

Antigo Paço Real destruido pelo terremoto de 1755.

Se fosse nosso intento escrever uma historia da architectura portugueza; ser-nos-hia mister reconstruir ideal-

mente quasi tantos monumentos destruidos por uma fatal catastrophe quantos são aquelles que hoje existem em pé. D'alguns desses monumentos nem já podêmos obter vestigios, outros porem reviverão nas gravuras e memorias dos viajantes. D'estes numero é o antigo Paço. Crêmos qne o leitor achará curioso este vasto edificio, onde se passarão tantos successos importantes, e do qual muitos auctores; como Alvares de Colmenar, nos legarão descripções fieis. O auctor de um livro publicado em 1730, isto é 25 annos antes da destruição desta real pousada, exprime-se a similhante respeito nos seguintes termos: « O paço do rei acha-se no centro da cidade, á borda do Tejo, em uma praça denominada o *Terreiro do Paço.* A sua principal fachada occupa toda a largura desta praça e termina em um magnifico torreão, defronte do qual fundeão os navios, e d'onde o monarcha tem o prazer não só de ver todos aquelles que entrão no porto e delle sáem, mas ainda de descobrir pela barra fóra até onde a vista póde chegar. As accommodações deste palacio são consideraveis, e tem aposentos mui grandes e ricamente mobilados. D'um lado estende-se ao longo da ribeira, e do outro pelas ruas visinhas; tem dentro um pateo cercado de um pavimento quadrado sustentado por porticos, debaixo dos quaes grande quantidade de mercadores vendem tudo quanto o commercio póde fornecer de mais raro em fazendas.

Mafra.

Distante 5 legoas de Lisboa está situada a villa de Mafra, que deu o nome ao vasto edificio appellidado o Escurial Portuguez. A pequena villa de que fallâmos, e que assenta sobre um extenso plano, eleva-se 681 pés acima do nivel do mar. Esse monumento, objecto de toda a sollicitude d'elrei D. João V, foi edificado para o leste. A fachada principal, que assoma ao poente, apresenta trez vastos corpos, erguendo-se no centro o frontespicio do tem-

plo conhecido pelo nome de Basilica de Mafra; e para o lado do sul estende-se a parte do palacio que era especialmente destinada para residencia da rainha. Ao norte prolonga-se a antiga habitação do rei. Cada uma destas fachadas lateraes termina no angulo extremo do edificio em um magnifico torreão, e cada um destes torreões eleva-se 100 palmos acima do nivel dos terrados e póde ter de quadrado a oitava parte da extensão da fachada. São construidos de pedra admiravelmente trabalhada, e teem a base em declivio e cercada de profundos fossos.

Quanto ás particularidades architectonicas e especialmente quanto á indicação exacta das dimensões, remettemos o leitor para a sabia descripção feita n'outro tempo nas memorias d'academia das sciencias pelo conego Joaquim d'Assumpção Velho; e limitar-nos-hemos a lembrar que o primitivo projecto do edificio não offerecia tão vastas dimensões como são aquellas que hoje nos maravilhão. D. João V a principio, tinha simplesmente tenção de erigir em Mafra um convento, consagrado á Virgem Nossa Senhora, e a Santo Antonio de Lisboa. Este monumento religioso, destinado, segundo os primeiros projectos, sómente para treze frades, e depois para quarenta, veio finalmente a sêl-o para trezentos; em consequencia do que forão adoptados os riscos do architecto allemão Ludovici. (1) Para dar uma idéa exacta das obras que então se emprehenderão, bastará lembrar que se empregárão cinco mil operarios em nivelar o terreno, e abater um enorme ro-

(1) Seu filho João Pedro Ludovici, que tinha estudado em Coimbra, foi quem lhe succedeu. Carlos Baptista Garvo, milanez, residente em Lisboa desde tenros annos, e seu filho forão os primeiros mestres da obra; um italiano, chamado Justi, foi encarregado de tudo quanto respeitava á estatuaria. Os trabalhos de engenheria são devidos a um portuguez de reconhecido merito, cujo nome é ainda hoje honrosamente citado, e que se chamava Custodio Vieira.

chedo que difficultava a construcção. A despeza destas primeiras disposições passava de setenta mil cruzados por mez.

Aos 17 de novembro de 1717 foi apontada a primeira pedra, e só com esta solemnidade despendeu D. João V duzentos mil crusados; gastarão-se treze annos completos na edificação da basilica, e trabalhavão nella diariamente vinte a vinte e cinco mil operarios. Parece que em 1730 tinhão de tal modo crescido as necessidades da construcção que não havia menos de quarenta e cinco mil individuos inscriptos mas matriculas da obra. Em o numero destes trabalhadores estavão incorporados sete mil soldados. Depois de immensos trabalhos, foi finalmente consagrada a basilica aos 22 de outubro de 1730. As festas que acompanharão esta solemnidade não duravão menos de uma semana, e no proprio dia da consagração deu-se de comer a nove mil pessoas. Por outra parte foi tão prodigiosa a magnificencia das alfayas e paramentos sagrados religiosos reunidos no real mosteiro, que anda na tradição um facto a este respeito que seria talvez taxado de exageração, se magnificos restos que ainda existem não provassem a sua realidade. Aos 22 d'outubro de 1730, quando D. João V mandou fazer exposição no adro do templo, dessa prodigiosa quantidade de estofos de seda bordados de pedras preciosas, de que em breve se devia fazer uso, disse aos cortesãos: «admirae, e sabei que tudo quanto vedes diante de vós me custou mais caro do que a vasta machina de pedra, que nos cerca.»

Não é nosso intento entrar em particularidades mui longas a cerca das outras magnificencias interiores do edificio, e já é até demais o repetimos com todos os (*touristes*)? que todo o palacio de Mafra tem 886 salas da maior vastidão grandesa, e 5,000 portas e janellas. Não poderemos com tudo guardar silencio sobre o interior do magnifico zimborio. O que causa admiração; diz a consciencioso obra Portugueza d'onde extrahimos estas informações, é a variedade, e até profusão dos marmores de todas as cores

que ornão este templo, são os magnificos mosaicos, e as preciosas madeiras de toda a especie que concorrem para o seu ornamento. Desde a porta até o altar mór, não tem a basilica menos de 283 palmos de comprimento e 57 e meio de largura; mas contando com o espaço das capellas collateraes monta a 142 palmos. Tem onze capellas com seus altares ornados de pinturas. O quadro que se eleva acima do altar mór pertence á eschola romana, e representa os padroeiros titulares do edificio — a Virgem Santissima, e Santo Antonio. A igreja contém dois orgãos magnificos, guarnecidos de bronzes dourados; porem a maravilha por excellencia, a parte do monumento cujo explendor passa como proverbio, é o zimborio. Limitar-nos-hemos a lembrar que se acha coroado por uma só pedra de 44 palmos de circumferencia e 13 de altura, e que foi transportada por assim dizer, milagrosamente para o logar que occupa, graças ao talento inventivo de Custodio Vieira. Em consequencia dos calculos deste habil engenheiro, bastou que durante duas horas se empregasse a força de 160 homens para se operar este prodigio.

Reflecções sobre a Granja Real de Mafra. Decadencia do edificio — Tapada.

Tudo quanto até hoje se tem dito sobre vasto monumento, onde vierão enterrar-se as riquezas do Brazil, é tão incompleto, ou mesmo tão pouco exacto, que nos dâmos por felizes de poder offerecer a nossos leitores as considerações cheias de penetração, sagacidade, e de um verdadeiro sentimento artistico, que nos offerece um joven escriptor Portuguez muitas vezes citado nesta noticia.

« — D. João V teve como Luiz IV o seu Lonvre, diz A. Herculano; mas um Lonvre em harmonia com o caracter, não tanto religioso como beato e hypocrita, do seu paiz na quella epocha. Mafra ficou duvidosa no desenho, entre o mosteiro e o palacio. As duas entidades architecto-

nicas compenetrão-se ahi d'um modo ineztricavel. A purpura está lá remendada de burel; o burel alindado com purpura, e o sceptro do rei enlaça-se com a corda de esparto, ao passo que a alpargata franciscana ousa pisar os degraus do throno. Os que sabem quão corrompidos forão os costumes em Portugal no principio do seculo passado, e quão explendido e ostentoso foi o culto divino; quão brilhante foi a corte portugueza nesse tempo; e em quão frouxas mãos andou o leme do estado, não precizão vêr que Mafra é a imagem de tudo isso.

« — Um grande edificio, fosse qual fosse o destino que seu fundador lhe quizesse dár, é sempre, e de muitos modos um livro d'historia. Os que nelle buscão só um typo por onde afferir o progresso ou decadencia das artes na epocha da sua edificação, lêem apenas um capitulo desse livro. Os castellos, os templos, e os palacios, triplice genero de monumentos que incerra em si toda a architectura da Europa moderna, formão uma chronica immensa, em que ha mais historia que nos escriptos dos historiadores. Os architectos não suspeitavão que viria tempo em que os homens soubessem decifrar nas moles de pedras affeiçoadas e accumulados a vida da sociedade que as ajuntou, e deixavão-se ir ao som das suas inspirações, que erão determinadas pelo viver e crêr e sentir da geração que passava. Elles não sabião, como os historiadores, que no seu livro de pedra, tambem como nos d'aquelles, se podia mentir á posteridade. Por tal motivo foi a architectura sincera.

« — Mafra é um monumento rico, mas sem poesia, e por isso sem verdadeira grandeza: é o monumento de uma nação que dormita apoz um banquete como os de Lucullo: é o toucador de uma Lais, ou Phrine assentado dentro do templo do Deus dos christãos, e sob outro aspecto, é a beataria d'uma velha tonta, affectando a linguagem da fé ardente e profunda d'Origenes ou de Tertulliano.

« — Sem contestação — Mafra é uma bagatella maravilhosa, o dizer de um rei liberal, abastado, e magnifico;

é pouco mais ou menos o que foi Portugal na primeira metade do seculo 18.º....

« — Para a maravilhosa inutilidade de D. João V gastarão-se por largos annos os milhões que de continuo nos entregava a America ; o lidar accumulado de cincoenta mil homens consumiu-se em desbastar e polir essas pedras hoje esquecidas, que apenas servem para alimentar por algumas horas a curiosidade dos que passão. E' uma verdade cem vezes repetida, que o preço de Mafra teria coberto Portugal das melhores estradas da Europa, mas nem por ser trivial essa verdade deixa de ser dolorosa....

« — O convento-palacio, nascido sob manto de purpura, alegre na sua joventude, e habituado a pompas de longos annos, ahi está, illustre mendigo, assentado hoje n'um como ermo, onde a vida robusta dos seculos, que lhe fadára o fundador, se vai convertendo em antecipada decrepidez. Inutilmente com a sua grande voz de bronze elle pede que o abriguem das injurias das estações. As agoas do céu, filtrando-lhe por entre os membros, lá os vão lentamente desconjuntando, o sol cresta-lhe a fronte e faz prosperar os musgos, que lhe arrugão a rija epidrame: o vento redemoinha atravez das suas janellas mal seguras, e bramindo naquellas solidões do seu recinto, atira ao rosto das estatuas, aos acanthos dos capiteis, á face polida das paredes de marmore, o pó que tomou nas azas, passando pelas serranias. No meio do estripitar do mundo ninguem escuta o gemer do gigante de pedra; ninguem se lembra de tirar do puculio do estado a mais pequena somma para elle. E porque? Porque a sua miseria não falla aos corações nem aos entendimentos. Memorias gloriosas? Não as ha lá. Utilidade? Para que serve essa pedreira immensa. »

Depois de haver traçado estas eloquentes linhas, apresenta-nos o engenhoso escriptor as particularidades de uma preciosa instituição, de que o viajante não encontrava, nem as mais leves sombras, ha apenas cinco annos a esta parte. Nas visinhanças do inutil monumento, dentro dos proprios

muros da tapada de Mafra, mandou sua magestade a rainha, possuida das mesmas intenções do augusto principe com quem partilha o throno fundar uma granja modelo, encarregando o intendente das reaes caudelarias, Antonio Severiano Alves, da direcção d'aquelle util estabelecimento agricola, do qual, com justa rasão, se esperão os melhores resultados para o progresso da agricultura nacional. Tem-se concedido aos habitantes da Villa de Mafra os terrenos que elles querem desbravar, mandarão-se adoptar os modellos inglezes de varios instrumentos aratorios, os quaes ahi são construidos commodamente, além dos instrumentos proprios do paiz, e em officina para isso principalmente destinada; e plantou-se arvoredo habilmente distribuido, o qual quando crescido annulará em grande parte a violencia dos ventos. Tudo finalmente contribuirá em breve para a realisação de um pensamento fecundo, que faz lembrar os santos desejos dessa rainha Izabel, a quem chamavão, no seculo 13.°, a mãe dos lavradores.

Aqueducto d'Elvas.

Todos os viajantes concordão em admirar as construcções hydeaulicas deste paiz: Portugal é de alguma maneira a terra classica de taes monumentos, e o aqueducto de Elvas é por certo dos mais bellos, que se conhecem em toda a extensão da Peninsula. Estando a cidade que elle abastece d'agoa, situada sobre uma eminencia separada totalmente das outras collinas, e falta de nascentes, foi mister emprehender esta vasta construcção, que tem mais de trez milhas de comprimento, e se compõe das muitas ordens de arcos edificadas umas sobre as outras. (1) A mãe

(1) Landmann (George), *Historical, mititary and picturesque obserzations on Portugal. Londres*, 1818; 2 *vol. in-f.° grande.* Este auctor tractando do notavel caracter deste monumento, diz entre outras cousas, que a disposição irregular que

Sá Lith. Off. R. N. dos Mes No 12.

Aqueducto d'Elvas.

d'agoa acha-se situada n'um logar denominado *d'Amoreira*, distante meia legoa da cidade para o lado do poente. Para prover ás despezas de que necessitava este aqueducto, creou-se um imposto sobre a carne e vinho consummido pelos habitantes, a que chamarão *Real d'Agoa*, denominação esta, que depois se fez extensiva, segundo um escriptor portuguez, aos impostos do mesmo genero que o governo estabeleceu no reino para fundar diversos edificios. (1)

Aqueducto das Agoas Livres de Lisboa.

« — M. d'Hautefort, na sua vista d'olhos sobre Lisboa, diz a respeito deste grande monumento, que apenas vio de relance. « Este aqueducto rivalisa com tudo quanto os romanos construirão neste genero. » Murphy confirma n'outros termos similhante testemunho, e comtudo estes viajantes dão simplesmente algumas informações sobre a origem do edificio e sua construcção; e por isso vamos vêr se preenchemos esta lacuna.

Desde o seculo 16.° tinhão-se feito algumas tentativas para abastecer Lisboa de agoa salubre, e ha até muitos escriptores que pretendem fazer recuar estes primeiros ensaios até ao tempo de D. Manoel. Isto pelo menos é problematico, porem o que é certo é que as primeiras disposições de consequencia alguma remontão a 1588. Portugal começava então um funesto periodo da sua existencia politica, e estes primeiros projectos abortarão. D. João V, que tinha realmente o instincto das cousas grandiosas, era

apresenta o edificio, se explica pela necessidade em que se vio o architecto de neutralizar a força do vento. A agoa d'Elvas é nomeada pela sua bella qualidade.

(1) Cumpre incluir no numero dos bellos aqueductos o de Villa do Conde que descreve Costignan.

o monarcha a quem se ia dever este monumento de imminente utilidade publica.

O que sobre tudo ha de mais extraordinario, é que esta collossal construcção não consummio mais de vinte annos de trabalho. Tão grande obra foi encarregada ao engenheiro militar Manoel da Maia, e taes forão a exactidão dos seus calculos, e a solidez dos materiaes que nella empregou que a terrivel catastrophe de 1755 deixou immoveis os arcos; apenas alguns dos ventiladores das torres soffrerão leve damno; os pilares não aluirão, e os lanços das muralhas resistirão. O aqueducto das Agoas Lívres começa a trez legoas de distancia da cidade na ribeira de Carenque, e em toda a sua extenção, tem cento e vinte e sete arcos de excellente pedra. A altura interior do canal é de treze pés; e quando a elevação dos sitios por onde elle corre o exige, segue a linha traçada pelas obras subterraneas. De espaço a espaço encontrão-se torres quadradas com uma janella em cada face, com suas grades de ferro, servindo para a ventilação. Porem onde a obra toma um caracter mais grandioso, é no ponto onde o aqueducto atravessa a ribeira de Alcantara. Desta extraordinaria altura, desfructa-se uma admiravel vista, e o proprio monumento apresenta ahi um aspecto majestosissimo. Imaginem-se 35 arcos immensos fazendo com que duas imminencias oppostas se communiquem, e transpondo uma profunda quebrada de quatrocentas toezas de fundo? E' por este canal que a parte de Lisboa, nomeada *Cidade-Nova*, é fornecida de agoa. O aqueducto entranha-se na cidade pelo lado de noroeste, e ahi toma o nome *das Amoreiras*, em razão de uma plantação deste genero, que se fez em outro tempo para sustentar uma fabrica fundada pelo estado.

Neste sitio, isto é ao poente, em uma rua que serve de entrada para Lisboa, ha um monumento semelhante a um arco triumphal, cuja architectura pertence á ordem dórica. Tem no friso uma inscripção latina, em estilo lapi-

dar, a qual refere as principaes circunstancias que acompanharão a construcção do aqueducto, e é datada de 1738.

Vê-se alli outra inscripção que declara que esta obra, de utilidade publica, fôra emprehendida com o auxilio de um imposto particular cobrado com antecipação em todo o reino, e cuja origem já indicámos. Ao sahir do passeio das Amoreiras, para o sul, existe uma vasta mãe d'agoa, que no exterior apresenta apparencias de uma grande torre quadrangular; é construida de pedra de cantaria de admiravel qualidade, e foi acabado em 1834. Este grande reservatorio d'agoa, de summa utilidade para Lisboa, é hoje nomeado pelo povo *a Mãe d'Agoa do Rato, ou das Amoreiras.*

Em 1588 se tomarão as primeiras disposições para aprovisionar de agoas a cidade de Lisboa, que de anno para anno crescia população; (1) tambem ha quem affirme que ja no tempo do afortunado D. Manoel se fizerão tentativas encaminhadas ao mesmo essencial objecto, procurando-se ao nascente dondo hoje se deriva o principal provimento da nossa capital. N'aquelle tempestuoso e infeliz reinado de D. Sebastião abortou o designio: muito mais tarde a magnificencia de D. João V, e os copiosos recursos da monarchia levarão a cabo a magestosa obra, que é por certo a mais notavel de quantas Lisboa encerra no proprio recinto, e nas visinhanças. E' fabrica destinada á commum utilidade; e além deste grande preço reune todas as condições de sumptuosa, por tal arte, que não duvidou dizer della o academico padre Estevão Cabral, as seguintes expressões. — Uma das obras de maior magnificencia, que no seu genero se admirão em todo o mundo, é a obra chamada das — agoas livres — na nossa Lisboa. E' certo ao menos que no genero de aqueductos excede elle os mais famosos, quaes são os de Genova, de Spoleto, de Caser-

(1) Panorama, vol. 7.° pag. 49.

(O traductor.)

ta, de Roma, excepto que, na quantidade de fluido as agoas livres comparadas com alguns delles são pobresa comparada com riqueza, pois os romanos e o de Caserta trazem rios, e este nosso apenas traz um regato; mas a bellesa e a magnificencia são, sem controversia nenhuma aqui maiores. — Desde que o sabio padre escreveu já lá váe meio seculo: tem crescido o bastecimento das agoas com os muitos mananciaes descobertos e encanados para o aqueducto geral: ha oito annos tem continuados trabalhos engrossado as antigas e inhexauriveis fontes, para cada vez mais a grandesa da construcção corresponder ás intenções que a suggerirão, e ás necessidades de uma das principaes cidades da Europa. — Igualmente as queixas que o citado A., e o outro academico Vandelli apresentarão, relativamente á falta de conclusão e aproveitamento do vastissimo deposito, ou piscina das amoreiras cessárão, porque logo nos primeiros mezes da restauração, efleituada pelo sr. D. Pedro IV de saudosissima memoria, se completou esse deposito providencial, com a notavel circunstancia de se formar a cascata por onde as agoas se quebrão e precipitão, gosando o beneficio do ar e da luz com a certeza de entrarem no amplissimo tanque mais depuradas. Os antigos, nos seus grandiosos aqueductos, armavão tambem interrupções, quedas e tanques similhantes para que a agoa deposesse tudo o que fosse heterogeneo, e chamavão-lhe *piscina limaria*, por que tal obra servia para clarificar a agoa, deixado o lado; além desta consideração do illustre povo romano, dão-se outros, que a moderna phisica aconcelha, para que estas artificiaes cascatas se fabriquem e concertem.

« — Nem se creia que o padre Cabral, por sentimentos de nacional, exaggerou a sumptuosidade do monumento, consagrado pelo rei magnanimo ao bem do povo: nos escriptores estranhos acharemos confirmado o seu juizo. Balbi quasi que se exprime nos mesmos termos, e accrescenta (a paginas 174 do *Ensaio*) que é *uma das obras mais magnificas da moderna Europa, e que póde ser compara-*

da á maior que desta especie fez a antiguidade. Os mais que a virão e escreverão fallão identica linguagem: nas memorias da real academia das sciencias de Paris anno de 1772, parte 2.ª vem delineado o arco grande, como cousa singular.

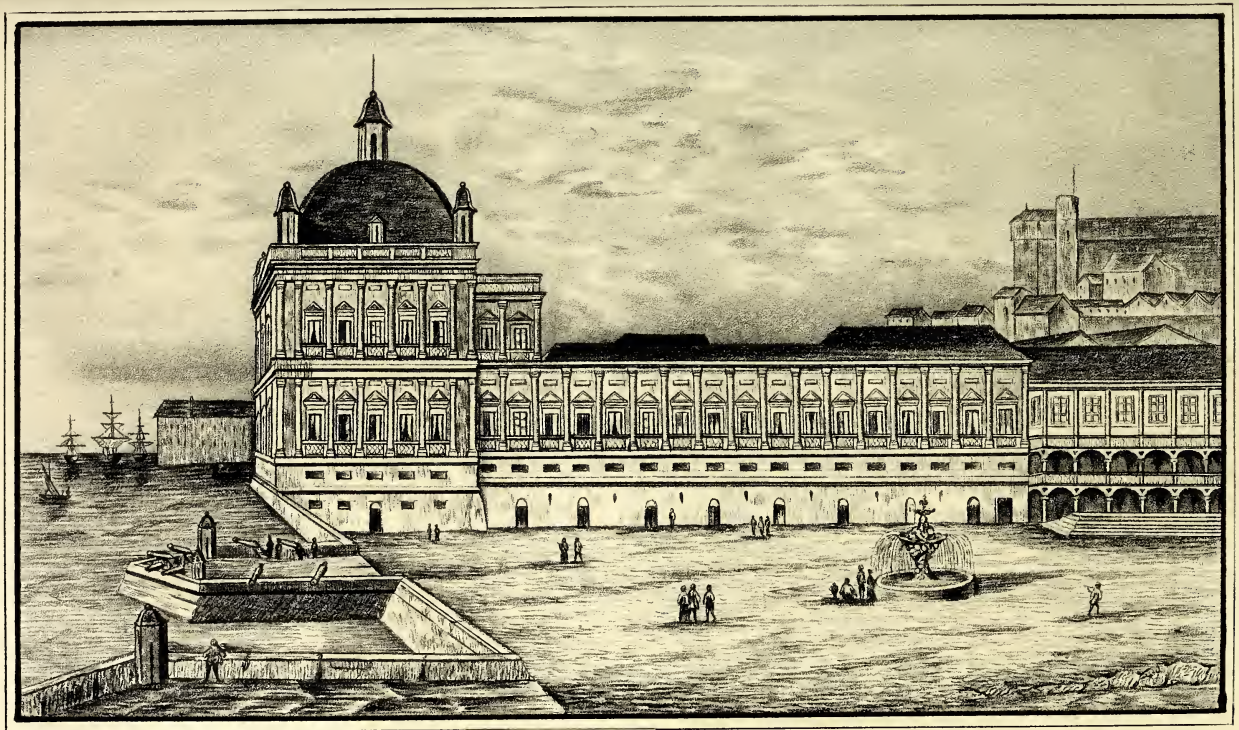
« — Em pouco mais de vinte annos se construiu tão estupendo monumento, pelo risco do engenheiro militar, Manoel da Maia. Tal é a solidez da construcção que o devastador terramoto de 1755 lhe não fez damno; não dérão de si os pilares, as paredes não abrirão; apenas trez dos dezeseis torreões, que servem de ventiladores sofrerão algum estrago. Começa o aqueducto quasi a trez legoas da cidade, na ribeira de Carenque: numerão-se em toda a sua estensão 127 arcos de forte e excellente cantaria; a altura interior do encanamento é de treze pés: quando em sitios eminentes prosegue sotterrado, tem a espaços convenientes, uns torreões quadrados com sua janella em cada face, resguardadas por grades de ferro, e redes de arame; e ao atravessar os valles caminha sobre elegante arcaria, sem em seu curso desdizer do nivellamento proprio. Ha torrões, ou nivelladores na parte mais grandiosa da obra, a ponte-aqueducto sobre a ribeira d'Alcantara: para a qual se chama a admiração de naturaes e estrangeiros. Bella e dilatada é a perspectiva que de tão desmesurada altura se avista. Por 35 arcos, que unem duas oppostas eminencias, sobre uma quebrada de espantosa profundidade, e na extensão de 400 toesas (1) segue o abastecimento de aguas para a cidade nova, a melhor e a maior parte da populosa rainha do Tejo. Os arcos, como é bem de presumir, varião gradualmente para qualquer dos extremos na dimensão perpendicular, e na largura, desde a volta até á base: o maior por justa antonomasia, denominado arco-grande, tem de altura 315 palmos craveiros, e de largu-

(1) Dão-lhe os escriptores estrangeiros 2:464 pés inglezes, que, segundo as tabellas do sr. Barros produzem 341 e meia braças portuguezas.

ra 150. Paralellos á mesma ponte-aqueducto correm, do lado do nascente e poente, dois passeios de quasi oito palmos de largura com seus parapeitos, donde para qualquer destas frentes se desfructa a paisagem do nosso bello clima meridional, conforme a variedade das estações, notando-se o espectaculo das quintas e casas de campo, e terras de semeadura em vasto orisonte.

« — Entra o aqueducto na cidade pela parte do noroeste, onde chamão as amoreiras, por causa de um plantio arruado destas arvores, com fonte publica no centro, e que fôra disposto para servir de fabrica das sedas, erecta por conta do estado no sitio do Rato. Neste logar, ao occidente, sobre a rua que é a saida e estrada geral desta parte de Lisboa, está um arco á maneira dos triumphaes, a um tempo esbelto e magestoso, de soberba cantaria, e pertencente á ordem de architectura chamada dorica: no apainelado do friso da cimalha, para a banda, que em respeito á situação diremos (ainda que vagamente) do norte, lê-se uma elegante inscripção latina, disposta segundo o gosto de estylo lapidar, na qual se commemora o pacifico reinado de D. João V, as difficuldades e o feliz resultado da empresa do aqueducto, com os encomios costumados das qualidades do monarcha; tem a data de 1738, e marca o espaço de 21 annos que levou a obra: no apainelado opposto, que lhe é correspondente, e olha para a cidade, ha outra inscripção similhante na mesma lingua, e menciona a extenção de nove mil passos do aqueducto, e que este fôra fabricado *sere publico*, com o dinheiro publico, porque se fez á custa da nação contribuindo essencialmente o impôsto denominado *real d'agoa*. Deixâmos de traslada-las, em razão do grande espaço que occuparião.

« — Logo contiguo, e immediatamente ao sair do passeio das Amoreiras para o sul, ha o grande deposito, ou piscina, de que acima nos lembrâmos; na fórma externa é uma torre quadrangular, composta inteiramente da bella pedra de cantaria em que o nosso reino abunda tanto, en-



Sa.' lith

Off. R N. dos M.es N.º 12.

Palacio Real de Lisboa

cerrando no tanque, construido segundo os rigorosos preceitos da arte, completo em 1834, limpo e bem vedado, com os conductos necessarios, quebrando-se as agoas nas irregulares saliencias da cascata, e que forma um espectaculo agradavel á vista, ao passo que o ouvido se entretem com o susurro que reboa pelas amplas abobadas que fechão o recinto. Os fortissimos muros deste tanque marmoreo tem de espessura vinte e cinco palmos, e serve esta grossura, entre a borda do mesmo, e o muro externo, de espaçosa varanda, que offerece folgado passeio a muitos concorrentes, por trez dos lados, ficando no quarto a queda das agoas, á banda do poente; nos lados exteriores rasgarão-se amplas janellas: por um lanço de escada estreita e torcida sobe-se ao eirado que remata a torre, lageado igual sobre a immensa abobada, e donde se avista um lindissimo panorama da cidade, que talvez não tenha rival — senão o que se descortina da eminencia do castello — ou o prospecto que do zimborio do convento da Estrella se desfructa. O comprimento do tanque (segundo a memoria do padre Cabral) é de 125 palmos, a largura de 107, e a altura de 37; do fundo erguem-se quatro pilastras de dez palmos quadradas, que sustentão as abobadas superiores. Este grande edificio é o que o vulgo conhece pelo nome de *mãe d'agoa* do Rato, ou das Amoreiras. — »

Real Paço das Necessidades.

O nome deste paço real é um dos que sôa mais em França, quando se trata dos negocios politicos de Portugal, por ser a usual residencia da rainha D. Maria II. E' pois curioso, saber a origem de uma denominação sobre que ás vezes se suscitão questões. Aqui apresentamos a resposta, que sobre tal assumpto dão os escriptores portuguezes.

Quando em 1599 o terrivel flagello da peste assolou Lisboa por maneira que diariamente morrião de contagio

setecentas e mais pessoas, os habitantes que possuião alguns recursos fugião para varias terras das provincias em demanda de ares mais salutiferos: entre elles forão buscar refugio na Ericeira duas pessoas, marido e mulher, que moravão na freguezia dos anjos, e durante o tempo que estiverão n'aquella povoação da costa maritima frequentarão devotamente uma pobre e solitaria ermida das visinhanças, onde se venerava uma formosa imagem de Maria Santissima. Acabados os estragos da peste na capital voltárão os dous consortes á sua antiga residencia, mas não podendo separar-se d'aquella imagem, resolverão trazê-la comsigo sonegadamente, o que poserão por obra, conseguindo d'ahi a annos, com esmolas de varios fieis fabricar-lhe uma pequena igreja no sitio d'Alcantara, então arrabalde, concedendo o terreno a proprietaria Anna de Gouvêa e Vasconcellos, e concorrendo para as despezas uma irmandade de maritimos que se creou em obsequio da Senhora, a que derão a invocação das Necessidades, porque nas tribulações e molestias da vida a ella piamente recorrião, confiados em sua intercessão e patrocinio. Pedro de Castilho, do concelho de sua magestade, comprou as casas d'Anna de Gouvêa, e renovou e augmentou o templo, que se acabou em 1659. Nesta igreja mandou fazer varias obras a rainha D. Maria Luiza Isabel de Saboia, mulher primeiramente d'elrei D. Affonso, e depois de D. Pedro II; este ultimo professava tamanha devoção á imagem de Nossa Senhora das Necessidades, que vinha muitas vezes ouvir missa áquella capella no proprio altar da Senhora. Elrei D. João V, n'uma grave e diuturna enfermidade mandou trasladar para o seu palacio e camara a sagrada imagem, e depois que sarou lhe fez levantar, com privilegio da real capella, a formosa igreja que ora vemos, erigindo ao mesmo tempo contiguos os paços, que ao presente servem de residencia á nossa augusta soberana, e que pelo prospero augmento da real familia tem sido muito accrescentado. Esta régia habitação, de agradavel prospecto, abundante de cantarias,

e n'uma situação deliciosa, desfructa a muito apreciavel vantagem de ter adjacente uma amplissima quinta de recreio, com espaçosas ruas, onde podem correr carruagens, com arvoredos copados, lagos de mui vasto ambito, onde navegão cysnes, em grandes e amenos jardins, em que se renova sempre o matiz das flores, e o viço das variadas plantas, favorecidas pela benignidade do nosso clima. Copiosas agoas entretem a verdura fresquidão deste sitio delicioso. Um grande jardim, logo immediato ao palacio, é por tres lados, guarnecido de corpulentas e bem acabadas estatuas de jaspe, que representão as diversas virtudes, como a prudencia, a justiça, etc.; e são, ao que dizem, obra do esculptor Giusti, chamado a Portugal por elrei D. João V para fundar a celebre eschola de Mafra; mas se estas são dignas dos entendedores, lá temos na regia capella do mesmo paço a estatua de São Paulo, e outras desempenhadas por um esculptor portuguez, José de Almeida, que tambem são de incontestavel merecimento.

« — Diante da frontaria principal do palacio, estende-se um dilatado terreiro adornado com uma fonte, que tem de notavel o seu esbelto e elevado obelisco de uma só pedra. Muitas preciosidades da arte encerra o paço, e seria diffnsão enumera-las; mas por não faltarmos ao dever da nossa profissão litteraria, mencionaremos, ainda que de passagem, a copiosa e rica livraria, selecta em livros antigos de merito, e edições de valor, e abundante de manuscriptos raros e codices preciosos para a historia portugueza.

Que o palacio das Necessidades foi o local das sessões das primeiras cortes extraordinarias da nação, depois de 1820, e que fôra habitado em parte sob a denominação do real hospicio, pelos padres Neris, ou da congregação do Oratorio, tão benemeritos da cultura, e ensino das letras, são cousas geralmente sabidas, e que por isso omittimos.

« — O edificio que fica da parte da quinta, e para o qual se póde sair do paço pelo paçadiço que fica sobre a

estrada (1), foi dado para habitação dos ditos padres, que ali forão residir depois do terramoto de 1755, e onde continuárão a reger as cadeiras de differentes disciplinas, que tinhão na casa do Espirito Santo, para onde voltárão depois de a reedificarem no reinado da Senhora D. Maria I, ficando só alguns nas Necessidades, a titulo de capellães, e com a administração da quinta e suas pertenças.

« — Nestes paços assistiu e morreu o infante D. Manoel, filho de D. Pedro II, e depois o irmão d'elrei d'Inglaterra, que veio a Lisboa, em tempo de D. José I. O thesouro chamado da coroa aqui esteve guardado no tempo do mesmo monarcha, e quando ardeu o palacio da Ajuda, o principe regente, depois D. João VI, dava neste paço audiencia ao povo. — »

Desde esta epocha, a igreja de Nossa Senhora das Necessidades, que tão humilde nascimento tivera, tornou-se objecto de particular devoção dos soberanos portuguezes. Isabel de Saboia, mulher do infeliz Afonso VI, ia ali praticar os seus actos de religião. D. João V, depois de perigosa doença, mandou construir não só o templo que hoje existe, como tambem o palacio que lhe está contiguo, e que serve de habitação real. O paço das Necessidades, que como os proprios portuguezes confessão, é mais uma linda casa de recreio, do que um paço real, torna-se principalmente agradavel pela bellesa de seus jardins, e abundencia de aguas. Vêem-se nelle algumas estatuas de jaspe, de grande trabalho, do esculptor Giusti, que veiu de Italia fundar a eschola de Mafra. A capella real contém igualmente uma formosa estatua de São Paulo, obra de José d'Almeida, que occupa distincto logar entre os esculptores portuguezes. O paço das Necessidades contém maior numero de objectos da arte de grande valor, do que em França geralmente se pensa. Cumpre especialmente mencionar a

(1) Panorama, vol. 2.° pag. 360.
(O traductor.)

rica bibliotheca onde se encontrão edições antigas verdadeiramente preciosas, bem como grande numero de manuscriptos ainda ineditos, dos quaes grande proveito tiraria a historia nacional. Accrescentaremos que nesta residencia regia é que se reunírão as primeiras cortes extraordinarias no dia 27 de janeiro de 1821.

Estatua equestre de D. José. — Trabalhos artisticos de Joaquim Machado, e Bartholomeu da Costa.

O architecto Murphy, que é o homem cujo testimunho se invoca quando se tracta de algum monumento importante de Portugal, faz completa justiça aos trabalhos de Machado, que denomina *obra de um grande mestre.* Talvez que não seja assas justo no juizo que fórma dos portuguezes, quando diz que o nome deste artista estava esquecido pelos seus compatricios; póde tambem ser que se tenha exaggerado um pouco o merecimento do fundador á custa do esculptor, mas nunca se poderá affirmar que Machado esteja em completo esquecimento. Em todo o caso, a geração presente busca reparar as injustiças das passadas, e nós, auxiliados por excellentes documentos ministrados por compatricios de Machado, vamos referir factos ignorados do artista inglez.

« — Quando se começou a reedificação de Lisboa, depois da funesta catastrophe de 1755, concebeu-se desde logo o projecto de levantar um monumento no meio da praça do Commercio, construida no local do antigo Terreiro do Paço. Eugenio dos Santos de Carvalho, capitão engenheiro, foi encarregado da reedificação da cidade, e tambem se lhe seguiu o risco na construcção dos edificios que cercão a praça do commercio. Por sua morte deixou um projecto de estatua equestre para servir de ornamento á praça, segundo o qual a parte convexa e posterior do pedestal, aonde existe agora o baixo relevo ficaria nua, e

sem ornamento. Quando se tratou de levantar o monumento, um artista nascido em Malta, mas que fôra estudar a Italia, teve a incumbencia de apresentar um modelo segundo o desenho de que se trata; e o capitão Reynaldo Manoel dos Santos, que succedêra no logar de architecto ao capitão Eugenio, associou-se a Joaquim Machado, que então estudava na eschola do esculptor da basilica de Mafra.

« — Fez este um pequeno modelo em cera sobre copias do mesmo desenho, que lhe fora confiado por ordem expressa. O seu projecto foi apresentado a elrei em concorrencia com o do maltez, porém o modelo de Joaquim Machado obteve a preferencia real. » — Não proseguiremos, pelo curto espaço que para isso temos, na enumeração de numerosos factos curiosos que encontramos na noticia que acabamos de consultar. Diremos tão sómente que se não deu a Machado a liberdade de inventar as allegorias dos grupos principaes, nem tão pouco de alterar os accessorios da estatua equestre. Contentou-se apenas com o corrigir os erros do desenho. Só lhe confiárão a fantasia e composição do baixo-relevo ao qual Eugenio dos Santos não fizera modelo algum. O artista deixou escripto factos interessantes para a historia da arte, n'uma obra especial, os quaes são confirmados pelo contemporaneo Antonio Stopani, que positivamente affirma que posto o esculptor podesse melhorar a invenção do projecto primitivo, nunca quizerão consentir em que elle o fizesse.

Uma vez executado o grande modelo, era necessario achar homem capaz de o fundir em bronze. Pareceu impossivel á primeira vista que elle apparecesse em Portugal, onde não havia monumento algum deste genero. Porem o tenente coronel Bartholomeu da Costa, director do arsenal, ousou encarregar-se deste trabalho, e o levou por diante. — No dia 15 de outubro de 1774 viu Portugal fundir,

pela primeira vez, uma estatua colossal de um só jacto (1).

Murphy observa, e com razão, que na epocha em que se emprehendeu este trabalho havia um unico exemplo de estatua equestre de tal dimensão tirada com perfeição tal. E' ainda ponto duvidoso se a estatua de D. José I é ou não maior que a que representa Luiz XIV na praça Vendôme.

O que o viajante inglez ignorou, ou que, pelo menos não disse, é que o trabalho de lavor feito no proprio fosso não gastou a fazer menos de seis mezes. Forão nelle empregados 83 artistas concluindo-se a operação no dia 13 de Maio de 1775. O transporte desta massa enorme foi confiada ao architecto das obras publicas, Raynaldo Manoel dos Santos, que desempenhou a sua commissão com grande habilidade. João dos Santos, official encarregado da policia do porto, dirigiu o apparelho que collocou a figura no seu pedestal. A definitiva erecção da estatua realisou-se sem incidente algum, no dia 20 de maio de 1775, em presença de innumeravel concurrencia de povo. A praça do Commercio estava ricamente armada, e no meio das mais vivas acclamações se assentou finalmente na base o colosso de bronze, no qual, um gosto mui severo poderá achar alguns defeitos, mas que não deixa por isso de ser uma obra eminente de que Lisboa se ufana. Observaremos de passagem que esta estatua se acha caracterisada por uma circunstancia particular. A' primeira vista ignora-se o motivo por

(1) Tinha 80 pés de altura, e foi fundida de um só jacto por Balthasar Keller. — Vide Viagem de Murphy, na traducção franceza, tomo 2.° pag. 34. Observaremos de passagem, fundados com auctoridade que Murphy não conheceu que se empregárão 656 e meio quintaes de bronze, para fundir a estatua colossal de D. José; mas depois de tirados os conductos de metal se calculou que apenas se gastarião 500 quintaes. A armadura de ferro interna, admiravelmente disposta por Bartholomeu da Costa pesava 100 quintaes.

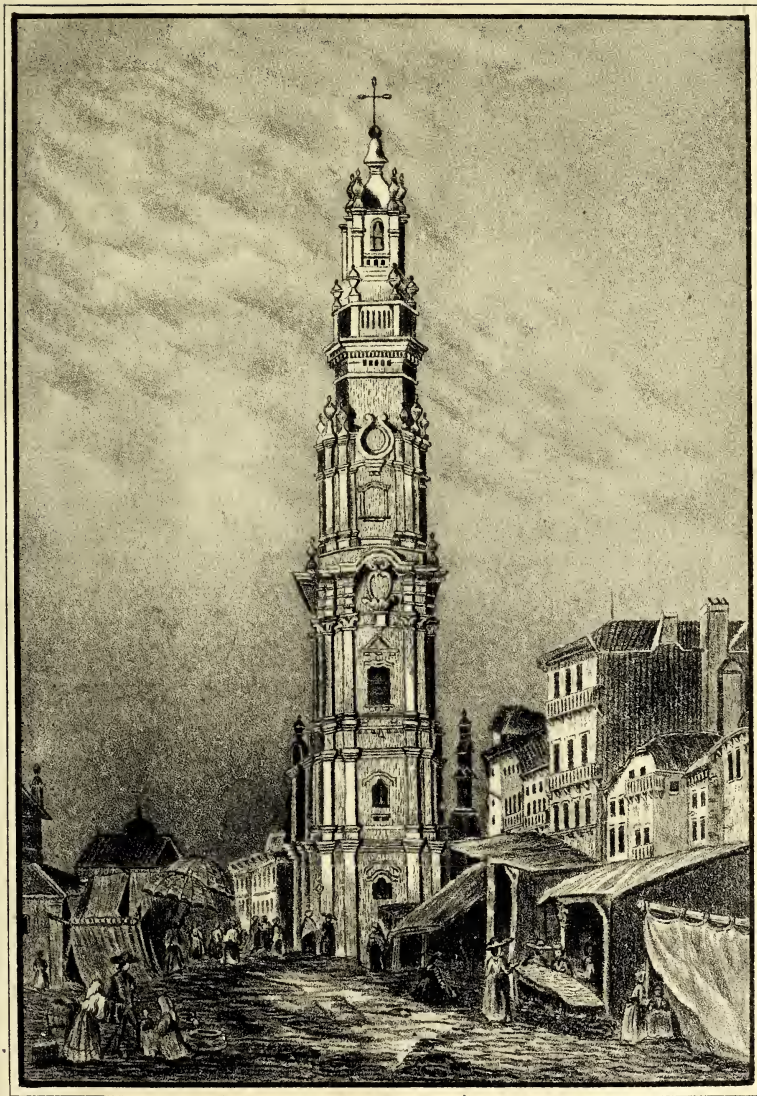
que o philinto parece montuoso, e se julga ver uma allegoria nas silvas entremeadas de reptis que o cavalleiro calca aos pés; mas além de que a allusão não foi desagradavel a elrei nem ao seu ministro, o artista aproveitou esta disposição para encobrir com as roscas das serpentes, e com as folhas em que ellas se estendem, o varão de ferro que sáe do pé esquerdo do cavallo, e que lhe serve de ponto d'apoio principal. Bem se sabe que este apoio mal disposto afêa os monumentos deste genero.

A recompensa que esta obra prima grangeou a seus auctores foi repartida com muita desigualdade. Joaquim Machado foi feito cavalleiro, de uma ordem militar mas viveu em toda a sua vida em estado proximo á indigencia, ao passo que Bartholomeu da Costa subiu com o andar dos tempos ao posto de tenente general. Ninguem por certo estranhará que este gráu fosse dado como recompensa a um official de merito incontestavel; só ha motivo de admirar que o verdadeiro auctor do monumento não fosse retribuido com igual largueza. Landmann, auctor da grande descripção de Portugal, affirma que Pombal erigira aquelle monumento só para ter occasião de nelle gravar o seu busto. Se assim foi, não gosou elle por muito tempo de tão fraca compensação de seus trabalhos. A effigie, como é sabido, foi arrancada do seu logar nos ultimos annos do decimo oitavo seculo, e guardada no arsenal do exercito. D. Pedro porem a mandou outra vez pôr no logar d'onde nunca devia ser tirada.

A torre dos Clerigos no Porto.

Entre os edificios religiosos de aspecto verdadeiramente original, que existem em Portugal, e cuja celebridade é conhecida fóra do paiz tem distincto logar a *Torre dos Clerigos.*

Este monumento, que serve como de signal aos navegadores, que pretendem entrar na difficil barra do Dou-



Sai. Lit. Off. R.N. dos Marlires Nº 12.

Torre dos Clerigos no Porto

ro é de construcção muito moderna. Foi começado em 1732, e acabado em 1763. E' a torre mais alta que existe no reino; uma das obras mais notaveis da cidade do Porto, e levantada pelo architecto italiano Nicoláu Mazoni. A torre dos Clerigos é a expressão do seculo em que foi feita. Erguida no alto de uma rua muito ingreme conhecida pelo nome de Natividade, ainda isso lhe augmenta mais a altura para o viajante.

Affirma-se que os sinos da torre tem uns 100 e outros 200 arrobas. A igreja que serve de principal ornamento foi sagrada em 1779, como se vê de uma inscripção latina gravada na porta collateral do norte. Esta mesma inscripção attesta que a obra foi feita á custa do clero circunstancia que explica o motivo porque se lhe poz aquelle nome. Uma confraria a que pertencem alguns seculares abastados da provincia conserva ainda hoje o templo de Nossa Senhora da Assumpção e seu curioso monumento.

Theatro de S. Carlos.

Desde o anno de 1502 em que Gil Vicente representou os autos, e idylios na propria camara da rainha, até 1793, em que se levantou este bello edificio, haveria boas cousas que dizer sobre o theatro em Portugal, e edificios consagrados ás representações dramaticas. Cervantes, com o seu engenho inimitavel deu-nos em poucas palavras a idéa mui original do que era o theatro da Peninsula nos tempos de João de Enzina e de Torres Navarro. Havia pouca differença nas representações populares dos dois paizes. Temos comtudo a certesa de que as grandes sallas da universidade, e os magnificos salões dos paços reaes servirão primitivamente para a representação dramatica das eruditas peças de Antonio Ferreira, e Sá de Miranda. — A illustrada filha de D. Manoel que tratou com intimidade Sigéa e Paula Vicente, não ignorava que a ultima destas era uma das melhores actrizes do seu tempo, e teve occasião de

mais de uma vez conhecer o talento das peças originaes do pae. D. Luiz filho de D. Manoel, a quem chamavão as delicias de Portugal, compunha poesia dramatica, e se lhe attribue a peça intitulada D. Luiz de los Turcos; e fez representar os seus dramas n'um palacio cujo fausto e grandesa os contemporaneos delle descrevem. Alli acabou porem o gosto das representações dramaticas, como nos dão logar a suppor investigações particulares. O cardeal rei compoz e fez representar em Coimbra algumas peças eruditas, sendo apenas principe real, e quando tinha presente as lições do sabio Kleonardt; mas as espinhosas funcções de inquisidor geral e o embaraço dos negocios publicos o desviarão deste genero de divertimento. D. Sebastião, suppondo que o impulso dado na Europa ao theatro lhe supplantaria o fanatismo, e occorrendo além disso a grande catastrophe de 1578 mandou suspender as representações deste genero. A exaltação da casa de Bragança, levou ao throno um principe essencialmente artista, porem D. João IV tratava mais da musica religiosa que da musica dramatica; e não ha vestigios de que houvesse nesse tempo theatro permanente em Lisboa.

Só no seculo 18.° se construirão na capital sallas especiaes para a representação dramatica. As peças compostas pelo infeliz Antonio José carecião de certa pompa theatral, e era pouca toda a sciencia do machinista, para se representar no anno de 1740, no theatro do Bairro Alto, uma das operas, cujo titulo de per si mostra um enredo complicado.

Perdoem-nos a estensão do preambulo; mas a falta quasi absoluta de documentos a respeito do assumpto exigia, por certo, um capitulo á parte. Fallaremos agora do principal theatro de Lisboa. Quando no reinado de D. José chegou a Lisboa a famoza Zamperini, cuja voz melidiosa foi celebrada por todos os poetas do seu tempo, e cujos encantos trouxerão inquietos os corações de certas dig-

nidades ecclesiasticas desta capital (1) foi estabelecer-se com a sua companhia no pequeno theatro da *Rua dos Condes.* Aconteceu isto entre 1770 e 1774, não havendo no mesmo edificio cousa que satisfizesse ás necessidades da opera. Conheceu-se então a necessidade de levantar um theatro mais amplo, o que se realisou pelos esforços de uma companhia de abastados capitalistas que construirão dentro em seis mezes o theatro de São Carlos. José da Costa e Silva, habil architecto, que fôra estudar a Italia é quem lhe traçou o risco. Vê-se que elle teve presente as reminiscencias de um grande monumento do mesmo genero, que havia admirado (2). O que não entra em duvida é que os trabalhos do edificio forão dirigidos com rara intelligencia por Anselmo da Cruz Sobral, abrindo-se o novo theatro a 29 de abril de 1793, por occasião de um festejo da corte.

M. de Hautfort faz justiça ao talento que José da Costa e Silva manifestou nesta occasião. — « Todos os corredores, diz elle, são de abobada, assim como as escadas que conduzem aos camarotes: — as saidas são tão bem distribuidas, que elle póde n'um momento despejar-se. O palco tem grande comprimento, e já nelle trabalharão oitenta cavallos de uma só vez. — » O gosto das representações dramaticas faz singulares progressos em Lisboa; sendo o senhor Mendes Leal um dos poetas actuaes que maiores esperanças dá.

Palacio da Ajuda.

Destruido pelas chammas o antigo palacio que D. José mandara construir, e do qual ainda se vêem alguns ves-

(1) Veja-se a cerca deste curioso periodo do theatro portuguez uma estensa nota do sabio e espirituoso Lecussan Verdier, que havia conhecido a famosa cantora, e a commemorou, com certa critica cheio de bondade e encanto, no pequeno commentario que accrescentou ao poema Hyssope.

(2) Vejão-se as notas com que Verdier enriqueceo o lindo poema já citado.

tigios, foi D. Maria I habitar o paço de Queluz, que seu tio e esposo havia edificado. D. João VI, então regente, é que lançou a primeira pedra do palacio da Ajuda, em nome de sua mãe. Os primeiros architectos do palacio forão José da Costa, os dois irmãos Fabri, e Manoel Caetano, e o ultimo delles Antonio Francisco da Rosa. O edificio está ainda hoje muito incompleto, principalmente em relação ao primeiro risco approvado. A parte acabada nada tem que invejar á maioria dos grandes palacios que ha nas outras capitaes da Europa. Quatro estensos pannos de muro de marmore, dispostos em plano quadrangular, e rematados nos angulos por magnificos torreões devem completar a obra. Só está, por em quanto construida a parte oriental que olha para Lisboa. O vestibulo occidental apenas se acha começado. Póde ver-se o desenho delle, muito exacto na revista habilmente escripta, e de que tantas vezes nos servimos, intitulada *Panorama.* — « Nasceu o pensamento de levantar o palacio da Ajuda, nos ultimos annos do seculo passado, quando pela occorrencia do incendio que destruiu o paço velho, de que ainda existem restos no recinto da planta do moderno, a senhora D. Maria I se recolheu á casa de campo de Queluz, que seu esposo e tio, o sr. D. Pedro III mandara construir e cercar de magnificos jardins e arvoredos, em sitio baixo, na verdade e soturno, mas adoptado á vegetação, e abundante de frescas agoas.

Todavia, foi o sr. D. João VI, sendo já regente em nome de sua augusta mãe, que lançou a primeira pedra nos fundamentos do régio paço d'Ajuda, antes de ser obrigado a dobrar o athlantico por causas politicas, que nos não cumpre indagar.

« — Muito incompleto vemos ainda este nobre edificio, se o comparar-mos com o risco adoptado no começo da sua erecção; com tudo á parte que está concluida ninguem duvidará chamar vasto e magnifico palacio, collocando-o a par dos que gosão deste fôro entre os sump-

tuosos da Europa. Quatro dilatados lanços de parede de marmore, dispostos em forma quadrangular, opposto cada um a um dos quatro ventos cardeaes, e rematados nos angulos por elevados e magnificos torreões, devião completa-lo, comprehendendo estensas galerias e salas, multidão de camarins e todas as officinas, quartos e accommodações convenientes a um real aposento. — Mas que dizemos? — Cada um destes lados de per si, poderia ser digna habitação de um monarcha. O espaço intermedio, a que chamaremos central teria serventia por amplos vestibulos nos lanços de nascente e poente, que serião as fachadas principaes; sendo hoje a do actual palacio a que está feita, que é a oriental, para a parte de Lisboa; achando-se apenas começado o vestibulo occidental. Esta é a frontaria que a nossa estampa apresenta: sendo pena que o processo, mediante o qual foi copiada, não permittisse dar os dous torreões lateraes, que a acompanhão e embelesão. Da banda meridional, que olha para o Tejo, fica tão bem uma grande porção, já de ha tempos, prompta para ser habitada; esta e a sua paralella ao norte, devião acabar nos dous torreões marcados no risco; em tudo similhantes aos que ora existem: por toda a sua estenção superior corre um terrado fechado com balaustrada, donde se avistão, até mui grandes distancias, deleitosas e variadas perspectivas, circumstancia que lhe facilita a feliz situação do palacio, assente sobre a corôa de uma eminencia, por cujo declive para o sul váe descendo até o rio o povoado bairro de Belem, com a real casa de campo, e quintas adjacentes. Para qualquer das faces, que nos voltemos se recreão os olhos com vistas, ora amenas ora grandiosas.

« — Descrever porem o interior da parte que se acha habitavel, e adereçada com as decorações proprias, ou com pinturas de paredes e tectos, seria longa tarefa, e para nós summamente difficil; por que não queremos incorrer na censura de ou louvar-mos tudo indiscretamente, offen-

dendo os artistas de merito, confundindo suas obras com outras de muito inferior apreciação, ou fazer-mos distincções que pareção odiosas a algumas pessoas, e criticas, que sejão julgadas por menos justas. Por tanto só nomearemos alguns artistas já fallecidos, e por outras obras, muito acreditados, que ali consignárão alguns de seus trabalhos: como Cyrillo Machado, Sequeira, e dizem que tambem o Vieira portuense. Sobre tudo rouba a attenção dos intelligentes a salla, a que vulgarmente chamão da acclamação d'elrei D. João IV; por que ali deixou José da Cunha Taborda, n'um quadro de vastas dimensões, de grandiosa e complicada composição, e de excellente desempenho, a prova do seu talento, representando o acto da acclamação de D. João, duque de Bragança, levantado rei pela nobresa e povo a despeito do jugo e poderio de Castella. Em nosso humilde entender, esta pintura, e as trez estatuas do esculptor Machado, que symbolisão a gratidão, a generosidade, e o conselho, collocadas em nichos nos porticos do vestibulo, são as mais notaveis obras artisticas que aformoseão o paço da Ajuda: outras muitas estão similhantemente postas no mencionado vestibulo: o merecimento dellas é relativo, e devem-se aos cinzeis de Barros, Aguiar, Faustino José Rodrigues, e outros esculptores: os nichos do envasamento do lanço meridional do edificio pela parte externa, assim como alguns mais em varias partes, estão destituidos de moradores. As obras dos pintores ornatistas são engenhosas, e executadas geralmente com primor. No lavor da pedra não fallaremos, que para elogio lhe basta a perfeição deste genero de trabalho, que os estrangeiros admirão nos edificios levantados em Portugal, ha cousa de um seculo a esta parte. Em fim para residencia real nada falta á porção do palacio concluido, se não os moveis, por que a cerca e alamedas para passeio, que não têem, talvez podesse supprir-se com a proximidade do horto botanico, e da quinta de Belém, vulgo picadeiro. Nas visinhanças da cidade não podia escolher-se para um palacio

melhor situação, que ao mesmo tempo desfructa saluberrimos ares.

« — Adjacentes ao paço, ao norte do terreiro espaçoso, que lhe fica em frente, correm umas casas baixas, até o barracão de madeira, aonde esteve a patriarchal estincta, nas quaes se accommodão a copiosa bibliotheca real, e um gabinete de physica; pegado com esta ha uma grande salla elliptica destinada para casa de musica. Os restos do paço velho, edificado por D. José I conservão a particularidade de comprehenderem um bem construido theatro, onde se representou, pela primeira vez a opera italiana em Portugal.

« — Forão os primeiros architectos do novo palacio José da Costa, os dois Fabri, Manoel Caetano, tambem por algum tempo, e o ultimo Antonio Francisco da Rosa: posteriormente esteve encarregado das obras o official do corpo de engenheiros F. Raposo. — »

Igreja da Estrella.

Segundo um escripto que tem a este respeito conhecimentos especiaes, foi começada a igreja da Estrella em Lisboa no anno de 1779, seguindo-se a erecção della o risco do templo de São Pedro em Roma. E' aquella igreja o edificio religioso da capital que offerece no seu todo a mais agradavel aspecto. Foi acabado no espaço de dez annos pela rainha D. Maria I.

Conclusão.

Por pouco conhecimento que qualquer pessoa tenha dos primeiros annos do presente seculo, não deixará, de ter noticia do famoso tractado de Foitainebleau assignado a 27 de outubro de 1807, o qual n'uma das suas clasulas secretas dividia o reino de Portugal em trez partes, e creava um principado soberano nos Algarves para o prin-

cipe da Paz. D. João VI fechou as portas aos inglezes a contar do dia 8 de novembro de 1807 em diante, e confiscou os bens dos subditos britanicos que se achassem em Portugal. Não obstarão porem estas concessões a que no dia 11 de novembro do mesmo anno declarasse um artigo do *Monitor* que a casa de Bragança tinha cessado de reinar. Resolveu-se, desde então, a invasão de Portugal. O embaixador inglez sahio de Lisboa, começando o bloqueio do Tejo pela esquadra de Sidney-Smith.

Os francezes por uma dessas marchas prodigiosas que bem podem comparar-se ás mais brilhantes victorias, atravessarão as montanhas da Beira Baixa. A despeito das baterias que defendião o Zezere, chegou a Sacavem, no dia 29 de novembro, a vanguarda da primeira columna do exercito da Gironda, e no dia 30 entrava Junot em Lisboa á frente de 1,500 granadeiros, resto de quatro batalhões.

Trez dias antes havia o Regente do Reino tomado uma grande resolução politica. Publicou um decreto em que declarava a sua intenção de abandonar a Europa, e de se retirar para os dominios do Brazil. Nomeava o mesmo decreto uma regencia (1) e recommendava aos povos que tratassem os francezes como amigos. As interrompidas relações entre Portugal e Inglaterra estavão renovadas no dia 27, e o principe D. João embarcou para o Brazil (2).

(1) Compunha-se esta regencia de cinco grandes funccionarios, que se segem-se: — o marquez d'Abrantes, o tenente general Francisco de Cunha Menezes, o principal Castro, Pedro de Mello Broyner, e, finalmente o tenente general D. Francisco Xavier de Noronha. Os dous secretarios erão o conde de Sampayo, que servia no impedimento de D. Miguel Pereira Forjaz, e João Antonio Salter de Mendonça.

(2) A rainha, o regente, o infante D. Pedro, e o principe de Hespanha, sobrinho de D. João VI embarcarão na nau *Principe Real* de 80 peças, a princesa, suas filhas, e D. Miguel embarcarão n'outro vaso. Calcula-se. em 15,000 pessoas o numero das que então sairão de Portugal para o Brazil nas em-

Proferira-se nesta partida uma palavra das que sensiblisam os povos e ennobrecem a desgraça. D. Maria parecia recordar-se das passadas glorias; e queria sair de Portugal como rainha: — *não vamos tão depressa, disse ella aos que a condusião, que dirão que vamos fugindo.*

D. Pedro, que era então um menino de nove annos perguntava porque não se batia a esquadra. E, defeito, uma guerra duradoura, fertil em episodios de toda a qualidade, que a historia jámais esquecerá, se preparava, apesar da apparente tranquillidade de Lisboa. A narração do que depois succedeu respondeu ao principe menino no pacifico retiro de São Christovão (1).

Cumpria aqui entrar-mos em grandes particularidades, mas limitar-nos-hemos a citar algumas datas. Napoleão fiel ao systema que seguiâ impôz a Portugal a contribuição de 40 milhões de crusados, ou de 100 milhões de francos; e no 1.° de fevereiro de 1808 declarou uma proclamação de Junot a expulsão da casa reinante, e abolição da regencia creada por D. João. Declarou tambem que d'ahi em diante se publicarião os diplomas em nome de Napoleão.

D. João chegando ao Rio de Janeiro no dia 8 de março, vingou-se destes actos declarando-se abertamente contra a França, annulando o tractado de Badajoz de 1801, e o da neutralidade, celebrado em 1804. No dia 18 de junho do mesmo anno sublevou-se o Porto contra o exercito da invasão.

No dia 8 de junho de 1808 farmou-se uma junta suprema na populosa cidade que acabamos de citar. Os in-

barcações do estado. A esquadra compunha-se de oito naus, trez fragatas, e trez brigues. No dia 30 de novembro de 1807 perdeu-se ella de vista.

(1) Segundo diz o tenente general Thiébault, subiu o exercito de ocupação a 28, 586 homens. A invasão fizera-se com 24,133 homens sómente, destes forão pouco depois para França 4,453.

glezes entrarão em Portugal; e desde então se travou uma lucta terrivel facil de prever. A sublevação da Beja; o ataque desta cidade pelos francezes; o cerco de Evora pelas nossas tropas; o combate de Roliça, aonde Sir Arthur Wellesley alcançou decidida vantagem são conhecimentos importantes e que precedem a batalha do Vimieiro.

Nesta jornada que succedeu a 21 de agosto de 1808 (1) os francezes em numero de 12,000, na opinião de uns, ede 14000 segundo dizem outros tiverão que bater-se com forças que os proprios inglezes fizerão subir a 28,000 homens. Na vespora entregou Sir Arthur Wallesley o commando do exercito a Sir Harray Burard. O duque de Abrantes commandou em pessoa a acção que commeçou ás oito horas da manhã; e depois de haver feito prodigios de valor, foi o nosso exercito obrigado a recuar para Torres-Vedras, com perda de 1,800 homens, e 13 peças de artilheria. Pela habilidade do general Kellermann conseguiu-se uma suspensão d'armas a 22 d'agosto, e no dia 30 se celebrou a convenção de Cintra, em virtude da qual embarcarão a bordo da esquadra ingleza com suas armas e bagagens 25,747 homens, resto do nosso exercito. Os transportes em que ião os soldados padecerão medonhas tempestades, desembarcando, finalmente na Rochella e Quiberon; e, como observa um habil general, este exercito que conservou armas munições, e bagagens voltou á Peninsula um mez depois do seu desembarque.

Duas outras invasões de tropas francezas assignalarão este tormentoso periodo da historia de Portugal.

Em 1809 tomou o marechal Beresford o commando do exercito portuguez; e a 7 de março do mesmo anno en-

(1) Lêa-se sobre esta decisiva acção o general Foy, tomo 4.° pag. 321; general Thiébault: *Relação da Expedição de Portugal*, Pariz 1817 pag. 195 — Veja-se igualmente o precioso compendio do tenente coronel o engenheiro Augoyat, 1 volume em 4.° anno de 1839, pag. 13.

trou o marechal Soult no Porto. As forças de que dispunha o duque de Dalmacia nesta expedição não excedia ao numero de 25,000 homens; e sentimos não poder aqui mencionar as optimas disposições que se tomarão nesta occasião por parte do marechal para dar cumprimento ás ordens de Napoleão. Diremos, comtudo que se ligarão essencialmente desta vez as diversas operações com o que se passava em Hespanha; e que desgraçadamente o duque de Belluno resolveu, sob sua responsabilidade, não dar acção alguma em Portugal, como se lhe havia ordenado que fizesse. O duque de Wellington tinha desembarcado em Lisboa com grandes reforços, podendo dentro em pouco tempo dispor de 26,000 infantes e 2,400 cavallos. Avançou contra o marechal Soult, passou o Douro, e no dia 10 de maio atravessou o Vouga. Obrigado o exercito francez a evacuar o Porto effeituou a sua retirada pela estrada d'Amarante. Depois de marcha, cujas boas disposições ninguem póde contestar, este valente exercito, em força de 19,700 homens chegou a 17 a Montealegre, e a 20 a Orense, aprisionando-lhe o inimigo tão sómente 500 homens. M. Bignon attribue o máu exito desta campanha á emulação que obstava a que os marechaes se podessem combinar entre si, como o terião feito se Napoleão estivesse presente.

No fim de março de 1810 é que o marechal Massena tomou em Salamanca o mando de um exercito de 70,000 homens para realisar a terceira invasão em Portugal. Porem Wellington havia tomado as suas prévias disposições, adoptando o systema em que ainda hoje persiste. Este systema observa um dos nossos mais habeis officiaes engenheiros, consistia nas linhas de Torres Vedras, e nos differentes meios adoptados para que os habitantes tornassem um deserto o paiz entre o Mondego e as linhas. Os historiadores fazem subir a 60,000 homens a força total do exercito anglo-luso; mas cumpre observar que quem houve de os consultar affirma que a regencia ainda dispunha de 15,000 homens de tropas regulares, e de 45,000 homens de mili-

cias organisadas. Tambem é justo que se diga que as tropas conhecidas pelo nome de *ordenanças*, tinhão poucas armas, e que por isso se armavão de fouces e de chuços. O exercito effectivo, entrando 28,000 inglezes, dividia-se em dois corpos: — 45,000 estavão ás ordens do duque de Wellington; o general Hell commandava 15,000 homens e se conservou em Portalegre. Abriu-se finalmente, em junho a campanha pelo cerco da cidade de Rodrigo que se rendeu no cabo de 26 dias (1).

O exercito francez invadiu novamente Portugal, assediou Almeida, de que era governador o brigadeiro Cox, capitulando esta villa em 28 de agosto. A explosão do payol de polvora abreviou a rendição da praça. Foi nesta epocha que por um decreto de D. João de 24 de maio se augmentou o numero dos membros da regencia, reunindo-lhe Carlos Stuart, ministro plenipotenciario da corte d'Inglaterra em Lisboa. Em quanto o principe d'Essling tomava as suas disposições para invadir Portugal, continuava Wellington o seu plano. Diminuião as probabilidades de bom exito para o exercito da invasão, que carecia de viveres. Finalmente no dia 27 deu-se a famosa batalha do Bussaco, em que perdemos 1,800 homens, e 1,300 o exercito anglo-luso. A' cerca della tem havido sérias contestações, por que ambos os exercitos querem para si a victoria. Na opinião de um habil official, o que póde motivar esta divergencia de opinião, é o haver o centro da direita do inimigo sido por um momento abalado, o que não teve resultado algum.

Lord Wellington retirou-se no dia 8 de outubro para as linhas de Torres-Vedras. Massena só teve delle noticia no dia 9. Foi ali que se mallograrão todos os esforços

(1) M. Monteiro observa que Massena, Junot, Ney, Mermet, e Loison assistirão a este cerco com mais de 85,000 homens. E' evidentemente exaggerado similhante numero, a pesar da imparcialidade do historiador. Releva notar a tendencia dos escriptores peninsulares em augmentar as nossas forças, durante as diversas acções em que o exercito francez tem de operar.

de um exercito redusido a menos de 50,000 homens. No meado de novembro, fez o general em chefe uma retirada, cuja boa disposição é por nossos inimigos admirada.

No dia 31 de outubro publicou-se em Lisboa o tractado de amisade e alliança entre o principe regente de Portugal, e elrei d'Inglaterra. O conde de Linhares, e lord Strangford ligarão o seu nome a este documento diplomatico bem conhecido, e que os portuguezes admiravelmente caracterisarão chamando-lhe *miserrimo tractado* (1).

Com tudo, depois da chegada do general Foy portador de ordens que não podião ser integralmente executadas resolveu o general em chefe retirar-se da posição que occupava em Santarem, o que aconteceu no dia 5 de março de 1811. Diz o coronel d'Augoyat, que o imperador approvou a deliberação do principe de se retirar para a retaguarda do Mondego, e de ahi aguardar o momento favoravel para combinar um novo ataque. A linha das operações dirigia as suas miras para a cidade de Coimbra; e o grosso do exercito encaminhou-se a esta cidade por Leiria, Pombal, Redinha, e Condeixa. O mando da retaguarda foi confiado ao duque d'Elchingen, que deu no dia 12 o combate da Redinha. A este tempo avançarão os francezes até ao termo de Coimbra, na margem esquerda do Mondego, e acharão a ponte cortada, e guarnecida por grossa artilharia. Foi este ponto vigorosamente defendido pelo coronel Trant, e posto que alguns cavallos se atrevessem a passar o Mondego, tornou-se em breve necessario ao exercito o retirar-se, sacrificando bagagens, e abandonando prisioneiros.

No dia 15 chegarão todos os corpos proximo a Ceira; e no dia 21 achava-se o exercito em Celorico. Foi ali que se suscitou uma fatal divergencia sobre a marcha que as tropas devião definitivamente seguir, entre dois homens eminentes em quem as nossas tropas tinhão os olhos cravados, e a quem fazião iguaes honras, ainda que seus pode-

(1) E' datado do Rio de janeiro a 19 de fevereiro de 1810.

res não fossem os mesmos. O principe de Essling tirou ao marechal Ney o commando do sexto corpo d'exercito, retirando-se o exercito no cabo de oito mezes de marchas e fadigas, para a parte inferior do Coa. Depois do combate do Sabugal, acontecido no dia 3 d'abril, entrou todo o exercito em Hespanha, alojando-se nos suburbios de Salamanca.

Alguns escriptores da Peninsula, e entre outros M. Monteiro, considerão uma quarta invasão em Portugal a entrada na Beira de uma divisão pertencente ao corpo d'exercito do marechal Marmont, no dia 12 de abril de 1812. Guarda, Celorico, e Setubal cairão successivamente em poder deste general, que depois abandonou os mesmos pontos. Confunde-se esta expedição com a precedente; e foi, além disso de pouca duração, effectuando-se em poucos dias, por que a 23 tinhão as nossas tropas repassado o Tamega na direcção de Tormes. O historiador, que acabamos de citar, faz subir a mais de 100,000 o numero dos portuguezes que succumbirão nesta guerra desastrosa. Desde o dia 25 de julho de 1813 até 2 d'agosto do mesmo anno houve uma série de combates entre o exercito angloluso commandado por lord Wellington, e as tropas francezas, capitaneadas pelo marechal Soult. Zuberi, Roncesvalles, Valle de Sans, e Liazzoz, são os principaes pontos em que se travou esta lucta horrivel. O marechal cercou por duas vezes o seu rival em São Sebastião e Pamplona, mas este conseguiu mallograr-lhe os planos, habilmente concebidos, obrigando o exercito francez a ir-se defender nos Pyrineos. Tão admiravel parte da campanha dá assumpto para longos e sérios trabalhos e escriptos; não podendo os nossos contrarios negar a habilidade das providencias estrategicas do general francez em tão difficil periodo. As jornadas de Lesaca (13 d'agosto de 1813) assalto de São Sebastião, e batalha na passagem do Bidassoa, e a pelejada junto ao eremiterio de Sarre tornarão notaveis os dias 31 d'agosto, e 7 e 8 de outubro. A partir do dia

31 do mesmo mez, e depois da rendição de Pamplona, que capitulou por falta de mantimentos, tomarão os negocios caracter mais decisivo; e em seguimento ao dia 10 de novembro em que perdemos 51 peças d'artilharia 1,400 prisioneiros, vêem as acções de Nive, Villa Franca, e Adour. No dia 14 de fevereiro atravessou o general Hill o Gave, em Oleron. Bayona foi logo assediada, e depois da batalha de Orthez dada a 27 de fevereiro de 1814 entrarão duas divisões do exercito inglez em Bordeos, commandadas por lord Beresford. Quem não tem noticia da batalha de Toulouse, e dos prodigios que as nossas tropas nella obrarão? (1)

Nesta jornada, cujas consequencias a ninguem são desconhecidas, compunha-se de 20,000 homens o corpo do exercito portuguez. A respeito desta batalha vem a pêlo citar as seguintes palavras de um de nossos historiadores. — « No grande livro dos factos militares das mais bellicosas nações encontrão-se derrotas muito gloriosas. —

A noticia dos grandes acontecimentos da Europa chegarão ao Brasil com o tractado de paz geral, assignado a 30 de maio de 1814. D. João VI enviou dois plenipotenciarios a Vienna, escolhendo para o representarem o conde de Palmella, o conselheiro Antonio de Saldanha da Gama, e D. Joaquim Lobo da Silveira. Estes diplomaticos advogarão ali a entrega d'Olivença, e a grande questão da escravatura. A pesar das reclamações do conde de Palmella, e do ministro hespanhol approvou-se a abolição do tractado; e no dia 20 de janeiro concordou Portugal em pôr termo ao trafico de escravos ao norte da linha. Em 1815 assentarão as potencias alliadas em empregarem os seus bons officios para que fosse restituida a Portugal a villa d'Olivença; porem D. Pedro Labrador, ministro de Fer-

(1) A batalha de Toulouse foi no dia 10 de abril de 1814. Os exercitos combinados perderão ahi 4,659 homens: os inglezes 2,124: os hespanhoes 1,928: os portuguezes 607.

nando VII, se oppoz com todas as forças a similhante concessão Tambem cumpre lembrar que neste mesmo congresso não foi Portugal comprehendido na indemnisação de 700 milhões, que a França pagou ás potencias alliadas.

No dia 16 de dezembro de 1815, anniversario do nascimento da rainha mãe promulgou-se no Rio de Janeiro um decreto elevando o Brasil á cathegoria de reino. Lord Beresford foi logo depois nomeado marechal general, e commandante do exercito, independentemente da regencia de Lisboa. No dia 20 de março de 1816, fallecendo a rainha D. Maria I tomou o regente logo o titulo de rei. No anno seguinte a 5 de novembro de 1817 recebeu-se o principe D. Pedro com a archiduqueza Leopoldina, com quem já se havia esposado por procuração no dia 13 de maio. Em 1818 foi acclamado no Rio de Janeiro elrei D. João VI, com a solemnidade usada desde a exaltação da casa de Bragança. No anno seguinte houve tambem na capital do Brasil a solemnidade do baptismo da princesa D. Maria (hoje S. M. a Rainha de Portugal) filha do principe D. Pedro, o que teve logar em 3 de maio de 1819, dando-se-lhe o titulo de princesa da Beira.

Não fallaremos dos acontecimentos politicos que precederão a definitiva separação de Portugal e do Brasil. Fizemos este summario, ao escrever-mos n'um volume especial as revoluções do novo mundo nos ultimos annos do reinado de D. João VI. — Quando o Brasil preparava todos os elementos da sua independencia, rebentou na cidade do Porto, no dia 20 d'agosto, uma revolução que proclamou os novos principios constitucionaes. No dia 9 de setembro do mesmo anno convocou o governo então nomeado as cortes extraordinarias. No cabo de mais de um seculo de silencio, achou a antiga representação nacional um generoso defensor na pessoa de Manoel Fernandes Thomaz. Este energico magistrado não temeu desenhar a seus compatricios o quadro terrivel, mas simples dos males causados pela incuria; recommendou ao povo que se regenerasse por

Vieyhall Lith. Lith. R. A. dos Martyres N.º 14 L.º

D. João 6.º

meio do trabalho, dando-lhe as maiores esperanças, fundado nos antigos feitos desta nação. (1)

No dia 26 de janeiro de 1821 constituiu-se o congresso nacional em Lisboa; procedendo logo á nomeação da regencia que devia governar na ausencia d'elrei. No dia 21 de julho de 1821 desembarcou D. João VI em Lisboa. Depois do dia 13 de maio de 1822, e debaixo da impressão que devia causar a independencia do Brasil, jurou elle uma nova constituição, logo depois annulada (2). — D. João VI diz uma testemunha occular voltou a Lisboa, donde tinha saido, de volta de Villa-Franca. Dissolverão-se as cortes tendo esta revolução militar por cabeça a D. Miguel. (3)

(1) A historia moderna deve reputar um dos mais authenticos e mais significativos documentos o — Relatorio sobre o estado e administração do reino durante o tempo da junta provisional do governo supremo. — Foi lido nas sessões das cortes extraordinarias de 3 e 5 de fevereiro de 1821. Fernandes Thomaz nascera em 1771 na villa da Figueira da Foz do Mondego, e falleceu a 19 de novembro de 1822, pobre, e nobre nos seus derradeiros momentos como D. João de Castro.

(2) No dia 5 de junho de 1823.

(3) Ha varias obras portuguezas algumas das quaes apenas são conhecidas em França pelo titulo, que podem servir de guia a quem quizer seriamente tratar desta parte da historia moderna. Aqui as citaremos para complemento do nosso trabalho: — Historia de Portugal, desde o reinado da senhora D. Maria I até á convenção d'Evora-Monte, com um resumo dos acontecimentos mais notaveis que tem tido logar desde então até nossos dias por J. M. de Sousa Monteiro. Lisboa 1838, 2 volumes em 12.° — Revista Historica de Portugal desde a morte de D. João VI até o fallecimento do imperador D. Pedro. Coimbra. 1840, 1 volume em 8.° — Tractado elementar de Geographia, por D. José de Ureullu. Porto, 1839: — contém mui exacta descripção do cêrco do Porto. — Memorias com o titulo de annaes para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel, por José Liberato Freire de Carvalho. Lisboa 1831 — 1843, 4 volumes em 8.° — E' sem a menor duvida a obra de maior polpa que se publicou neste periodo, antes da qual deve ler-se outra obra do mesmo auctor intitulada: — Ensaio politico sobre as

Muitas pennas eloquentes tem escripto as differentes revoluções, e as funestas paixões que fizerão apparecer esta funesta personagem no horisonte politico. Assim como nos não sobrou espaço para registar os actos sanguinolentos que assolão Portugal, do mesmo modo não temos nós para con-

causas que prepararão a usurpação do infante D. Miguel, em 8.° — a segunda edição é de 1842. — Retratos e biographias das personagens illustres de Portugal. Lisboa 1842, em folio. — Encontra-se ahi a biographia de Fernandes Thomaz, denominado nos ultimos tempos o patriarcha da liberdade portugueza, escripta por Francisco Freire de Carvalho, illustre editor de Camões. — Raimundo José da Cunha Matos: — Memoria da Campanha do sr. D. Pedro. Rio etc. 1833. — é um livro cheio de factos

Entre as obras escriptas em francez, publicadas nos ultimos tempos, póde consultar-se a Historia de Portugal de M Chaumeil de Stella, e Augusto de Santeul. Paris, 1839, 2 volumes em 8.° — Tambem servião de grande auxilio alguns documentos officiaes relativos ao anno de 1830 Citaremos especialmente um opusculo precioso pela sua concissão, intitulado: — De la Question portuguaisse por M. Hyde Neuville (conde da Bemposta) Paris, 1830, em 8.° de 87 paginas. — A carta de M. Walton a sir James Mackintosh, comprehende tambem grande numero de documentos authenticos; porem a similhante respeito estão em primeiro logar os: — Eclaircissements historiques relatifs aux affaires de Portugal. par le Marqeis de Resende, Paris, 1832, 1 volume em 8.° — O livro do coronel Hodges, será de grande conveniencia para quem quizer escrever uma parte de tão curiosa historia, é elle intitulado: — Narrative of the expedition of Portugal in 1832, under the orders of His Imperial Magesty D. Pedro, duke of Bragança, Londres, 1833, 2 volumes em 8.° — No anno de 1837 appareceu no Rio de Janeiro a traducção do livro bem conhecido de John Armitage, á cerca da — Historia do Brasil, desde a chegada da familia real de Bragança até á abdicação do imperador D. Pedro, 1 volume em 8.°, fig. — Journal d'un officier français au service de D Miguel, Paris, 1834, brochura em 8.° de 138 pag. — Este opusculo escripto com gravidade contém muitos documentos authenticos. — As brochuras publicadas por Lopes Rocha, William Joung, Lavel Badcok (1835) Owen. que intitulou o seu opusculo: Civil War en Portugal, ande the siege of Oporto — e contém trechos mais ou menos curiosos. Vejão-se igualmente os notaveis artigos de MM. Lasteyrie, e Xavier Durrieu — Revue des Deux Mondes. —

tar o procedimento iniquo que teve neste paiz em similhante periodo, o ex-infante D. Miguel. A rainha D. Carlota Joaquina, esposa de D. João VI desterrada por se haver obstinadamente recusado a obedecer ás novas leis, formou um partido que foi engrossando e que devia dentro em pouco lançar este paiz nos horrores da guerra civil.

D. João VI assustado com caracter ameaçador que as cousas ião tomando, nomeou por decreto de 18 de junho de 1823 uma junta que indicasse o melhor meio de se constituir a nação; porem nesse meio tempo occorrerão os successos do mez de maio dirigidos sob a perseverante influencia do ex-infante D. Miguel. Reinou o terror em Lisboa, e começando um sem numero de prisões. Homens eminentes, como o conde de Villa-Flor e o marquez de Palmella forão por essa occasião arrojados ás masmorras. D. João VI vendo que não podia pôr termo a tão deploravel situação, e temendo além disso, a realisação de novos attentados refugiou-se a bordo da náu Windsor-Castle. Nestas circunstancias o nosso embaixador, M. Hyde de Neuville, poz por obra o plano mais prudente, e a acção mais energica. A facção miguelista viu os seus planos destruidos, e no dia 13 de maio de 1824, recebeu D. Miguel ordem para sair do Tejo, e ir viajar. No dia 5 de junho seguinte depois de mui sério exame do parecer da junta declarou D. João VI que a constituição de Lamego era a que convinha á nação, e nessa conformidade convocou cortes. Um dos factos mais notaveis desta epocha é o reconhecimento do Brasil, em novembro de 1825. Com justos motivos não pôde elrei, nestas circumstancias, sujeitar o acto que acabava de decretar á assembléa das cortes. No dia 25 d'agosto do mesmo anno estavão concertadas as indemnisações que o Brasil devia pagar a Portugal, A historia conta no periodo que se segue um dos seus maiores acontecimentos.

D. João VI atormentado por golpes tão seguidos, foi gradualmente perdendo a saude, até que no dia 10 de

março de 1826 falleceu. Não queremos ser orgãos das differentes opiniões que então houve á cerca deste evento. Imitaremos um escriptor portuguez que não póde ser taxado de reservado nas suas opiniões. Diz elle — « o historiador só deve referir taes boatos quando provas irrefragaveis lhe tiverem dado o cunho da verdade. » — O que se sabe de positivo é que desde o dia 6 de março de 1826 havia D. João VI nomeado a regencia que devia governar o reino até que o legitimo successor da coroa manifestasse a sua vontade.

Em conformidade com a carta constitucional foi declarada regente a infanta D. Isabel Maria, nomeando-se então novo ministerio, á frente do qual se achava o general Saldanha, bem conhecido pelos seus principios liberaes, e neto do marquez de Pombal. A historia das agitações deste periodo fórma já um grosso volume, para o qual ministra curiosos episodios a rebellião do Alemtejo e Traz-os-montes. Limitamo-nos a apontar aqui os factos em resumo.

Logo que D. Pedro teve noticia no Rio de Janeiro do fallecimento de seu pae, abdicou a coroa em sua filha mais velha, a senhora D. Maria II, e deu ao reino a carta constitucional. Se dermos credito a um historiador de cuja boa fé não podemos duvidar, D. Pedro ignorava completamente o estado dos partidos em Portugal, expedindo por isso o decreto de 3 de julho de 1827 que conferia a regencia a seu irmão. E' certo que antes de publicar esta resolução tinha elle positivamente chamado o infante ao Rio de Janeiro; porem D. Miguel prevenido a tempo não quiz embarcar no navio que para esse fim o esperava no porto de Brest.

« — O anno de 1826 veiu abrir a Portugal uma epocha de acontecimentos e successos calamitosos (1), que tem

(1) Revista Historica de Portugal desde a morte de D.

Macphail lith. Lith. R. N.da dos M.tes N.º 14 Lx.a.

D. Pedro 4.º

Sa Lith. Off. R.N. das Mcs. Nº 12.

D. Izabel Maria.

desolado esta pequena nação a par dos impulsos que abalão no presente seculo os continentes Europeo e Americano. As reformas religiosas dominarão no seculo XVI: hoje a tendencia dos espiritos dirige-se ao estabelecimento dos governos representativos, e ao progresso de novas fórmas destruidoras de antigos costumes e usanças, que a força dos destinos que domina este globo não permitte que permaneção sempre as mesmas no decurso dos seculos.

« — Reinava D. João VI em Portugal, o o seu governo já fôra fertil de convulsões politicas, quando pelos principios de março daquelle anno achando-se na quinta da praia de Belem tomou de tarde uma pequena refeição, e voltando ao palacio da Bemposta foi atacado subitamente de vomitos e desmaios, que em pouco annunciarão symptomas terriveis e assustadores. Contavão-se 4 do mez, e os boletins dos dias 5 e 6 publicarão o augmento da molestia; mas os de 7 e 9 fallarão de melhoras, até que progredindo a crise succumbio no dia 10 proximo ás 5 horas da tarde, segundo affimão os papeis officiaes do governo.

Por este tempo um decreto foi publicado com data de 6 de março em que o monarcha encarregava provisoriamente a regencia do reino aos conselheiros Cardeal Patriarcha, duque de Cadaval, marquez de Vallada, conde dos arcos, e o secretario d'estado da respectiva repartição com voto nas materias da sua competencia, sendo este concelho presidido pela infanta D. Izabel Maria, que ficava com a prerogativa da decisão no caso de empate. O mesmo decreto continuava deste modo: « E esta minha imperial e real determinação regulará tambem para o caso em que Deos seja servido chamar-me á sua santa gloria, em quanto o legitimo herdeiro e successor desta coroa não der as suas providencias a este respeito. » Ainda que pela car-

João VI até o fallecimento do imperador D. Pedro. — 2.ª edição mais correcta e accrescentada. Porto. 1846.

(O traductor.)

ta patente de 13 de maio de 1825, e a carta de lei de 15 de novembro do mesmo anno, D. João VI tivesse formalmente reconhecido a seu filho D. Pedro d'Alcantara como — Principe Real de Portugal e Algarves — foi na verdade uma incuria, por não dizer erro indesculpavel, nos redactores daquelle decreto o não repetirem no proprio logar esta substancial clausula; e supposto que um tal esquecimento em nada prejudicava as primeiras determinações, e os direitos daquelle principe, comtudo alguem ficou persuadido que persidirão a este acto tenções sinistras contra D. Pedro; mas nós adoptamos o parecer daquelles que affirmão que isto sómente servira de pretexto aos contrarios para ultimamente tergiversarem em disputas ridiculas, occultando sempre as anteriores declarações solemnemente estabelecidas.

« — Como quer que seja, o cadaver foi depositado em S. Vicente de Fóre, jazigo da casa de Bragança, e logo os boatos circularão que D. João VI tinha sido envenenado, dando corpo a estas suspeitas o parecer de alguns medicos que o tinhão tratado, e a morte repentina do cirurgião Aguiar intimo privado do rei, que segundo o temerario juizo dos partidistas do tempo se suicidára, uns dizião pelos remorsos do crime, outros pela desesperação de ter perdido o seu bemfeitor, e não poucos o suspeitarão assassinado por outros complices para maior firmeza do fatal segredo.

« — A este tempo achavão-se as opiniões politicas dos portuguezes classificadas em trez secções principaes: a primeira, composta daquelles que por convicção ou interesse tinhão seguido as opiniões exaltadas da revolução de 1820, era a mais fraca, e achava-se postergada desde 1823: a segunda contava um pequeno numero de homens addidos ao systema da monarchia absoluta ou representativa no sentido em que D. João VI a tinha promettido na proclamação de 31 de maio em Villa Franca de Xira: a terceira era a mais poderosa em numero, e tambem a mais

temivel e sanguinaria; compunha-se de cabeças audaciosas, mas pela maior parte ignorantes como o resto da plebe nas provincias do reino, onde se estende o summo imperio do clero hypocrita e a prepotencia de muitos poderosos, todos interessados na manutenção dos seus privilegios absurdos e lucrativos. Como esta ultima facção não tivesse podido empolgar toda a gerencia de Portugal pela queda da constituição de 1820, e o conselho de D. João VI continuava a ser dominado por aquelle segundo partido dos moderados, o unico em taes circunstancias idoneo, exaltou-se a sua cruel sanha e romperão nos excessos tremendos, assassinando o marquez de Loulé grande privado do rei, e por fim nos attentados de 30 de abril de 1824 hoje bem conhecidos e provados, e que só poderão ser desmentidos pela ignorancia ou cegueira das paixões interessadas. O infante D. Miguel que capitaneava este bando, instigado por sua mãe, foi banido de Portugal e alguns poucos dos seus cumplices; e daqui o excessivo odio figadal que este partido denominado agora miguelista votou aos moderados em igual plana dos constitucionaes. Em consequencia de taes acontecimentos o rigor do governo de D. João VI dirigiu-se aos dois extremos; mas como pela morte do chefe ficava destituido do seu principal apôio, força era adherir a qualquer dos outros, ou ganhar um meio de segurança evitando os excessos democraticos dos constitucionaes, e o despotismo absurdo e perseguidor dos miguelistas.

Neste estado de cousas os olhos de todos voltarão-se para D. Pedro: cada qual meditava nos procedimentos anteriores deste principe procurando achar motivos com que prognosticar as suas futuras decisões sobre Portugal. Os constitucionaes mais avisados reputavão-no inimigo, lembrando-se da opposição que elle tinha feito á erronea politica das côrtes de 1820; ainda não se lhes riscavão da memoria aquellas palavras que o principe escrevêra a seu pai fallando dos brazileiros em carta de 19 de junho de

1822: « Digne-se a providencia dar-lhes uma sorte livre, e preserval os da escravatura dos vossos lusitano-hespanhoes, infames despotas, constitucionaes *in nomine*, que formão as vossas côrtes facciosas, horriveis e pestiferas. » Tambem não esquecião aquelles ditos da carta de 26 de julho do mesmo anno: « D'aqui em diante eu não devo fazer executar outros decretos se não os da representação brasileira. As côrtes de Lisboa não são nada mim. »

Estas recordações satisfazião os miguelistas, que nunca se persuadirão que havião de ser illudidos em seus projectos, ao mesmo tempo que não era occulto aos moderados as tenções de D. Pedro que facilmente se podião conjecturar de uma sua carta escripta em 18 de julho de 1824, a fim de persuadir a D. João VI o reconhecimento da independencia do Brazil. Os topicos mais essenciaes dizião: « O dever de filho e o amor que como homem consagro a vossa magestade me instão a que, pondo de parte a coroa que sobre a minha cabeça foi collocada pela generosa nação brasileira, vá por este modo fazer constar a vossa magestade o desgosto que tive quando sube dos desatinos do mano Miguel, e o quanto lhe desapprovo o seu proceder; e se é verdade, segundo se diz, que elle fôra traidor a vossa magestade já de hoje em diante deixa de ser mais meu irmão, pois um bom filho jámais póde amar traidores. » — « Eu, meu pai, entrei para maçon; sei que os fidalgos em 1806 convidarão os mações e que elles não quizerão entrar (para derribarem a vossa magestade do throno.) e por isso o desgraçado Gomes Freire foi enforcado por ser constitucional, querendo elle que vossa magestade continuasse a ser rei. Não houve quem dissesse a vossa magestade, que era precisa uma constituição, (eu então era pequeno.) Em vingança a Gomes rebentou a revolução do Porto em 24 de agosto de 1820, e pela mesma razão os mações que estavão nas cortes tanto baterão os fidalgos, e elles aguentarão calados, até que pilhando-os agora debaixo atribuem tudo o que fazem a pedreiros livres, por que

sabem com que horror os portuguezes olhão para uma tão philantropica instituição. Tomando vossa magestade os meus sinceros e cordeaes conselhos, adquire gloria pela generosidade, que não recáe em prejuizo de terceiro, ganha ao seu partido aquella parte da nação portugueza que se acha descontente, suffoca com ella os rebeldes, e se der uma constituição ao seu reino, governal-o-ha para sempre, pois todos os sens subditos ficarão como desejão.»

«— Nesta variedade de persuasões divagavão todas as esperanças dos portuguezes quando a regencia, composta de moderados e de alguns miguelistas, dicidio-se a reconhecer formalmente a D. Pedro como rei de Portugal. O duque de Cadaval, segundo affirma um apologista desta personagem, logo depois da morte do rei atreveu-se a propôr a dois companheiros da sua facção a convocação dos Tres Estados, e anticipar por este modo os acontecimentos que tiverão logar em 1828; mas tal era a força da opinião em favor da legitimidade de D. Pedro que estes sugeitos rejeitárão a proposta. Era a opinião corrente entre os absolutistas, que se tinha reconhecido D. Pedro por uma simples homenagem com o intuito de manter a tranquillidade em Portugal, e conservar com o Brasil a paz que se acabava de restabelecer; que não se podia saber a quem elle cederia a corôa de Portugal; e para que era recear de um procedimento sem consequencia, e arriscar a tranquillidade e interesses futuros do paiz?.... brevemente chegarião as noticias do Brazil, e então seria o tempo de uma declaração formal, se por ventura não fossem concordantes aos seus interesses. Além disto certificava-se que D. Pedro não podia conservar a soberania que lhe offerecião, e que apenas a recebesse logo a abdicaria; sendo certa e averiguada a terna amizade que o prendia a seu irmão. Alguns repetião as palavras de D. Pedro na carta a seu pai com data de 19 de junho de 1822: «Eu supplico a vossa magestade deixar vir ao Brazil meu irmão D. Miguel, de qualquer modo que isto se possa fazer, porque

elle é aqui muito estimado. Os brasileiros o desejão junto de mim para me ajudar a servir a sua patria, e quando for tempo casar com a minha presadissima filha Maria da Gloria. »

« — No meio destas tenções lisongeiras e de certa hypocrisia, que sempre fôra o caracteristico dominante dos partidos mentirosos, não se esquecerão de imputar aos constitucionaes o regicidio, e affirmavão que pouco tempo antes da morte de D. João VI um certo cozinheiro chamado Caetano fôra convidado com grandes promessas para envenenar o rei; mas que recusando-se a um crime tão nefando, elle mesmo morrêra brevemente envenenado, sendo o cadaver enterrado no mesmo instante por ordem do intendente da Policia para escapar á autopsia: que a morte do monarcha não procedera de indigestão, mas de um veneno corrosivo que os cirurgiões peritos encontrárão quando abrirão o corpo. Accrescentavão tambem que o medico barão de Alvayasere se atrevêra a fallar do veneno, e por isso uma repentina morte fôra o castigo da sua indiscripção; que o cirurgião valído do principe a quem ministrara a fatal bebida fôra empregado depois na diplomacia, porém os remorsos atalhárão a sua carreira com o suicidio; que os seus complices todos iniciados nas sociedades secretas tinhão sido mais felizes, e recompensados com titulos e dinheiros; finalmente mostrárão-se cartas veridicas ou apocrifas de algumas provincias do reino, e mesmo do Brazil, que fallavão da morte de D. João VI como já acontecida antes de elle cair doente.

« — Os constitucionaes não ignoravão estas imputações pela maior parte futeis, e redarguindo a seu turno ponderavão que todos os conselheiros, ministros, e validos do rei naquelle tempo, erão homens bem conhecidos pelas suas opiniões politicas; uns addidos a D. Miguel, e outros absolutistas ou cartistas de Villa Franca, amigos e dependentes do monarcha; que estes punhão todo o cuidado na conservação da pessoa do principe onde baseavão os seus

interesses pessoaes, e mantinhão o equilibrio dos adversarios dos dois extremos: que os partidistas da constituição de 1820 perseguidos, emigrados, exhaustos de meios, e inteiramente expulsos do paço, erão estranhos ás suas intrigas, e deste modo concluião que só nos miguelistas recaião as bem fundadas suspeitas do regicidio pelos patentes acontecimentos de 30 de abril, em que esta facção tentou derrubar o monarcha. E' certo que estas objecções fizerão impressão nos homens cordatos e imparciaes, e no seu juizo ficou valendo a opinião de que pelo menos os constitucionaes não havião concorrido ao attentado ficto ou verdadeiro, que com tanto empenho se promulgava. Accescião a corroborar esta opinião as provas pouco seguras das cartas adduzidas, que se podião voltar por identidade de razões contra os oppugnadores, como aquelles incriveis boatos de tantos suicidios, venenos, e assassinatos. Como quer que seja, a morte de D. João VI é um daquelles factos historicos, que ficárão com muitos outros talvez para sempre sepultados no meio das trevas, em que se envolvem os homens pervertidos nestes seculos de immoralidade.

« — Entretanto a regencia do reino, já decidida pela legitimidade de D. Pedro, expedia decretos e providencias para o regimen interno, e ao mesmo tempo que o barão de Rendufe era exonerado do cargo de intendente geral da policia, restituião-se aos seus antigos empregos o barão de Sande, o prior mór da ordem de Christo, e o desembargador José Accursio das Neves. O primeiro era aborrecido dos partidos extremos, mas estes ultimos havião-se manifestado exaltadissimos sectarios de D. Miguel. Os diplomaticos estrangeiros residentes em Lisboa entregavão as suas credenciaes em que erão acreditados pelos respectivos soberanos junto ao governo de Lisboa: mas o embaixador inglez A'court cumprimentando a infanta no dia 4 de abril offereceu-lhe todo o apoio e segurança da parte de sua magestade Britanica, e dava como prova da sua palavra a permanencia da esquadra surta no Tejo — para pres-

tar, (dizia elle) a este governo o mesmo serviço que prestara a sua magestade. —

« — Nenhuma outra cousa se fez digna de menção por este tempo do que a publícação do primeiro documento da hypocrisia de D. Miguel, então residente em Vienna d'Austria: os incautos deslumbrárão-se, mas os conhecedores não se illudirão. Era datado de 6 de abril, e dizia: « Declaro mui positivamente que ninguem mais do que eu respeita a ultima e soberana vontade do nosso augusto e saudoso pai e senhor, e bem assim que sempre encontrará a minha mais decidida desapprovação e desagrado tudo quanto não seja integralmente conforme ás disposições do decreto de 6 de março do corrente anno, pelo qual sua magestade imperial e real, que Deos haja em sua santa gloria, tão sabiamente foi servido prover á administração publica, creando uma junta de governo para reger esses reinos, até que o legitimo herdeiro e successor delles — que é o nosso muito amado irmão e senhor o imperador do Brazil — haja de dar aquellas providencias, que em sua alta mente julgar acertadas. »

« — Em consequencia do que se passava assentou a regencia de enviar ao imperador do Brazil uma deputação, que lhe rendesse vassalagem como soberano de Portugal, e a quem pedisse ulteriores determinações: para isto forão nomeados o duque de Lafões irmão do duque de Cadaval, o arcebispo de Lacedemonia, e Francisco Eleutherio de Faria e Mello, sugeitos extremamente addidos ao partido de D. Miguel, e escolhidos pela maioria desse mesmo espirito que dominava o governo de Lisboa. O duque de Lafões recebeu instrucções mui graves, que talvez diziam respeito aos suppositicios direitos de D. Miguel a fim de que D. Pedro a seu pezar, e pelas chamadas razões d'estado, lhe transferisse plenamente a soberania de Portugal. Os conselheiros e ministros d'estado fizerão os apontamentos, que julgavão proveitosos aos negocios do reino, para em todo o caso serem apresentados a um principe que não po-

dia conhecer Portugal. Partio o duque a 26 de abril a bordo da náo D. João VI, e chegou ao Rio de Janeiro em 6 de julho. Veio logo no conhecimento de que o mais importante da sua missão já não tinha cabimento, por quanto D. Pedro, a quem tinha chegado a noticia muito antecipada dos acontecimentos de Portugal, abdicára logo na princeza do Grão Pará, enviando aos portuguezes uma carta constitucional. Aqui ficou estupefacta a deputação, e por esta vez illudidas as tenções maliciosas dos emissarios miguelistas.

« — Entretanto por algum modo transpirarão na corte do Rio de Janeiro os projectos sinistros desta missão, e foi só com difficuldade que se lhe concedeu audiencia no dia 23 de julho no Paço da Cidade, estando presentes o imperador, a imperatriz, e a rainha de Portugal. Nestas circunstancias a deputação vio-se obrigada a fallar a lingoagem da mentira, como é costume, e o dubue de Lafões pronunciou o conhecido discurso em que se dizia a D. Pedro felizmente chamado pela ordem da successão a occupar o throno dos seus gloriosos antepassados, e como não podia ir pessoalmente governar, alcançavão os portuguezes um grande bem, mandando-lhes para rainha a primogenita de suas filhas a senhora D. Maria II. Evitou-se comtudo fallar na carta constitucional, a que o orador e companheiros tinhão uma repugnancia invencivel; e logo d'aqui se partirão (como diz o poeta) irados e quasi insanos a demandar na patria a vingança da magoa, e deshonra alli passadas.

« — Naquelle mesmo dia em que o duque de Lafões largava o porto de Lisboa soube D. Pedro no Brazil do falecimento de seu pai D. João VI. Se damos credito a um apologista do imperador, este principe convocou immediatamente um conselho d'estado, e ponderando as tenções que havia formado sobre os destinos de Portugal, os conselheiros votárão unanimemente que a despeito dos seus juramentos reunisse as duas coroas, não désse a constituição

e se limitasse tão sómente a conceder uma amnistia aos subditos da Europa. Esta politica era injuriosa e erronea: injuriosa, porque aconselhava ao principe o perjurio á constituição do Brazil; e erronea, porque não conciliava, ou antes desagradava á maioria dos partidos que dividiam a nação portugueza.

« — Neste caso nem os constitucionaes adherião de vontade ao governo de um principe com quem não tinhão sympathias pelas recordações antigas, nem os miguelistas se sujeitavão ao absolutismo de uma coroa que elles só desejavão ver collocada na cabeça daquelle que costumavão denominar o seu — anjo tutelar — para de todo arruinarem os seus adversarios, e dominarem estrictamente como despotas. Os moderados amigos de D. Pedro, poucos em numero, destituidos do apoio de uns, e combatidos das forças dos outros, caírião irremissivelmente para nunca mais se levantarem; e adeos pertenções e direitos á coroa de Portugal. Portanto, ou fosse conselho de algum politico consummado, ou movimento proprio de um animo generoso, D. Pedro decidio-se a promulgar os actos legislativos expondo-se ao embate das paixões de amor e odio, que começárão a cercal-o desde aquelle momento, e que o hão de tirar ao esquecimento da posteridade.

« — As providencias mais essenciaes de D. Pedro como rei de Portugal forão a publicação do decreto de 27 de abril, concedendo uma plena amnistia a todos os portuguezes proscriptos, presos, ou perseguidos por opiniões politicas de qualquer natureza que fossem. No dia 29 outorgou a bem conhecida carta constitucional de 1826, seguindo-se outros decretos, para a eleição dos deputados, reunião das cortes, nomeação de pares, e outras providencias. Por decreto de 2 de março abdicava a coroa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria sob condição de casar com seu tio o infante D. Miguel, e que não sairía do Brazil sem constar dos esponsaes, e do juramento da constituição. Sir Carlos Stuarte que por este tempo se achava no Rio de

Janeiro foi encarregado por D. Pedro de ser o portador da — Carta Constitucional — e dos diversos diplomas relativos á nova organisação do governo de Portugal. Partiu com effeito este diplomatico inglez, e em 57 dias de viagem entrou em Lisboa na fragata Diamond em o dia 7 de Julho. Não devemos occultar que a qualidade do portador deu materia aos adversarios das novas instituições para affirmarem uma decidida ingerencia da parte da Inglaterra no que se acabava de passar, e que o seu agente tinha aconselhado todas as deliberações de D. Pedro a este respeito. Um ministro Tory respondeu a estas imputações no parlamento inglez, e ainda que ninguem póde affirmar de boa fé aquillo que a politica costuma negociar com tanto segredo, ficamos persuadidos que se o gabinete de S. James influira para a dadiva da carta de 1826, não foi certamente para felicitar a nação portugueza, mas talvez para tirar partido das suas desgraças subsequentes, ou seja o que for sempre no interesse da Grã-Bretanha.

« — Apenas Stuart entrára no Tejo dirigio-se immediatamente para as Caldas da Rainha onde estava a infanta D. Izabel Maria, a quem entregou os diplomas que lhe forão confiados, e teve uma conferencia. Constou então ao certo dos despachos de que elle era portador, e circulárão logo em todo o reino estas noticias tão extraordinarias. Mais facil é conceber do que se póde explicar qual foi o pasmo, horror, e desesperação de todos os miguelistas a ouvir que D. Pedro tinha abdicado em favor de sua filha, e outorgava uma constituição! .... Os constitucionaes, que pela sua parte nunca aguardárão uma tal solução, vião-se como encantados; porém alguns homens conhecedores pronosticárão inquietações, e dias perigosos. O duque de Cadaval que tambem se achava nas Caldas com outros membros da regencia e ministros d'estado repetio o seu antigo parecer, que á vista de tão extraordinarias novidades se convocassem os tres estados do reino. Porém encontrou opposição naquelles mesmos que ha pouco havião promettido e concordado

no mesmo voto, e á força de instancia, e segundo alguns pertendem, por insinuações de Carlos Stuart, determinou-se a infanta D. Izabel Maria a tomar as redeas do governo, e a mandar sem demora jurar a carta constitucional pelos tribunaes e camaras do reino, tomando as disposições necessarias para a convocação das cortes.

« — Eis-aqui os pontos de reunião, e as tres opiniões que dominavão ha pouco em Portugal consolidadas em duas. Os constitucionaes de 1820, ou pelo interesse de sairem do abatimento em que se achavão, ou persuadidos que a carta de D. Pedro era uma escada para subírem a emprezas mais avultadas, unirão-se aos partidistas da monarchia moderada que então começava a dirigir a administração; mas os absolutistas ultras, sectarios de D. Miguel, excederão-se em odios mui desordenados, e pozerão em pratica todos os meios illicitos e vergonhosos para aniquilarem as cousas e pessoas dos contrarios. Debalde a proclamação da infanta de 12 de julho prevenia de que a carta era essencialmente differente daquella constituição, que abortára no seio de uma facção revolucionaria em 1822; e que este dom espontaneo do poder legitimo do rei procurava terminar a lucta dos principios extremos: não importa, a facção que em 1823 proclamára com tanto affinco o poder absoluto dos reis, e a obediencia passiva dos povos, decide-se agora a dar e tirar os thronos, calcando aos pés as leis de um poder que, segundo ella, dimanava immediatamente de Deos!....

Nada esqueceu aos absolutistas em descredito das novas instituições, e o primeiro pensamento foi apresentar ao fanatismo do vulgo, antes que se fizesse publica a carta constitucional, um extracto da mesma cheio de falsidades, em que se improvisarão artigos no sentido democratico e anti-religioso, com o fito de irritarem os animos dos ignorantes, e inculcar que esta carta era mais liberal e abominavel do que a constituição de 1822. O governo mandou logo obstar á circulação deste papel por ordem expedida

ao intendente da policia Arriaga. Os descontentes tiravão partido de tudo, e allegavão que os corpos do exercito tinhão deixado de tocar o hymno nacional dedicado a D. João VI, sendo substituido pelo de D. Pedro; mas alguem lhes respondeu que era por justo respeito e gratidão a este soberano. A gazeta de Lisboa insultava com uma audacia indizivel a nova ordem de cousas, sem que o seu redactor ou os censores fossem cohibidos e castigados por aquelle governo de quem erão o orgão: anomalia por certo bem estranha, e que só a podemos attribuir á incuria e estupidez dos ministros, ou ao predominio dos miguelistas ainda subsistentes nos conselhos da infanta.

« — Finalmente depois da publicação de varios decretos, proclamações, e programmas acompanhados de muitos obstaculos, foi jurada a carta constitucional em 31 de julho de 1826, e logo por decreto do 1.° d'agosto seguinte foi organisado um novo ministerio, composto de sugeitos conhecidos pelas suas opiniões moderadas. Francisco Manoel Trigoso teve a pasta dos negocios do reino, D. Francisco de Almeida Portugal a dos estrangeiros, o barão do Sobral Hermano a da fazenda, Ignacio da Costa Quintella a da marinha, Pedro de Mello Breyner a das justiças, e João Carlos de Saldanha a da guerra. Este ultimo, neto do celebre marquez de Pombal, e addido aos titulos da antiga jerarchia, não era suspeito aos privilegios da sua classe, e por isso a este tempo governando elle as armas do partido do Porto, os nobres e absolutistas desta cidade offerecêrão-lhe planos e projectos de insurreição contra a nova ordem de cousas; porem Saldanha consultando outros interesses e rodeado de immensos sujeitos constitucionaes, que o Porto sempre encerrára, instando-o e acariciando-o com as suas demazias, decidio-se pela causa de D. Pedro a ponto de que ficou dahi em diante reputado o campeão dos constitucionaes.

« — Quando Saldanha ministro da guerra chegou a Lisboa já se havia revolucionado em Bragança o regimen-

to n.° 24, prendendo os officiaes superiores, o bispo daquella cidade, e o governador da praça, per não terem querido annuir ao seu crime. Forão commandados na sua retirada para a Hespanha por um certo Luiz Vaz visconde de Montalegre, homem conhecido pela sua estupidez e voracidade. Tãobem havião desertado no mesmo sentido o regimento de cavallaria n.° 2 estacionado em Villa Viçosa, e o regimento de infanteria n.° 17, que se achava em Extremoz.

« — Estas vergonhosas conspirações suscitadas em grande parte pela familia dos Silveiras, e por aquelles officiaes que tinhão sido promovidos em consequencia dos seus serviços na queda da constituição de 1823, requerião medidas efficazes e preventivas no pessoal do exercito; e por isso Saldanha fez promulgar um decreto que abolia para sempre os corpos desertores, substituindo-lhes outros que deverião ser organisados com differentes numeros. Para estes regimentos fantasticos transferia os officiaes de conhecida suspeição, nomeando desde logo para os effectivos aquelles militares, que se achavão retirados e perseguidos pelas suas opiniões constitucionaes. A crise revolucionaria augmentava todos os dias, e o governo da infanta carecia de ministros vigorosos e decididos. Pedro de Mello Breyner residia embaixador na França, e como a sua chegada a Lisboa se poderia ainda demorar foi encarregado interinamente do ministerio das justiças José Antonio Guerreiro, homem de reconhecido caracter, e um dos melhores advogados de Portugal. Este magistrado habil soube dar um impulso aos negocios, e expedio providencias para reprimir a rebellião e desenvolver os espiritos na causa em que se achava empenhado.

« — Entretanto os miguelistas poderosos de recursos internos e externos não desanimavão da empreza, que tomárão tanto a peito; em a noite de 24 de agosto a guarda real da policia devia marchar ao campo pequeno, e esperar alli que se lhe reunisse outros individuos dos cor-

pos da capital para acclamarem D. Miguel rei absoluto; mas dado que em Lisboa não correspondessem a estes movimentos, marcharião sobre Villa Franca e por ultimo seguirião as pisadas dos corpos desertados para a Hespanha. O governo aventou esta conspiração muito a tempo, e Saldanha distinguio-se nesta occasião com acertadas providencias, fazendo desarmar os soldados revoltosos. A popularidade deste general crescia todos os dias, e assim não lhe faltárão os encomios das folhas periodicas e de todos os amigos da causa, que elle defendia com tanto affinco e resolução; mas em troco ganhou o odio dos adversarios que lhe votárão um profundo rancor, e jurárão aniquilal-o por todos os modos possiveis. Tinha-se revolucionado no Algarve o regimento n.° 14 com alguma artilharia, e o 4.° batalhão de caçadores: Saldanha sahe de Lisboa á frente de uma luzida brigada, e os rebeldes fogem para Ayamonte onde depozerão as armas. O general logo adoeceo gravemente, e a persuasão geral attribuio a sua molestia ao envenenamento.

« — Por todo este tempo o governo de Fernando VII, ou a denominada facção apostolica que o dominava imperiosamente, foi o mais temivel inimigo que tiverão as instituições de D. Pedro em Portugal. Joaquim Severino Gomes, embaixador portuguez na corte de Madrid, por vontade sua ou instigações particulares, tomou a resolução de não jurar a carta constitucional. Quando chegou esta noticia já o governo de Lisboa tinha motivos bem fundamentados para suppôr, que o fóco principal das intrigas na deserção da tropa existia em Hespanha. Houve se então com acerto, e o conde de Villa Real habil diplomatico foi enviado áquella corte para desfazer todos os pretextos, e desviar a guerra imminente. Nenhuma outra pessoa nestas circunstancias reunia as qualidades deste sugeito para uma negociação tão melindrosa, e de grande consequencia; pois além da sua reconhecida capacidade não era suspeito em

materia de opiniões democraticas, de que o governo hespanhol tanto tremia.

« — Chegou o conde a Madrid, e logo teve occasião de se esclarecer sobre as difficuldades que não tinha previsto. O governo de Fernando VII, que havia reconhecido a regencia de Lisboa creada por decreto de 6 de março, regendo em nome de D. Pedro IV como rei de Portugal, negava agora os direitos deste soberano depois que elle outorgara a carta constitucional. Quando Severino deu a sua demissão communicou logo a todos os ministros estrangeiros residentes em Hespanha os motivos desta sua resolução, fundamentando-a em que D. Pedro como estrangeiro não podia dar instituições a Portugal, nem mudar as leis fundamentaes do paiz, e outros absurdos desta cathegoria. Os ministros parecião capacitados destas razões futeis, ou talvez elles mesmos tivessem incitado a Joaquim Severino ao despresivel expediente da sua deliberação depois de já ter obedecido ás ordens, que lhe tinhão sido passadas em nome de D. Pedro IV; porque a politica destas personagens era evidentemente contraria ao estabelecimento das cortes em Portugal, como já os seus predecessores se tinhão opposto á convocação das mesmas, quando D. João VI foi restituido á plenitude absoluta dos seus direitos em 1823.

« — Nestas circunstancias a posição do governo portuguez era extremamente melindrosa: os povos erão illudidos, e esta illusão alimentada por toda a casta de intrigas, e profusão de dinheiros ministrados de dentro e fóra do reino. A Hespanha apenas se publicára em Portugal a carta de D. Pedro dirigio-se immediatamente ás potencias alliadas, prevenindo-as do perigo a que se achava exposta, desfigurando as cousas, e exagerando os receios. Todas convierão em proteger a Hespanha, e a Inglaterra nesta conjunctura limitou-se a declarar que Portugal não entenderia com a Hespanha, com tanto que a Hespanha não entendesse com Portugal. Os boatos corrião então como de certo que o infante resistiria ás ordens de seu irmão, e bre-

vemente viria á Hespanha pôr-se á testa de um partido para recuperar os seus direitos inauferiveis. Os partidos extremos desejavão a guerra, e cada um se persuadia que tinha a força na mão para nada temer da lucta; mas é certo que o partido apostolico levaria as melhores probabilidades a seu favor pela razão dos grandes recursos em que se apoiava, e ainda no caso que os exaltados portuguezes houvessem alguma victoria, esta seria momentanea; porque acharião nas fronteiras toda a Europa armada contra elles, e esse fiel alliado inglez afastado do *casus foederis*; pois não lhe relevava interferir em abono de um partido, que reputarião adverso aos seus interesses.

« — Vendo pois o conde de Villa Real que o governo hespanhol se esquivava a reconhecer a regencia da infanta, e que não erão attendidas as reclamações sobre a entrega das armas e cavallos roubados pelos desertores portuguezes, nem as authoridades limitrofes a Portugal tinhão sido castigadas por lhes terem dado acolhimento, e que o grande faccioso visconde de Canellas não era expulso do territorio da Hespanha, declarou a D. Manoel de Salmon ministro dos negocios estrangeiros que não partiria sem a satisfação daquellas justissimas reclamações, e um conhecimento da opinião dos alliados a respeito de Portugal. Em seguimento dirigio-se ao mesmo ministro e aos das potencias alliadas expondo-lhes, que se a Hespanha persistia em não reconhecer o governo de Portugal e recusava satisfazer com especialidade ás reclamações da entrega das armas, elle se retiraria immediatamente, e o governo de Lisboa aproveitaria todas as medidas que julgasse necessarias para a sua defeza e segurança; entretanto que os ministros attendessem ao interesse, e conservação da paz na Peninsula. Já erão chegadas communicações que não deixavão duvida de se haver reconhecido o governo da infanta pela França, Russia, e Prussia; mas nem assim Salmon se mostrava disposto a dar satisfação, apezar do prometimento da entrega das armas de alguns desertores hespanhoes, e ter-se publicado

na gazeta de Lisboa o decreto de Fernando VII contra estes, ao mesmo passo que na de Madrid não se promulgava o indulto a favor dos portuguezes, e antes se espalhavão noticias de proposito desfavoraveis para dissipar as impressões.

« — Em quanto os apostolicos fazião uso desta vil trapaça para illudirem o conde, e ganhar tempo, o visconde de Canellas remettia de Madrid o celebre juramento que foi prestado em Villa Nova de la Serena pelos transfugas portuguezes em 22 de setembro de 1826. Alli jurárão manter a legitimidade de D. Miguel como rei absoluto de Portugal, e sustentar, em quanto ausente, a regencia de sua mãi a imperatriz rainha; e accrescentavão que se o mesmo D. Miguel morresse sem successão, o throno passaria para a princeza da Beira D. Maria Thereza, e por morte desta para seu filho D. Sebastião!.... Não affirmaremos se por aqui entrárão astucias e antigas pertenções do gabinete de Madrid á soberania de Portugal; mas é certo que este famoso documento manifestou peremptoriamente as tenções e planos dos intitulados campeões da legitimidade estabelecendo a successão dos thronos, e dizendo-se deffensores das leis fundamentaes de Lamego ião entregar a soberania a principes estrangeiros!.... Documento, por certo, mal calculado e impolitico para seus authores, que tirou a mascara ao engano, e os desacreditou no espirito daquelles que ainda os olhavão de boa fé. O deposito de transfugas que se achava em Lugo teve por este tempo uma luzida funcção no convento das freiras dominicas daquella cidade, onde se cantou uma missa solemne dando-se na collecta o nome de D. Miguel como rei de Portugal. O celebre padre Alvito Buela, que prégou nessa occasião, não julgou a proposito que os transfugas prestassem o juramento pela fórmula enviada pelo visconde de Canellas, parecendo-lhe uma cousa estranha e impolitica a menção do infante D. Sebastião.

« — Em consequencia destes estranhos acontecimentos

o conde de Villa Real dirigio-se aos ministros alliados, e fez-lhes ver todos os planos dos revoltosos portuguezes de connivencia com as authoridades hespanholas, os perigos que daqui deverião resultar, e a responsabilidade que pezaria sobre as suas pessoas se acaso não providenciassem em factos de tanta transcendencia. Porem estes senhores desculpárão-se com respostas evasivas, e prometterão fazer o que nunca cumprirão: só o ministro de Inglaterra cooperou efficazmente nestas circumstancias a favor da causa portugueza. D. Manoel de Salmon começou a usar de uma linguagem mais fementida, participando ao conde que no dia 3 de outubro sua magestade catholica havia decidido mandar entregar os effeitos roubados pelos desertores portuguezes, e que o visconde de Canellas sairia de Madrid dentro de tres dias, e do reino em um mez. Esta communicação sustou as medidas que o governo portuguez poderia tomar naquella occasião, e descançando na fé das promessas apostolicas repellia as offertas que lhe fazião os descontentes hespanhoes, até mesmo de entregarem ás armas portuguezas algumas praças fortes de Hespanha. Suscitárão-se de proposito pretextos frivolos sobre a reciproca entrega das armas, e o ministro Salmon declarou que no dia 18 d'outubro se expedião as ordens aos capitães generaes da fronteira para a verificarem. O conde annunciou logo esta resolução á corte de Lisboa, e que o visconde de Canellas tinha saido para Valhadolid, onde seria vigiado pela policia demorando-se ali 20 dias até sair da Hespanha, como se havia determinado. O governo portuguez impaciente de questões, e para evitar delongas, annuio a tudo confiado na expedição das ordens pela parte de Hespanha, e mandou entregar as armas dos transfugas hespanhoes, fazendo isto publico pela gazeta de Lisboa.

Neste meio tempo os capitães generaes hespanhoes receberão ordens secretas para não cumprirem as ostensivas do ministerio, e responderão ás authoridades portuguezas commissionadas, que não podião entregar as armas por es-

perarem por *noticias e antecedentes.* O principal author influente no ministerio hespanhol que tramára esta perfida velhacaria foi D. Thadeo Calomardi, o mais pessimo inimigo que tiverão as instituições de D. Pedro em Portugal. O conde de Villa Real, apoiado efficazmente na protecção de mr. Lamb então ministro de Inglaterra em Madrid, instou fortemente ao doloso gabinete para que se dispersassem os desertores, e se mandasse sair immediatamente o visconde de Canellas; mas Salmon respondeu que se havião dado todas as providencias, ponderando ao mesmo tempo o desdouro que resultaria ao governo hespanhol se deixasse os transfugas apoderarem-se das armas, e invadirem Portugal. Porem nem a noticia da abertura das camaras portuguezas em 30 d'outubro, nem o juramento prestado pelo infante á carta, nem o reconhecimento do governo de Lisboa pelas grandes potencias da Europa, fizerão dissuadir o gabinete de Madrid dos seus danados projectos; e tanto persistio em fomentar a rebellião dos portuguezes descontentes, quanto estava certo das declarações de todas as potencias, que ligavão o governo de Portugal a não tomar medidas efficazes contra a Hespanha.

« — Entretanto que o conde se preparava para voltar a Portugal, o governo hespanhol recebeu a noticia official pelo seu embaixador em Vienna de se haverem alli celebrado os esponsaes do infante D. Miguel. Este acontecimento pareceu que devia pôr termo a todas as questões, e decidir a Hespanha ao reconhecimento do governo portuguez: mas não aconteceu assim: Salmon respondeu que isto tão sómente facilitava aquella decisão, e que era necessario mais algum tempo para uma boa deliberação. Foi por esta occasião que o conde de Villa Real dizendo a Joaquim Severino Gomes que o governo da infanta fôra reconhecido pelas potencias, este lhe respondeu: — Que se não fiasse em semelhantes declarações, porque bem sabia que se davão muitas vezes instrucções secretas. — O conde largou

Madrid confiado nas promessas, e na efficaz cooperação do ministro de Inglaterra.

« — Em quanto se procrastinavão estas negociações com o perfido gabinete de Madrid, o marquez de Chaves, que se achava a este tempo um inteiro mentecapto, apresentou-se em Villa Real á frente de um pequeno destacamento de caçadores n.° 9, e proclamou D. Miguel rei absoluto de Portugal. Os soldados, ou pela persuasão do commandante ou pela sua propria, e talvez pela vergonha de seguirem um chefe inteiramente louco, como a todos era patente, corresponderão-lhe com insultos e ameaças; mas já se preparavão a captural-o, quando este miseravel escapou dirigindo-se immediatamente ao deposito de transfugas portuguezes na Galiza. A fidelidade destes militares foi remunerada pelo governo da infanta com o augmento de soldos e patentes. A marqueza de Chaves digna esposa do foragido, mulher tão galante que entre os francezes recebeu o epitheto de *Panorama da Fealdade*, era mais feliz nas suas emprezas. O batalhão de caçadores n.° 7, commandado por sujeitos addidos á facção dos Silveiras, foi mandado de Lisboa para Traz-os-Montes depois de lhe haverem substituido officiaes dignos de confiança. Chegado a Villa Pouca d'Aguiar, a marqueza conseguio revolucionar os soldados por via dos seus agentes, e de uma pequena somma de dinheiro sufficiente para arrastrar estes miseraveis, que não obstante os exforços dos officiaes desertárão para a Hespanha commandados por um sargento. As instancias da facção apostolica não affrouxavão: o Silveira visconde de Varzea então governador das armas da Beira Alta pediu a sua demissão, motivando-a nos sentimentos de indignação que o acompanhavão em razão de seu primo governador da praça d'Almeida ter desertado para a Hespanha. Passados erão poucos dias no meado de setembro quando o regimento de infanteria n.° 11, estacionado naquella praça, á força de instigações, proclamou a D. Miguel e

seguio o mesmo destino, desamparado de alguns officiaes, que não quizerão ter parte nesta vergonhosa rebellião.

« — Neste estado de cousas tendo a facção apostolica assentado, que já possuia forças sufficientes para atacar Portugal, preparou o seu plano de campanha, e procedeu como em taes objectos é de costúme. Para coroar a obra do mais inaudito descaramento, que olhos humanos nunca virão, D. Manoel Salmon no dia 26 de Novembro communica ao embaixador inglez que já não ha desertores portuguezes em Hespanha, dando a entender que elles sómente se tinhão approximado a Portugal; mas que o seu governo vai a cumprir todas as promessas que fez, mandando fazer a entrega immediata das armas, a internação, e a dispersão, e que espontaneamente declara não receberá mais portuguezes armados no seu territorio!.... e isto naquelle mesmo momento em que se estava invadindo Portugal!!....

Eis aqui pois então os rebeldes em Portugal acompanhados de alguns hespanhoes e tambem providos em parte de armas hespanholas. Trez forão os pontos principaes escolhidos para a invasão. Na provincia de Traz-os-Montes entrarão por Bragança, onde acommettêrão em força superior o coronel Valdez, que commandava uma pequena brigada composta dos regimentos de infanteria n.° 3 e 21, e um esquadrão de cavallaria n.° 12. O commandante teve de se encerrar em uma antiga e arruinada fortaleza junto daquella cidade, e capitulou depois de se haver confirmado que não era soccorrido pelas tropas fieis, que se achavão ao sul da provincia. Pouco tardárão a reunir-se aos rebeldes alguns regimentos de milicias, e muitos paisanos armados com a denominação de guerrilhas, quasi todos attraidos pela esperança de se enriquecerem com os roubos como acabavão de vêr um exemplo no saque dado á cidade de Bragança, que ou tinha sido tolerado pelos chefes, ou elles não podérão obstar á indisciplina do bando de salteadores que commandavão: em ambos os casos pouca honra e nenhuma desculpa lhes cabe.

« — O primeiro cuidado dos cabeças da facção foi estabelecerem logo no dia 28 de novembro uma junta, que intitularão — Supremo Governo Provisorio do Reino — composta dos membros marquez de Chaves, presidente, Francisco de Moraes Madureira Lobo, deputado, e José Manoel Ferreira de Castro e Souza, secretario. A vice-presidencia ficou ao visconde de Villa Garcia, irmão do inepto Luiz Vaz que se apossou do commando das tropas, apezar das pertenções do marquez, a quem accompanhava a marqueza sua mulher para animar os soldados com seus tregeitos e galantarias. Quasi pelo mesmo tempo o malvado Telles Jordão tocava no segundo ponto de invasão, destinado á provincia da Beira pelas immediações de Almeida. Foi sómente quando teve a certeza de que o regimento de milicias de Tondella se havia rebellado na Guarda, que entrou nesta cidade acompanhado de alguma gente insignificante. Em menos de quinze dias todo o norte da provincia da Beira seguio o impulso revolucionario da facção Silveira: nas cidades da Guarda, Lamego e Viseu, organisárão-se juntas governativas compostas dos homens das classes ecclesiasticas e privilegiadas, decididamente interessados na permanencia do antigo regimen, e todas as milicias daquelles sitios accedêrão com facilidade ás suggestões dos seus chefes.

« — O hypocrita visconde de Varzea, que ha pouco estranhára a deserção de seu primo, declara-se agora pela rebellião, e teve a honra de ser presidente de uma junta provisoria. Faltava ainda um exemplo de fraqueza, por não dizer ingratidão, que ensinasse os incautos a julgar com mais sisudeza do caracter humano. Telles Jordão tendo reunido uma força irregular de milicias e guerrilhas poz sitio á praça de Almeida, que capitulou em 26 de dezembro: a guarnição constava do regimento 6 de infanteria, um esquadrão de callaria n.° 10, um destacamento de caçadores n.° 9, e alguma artilheria. O governador desta praça era o brigadeiro Pêgo, reputado então o mais fiel adherente á

causa constitucional, e a quem se tinha offerecido o rico presente de uma espada de ouro, como em reconhecimento da sua firmeza de caracter. O visconde de Mollelos, que ha pouco se tinha vindo reunir ás fileiras da rebellião, teve uma conferencia com Pêgo, soube tentar a sua fidelidade e persuadil-o a abraçar os seus interesses. Desde então o velho militar, já no ultimo quartel da vida, não poude resistir ao combate dos promettimentos: convocou um conselho de varios chefes dos corpos da guarnição, e asseverou-lhes: — Que elle não estava disposto a oppor-se á vontade do povo, que desejava D. Miguel como seu legitimo soberano; — porem como este seu voto encontrasse opposição resignou o commando, entregando-se a uma especie de neutralidade vergonhosa até á capitulação que não assignou.

« — Por todo este tempo os rebeldes senhores da provincia de Traz-os-Montes, e grande parte da Beira, tentárão passar o Tamega em Amarante com o fito de entrarem em Braga, apoderarem-se de immensos recursos, e cair depois sobre o Porto onde commandava o general Stubbs. Mas o brigadeiro Claudino, general da divisão volante, soube repellir o ataque, que lhe fizerão no dia 15 de dezembro. Mudárão então de plano, e dirigirão-se á provincia da Beira entranhando-se até á cidade de Viseu, onde chegárão em 22 do mesmo mez dando-se a conhecer aos habitantes por salteadores esfaimados, e por toda a sorte de violencias. Até aqui as correrias destes malvados tinhão ido em progresso, e os seus recursos augmentavão com os dinheiros que saccávão dos cofres publicos: taes havião sido as providencias das authoridades do governo de Lisboa!

« — Não podemos occultar que á tibieza, por não dizer incapacidade do general Azeredo, é atribuida em grande parte a rebellião que se manifestou na provincia da Beira, e os estragos que supportou a cidade de Viseu. Quiz antes dar ouvidos ás sugestões dos inimigos de D. Pedro, e despresou os conselhos e generosos offerecimentos dos habi-

tantes fieis. Entre tanto a torrente revolucionaria deparou um obstaculo na cidade de Coimbra pela organisação do batalhão de Voluntarios Academicos, que excedia o numero de 400 individuos. Não obstante os desejos e tenções sinistras do reitor e da maior parte dos lentes da universidade, os estudantes corrêrão as armas e prestárão aquelles serviços, que em tal occasião se devião esperar.

« — Quando o marquez de Chaves tocava em Bragança, uma brigada de transfugas portuguezes, commandada por Magessi, invadia a provincia do Alem-Tejo. Não havia um momento a perder: o conde de Villa Flôr partio de Lisboa á frente de uma disciplinada divisão, e alcançando os rebeldes perto da villa de Arronches bateu-os completamente no dia 10 de dezembro. Este bravo general pondo-se á testa de um esquadrão de cavallaria carregou, e desbaratou a dois dos inimigos, que agora se vírão obrigados a fugir vergonhosamente para a Hespanha donde havião entrado em Portugal. Então Magessi tomou o expediente de se dirigir encostado á raia portugueza até o norte da Beira, onde esperava encontrar os companheiros das suas façanhas. O conde seguio-o sempre dentro de Portugal flanqueando-lhe a esquerda até chegar á cidade da Guarda. O visconde de Mollelos digno discipulo do velho Bacellar fugio precipitadamente ao aproximar-se á mesma cidade, e dispondo elle de numerosas forças, ainda que irregulares, não quiz vêr os semblantes inimigos. Apenas o general Claudino teve a noticia, que as tropas do marquez de Chaves depois do combate de Amarante tinhão passado o Douro no Pezo da Regoa, partio immediatamente para o Porto, e vinha tomar-lhes a frente sobre Viseu quando soube que os rebeldes tinhão evacuado esta cidade. Accelerou logo as marchas, e perseguio-os na retirada até fazer a junção com as tropas do conde de Villa Flor, que havião descido sobre Mangoalde. No mesmo tempo virão-se reunidas todas as divisões dos transfugas, que havião invadido Portugal, agora augmentadas com varios corpos de mili-

cias, e de alguns destacamentos e tropas de linha aprisionadas em Bragança, Almeida, e outros logares.

« — Quando a Lisboa chegára a noticia da perfida invasão que Portugal acabava de soffrer, cresceu a indignação ainda mesmo no animo de alguns que, supposto desejavão a D. Miguel, não lhes agradava o methodo ruinoso com que pertendia eleval-o ao throno um punhado de foragidos, em grande parte commandados por homens sem talentos nem consideração. A crise era assustadora, mas o governo da infanta por vontade ou impulsos de receios houve-se com discrição, e resolveu reclamar o soccorro da Grã-Bretanha. Virão-se então nas camaras legislativas os homens de todos os partidos aplaudirem a deliberação do governo, e o duque de Cadaval foi um dos que mais se declarou neste sentido. Brevemente chegou a Londres o despacho destas occorrencias, e logo o gabinete de S. James foi tão prompto a decidir como a enviar tropas para Portugal. O ministro Canning fez por esta occasião um famoso e soberbo discurso no parlamento, onde a través dos proprios louvores com que exaltava a sua patria rompia em ameaços contra todo aquelle que ousasse desafiar guerra á Grã-Bretanha, concluindo que era chegado o *casus foederis* em que pelos tratados se devião os soccorros a Portugal. Quaes fossem os interesses materiaes que decidirão o gabinete britanico a tomar aquella resolução, não nos aventuramos a affirmar: muitas conjecturas poderiamos estabelecer que não serião destituidas de rasoavel fundamento; baste por agora advertir que o *agio* é o espirito geral da Grã-Bretanha, e os seus ministros não reconhecem outra base que lhes sirva de norma nos seus procedimentos com as differentes nações.

« — A chegada das tropas britannicas ao Tejo foi annunciada na ordem do dia do exercito, e brevemente se espalhou por todo o reino. Força é confessal-o: esta noticia encheo de jubilo os constitucionaes, excitou a coragem do exercito fiel que nadava em desconfianças, e incutio o

terror o desalento nas fileiras dos rebeldes. Entrava o anno de 1827 quando em 9 de janeiro o exercito invasor em numero de 8 mil homens commandado, segundo parece, pelo visconde de Varzea acabava de occupar as fortes posições de Coruche, povoação situada 7 legoas ao nordeste de Viseu. O conde de Villa Flor, cujas tropas apenas completarião o total de 4 mil homens de todas as armas, mas que excedião os inimigos na boa disciplina e prestancia dos officiaes, não duvidou romper o ataque depois de haver designado as alas do exercito ao brigadeiro Claudino, coronel J. B. de Mello, e barão de Saboroso O combate durou desde a uma hora da tarde até á noite: os rebeldes batidos e derrotados retirárão-se em perfeita confusão na direcção d'Almeida; uma boa porção da tropa de linha dos corpos aprisionados entregou-se ao exercito vencedor, e os soldados de milicias desertárão para suas casas. A perda do exercito em mortos e feridos foi insignificante, não tendo podido verificar-se a dos contrarios em razão dos successos ulteriores.

« — Nestas circunstancias os amigos da facção em Lisboa, muitos dos quaes entravão nos conselhos da infanta, enviárão insinuações aos cabeças revoltosos para que não voltassem á Hespanha, e antes capitulassem em Portugal, porque a todo o tempo serião mais uteis e prestes á sagrada causa que deffendião, mas que por agora não era possivel vencer. Este conselho era prudente; porém os exaltados talvez mais honrados do que os seus amigos encobertos não tolerárão esta baixeza, e resolvêrão entrar na Hespanha dispostos a novos ataques e correrias. A praça de Almeida logo cahio em poder do exercito fiel, e o general Claudino foi chamado a Lisboa sob pretexto de occupar o logar de deputado; a sua retirada magoou sobre maneira os ministros que tinhão obedecido ás suas ordens.

« — Os rebeldes depois da infructuosa tentativa de Amarante no dia 15 de dezembro de 1826, como já mencionámos, passárão o Douro no Pezo da Regoa deixando

após de si toda a provincia de Traz-os-Montes revolucionada. O brigadeiro José Correia de Mello commandava as armas da mesma provincia pelo governo da infanta, e o tenente general marquez de Anjeja, que governava no Minho, achava-se nomeado commandante das forças do norte. Estes generaes dispondo de forças mui diminutas tiverão a luctar com numerosas partidas de rebeldes compostas de milicias, veteranos, e guerrilhas, que forão quasi sempre suplantados, em todas as correrias e escaramuças, pela superioridade do valor e disciplina das tropas constitucionaes.

« — Muitos dias não erão passados quando o exercito de Silveira batido em Coruche circulou dentro da Hespanha, e veio arrebentar na provincia do Minho até á cidade de Braga com grande pasmo e admiração de todos. O marquez de Anjeja entrou no Porto, e esta cidade vendo-se ameaçada desenvolveo uma grande actividade. Então os rebeldes resolverão defender a passagem da ponte do Prado, e construirão um parapeito com abatizes, uma cortadura, e duas peças de artilharia, estendendo uma linha de mosquetaria tanto sobre ella, como na margem do rio Cávado. No dia 5 de fevereiro trinta caçadores audazes arremeçando-se sobre a ponte tinhão-se já apoderado das duas peças, quando forão repellidos por uma forte columna inimiga: neste momento chega o conde de Villa For á frente de uma luzida divizão, ordena o ataque, a ponte é retomada, e os rebeldes são batidos com perda de cem homens. Retirárão-se então precipitadamente sobre a villa da Barca, acoçados na retaguarda por um tiroteio continuado até passarem o rio Lima; daqui incitados de vergonha, e talvez considerando no pequeno numero que os perseguia, voltão o rosto e obrigão os constitucionaes a deffenderem-se dentro das casas. Não era passada meia hora quando forão libertados pelas tropas ás ordens de Villa Flor. Apezar de ser já noite cerrada, este general impaciente de gloria ordena um ataque de bayoneta sobre os rebeldes, que deffendião a ponte da Barca distante 4 legoas da primeira, e depois de muitos

exforços tanto aqui como mais ao norte do rio, o inimigo foi desbaratado com perda de trezentos homens.

« — Forão estes os combates mais brilhantes de toda a campanha em que os rebeldes perdêrão oito peças de artilharia, e virão-se obrigados a repassar a fronteira hespanhola. Não desistirão com tudo, e fizerão logo depois uma correria na provincia de Traz-os-Montes; porem era já tempo que voltassem de todo á Hespanha onde o ministerio apostolico desenganado, e talvez receoso dos máos resultados da sua perfidia, ordenou que fossem desarmados, e designou-lhes depositos.

« — Os rebeldes forão batidos, mas a guerra dos gabinetes continuou ardilosa contra as instituições de D Pedro, guerra nestas circumstancias mais temivel ainda do que a das armas, e bem se confirma pelos tristes effeitos que Portugal veio a supportar, quando o numero das desgraças subsequentes excedêrão sobremaneira aquellas a que os combates derão motivo. A carta de 1826 foi promulgada em Portugal no meio d'auspicios os mais sinistros que se podem imaginar: as grandes potencias da Europa erão inimigas ainda mesmo de qualquer sombra da liberdade politica dos povos, (sem exceptuarmos a Inglaterra que nunca se dirigio por sympathias de identicas instituições, mas pelo interesse do seu engrandecimento á custa das desgraças alheas;) o clero portuguez, regular e secular, livre dos ataques da imprensa e forte em rendimentos, estava na posse de exercitar uma decidida influencia espiritual sobre todas as classes do estado; a nobreza geralmente por habito e principios era opposta e adversa a toda a sorte de mudanças politicas; o povo com insignificantes excepções daquillo que denominados classe media era influenciado por uma extrema ignorancia e superstição, concorrendo a mante-lo nesta vergonhosa servidão o systema das ordenanças e a organisação dos corpos de milicias, que os poderosos capitaneavão com summo proveito seu; finalmente restava uma pequena parte da população composta de individuos daquel-

las tres classes, que adherião á carta de D. Pedro por diversos e oppostos motivos.

Com estes debeis elementos se havião de combater tão poderosos adversarios, e assim as eleições dos deputados de 1826, influenciadas por differentes interesses, contárão igual numero de individuos de pensamentos oppostos. A camara dos pares, organisada no Brasil em uma perfeita ignorancia do que se passava em Portugal, comprehendia affectos (com poucas excepções) inteiramente contrarios ás instituições de que fazia parte, e até mesmo aos direitos do seu instituidor. O conselho da infanta regente não tardou a ser dominado pela vil hypocrisia de um bispo de Viseu, e de outros ministros igualmente vendidos ao partido apostolico, e desta arte se coadjuvárão na perdição dos seus contrarios por via de uma politica insidiosa e traidora. Todo o seu empenho consistio em desacreditar os sectarios da carta assacando-lhes a imputação de quererem restabelecer os principios demagogos de 1820, e ao mesmo tempo que se dava uma amnistia quasi ampla aos revoltosos emigrados, distribuião-se os altos empregos do estado pelos homens de reconhecida affeição a D. Miguel. Assim mesmo os foragidos de Hespanha zombarão da amplitude do perdão, e persistirão no seu desterro voluntario aguardando tempos melhores. A impaciencia ignorante daquelles absolutistas, que não entravão no machiavellismo dos grandes, tinha rompido em uma perfeita rebellião na praça d'Elvas; porém foi promptamente sopitada, e não mereceu a approvação de quem sabia dirigir mais altos e seguros projectos.

« — O general Saldanha restabelecido da enfermidade alcançada na campanha do Algarve acabava de tomar conta do ministerio da guerra; porem chegava já mui tarde quando os inimigos havião tomado todas as precauções, e passado pouco tempo acceitou a sua demissão. A tendencia decidida, que se patenteava no governo da infanta a destruir as instituições da carta, exacerbou os espiritos a ponto de que em Lisboa alguma gente reunida em magotes deu vi-

vas a Saldanha pedindo tumultuariamente a reintegração deste general, que fazia então as delicias dos constitucionaes. Esta noticia communicada ao Porto fez produzir identicos effeitos. Não é facil distinguir o fio deste drama, e se a um meditado projecto, ou mero movimento instantaneo devemos attribuir a origem deste acontecimento; mas é certo que os inimigos exultárão aproveitando-se do ensejo para confirmar aos governos da Europa, e mesmo a D. Pedro, as suspeitas de demagogos que fazião recair sobre todos os sectarios da carta. Os resultados immediatos no interior do reino forão visivelmente favoraveis aos absolutistas, que se achavão senhores do governo: o conde de Villa Flor foi mandado dispersar os tumultos á testa de esquadrões de cavallaria, e o intendente Bastos, conhecido pelo seu liberalismo extremo nas cortes de 1820, prestava agora relevantes serviços na devassa a que se mandou proceder contra os sediciosos. Stubbs, general do Porto, foi dimittido, alguns pares conhecidos pela sua adhesão á carta ficárão pronunciados, e a censura dos periodicos foi substituida por outra mais austera no sentido do absolutismo. Os serviços do intendente forão remunerados com um logar no Dezembargo do Paço onde mais tarde foi confirmado por D. Miguel, e os pares podérão justificar-se perante a respectiva camara ordenada em tribunal de justiça; mas não assim aquelles que sem protecção permanecerão nas cadêas até serem sentenceados a degredo pelos desembargadores de D. Miguel por motivos de se haverem rebellado contra o governo legitimo da infanta!.... Jámais a tanta maldade se reunira tamanho escarneo?....

« — Ao tempo que os amigos de D. Pedro em Lisboa souberão da negociação do barão de Neuman, enviado pela corte de Vienna ao Brasil para tratar de se reconhecer D. Miguel como logar-tenente de seu irmão no caso que o gabinete austriaco não quizesse conserval-o por mais tempo, e depois de haver completado 25 annos, partio immediatamente o doutor Abrantes para o Rio de Janeiro

a fim de embaraçar esta perfida negociação. D. Pedro talvez ainda não preoccupado das solicitações e enganos, que em seguimento o apartárão com tanto esmero, prometteo muitas vantagens, e remunerou o emissario secreto pelos relevantes serviços que lhe havia prestado nomeando o para occupar altos empregos na corte de Lisboa. Porem não era já o tempo de prestar obediencia aos decretos do rei de Portugal, que agora começavão a ser tão acolhidos em Lisboa como se dimanassem de um chefe negro de Zanguebar. Os despachos do doutor Abrantes forão despresados pelo conselho da infanta, e para não vulnerarem este procedimento indecente que de algum modo pareceria rebellião, nomearão o agraciado conselheiro da embaixada em Londres.

« — A camara dos pares de 1827 tambem emparelhava em sentimentos com o governo da infanta, e se (como se expressa hoje um membro emigrado em Paris) carecia da facilidade e do brilhante da eloquencia parlamentar, e faltavão-lhe as noções ou theorias da politica exorbitante do seculo, possuia o senso commum e a discrição necessaria para reconhecer o que se encaminhava ao transtorno e perdição da patria. Estamos persuadidos que se alguma cousa se encaminhava contra as caducas instituições, não era contra a patria; antes diremos com imparcialidade contra a classe privilegiada, que tem persistido no absurdo pensamento de fazer eternas as suas bem ou mal adquiridas prorogativas, sem se recordar que as suas extremas pertenções conduzem a excessos oppostos não menos perniciosos e imputaveis a quem não sabe entrar na mediana, e ceder á força das circunstancias. Tinha D. Pedro nomeado um par que, segundo parece, não convinha com o espirito da cathegoria que dictara a primeira nomeação: o interessado apresentou-se á camara, e requereu a execução da carta regia. A arrogante prosapia dos seus membros irritou-se de tal maneira que estiverão a ponto de romper em impulsos desordenados, proprios de varões que se reputão de um san-

gue mais puro, e descendentes daquelle *Adão* que não se fizera do fragil barro; mas a manhosa politica dos membros que sabião dissimular desviou o impeto que poderia arriscar o segredo da facção, e limitou-se a contrariar quanto bastasse com cautelosa prudencia. « Recusou pois, continua o emigrado em Paris,) allegando que segundo a carta os pares não podião ser nomeados sem preceder voto do conselho d'estado, que se achava instalado em Lisboa. O Brasil guardou silencio, e tambem o guardárão os seus agentes em Portugal; e a todos o deu a vêr a camara, que sem arrojo, mas com decente brio, estava determinada a sustentar os seus direitos e o seu justo decoro » Futil desculpa filha da parcialidade, que só attende aquillo que muito lhe presta!.... Concedamos-lhe os justos fundamentos em que ostensivamente se estribárão os pares; mas era necessario que os seus escrupulos se extendessem tambem á legitimidade das cartas regias passadas no Brasil, em virtude das quaes se achavão todos constituidos na camara.

« — Entretanto D. Pedro ainda coherente com os interesses de sua filha, e persuadido dos conselhos de quem o não queria enganar, determinou que o infante D. Miguel partisse de Viena para o Rio de Janeiro, e para esse fim mandou uma náo de linha ao porto de Brest. Esta resolução que levada a effeito poderia de todo desconcertar os planos da facção moguou sobre maneira os pares, que accudirão immediatamente com uma representação ao gabinete do Brazil para que deixasse vir o infante para Portugal, usando de todas as persuasões que neste momento se lhes apresentárão. A camara dos deputados foi convidada a concorrer pela sua parte nesta maliciosa representação; porem não acceitando a proposta mostrou discernimento e bom juizo, e fez-se credora da confiança dos seus constituintes.

« — Estas e outras solicitações reforçadas pela intriga de algumas cortes da Europa abalárão as pouco seguras resoluções de D. Pedro, que de repente vimos regovar as primeiras ordens, dando o inesperado, impolitico, e fatal

decreto de 3 de julho de 1827, em que nomeava a D. Miguel seu logar-tenente em Portugal e regente do reino. Ninguem poderá avaliar o peso dos movimentos que levárão D. Pedro a uma resolução tão estranha, mas é certo que a noticia deste acontecimento satisfez plenamente os desejos dos absolutistas portuguezes, e os de toda a Europa, que outra cousa maior não podião desejar, e pelo contrario foi recebida com espanto pelos constitucionaes. Diversas conjecturas circulárão entre estes ultimos segundo o que a illusão ou interesses lhes dictava: fôra traição nefanda, dizião uns, comprometter uma boa porção de portuguezas, excitar os odios politicos já quasi extinctos, e enviar-lhes depois a vibora que os havia de devorar!..... Não, dizião outros, D. Pedro foi illudido; mas as potencias da Europa, por sua honra e dever, não poderão consentir em uma usurpação escandalosa contra a letra e espirito dos seus tão preconisados principios da legitimidade; alguem houve que nunca se persuadio de ser levada a effeito a absurda nomeação do infante como logar-tenente de seu irmão; finalmente cada qual abundava em pensamentos diversos, precursores dos justos receios e das desgraças, que infelizmente depois vierão a pesar sobre a vida e fazenda dos constitucionaes.

« — Nem sempre a inconsideração e o desattento são o apanagio de uma mocidade mal educada: mais que todos os livros ensina a experiencia a moderar os impetos de um querer sem obstaculos, e se uma indole maligna acompanha o mancebo nos transes da sua desgraça, a reflexão o adverte do caminho que deve seguir, e a dissimulação principia a ser o escopo dos seus pensamentos. Desta arte desmentio D. Miguel o conceito que muitos fazião da sua incapacidade moral para tanto refolho, quando por juramentos e promessas inculcava sincera adhesão ás instituições de D. Pedro e fidelidade á rainha de Portugal; sem se lembrarem que o celebre Metternich e outros o estavão insi-

nuando no que faria, ou elle sempre prompto a subscrever quanto lhe determinassem aquellas personagens.

« — Quando o decreto de 3 de julho tocou em Vienna logo D. Miguel deliberou com os da sua comitiva dois pontos essenciaes em que insistio por muito tempo: 1.° tomar por Hespanha a caminho mais curto para Lisboa; 2.° não embarcar em navio que não fosse portuguez. E' facil de conceber quaes as tenções e receios que andavão neste projecto, e muito custou á corte de Vienna em dissuadil-o até acabar com elle que embarcasse para Inglaterra em um vaso desta nação, e d'ali em navio portuguez para Lisboa. Nas dilatadas conferencias que teve com o imperador recebeu ponderosos conselhos sobre o seu futuro procedimento no regimen de Portugal segundo a carta: ali se lhe explicou como um monarcha póde ter absolutismo debaixo de uma constituição ainda mesmo a mais democratica, e a maneira de encaminhar os negocios até a plena destruição daquellas denominadas leis fundamentaes, que estando escriptas forão escarnecidas na pratica pelo homens de todas as cores politicas. Mas debalde despenderão o seu tempo: estas consummadas theorias não poderão entrar na estreita intelligencia de um joven, que apenas tinha aprendido a dissimular o rancor profundo e sanha cruel que uma vez votára a seus inimigos, e sómente anhelava pelo momento propicio de os aniquilar. Triste condição humana!... tres ou quatro entes frageis da tua mesma especie lá deliberão no recinto de um palacio o exterminio de milhares de familias.

« — Finalmente em quanto em Portugal a infanta regente mandava publicar as cartas de D. Miguel em que se inculcava o mais obediente sectario das instituições emanadas de D. Pedro, e em quanto se fazião pomposos aprestos para a occasião da sua chegada ao reino, partia elle de Vienna d'Austria para Londres, onde foi recebido e tratado com grandes festas como era de esperar de uma corte

regida pelo duque de Wellington, protector interessado e amigo de toda a especie de absolutismo. — »

No dia 22 de fevereiro de 1828, desembarcou D. Miguel em Lisboa com o titulo de infante. Diz-se que ao sair da igreja cathedral, aonde fora prestar juramento se lhe derão vivas como rei absoluto. A regente demittiu-se logo do governo formando-se então um novo ministerio (1). As cortes nem por isso se fecharão, e continuavão os seus trabalhos, quando um decreto de D. Miguel as dissolveu, quinze dias antes do fim da sessão. No dia 15 d'abril de 1828 appareceu o movimento, que sob o titulo de acclamação elevou D. Miguel ao throno. A cidade do Porto poderá sempre gloriar-se de haver feito nesta occasião mui nobre resistencia ás vontades de um principe cujo primeiro acto politico era a infracção de solemnes juramentos.

« — Entrava o anno de 1828, (1) e as camaras portuguezas achavão-se reunidas segundo a carta, quando D. Miguel desembarcou em Lisboa no dia 22 de fevereiro. Foi neste mesmo dia que começou a obra da usurpação, organisando-se o plano de terrorismo por determinação do mesmo infante, e dos seus adeptos pela maior parte homens sicarios e ambiciosos. Apenas a infanta lhe entregara os sellos reaes nomeou logo um ministerio das pessoas que lhe erão affeiçoadas entre as quaes se distinguião com especialidade o duque de Cadaval, presidente do conselho assistente ao despacho, José Antonio d'Oliveira Leite de Barros, e o conde de Villa Real que o havia acompanhado desde Vienna d'Austria.

« — Portugal e talvez o mundo nunca vira uma serie

(1) A 23 de junho de 1828. O decreto pelo qual D. Miguel se apossou da coroa consumou-se no dia 3 de maio seguinte, depois da convocação dos tres estados do reino: — este acto tinha a assignatura real. Os ministros estrangeiros interromperão logo as suas relações diplomaticas com a corte de Lisboa.

(2) Revista historica já citada, pag. 42.

(O traductor.)

de actos contradictorios em tão pouco espaço de tempo, como forão os primeiros procedimentos da regencia de D. Miguel: só a impudencia e o frenesi podem dar explicação da anomalia, que então se observou. Em quanto ao assumir a regencia no dia 26 de fevereiro na presença das camaras e do corpo diplomatico jurava fidelidade a D. Pedro IV, á rainha, á carta constitucional, e na mesma data decretava que todos os actos da sua regencia fossem expedidos em nome d'el-rei seu irmão, um bando de homens vis tirados da mais infima ralé da sociedade, e pagos pelo governo, insultavão e até espancavão á porta do palacio as pessoas, que indo comprimentar o infante não o acclamassem á entrada e saida como — rei absoluto. — Muitos sugeitos nacionaes e estrangeiros de alta jerarchia forão victimas destes inauditos desatinos, presenciados por todo o corpo diplomatico. Tambem foi notavel o — honroso — sequito que teve o infante no dia 24 de fevereiro indo assistir ao *Te Deum* na basilica de Santa Maria: uma caterva de rôtos de mistura com os creados da sua casa precederão-no na ida e volta, gritando desentoadamente — viva D. Miguel rei absoluto — ao que elle correspondia com sorrisos approvadores.

« — Já os generaes das provincias havião sido substituidos por outros da confiança de D Miguel e colligados em promoverem a rebellião por todo o reino, quando entre os grandes facciosos a sisania semeou altercações sobre o modo de effeituar a usurpação. Os mais ardentes não supportavão dilações: assentárão que não se devia desperdiçar o tempo, pondo de parte todas as solemnes formalidades para immediatamente se proceder a uma acclamação de improviso. Esta opinião arriscada agradando muito á ignorancia dos ultras grangeou numero, e alcançou forças de modo que custára muita dexterídade e resolução aos reflexivos para a illudirem; e se destes alguns optavão que D. Miguel fosse acclamado pelas duas camaras, havendo certeza na dos pares, e uma quasi certeza na dos deputados

que cederião a peitas, susto, terror, e promettimentos, um parecer mais seguro prevaleceu para que se convocassem as antigas cortes por onde era facil fazerem seu todo o negocio, e até mesmo dictarem as deliberações. Este foi o voto do duque de Cadaval e do malicioso bispo de Viseu, que assim opinárão em uma especie de conciliabulo reunido em Lisboa, onde forão convocados todos os amigos que concordárão sem discrepancia neste objecto.

« — As forças britannicas, que ninguem ainda tinha podido descobrir o fim porque vierão a Portugal, apoiavão todo o procedimento do infante, e á proporção que as tropas francezas repassavão os Perineos erão os inglezes chamados á Grã-Bretanha! .... Com todos estes auxilios e mesmo depois da demissão de todos os governadores das armas, dos commandantes dos corpos, e dos empregados civis, a facção não se julgava ainda segura: por isso a 13 de março dissolveo a camara dos deputados, e convocou uma junta para formar novas instrucções debaixo de apparencias constitucionaes com o fim de illudir e ganhar tempo. Nestas circumstancias os portuguezes mais honrados de todas as classes, que não vião remedio á sua destruição pedião passaportes para fóra do reino, unico refrigerio que por então se lhes antolhou: este mesmo caminho seguio o conde de Villa Real que acabava de ser demittido de ministro dos negocios estrangeiros.

« — De Lisboa partião emissarios para todo o reino para excitarem acclamações tumultuarias do novo — rei — entre a gentalha mais vil das terras, e se acaso algum magistrado se oppunha a esta rebellião, uma prompta demissão indicava aos outros como se podião haver nestas circunstancias. Os generaes das provincias enviavão circulares a todas as camaras, convidando-as ou quasi mandando-as pedir ao infante que se fizesse rei, e ao mesmo tempo ião as fórmulas e instrucções neste sentido, ordenadas pelas secretarias d'estado da guerra e justiça. O dezembargo do paço foi authorisado, contra todo o direito, para demittir

os vereadores menos affectos á usurpação, e substituil-os por outros que lhe fossem verdadeiramente devotos. A imprensa dirigida pela censura inventava calumnias grosseiras contra os constitucionaes, ameaçava todos os portuguezes fieis ao legitimo rei, espalhava sophismas sobre os suppostos direitos de D. Miguel, e não se esquecia de publicar as felicitações de muitas corporações suggeridas pela maldade, e concebidas em um estylo furioso. A religião era extremamente profanada: o clero e os frades, (especialmente os mendicantes), vociferavão injurias e lançavão anathemas dos pulpitos contra todo o que permanecesse fiel a D. Pedro IV; e para cumulo do despejo e deshonra do seculo actual, a insania revolucionaria inventou algumas apparições milagrosas. Um periodico impresso em Lisboa, denominado o — Trombeta — não se envergonhou de publicar uma insipida narração de como na villa de Setubal muitas pessoas e corporações religiosas observárão no céo certa legenda: — viva D. Miguel primeiro — a qual cercada de muitos cherubins rematava superiormente em uma corôa sustentada por dois serafins!....

« — Tamanha era a perfidia do infante e dos seus conselheiros, que todos os actos preparatorios para consumar a rebellião erão passados em nome de D. Pedro IV!.... na verdade esta aleivosa zombaria em tempo algum poderá desculpar os homens, que deverião ter fallado com outra franqueza e decencia, ainda mesmo suppostas as suas sinceras opiniões sobre os direitos de D. Miguel. Mr. Lamb embaixador inglez na côrte de Lisboa communicava todos estes acontecimentos ao gabinete de S. James, e se uma boa logica nos ensina a estimar as pessoas pelas suas obras, é indubitavel que o duque de Wellington e o conde de Dudley folgavão amplamente com os progressos que o infante fazia em Portugal.

«—No meio destas agitações revolucionarias um successo atroz e abominavel veio favorecer as intenções da facção de D. Miguel, que se aproveitava do menor ensejo para de-

sacreditar os seus adversarios. Uma legoa distante de Condeixa caminhavão certos ecclesiasticos e lentes da universidade, enviados em deputação a D. Miguel para lhe supplicarem que assumisse a corôa de Portugal. Erão 8 horas da manhã do dia 18 de março quando se virão assaltados por 13 estudantes de Coimbra que os aguardavão armados, e de um modo barbaro e cruel assassinárão alguns, e a outros maltratárão e ferírão. O acaso fez espalhar a noticia deste horroroso attentado nos povos circumvisinhos, que immediatamente corrêrão a captural-os. Se ao odio pessoal por motivos particulares, ou ás opiniões politicas do tempo pertendessemos assignar a causa deste successo nefando, seria temeridade no meio de tantas pertenções oppostas e apaixonadas; mas é certo que em qualquer dos casos erão dignos de severa punição, e o patibulo onde pouco depois acabárão livrou a sociedade de uns poucos de malvados.

A obra da usurpação adquiria forças progredindo todos os dias pela cooperação de seus complices, que dominavão agora em todas as repartições publicas do estado: os elementos do seu poder erão tamanhos que já no dia 25 de abril se julgárão sufficientes para arrostar a quaesquer obstaculos, e despirem-se de toda a reserva marchando francamente ao seo fim. Neste dia a camara de Lisboa, composta de sugeitos nomeados pelo governo, mandou desenrolar o estandarte da cidade em uma das janellas do paço municipal, e acclamou D. Miguel — rei absoluto — mandando abrir registros publicos para receber assignaturas dos que accedessem; mas o presidente, por insinuação superior, fez mudar aquelle acto em uma representação pedindo a D. Miguel que assumisse a corôa. O corpo da guarda real da policia, que sempre fôra o predilecto da facção, e uns poucos de homens infames carregados de flagicios, acompanhavão e promovião esta — nobre funcção — obrigando quem por alli passava a ir assignar: e discorrendo por toda a cidade sollicitárão de varias maneiras um grande numero de assignantes. Alguem houve que escre-

veu muitos ignotos e variados nomes; e as meretrizes tambem tiverão cabimento neste — pomposo — acto, para onde muitas pessoas nos dias seguintes forão levadas pelo terror e ameaças da policia. Eis aqui como se passárão os preliminares desse denominado — voto nacional — a favor dos suppostos direitos de D Miguel, onde a maior parte dos concorrentes erão de tal natureza que farião córar as faces palidas do homem mais impassivel. Embora o bispo de Vizeu escreva lá de Paris — que todo o reino desejava com ardor e pedia com instancia, que o infante subisse ao throno — nós invocamos o testemunho de muitas pessoas imparciaes hoje vivas, que presenciárão ocularmente estas vergonhosas trapaças.

Em a noite do mesmo dia 25 a denominada representação da cidade de Lisboa foi levada á presença do infante, que acceitou de boamente consentindo em dar beijamão a todos os facciosos que alli forão presentes; e mandando publicar o decreto com a mesma data, approvador daquelle acto, reservou para si as ulteriores medidas para complemento da usurpação. Este decreto assignado com a — real rubrica — foi enviado por copia ao corpo diplomatico pelo visconde de Santarem, que servia de ministro dos negocios estrangeiros, e já o tinha sido no governo da infanta: na circular de remessa quiz este despresivel sectario persuadir aos embaixadores estrangeiros, que D. Miguel desapprovava a representação do senado; mas como era de esperar, não foi acreditado por quem o excedia muito em todas as sortes de conhecimentos. A gazeta do governo logo em seguimento convidou a todos os portuguezes para assignarem a representação da camara de Lisboa, e os tribunaes tiverão ordem de proceder no mesmo sentido. O duque de Lafões resentido da magoa que o impressionara no Rio de Janeiro prestava agora lenitivo á sua dôr, organisando na propria casa um conciliabulo de nobres pela maior parte obrigados do medo, terror, e cercados de intrigas, onde assignarão uma representação rogando a D.

Miguel que convocasse os tres estados do reino para assumir a corôa, e abolir a carta constitucional.

« — Em quanto a Europa presenceava a mais aleivosa das usurpações, D. Pedro cabalmente illudido dava demonstrações da perfeita confiança que uma vez puzera nos seus alliados, promulgando o decreto de 3 de março de 1828 pelo qual completava a abdicação da corôa de Portugal, e incumbia a sua execução á supposta fidelidade de um irmão que o estava atraiçoando. A facção escarneceo as deliberações da corte do Brazil, e sómente cuidou em dar as possiveis apparencias de legalidade á usurpação, convocando os pertendidos tres estados do reino para o fim, (dizia o decreto de 3 de maio,) de reconhecerem a applicação de graves pontos de direito portuguez. A todos é hoje bem patente a parcialidade e suborno que andou nas eleições dos procuradores: os mais preocupados apologistas de D. Miguel hão de confessar á vista de documentos, que o governo não se contentando com os numerosos sectarios e amigos, que se estendião a todas as repartições e empregos do estado ainda mesmo aos mais insignificantes, expedio ordens positivas e terminantes sobre as qualidades que deverião ter os eleitos; sendo muito notavel a circular do intendente geral da policia em 17 de maio, mandando classificar como subornados todos os votos que recaissem em pessoas leaes a D. Pedro, e amantes da carta por elle outorgada. — »

Houve n'aquella cidade uma revolução em favor da rainha, no dia 16 de maio de 1828, formando-se uma junta, que no fim de pouco tempo se dividiu em duas fracções, a do Porto, e a de Coimbra. Na resistencia a D. Miguel não havia centro nem energia, e por isso as tropas constitucionaes virão-se obrigadas a retirar-se refugiando-se em Galisa, apesar de se achar o valente Saldanha presente a esta lucta. Quando elle saiu do reino, por motivos, que não duvidou declarar, tomarão o commando das tropas Joaquim de Sousa Pisarro e Bernardo de Sá No-

gueira. No dia 6 de julho de 1828 principiarão as tropas a entrar no territorio hespanhol: o general Pisarro as condusia, mas em vão sollicitou elle hospitalidade, por que foi tratado com a sua tropa do modo mais severo. Começou a haver grande emigração. A propria junta provisoria saiu do Porto. Os restos dispersos do exercito constitucional embarcou na Corunha para Inglaterra. Quando occorrião estes successos, sublevou-se o Algarve, mas esta revolta foi suffocada no dia 7 de junho de 1828. Foi então principalmente que se multiplicarão os actos de violencia e de crueldade que pelo seu grande numero não podemos aqui enumerar. Olhando ás apuradas circumstancias em que se achavão os refugiados poz o visconde de Itabayana á disposição do marquez de Palmella os dinheiros de que pôde dispôr, e que constituirão, dentro em pouco tempo, o unico recurso de tanta gente arrojada para longe do theatro dos acontecimentos da sua patria.

Em quanto estes factos de tamanha importancia occorrião na Europa, preparava D. Pedro no Rio de Janeiro o acto solemne que vinha complicar ainda mais os acontecimentos. No dia 3 de março abdicou elle solemnemente a corôa de Portugal em sua filha, assumindo a joven rainha o titulo de D. Maria II. No dia 5 de julho de 1828 partiu sua magestade do Rio de Janeiro em direcção á corte d'Austria concluir a sua educação nos paços de seu avô. Porem a 3 de setembro do mesmo anno, chegando sua magestade a Gibraltar, o marquez de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant Pontes, tomou a judiciosa resolução de conduzi-la a Inglaterra. O estado politico do paiz explica sufficientemente á Europa o motivo desta mudança de disposições.

No dia 24 de setembro chegou a rainha D. Maria II a Falmouth; e tres dias depois foi sua magestade recebida nesta cidade com a pompa devida a uma soberana. No caminho deste porto para Londres fizerão-se a sua magestade as mesmas honras. Em Exeter, apresentou-se-lhe

officialmente uma deputação dos refugiados portuguezes. Chegando no dia 6 de outubro a Londres teve ahi no dia 22 uma solemne recepção.

A pesar deste acto importante, e da convenção secreta do tractado de 1807, a Inglaterra se conservou neutra. O duque de Wellington e o conde de Aberdeen achavão-se então á frente do ministerio.

« — Quando pelos ultimos dias de junho de 1828 (1) a revolução do Porto caminhava a passos largos para o desastroso fim que acabamos de referir, os procuradores dos — tres estados — chegavão a Lisboa torcendo caminhos, e atravessando as fileiras inimigas em menoscabo da policia daquelles que tinhão direito de perguntar-lhes a razão da sua jornada. Tal era a incuria e inhabilidade governativa dos constitucionaes, que até mesmo despresavão ou não sabião precatar-se dos seus maiores inimigos!

« — No dia 23 de junho abrio-se com effeito a sessão dos chamados — tres estados do reino — onde o insidioso bispo de Vizeu recitou um discurso, dando como resolvida a questão que se ia a propor á deliberação das côrtes, ao qual respondeu o frenetico José Accursio das Neves insultando, e calumniando atrozmente todos os que seguião as partes de D. Pedro; e ameaçou com o nome de revolucionarios e demagogos aquelles membros, que opinassem ou votassem em contrario sentido. Não obstante a influencia eleitoral na escolha dos procuradores, como já observamos, se as circumstancias e ameaças não urgissem, talvez que não existisse essa tão gabada, mas impolitica, unanimidade da resolução dos — estados: — « Que a D. Miguel pertenceu a corôa portugueza desde o dia 10 de março de 1826, e que por tanto se devia reputar e declarar nullo o que D. Pedro na qualidade de rei de Portugal praticou, e decretou, etc. » No dia 30 sahio o decreto em que D. Miguel declarando conformar-se com a resolução dos — es-

(1) Revista Historica já citada, pag. 70.

Sá. Lith. Off. R.N. dos Mºs Nº 12.

D. Miguel.

tados — ordenou se fizesse um assento em commum, o qual sendo preparado de antemão foi assignado no dia 11 de julho seguinte. E' este o famoso auto que a facção chamou a obra prima de direito publico, onde a par dos falsos argumentos e sophismas ridiculos com que se pertendeu córar a usurpação, observamos um conciliabulo de rebeldes revolvendo uma questão, na qual só elles se havião constituido partes e juizes!.... Das assignaturas em seguimento basta saber-se que figura como procurador de Gôa o nome de um frade, residente em Lisboa para tratar de pleitos, e que nenhuma missão podia ter para semelhante fim: a mesma fraude teve logar em nome d'outras terras do reino e do ultramar.

A maior parte das cortes da Europa que tinhão os seus ministros acreditados em Lisboa folgavão com a usurpação do infante, e talvez a promovessem; mas os actos que se passavão em Portugal erão tão visivelmente oppostos aos principios da — legitimidade — que todos os diplomaticos, havendo suspendido as suas funcções desde que lhes foi communicado o decreto da convocação dos — estados — tiverão ordem de se retirar do reino. Reunidos em casa do nuncio assignárão um protesto contra o perjurio do infante, declarando o mesmo nuncio que ficava em Lisboa com o caracter de particular agente de sua santidade para os negocios espirituaes sómente.

« — Logo que a côrte de Lisboa se vio desembaraçada de todos aquelles obstaculos que, ha pouco, podião conter os seus damnados projectos, resolveo levar a effeito o plano sanguinario jurado desde 30 de abril de 1824 contra todos os constitucionaes portuguezes. Não nos demoraremos a refutar os pormenores e a impossibilidade politica de o poder effeituar: basta saber-se que o seu pensamento foi aniquilar cabalmente vinte mil pessoas que, dizião, seria o numero de — liberaes — existentes em Portugal; e destruidos elles ficavão em perfeito socego tres milhões de habitantes!.... O general Povoas reputado mui brando e

de suspeitas inclinações foi chamado a Lisboa, voltando de novo ao Porto aquellas authoridades mal escolhidas, que respirando vinganças começárão as perseguições, e transtornárão o que o primeiro tinha edificado. Por carta regia de 14 de julho foi nomeado o bem conhecido tribunal da Alçada para processar, e julgar todas as pessoas implicadas no que se dizia crime da — insurreição do Porto. — Instituirão-se devassas em todas as cidades, villas, e outras terras do reino, sem limitação de tempo, nem determinado numero de testemunhas, onde os homens depravados e miseraveis erão agentes de confidencia, e juravão contra todas aquellas pessoas, por ventura suspeitas dos menores indicios de constitucionaes, ainda que nenhuma parte houvessem nos ultimos acontecimeutos do Porto. Os coripheos da facção organisavão as listas dos proscriptos, que passavão de mão em mão, e os seus crimes suppostos erão lidos ás testemunhas que havião de jurar. Aquelle que ambicionava um emprego publico, ou desejava subtrahir-se ás importunidades de um credor, tinha o meio facil e promto de denunciar o infeliz, que immediatamente era posto em ferros, ignorando qual o seu crime e o accusador. Nenhuma classe, sexo, ou condição escapava a terrivel denominação de — malhado — e tamanha era a insania da perseguição, que alguns dos mesmos miguelistas, rigidos sectarios da usurpação ha pouco emigrados na Hespanha, suportárão os tristes effeitos do despotismo por que havião pugnado. Não poucos destes, por vinganças particulares ou um leve insulto, jazêrão nas masmorras accusados pelos companheiros e amigos do mesmo pensar politico, mas que tinhão gosto de satisfazer as suas velleidades, e maior preponderancia, em superar um rival.

« — As cadêas entulhavão-se de presos, centenares de homisiados fugião pelos montes, ou se occultavão em algumas casas; mas desgraçado do hospede e dono se a denuncia chegava a descobril-os! . . . . Inventavão-se todos os dias methodos de perseguição: os carcereiros extorquião

aos presos sommas de dinheiro para os deixarem occupar certos logares dentro das prisões; os agentes da policia exigião contribuições pela sua clemencia, e vendião a protecção a quem tinha meios de lh'a pagar; aquelle que emigrava, se não era possivel disfarçar-se, comprava a licença por certos preços regulados segundo a qualidade da pessoa; a fazenda dos constitucionaes era sequestrada, os seus rendimentos arrematados, e os alimentos devidos aos presos pelas mesmas leis positivas não erão satisfeitos, nem as mulheres podião tirar meação; e para cumulo da impiedade a maior parte do clero e frades prégava ao povo o exterminio dos — malhados — que dizião inimigos de Deos e do throno, aconselhando no confessionario ás familias dos perseguidos que os desamparassem como a hereges e scismaticos!....

A miseria portanto chegou a um ponto que mais se poderá imaginar do que escrever: um pai de familia escondido, preso, ou fugitivo privado da industria, officio, ou rendimentos, via-se impossibilitado de occorrer ás necessidades da sua casa; as mulheres offerecião de porta em porta agora os trastes desnecessarios, e logo os artigos mais ordinarios e precisos, empenhando-os ou vendendo-os ao disbarate para matar a fome. O sexo feminino já desguarnecido da vigilancia paternal, já combatido das primeiras necessidades da vida, cedia ás suggestões da incontinencia, e não poucos malvados souberão aproveitar-se das circunstancias para satisfazerem as suas paixões criminosas. Finalmente nada esqueceo á tyrannia systematica do governo de Lisboa: a praça de Almeida, e a torre de S. Julião, forão depositos designados para amontoar presos d'estado, onde a peste, a fome, e os barbaros tratamentos imolárão centenares de victimas.

« — Depois de tantas crueldades e perseguições preseneeadas por amigos e inimigos dentro da propria nação, e por toda a Europa que observava com espanto este quadro tão semelhante ás scenas de terror da revolução fran-

ceza, pareceria indubitavel que o espirito de partido jámais se atrevesse a desmentir estas recentes calamidades na presença daquelles mesmos, que as suportárão. Houve porem esse atrevido mentiroso, hoje emigrado em Paris, cuja mão criminosa não se recusou a escrever, ha pouco tempo: « Que as vociferações de crueldades não forão senão calumniosas hyperboles de uma facção. que quando domina, é prodiga do sangue dos seus contrarios, e quando é vencida, não é menos prodiga de hypocritas lamentações dos seus soffrimentos. » O escriptor parcial de que fallamos é esse bispo de Viseu, homem temivel á humanidade pela indole cruel com que a natureza o dotára, e a quem déra um tremendo aspeito, semblante lugubre e felpudo, como caracteristicos annunciadores de um coração tigrino.

« — O dia 3 de julho de 1828 é designado como aquelle em que succumbira a causa da fidelidade, e o governo usurpador fôra obedecido em todas as provincias de Portugal. A ilha da Madeira, que desde 22 de junho tinha adherido ao movimento do Porto, veio a render-se em 23 de agosto seguinte aos ataques de uma esquadra mandada de Lisboa, e munida de uma commissão para processar summariamente aquelles que não tinhão querido reconhecer os actos de D. Miguel. O governador Valdez, e outras pessoas de consideração, tiverão a felicidade de se poderem subtrahir ao alfange do carrasco. Todas as possessões ultramarinas, (com uma pequena excepção) seguirão o impulso revolucionario da usurpação do infante, que no decurso deste anno chegou a imaginar-se inexpugnavel e firme; mas o anjo da morte ameaçou-o no dia 9 de novembro, quando precipitado por uma queda perigosissima chegou a ser julgado extincto com grande mágoa dos seus, e contentamento dos adversarios.

« — Os numerosos Emigrados que havião entrado na Galiza, definhando na miseria, e cançados de aguardar em vão os transportes que lhes tinhão sido promettidos, podérão a muito custo abordar ás praias de Inglaterra. Em Ply-

mouth organisou-se uma especie de deposito debaixo da direcção e governo dos chefes portuguezes, o que deu muito a entender ao ministerio Tory, e servio de pretexto para se defender no Parlamento das acusações de parcialidade, que lhe forão feitas ácerca da interferencia na questão de Portugal. As sommas destinadas a satisfazer os dividendos do emprestimo portuguez, a que o Brasil se tinha obrigado por um tratado a pagar aos credores inglezes, forão divertidas e applicadas para fazer face ao sustento dos emigrados. Mas, se damos credito a muitos destes, o methodo de administrar os fundos foi de perdularios, ou de quem desejava dissipar grandes sommas em pouco tempo, para illudir as tentativas dos qne ainda persistião em oppugnar a usurpação de D. Miguel. Em menos de sete mezes repartirão-se subsididios exorbitantes pelos conselheiros, generaes, capitães-mores, e proporcionalmente por todos os emigrados, segundo as classes a que cada um quiz pertencer. Alguns ainda hoje se queixão das avultadas sommas prestadas aos apaniguados dos governantes, quando muitos voluntarios e academicos jazião na mais triste miseria a par d'outros que nadavão em luxo e opulencia. D'aqui os odios, intrigas, e scisões, que grassárão sempre em toda a emigração, e ainda mesmo depois em Portugal entre companheiros, que nunca como então precisarão de boa intelligencia, e união para arrostar um inimigo poderoso.

Os que havião sido membros da junta provisoria do Porto escrevêrão ao imperador do Brasil uma carta datada de Londres em 5 de agosto, dandodo-lhe conta dos motivos que tiverão para concluir as suas funcções, e fazendo recahir o máo exito da causa sobre o general Saldanha; este fez todos os exforços para se defender, e ficou considerado como protector de todos aquelles que, por identidade de interesses, havião queixas e má vontade ao marquez de Palmella e seus adherentes. A necessidade de dar um destino aos emigrados era reconhecida por todos, ainda que discordavão muito em opinião: a tempo que se an-

nunciava em uma ordem do dia a tenção de embarcarem todos para o Brasil, chegou noticia que a rainha de Portugal se achava em Gibraltar, e este accontecimento inesperado fez mudar para novas tentativas as resoluções tomadas.

A despeito de todos os obstaculos saiu d'Inglaterra uma expedição destinada a engrossar a força constitucional que se organisara nos Açores. Os navios mercantes que transportavão os soldados sairão de Plymouth no dia 6 de janeiro de 1828; e chegando no dia 11 do mesmo mez ás agoas da Terceira, forão estes homens resolutos repellidos pelos inglezes, que matarãm uma praça. O conde de Saldanha, que mandava a expedição protestou em nome de seo paiz.

Esta porção de refugiados foi então procurar abrigo em Brest, chegando o general que mandava a este porto nos fins de janeiro. O conde Hyde de Neuville, sendo então ministro da marinha em França, mandou que os portuguezes fossem recebidos com hospitalidade generosa. A joven rainha continuava a residir em Inglaterra. D. Pedro, justamente offendido pelo acto que se havia praticado determinou a volta de sua magestade para a corte do Rio de Janeiro — Aos sanguinarios execuções de 6 de março de 1829, fizerão doloroso éco em toda a Europa.

O general Diocleciano Leão Cabreira saiu da ilha Terceira; e foi nomeado capitão general da ilha o conde de Villa-Flor, official mancebo dotado de cavalleirosa valentia. Acceitou elle o perigoso posto que lhe foi confiado, chegando á mesma ilha nos fins de junho de 1829, com alguns soldados valentes.

« — No mesmo dia 22 de junho em que a Madeira adheria ao movimento do Porto, (1) a ilha Terceira subtrahio-se abertamente ao usurpador, nomeando um governo interino e expulsando o capitão general, homem estupido e cruel como o erão quasi todos os que seguião as partes do infan-

(1) Revista Historica já citada, pag. 76.

te. Um novo governador mandado de Lisboa chegou aos mares da Terceira em 15 de julho, mas não lhe foi permittido desembarcar, nem á commissão sanguinaria que depois foi expedida para devassar dos acontecimentos da ilha.

« — Apezar das objecções que se oppunhão na Inglaterra a sustentar a nobre e arriscada resolução da Terceira, não obstante um bloqueio e os escaços meios de defeza que ali se apresentavão, a melhor porção dos portuguezes escolheu tentar as ultimas sortes em um ponto do globo que, mal se pensava, havia de ser a taboa da salvação da liberdade patria. O general Cabreira e mais alguns emigrados desembarcárão na ilha em 8 de setembro, e em seguimento tiverão muitos imitadores. As difficuldades que tinhão a vencer no interior erão immensas: desunião nos que governavão, e grande numero de discolos que se preparavão a proclamar á força o governo do usurpador. Em 4 d'outubro os numerosos insurgentes miguelistas achando-se reunidos na posição denominada Pico do Celleiro forão attacados e postos em derrota por destacamento do batalhão de caçadores n.° 5, e duas boccas de fogo servidas por artilheiros da ilha. O coronel Torres marchou da cidade d'Angra commandando esta força, que veio pôr termo á rebellião, e desfazer para o futuro a idéa de semelhantes tentativas. No dia immediato o governo interino da ilha Terceira foi substituido por uma junta provisoria em que figurarão Diocleciano Leão Cabreira, João José da Cunha Ferraz, José Antonio da Silva Torres, Alexandre Martins Pamplona, Pedro Homem da Costa Noronha, Theotonio Ornellas Borges d'Avila Noronha.

« — A rainha de Portugal chegando a Falmouth no dia 24 de setembro desembarcou a 27, para presenciar na propria terra de um seu Alliado como os ministros da Grã-Bretanha tratavão a usurpação da sua corôa. Estava fóra de duvida o claro e decidido apoio que o gabinete inglez prestava a D. Miguel, o que já tinha obrigado os plenipotenciarios brazileiros a lançar mão da trapaça diploma-

tica para transportarem aos Açores armas e munições a bordo da fragata Isabel; mas agora Wellington instava que os portuguezes reunidos em Plymouth fossem dispersos pelas cidades e aldêas visinhas. e punha todos os exforços em obstar á sua partida para a Terceira. O marquez de Palmella parecendo acceder a estes desejos respondeu, que neste caso os emigrados preferião deixar a Inglaterra e acolher-se no Brasil; mas Wellington conhecendo pelas requisições anteriores, em que Barbacena lhe havia pedido um comboio de guerra para acompanhar a expedição aos Açores, que realmente erão as mesmas tenções que agora se pretendião encobrir, e sabendo que o deposito commandado pelo general Stubbs persistia em Plymouth, determinou usar da prepotencia ingleza contra os inermes subditos da rainha de Portugal. As instrucções hostis communicadas ao capitão Walpole, em 12 de dezembro, erão conhecidas de Palmella, e quasi que Wellington assim l'ho havia dado a entender em carta de 30 de dezembro. Nestas circumstancias já não era possivel dissimular, e só restava exprimir a linguagem da defendendo o justo procedimento portuguez das imputações vãas da tyrannia ingleza. Então o marquez de Palmella dirigio-se a Wellington em carta de 2 de janeiro de 1829, onde lhe declarou com dignidade: «Senhor duque, estou firmemente convencido, que estes individuos, dirigindo-se para a ilha Terceira, não fazem mais do que aproveitar-se do um direito que se lhes não póde negar sem injustiça, e que longe de violarem a neutralidade S M. Britanica, elles a respeitão como devem partindo desarmados do territorio inglez. a bordo de navios mercantes para demandarem uma ilha, onde S. M. a Rainha de Portugal é soberana de facto e de direito. As ultimas noticias que recebi da ilha Terceira com data de 18 de dezembro affirmão, que áquelle tempo não havia guerra civil, como v. ex.ª suppõe, e que inteiramente obedece á regencia que a governa em nome de sua magestade a rainha D. Maria II. O governo britannico póde sem

duvida objectar aos subditos de um soberano seu Alliado e amigo, que não vão para qualquer territorio pertencente — de jure — a esse soberano, mas que — de facto — esteja dominado por um governo considerado usurpador; entretanto no caso presente é de summa evidencia que o governo de sua magestade Britanica não póde, sem se desviar da neutralidade que professa, prevenir que os portuguezes voltem a um paiz que tem ficado — seu — depois de se lhes haver recusado a permissão de ficarem reunidos em Inglaterra! E na verdade o reconhecimento do titulo e direitos de sua magestade fidelissima seria de mui pouco valor, se o mesmo poder que a reconhece a impedisse de mandar os seos subditos para uma terra debaixo do seu dominio, e que tem necessidade da sua defensa. »

« — Estes raciocinios peremptorios não convencêrão, como era de esperar, a obstinação Ingleza, que outra politica não sabe além de satisfazer os seos interesses sordidos á custa do sangue alheio. O general Saldanha largando Plymouth com seiscentos emigrados portuguezes chegou aos mares da Terceira em 16 de janeiro de 1829; ali encontrou o capitão Walpole que a tiros de canhão o impedio de entrar na ilha, e satisfez plenamente a desgraçada commissão que o duque de Wellington lhe havia incumbido. Então o general portuguez sem defeza exarou um protesto inutil mas honroso, escolhendo continuar d'ali para algum porto da França, onde com effeito veio encontrar mais generosas sympathias. Os tiros nos mares da Terceira enchêrão de indignação os emigrados, acrescentarão a ousadia do governo usurpador em Portugal, e desenganarão as esperanças de muitos; mas com tudo isso ainda nao poderão conseguir o desalento total de um partido tenaz em defender-se no meio de taes hostilidades. Os portuguezes continuarão a sair da inhospita Inglaterra: os mais valentes procurarão a ilha Terceira, não obstante o bloqueio inglez, e os perigos que ali os esperavão; alguns partirão para a Belgica, e outros chegarão ao Brasil.

Entretanto o marquez de Barbacena, que accompanhava a rainha de Portugal como Plenipotenciario de D. Pedro unico protector natural de sua augusta filha, encetou em 25 de novembro de 1828 uma correspondencia official com o conde de Aberdeen, secretario d'estado dos negocios estrangeiros da Grã-Bretenha. As notas de Barbacena reclamavão da Inglaterra soccorros effectivos para collocar a rainha no throno de Portugal, que por direito lhe pertencia, baseando este pedido na alliança dos tratados entre as duas corôas. Aberdeen entre outras respostas evasivas ponderou, que lord Strangford enviado ao Brasil havia recebido de D. Pedro declarações dos desejos que tinha de entregar aos conselhos de seu sogro, e do rei de Inglaterra, as infelizes desavenças da casa de Bragança; e que este embaixador se achava munido na corte do Rio de Janeiro com aquellas instrucções, que as circumstancias do caso parecião exigir, e erão efficazes para produzir uma reconciliação entre o imperador e seu irmão. As bases em que o gabinete de S. James fundava o ajuste dos negocios de Portugal, communicadas verbalmente a Barbacena, reduzião-se a estes artigos: 1.° O casamento immediato da rainha de Portugal com o infante, tendo este o titulo de rei; 2.° a conclusão de um pacto de familia, do qual seria arbitro o imperador d'Austria; 3.° no caso em que a rainha fallecesse sem successão, a corôa passaria ao ramo real de Portugal; 4.° no caso do fallecimento do rei regente, a rainha reinaria; 5.° não tomar conhecimento algum das mudanças accontecidas nas fórmas do governo de Portugal etc. Barbacena repellio estas proposições indecorosas para o que não se achava munido de poderes, e declarou que, segundo as ordens ultimamente recebidas da parte do imperador, estava authorisado a concluir qualquer arranjo que tivesse por fim restabelecimento de sua filha sobre o throno de Portugal, comtanto que o casamento desta joven princeza com o infante seo thio não fosse uma condição de tal arranjo. Esta exigencia fundada nos mais jus-

tos sentimentos da honra e humanidade contrastava formalmente com o essencial das bases, que havião sido dadas a lord Strangford, e por isso cerrava toda a entrada a um ajuste definitivo. Então o marquez de Barbacena, depois de uma longa correspondencia protraída até maio de 1829, declarou ter recebido a resposta do *ultimatum* da parte do governo inglez, e annunciou a prompta retirada da rainha para o Brazil segundo as ordens positivas de seu augusto pai. Aberdeen, a quem esta declaração surprehendêra, acudio com os seus sentimentos de pezar, exforçando-se em persuadir as vantagens que resultarião á rainha de Portugal se continuasse a residír na Europa, e com especialidade rodeada de seus parentes na côrte de seu avô o imperador d'Austria. As tenções talvez sinistras que andavão neste conselho *inglez* não forão attendidas pelo embaixador brazileiro, que em nota de 18 de junho dêo por impreterivel a determinação de D. Pedro, illudindo a seu turno aquella perfidia que negára um apoio justamente devido. No dia 30 de agosto de 1829 a rainha de Portugal sahio de Porthsmouth para o Brazil accompanhada da imperatriz Amelia.

« — Em quanto tudo se conspirava contra a causa dos emigrados portuguezes e da sua joven rainha, o governo de Lisboa composto de homens sanguinarios sabia muito bem debelar as sublevações dos seus adversarios com aquelle direito que anda inherente ao poder supremo, ou elle seja legitimo ou reine sómente de facto. Pelas 8 horas da noite do dia 9 de janeiro de 1829 o brigadeiro Alexandre Moreira, levado de persuasões que ainda nos são desconhecidas, intentou uma sublevação contra o governo usurpador dentro do quartel da Brigada Real da Marinha de Lisboa. Esta tentativa mal combinada foi impedida pelas instancias do major Caldeira, que immediatamente fez capturar o chefe e a outros complices. Uma commissão creada para julgar do accontecimento proferio sentença, de que resultou o supplicio de cinco individuos, em 27 de fevereiro, e igual numero em 6 de março seguinte.

« — Se a severidade do governo de D. Miguel se limitasse sómente a desembainhar o alfange contra os sublevados depois da sua exaltação ao throno portuguez, ainda que usurpado, encontraria por certo a approvação daquelles politicos que oppinião pelo direito, que tem qualquer soberano constituido de facto; mas os intuitos da facção dominante avançárão mais ao longe. Deparárão na exaltação da gentalha e no apoio decidido do ministerio inglez como em fundamentos inabalaveis e eternos da sua tyrannia, e por isso determinárão saciar a sua raiva, esperando ao mesmo tempo aterrar um adversario abatido com o supplicio de algumas victimas, que em boa politica erão justificadas pelos mesmos principios, que os tinhão mettido na posse de Portugal. O sanguinario tribunal da alçada erecto na cidade do Porto, sempre docil ás determinações enviadas de Lisboa pelo ministro Barros, encetou a sua carreira mandando ao cadafalso 10 cidadãos, que no dia 7 de maio de 1829 soffrerão morte afrontosa no meio dos escarneos e galhofas de um carrasco designado para este mesmo fim. Outros na mesma sentença forão condemnados a degredo, como escolhidos debaixo de certas considerações para tocar em todas as classes da sociedade. Então muitos homisiados, que até alli tinhão vivido na vãa esperança de uma amnistia, emigrárão no meio de grandes difficuldades, largando familias e abandonando tudo, menos a segurança pessoal. Passados alguns dias, a côrte de Lisboa quiz fazer um ensaio de clemencia, ou para ostentar bizarria ou para atrahir os incautos; porém houve-se muito mesquinha em negocios de uma indole contraria á sua. Ignacio Moniz Coelho, que escapára do cadafalso no dia 7 por lhe accrescerem novas *culpas*, foi ultimamente posto em oratorio para soffrer a pena ultima. Ao exarar os ultimos embargos o presidente do tribunal publicou a carta regia de D. Miguel, em que lhe perdoava a pena de morte. Este inesperado successo, excitando o jubilo nos consternados companheiros de prizão, deo azo a dizer-se que escarnecião da bondade soberana do seu monarcha!

« — A existencia politica da ilha Terceira apresentava um quadro desanimader e triste aos constitucionaes, mas ao governo de Lisboa era summamente lisonjeiro e com apparencias de facil presa. Um punhado de homens, fraquissimos pela intriga e discordia companheiras das privações, fadigas, e perigos; rigorosamente bloqueados e isolados de toda a qualidade de soccorro moral; os seus dias gastos em vão aguardando auxilios que não chegavão; as noites passadas em vigilias para resistir a todas as astucias do inimigo, e finalmente considerados na ilha como intrusos, filhos desobedientes banidos da mãi patria!... taes erão os obstaculos, que só podião ser superados por um valor filho da desesperação. Já D. Pedro como tutor de sua augusta filha havia creado uma regencia em 15 de junho de 1829, mas esta ainda estava longe de poder obviar ás urgentissimas necessidades do caso presente. Nestas circumstancias o conde de Villa Flor appareceo nomeado, como por encanto, governador e capitão general dos Açores. No dia 22 daquelle mez desembarcou na Terceira em um fraco lenho, desafiando os cadafalsos de D. Miguel, e illudindo os carcereiros da ilha. A sua presença, desviando a maior confusão de animos perturbados, influiu energia e actividade, e vigorou os conselhos.

« — Os preparativos da côrte de Lisboa para atacar a ilha Terceira resoárão por toda a Europa, e lá no seu pensamento derão por decidida a destruição dos infelizes defensores. Uma poderosa esquadra deo á vella com todos os meios de uma victoria provavel, levando authoridades civis e um carrasco para executar os desejos sanguinarios do seu soberano. Era composta de uma náo, tres fragatas, duas corvetas, quatro brigues, e quatro charruas com outros vasos de transporte, montando a 344 bocas de fogo, e transportando a seu bordo mais de tres mil homens de tropas de desembarque. Em 29 de julho appareceo nos mares da Terceira, conservando-se nos seguintes dias bordejando na costa ao sul da ilha, até que no memoravel dia

11 de agosto deixando uma corveta defronte d'Angra, todos os vasos inimigos, favorecidos pelo vento e aguaceiros, entrárão rapidamente na bahia da Villa da Praia fundeando pelas 11 horas e meia da manhãa. Esta bahia forma um arco cuja corda terá meia legoa de comprimento: na ponta do sul está o forte de S. Catharina, e ao norte o do Espirito Santo, seguindo-se a este o forte do Porto e varios outros.

« — Defendia esta posição o bravo batalhão de Voluntarios da Rainha com alguns artilheiros da costa, que apenas contarião o numero de 300 homens. Quando o inimigo entrou pela bahia, o forte do Porto rompeo fogo, a que a esquadra miguelista respondeo vigorosamente, e continuou dando mais de 4 mil tiros até ás 3 para as 4 horas da tarde. A este tempo uma forte columna das suas melhoras tropas, transportada em lanchas para terra, accometteu denodadamente o forte do Espirito Santo; mas alguns dos escaleres tiverão de retroceder estragados do fogo terrivel dos defensores. Com tudo a maior parte dos inimigos, que se achava em terra, occupou o forte já evacuado, em quanto outros subírão ao cume de um monte que o domina. Fôra momentanea esta vantagem, porque os bravos Voluntarios da Rainha os desalojárão immediatamente á força de bayoneta e precipitárão os attacantes pelos alcantilados rochedos, que descem quasí verticaes ao mar. Neste tempo a maré crescia, e as lanchas voltando á esquadra abandonárão os seus na mais terrivel situação que se póde imaginar: expostos ao fogo sem poderem escapar ou defenderse, forão todos mortos ou prisioneiros. A' bravura, e á consciencia de uma morte certa se o inimigo vencesse, e não á pericia militar, é devida em grande parte a defesa gloriosa deste dia: cada um combatia, não já pela causa da rainha, mas pela sua propria vida, que dalli sobreestando o carrasco havia de immolar no cadafalso ao tyranno de Portugal.

« — O conde de Villa Flor havia chegado á Villa da

Praia com outras tropas, quando o inimigo conduzindo a segunda columna do ataque se dirigio sobre a direita da linha dos defensores; porém a artilharia de campanha, fazendo voltar uma das lanchas, pôz as outras em tal confusão, que retrocedêrão a cobrir-se com a náo D. João VI. A noite sobreveio, e os miguelistas tinhão perdido a batalha. A confusão e recriminações existião agora na esquadra maltratada, a que o commandante mandou cortar as amarras, e fez-se ao mar aproveitando uma leve viração.

« — Os vencedores cuidárão de retirar das rochas alcantis os infelizes soldados que para alli forão arrojados, e confundírão com summa generosidade aquelles que um semelhante acolhimento não esperavão. A perda dos defensores da ilha foi nimiamente pequena, se a comparâmos com a do inimigo: vinte oito feridos e doze mortos, entrando neste numero o capitão de infantaria M. J. Simões, o tenente de cavallaria J. C. Osorio, e o de Voluntarios da Rainha J. N. de Carvalho. A gazeta de Lisboa lamentou a perdição de 473 homens dos seus, entrando 26 officiaes entre mortos, feridos, e extraviados; mas na ilha calculou-se ao inimigo no primeiro ataque a perda de mil homens, ficando destes perto de 400 prisioneiros, além do destroço que soffreo na segunda columna. Tambem perdeo as canhoneiras com que havia protegido o desembarque, e os vasos de guerra, especialmente a náo D. João VI e a fragata Diana, soffrêrão estragos abandonando as ancoras e amarras. O general conde de Filla Flor não duvidou declarar officialmente: « Que toda a guarnição da ilha Terceira procedêra como cumpria aos deffensores da mais santa e generosa causa; porém que a principal gloria daquelle dia pertencia ao corpo de Voluntarios de D. Maria II, e que a narração exacta do seu procedimento fazia todo o seu elogio etc. »

« — Passado este tormentoso combate, os officiaes prisioneiros rogárão ao general Villa Flor se dignasse transmittir ao Roza Coelho commandante da esquadra uma car-

ta assignada por elles, em que lhe supplicavão a remessa das suas bagagens, vista a dura necessidade do seu captiveiro e as nenhumas esperanças de recuperação. O general procedeu com generosidade annuindo ás suas rogativas e simultaneamente um convite ao inimigo para que se decidisse a adoptar a nobre causa dos defensores da ilha. A resposta foi negativa e ridicula, porque sem cumprir com a remessa ousou declarar que não havia prisioneiros por isso mesmo que não tivera perda. Ao segundo quesito respondeo com identicas proposições. A indignação dos prisioneiros cresceo com justos fundamentos já pelo roubo sensivel de seus haveres, como pela estupida resposta com que pertendera encobrir acontecimentos tão patentes. — »

O imperador do Brazil nomeára, no dia 15 de outubro de 1829, uma regencia presidida pelo marquez de Palmella, e encarregada de sustentar os direitos da rainha D. Maria. Este conselho resolveu estabelecer-se nos Açores, unico ponto aonde lhe era permittido exercitar a sua auctoridade. Chegou a regencia áquella ilha no dia 3 de março de 1830. A esta epocha já o conde de Villa Flor tinha alcançado um brilhante triumpho sobre a expedição que D. Miguel havia mandado contra os constitucionaes, e que aquelle general teve que combater pouco tempo depois da sua chegada, no dia 11 d'agosto de 1829.

Os desejos de D. Pedro realisarão-se pelo mesmo tempo. A rainha sahiu d'Inglaterra, e embarcou em Portsmouth, acompanhada do marquez de Barbacena. Uma segunda mãe, escolhida por D. Pedro, a hia condusir ao Brazil: a digna filha d'Eugenio Beauharnais, a imperatriz Maria Amelia, chegou a Ostende, e as duas princesas partirão no dia 30 para o Rio de Janeiro. Sabião ellas já o brilhante feito d'armas da ilha Terceira, e derão essa noticia a D. Pedro, no dia 30 de outubro.

Guardaremos silencio sobre a desastrosa epocha dos desterros. Tambem muito d'industria calâmos as arduas e occultas luctas que se multiplicárão em França, Inglaterra,

e Belgica. O anno de 1830 começou em Portugal por um acontecimento da maior importancia. A rainha Carlota falleceu no dia 7 de janeiro; e no dia 3 de março embarcou o conselho de regencia para a ilha Terceira, composto apenas de dois membros, e publicando alguns decretos importantes.

D. Miguel acabava de contrair um emprestimo de 50 milhões, quando os successos dos tres dias mudarão a face politica da Europa. Os acontecimentos que então houve no Brazil, derão grande impulso aos negocios de Portugal. No dia 2 de novembro deste anno declarou elrei Guilherme 4.° na abertura do parlamento que não tinha até alli enviado embaixador á côrte de Lisboa, porém que a amnistia que o governo acabava de publicar o auctorisava a restabelecer com elle as antigas relações. Este facto não precisa commentarios... Com a queda do ministerio Wellington começou a predominar nova politica.

Por este tempo fez o general Saldanha novas tentativas em París para fazer triumphar a sua causa. O general Pisarro foi a Bayona, para formar o casco de um exercito portuguez. Pelos exforços do general Saldanha forão admittidos nos depositos francezes 500 refugiados portuguezes. La Fayette favoreceu este projecto, e a nobre corte do joven duque d'Orleans tomou grande interesse neste negocio. No fim deste anno é que se realisou o emprestimo Maverly.

Os dias 16 de fevereiro, e 16 de março de 1831 tornarão-se notaveis em Lisboa por sanguinolentas execuções. — Um successo occorrido obrigou a França a intervir contra o governo portuguez. M. Sauvinet ancião de 75 annos, e o outro francez chamado Bonhomme, dos quaes ninguem até alli se havia queixado foram presos por motivos de nenhum valor, posto que fundados em diversas accusações. A commissão especial estabelecida em Lisboa os condemnou ás penas mais crueis, e aviltadoras (*). Pelo

(*) A sentença proferida contra M. Sauvinet, quasi o con-

que elles sollicitá-ão a protecção do seu governo. O nosso consul geral desenvolveu então tanta habilidade como energia. Exigiu a annulação das duas sentenças, que quasi condemnavão um velho á morte, e injuriavão a outro francez. — M. Cassas não podendo obter a pedida satisfação retirou-se de Lisboa, e com elle muitos compatricios nossos. Sahiu de Lisboa em 19 de abril, no brigue *Endymiano*, e no dia 16 de maio a esquadra mandada pelo vice almirante Roussin appareceu nas aguas do Tejo, dando tão sómente quarenta e oito horas ao governo de D. Miguel para que satisfizesse ás reclamações feitas por M. Cassas. Como se não desse a exigida satisfação começarão as hostilidades no dia 23. No cabo de algumas horas estava a esquadra de D. Miguel em poder do almirante francez. Quando estes successos occorrerão não estava a regencia da Terceira ociosa. Resolveu apossar-se de algumas ilhas visinhas, caindo em seu poder, no dia 21 de abril, a ilha do Pico; Fayal escapou a tão rapida conquista, porém S. Jorge teve no dia 9 de maio a sorte da ilha do Pico.

Na epocha em que entrâmos os factos se accumulão de fórma tal, que complicão a narração. D. Pedro, sob

demnou a pena de morte, porisso que o mandava perpetuamente para Africa. Era accusado de haver lançado foguetes na manhã de 8 de fevereiro, e de se ter escondido quando o iam prender. Sem embargo das constantes e corajosas representações do consul francez, a sentença iniqua que condemnava um de nossos compatricios foi executada na manhã de 31 de março; e M. Bonhomme que se não tinha podido salvar foi ignominiosamente açoutado pelas ruas de Lisboa. Este supplicio fôra-lhe imposto pelo supposto crime de sacrilegio, quando a innocencia do réo estava provada. Temos á vista a sentença que a commissão proferiu, e ainda que a não possâmos transcrever pela sua grande extensão, apontamo-la á historia como um acto de demencia que caracterisou uma epocha. M. Cassas exigiu energicamente não só a soltura de M. Bonhomme, mas tambem um acto de rehabilitação, a indemnisação pecuniaria de 20$000 francos, e a demissão dos juizes.

o titulo de duque de Bragança, voltou á Europa, e residiu por pouco tempo em Inglaterra. No mez de junho, D. Maria II. que sahira do Brazil chegou á cidade de Brest, depois de noventa e cinco dias de viagem. Este periodo tambem é marcado pelo vigoroso feito do almirante Roussin, que no dia 11 de julho de 1831 forçou o porto de Lisboa, obrigando D. Miguel a pôr-se á discrição do vencedor.

Desde esta epocha até 1832, as combinações em que descansa a politica de Portugal, ligão-se e se encadeão. D. Pedro esteve em Paris pelo espaço de alguns dias, no mez de julho de 1831, e conduziu no mez d'agosto a joven rainha de Portugal a Londres, recebendo, no dia 7, officialmente os portuguezes que se lhe reunírão. Observava-se no rosto de D. Pedro, que estava ao lado da rainha, a expressão de um profundo desejo. Comprehendeu elle que o destino de sua filha, era como disse o poeta o penhor desta lealdade.

A residencia que D. Pedro fez em Inglaterra foi de curta duração. No dia 16 partiu elle para Paris com a imperatriz e a joven rainha. D. Maria foi magnificamente recebida no palacio de Meudon. Foi ali que houve noticia dos triumphos do conde de Villa Flôr, na ilha de São Miguel.

Da perseverante coragem que renovava tantos esforços devião esperar-se os resultados presentes á lembrança de todos. D. Pedro os comprehendeu, e fez os necessarios apercebimentos para se reunir aos valentes que combatião nos Açores. Pelos generosos esforços de alguns homens, entre os quaes é justo enumerar M. G. Malo conseguiu organisar-se uma expedição militar. No dia 10 de fevereiro de 1832 partiu D. Pedro de Belle-Isle en-mer dirigindo-se aos Açores. A segunda divisão, commandada pelo general Diocleciano Leão Cabreira só pôde sair de França dezenove dias depois da primeira.

D. Pedro chegou a São Miguel, e demorando-se pouco tempo nesta ilha, achava-se já no dia 3 na Terceira,

aonde a regencia lhe entregou a auctoridade formando elle novo ministerio, de que fizerão parte Palmella, e Mousinho da Silveira. Praticou este ultimo alguns actos de firmeza, fazendo as indispensaveis reformas. O duque de Bragança declarou-se tãobem generalissimo das forças de terra e mar, confiando depois o commando em chefe ao conde de Villa Flor. A esquadra ficava ás ordens do almirante Sartorius, official inglez que passou ao serviço da rainha. No dia 27 de junho sairão as trez divisões da ilha de São Miguel (1) chegando no dia 7 de julho ás costas de Portugal, e no dia 8 ás duas horas e meia havião todas as embarcações de guerra tomado posição em frente da praia denominada Mindello, entre Villa do Conde e Porto.

O exercito libertador alcançou logo vantagens. As tropas miguelistas, postadas em Leça, virão-se dentro em pouco tempo obrigadas a retroceder para o Porto, passando o Douro; porem dois batalhões de caçadores, formando a vanguarda das forças da rainha marcharão para a segunda cidade do reino, sendo victoriados por toda a parte onde passavão. Ao meio dia, seguido D. Pedro do resto das tropas deu entrada n'aquella cidade.

Não nos é possivel descrever com miudeza as particularidades da batalha de Ponte Ferreira dada em 23 de julho de 1832. O exercito de D. Miguel perdeu nella 500 homens; e a falta de cavallaria fez com que as tropas libertadoras não colhessem maiores louros. Em Souto Re-

(1) A expedição de D. Pedro compunha-se das seguintes forças: — duas fragatas, uma corveta, dois brigues, quatro escunas, quarenta transportes, com trez baterias de artelharia de campanha e 8,500 homens, nos quaes não vinhão mais de 7,500 combatentes. Nestas forças devem comprehender-se 541 officiaes e 183 musicos. O exercito de D. Miguel, derramado pela superficie do reino contava 79,525 praças e 3791 cavallos. O visconde de Santa Martha era então o general que commandava as forças de D. Miguel.

dondo a perda do exercito da rainha foi quasi igual áquella, subindo a 400 homens. Depois desta jornada foi chamado para commandar o exercito de D. Pedro um general francez ferido na batalha do Vimeiro. M. de Solignac chegou ao Porto no dia 1 de janeiro de 1833, começando desde logo uma série de operações de que nos não é possivel recontar. D. Pedro deu em muitas occasiões brilhantes provas de valor; a sua actividade não podia igualar-se, sendo visto muitas vezes a trabalhar nas fortificações. Em breve as operações se resentirão de uma especie de desintelligencia. Diremos tão sómente que o barão de Solignac não podendo conseguir que lhe seguissem os planos demittiu-se no cabo de seis mezes, sendo ferido na occasião em que embarcava para França. Cumpre dizer que na refrega de 4 de março de 1833 participou este general da indisputavel gloria que alcançarão o marechal Saldanha e o general Torres. O conde de Saldanha que a pesar de mui grave doença se decidira a vir para o Porto, tomou no dia 26 de janeiro de 1833 o commando do exercito, de acordo com o conde de Villa Flor, que foi então agraciado com o titulo de duque da Terceira. Durante este longo assédio de onze mezes, em que se padeceu todo o genero de privações, vindo tãobem a colera morbus ennegrecer com o seu lucto permanente os perigos dos combates, em nada enfrequeceu o bellicoso aspecto da cidade do Porto. A constante lucta que ella soportou póde comparar-se á dos demais assédios memoraveis da peninsula. Em menos de um anno arremeçarão-se contra esta cidade, convento da Serra e São João da Foz, 14 a 15000 bombas ou granadas. Só de colera morrerão 3612 pessoas, e o incendio fez em alguns sitios horriveis estragos.

Por este tempo foi o marquez de Palmella encarregado do governo civil. Sob o nome de Carlos Ponza toma o almirante Napier o mando das forças maritimas. Entre alguns actos louvaveis cumpre-nos citar o donativo de 16,000

libras esterlinas feito pelo conde do Farrobo para as necessidades do estado. Grande falta de meios se ia sentir ainda; porem o memoravel combate dado pelo almirante Napier, no dia 5 de julho de 1833 na altura do Cabo de São Vicente, fez desde logo conhecer que estava acabada a lucta. A frota de D. Miguel foi nessa occasião inteiramente destruida. (1) Dentro em poucas semanas viu a Europa o fim a este drama politico. A sanguinolenta batalha d'Almoster, em que o marchal Saldanha commandava, disposera as cousas para grande mudança politica. O estatuto real de 10 d'abril de 1834 outhorgado pela rainha regente d'Hespanha, deveria fazer perder toda a esperança a D. Miguel; porque se reconhecerão os direitos da joven rainha. Este importante acto foi seguido pela França e Inglaterra, o que terminou a questão politica. Ao duque da Terceira estava reservada a gloria de pôr termo á questão militar. No dia 8 de maio entrou elle em Coimbra, e no mesmo dia o almirante Napier se apresentou defronte da Figueira da Foz. A 16 do mesmo mez chegou o duque com a sua divisão a um logar chamado Asseiceira, e o seu repentino ataque poz em debandada as tropas miguelistas, ao passo que o almirante Napier forçava a guarnição de Ourem a renderse. No dia 18 as forças reunidas em Santarem deixarão este ponto, podendo então dizer-se que a causa de Pedro estava ganha. O exercito atravessou o Tejo, e as suas duas divisões mandadas pelo duque da Terceira, e marechal Saldanha obrigarão o inimigo a pedir armisticio, que lhe foi recusado; porem vinlo no dia 26 o general Guedes, declarar que o resto do exercito se entregava á generosidade do vencedor, imposerão os dois marechaes em Evora as condições que devião restituir a tranquillidade ao paiz dan-

(1) A 18 de fevereiro de 1834. Diz-se que D. Miguel perdeu nella 4,000 homens.

do um throno pacifico á rainha Dona Maria: tão importantes noticias chegarão a Lisboa no dia 27 de maio de 1834.

« — Por este tempo um tratado foi celebrado em Londres a 22 de abril, (1) pelo qual a Hespanha se obrigava a mandar um corpo de tropas á sua custa para expulsar os dois infantes do territorio portuguez: a Inglaterra enviaria um auxilio naval, e se acaso as occurrencias o pedissem, a França deveria cooperar para este mesmo fim por ulteriores ajustes. As condições forão que o regente de Portugal daria uma amnistia geral e — um rendimento adequado ao nascimento e graduação do infante D. Miguel, — logo que este se retirasse dos estados da Peninsula. A Hespanha obrigou-se no mesmo sentido para com o infante D. Carlos. Em consequencia destas transacções o general Rodil teve ordens positivas do seu governo para entrar em Portugal, e cooperar com os generaes da rainha até á conclusão da guerra civil.

« — Com a aproximação do general duque da Terceira a Lamego, e logo depois que D. Carlos se evadira de Almeida, a guarnição miguelista desamparou esta praça: então os presos politicos que jazião nas tenebrosas prisões dos seus muros podérão ver a face ao dia, e respirar um ar livre em 18 de abril de 1834. Assegura-se que antes do seu abandono alguem propozera em conselho que se repetissem as horrorosas scenas de Extremoz; mas a existencia desta proposta para que se possa accreditar ainda carece de confirmação. O coronel Antonio de Araujo Valdez fez com que se organisassem ali dois batalhões, que depois vierão a prestar alguns serviços ao norte da provincia da Beira.

« — O duque da Terceira entrou em Vizeu em 2 de maio, e demorando-se quanto lhe fôra necessario para combinar com o general Rodil dirigio-se sobre Coimbra, ao mesmo tempo que o exercito hespanhol por um movimento fa-

(1) Revista Historica já citada, pag. 209.

voravel apoiava a sua esquerda na marcha para o sul do reino. Todas as forças de D. Miguel estacionadas ao norte da provincia da Beira, e aquellas que occupavão a villa de Soure, concentrarão-se na cidade de Coimbra, onde João de Gouveia Osorio tomou o commando com o fim de obstar á juncção do exercito do duque da Terceira com o de Saldanha, e conservar Santarem livre dos ataques destes formidaveis adversarios. Alguem então se persuadíra que o Rio Mondego, offerecendo posições susceptiveis de uma longa defeza, ia ser a base de novas operações; porem Osorio deo ordem de retirada, ou porque recebera instrucções para esse mesmo fim, ou porque as circumstancias do momento o obrigárão a despedir-se por uma vez de uma das boas cidades de Portugal.

« — Ao mesmo tempo que o duque da Terceira entrava em Coimbra no dia 8 de maio, e o almirante Napier desembarcava na Figueira acompanhado de algumas tropas, todas as forças miguelistas retiradas destes pontos marchárão a concentrar-se na villa de Thomar, onde se achárão reunidas no dia 11 de maio. Em quanto o mesmo duque seguia os movimentos do inimigo que se retirava, Napier partindo pela estrada de Pombal veio sitiar o castello de Ourem occupado por uma forte guarnição, que no dia 15 de maio capitulou com as honras de guerra. Quando estes desastres chegárão a Santarem ao conhecimento de João Galvão, este ajudante valido imaginou desviar o desalento do seu exercito publicando uma pomposa ordem do dia em que annunciava a tomada de Faro, e Lagos, e outras fabulas absurdas como o apparecimento daquella esquadra ha tanto tempo desejada em frente de Lisboa. Entretanto um desengano molesto veio brevemente vulnerar as imaginações offuscadas com estas noticias mentirosas: soube-se que Terceira e Napier sustentados pelo exercito de Rodil havião chegado a Thomar, e que Saldanha não tendo já a temer pela sua esquerda sobre Leiria ameaçava passar á margem opposta do Tejo, e tomar Salvaterra.

« — Então era forçoso um combate decisivo para impedir que a posição de Santarem, occupada á custa de tantos sacrificios, não fosse investida pelos temiveis adversarios que se approximavão: Antonio Joaquim Guedes depois de tomar o commando das brigadas miguelistas em numero de 5 mil infantes, 400 cavallos, e 11 bocas de fogo, retirou-se de Thomar em 14 de maio não obstante as ordens que recebêra d'ali se conservar, e veio tomar posições perto da Asseiceira. O duque da Terceira apenas entrou em Thomar seguio de perto o inimigo, e com effeito veio alcançal-o no dia 16 de maio pelas 7 horas da manhã. A sua divisão inferior ao numero da contraria, mas avantajada no valor e ancia dos combates, foi dividida em trez columnas commandadas por João Nepomuceno, coronel Queiroz, e Vasconcellos: — a cavallaria era dirigida pelo bravo coronel Fonseca. Começou o ataque dos atiradores sustentados por reservas avançando sobre o centro e direita do inimigo, que se retirou dos seos postos ao mesmo tempo que fortalecia a sua esquerda, sustentando um reconhecimento das tropas do duque. Tinha chegado aquelle reforço a quem o castello de Ourem se rendera na vespora, quando pelas 9 horas da manhã as columnas precedidas de atiradores e reservas avançárão debaixo de um fôgo terrivel de parte a parte. Então a artilharia inimiga bem collocada começou a jogar com tal vantajem sobre a direita e o centro do exercito do duque, que os soldados forão confundidos e quasi rechaçados. A este tempo Guedes querendo aproveitar-se do ensejo ordenou a Mr. de Puisseux, que carregasse sobre a infantaria e os Lanceiros que avançavão pela sua esquerda, o que este executou com bravura proseguindo as suas vantagens contra os fugitivos. Mas já com o grito da victoria se aproximava a uma pequena altura, quando uma descarga terrivel dos caçadores que ali se achavão emboscados lançou por terra a Mr. de Puisseux, e logo toda a sua cavallaria retrocedeo a communicar a desordem nas fileiras da retaguarda, que immediatamente co-

meçárão a dispersar, accommettidas por todos os lados. A este ponto da esquerda inimiga crescêrão os reforços dos constitucionaes, e a artilharia começou a metralhar os adversarios, que ainda se defendião com os voluntarios de Lamego e o regimento 16.°

« — Nestas circumstancias o duque da Terceira ordenou accommetter o inimigo sobre o centro, o qual principiando a retirar na maior desordem sobre a Barquinha levou comsigo os batalhões encarregados de defender as posições da sua direita, em quanto a esquerda seguia os mesmos movimentos. Tal era o terror e confusão entre o exercito de Guedes, que a sua artilharia e os cavallos vierão caír de todas as partes sobre a infantaria fugitiva: então a derrota foi geral, a cavallaria não se atreveo a proteger a retirada, e alguns batalhões que quizerão resistir formados em quadrado forão obrigados a depôr as armas. O general Guedes fôra o primeiro a retirar, e desta sorte as reliquias do seu exercito, abandonado e disperso, passárão o Tejo em differentes pontos para no seguinte dia entrarem na Chamusca em numero de 1500 infantes e 100 cavallos. Muitos officiaes superiores forão contados em o numero dos immensos prisioneiros deste dia, e 8 peças de artilharia ficárão em poder das tropas da rainha, que pela ultima vez tiverão a lamentar a perda de quasi 300 homens. As gentilezas dos vencedores da Asseiceira forão sem par, os seus brios rivalisarão no calor da acção, e os talentos militares de José Jorge de Loureiro, que sempre accompanhou o duque da Terceira nesta ardua empresa, prestarão um dicidido auxilio á victoria deste dia.

« — Quando os fugitivos trouxerão a Santarem a noticia da sua derrota, o brigadeiro José Urbano, que poucos dias antes havia sido nomeado por D. Miguel commandante da cavallaria, e do mesmo recebêra uma porção avultada de dinheiro para satisfazer as suas necessidades particulares, foi mandado para a Chamusca a fim de se oppôr aos progressos do vencedor. Este homem ingrato, como re-

fere S. Pardoux, vendo que a fortuna desamparava o seu bemfeitor, determina passar para o adversario com um serviço assignalado por que o tornasse propicio. Com este intuito propõe aos officiaes e soldados debaixo das suas ordens, que na margem opposta do Tejo junto á Gollegãa D. Miguel se achava envolvido pelos inimigos, e já prestes a succumbir; que assim esperava encontrar em todos bastante coragem e fidelidade para que o seguissem a libertar o seu rei. Um grito de enthusiasmo saindo de todas as fileiras não deixou a menor duvida sobre os seus desejos: atravessão logo o Tejo, e formão na margem opposta quando se virão immediatamente cercados de todos os lados por alguns esquadrões de Lanceiros da Rainha, e para elles correndo José Urbano com o coronel Antonio Cardoso de Albuquerque, clamando: *Viva a rainha e a constituição.* Os soldados estupefactos cedêrão cheios de indignação execrando os nomes dos traidores que certamente não ficarão em melhor valia no conceito daquelles que os recebêrão. Pouco tempo depois ainda 60 soldados de cavallaria induzidos pelos seus officiaes desertárão das fileiras de D. Miguel para se entregarem ao vencedor.

« — Nestas circumstancias Santarem cercada de todos os lados, carecendo de viveres e mantimentos, apenas contava com um só ponto de communicação pelo Alemtejo, e esse gravemente ameaçado para que se podesse reputar em segurança. Em quanto a guarnição de Abrantes abandonando a praça sem combate atravessou o Tejo marchando sobre Extremoz, o general Rodil avançava com movimentos rapidos sobre Portalegre para cortar as communicações com Elvas, e Saldanha movia-se do seu campo do Cartaxo mandando occupar Salvaterra, e procedendo até debaixo da artilharia de Santarem. D. Miguel resolveu-se então a abandonar esta formidavel guarida, que ninguem havia ousado atacar: uma brigada que alli se achava quiz ficar na villa aonde jurava morrer, mas pelas suas persuasões decidio-se a seguil-o. Na tarde e noite do dia 17 de Maio todas as

tropas passarão o Tejo, deixando as peças encravadas e o arsenal incendiado, ao mesmo tempo que D. Miguel passando e repassando o rio dava as suas ordens com uma presença de espirito notavel, mostrando energia e o zêlo infatigavel, que tinha adquirido nestes ultimos tempos pela triste experiencia dos seus infortunios. O general Saldanha entrando em Santarem no dia 18 mandou atacar a retaguarda do exercito inimigo, que ainda atravessava o Tejo e seguia para Evora pela estrada de Coruche com alguma ordem, em quanto por outras partes reinava a mais completa derrota e assombrosa anarquia.

« — D. Miguel entrou em Evora a 21 de Maio, onde foi precedido por seu thio D. Carlos que, accompanhado da sua familia e dos seus adherentes hespanhoes, viera perseguido pelo exercito de Rodill desde a cidade da Guarda a buscar um asylo até este ponto. O general Saldanha atravessando o Tejo abaixo de Santarem tinha marchado pela estrada de Arraiolos sobre Evora-Monte, afim de fazer a sua juncção com o duque da Terceira, que depois da batalha da Asseiceira manobrára na intenção de cortar as communicações com Elvas, e embaraçar ao exercito inimigo de se introduzir nesta praça. Desta arte as reliquias do exercito de D. Miguel achárão-se cerçadas novamente na cidade de Evora em força de 15 mil homens de todas as armas, e alli os seus generaes acabavão de conhecer do tratado da quadruple alliança. Um armisticio de 48 horas encetado entre o general Saldanha e Guedes era o espaço de tempo, que se apresentava a D Miguel e seus adherentes para tomar um partido. Dois planos se apresentárão: o primeiro propunha esperar o adversario nos campos d'Evora, e dar uma batalha decisiva contando com o apoio das forças do Algarve, que se dirigião por ordem áquelle ponto; e o segundo requeria um commandante audacioso que, organisando uma columna forte de 8 mil homens escolhidos, cahisse de improviso sobre uma das tres divisões que cercavão Evora a largas distancias, e mudar por esta fórma o aspecto da guerra.

« — Então os generaes de D. Miguel chamados a conselho para decidirem da extrema sorte dos seus negocios affirmárão, que nada poderia esperar-se dos officiaes e soldados abatidos e desmoralisados com tão repetidos revezes para imaginar uma probabilidade de mudança de fortuna em um combate atrevido; que o exercito da rainha, forte em numero e victorioso, era auxiliado das potencias estrangeiras; em summa, que elles tinhão assás feito pela sua causa para que se não dissessem cobardes, mas que não querião sacrificar inutilmente as suas vidas nos campos de Evora. Com esta resolução D. Miguel decidio-se a entrar em negociações.

« — Entretanto pelas correspondencias que tiverão logar entre o commandante Lemos e os generaes Saldanha e Duque da Terceira fica patente, que o armisticio rejeitado eliminava toda a idéa de capitulação, sendo forçoso a D. Miguel e ao seu exercito o sujeitar-se ao rigor dos seus destinos. Em virtude do tratado da Quadruple Alliança já estava decretado que D. Miguel e D. Carlos saírião para sempre da Peninsula Hispanica, empregando os signatarios as forças necessarias para o levar a effeito sem que os pertendentes houvessem meios de resistencia, como expressamente o declarárão a Lemos o general Saldanha e o negociador inglez Wilde. A amnistia além de ser uma das condições do mesmo tratado era tão justa, como necessaria; ficando averiguado que os destinos de D. Miguel e D. Carlos não forão objecto de estipulações feitas no campo, e que alí sómente se tractára da entrega das armas, e do modo de dissolver o exercito.

As condições impostas aos vencidos, e assignadas em Evora-Monte a 27 de maio de 1834 asseguravão a D. Miguel, (a quem logo se recusou o titulo de infante) uma pensão annual de 60 contos de reis, attendendo á cathegoria em que nascêra, devendo elle restituir as joias pertencentes á corôa ou particulares. Concedeo-se-lhe que poderia embarcar em um vaso de guerra pertencente a qual-

quer das potencias signatarias do tratado de Londres de 22 de abril, affiançando-lhe toda a segurança para a sua pessoa e comitiva. Por outro artigo D. Miguel era obrigado a saír de Portugal no prazo de 15 dias para nunca mais voltar á Peninsula Hispanica ou aos dominios portuguezes, nem por modo algum concorrer a perturbar a tranquillidade do reino: em tal caso perderia o direito á pensão estabelecida, e ficaria sujeito ás outras consequencias do seu procedimento. D. Miguel acceitou as condições escolhendo saír da cidade d'Evora no dia 30 de maio para a villa de Sines, onde teria logar o seu embarque, acompanhado das pessoas da sua comitiva, e por 20 cavallos dos que servírão no seu exercito com dois esquadrões das tropas da rainha. Publicando estas duras condições fez uma proclamação ao seu exercito para não desmentir o conceito que era obvio a todos os que conhecião as suas intenções: nella explicava a necessidade que lhe era imposta por tantas forças reunidas, e a impossibilidade de resistir ao tratado da Quadruple Alliança; recommendava-lhe obediencia e resignação, agradecia-lhe o seu affecto e fidelidade, e terminava por não abandonar os seus titulos e direitos.

Como no acto das condições de 27 de maio Lemos declarasse que nada tinha a estipular sobre os negocios do infante D. Carlos, mr. Grant secretario da legação ingleza tomou sobre si o representar-lhe os seus interesses. Concordárão então que D. Carlos sairia no dia 30 para Aldea Gallega, onde deveria embarcar; que os generaes da rainha responderião pela segurança da sua pessoa e comitiva; e que os hespanhoes em Portugal compromettidos no seu serviço passarião a um deposito, a quem o governo portuguez daria os meios de subsistencia.

No dia 31 de maio as tropas de D. Miguel reunidas em Evora depozerão as armas no edificio de Seminario, e dividirão-se em differentes depositos para marcharem aos logares da sua naturalidade. Triste condição fôra

a dos vencidos, que agora rompião em imprecações contra os seus commandantes accusando-os de roubos e traições, quando sómente se deverião queixar daquella sorte inexoravel que rege os destinos humanos!

No dia 1.° de junho pelas 5 horas da tarde chegou D. Miguel ás praias de Sines para experimentar os improperios daquella plebe inconstante, de quem outr'ora recolhêra acclamações: o povo que o aguardava exaltou-se tanto com o seu apparecimento, que fôra necessario ao commandante da guarda usar de todas as cautellas e providencias para que elle e os da sua comitiva não fossem assassinados. Verificou-se portanto o embarque pelas 6 horas da tarde a bordo do navio de guerra inglez Stag, no meio de ameaças, tiros de pedra, e vozerias de homens e mulheres, que ao mesmo tempo gritavão — viva a carta constitucional — com as outras acclamações do tempo. Entrárão a bordo do mesmo vaso 36 creados, e 27 sugeitos da privança de D. Miguel, entre os quaes figurávão com especialidade o conde de Soure, João Gaudencio Torres, João Galvão Mexia, José Antonio de Azevedo Lemos, e Antonio José Guião. No mesmo dia entrou D. Carlos com a sua familia e comitiva a bordo do navio inglez Donegal.

Com estes successos extraordinarios todo o reino de Portugal e as suas dependencias entrárão na submissão do legitimo governo da rainha: o barão de Sá Bandeira fez depôr as armas ás forças de Cabreira, que se achavão no Algarve durante as transacções de Evora Monte, e passados poucos dias a praça d'Elvas e o forte da Graça fizerão o seu rendimento. Parece que os commandantes da guarnição desta praça e alguns nobres que alli se achavão encerrados, contando com 2000 homens e mantimentos para dois mezes, ousárão um momento resistir; porém a prudencia veio em seu auxilio, e em virtude dos despachos dirigidos á infanta D. Izabel Maria procedêrão a um auto de Camara, em que bem a seu pezar reconhecêrão

as condições impostas em Evora Monte. O duque de Cadaval, seu irmão o duque de Lafões, e toda a nobreza que se achava dentro da praça, subscrevêrão neste documento dictado pelas circumstancias.

Todos os diamantes e joias da corôa que se achavão no forte da Graça, e alguns dizem que tãobem 12 milhões em ouro e prata, vierão para Lisboa em quanto D. Miguel largava as escusas praias de Sines para ir desembarcar no porto de Genova, onde publicou um protesto contra as condições que acceitára em Evora Monte. Queixão-se, (e sem razão) os seus amigos; « Que os constitucionaes mandárão de Lisboa um bando de malfeitores á sua custa para o insultarem, e até mesmo assassinarem, correndo elle os maiores riscos atè que entrarão no vazo inglez. » Bem longe de approvarmos semelhantes procedimentos, que em boa consciencia a justiça não deve desculpar ainda mesmo áquellas muitas pessoas que delle havião exuberantes resentimentos, se por ventura fôra verdadeira e especial aquella missão, o que pelo menos no todo não parece exacto em vista do grande numero de mulheres que assistirão, diremos com tudo que já não fôra o primeiro exemplo, em que um máo principe tenha experimentado a volubilidade dessa plebe, cega em seu amor e cega em seu odio, que não conhece outro senhor mais do que a fortuna do vencedor.

As condições de 27 de maio pelas quaes em Evora-Monte se permittira a D. Miguel que se ausentasse, e a publicação da amnistia ampla a favor dos seus sectarios, chegárão a Lisboa no mesmo dia e no momento em que o duque de Bragança, e a rainha assistião á representação do theatro de S. Carlos. Tanto bastou para que logo ahi os animos exaltados rompessem em clamores e vozerias descompostas contra os ministros da corôa, chegando a ponto de perderem o devido acatamento ás augustas pessoas que se achavão presentes, especialmente ao duque de Bragança que extremamente magoado pelas inconsideradas perten-

ções de quem se persuadia, que elle viera a Portugal para alcançar patibulos sobre patibulos, respondeo que o processo de um irmão promovido por outro, alem de ser repugnante e improprio, a Europa não poderia encarar impunemente esse espectaculo, e que outros motivos ponderosissimos a seu tempo serião patentes, para que o desengano illustrasse as intempestiveis accusações que lhe erão feitas. Passava-se esta scena demagogica e offensiva na presença daquelle, (força é confessal-o,) sem cuja preponderancia impossivel seria tirar a nação ao jugo da tyrannia: feissima ingratidão por certo, mas desculpavel se considerarmos, que os preconceitos arrastrão os melhores entendimentos. Um valente official admirador do duque de Bragança escrevia ha pouco tempo: « A sempre fatal convenção d'Evora Monte, parto abortado dos degenerados portuguezes estrangeirados, suffocou nossas operações guerreiras! o mais execravel dos tyrannos existe ainda! mas saiba o mundo que nosso valor não foi suffocado, foi sim trahido! A nação tão atrozmente tyrannisada, tinha, e tem juz sagrado a vingar-se do monstro que tanto a flagelou! odio eterno ao degenerado portuguez que foi o conselheiro de tal convenção! odio sempre eterno ao chefe que demorou a marcha triumphante dos nossos bravos, e que por tal modo deu logar a que o tyranno não fosse punido. » Respeitamos os serviços, e opiniões do nosso contemporaneo; mas se o logar aqui o permitisse nós lhe mostrariamos que pelo tratado de Londres o general Rodil cooperou com o duque da Terceira, e que este visivelmente não chegaria tão depressa aos muros de Santarem, obstado pelos numerosos recursos e tenacidade dos defensores, que D. Miguel ainda então possuia; e cousa facil seria provarmos com exemplos historicos que a sorte da guerra é tão precaria, que muitas vezes um terror panico, a circumstancia a mais insignificante, um fumo por exemplo, descompõe os animos de um exercito forte, e os planos os mais bem organisados.

« — Como quer que seja, as transacções de Evora-Monte forão recebidas com grande descontentamento pela maioria do partido vencedor, e esperava-se a cada momento alguma sedição que poderia avançar a effeitos perniciosos. Para calmar ôs animos irritados, o governo quiz por assim dizer deslumbrar as preocupações do tempo, e evadir-se das imputações publicando decretos, que infalivelmente havião de ser contemplados como actos liberalissimos. A extincção das ordens religiosas, a abolição da companhia do Alto Douro e a prohibição de que os pares sectarios de D. Miguel não tomarião assento na camara, corresponderão ás intenções dos seus authores.

« — Os espiritos socegarão algum tanto por esta parte, mas não assim os odios particulares contra os miguelistas que agora voltavão ás suas casas, talvez porque não se lhes offerecera o refugio da imigração. As injurias forão atrozes, os excessos tinhão ido em demasia para que um governo ainda mesmo com força sufficiente podesse subtrahir o partido supplantado á vingança das perseguições. A anarchia subio de ponto na mesma capital do reino, onde os assassinatos e outros crimes se prepetrárão em presença da séde do governo, como se queixou logo o ministro do reino em portaria de 5 de junho: « Que havião extremamente magoado o coração do duque de Bragança os excessos praticados naquelles ultimos dias contra algumas pessoas, que recolhião á cidade, fiados na protecção da lei, que punha em esquecimento seus passados crimes politicos. » Recommendava ao perfeito da extremadura medidas preventivas, prudentes, e acertadas para atalhar as desordens que, prolongando as agitações politicas, desacreditarião o governo se as não reprimisse; mas o contagio estava muito ateado, e as scenas cruentas continuarão, e repetirão-se por todo o reino.

« — Marchavão os negocios publicos no meio destas difficuldades, ao mesmo tempo que a discordia rebentava no seio do partido, que ha pouco acabara de se firmar,

atiçando a cubiça dos homens constituidos no poder, e os desejos invejosos de quem pertendia elevar-se. Um acontecimento imprevisto veio chamar a attenção geral. Rodrigo Pinto Pizarro chegando á barra de Lisboa em 22 de junho de 1834 achava-se a esse tempo demittido de coronel do exercito, e incluido em um sumario começado em virtude de uma portaria do ministerio das justiças de 4 de outubro de 1833, acompanhado de alguns impressos em idioma francez e portuguez, pela qual se mandava proceder contra os authores e dissiminadores de taes papeis. Pizarro, como em outra parte indicamos, fôra o primeiro que na imigração combatêra a legalidade da regencia de duque de Bragança, e havia por essa sua opinião atrahido os odios de quem então dispunha do poder. Logo que a sua chegada fôra conhecida do governo, o ministro do reino ordenou ao prefeito da extremadura que o mandasse pôr immediatamente fóra de Portugal; porem este magistrado, ou pela sua propria deliberação, ou porque recebera instrucções altas e occultas, determinou que o ex-coronel fosse preso e remettido com segurança á torre de S. Julião. Esta ultima ordem teve execução no dia 23 de junho em uma hospedaria onde, se damos credito ao auto de diligencia, Pizarro rompendo em improperios contra o duque de Bragança e os seus ministros, preparou-se a resistir até ser constrangido pela força a occupar a prisão, em que ficára incommunicavel. Estes successos motivárão um novo summario, e inqueritos de testemunhas de que resultou a pronuncia de Pizarro em 18 de julho de 1834.

« — Este procedimento dos agentes do poder, despotico e impolitico, produzio effeitos que não correspondêrão aos intuitos de quem o aconselhára, querendo afastar o homem que aborrecião usárão de prepotencia, derão consideração a um inimigo que talvez então não a possuia e fizerão com que o partido da opposição, que principiava a organisar-se nas eleições, aproveitasse esta occasião pa-

ra o elegerem poucos dias depois deputados pela provincia do Douro.

« — Era chegado o tempo em que o duque de Bragança devia comprir a promessa que fizera aos portuenses, quando ao despedir-se delles no dia 26 de julho de 1833, immediato áquelle em que Bourmont experimentára o primeiro revez, assegurou que havia de voltar áquella cidade em companhia de sua filha a rainha de Portugal. Com effeito um anno era passado quando no mesmo dia 26 de julho de 1834 desembarcou na cidade do Porto pelas 4 horas da tarde a corte de Lisboa sem aquella ostentação que contrasta com as maneiras simples de um governo popular. Todas as pessoas sem distincção de classe, que procurárão aquellas personagens, forão recebidas no paço com affabilidade: seguirão-se bailes e devertimentos onde assistirão as pessoas reaes, e imagine-se qual seria o enthusiasmo do Porto possuido naquelles momentos de toda a sua gloria. Mas a urgencia dos negocios reclamava a presença de D. Pedro na capital, e por mais tempo não fôra possivel demerar-se: no dia 6 de agosto largou a cidade Eterna no meio das aclamações de um povo inumeravel, até que saindo da barra pelas 3 horas da tarde o vapor *Royal-Tar* tocou nas margens do Tejo no dia seguinte.

« — A sessão real da reunião das côrtes teve logar no dia aprazado 15 d'agosto, e então o duque de Bragança em um bello e eloquente discurso historiando os acontecimentos recentes, e dando conta dos motivos que o trouxerão a Portugal, recommendou ao zêlo da assemblea os dois grandes e principaes objectos, que tinhão a resolver, e que a nação aguardava com ancia: o 1.° dizia elle, decidir se devo ou não continuar na regencia, durante o resto da menoridade da rainha: 2.° dar a conveniente providencia pàra que S. M. possa casar com principe estrangeiro. Tres dias depois partio para a villa das Caldas a entrar em uso de remedios, que a medicina lhe aconselhava, e que pouco

aproveitárão á sua existencia, ou talvez a abreviassem como alguns pertendem.

« — A famosa questão sobre a continuação da regencia na pessoa de D. Pedro foi encetada na camara dos deputados no dia 23 de agosto. O ministro do reino, propondo como urgentissima aquella decisão, requereo que os deputados não saíssem da salla sem por uma vez decidirem se o restaurador da patria deveria, ou não, continuar a reger os portuguezes. A materia da proposta era de summa gravidade para que houvessem de obrar precipitadamente; porém a consideração de que o poder do actual governante se achava por assim dizer litigioso, e o corpo social abalado por esta desconfiança, que muito cumpria acabar, accrescendo a isto a opinião geral da nação, e a quasi unanimidade dos representantes já preparados para a discussão, e decididos a votar pela continuação da regencia, fez que depois de algumas contradicções a proposta do ministro, julgada urgentissima, fosse examinada por uma commissão especial. Passadas algumas horas a commissão voltou a dar o seu parecer, ponderando que tendo reflectido sobre aquelle objecto da maior e da mais grave transcendencia, procurára subtraír-se á influencia que poderia exercer sobre cada um dos membros a recordação dos inapreciaveis beneficios do libertador do reino, para que a gratidão não fizesse esquecer aquelles imperiosos deveres que a patria lhes impunha sobre outras quaesquer considerações, e que havendo considerado a questão por todos os lados em que devia ser examinada, era de parecer: — Que a regencia do reino durante a menoridade da rainha devia ser continuada na pessoa do duque de Bragança. Como já fosse tarde, e faltassem algumas circumstancias que forão tomadas em consideração, a camara resolveo addiar a materia da discussão para o dia 25.

« — No dia aprasado abrio-se a sessão no meio de um concurso numeroso de pessoas atraidas áquelle logar pela interessante curiosidade da materia, e impacientes da

resolução de um objecto de que estavão pendentes a segurança e o socego de Portugal: Saldanha encetou a discussão, e foi seguido por muitos oradores que abundárão em numerosos argumentos para mostrar a legalidade da continuação da regencia na pessoa de D. Pedro. Poucos deputados se distinguírão em contrariar o parecer da commissão, ou porque o entendimento e a sua consciencia assim lh'o dictára, ou talvez porque ambicionavão adquirir uma reputação por esta singularidade. Como quer que seja, a discussão acalorada, e algumas vezes interrompida, versava em quatro opiniões: uns votavão pela regencia do duque de Bragança por supporem que o artigo 92 da carta constitucional não lh'a negava; outros pertendião conceder-lh'a alterando legalmente o artigo; alguns opinárão que a salvação do estado era a suprema lei pela qual o regente deveria continuar; em summa mui poucos lhe negárão esta prerogativa. Depois de seis horas de argumentos foi approvado o parecer da commissão com 89 votos contra cinco.

« — Entre os deputados que prestárão o seu voto á approvação notâmos com especialidade: Antonio Dias de Oliveira, Antonio Joaquim Barjona, Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, Basilio Cabral Teixeira de Queiroz, Francisco Antonio de Campos, Francisco Soares Caldeira, João Pedro Soares de Luna, Joaquim Placido Galvão Palma, Joaquim de Sousa Quevedo Pizarro, Joaquim Veloso da Cruz, Jorge de Avilez Juzarte, José Alexandre de Campos, José Caetano de Campos, João Gualberto de Pina Cabral, José Victorino Barreto Feio, Julio Gomes da Silva Sanches, e Luiz Cypriano Coelho de Magalhães. Os presentes que rejeitárão forão Manoel da Silva Passos, Francisco Rebello Leitão, José da Silva Passos, José Placido Campeam, e Macario de Castro da Fonseca. A camara dos pares em sessão de 28 de agosto, depois de rejeitar algumas emendas que o marquez de Loulé quizera oppôr á proposição dos deputados, approvou unanimemente a continuação da regencia no duque de Bragança.

« — Depois que as cortes decretárão sobre o transcendente objecto da regencia, a todos pareceo averiguado qual seria a decisão para que a rainha podesse casar com principe estrangeiro: com effeito os membros das respectivas camaras, divagando nos muitos argumentos e exemplos historicos, que em taes occasiões se costumão adduzir, resolvêrão que seu pai tratasse do casamento como bem lhe approuvesse, eliminando-se as restricções que alguns apresentárão sobre a ulterior confirmação das côrtes.

« — Em quanto a camara dos pares, quasi deserta pela exclusão daquelles membros que havião seguido o partido da usurpação, era preenchida com as nomeações de outros sujeitos reputados na cathegoria deste exercicio, na camara electiva se pronunciava uma opposição denominada a *esquerda*, composta de homens pela maior parte aspirantes ao poder, e cubiçosos de honras e fazenda. O marquez de Saldanha pela sua representação e serviços fazia, por assim dizer, a primeira figura desta acção, que arremettia com discursos de acrimonia e accusações contra alguns dos grandes funccionarios; o que de certo mui bem lhes assentava pelos seus irregulares procedimentos, e prevaricações. Saldanha nomeado par do reino rogou a quem lhe conferíra esta dignidade, que se dignasse acceitar a sua renúncia; mas como não fosse attendido, disse elle, declarei ao ministro que não podia abandonar o posto de honra na camara dos deputados: o tempo mostrou depois as tenções que andavão nesta primorosa galhardia.

« — A opposição na camara dos Deputados tinha por bandeira contrariar os enormes desperdicios do ministerio, e por isso reunia as sympathias do grande numero dos contribuintes: a discussão sobre a elegibilidade de Pizarro, deputado pelo circulo do Douro, e o estado do seu processo, motivou argumentos acalorados de parte a parte e moções dos seus amigos, que votárão pela sua vinda á barra. O tempo era levado com reciprocas arguições, donde nenhum proveito se tirava mais do que esclarecer a

opinião publica sobre o que os homens são capazes, e o pouco ou nenhum prestimo das instituições conquistadas á custa de tanto sangue. Um deputado asseverou que Pizarro era processado por um crime imaginario, por uma supposta resistencia, para ser castigada uma offensa de ter escripto na França e Inglaterra differentes papeis em que expressava as suas idéas politicas, ou se queixava de se ver expatriado pelo governo da carta; elle que havia sido condemnado á morte por D. Miguel! .... Que pelos seus escriptos era elle responsavel nos paizes em que os escrevêra, e onde a expressão de um desejo não póde ser levada em crime: garantia de que alguns dos actuaes ministros da corôa se aproveitárão outr'ora em Portugal, quando escrevêrão no — Popular — contra a pessoa de D. Pedro. Que por uma portaria de 3 de novembro de 1832, assignada por Agostinho José Freire, Pizarro fôra inhibido de voltar ao reino em quanto por todo elle não estivesse reconhecido o governo da rainha, e que agora regressando em virtude desta condição uma arbitraria prisão fôra o premio das suas fadigas.

« — Deste modo corrião as cousas em quanto o duque de Bragança recolhia do tratamento das Caldas sem a menor apparencia de melhoramento, finando-se a sua existencia sob gravissimos padecimentos, e com intervallos de enganosos allivios. Era chegado o tempo em que mais não lhe fôra permittido sustentar as redeas do governo, quando o bispo conde entrou na camara dos deputados a tomar a presidencia, e reclamando a attenção da assembléa apresentou uma carta que foi lida pelo secretario: « Senhores deputados da nação portugueza. Sempre franco e fiel aos meus juramentos, e obedecendo á voz da minha consciencia, vou participar-vos que tendo hontem cumprido com os deveres de filho da igreja catholica, e de pai de familia, julgo tãobem do meu consciencioso dever participar-vos, que o mesmo estado de molestia, que hontem me dictou aquellas resoluções, me inhibe de

tomar conhecimento dos negocios publicos, em cujas circumstancias vos peço queiraes prover de remedio. Eu faço os mais ardentes votos ao Céo pela felicidade publica. Palacio de Queluz 18 de setembro de 1834. D. Pedro, regente. »

Um sentimento profundo se apoderou da assembléa, e os espectadores contristados aguardavão em silencio algum resultado. Passados alguns momentos disse o presidente, que era necessario encarregar uma commissão, que désse desde logo o seu parecer conservando-se a camara em sessão permanente. Depois de uma breve discussão venceu-se que fosse a mesma que tratára do negocio da regencia, e passando os membros para a respectiva salla vierão antes das quatro horas da tarde apresentar o seu parecer. Então o marquez de Saldanha como relator da commissão começou a expender, que em consequencia da impossibilidade do duque regente era de summo interesse á nação dar-lhe desde já uma pessoa para a reger, que apresentasse uma garantia á tranquillidade publica; que segundo o antigo direito do reino a menoridade findava aos 14 annos, e se no caso presente a carta providenciava d'outra sorte, era possivel alterar esta disposição pelas cortes geraes; que além disso a rainha, pelo completo desenvolvimento das suas faculdades phisicas e moraes, estava sufficientemente habilitada para tomar sobre si o governo do reino, e por tanto que sua magestade fosse havida e declarada por maior para entrar immediatamente no exercicio dos poderes politicos. Um apoiado geral retumbou por toda a sala, d'ambos os lados se pedião votos, e as galerias em silencio aguardavão o ultimatum. O presidente offereceo á votação o parecer que, unanimemente approvado sem a discrepancia de um só voto, foi applaudido pelos expectadores.

Se fôra surpresa, receios, desintelligencia, ou como alguem diz, sinceros desejos da ordem publica, que motivárão esta unanimidade em uma assembléa de opiniões

tão heterogeneas, não o podemos averiguar; mas é certo que o duque de Palmella foi menos bem succedido na camara hereditaria. Na sessão do mesmo dia 18, que fez suspender até ás trez da tarde, poude a custo formar a commissão para dar o parecer sobre a carta do regente, identica áquella que fôra enviada á camara electiva; porem chegando a proposta dos deputados pelas seis horas foi logo remettida aos membros deliberantes.

Pouco tempo depois a commissão dêo o seu parecer em adoptar literalmente a resolução da camara dos deputados, declarando o relator Trigoso que se não devia alterar a regencia estabelecida na carta. Então o conde da Taipa encetou a discussão invectivando os ministros da coroa, e refutando o parecer que offendia os direitos da infanta D. Isabel Maria, sustentou que todos estes exforços tendião a satisfazer intuitos e interesses particulares. Em seguimento fallárão outros membros da camara argumentando pró e contra no meio de alguns rumores e ataques pessoaes, até que rejeitando a emenda de Trigoso sobre a regencia da infanta, a proposição dos deputados foi approvada por 25 votos contra seis.

« — No dia seguinte a rainha agradecendo ás cortes geraes a resolução que acabavão de tomar, accrescentou: « Que a administração actual continuaria para objectos de expediente até o juramento, depois do que, formaria a nova administração. » Com effeito a sessão real teve logar no dia 20 de setembro, e só por decretos datados do dia 24 foi organisado um ministerio, ficando o duque de Palmella presidente do concelho, o bispo conde no reino, Antonio Barreto Ferraz nas justiças, o duque da Terceira na guerra, e o conde de Villa Real nos estrangeiros. José da Silva Carvalho continuou no ministerio da fazenda, e Agostinho José Freire foi transferido para o da marinha.

« — Mas em fim o momento fatal era chegado. O duque de Bragança depois de disposto como christão pela

Macphail Lith.

Lith. B. M. Ass. R.ua Nova da Lapa.

D. Maria 2.a

mais edificante resignação, chama o coronel Pimentel e um soldado do seu batalhão 5.°: *Homens bravos, recebei este ultimo abraço, e levai-o ao exercito que amo!.....* Erão duas horas e meia da tarde do dia 24 de setembro de 1834, quando D. Pedro deixou de existir. Em seu testamento quiz ser enterrado como general, mandou que o seu coração fosse depositado na cidade do Porto. No transito do seu enterramento o concurso do povo era inumeravel: no meio do lucto silencioso não poucas lagrimas se derramárão, e muitos gemidos se misturárão ao som lugubre dos sinos, e ao estrondo dos tiros de funeral. Pelas 11 horas da noite do dia 27 os seus despojos mortaes forão dados ao jazigo de S. Vicente de Fóra.

Trez actos de grave pezo assignalarão o novo ministerio nomeado por D. Pedro. Foi o primeiro delles a convocação de cortes para o dia 15 d'agosto; o segundo a extincção dos privilegios da companhia dos vinhos do alto Douro; e o terceiro a suppressão das corporações religiosas, qualquer que fosse a sua denominação e em toda a parte do reino. O decreto a que nos referimos acabou, por uma só vez, com 402 conventos de religiosos e religiosas, comprehendendo 6,000 individuos. Em quanto estas luctas se multiplicavão na metropole, acontecimentos por nós ignorados, pôsto que d'alta importancia, encherão de negro lucto o coração da joven rainha, e accessivel a todos os affectos de justiça e compaixão. Em 1831, tendo havido grande falta de chuvas nas ilhas de Cabo-Verde, declarou-se ali horrivel fome, calculando-se em 30,500 o numero das pessoas que della perecerão.

Na mesma epocha na illustre cidade de Goa, aonde occorrerão os successos mais heroicos desta historia, sentiu-se tãobem alguma agitação. Lisboa podia acaso tratar destas dissenções? O ministerio attendeu depois áquelles estados: a capital das Indias foi em 1841 declarada porto franco.

A restauração cujos principaes factos aqui esboçâmos,

e cujos diversos incidentes excitara em tão subido grau o interesse da Europa, foi tãobem assignalada por um caso imprevisto e summamente doloroso: — D. Pedro falleceu em 24 de setembro de 1834!

Esta alma ardente que creara novas forças no desempenho dos deveres paternos; esta nobre intelligencia que luctara em dois mundos a favor de uma grande idéa politica acabava de permaturamente se extinguir! D. Pedro antes de fallecer repoz a estatua do marquez de Pombal no logar que antigamente occupava. Cumpria mandar gravar por baixo da estatua de bronze as famosas palavras de Jeronimo Osorio, que um seculo antes fôra denominado o Cicero christão: « — Os grandes resultados só os obtem quem os sabe prever. — »

APPENDICE.

Goa, e sua situação em 1842.

A palavra Goa sôa hoje tão raramente na Europa, e é uma circumstancia tão inesperada o pôr o historiador em relação com a antiga metropole das Indias, que não hesitâmos em lhe consagrar algumas linhas, ainda que só fosse para aproveitar os documentos ignorados de maior numero de pessoas. Desde Affonso d'Albuquerque até o vice-rei D. Manoel de Portugal e Castro, que deixou aquelle governo em 1835, calcula-se que houve em Goa 140 governadores. Já mencionâmos a maior parte delles, e exceptuamos alguns de menos consideração, e que por isso não merecem ser conhecidos. Estas personagens usarão, conforme a sua dignidade, de titulos diversos, denominando-se vice-reis, capitães-generaes, tendo outros considerados como governadores effectivos ou interinos. No dia 14 de janeiro de 1835 foi nomeado governador, com o titulo de prefeito dos estados da India o conselheiro Bernardo Peres da Silva, nascido em Goa. No fim de 18 dias

d'exercicio, isto é, na noite de 18 de fevereiro seguinte, foi elle deposto, sendo outra vez nomeado para o governo o ex-vice-rei D. Manoel de Portugal, que só conservou a auctoridade pelo espaço de trez dias. O marechal Joaquim Manoel Corrêa da Gama foi obrigado a tomar o governo da colonia, em quanto se não formasse um governo provisorio, o que succedeu em 11 de março. Occorrerão então graves dissenções, por que o auctor que nos dá estas particularidades falla de scenas tragicas, movimentos tumultuosos, e dolorosas recordações que tão triste periodo deixou no paiz.

A este tempo mandou a corte de Lisboa para as possesões da India um novo governador. O barão de Sabroso chegou ali, vindo de Portugal a 17 de novembro de 1837 com um titulo inteiramente constitucional, de governador geral em conselho. Poucas alterações fez elle no governo, pois que falleceu em 14 de outubro de 1838. Havia já quinze dias que havia entregue a direcção dos negocios ao conselho. O arcebispo, que era delle presidente falleceu em 1839 sendo eleito um governador interino até que para ali foi mandado um governador geral, na pessoa do barão de Candal. Pouca duração teve tãobem este funccionario por que a morte o arrebatou no dia 18 d'abril de 1840.

O sr. Lopes Lima, viu-se forçado a retirar-se de Bombaim, em consequencia de um motim popular; entregando antes de sair a auctoridade ao conselho administrativo. Vê-se por esta curta digressão que nos dias mais trabalhosos, e ao mesmo tempo mais gloriosos do seculo XVI não apparecia tamanha successão de governadores. Cumpre notar agora que se introdusira neste conselho o elemente democratico, sendo dous membros delle eleitos pelo povo. O ultimo capitão general da India portugueza, cujo nome tenha chegado ao nosso alcance é o tenente general conde das Antas. As tropas que ha em Goa são em maior numero do que geralmente se suppõe. N'um curio-

so opusculo publicado no Rio de Janeiro, pergunta o deputado eleito ás cortes de Lisboa, M. Peres da Silva por que motivo a cidade de Goa, podendo facilmente ser soccorrida por tão poderoso alliado como Inglaterra havia ter 4,000 homens de tropa, ao passo que Diu, por exemplo, não tinha mais de 80 soldados de guarnição.

Devide-se hoje o estado de Goa em velhas e novas conquistas. Dá-se a primeira destas denominações a Goa propriamente dita, e ás provincias de Bardez e Salcette. Compõe-se a comarca de Goa de 12 ilhas, divididas em 38 povoações, das quaes Pangim é hoje a capital. A de Salcette divide-se em 64 povoações, cuja capital é Margão. Bardez comprehende 40 povoações sendo Mapuca a capital.

As novas conquistas contém dez provincias (1) uma jurisdição, dividem-se em 281 aldêas. Contava-se, ha trez annos, no districto de Goa 312,147 habitantes de ambos os sexos (2): — 92,069 em Salcette, e 89,760 em Bardez. As novas conquistas dão uma povoação total de 91,341 habitantes. Santa Anna e Costa, diz que o commercio em Goa é tão limitado que se acontecesse nesta cidade o mesmo que nos outros paizes, aonde o principal rendimento é o que dão as alfandegas, já o estado

(1) Pondá, capital Queula; Canacona, capital Canacona: Bicholim, capital Cassaba: Satary, capital Sanquelim: Pernem, capital Cassabe. Seguem-se depois as cinco divisões conhecidas pelo nome de Zombaulim, a saber: Astragar, capital Rivana: Bally, capital Bally; Embarbaxem, capital Sanguem: Chondraraddy, capital Amona: Cacora, capital Cacora. A jurisdição denomina-se Cabo de Rama (Veja-se a Geographia de Santa Anna e Costa impressa em Macau em 1842).

(2) Em 1842 a povoação total dos estados da India subia a 858,272 habitantes, cidadãos portuguezes propriamente ditos. Damão contava 32,130, Diu 8,932, e Macau 5,063. Não se falla aqui dos chinas, nem de outros estrangeiros. (Esta povoação fluctuante póde subir a 10,000 almas.) Timor poderá ter 500,000 habitantes.

teria succumbido sob o peso de 1,878,506 xarafins de despesa annual. As fabricas são em pequeno numero. Fazem-se algumas obras de ouro, prata, ferro, e outros metaes; tecidos de algodão, linho, canhamo. Os productos do paiz consistem em arroz, coco e sal; ha os de menos importancia como são a pimenta, café, algodão, linho, canhamo, palmeira areca e mangueiro, que é melhor fructo da India.

O clero outr'ora tão poderoso nesta região, tem perdido consideravelmente a sua influencia, da qual ainda, todavia conserva alguma, pois se contão além da cathedral, cento e uma igrejas, e no serviço dellas 654 padres. O arcebispo de Goa é o primaz do oriente, mas tolera os demais cultos. Os brahmanistas tem um pagode em Pangim, e os musulmanos conservão mesquitas nas outras provincias. A India portugueza possue quasi todos os nossos meios d'instrucção. Em 1841 estabeleceu-se uma eschola normal d'ensino mutuo em Pangim; antes disso já o collegio de Loutulim gosava de certa fama, e promettia dar bons fructos a eschola mathematica e militar. Pangim que demora junto ao rio Mandovi continua a gosar do titulo de capital. Além dos edificios proprios de cabeça de governo, existe ahi uma bibliotheca publica, uma imprensa nacional, um theatro, e até uma casa de moeda. A antiga cidade d'Albuquerque é geralmente conhecida pelo nome de Ellá. Em 1842 foi a cidade de Goa dourada, abandonada pelos habitantes por causa de uma epidemia que ahi fazia crueis estragos. Pangim (1) é resi-

(1) « — Chamão Pangy ou Pangim á Nova Goa, diz o padre Cotinean de Kloguen fallando dos viajantes que ultimamente visitarão a antiga Goa. Porem estas denominações são desconhecidas aos habitantes, dando logar a grandes equivocos. — »

Fallando de ruinas, parecem estes escriptores esquecer-se de que os territorios circumvisinhos com meio milhão de almas, comprehendendo 300,000 christãos, obedecem ainda á auctoridade do dominio portuguez.

dencia do vice-rei desde 1758 em que o conde da Ega governou a India portugueza. Esta pequena cidade que jaz quasi trez milhas ao oeste de Goa distingue-se pela sua elegancia e aceio. Contará, pouco mais ou menos 9,000 moradores, entrando neste calculo, em dois terços pelos menos, os brahmanistas e mahometanos. O palacio do vice-rei pouco se distingue no exterior dos demais edificios, porem o interior offerece as commodidades dos tempos modernos. Remettemos a quem quizer conhecer a historia dos tempos modernos desta região para a excellente obra de M. Fontanier.

FIM DO QUARTO VOLUME.

INDICE

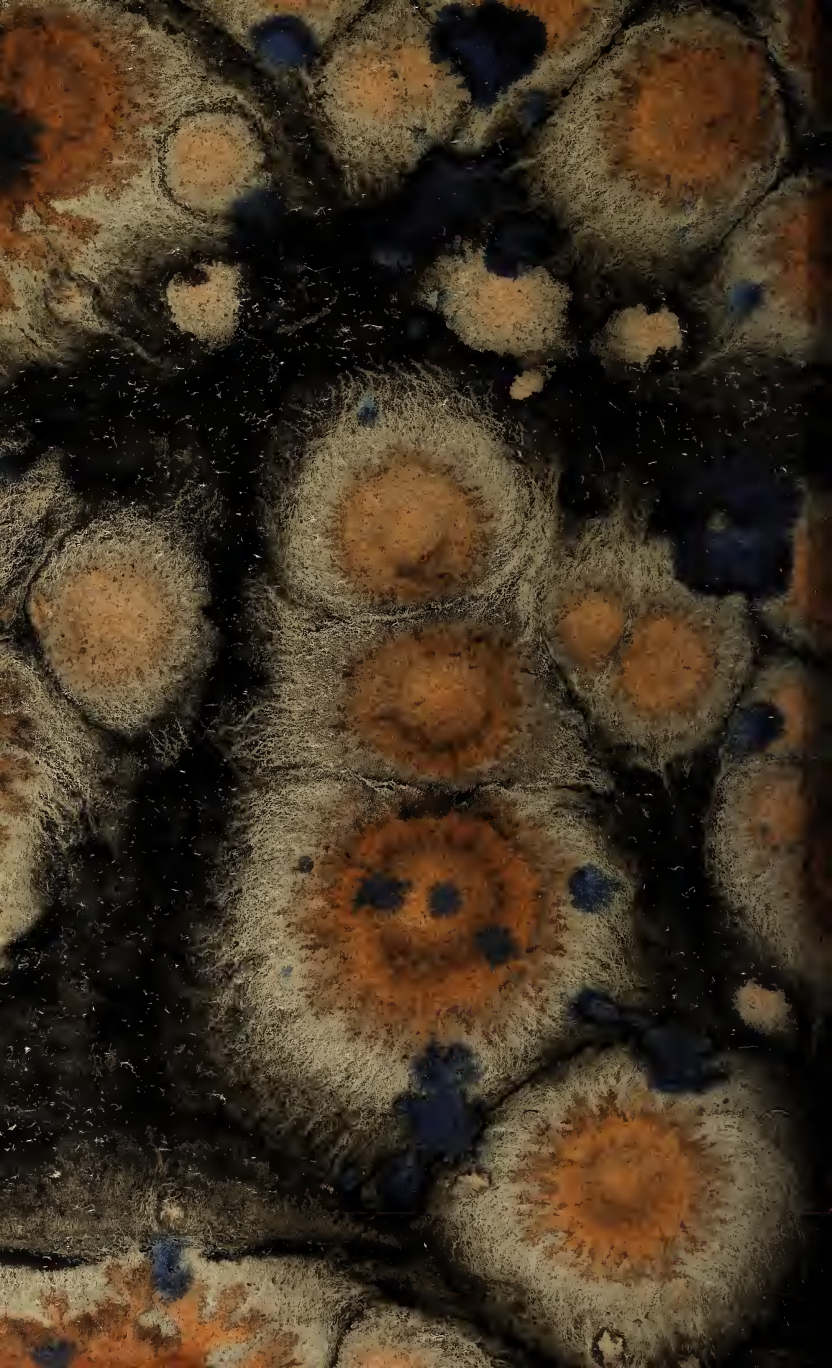
DO

QUE N'ESTE LIVRO SE CONTÉM.

	PAG.
A' cerca da cidade de Lisboa	3
Arcenal do Exercito.	54
Caza Pia de Lisboa	59
Navegação e commercio do porto de Lisboa em 1839.	87
Modas e trajos.	89
Usos, trajos e modas do seculo passado	90
Trajo nacional.	94
Vista geral das provincias de Portugal. — Rapida descripção das suas principaes cidades	98
Cintra	101
Paço real de Cintra.	103
Colares	133
Torres Vedras.	142
Obidos	152
Cidade de Leiria.	158
Thomar.	164
Provincia do Alemtejo	167
Evora	»
Extremoz	171
Beja	173
Moura	178
Villa-Viçosa	179
Elvas.	182
Portalegre	189
Provincia da Beira	191
Coimbra.	»
Aveiro	205

PAG.
Lamego. 209
Provincia d'Entre Douro e Minho 210
Porto 217
B aga 229
Provincia de Traz-os-Montes. 234
Reino do Algarve. 236
Faro. . . . . »
Tavira 241
Uma vista d'olhos para a estadistica dos monumentos. 246
Estatuas que se julgão anteriores ao dominio carthaginez 248
Monumentos druidicos . . . . . »
» d'origem romana 249
Cathedral de Braga. — Vizeu. 251
» de Coimbra. — São Christovão. . . . 252
Igreja de Cedofeita 243
Castello da Feira. 257
Capella dos Templarios em Portugal. — Vestigios sarracenos 246
Castello de Alcobaça 265
Ermida de Nossa Senhora do Soccorro 266
Monumentos coevos com a fundação da monarchia. — Tradição que a elles se referem. — Igreja de Nossa Senhora d'Almacave. 267
Mosteiro d'Alcobaça . . . . . »
Santa Cruz de Coimbra. — Seus claustros. . . . 276
Quinta das Lagrimas. — Fonte dos Amores . . . 278
As ruinas do Castello de Leiria. 279
O Convento de Christo em Thomar 280
Santa Maria do Olival 305
Sé de Lisboa. — Fachada que dizem do tempo d'el-rei D. Fernando . . . . . »
Convento da Batalha 308
Real Paço de Cintra 328
Torre Belem 330
Convento de Belem. 331
Mosteiro de Belem . . . . . »
Antigo Paço Real destruido pelo terremoto de 1755. 365
Mafra 366

PAG.
Reflexões sobre a Granja Real de Mafra. — Decadencia do edificio. — Tapada 369
Aqueducto d'Elvas 372
„ das agoas livres de Lisboa 373
Real Paço das Necessidades 379
Estatua equestre de D. José. — Trabalhos artisticos de Joaquim Machado, e Bartholomeu da Costa. 383
A torre dos Clerigos no Porto 386
Theatro de S. Carlos 387
Palacio da Ajuda 389
Igreja da Estrella 393
Conclusão . . . . . „
Appendice 394

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS.

D. Pedro III..... 3
Vista de Lisboa 12
Estatua Equestre..... 49
Varzea de Colares..... 133
Aqueducto de Torres Vedras 148
Leiria..... 152
Vista de Elvas e do forte de S. Luzia 182
Coimbra..... 191
Porto..... 217
Cidade de Faro..... 236
Porto de Moz 248
Aqueducto d'Evora 250
Templo de Diana em Evora..... »
Salla dos banhos romanos em Cintra..... 251
Sé de Vizeu 252
Cathedral de Coimbra..... »
Mosteiro d'Alcobaça..... 267
Tumulos de D. Pedro e D. Ignez de Castro..... 268
Sé de Lisboa..... 305
Convento da Batalha 308
Capela de D. Manoel no convento da Batalha..... 309
S. Maria de Belem 331
Aqueducto d'Elvas..... 372
Palacio Real de Lisboa..... 379
Torre dos Clerigos no Porto..... 386
D. João VI..... 402
D. Pedro IV 406
D. Izabel Maria..... »
D. Miguel..... 450
D. Maria II 492